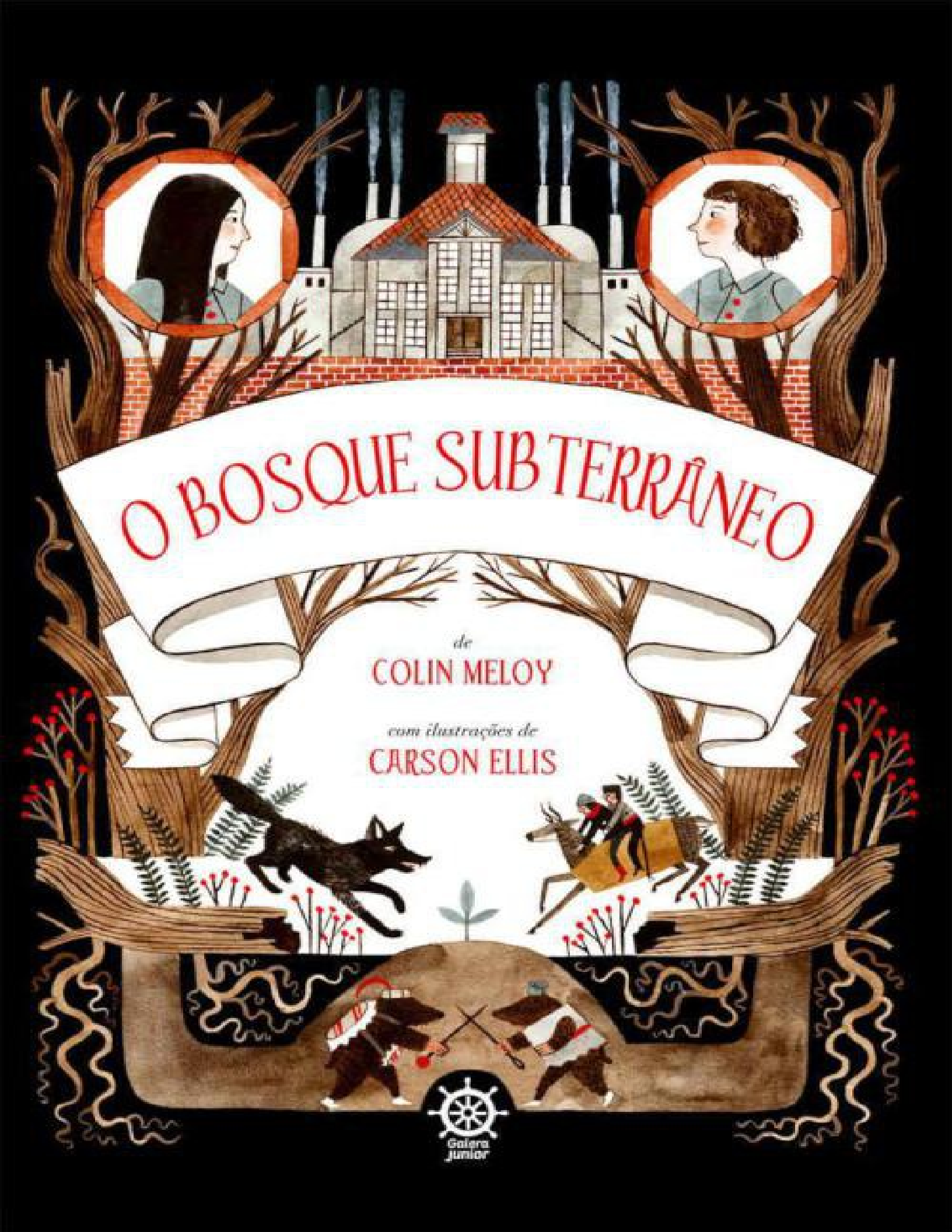

O BOSQUE SUBTERRÂNEO
de
COLIN MELOY
com ilustrações de
CARSON ELLIS
Galera Junior

**Obras do autor publicadas pela Editora Record:**

*O bosque selvagem*
*O bosque subterrâneo*

COLIN MELOY

# O BOSQUE SUBTERRÂNEO

Ilustrações
CARSON ELLIS

Tradução
RODRIGO ABREU

1ª edição

Galera

Rio de Janeiro | 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M486b
Meloy, Colin
O bosque subterrâneo [recurso eletrônico] / Colin Meloy ; ilustração Carson Ellis ; tradução Rodrigo Abreu. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2016.
recurso digital
Tradução de: Under wildwood
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10887-6 (recurso eletrônico)
1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Ficção fantástica americana. 3. Livros eletrônicos. I. Ellis, Carson. II. Abreu, Rodrigo. III. Título.
16-37649

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original:
*Under Wildwood*

Copyright © 2012 by Unadoptable Books LLC
Copyright do texto © 2011 by Colin Meloy
Copyright das ilustrações © 2011 by Carson Ellis

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-10887-6

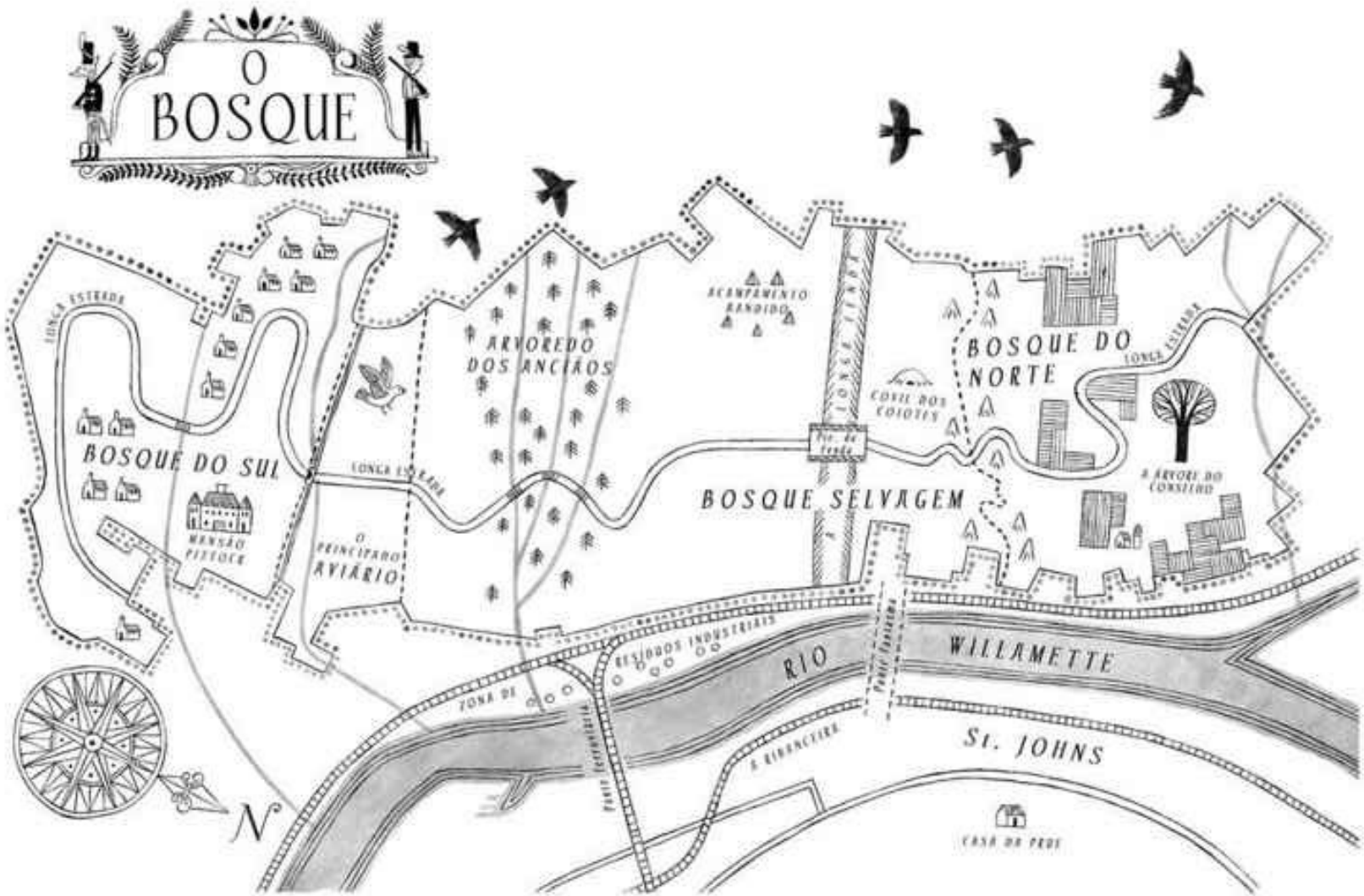
Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para Steve Malk*


O
BOSQUE
BOSQUE DO SUL
MANSÃO PITTOCK
LONGA ESTRADA
ARVOREDO DOS ANCIÃOS
O PRINCIPADO AVIÁRIO
ACAMPAMENTO BANDIDO
COVIL DOS COIOTES
BOSQUE DO NORTE
A ÁRVORE DO CONSELHO
BOSQUE SELVAGEM
RESÍDUOS INDUSTRIAIS
RIO WILLAMETTE
ST. JOHNS
CASA DE PEDI
N

# SUMÁRIO



## PARTE UM


UM — Um Garoto e Seu Rato

DOIS — O Mensageiro; Outra F.I.

TRÊS — A Linguagem Secreta das Plantas; Para o Bosque do Norte!; A Advertência do Zelador

QUATRO — A História do Cabo

CINCO — Chega o Assassino

SEIS — O Mundo Valsa no Ritmo de Wigman; Bem-vindo ao Lar Unthank

SETE — Volta ao Bosque Selvagem

OITO — Um Sonho Lembrado; A Grande Corrida


## PARTE DOIS

NOVE Inadotáveis

DEZ O Antílope Claudicante; Uma Longa Jornada

ONZE Através da Fronteira

DOZE O Visitante Não Convidado

TREZE Uma Comissão Promissora

QUATORZE Água Gelada, Água Por Todo Lado

QUINZE Um Lugar de Salvação e Consolo

DEZESSEIS Sob o Bosque Selvagem

## PARTE TRÊS

DEZESSETE O Retorno dos Habitantes do Andar de Cima

DEZOITO O Grande Cerco; Elsie e a Estrada

DEZENOVE A Condução de Sir Timothy ao Além

VINTE Siga o Cabo Verde

VINTE E UM Retorno à Infância; Uma Engrenagem na Mão

VINTE E DOIS Procissão; Última Apresentação Esta Noite!

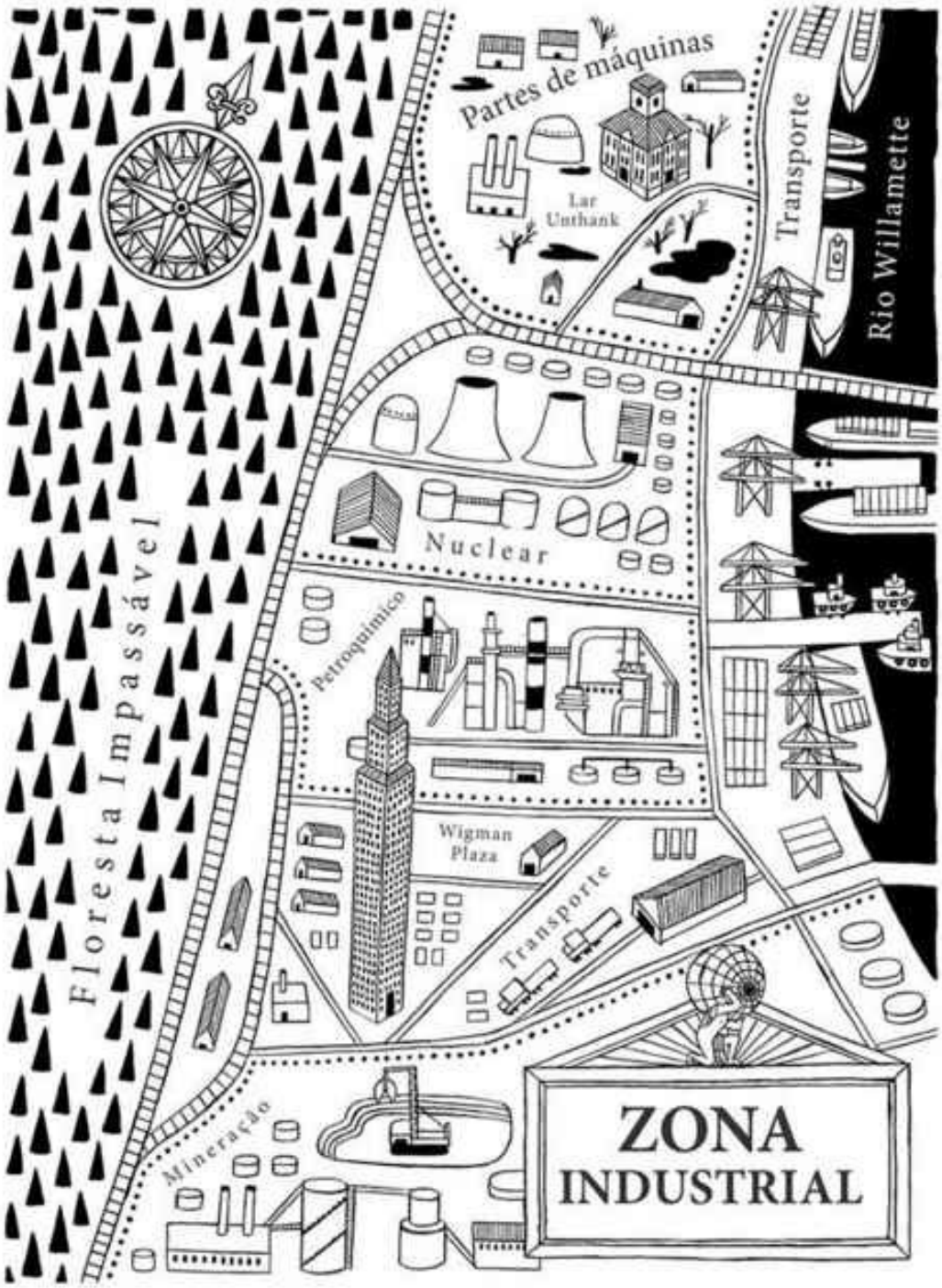
VINTE E TRÊS Fora da Periferia; Os Visitantes Indesejados de Unthank

VINTE E

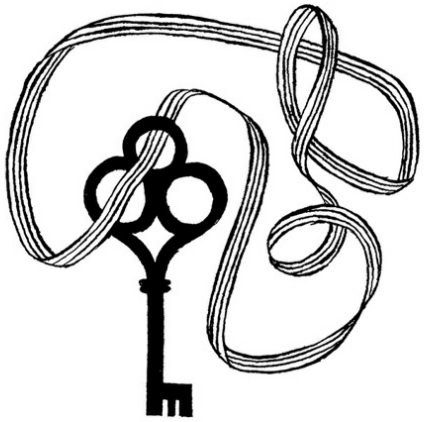
QUATRO Rebelião

VINTE E CINCO Final da Estação

# O BOSQUE SUBTERRÂNEO


Partes de máquinas
Lar Unthank
Transporte
Rio Willamette
Floresta Impassável
Nuclear
Petroquímico
Wigman Plaza
Transporte
Mineração
ZONA INDUSTRIAL

# PARTE UM



# CAPÍTULO 1

## *Um Garoto e Seu Rato*

A neve está caindo.

A Neve tão branca quanto uma pena de cisne, branca como um copo-de-leite. A brancura é quase ofuscante contra o verde e o marrom escuros da floresta ao redor e se assenta em montes suaves entre os emaranhados silenciosos, dormentes, de hera e arbustos de amora. Ela se acumula nas bases dos enormes pinheiros e atapeta as pequenas trincheiras nas cavidades em volta das largas raízes dos cedros.

Uma estrada abre caminho pela floresta fechada. Ela, também, está coberta por um manto intocado de neve.

Na verdade, se você não soubesse que havia uma estrada debaixo da neve, se não soubesse que existiam séculos de pegadas e marcas de cascos e quilômetros de lajotas desgastadas debaixo da neve, você poderia apenas

achar que aquilo era uma extensão vazia do bosque, de alguma forma intocada pela vegetação pululante da floresta. Não há vestígios de rodas, nenhuma marca de pneu nessa estrada. Nenhuma pegada danifica o branco delicado da neve. Você poderia achar que é uma trilha de caça, uma extensão de solo em que nenhuma árvore conseguiu se enraizar por causa de um tráfego constante de andarilhos silenciosos: cervos, alces e ursos. Mas mesmo aqui, nessa área mais afastada do mundo, não há pegadas de animais. Quanto mais a neve cai, mais a estrada desaparece. Ela está se tornando apenas mais uma parte dessa vasta e interminável floresta.

Escute.

A estrada está silenciosa.

Escute.

Um alarido distante repentinamente quebra a calmaria plácida; é o som de rodas de carroça e o relincho de um cavalo forçado aos limites de sua força. Os cascos do cavalo batem num ritmo frenético contra a terra, um ritmo abafado pela proteção da neve. Olhe: contornando uma curva vem voando uma carruagem, duas de suas quatro rodas se levantando do chão momentaneamente para fazer a curva. Dois cavalos de um pelo negro coberto de suor estão atrelados ao veículo, e nuvens de vapor saem em tufos de suas narinas, como fumaça sendo cuspida de uma chaminé. Empoleirado sobre os cavalos está o cocheiro, um homem grande vestido com lã preta e uma cartola esfarrapada. Ele rosna de forma rude para os cavalos a cada galope, gritando “BORA!” e “MAIS RÁPIDO, VAMOS!”. Ele não poupa um golpe de chicote. Há um olhar de profunda preocupação em seu rosto. Ele passa os breves momentos entre as chicotadas observando, alarmado, a floresta à sua volta.

Olhe mais de perto: debaixo dele, na simples carruagem preta, está sentada uma mulher, sozinha. Ela usa um vestido de seda fina e o rosto está coberto

por um véu rosa. Anéis cravejados de pedras brilhantes cintilam em seus dedos. Nas mãos ela segura um delicado leque de papel, que abre e fecha com nervosismo. Ela também observa as paredes de árvores que cercam a carruagem, como se estivesse procurando por alguém ou algo dentro delas. À sua frente está um baú enfeitado, as laterais decoradas com filigrana de ouro e prata. Um cadeado mantém os dois fechos iguais do baú travados, e sua chave está pendurada junto à garganta da mulher, num cordão fino de ouro. Inquieta, ela bate no teto da carruagem com o leque.

O condutor ouve as batidas e atiça os cavalos, açoitando ainda mais seus flancos. Um lampejo repentino de movimento na estrada à frente chama a atenção do cocheiro. Ele aperta os olhos para ver melhor no branco ofuscante da neve que cai.

Um garoto está parado no meio da estrada.

Mas esse não é um garoto qualquer. Ele está vestido com o que parece ser uma farda de oficial elegantemente decorada, como um soldado da infantaria da Guerra da Crimeia. Seu cabelo, preto e cacheado, brota de baixo da pele áspera de um gorro ushanka. Ele parece distraído, balançando uma atiradeira vazia. Há um rato em seu ombro.

— PARE! — grita o garoto. — ISSO É UM ASSALTO!

— Você o ouviu! — grita o rato. — Pare a carruagem, gorducho!

O cocheiro sibila um palavrão para si mesmo. Com um giro rápido no pulso, ele solta o chicote e toma as rédeas nas duas mãos. Ele as estala avidamente, e os cavalos seguem a galope. Um sorriso cruel aparece no rosto do homem.

— Eia! — grita ele para os cavalos acossados.

O rosto do garoto, anteriormente cheio de confiança, desmorona. Ele engole em seco.

— E... estou falando sério! — gagueja.

Os lábios rachados do cocheiro se retraíram para revelar uma espantosa fileira de dentes amarelos. Ele não está desacelerando. A dama na carruagem solta um grito levemente esganiçado enquanto chacoalha na estrada coberta de neve. O garoto rapidamente se abaixa e pega uma pedra no chão. Ele limpa a neve na calça e arma a atiradeira.

— Não me obrigue a fazer isso — adverte ele.

Não fica claro se o cocheiro o escuta; ele está disparando na direção do garoto e do rato numa velocidade alarmante.

Com uma perícia casual — ele evidentemente vem praticando —, o garoto solta a pedra da atiradeira e ela voa na direção do cocheiro, que se esquiva no momento certo; a pedra passa sobre sua cabeça e pousa no emaranhado de arbustos cobertos de neve da floresta. O garoto não tem tempo para pegar outra; a carruagem está tão próxima que pode sentir o cheiro do suor saindo dos cavalos.

O rato solta um breve arquejo e se joga no barranco na lateral da estrada. O garoto o segue, e os dois rolam um por cima do outro. A carruagem passa com um rugido. Os cavalos, assustados por quase terem atropelado os dois bandidos, relincham alto enquanto avançam.

Na carruagem, a mulher com o véu aperta a chave perto da garganta. Ela solta um guincho agudo de medo. O cocheiro, um tanto satisfeito com a demonstração de coragem, olha por cima do ombro para o garoto e seu rato.

— Mais sorte na próxima vez, otários! — grita ele.

Com a atenção, portanto, desviada, ele não vê os troncos de cedro caírem num efeito dominó, um choque de estilhaços que bloqueia a estrada adiante. Três troncos. Um depois do outro. *Bam. Bam. Bam.*

A mulher grita; o cocheiro vira a cabeça para a frente e dá um puxão violento nas rédeas. Os cavalos relincham. Seus cascos batem desesperadamente contra a superfície escorregadia da estrada. A carruagem

se inclina e balança e emite um rangido trêmulo. Pensando rápido, o condutor grita um veemente “EIA!” e com habilidade conduz os cavalos e a carruagem entre os obstáculos das árvores caídas. Corpos, de machos e fêmeas, estão surgindo de dentro da floresta; eles estão vestidos de forma semelhante ao garoto, mas seus uniformes não combinam. Alguns usam camisas esfarrapadas, outros têm bandanas cobrindo os rostos. São todos crianças. O mais velho talvez tenha 15 anos. Eles estão observando tudo aquilo, sem conseguir acreditar na habilidade do cocheiro para conduzir a carruagem desajeitada com seus dois cavalos em pânico através da armadilha. Dentro de instantes ele estava livre dos obstáculos e de volta ao chicote, atiçando os cavalos para que acelerassem.



Enquanto isso, o garoto e o rato se levantaram na vala na beira da estrada e limparam a neve grudada às roupas. O rato pula de volta para o ombro do garoto, que leva os dedos até os lábios e solta um assobio estridente. Da vegetação densa da floresta vem um cavalo, um pônei malhado marrom e branco. O garoto joga o corpo sobre o cavalo, com o rato segurando firme em sua dragona, e parte num galope. Chegando às árvores tombadas, ele faz o cavalo saltar e passa pelos três cedros. Neve e lama voam quando o cavalo toca o solo. As crianças na floresta se livram do estado de choque e chamam suas montarias. Logo a estrada está cheia de cavaleiros a galope seguindo a

carruagem fugitiva.

O cocheiro, na dianteira, percebe a movimentação. Ele amaldiçoa a ousadia dos bandidos. O vento está chicoteando seu rosto; a neve agora se intensifica, gelada.

Entre os perseguidores, o garoto com o rato é claramente um dos mais rápidos. Muitos não são capazes de acompanhar o ritmo da carruagem e ficam para trás. Depois de poucos minutos, restam apenas quatro: o garoto, outro garoto mais velho e duas meninas. Eles se aproximam da carruagem desembestada e se separam, dois de cada lado do veículo. O rato, segurando firme no ombro do garoto por uma aba de seu gorro felpudo, faz uma advertência ao cocheiro:

— Entregue seu ouro — grita ele — e você pode partir em liberdade!

O cocheiro responde com um palavrão de arrepiar os cabelos que faz o garoto corar, mesmo nesse momento tão turbulento. Ele agora está emparelhado com a carruagem. Pode ver o interior: a mulher com o véu, a chave em seu pescoço, o ornamentado baú trancado. A mulher olha para ele com curiosidade, os grandes olhos castanhos brilhando acima do pano cintilante em seu rosto. O garoto se distrai momentaneamente com a cena. O rato grita:

— CUIDADO!

Num esforço para derrubar seus perseguidores, o condutor jogou a carruagem para a esquerda e o garoto por pouco não bateu com o cavalo diretamente contra o veículo em movimento. Ele segura um grito esganiçado em sua garganta e dá uma guinada em seu cavalo para fora da estrada. Os cascos pisam na vegetação rasteira e macia da beira da estrada e vacilam; o solo tem um declive aqui e desce até um riacho corrente bem abaixo. O garoto se prepara para a queda, mas o cavalo é ágil. Num piscar de olhos, o corcel do garoto recuperou o equilíbrio e retornou galopando para a estrada.

O garoto sussurra uma palavra de agradecimento em seu ouvido. Eles estão de volta na perseguição.

A carruagem está agora a vários cavalos de distância. Os outros três bandidos lutam para acompanhar o ritmo. Um deles, uma menina com cabelo louro como palha, alcança o teto da carruagem, com a intenção de subir. É uma manobra arriscada; o rosto da menina está rígido com a concentração. Os outros dois bandidos, um garoto e uma menina, conseguiram atiçar suas montarias para galopar lado a lado com os cavalos da carruagem. A menina de cabelo louro grunhe alto e salta de seu cavalo; ela quase não consegue se segurar à treliça que cerca o topo da carruagem. Seu cavalo se afasta; seu corpo bate contra a lateral da carruagem, extraindo outro grito agudo de seu passageiro. A garota se firma e escala até o topo da carruagem, soltando um brado de triunfo. Ela vira a cabeça para o garoto com o rato, que ainda está muitos cavalos atrás.

— Que o melhor bandido... — começa ela.

Sua frase é interrompida quando a carruagem passa sob um galho baixo e a garota é arrancada de seu poleiro num piscar de olhos. O garoto com o rato tem que se abaixar para evitar os pés pendurados da menina enquanto galopa na direção da carruagem.

— Vença — termina a menina, suspensa no galho da árvore.

O garoto acena com a cabeça para o rato e range os dentes com determinação. Sobraram agora apenas ele e a outra menina. O segundo garoto ficou para trás na perseguição, sua montaria claudicando para dentro da vegetação rasteira.

— Aisling! — grita o garoto. — Pegue os cavalos!

A menina, agora emparelhada com o cavalo do lado direito, ouviu. Ela tenta segurar a rédea do cavalo, mas o chicote do cocheiro está frustrando todas as suas tentativas.

— Afaste-se, vil salteadora! — grita o cocheiro.

A garota se contrai quando a ponta do chicote deixa uma marca vermelha nas costas de sua mão.

— Septimus — sussurra o garoto para o rato —, você acha que pode ajudar?

O rato sorri.

— Acho que posso fazer uma coisinha.

O garoto está agora ao lado da carruagem. Ele pode ouvir a donzela choramingar lá dentro. O rato pula do ombro do garoto e pousa na nuca do cocheiro, que solta um grito desesperado.

— RRRRRATOS! — grita ele. — NÃO SUPORTO RATOS!

Mas o roedor já rastejou para dentro da camisa do cocheiro e está ocupado fazendo uma espécie de passo de dança irlandês entre suas omoplatas nuas. O cocheiro berra e deixa cair tanto o chicote quanto as rédeas; os cavalos da carruagem, confusos, perdem velocidade, permitindo ao garoto e à garota que se aproximem. Com uma troca rápida de olhar, os dois bandidos saltam sobre os cavalos da carruagem e os fazem parar com alguma dificuldade.

O condutor salta de seu assento e sai cambaleando pela estrada, as mãos desesperadamente tentando alcançar as costas. A menina e o garoto o observam, rindo, antes de cuidarem da tarefa iminente. A menina acena graciosamente.

— Depois de você.

O garoto se curva e anda na direção da carruagem abandonada, irradiando confiança. Ele abre a porta com um movimento rápido.

— Agora, madame — diz ele, cheio de orgulho —, se você não se importar em entregar...

Suas palavras falham. Do lado de dentro, a mulher removeu seu véu para revelar um ninho emaranhado e chocante de pelos faciais castanho-

avermelhados.

Além disso, há o cano de uma pederneira apontado para ele.

— Acho que não — diz o passageiro num barítono rouco (e nem um pouco feminino).

O garoto está derrotado.

— Mas... — começa ele.

— Bang — diz o passageiro.

O garoto olha fixamente e coça a têmpora, como se estivesse repassando toda a cena em sua mente. Ele chuta a neve debaixo de suas botas. O período de inverno do Treinamento dos Bandidos começou. E Curtis acabou de ser reprovado em seu primeiro teste.



No que parecia ser outro mundo se comparado àquele em que essa cena ocorria, mas que na verdade ficava a apenas alguns quilômetros de distância, Prue olhava pela janela do segundo andar, vendo a neve cair e dissolver contra o gramado da Escola George. *Um típico inverno de Portland*, pensou ela, *neve caindo e se transformando em lama*. A cada floco que caía, ela sentia seu queixo se afundar mais na palma da mão. Um casal caminhando na calçada evitava habilmente as poças que se formavam em seu caminho, as lapelas dos casacos levantadas para cobrir seus pescoços expostos. Carros, cobertos por uma fina camada acinzentada de neve suja, levantavam água gelada de buracos enquanto deslizavam pelas ruas molhadas. O exterior tinha uma aparência verdadeiramente desoladora.

— Prue!

A voz soava na mente de Prue como alguém a chamando de uma grande distância; como o responsável por um farol acenando para um navio numa

tempestade. Ela escolheu ignorá-la. A voz veio novamente:

— Prue McKeel!

Ela parecia mais próxima. Mais presente. Um mestre de cerimônias convocando a estrela da companhia ao palco. Ela começou a levantar o queixo da palma.

— Terra para Prue McKeel!

Dessa vez, uma explosão de risadas seguiu a voz. O barulho trouxe Prue abruptamente de volta às circunstâncias presentes. Ela girou o corpo e ajeitou a postura em sua cadeira e vasculhou a sala. Ciências, terceiro período. A turma inteira olhava para ela, apontando e rindo. Prue sentiu seu rosto ficar muito vermelho.

— Sinto muito — falou ela. — Eu estava... distraída.

A Srta. Darla Thennis, com sua pele morena e a bata dashiki floral, encarava Prue de trás de um púlpito na frente da sala de aula. Ela ajustou os óculos de armação fina e ajeitou o cabelo preto como penas de corvo. Ela então silenciou a turma com um aceno da mão.

— Seu projeto, Prue?

As seguintes imagens piscaram numa rápida sucessão em sua mente: a mãe pegando um pote de vidro no alto do armário; Prue jogando um pedaço de baguete que tinha sobrado no pote e o deixando no parapeito da janela; o pai mencionando, naquela manhã, que ele havia jogado fora um pote com um pedaço nojento de pão coberto de mofo, e o que diabos aquele pote cheio de mofo estava fazendo ali?

— Meu pai — começou Prue. — Meu pai o jogou fora.

Mais risadas explodiram na sala de aula.

A Srta. Thennis olhou para Prue por cima de seus óculos.

— Mandou mal, Prue — disse ela. — Mandou muito mal.

— Vou avisá-lo disso — respondeu Prue.

A professora estudou Prue por um momento, claramente tentando avaliar se a resposta tinha uma ponta de ironia. A Srta. Thennis era nova nesse trimestre — a Sra. Estevez, a professora regular da turma, tinha se demitido de forma inesperada, mencionando problemas de saúde. Darla Thennis era de Eugene e claramente sentia orgulho de estar por dentro, no nível dos jovens. Nunca deixava de lembrar aos alunos de que amava música pop. Ela fazia barulhos estranhos de rosnado toda vez que o diretor, o Sr. Bream, saía da sala e caminhava pelos corredores, coberto por uma nuvem densa de patchouli. A Srta. Thennis empurrou os óculos de volta para o alto do nariz e vasculhou a sala de aula.

— Bethany? — perguntou a Srta. Thennis. — Por algum acaso você estaria pronta para apresentar seu projeto, levando em consideração que o pai da Srta. Mckeel tornou impossível que ela apresentasse o dela?

Bethany Bruxton, saboreando o momento, disparou um olhar condescendente na direção de Prue antes de se levantar para falar.

— Sim, Srta. Thennis — respondeu ela.

— Por favor — corrigiu a professora —, é Darla.

Bethany sorriu timidamente e falou:

— Darla.

— Se você não se importar, então...

Darla Thennis fez um gesto para que a aluna viesse até a frente da sala.

Puxando a barra de sua camisa de gola rolê preta, Bethany caminhou até o outro lado da sala de aula, onde uma mesa comprida guardava uma variedade de projetos escolares. Abrindo a porta de uma estufa iluminada por uma lâmpada, Bethany retirou um tomateiro alto e florescente e seguiu até a frente da sala.

— Este semestre, estou trabalhando com enxertos — disse ela, aninhando a planta em seus braços. — A ideia é criar uma planta mais resistente a

doenças e que produza tomates totalmente deliciosos.

*Argh*, pensou Prue. *Que exibida.* Elas tinham sido companheiras no semestre anterior, e Bethany se esforçara para deixar Prue de lado nas experiências. Ela tinha recebido todo o crédito pela colagem de folhas que elas fizeram, apesar de Prue ter coletado sozinha todas as folhas de carvalho de cor ocre.

A Srta. Thennis balançava a cabeça enquanto Bethany fazia seu discurso.

— Irado! — exclamou Darla Thennis.

Prue a encarou com raiva.

— Obrigada, Darla. Fico feliz em informar que a planta está se saindo muito bem — continuou Bethany. — E que o enxerto parece estar progredindo. E, embora não exista nenhum fruto para mostrar até agora, espero que dentro de duas semanas comecemos a ver alguns lindos botões.

— Mandou muito bem — incentivou Darla, convidando a turma a se juntar.

Os alunos do sétimo ano no terceiro período de ciências murmuraram um *oh* coletivo, mas decididamente sem nenhum entusiasmo, ao comando da professora. Prue permaneceu em silêncio.

Ela estava escutando.

O tomateiro emitia um zumbido baixo e zangado.

Prue observou a sala de aula para ver se alguém mais tinha escutado aquilo. Todos estavam olhando de forma apática para Bethany.

O zumbido estava ficando mais alto; ele tremia enquanto se elevava em volume. À medida que crescia, ficava cada vez mais claro que era um zumbido de desconforto e frustração.

*Sinto muito*, pensou Prue, direcionando seus pensamentos à planta. Ela certamente conseguia se solidarizar; nem era ao menos a estação para a planta e ali estava ela: sendo cultivada numa estufa na aula de ciências. E ela não

podia imaginar ter o galho de outro amigo tomateiro enxertado em seu talo. Aquilo era absolutamente brutal!

O tomateiro pareceu soltar um suspiro. Prue teve uma ideia. *Você sabe o que seria engraçado?*, pensou ela.

*RMPPH*, zumbiu o tomateiro.

Prue explicou.

De repente, Bethany recuou a cabeça, torcendo o nariz. Os alunos se espantaram. Tinha parecido, por uma fração de segundo, que a folha mais alta do tomateiro havia realmente dado um tapa no nariz de Bethany. Era evidente que a Srta. Thennis não via aquilo; ela olhou com uma expressão séria para a turma.



— Vamos lá, pessoal, qual é? — falou ela.

*Oh!*, a turma se surpreendeu novamente. Tinha acontecido mais uma vez; o galho mais alto do pequeno tomateiro verde havia se erguido e indubitavelmente dado outro golpe ágil no nariz da dona. Uma expressão de terror perplexo se espalhara pelo rosto de Bethany, e ela começou a segurar a planta longe de seu corpo. Seguindo o olhar da aluna, uma Srta. Thennis muito confusa se virou para observar Bethany enquanto ela se aproximava lentamente da pequena estufa.

— T... talvez ela precise de mais tempo — falou Bethany, o rosto agora completamente pálido. Ela logo colocou a planta de volta no confinamento de vidro da estufa e recuou. — Ela estava completamente saudável esta manhã.

Um assovio baixo e satisfeito tinha substituído o zumbido infeliz do tomateiro.

Os olhos da Srta. Thennis se viraram para Prue; ela olhou para a menina,

chocada e sem conseguir acreditar. Prue sorriu e voltou a olhar para a janela, para os flocos que caíam além do vidro e para as poças que se formavam nas ruas molhadas pela chuva.



*DO GABINETE DE LEE BREAM, DIRETOR*
*ESCOLA GEORGE*

*Data: 15/2/—*

*Anne e Lincoln McKeel*
*Pais de Prue McKeel*

*Caros Sr. e Sra. McKeel:*

*Desde a matrícula de sua filha nessa escola no ano passado, ela demonstrou ser uma pensadora brilhante e independente. Seu potencial foi considerado muito alto.*

*Fico triste, no entanto, em informar que esse potencial foi de alguma forma obscurecido ultimamente. Desde o começo do último período, suas notas caíram vertiginosamente e seu comportamento na sala de aula, segundo relatos de vários professores, tornou-se incomum. Ela tem mostrado pouco do antigo interesse em suas tarefas e tem exibido uma atitude muito inapropriada para com os professores. A portadora deste bilhete, a Srta. Darla Thennis, gentilmente se ofereceu para falar com os senhores sobre esse assunto e esperamos que seu envolvimento possa levar a uma feliz resolução.*

*Entendemos que a crise pela qual a família passou no começo do ano letivo, o desaparecimento de seu filho mais novo, deve ter sido incrivelmente difícil. Estamos cientes do efeito que um trauma como esse pode ter nas mentes de nossas crianças. No entanto, gostaríamos de nos aprofundar em qualquer problema e cortar o mal pela raiz para evitar que ele se torne intransponível e leve uma aluna promissora a ser suspensa, ou pior — expulsa.*

*Sinceramente,*

*Lee Bream*
*Diretor, Escola George*

Prue abaixou a carta que estava em frente aos seus olhos, permitindo que os

rostos dos três adultos na cozinha se elevassem sobre a página como luas orbitando um planeta distante. O aposento estava silencioso, a não ser pelos regulares sons de *sproing* que vinham da cadeira de balanço de seu irmão, Mac, presa à porta.

Ela deu de ombros.

— Não sei o que vocês querem que eu diga — falou ela.

*Sproing.*

A mãe e o pai compartilharam um olhar preocupado.

— Querida — disse a mãe —, talvez você devesse...

*Sproing.*

O pai de Prue desviou o olhar de sua mulher para a professora com a bata dashiki, o terceiro vértice desse triunvirato celestial.Ela estava encostada à geladeira.

— Srta... — começou o pai de Prue.

*Sproing.*

— Por favor — falou a professora, os olhos vidrados no menininho na cadeira de balanço —, me chame de Darla.

Ela parecia estar esperando pelo próximo...

*Sproing.*

— Darla — continuou o pai de Prue —, preciso dizer que isso é um enorme choque para nós, quero dizer... — *Sproing.* — Os últimos meses foram difíceis, com certeza, mas sentimos que isso é inevitável, considerando o tipo de... — *Sproing.* — loucura por que todos nós passamos no início do ano e...

*Sproing.* Ele fez uma pausa, percebendo que a atenção de Darla estava sendo forçosamente desviada para a criança que balançava na cadeirinha a cada contração da mola do assento.

— Querida — disse ele, finalmente, à esposa —, você se importaria de

tirar Mac daquela coisa por um segundo?

Com Mac fora da cadeira de balanço e a mãe de Prue de volta à cozinha, a discussão recomeçou. Darla Thennis:

— Escutem, eu sei por que vocês estão passando... isso é tudo normal para uma criança da idade dela... apenas não queremos que ela fique muito para trás.

Prue permaneceu em silêncio. Estudava os três adultos com atenção. Eles falavam sobre ela como se nem estivesse no aposento. Aquilo a deixava ainda menos inclinada a participar. Ela bateu com suas galochas no chão de ladrilhos de cortiça e tentou imaginar que seus três inquisidores não estavam ali. Imaginou um terremoto abrindo uma rachadura no meio da cozinha, engolindo os três adultos num rápido tremor.

Darla evidentemente percebeu a desatenção de Prue e começou a se dirigir diretamente a ela:

— Querida, suas provas finais no último semestre foram terríveis; é como se você nem estivesse presente na sala de aula, como se sua cabeça estivesse em outro lugar... em algum lugar distante.

*E está,* pensou Prue.

— E nem me faça lembrar de suas faltas — disse Darla, olhando para os pais de Prue.

— Faltas? — Isso veio da mãe de Prue. — Que faltas?

Darla fixou seu olhar sobre Prue.

— Você quer contar a eles?

— Bem — começou Prue, levantando os olhos das botas —, houve apenas alguns dias...

— Alguns dias? — balbuciou o pai, olhando fixamente para a filha, sem acreditar.

— Alguns dias em que eu não consegui chegar a tempo e pensei, “Bem,

isso quer dizer que vou perder a primeira aula e, se eu perder a primeira aula, isso significa que não estarei pronta para a aula de Estudos Sociais e, se não estivesse pronta para ela... como eu conseguiria ir à aula de matemática?” — Ela balançou as mãos em frente ao rosto, como se estivesse conjurando a névoa confusa de uma neblina pesada. — Era como uma longa fila de dominós caindo. Decidi apenas deixar aquilo de lado e ler no café.

O pai de Prue sorriu encabulado e olhou para a Srta. Thennis.

— Pelo menos ela está lendo, não é mesmo?

Sua esposa ignorou o comentário.

— E essa... essa... coisa de dominó... aconteceu em diversas ocasiões? — perguntou ela, seus olhos se virando para a franja de Prue, que agora cobria convenientemente o rosto abatido.

— Cinco, para ser exata — respondeu a Srta. Thennis.

— Cinco? — repetiram o pai e a mãe de Prue em uníssono.

— CHINCO! — veio a voz de Mac da sala de estar. — PUU! CHINCO!

— Ops! — exclamou Prue.

Mas a verdade é que ela não tinha ficado lendo no café. E não tinha realmente “não conseguido chegar a tempo” na escola. A verdade era que Prue McKeel, 12 anos, algumas vezes acordava em sua cama confortável, em sua casa confortável, com sua família confortável, e sentia um *puxão* muito repentino e muito forte. Nesses dias, ela se obrigava a se levantar da cama e se esforçava o máximo possível para atravessar as repetições do cotidiano — ignorar o misterioso *puxão* —, mas algumas vezes ela parava em sua bicicleta e se sentia impelida a pedalar na direção oposta à escola. E esse *puxão* guiava seu caminho. Aquilo a *puxaria* pela Lombard e a *puxaria* até depois das lojas abrindo, e a *puxaria* ao longo do Willamette e a *puxaria* até depois da universidade até que esse *puxão* estranho a deixasse, com bicicleta e tudo, na ribanceira, com a visão do outro lado do rio e do vasto tecido de árvores que

era a Floresta Impassável. E era lá que ela passava a maior parte do dia, apenas olhando para aquele extenso campo verde. Lembrando. Nesses dias, a ideia de ir à escola parecia perfeitamente fora de questão.

O estalo de dedos.

— Alôôô? — chamou a mãe. — Juro que é como se seu cérebro tivesse sido abduzido por alienígenas ou algo assim.

Prue calmamente olhou para os três adultos bem nos olhos, um de cada vez do outro.

— Mãe — disse ela —, pai, Srta. Thennis... sinto muito, Darla. Eu aprecio que vocês tragam essas preocupações à minha atenção e sinto muito por qualquer decepção que eu possa ter causado. Mas, se me derem licença, gostaria de sair para uma caminhada agora. Vou meditar sobre todas as coisas que vocês falaram.

E assim ela deu meia-volta e saiu pela porta dos fundos, deixando para trás um grupo de adultos perplexos observando-a ir embora.



# CAPÍTULO 2

## *O Mensageiro; Outra F.I.*

Aquela era uma estranha comitiva: os dois jovens rapazes, as duas jovens meninas, o homem grande com a cartola, o homem magro com barba e vestido e o rato. Eles estavam enfileirados no meio da larga estrada coberta de neve, observando enquanto dois cavaleiros se aproximavam sobre suas montarias. Quando os cavaleiros chegaram e apearam, o homem de vestido deu um passo à frente na fila.

— Brendan — saudou ele.

Ele tremia visivelmente; o chifon de seu vestido puído ondulava na brisa gelada. Suas costas se curvavam, e tinha os braços cruzados sobre o peito.

— William — respondeu o homem, sério, balançando um queixo coberto por uma emaranhada e profunda barba ruiva. Ele vestia uma farda de oficial bastante suja e uma calça de montaria com remendos nos joelhos. Uma tatuagem preto-azulada serpenteava pelo canto da testa. Ele estudou o homem

do vestido cor de salmão por algum tempo antes de uma risada escapar de sua boca. — Esse rosa — disse ele — realmente... ressalta seus olhos.

O homem de cartola conteve uma risada. Curtis, parado exatamente atrás do bandido William, se juntou ao riso; e recebeu como recompensa um olhar fulminante de Brendan.

— Quem disse que isso é engraçado? — disparou ele para Curtis, sério mais uma vez.

O sorriso desapareceu abruptamente do rosto do garoto. Um vento surgira, soprando a neve restante de lado sobre a estrada, e os pequenos flocos se grudaram teimosamente à pele do gorro de Curtis.

— Henry, William. De volta ao acampamento. — O homem de cartola e o homem de vestido partiram apressados, o segundo fazendo isso com alguma dificuldade até levantar a barra de sua saia acima dos joelhos pálidos e peludos. Brendan voltou o olhar para os bandidos restantes. — Colm: melhore sua equitação. Você estava forçando muito. Você precisa sentir melhor sua montaria. — Ele esticou as mãos enluvadas em couro para enfatizar suas palavras. — Segure as rédeas; sinta a tensão do cavalo. Apenas o force quando você tiver o poder para tanto.

— Sim, Brendan — respondeu Colm.

— Agora, de volta ao acampamento. Coloque gelo nas canelas daquele cavalo. E serão mais duas semanas de equitação para você.

Brendan observou enquanto o garoto corria na direção de um cavalo que mancava ao longe.

Voltou o olhar para os quatro na fila.

— Carolyn, bom trabalho. A dedicação que você vem mostrando... é visível. Foi um avanço e tanto desde o exercício da semana passada. Quanto a você, Aisling. — Aqui ele deu um breve sorriso maldoso. Aisling foi a perseguidora que ficou pendurada no galho do cedro como uma peça de

roupa num varal. Ainda havia pedaços de galhos finos e musgo em seu cabelo, e o rosto estava lambuzado de seiva da árvore. — Não seja tão convencida da próxima vez, entendeu?

— Sim, Brendan — respondeu Aisling, envergonhada.

— Agora voltem ao acampamento, as duas.

As duas meninas saíram em disparada da fila como se estivessem apostando corrida, a espera apenas do tiro da largada. Somente Aisling ousou olhar para trás. Ela ofereceu a Curtis um rápido e reconfortante sorriso — um momento que ele mal teve a oportunidade de apreciar antes de os pelos espetados da barba de Brendan estarem a centímetros de sua testa. Eles tinham cheiro de cachorro molhado.

— Quanto a você — começou Brendan, pronunciando as palavras num rosnado baixo. — Quanto a você: já perdi muitos bons bandidos que fizeram o mesmo. Eles acham que estão com a faca e o queijo na mão, que já está tudo acabado, e BANG. — Apontou o dedo para a testa de Curtis como uma pistola e deu um tiro imaginário. — Mortos. E tudo isso por quê?

— Eles não levaram o passageiro em consideração.

— Eles não fizeram O QUÊ?

— ELES NÃO LEVARAM O PASSAGEIRO EM CONSIDERAÇÃO!

— Certo — disse Brendan. — O maior erro que você pode cometer. Não apenas o passageiro tem tanta probabilidade de estar armado quanto qualquer um, mas é possível que ele seja o mais perigoso. Na minha época, vi mais de um banqueiro assaltado sair de uma carruagem disparando pistolas, completamente em pânico, e derrubar mais de seus próprios guardas armados do que bandidos. Nunca abra a porta... nem mesmo se aproxime dela... até ter certeza de que quem está do lado de dentro não vai sair de lá lutando. Entendeu?

— Sim, entendi — respondeu Curtis, ajustando de forma nervosa seu

gorro felpudo.

Brendan esticou o braço e deu um tapa firme e amigável na ushanka, empurrando a aba sobre os olhos de Curtis.

— Bom — falou Brendan, sua voz abrandando. — Eu odiaria perder nosso recruta mais promissor.

Curtis ficou radiante. Foi a primeira vez que ele ouviu um elogio daqueles vindo do Bandido Rei em todas as muitas semanas de treinamento intensivo. Tinha sido duro no início; por alguma razão, ele havia demorado duas semanas para simplesmente dominar a técnica de montar no cavalo sem quase cair de lado, e Brendan não tinha deixado passar nenhuma oportunidade de provocá-lo por isso. Mas ele podia sentir que estava melhorando; ele sabia que Brendan não fazia elogios assim sem motivo.

Septimus limpou a garganta.

— Hmm — interferiu o rato —, e quanto a mim? Você viu aquele movimento? Descendo diretamente pelas costas dele!

Olhando para o rato embaixo:

— Muito bom, Septimus. Mas foi um alvo fácil; você sabe que Henry é sensível em relação a roedores. Ele vai ficar traumatizado por semanas.

Septimus estalou os dedos das mãos.

— É um prazer ter esse tipo de efeito num homem.

O Bandido Rei riu antes de dizer:

— Vocês dois se tornarão excelentes assaltantes de carruagens. Não tenho nenhuma dúvida. — Sua voz ficou fria enquanto ele continuava: — Embora eu não possa dizer que vocês terão a chance de colocar os ensinamentos em prática.

Isso era a verdade; durante os últimos meses, os grupos de assaltantes que tinham sido enviados do acampamento vinham voltando de mãos vazias. Havia cada vez menos carruagens nas estradas hoje em dia, e aqueles

viajantes que ousavam cruzar o caminho congelado raramente carregavam algo mais do que alguns recipientes cheios de cebolas desidratadas e hortaliças murchas. A situação era grave o suficiente para Curtis ter notado; os bandidos mais antigos estavam todos resmungando sobre como essa era a pior seca que eles já tinham vivido. Eles diziam que isso era um sinal de tempos difíceis.

O vento aumentou, e uma nova frente de neve desceu pelas árvores. O inverno estava em seu ápice, e a luz, sempre fraca, mesmo ao meio-dia. Mas agora, no primeiro suspiro da noite, uma névoa escura pousava sobre os galhos, escondendo as curvas distantes da Longa Estrada. Brendan tremeu dentro de seu casaco e gesticulou para os dois bandidos em treinamento que restavam.

— Chega por hoje... vamos voltar ao acampamento. Há muitos outros pontos para revisar e temos que estar prontos para amanhã e... — Sua voz foi sumindo enquanto eles começavam a caminhar na direção dos cavalos que os esperavam. Algo tinha chamado sua atenção. Ele levantou a mão. — Espere. Algo está vindo.

Curtis e Septimus congelaram; eles não tinham escutado nada. Septimus farejou o ar brevemente antes de subir pela perna da calça e pelo casaco de Curtis para chegar ao ombro. Novamente ele farejou o ar.

— Pássaro? — perguntou ele.

Brendan, ainda com a palma da mão estendida, assentiu com a cabeça.

— Dos grandes.

De repente, um barulho de colisão explodiu nas copas das árvores acima deles, fazendo uma algazarra de pássaros menores sair trinando para longe. Uma chuva de galhos quebrados tombou sobre a estrada. Os cavalos se assustaram e relincharam. A mão de Brendan foi instintivamente para o punho do sabre ao lado. Do céu desceu o vulto alquebrado de algo azul e

cinza e cheio de penas. Aquilo bateu no chão com um guincho dolorido; poeira e neve levantaram quando ele pousou.

Fez-se o silêncio em seguida. Brendan:

— Quem está aí? Diga seu nome!

A massa de penas tremeu levemente onde estava caída. Finalmente, seu longo pescoço se ergueu do corpo, como a antena articulada de uma sonda lunar, e no topo estava o incrível bico de uma garça. O pássaro balançou a cabeça e limpou a terra que tinha sujado sua asa.

— Você está bem?

Esse era Curtis, tendo se recuperado da surpresa.

A resposta da garça foi inesperada; era defensiva, envergonhada.

— Estou bem, obrigada — disse a ave friamente. — Apenas bem.

— Quem é você? — perguntou Brendan. — E o que a traz ao Bosque Selvagem, ave marinha?

Parecendo ignorar as perguntas do Bandido Rei, a garça se demorou para levantar o longo corpo da neve. Curtis ficou estupefato com a majestade do animal; quando ele alcançou toda a sua altura, foi como se uma metamorfose ocorresse. O que tinha sido uma massa suja e cinzenta no solo se transformara repentinamente na enorme e graciosa forma de um dos pássaros mais espetaculares que Curtis já vira: uma cabeça com um bico longo e esguio no fim de um pescoço em formato de S que levava a um enorme corpo oval, coberto por longas penas brancas e cinzentas que pareciam cílios, tudo aquilo suportado por duas pernas compridas. Esticando o pescoço ao máximo para observar os novos arredores, o pássaro ficava facilmente tão alto quanto Curtis.

— Meu nome é Maude — respondeu a garça, finalmente. — E fui enviada pelo Príncipe Coroado dos Aviários. — A ave virou a cabeça para olhar diretamente nos olhos de Curtis. — Vim buscá-lo, garoto. Sua amiga, a

menina McKeel, parece estar em grande perigo.



Quando as rodas dos carros tinham deixado para trás a familiaridade do asfalto e começaram a triturar o cascalho molhado da estrada secundária, os passageiros ficaram em silêncio. Elsie Mehlberg, 9 anos, mexia na correia do cinto de segurança sobre seu ombro e observava os pais enquanto seus rostos ficavam cada vez mais pálidos e preocupados. Podia dizer que eles estavam lutando contra as decisões que haviam tomado — mas que escolha eles tinham? Elsie não os culpava. E, enquanto a irmã mais velha, Rachel, tinha oferecido mais resistência quando o plano lhes fora apresentado pela primeira vez, no fim ela havia relutantemente concordado.

A neve deu lugar a uma chuva pesada e fria, e os pingos criavam veios espessos que desciam o vidro traseiro do carro, distorcendo os já imponentes prédios de metal em formas protuberantes e fragmentadas. Eles tinham cruzado a fronteira com a Zona Industrial há algum tempo. Aquele era um lugar a que Elsie nunca havia ido; era frio e ameaçador. Os tanques brancos enferrujados de componentes químicos que acompanhavam as estradas de cascalho, com suas escadarias sinuosas e seus amontoados de canos finos, pareciam quase um cenário de ficção científica por causa do aspecto sobrenatural. Em algum lugar, no interior desse ninho de máquinas chacoalhantes, ela imaginou anões barbados trabalhando, há muito tempo afastados da luz do sol do mundo da superfície — só que, em vez de espadas e machados de batalha, eles estavam fabricando portas de geladeira e eixos de motocicletas.

Elsie olhou mais uma vez para seu pai no banco do motorista enquanto ele conduzia o sedan da família pelas estradas estreitas da Zona. Havia filigranas

de cabelos grisalhos em suas têmporas; Elsie tinha certeza de que eles não estavam ali no verão anterior. E aqueles vincos profundos que criavam uma espécie de cânion em sua testa... certamente aquilo também era novo.

Tudo desde o desaparecimento do irmão.

O choque inicial tinha sido tremendo; uma bruma descera sobre a casa. Qualquer alegria anteriormente vivida sob aquele teto praticamente desaparecera. E Elsie odiava seu irmão por isso. Primeiro tinha vindo a polícia. Eles se acomodaram nos móveis da sala, como elefantes vestidos em poliéster e rabiscavam anotações enquanto a mãe e o pai, chorando, repetiam tudo de que se lembravam desde a última vez que viram Curtis. Então vieram os repórteres, os cinegrafistas dos telejornais, os vizinhos intrometidos que passavam pela janela frontal e espiavam sua família dividida e desesperada. Finalmente, Lydia, a mãe de Elsie, fechou as cortinas para afastar os curiosos, e as janelas permaneceram daquela forma durante meses. A sala de estar, durante todo o outono, permaneceu tão escura e sombria quanto seus corações. O pai de Elsie, David, se fechou em si mesmo e passava horas a fio no escritório da casa, mantendo vigília numa grande variedade de fóruns na internet, implorando a qualquer um que o escutasse a ajudá-lo a encontrar seu filho. Elsie se sentava à noite na cama, escutando as conversas abafadas dos pais no quarto vizinho, e alternadamente amaldiçoava seu irmão e suplicava para que ele voltasse.

— Vamos lá, Curtis — sussurrava ela. — Apenas pare com isso. Venha para casa.

Então, quando o pai de Elsie entrou correndo na cozinha um dia, vindo de seu escritório, anunciando que tinha conseguido uma pista, que alguém em Istambul, na Turquia — entre todos os lugares possíveis — vira um jovem garoto americano que correspondia à descrição de Curtis nas ruas dessa cidade antiquíssima, toda a família explodiu num surto de celebração

desenfreada. Só depois que eles começaram a investigar o custo das passagens aéreas e da acomodação que foi decidido que as duas meninas, Elsie e Rachel, teriam que ficar em Portland enquanto os Mehlberg mais velhos voavam para a Turquia à procura de seu filho. E onde as meninas ficariam? Sem um familiar adequado na cidade para recebê-las, a única opção foi o orfanato local, onde, por um preço razoável, um pai desesperado poderia acomodar os filhos por quanto tempo fosse necessário.

"Os Jamison fizeram isso com os filhos deles quando saíram de férias para mergulhar" foi todo o consolo que as duas jovens Mehlberg receberam.

E então ali estavam elas, lentamente contornando as estradas labirínticas da Zona Industrial, para chegar ao Lar Unthank para Jovens Rebeldes. Uma placa luminosa brilhava na luz fraca à frente delas, anunciando aquilo — com a ajuda de um adendo logo abaixo, uma linha de palavras cintilantes que parecia estar à mercê de uma fonte de energia mais fraca: E PARTES DE MÁQUINAS INDUSTRIAIS.

Rachel, que tinha permanecido calada durante toda a viagem, levantou os olhos e engoliu em seco quando o prédio se tornou visível. Seu rosto pálido apareceu brevemente entre as cortinas gêmeas de seus longos cabelos pretos e lisos, e os ombros magros tremeram debaixo da camiseta surrada do Corrosion of Conformity.

— Não posso acreditar nisso — disse ela, baixinho.

Ela mexeu no pequeno emaranhado de pulseiras escuras que envolviam o pulso esquerdo.

— Vamos, querida — disse Lydia, no banco do carona. — Já falamos sobre isso. Não temos outra opção. — Ela virou a cabeça para olhar para as duas meninas no banco traseiro. — Pense nisso da seguinte forma: vocês estão fazendo sua parte para ajudar a encontrar Curtis.

— Certo — respondeu Rachel com desânimo.

— Opa! — exclamou Elsie, olhando fixamente para a frente através dos

movimentos rápidos do limpador de para-brisa. — Aquele lugar parece assustador.

Um silêncio tomou conta em seguida enquanto todos no carro entravam num acordo implícito. O caminho de cascalho que o carro seguia finalmente deixou para trás as fileiras de prédios de metal sem janelas e tanques de componentes químicos a fim de chegar a um espaço aberto, cercado por uma grade de arame. No meio da clareira estava um prédio decadente, que parecia ter sido transportado de outra época. Suas paredes de estuque de cor de ardósia estavam manchadas por líquen e fuligem, uma superfície interrompida regularmente por janelas gradeadas. O telhado, cujas telhas de xisto apresentavam um desenvolvimento notável de musgo vividamente reluzente, era encimado por uma torre com relógio. Uma pesada porta de carvalho se agigantava logo depois de um grupo desordenado de arbustos de amora. A placa de neon pulsava barulhenta logo acima dessa porta, uma estranha e moderna justaposição na aparência decididamente do século XIX do prédio.

Uma onda de nervosismo tomou conta de Elsie, e ela esticou os braços entre seus pés para abrir o zíper no topo de sua mochila. Ela espiou a cabeça de sua boneca Intrépida Tina™ ali dentro e tentou mostrar um sorriso caloroso.



— Está tudo bem, Tina — sussurrou. — Tudo vai ficar perfeitamente bem.

A Intrépida Tina era feita de plástico duro, e seu cabelo louro, cortado em estilo Chanel na altura do pescoço. Elsie correu os dedos pelas costas do traje bege de “Safari Atrevido” de Tina para encontrar o pequeno botão

protuberante posicionado entra os ombros da boneca. Ela o apertou e se acalmou ao ouvir a seguinte afirmação, apesar de abafada, sair do pequeno gravador no peito de Tina: "GAROTAS INTRÉPIDAS NUNCA FOGEM DA POSSIBILIDADE DE UMA NOVA AVENTURA!" A voz de Tina tinha uma espécie de rouquidão áspera.

Elsie ouviu sua irmã suspirar e se virou em sua direção para ver que Rachel estava olhando para ela por entre as mechas de seus cabelos. Elsie esperou por um sermão debochado, a resposta habitual de Rachel quando estava perto de Elsie e a irmã ligava a voz da Intrépida Tina, mas não houve nenhuma. A situação era realmente tão ruim, pensou Elsie, que até mesmo Rachel se inspirava com as palavras de Tina.

Parando o carro lentamente em frente ao prédio, o sedan dos Mehlberg descansou por um momento antes de David virar a chave e o motor crepitar até ficar em silêncio. O assovio do vento, soprando pelos corredores entre as estruturas da Zona Industrial, entrou pelas janelas do carro. David virou sua cabeça e olhou para as duas filhas no banco traseiro.

— Apenas duas semanas — assegurou ele, tentando confortá-las. — Só isso. Duas semanas. E então voltaremos para buscá-las.

Elsie passou os dedos no cabelo louro de plástico da Intrépida Tina. Duas semanas jamais pareceram um período tão longo em toda sua vida.



# CAPÍTULO 3

## *A Linguagem Secreta das Plantas;*
## *Para o Bosque do Norte!;*
## *A Advertência do Zelador*

Com seu longo cachecol de lã enrolado até o alto do rosto, Prue fingiu momentaneamente ser um nômade beduíno, desbravando a vasta extensão de algum lugar do Saara, quando, na verdade, estava apenas caminhando à toa pela Lombard Street. Devido às circunstâncias, aquilo realmente parecia um estilo de vida preferível. Ela se perguntou se crianças beduínas eram forçadas a ir a escolas beduínas e decorar coisas como quem inventou a eletricidade e de onde vinha a penicilina. Supôs que não. Imaginou que as crianças beduínas na maior parte do tempo apenas apostavam corridas de camelo e aprendiam a encontrar um oásis no deserto selvagem. Decidiu que pesquisaria beduínos no Google quando chegasse em

casa, e veria se havia alguma forma de se voluntariar para ser um deles.

Enquanto isso, ela se viu vagando pelas ruas frias de St. Johns, seu bairro na parte mais ao norte de Portland, no estado de Oregon. Era fevereiro; mesmo a essa hora — nem eram quatro da tarde ainda — a luz começava a sumir. As ruas estavam molhadas da nevasca leve da manhã, e Prue chutava despreocupadamente as poças enquanto andava. Parecia muito frio para andar de bicicleta, decidiu ela, mas precisava desesperadamente sair de casa. Toda aquela conversa sobre expectativas e potencial e comportamento desapontador estava realmente a levando à loucura. Aquilo quase a carregava para ainda mais longe do que seus pais e professores queriam. Pela primeira vez na vida, ela sentia a irritante pressão da vida adulta, e não gostava nem um pouco daquilo.

Cortou caminho por um terreno vazio, seguindo para oeste, e de repente se viu onde vinha sempre se vendo durante todas essas longas e letárgicas semanas: parada na ribanceira, olhando para o rio Willamette e a Floresta Impassável do outro lado.

Riu para si mesma; a Floresta Impassável. Um cobertor espesso de enormes árvores verdes cobria essa longa e inexplorada extensão de terra, se espalhando em todas as direções. Uma bruma de nuvens baixas permeava os galhos, e um vento soprava gelado pelo desfiladeiro criado pelo rio. De longe, suas vozes estavam muito distantes para distinguir. As vozes das árvores.

Aquilo tinha sido uma mudança; ao voltar do Bosque, depois daquela incrível aventura em que fora jogada no começo do outono, ela havia esperado que sua vida voltasse a um nível aceitável de normalidade. Mac estava em casa, sua família reunida; tudo deveria estar bem, não? Não demorou muito, no entanto, para ela começar a notar aqueles murmúrios. As vozes eram familiares; elas tinham o mesmo timbre e tom das que vieram a

ela naquele momento alucinante, meses atrás, quando a Governatriz Viúva segurou Mac em suas mãos e chegou muito perto de acabar com a vida dele e começar a devastação da hera. Eram os sussurros do mundo natural à sua volta. As vozes que soavam das árvores e das plantas.

Tinha esperado deixar essa nova e incrível percepção para trás depois de ter saído da fronteira do Bosque, mas logo descobriu que mesmo as plantas domésticas mais dormentes e despretensiosas, quando provocadas de forma apropriada, ficavam felizes em falar com ela — apesar de a "fala" delas ser totalmente ininteligível. Essas vozes eram sussurros guturais sem palavras e pareciam se originar nos confins mais profundos do canal auditivo. E, apesar de as vozes não se transformarem em palavras compreensíveis, depois de um tempo Prue descobriu que era capaz de intuir uma espécie de emoção nos sons. Um censo rápido com os muitos ocupantes folhosos de sua casa mostrou uma variedade perturbadora de personalidades: os cactos emitiam uma espécie de *PHHHT* rabugento e distante; a palmeira do banheiro, um entusiasmado *KRRRRK!* A samambaia da sala de estar fazia uma espécie de assovio solitário, enquanto a vinca envasada que ocupava o alto da estante da sala de jantar era sempre agressiva (*VRT! VRT!*) quando abordada, embora Prue ligasse aquilo à infrequência com que seus pais se lembravam de regá-la. Para seu desgosto, a mãe de Prue trouxera para casa um cesto de hera no Natal, e aquela coisa tinha certamente chiado para Prue.

No fim das contas, no entanto, as plantas ficavam quietas a maior parte do tempo, e não demorou muito para Prue deixar de quase ter certeza de que estava enlouquecendo para se render à sua nova (e muito mais esquisita) realidade.

Ela levantou o cachecol sobre suas bochechas frias e ficou observando a névoa passar entre a trama de árvores do outro lado do rio. Ali estava o Bosque Selvagem, pensou ela. Perguntou-se o que tinha acontecido desde

que ela havia ido embora, que incríveis transformações e mudanças ocorreram para encaminhar o destino daquele lugar milagroso. Seus olhos seguiram a encosta da cordilheira salpicada com neve, em frente a um terreno cheio de tanques de componentes químicos na Zona Industrial, e continuaram até o outro lado do rio num campo amarronzado logo abaixo da ribanceira. Ali, ela viu algo muito estranho.

Inicialmente ela achou que era apenas uma sombra esquisita, formada por uma nuvem de fumaça ou um pássaro voando bem alto. Mas, com a bruma se abrindo e clareando, pôde ver que a sombra era na verdade a forma de um animal. Sim: quanto mais ela apertava os olhos, mais aquela coisa se tornava visível.

Era uma raposa de pelo preto retinto.

E estava olhando diretamente para ela.

Um barulho violento repentinamente explodiu em seus ouvidos, o inconfundível som da fauna estridente. Ele vinha do matagal de arbustos que brotava de uma formação rochosa abaixo da beira da ribanceira. Nenhuma palavra se formava; o barulho era abstrato, um chiado agudo ensurdecedor, e ele parecia apagar toda sua audição, como uma onda quebrando ou estática da televisão elevada a seu volume máximo. As mãos de Prue foram instintivamente até seus ouvidos, embora aquilo fizesse pouco para diminuir o barulho. Ela tropeçou para trás, sentindo a boca emitir um grito abafado, cada nervo em seu corpo atordoado pela intensidade do barulho que ficava cada vez mais alto. Algo agarrou seu calcanhar, e ela estava caindo de costas, sem apoio. Um solavanco de dor subiu por sua coluna quando o cóccix fez contato com o chão áspero.

O barulho borrou tudo. Prue imediatamente perdeu a consciência.

Era tudo escuridão.

Era tudo escuridão.

Isso porque Curtis tinha fechado os olhos o máximo possível. A boca estava paralisada num sorriso forçado, tamanho era o esforço para evitar que qualquer luz do sol passasse por suas pálpebras. Dessa forma, ele tinha alguma chance de fingir que não estava voando. Podia fingir mais facilmente que o vento que nesse momento desgrenhava os pelos de sua ushanka amarrada sob o queixo, sacudia as roupas e gelava as bochechas não era uma consequência do voo; não, era apenas uma ventania forte — era fevereiro, afinal de contas. E aquela textura de penas que ele estava segurando em suas mãos com tanta força? Talvez fosse um travesseiro — um confortável travesseiro de penas de ganso — soltando caspa. E aquela turbulência? Certamente não era por causa do voo. Era...

Entreabriu os olhos.

Ele estava voando.

— VELOCIDADE TOTAL! — berrou Brendan, quando sua montaria, a longa e esbelta garça-branca que tinha acompanhado a outra garça, mergulhou repentinamente para passar raspando no gorro peludo de Curtis. Curtis entrou em pânico e apertou seus dedos com ainda mais força no pescoço da garça. Eles estavam bem acima das árvores agora; dessa altitude aqueles enormes pinheiros pareciam palitos de dente cobertos de folhas e neve. A vista se expandia até longe; o sol, se pondo atrás de um vale profundo de nuvens, agraciava esses viajantes com a última luz do dia.

— Ai! — gritou Maude, a garça. — Não aperte tanto o meu pescoço, por favor.

— Sinto m-muito! — gritou Curtis em resposta, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele não sabia dizer se as lágrimas eram por causa do vento ou de seu

medo muito genuíno. — Só não sou muito bom com altura!

— Por que você não disse isso antes de partirmos? — perguntou a ave, exasperada.

— Não pareceu adequado.

— Não pareceu o quê?

O vento fazia muito barulho. Estava dificultando a conversa.

— Não pareceu... — começou Curtis, mas ele foi interrompido por mais um entusiasmado *OOBA!* de Brendan. A garça-branca e o bandido tinham se distanciado e acabado de executar uma manobra de looping muito assustadora; eles novamente passaram em disparada sobre a cabeça de Curtis, fazendo com que ele afundasse o rosto na garça. — Eu gostaria que ele parasse de fazer isso.

— Apenas relaxe! — aconselhou Maude. — Você está muito tenso! Está atrapalhando meu equilíbrio.

Um bando de pardais subiu de uma parte da cobertura da floresta escondida por uma bruma, obrigando Maude a mergulhar rapidamente para a direita. Curtis soltou um berro esganiçado.

— ARGH! — gritou ele. — Você pode não fazer isso, por favor?

— Você quer dizer isso? — perguntou Maude.

Ela mergulhou de novo, dessa vez com mais intensidade. Eles estavam agora praticamente encostando nos topos das árvores mais altas. Um floco de neve espirrou sobre o rosto contraído de Curtis.

— SIM! ISSO! — respondeu ele.

A garça, cansada da brincadeira, subiu até uma altitude mais confortável para viajar e começou a planar. A turbulência passou, e Curtis foi capaz de segurar a ave com maior tranquilidade.

— Então, aonde mesmo estamos indo? — perguntou ele.

— Ao Salão Nobre no Bosque do Norte — respondeu Maude. — Uma

reunião clandestina foi convocada.

— Uma reunião com quem?

A ave suspirou.

— Se eu soubesse disso, não seria terrivelmente clandestina, não é mesmo?

— Mas por que nós? — perguntou Curtis, perplexo.

A garça-branca encostou ao lado.

— Sim, ave marinha — gritou Brendan —, por que fomos convocados? Por que bandidos deveriam ser convidados a uma reunião secreta entre os habitantes do Bosque do Norte?

A garça olhou para Brendan.

— Como você se esquece rápido das lições aprendidas na Batalha pelo Alaque! — ralhou ela. — Você não é mais um dos Irregulares do Bosque Selvagem?

O comentário atiçou o temperamento de Brendan.

— Não me fale sobre a Batalha pelo Alaque! — rugiu ele. — Não me lembro de tê-la visto lá, manchando o solo com seu sangue de ave.

— Acalme-se, Bandido Rei — respondeu Maude. — Não foi minha intenção desrespeitá-lo. — Ela limpou a garganta e continuou. — A Mística Anciã convidou representantes de cada uma das quatro províncias. Como ninguém tecnicamente “manda” no Bosque Selvagem, ficou decidido que um enviado dos Bandidos do Bosque Selvagem seria o suficiente.

À frente, um pico coberto de neve se distinguia de uma cadeia de montanhas à sua volta, o topo escondido por um aglomerado de nuvens.

— Pico da Catedral — disse Maude, quebrando a tensão. — Não está longe.

Uma estrada vagarosa entalhava seu caminho num zigue-zague através dessa cordilheira de montanhas altas, levando ao lado protegido do vento,

onde a paisagem montanhosa se transformava num vale suave. A floresta abaixo dos viajantes começava a ficar mais esparsa, e prados e campos intermitentes substituíam o tecido espesso de árvores do Bosque Selvagem. Depois de um tempo, Curtis começou a ver pequenos chalés nas margens dessas clareiras, as chaminés de pedra atarracadas soprando fumaça branca no ar enevoado. Um homem e uma mulher, saindo até a varanda de um desses casebres, protegeram os olhos do sol fraco com as mãos e observaram, com curiosidade, as duas aves e seus passageiros.

As fazendas, no entanto, pareciam ressecadas e acinzentadas. Nenhum cultivo crescia; grandes campos de plantio estavam sem uso na escuridão do inverno que assolava a terra. A garça deu uma guinada para baixo, e Curtis foi capaz de ver uma gangue de crianças, descalças, na estrada. Ele olhou rapidamente para seus rostos; elas exibiam um olhar sem brilho, cansadas.

Maude adivinhou o que Curtis tinha observado.

— As coisas não andam bem no Bosque do Norte — comentou a ave. — Somos mais afetados pelas dificuldades de nosso populoso aliado do sul do que esperávamos. Não há demanda para nossas exportações; além disso, o inverno tem sido muito duro. Nem mesmo nossos armazéns bem-administrados nos deixaram preparados para essa temporada sombria.

— Eu não fazia ideia — disse Curtis mais alto que os golpes do vento.

— E deveria? — perguntou a ave. — Desde quando os Bandidos do Bosque Selvagem se importam com o bem estar dos habitantes do Bosque do Norte?

Curtis pensou por um momento.

— Quero dizer, ouvi pessoas falarem sobre uma diminuição nos carregamentos. Todos nós temos passado por algumas dificuldades. Os bandidos mais velhos chamaram isso de seca.

A garça riu friamente.

— Isso, bandido Curtis, é um eufemismo. Muitas crianças ficarão com fome essa noite. As despensas de muitos pais continuam vazias.

— Mas por quê?

— Tudo será revelado. Na hora certa. Na hora certa. — A ave se elevou, mudando de assunto. — Estamos nos aproximando. Veja: a Árvore do Conselho.

À invocação da ave, a copa de uma enorme árvore retorcida surgiu no campo de visão, se agigantando ao longe sobre uma colcha de retalhos de campos e matagais. Curtis perdeu o fôlego; uma constelação de pequenos pássaros criava uma espécie de auréola sobre o conjunto de galhos nus da árvore, girando e mergulhando numa brincadeira. Uma multidão de animais e humanos zanzava em volta do tronco grosso, seres tão minúsculos quanto formigas comparados à grandiosidade da incrível árvore. Depois desse cenário, Curtis podia ver uma montanha alta e nua que tinha em seu topo uma torre dos bombeiros. Mais distante, passando por uma área de bordos cinzentos e aninhada num barranco entre duas pequenas montanhas, ficava uma longa construção de madeira. Ao ver aquilo, Maude esticou o longo pescoço e bateu as asas. Ela começou a descer.

Enquanto chegavam mais perto, Curtis estudava a construção de que eles estavam se aproximando. Seu telhado comprido, branco por causa da neve, apoiava uma grande chaminé central, e a madeira escura de suas laterais cobertas de ripas parecia manchada e desgastada pelo tempo. A ponta de uma enorme viga saía de baixo da moldura do telhado, logo acima de um conjunto de portas de madeira com suportes de ferro.

Maude desceu rapidamente num movimento gracioso em forma de oito para pousar na clareira coberta de neve que se estendia a partir da entrada do salão. Um texugo vestido com uma túnica, varrendo a neve de um caminho de pedra de ardósia, fez uma pausa em seus afazeres e observou enquanto

Curtis e Brendan desciam das montarias. Os pés de Curtis alcançaram o chão de forma desequilibrada; as pernas bambeavam, e a terra parecia ondular enquanto seu equilíbrio era retomado depois do longo voo. O texugo voltou a varrer.

— Do lado de dentro — disse Maude, um pouco ofegante por causa do esforço. — A reunião está sendo formalmente iniciada nesse exato momento.

Ela apontou com uma das asas para as grandes portas do salão.

Inquieto, Brendan examinou os arredores. Sua mão estava apoiada, como reflexo, no punho do sabre a seu lado. Maude viu aquilo e falou:

— Você não vai precisar disso, Bandido Rei. Você está num país pacífico agora.

— Deixe que eu mesmo julgue isso — respondeu Brendan, sem rodeios.

Curtis sentiu um movimento na mochila de lona em suas costas. Abrindo a aba superior, Septimus levou seu focinho ao ar fresco.

— Já chegamos? — perguntou ele.

— Sim — disse Curtis. — Gostou do passeio?

— Sim, obrigado — respondeu o rato. — Mas eu estava pensando que poderíamos pegar um caminho por terra na viagem de volta. O que você acha? — Ele tirou uma das patas de dentro da mochila e alisou para trás os pelos entre suas orelhas. — Não fique nervoso, mas vomitei aqui dentro. Só um pouco.

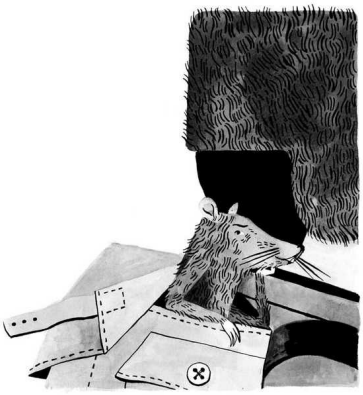
— O quê?

— Só um pouco. A maior parte dentro dessa algibeira. — A outra pata do rato levantou uma bolsa de couro, amarrada de forma frouxa no alto com um cordão de couro. Ele a jogou casualmente no chão. — Não abra isso.

— Septimus! Esse era meu almoço.

O comentário foi ignorado.

— Então, onde estamos? — perguntou o rato.



Curtis resmungou para si mesmo antes de responder:

— No Salão Nobre — disse ele. — Numa reunião clandestina. Fomos convidados.

Exatamente quando terminou de falar, as grandes portas do salão foram abertas com um barulho. Parado junto ao portal estava ninguém menos do que o Corujão Rei, um enorme corujão-orelhudo de óculos e alguém que Curtis não via há muitos meses; desde que eles tinham se separado na Mansão no último outono. Um sorriso se abriu em seu rosto enquanto a coruja, com as asas estendidas, descia o caminho de pedra até os recém-chegados.

— Meus bandidos! — bradou ele. — Meus bons bandidos! Espero que seu voo não tenha sido muito exaustivo.

— Corujão! — exclamou Curtis, radiante. — O que você está fazendo aqui? Está muito longe do Principado.

A mão de Brendan se afastou do sabre e caminhou orgulhosamente ao encontro da ave.

— Caro Corujão — disse ele, curvando-se levemente —, é um prazer vê-lo novamente.

— Igualmente, Rei — disse o Corujão, inclinando a cabeça. Ele jogou suas enormes asas sobre os ombros dos dois bandidos. — Não sabia quando nós três estaríamos reunidos.

Septimus pigarreou.

— Nós *quatro* — corrigiu a coruja, dando uma piscadela para o rato. Então franziu a testa e falou novamente: — E para responder a pergunta do meu amigo bandido, Curtis, não gostei nada da ideia de abandonar minha província natal tão pouco tempo depois do meu período encarcerado. O Principado Aviário é muito belo nessa época do ano, todos os ninhos

decorados pela neve. — Ele suspirou e continuou: — Mas o destino do Bosque parece estar em risco; uma nova ameaça surge diante de nós todos. — Olhou para Maude e para a garça-branca, que ainda estavam limpando detritos debaixo de suas asas. — Confio que vocês não foram seguidas — falou.

Maude balançou a cabeça.

— Não, meu príncipe — disse ela, curvando-se. — Viemos sozinhas.

— Muito bem. Agora... — O Corujão Rei se virou e começou a conduzir Brendan e Curtis até o Salão Nobre. — ...a reunião deve começar.



— Mehlberg — disse o pai de Elsie. — Liguei no começo da semana.

A luz do computador com jeito de peça arqueológica criava um brilho estranho nas feições espalhafatosas da mulher sentada em meio à bagunça da mesa. Ela fazia as várias camadas de maquiagem em seu rosto parecerem ainda mais apavorantes.

— Mehlverg? — falou a mulher, com a voz arrastada.

— Não — corrigiu David. — Mehlberg. Com um *B*.

A mulher tirou os olhos da tela do computador para olhar de forma muito séria para o pai de Elsie.

— Foi o que eu disse — entoou ela, friamente —, Mehlverg.

Aquela certamente não era a primeira língua da mulher. Para Elsie, agarrada na perna da calça do pai com sua Intrépida Tina apertada contra o peito, a voz da mulher carregava os ecos de um reino distante, um que era ocupado por palácios com domos parecidos com cebolas e dançarinos cossacos.

David, sem jeito, sorriu educadamente.

— Oh! — falou ele —, sinto muito. Não ouvi seu sotaque. — Ele limpou a garganta. — Sim, Mehlberg. Lydia e David. Estamos aqui para deixar nossas filhas. Elsie e Rachel. — Sem ter nenhuma resposta, David contorceu os pés desconfortavelmente dentro de seus mocassins e, desviando o olhar para a placa com o nome sobre a mesa, tentou pronunciar o nome escrito ali. — Srta... Srta. Mudrak?

A mulher mesmo assim não respondeu. Seu temperamento era preguiçoso, lânguido. Ela estudou a família Mehlberg por um tempo antes de encostar os dedos de unhas longas na beira da mesa e empurrar sua cadeira para trás. Ela desdobrou a grande estatura de seu corpo e se levantou, repentinamente se elevando sobre a família diante dela. David, que Elsie sempre achou ser incrivelmente alto, chegava apenas à clavícula da mulher. A mulher usava um vestido longo e cintilante, e seus dedos estavam cobertos por um arco-íris de pedras preciosas. Ela esticou uma das mãos despreocupadamente para David, aqueles dedos compridos esticados de forma dramática, como uma condessa que recebe um pretendente.

— Por favor — disse ela, as palavras saindo de sua boca vermelho-rubi como melaço —, me chame de Desdêmona.

Um breve sorriso apareceu em seus lábios.

A resposta de David veio num jorro de balbucios, tolices e palavras sem sentido. Ele começou a esticar a mão na direção de Desdêmona, mas a mão de Lydia foi mais rápida. Com um olhar intenso, a mãe de Elsie apertou firmemente a mão da mulher.

— Prazer, Srta. Mudrak — cumprimentou Lydia, em voz alta. — Estamos aqui para abrigar nossas crianças. Voltaremos para buscá-las em duas semanas.

Qualquer leveza que tivesse aparecido no rosto de Desdêmona naquele momento desapareceu quando ela voltou sua atenção para a Sra. Mehlberg.

Ela soltou sua mão da de Lydia e lentamente se acomodou em sua cадeira.




— Entendi — falou ela. — Deixe-me encontrar o que está no computador. — Seu rosto foi novamente iluminado pelo brilho do monitor enquanto ela começava a apertar, sem pressa, as teclas direcionais do teclado. — Ah, sim — disse, finalmente. — Vejo aqui. Duas meninas. Elsie e Rachel.

Ela virou a cabeça de leve e lançou um olhar áspero para Elsie, que congelou.

— E você é...? — perguntou a mulher.

— Eu... eu sou Elsie.

— Muito prazer em conhecê-la. — Sem mover a cabeça, ela olhou para Rachel. — E essa?

Rachel apenas encarou a mulher através de seu cabelo, sem dizer nada. Ela manteve os braços cruzados sobre o peito de forma desafiadora. A

caveira de moicano em sua camiseta estava toda amarrotada.

Lydia interveio:

— Essa é Rachel — disse ela, franzindo a testa para a filha. — Ela pode ser muito rude de vez em quando.

A Srta. Mudrak sorriu, e uma longa fileira de dentes apareceu entre seus lábios pintados com batom. Eles eram quase perfeitos, Elsie observou, a não ser por um dente de ouro, o terceiro a partir do centro, que cintilava na luz do monitor do computador.

— Isso não é um problema — garantiu Desdêmona. — Estamos acostumados com essas coisas.

Deu para escutar quando Elsie engoliu em seco.

— Bem, *famille* Mehlverg — disse Desdêmona Mudrak, voltando a atenção para o computador e martelando as teclas com seus dedos. — Deixe-me ser a primeira a lhes dar as boas-vindas ao Lar Joffrey Unthank para Jovens Rebeldes. — Nesse momento ela bateu com uma unha pintada numa foto emoldurada sobre a mesa; um homem dentuço com um cavanhaque e cabelo ensebado sorria vestido com um suéter chamativo com estampa de losangos: o Sr. Unthank, supôs Elsie. — Fundado em 1985. Somos orfanato e academia reformatória de serviço completo, abrigando uma população de uma centena de excelentes crianças em variadas circunstâncias infelizes.

A mulher declamou esse discurso decorado com todo o entusiasmo de uma aeromoça veterana falando sobre as almofadas flutuantes das poltronas.

Enquanto Desdêmona continuava a falar sobre os detalhes administrativos do negócio, com as pálpebras em meio-mastro o tempo todo, a atenção de Elsie foi atraída pela decoração nas paredes do escritório. Ela sempre presumiu que poeira só poderia se juntar numa superfície horizontal, mas as paredes verdes esmaecidas do Lar Unthank provaram o contrário: uma fina camada de poeira cinza parecia quase servir como uma segunda demão de

tinta. A sujeira cobria uma grande coleção de cartazes que pareciam ser de filmes antigos, apesar de Elsie não ser capaz de compreender os títulos — eles todos eram escritos no que parecia ser uma língua alienígena. Belos protagonistas usando smoking e fumando cigarros se encostavam em parapeitos brancos nesses cartazes, compartilhando olhares profundos com mulheres altas e estonteantes. Num pôster desbotado, os lábios de um homem e de uma mulher estavam posicionados a centímetros de distância, seus olhos em chamas. Sobre a foto, num texto grande e chamativo, estavam escritos os seguintes símbolos marcianos: Ніч в Гавані. Observando com mais atenção, Elsie ficou chocada ao reconhecer a mulher no pôster como ninguém mais do que a própria Srta. Mudrak, apenas um pouco mais jovem. Perplexa, Elsie abaixou os olhos na direção da mulher atrás da mesa, ainda falando, e depois voltou ao pôster. A semelhança estava ali, mas o espírito se ausentara nos olhos da mulher. Elsie não conseguiu segurara pergunta:

— Aquela é você?

Derrubada de seu monólogo, Desdêmona olhou para a direção em que Elsie apontava e sorriu timidamente.

— Sim — respondeu ela —, sou eu. Filme antigo, *Uma noite em Havana*. Vocês o conhecem?

Ninguém falou.

Desdêmona franziu a testa e desfez o silêncio com um gesto de mão.

— É filme antigo da Ucrânia. Não é em inglês. Aquele é Sergei Goncharenko, grande ator ucraniano. Ele é motorista de táxi agora em San Francisco. — Ela suspirou por entre os lábios. — É como é a vida. Nós viemos para a América. É melhor, não? — Empurrou a cadeira para trás e se levantou de novo. — Venham, vamos conhecer instalações.

Saindo de trás da mesa, ela gesticulou para que a família a seguisse até o hall. Um longo corredor se esticava diante deles; paredes de estuque de gesso

eram pintadas com o mesmo verde-acinzentado do escritório. A tinta descascava em grandes bolhas perto do teto. E nas paredes dos dois lados havia muitas portas. Um menino jovem, da idade de Elsie, estava passando o esfregão no chão. Ele parou e olhou para eles, sorrindo timidamente.

— Esse é corredor central, essa é porta para refeitório, e essa, sala de convivência. — Ela empurrou cada uma das portas depois de sua descrição, embora as tenha fechado rápido demais para que os Mehlberg pudessem olhar por mais do que alguns segundos para os aposentos que elas escondiam. — Essa é despensa. Essa é para sala de jogos, esse é banheiro, esse é Edward. — O garoto com o esfregão sorriu novamente e acenou. — E essa é escada para dormitórios.

Aqui ela parou e se encostou à porta aberta, acenando para que a família seguisse. Ela estudou os Mehlberg enquanto eles passavam pelo vão e começavam a subir a escadaria.

— Srta. Mudrak — falou David, enquanto eles subiam —, o que é essa coisa de partes de máquinas industriais? Vi isso na placa do lado de fora.

— Negócio paralelo — disse Desdêmona.

David esperou por uma descrição mais detalhada, no entanto não veio nenhuma.

Eles chegaram ao topo de dois lances de escada, e Desdêmona abriu um par de portas para revelar um salão do tamanho de um ginásio, cheio de camas parecidas com macas, bem organizadas em quatro longas fileiras. Ninguém dormia nas camas; cada uma delas estava arrumada perfeitamente, os cobertores de lã esticados sobre os colchões finos. No fundo do salão um aquecedor fornecia o pouco calor do local.

— É aqui que vocês vão dormir — disse a guia turística da família.

Uma série de janelas altas e sujas deixava a luz cinzenta da tarde entrar no aposento.

— Onde estão as outras crianças? — perguntou Lydia.

Uma careta preocupada estava se desenvolvendo em seu rosto.

Desdêmona sorriu e passou o dedo ao longo da beira de uma das camas.

— Elas estão fora. — Ela se virou para David. — Agora, tudo de que preciso é do depósito e nos despediremos.

Rachel, quebrando o silêncio, se virou para os pais.

— Por favor, não façam isso.

Elsie nunca tinha visto sua irmã tão vulnerável antes. E mais: Rachel tinha empurrado os véus gêmeos de seu cabelo para os lados e os encarava bem nos olhos.

— Duas semanas, querida — consolou David, apesar de seu rosto deixar escapar sua preocupação. — Isso é tudo. E estaremos de volta para buscá-las.

Elsie sentiu o ímpeto de se manifestar. Sabia que não havia nada que eles pudessem fazer; seus pais tinham um voo naquela tarde. Voltou-se para sua irmã e sorriu.

— Duas semanas, Rach. Isso não é nada, não é mesmo?

Num momento de inspiração, ela apertou o botão da caixa de voz da Intrépida Tina, torcendo por um slogan pertinente. "NÃO SE ESQUEÇA DO BINÓCULO! VOCÊ NUNCA SABE QUANDO VERÁ VIDA SELVAGEM!" *Não fez muito sentido*, pensou Elsie. No entanto, ela notou que a expressão de preocupação havia deixado o rosto da irmã; Rachel agora olhava feio para Elsie, franzindo a testa com irritação. Isso, pelo menos, era um pequeno avanço.

— O que é essa coisa? — perguntou Desdêmona, baixando os olhos na direção da boneca na mão de Elsie. Era como se ela tivesse visto um rato morto. — Ela está sempre falando?

Elsie puxou Tina para perto de seu peito, num gesto protetor.

— Essa é a Intrépida Tina — explicou Lydia. — Você sabe, do programa de TV? — Quando a referência pareceu não ser captada, ela continuou: —



Elsie é realmente ligada à boneca... é uma espécie de cobertor de estimação para ela desde que tem 5 anos.

Um inconfundível olhar de desprezo se formava no rosto da Srta. Mudrak.

— Não é bom quando uma criança tem coisa que outras crianças desejarão. Não aconselhamos que crianças venham com brinquedos de casa.

Elsie sentiu a mão do pai massageando seu ombro; uma sensação de terror lhe subia pela espinha. Será que eles tentariam tirar Tina dela?

— Srta. Mudrak — perguntou David —, podemos fazer uma exceção, apenas dessa vez? Elas ficarão aqui por tão pouco tempo; não consigo imaginar que isso venha a ser um problema.

Silêncio. Desdêmona estava ruminando.

— Muito bem — respondeu ela, finalmente. Elsie soltou um suspiro aliviado. — Apenas dessa vez.

Um gesto do braço fino de Desdêmona indicou que a família devia sair do dormitório e descer a escada até o corredor no primeiro andar. O menino, Edward, ainda estava limpando o chão. Ele não parecia fazer muito progresso. Enquanto o grupo passava por ele a caminho da porta de entrada, Elsie o ouviu limpar a garganta. Ela parou e se virou para ver que ele segurava um pequeno pedaço de papel dobrado em sua mão.

— Com licença — disse ele a Elsie. — Acho que você deixou isso cair.

Elsie olhou para ver se mais alguém o tinha escutado; sua mãe e seu pai estavam perdidos na conversa com a Srta. Mudrak, analisando os detalhes do pagamento a ser feito. Rachel olhava fixamente para seus tênis Converse. Elsie se virou para o menino.

— Eu? — perguntou ela.

O menino acenou com a cabeça.

Estranho; ela não se lembrava de estar carregando aquilo. Sem saber o que fazer, esticou o braço timidamente e pegou o papel dos dedos do menino, bem na hora em que ouviu sua mãe chamá-la:

— Elsie! O que você está fazendo?

Elsie sorriu um obrigado confuso para o menino antes de colocar o papel no bolso de sua saia. Ela saiu saltitando para ficar junto à barra franzida do vestido de sua mãe, escutando a Srta. Mudrak dizer:

— E vou deixar que vocês façam as despedidas.

David se ajoelhou e segurou as duas filhas nos braços, puxando-as com força na direção de seus ombros. A voz era baixa, sufocada.

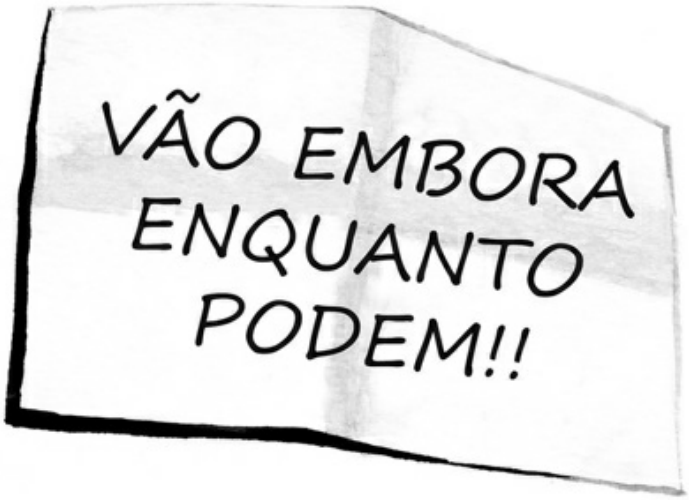
— Minhas meninas — disse ele. — Minhas meninas. Vamos encontrar seu irmão. Vamos encontrá-lo, se Deus quiser. E vamos trazê-lo de volta para podermos ser uma família novamente. Uma família inteira.

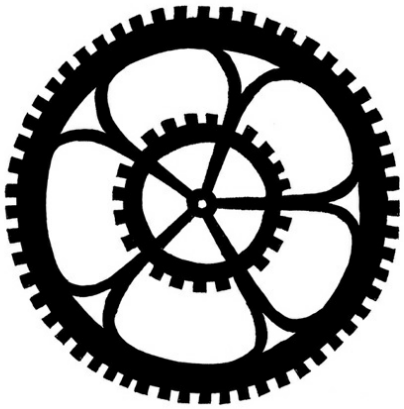
Rachel começou a chorar. Elsie ficou parada com o rosto afundado no veludo do blazer do pai, sentindo o cheiro almiscarado de sua loção pós-barba e se perguntando por que ela também não estava chorando. Ela sentiu as mãos de sua mãe em seus ombros. Lydia Mehlberg não falou nada, mas Elsie foi capaz de sentir que ela começava a soluçar; as convulsões enviavam pequenos espasmos por seus braços.

— Sejam boazinhas, meninas. — Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Então, David e Lydia começaram a se desembaraçar dos braços de suas filhas e a seguir na direção do carro. Rachel foi a mais difícil de abandonar; ela puxava desesperadamente o pai pelas roupas, tentando segurá-lo. E então eles tinham ido embora, o sedan preto da família esmagando o cascalho da estradinha que levava de volta aos corredores escuros e cobertos de neve da Zona Industrial. Elsie e Rachel ficaram paradas junto à escada que levava à

porta da frente do prédio, observando-os partir. A respiração das duas criava pequenas névoas sobre suas cabeças. Ao se lembrar, Elsie colocou a mão no bolso e tirou o pedaço de papel entregue pelo menino. Lentamente, ela o desdobrou e leu as palavras que estavam rabiscadas na superfície amarelada:





# CAPÍTULO 4

## *A História do Cabo*

— P^rue!^...

— PRUE!

Vento. O farfalhar das folhas.

— Prue McKeel! Você pode me ouvir?

Era uma voz de mulher, uma voz que Prue reconhecia, mas apenas vagamente. Era como ouvir o som de uma canção familiar em meio ao burburinho de um restaurante barulhento. A voz a fez pensar em segurança. E mitose. E patchouli.

Era a voz de Darla Thennis, sua professora de Ciências.

— Você está bem? — perguntou Darla, o rosto bloqueando o céu escuro.

Prue gemeu.

— Eu... eu acho que sim. — Foi o que conseguiu falar.

A professora ajudou Prue a se sentar no chão coberto de neve. As pernas de Prue tinham adormecido; sua calça, gelada e molhada, grudava-se firmemente às suas pernas. Ela imaginou que não estava caída ali há muito tempo; o dia não parecia ter progredido muito. Começou a juntar as peças dos acontecimentos que levaram ao seu desmaio: a caminhada até a ribanceira e, então, o barulho. Mas ela vira algo, não vira? Algo que a assustou. Aquilo voltou a ela numa imagem nítida: a raposa preta. E então os gritos e o chiado ensurdecedor. Prue virou o pescoço para olhar por cima do precipício da ribanceira e vasculhou o solo abaixo. A raposa tinha desaparecido. Ela olhou para a Srta. Thennis.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Prue.

— Eu perguntaria a você a mesma coisa — respondeu a professora, esfregando as mãos nuas. As pontas de suas unhas estavam sujas de lama. — Lugar interessante para caminhar. — Ela examinou o horizonte. — Apenas dando uma boa espiada na Floresta Impassável?

— Eu estava apenas dando uma volta — falou Prue. — E então eu... — Ela parou, sem ter certeza de quanto deveria revelar à professora. Ela não tinha mencionado nada sobre as vozes das plantas a ninguém. Tinha certeza de que seria vista como lunática. — E acabei ficando realmente tonta.

— Foi um dia difícil — disse a Srta. Thennis, levantando-se de sua posição agachada. Havia pedaços de grama morta grudados à sua saia e ela os limpou antes de oferecer a mão a Prue. — Venha, vou levar você para tomar um leite vaporizado. Você precisa se aquecer.

As duas seguiram para o café na Lombard e se sentaram frente a frente, nas cadeiras de uma mesa junto à janela frontal. A garçonete trouxe um cappuccino para Darla; o vapor de uma caneca de leite quente adoçado com mel aqueceu o ar em frente a Prue. Elas conversaram por um tempo sobre a

neve, os abomináveis invernos de Portland. Darla falou brevemente sobre sua infância para Prue, seu amor por livros e música, seu pai militar que estava sempre mudando a família de cidade. Falou sobre ser uma “hippie de verdade” no segundo grau e sobre como tinha seguido uma banda pelo país, vendendo bijuterias feitas de cânhamo no estacionamento, durante os shows.

— Você gosta de música? — perguntou Darla.

— Sim, gosto de algumas bandas. Sei lá. Sou meio nerd em relação a música. Tipo assim, tenho escutado recentemente muita música Cajun. Você conhece?

— Tipo música com acordeões?

— Sim — falou Prue, sentindo o rosto corar.

— Nossa, cara — disse Darla, tomando um gole de seu café. — Você é realmente nerd.

Elas compartilharam uma risada, que foi morrendo até se transformar num silêncio tranquilo. As duas olharam para o lado de fora da janela e observaram os carros passarem chiando pelo chão molhado. Um homem tinha dificuldades para abrir uma caixa de jornal. Prue virou a cabeça para observar sua professora do outro lado da mesa em silêncio; a mulher levantou a caneca até os lábios com uma graça quase inumana.

A verdade era que Prue havia muito mantinha suas aventuras na Floresta Impassável em segredo de seus conhecidos Forasteiros — somente uma ou outra vez falou daqueles momentos difíceis com a mãe e o pai, que tendiam a receber as menções sobre o local com uma expressão preocupada e entristecida. Todo o incidente apenas trazia aos dois lembranças de crianças perdidas e noites sem dormir. Mac acabou se tornando o seu melhor e único confidente, alguém que parecia escutar sem julgar enquanto ela se perguntava o que acontecia além daquele muro de madeira — e ele era suficientemente receptivo, balbuciando “Puuu!” toda vez que ela fazia uma pausa em seu

discurso. Muitas vezes passava pela cabeça de Prue que aquele era um peso tremendo para ela carregar; seu desejo era compartilhar o segredo com o mundo.

Como se estivesse lendo a mente de Prue, Darla abaixou sua caneca e fixou um imenso olhar confiável sobre sua companhia.

— Você alguma vez fica imaginando? — perguntou ela.

Prue sabia que ela estava falando da Floresta Impassável, embora achasse que era esquisito demais a forma como seus pensamentos combinavam.

— Imaginando o quê? — perguntou Prue.

— Sobre a Floresta Impassável. Como... o que há além dela?

— Acho que sim.

Prue podia sentir seus batimentos cardíacos se acelerarem.

— Logo depois de acabar o ensino médio eu andava com uma galera. Meus pais viviam em Hillsboro, e eu e meus amigos costumávamos ficar na beira da F.I. simplesmente... olhando. E a gente ficava imaginando. Exatamente como você estava fazendo, acho. Lá na ribanceira. Um antigo namorado meu, ele era um pouco doido, costumava jurar para todo mundo que ele tinha visto coisas nas árvores. Como animais... mas animais que andavam em pé. Ele inclusive falou que um deles tentou conversar com ele certa vez.

Ela balançou a mão em desdém, gesticulando sobre o estado mental do namorado.

Prue não conseguia mais aguentar.

— Posso lhe contar uma coisa? — perguntou a menina, finalmente.

Darla olhou para Prue com uma expressão confusa.

— Sim, claro.

— Isso vai parecer realmente esquisito, estou avisando.

— Tudo bem.

— E você é a primeira a escutar isso, além dos meus pais.

— É para isso que servem as professoras, Prue.

Ela respirou fundo.

— Eu entrei lá.

Os olhos de Darla se arregalaram.

— Na Floresta Impassável.

— Sério?

— Sim — confessou Prue. — E você não acreditaria no que aconteceu.

Prue sentiu um enorme peso sair de seus ombros.



Uma baforada de ar quente recebeu Curtis quando ele entrou no enorme salão e seus óculos imediatamente ficaram embaçados. Tropeçou alguns passos, sentindo o chão de pedra debaixo das botas, até pisar em algo macio.

— AI! — veio uma voz de debaixo dele. Era Septimus. — Olhe por onde anda!

— Sinto muito! — desculpou-se Curtis, arrancando os óculos do rosto.

Ele abriu seu casaco e começou a limpar as lentes com a barra da camisa. Sua visão estava intensamente borrada sem os óculos, mas mesmo assim podia ver que um fogo muito forte numa lareira central fornecia ao comprido salão calor e iluminação. Ele brilhava no centro do salão como um sol. Curtis podia distinguir silhuetas embaçadas de vultos em volta do fogo; elas começaram a se mover em sua direção. Ele posicionou os óculos limpos de volta sobre o nariz. O que viu o fez sorrir.

— Iphigenia! — disse ele, reconhecendo os vultos que se aproximavam. — Nobre Raposa!

— Olá, Curtis — cumprimentou a raposa, com um palito de dente

pendurado de forma marota entre seus dentes.

Ele esticou uma pata vermelha, e Curtis a apertou alegremente.

Iphigenia observou o cumprimento e, quando Curtis se virou para ela, o segurou pelos ombros. Seu cabelo grisalho estava pendurado como palha e batia contra a trama áspera do robe de tecido rústico. Seus olhos, verde-mosqueados e profundos, o avaliaram rapidamente.

— Posso dizer que você cresceu um bocado desde a última vez que o vi, Bandido Curtis — disse ela. — Mas como pode ser?

Ele sentiu um forte tapa em suas costas; Brendan estava parado atrás dele, sorrindo.

— Isso é o que alguns meses do rigoroso treinamento dos bandidos fazem com um rapaz.

— Bem-vindo à nossa província, Bandido Rei — falou Iphigenia, os olhos ainda investigando Curtis.

Quando pareceu satisfeita, ela se virou para Brendan e se curvou.

— Hrrmph — falou Sterling Raposa de forma rude. — Se meu avô Chester tivesse vivido para presenciar esse dia; Bandidos do Bosque Selvagem na Floresta do Norte.

O fio mais fino de um sorriso se abriu em seu rosto.

— Certamente! — exclamou Brendan, com as mãos na cintura. Ele fez questão de investigar o interior do longo salão. — Espero que você tenha feito uma avaliação cuidadosa de todos os itens de valor que vocês têm guardados. Não tenho intenção de roubar todas as suas coisas, mas não poso falar por meu camarada aqui. — Ele cutucou Curtis de forma descontraída. — Um ás na arte de bater carteiras, esse rapaz. Poderia roubar o piercing do lábio da concubina de um sultão!

— Ele está de brincadeira — explicou Curtis, envergonhado. — Não levaremos nada. — Fez uma pausa, então se corrigiu: — Mas, é verdade, eu

me tornei muito bom nisso.

— Muito impressionante, meu jovem — disse Iphigenia. — Você aceitou o estilo de vida dos bandidos com gosto.

— Ainda precisa de ajuda com sua equitação, suponho.

Esse era o Corujão Rei, passando uma enorme asa sobre os ombros de Curtis.

— Como você sabe disso? — perguntou Curtis, envergonhado.

— Temos olhos — disse o Corujão. — Somos criaturas do ar, afinal de contas.

Brendan olhou para o recruta com orgulho.

— Ele vai chegar lá, não tenho dúvida disso.

— Mas venham! — falou Iphigenia, segurando a mão de Curtis. — Para a lareira. Temos muito sobre o que conversar e muito pouco tempo para isso.

Havia uma nova tristeza em seus olhos, Curtis não pôde evitar perceber; ela parecia ter envelhecido muito desde a última vez que ele a vira. Seus dedos pareciam galhos frágeis contra sua mão; parecia que eles se desfariam em cinzas com a menor pressão.

Iphigenia percebeu sua preocupação.

— Racionamento, meu jovem — disse ela tristemente. — Cobra seu preço a velhos ossos. — Ela gesticulou com a mão magra para mostrar o salão que os cercava. — *Esse é o inverno de nosso descontentamento*. Acredito que um de seus poetas Forasteiros escreveu o verso. Tempos difíceis se abatem sobre o Bosque do Norte. E não estamos sozinhos em nosso sofrimento.

— Foi isso o que a garça, Maude, disse. Ela também disse que Prue estava em perigo. O que está acontecendo? — perguntou Curtis, a curiosidade tomando conta dele.

O rosto enrugado de Iphigenia se contraiu.

— É verdade — murmurou ela. — Essa é uma preocupação capital. Mas é

um sintoma de um problema muito maior.

O grupo caminhou na direção do calor do fogo no centro do cômodo, uma lareira circular de pedra, cercada por uma série de bancos baixos. O brilho quente das chamas criava sombras bruxuleantes no salão escurecido, e Curtis podia ver vultos fantasmagóricos pairando logo além do alcance da luz.

— O que é esse local? — perguntou Curtis, enquanto sentia a asa do Corujão guiá-lo até um dos bancos.

Um dos vultos sombrios se aproximou de seu campo de visão, carregando um copo e uma jarra de água. Era um menino jovem e usava uma túnica semelhante à de Iphigenia. Ele entregou o copo a Curtis em silêncio e o encheu com o líquido transparente.

— O Salão Nobre do Norte — respondeu o Corujão Rei, encontrando seu assento do outro lado da lareira, em frente a Curtis. — Na época do meu avô, era um ponto de encontro para habitantes do Bosque de todas as províncias que desejassem compartilhar ideias fora do alcance dos muitos ouvidos e olhos da Mansão.

— E é o que deve ser mais uma vez — disse Iphigenia, gesticulando para outro assistente de túnica que tinha os braços cheios de lenha cortada, mandando-o na direção da lareira.

Seguindo ordens da Mística Anciã, o assistente jogou a lenha no fogo e as chamas cresceram, lambendo o grande exaustor de cobre suspenso nas vigas de madeira do salão. A explosão de luz revelou o verdadeiro tamanho do espaço, seus cantos muito distantes da área central da lareira. O teto em arco se elevava sobre os ocupantes do prédio que andavam de um lado para o outro, e Curtis foi capaz de ver o movimento ligeiro de algumas andorinhas mergulhando e girando entre os caibros.

— Todos presentes? — perguntou Sterling, olhando para os vultos reunidos enquanto eles murmuravam aprovação e encontravam seus lugares

nos bancos de madeira. Curtis contou aqueles que tinham se aproximado: ele, Brendan, o Corujão, Iphigenia e Sterling, todos estavam sentados equidistantes um do outro, visíveis entre si sobre as curvas das chamas da lareira. Havia apenas uma figura que Curtis não reconheceu; ele havia se juntado ao círculo por último, emergindo da escuridão como um fantasma saindo do vazio. Era um lobo cinzento e usava as cores da Guarda do Bosque do Sul: uma elegante farda cáqui feita com malha de lã bem-cortada e botões de bronze, com uma faixa presa ao ombro exibindo as três cores da Reformação do Bosque do Sul: verde, dourado e preto. O lobo usava duas insígnias no ombro esquerdo, o que parecia indicar uma patente elevada e, na lapela direita, por mais esquisito que parecesse, ele tinha prendido um broche que aparentava ser uma pequena roda dentada de uma bicicleta. Um tapa-olho preto reduzia a quantidade de olhos úteis do lobo a um, e sua orelha esquerda parecia ter sido parcialmente arrancada.

Iphigenia falou:

— Meus amigos, esses são tempos temerosos. Tempos realmente temerosos. O inverno se apoderou de nosso país pobre e sitiado, e se recusa a ir embora. Mesmo agora, enquanto falamos, os bons filhos do Bosque do Norte fazem fila para receber suas rações, e têm guardado qualquer pequena quantidade de comida que puderem em seus estoques para a pior das emergências. Durante meu tempo como Mística Anciã, e até mesmo desde que era uma Filhote, não presenciei uma época de tanto desespero.

Curtis olhou para as figuras presentes. O Corujão balançou a cabeça gravemente enquanto Sterling Raposa deu um longo e pensativo trago em seu cachimbo de barro. O estranho lobo mirava silenciosamente o brilho do fogo.

— O que podemos culpar? — continuou a Mística Anciã. — Falei com a árvore e ainda não tenho uma resposta satisfatória. Certamente o inverno é implacável em sua crueldade. Mas sinto que eu seria descuidada se não

revelasse minhas suspeitas: há uma doença na terra mais grave do que os caprichos do clima. A agitação no Bosque do Sul é um veneno para todos nós. E ela deve ser arrancada de suas raízes.

— Agitação? — repetiu Curtis, surpreso. — E quanto à revolução? Ela não deveria ter consertado tudo?

O lobo misterioso deu uma risada fraca ao ouvir esse comentário. Os olhos de todos se voltaram para a figura junto ao fogo.

— Curtis, Brendan — falou Iphigenia —, este é o Cabo Donalbain. Ele arriscou sua vida para estar aqui; tenho certeza de que vocês acharão o que ele tem a dizer muito interessante.

O cabo bufou uma saudação e deu um longo trago final num cachimbo de madeira preso entre seus dentes. Tufos de fumaça saíram pelo focinho cinzento enquanto ele batia com o cachimbo em sua pata para tirar as cinzas ali de dentro e espalhá-las no chão.

— Como estão todos? — perguntou ele. Sua voz parecia um ancinho de metal sendo arrastado contra pequenas pedras soltas. — Podem me chamar de Jack.

Ele inclinou o corpo para a frente e posicionou o cachimbo na beira da lareira.

— O Cabo Donalbain veio diretamente do Bosque do Sul — explicou Iphigenia. — Ele viajou todos esses quilômetros em segredo e a pé. Seus comandantes não sabem que ele está aqui; ele colocou sua patente... na verdade, sua própria vida... em risco para nos trazer essa informação. Sua consciência o impeliu a fazê-lo.

— Esse é o garoto? — perguntou Jack, apontando o focinho para Curtis. — Você é amigo da menina... da menina mestiça. Prue?

— Sim — disse Curtis, sentindo que se movia para a frente no assento. — Ela está bem?

O lobo ficou em silêncio por um momento antes de falar:

— Ela estará morta antes de anoitecer. Disso eu não tenho nenhuma dúvida. — Ele investigou o círculo de ouvintes presentes. — Eles mandaram um assassino.

Curtis sentiu todos os músculos em seu corpo se contraindo num solavanco rápido. A boca ficou completamente seca. Brendan, sentado à sua esquerda, rosnou de forma irritada.

— Quem faria uma coisa dessas? — perguntou Brendan. — E achei que vocês do Bosque do Sul a considerassem uma espécie de heroína... a Donzela da Bicicleta ou alguma baboseira dessas. Não foi ela, com esse rapaz aqui, que lhes trouxe sua maravilhosa revolução? — A ira crescia em sua voz. — E não fomos nós, os Irregulares, que tivemos nossa carne rasgada e nosso sangue derramado por sua preciosa segurança enquanto vocês estavam jogando aquelas aves na prisão sem nenhum motivo? E é assim que vocês decidem seguir adiante?

Na sua raiva, ele tinha quase virado seu banco. Ele se equilibrou na beira da lareira de pedra.

— Calma, Bandido Rei — falou o Corujão Rei de forma reconfortante. — Seus sacrifícios não foram esquecidos. — Ele acenou com uma das asas na direção do cabo, que estava ouvindo, sem muito interesse, o discurso inflamado de Brendan. — Ele é um amigo. O bom cabo é um aliado. — Quando o aposento ficou em silêncio, o Corujão continuou: — Por favor, Cabo Donalbain, diga aos nossos amigos bandidos quem são “eles”.

— Bem, essa é a parte complicada, não é mesmo? — falou o lobo de forma seca. — Não há como dizer quem é o grupo responsável, na verdade. Quero dizer, tenho uma ideia bem clara, mas não há como provar. Eles são muito habilidosos em passar a culpa adiante, isso com certeza. Desde a Emergência.

Curtis umedeceu os lábios e falou:

— A Emergência? O que é isso?

— Eu falei de veneno — interrompeu Iphigenia. — Esse é o veneno.

— É o que restou do governo do Bosque do Sul, desde que vocês todos nos deixaram por nossa própria conta — continuou o lobo. — Apesar de a maioria das pessoas não a chamar dessa forma; seria subversivo, eles dizem. Mas eu? Eu a chamo do que vejo. E é uma descrição perfeita da zona que é aquela província, um dia tão boa quanto qualquer outra.

— O que aconteceu? — perguntou Brendan, voltando ao assento.

— Nada. Foi exatamente isso o que aconteceu — respondeu Jack. — Uma quantidade enorme de nada. Um monte de pessoas exigindo reparações, e ninguém querendo assumir a culpa. Assim que os trabalhadores se cansaram daquela coisa romântica, o tal Golpe da Bicicleta, eles começaram a perceber que não havia nenhum governo para cuidar deles.

— Mas e quanto ao governo interino? — perguntou Curtis, lembrando-se da escritura que ele mesmo tinha assinado, junto de muitas das pessoas que estavam presentes ao redor da fogueira, e que tinha estabelecido a estrutura temporária do governo.

— Ainda está lá, direitinho — disse o lobo —, apenas se tornando mais parecido com uma congregação de cobras a cada dia que passa. Quase imediatamente, depois que o Corujão Príncipe, o Bandido Rei e a Mística Anciã foram embora... — Aqui ele olhou para cada um deles nos olhos, entoando seus nomes como se fossem apenas palavras de um livro de contos. — As pessoas do governo começaram a fazer o que elas sabem fazer melhor: trair e subornar. De repente, fulaninho não é tão patriótico quanto era antes, de acordo com pessoas de dentro da Mansão. Então esse fulaninho rebate dizendo que pelo menos não era ele que estava recebendo propinas naqueles carregamentos de cerveja de papoula ou o que mais fosse. O que convida

outro fulaninho a maldizer todo mundo e trazer toda a atenção para si mesmo. De repente, você tem um “governo interino” que não está tão preocupado em cuidar das coisas quanto em se assegurar de que não está na berlinda. As coisas esquentam; de repente fulaninho não é apenas desleal à pátria, de acordo com seus inimigos, mas é um colaborador do Antigo Regime, e talvez ele não tenha feito um trabalho tão bom subornando e... bum... ele está na prisão. Então a prisão está ficando bastante cheia, como vocês podem esperar. E, repentinamente, há um novo “sentimento patriótico” na província, e todos estão tentando ser mais patriotas do que o próximo, e as pessoas começam a ficar com os olhos embaçados em relação ao “legado do Golpe” ou qualquer bobagem dessas. E agora todos devemos usar a faixa da revolução, e todos ficamos presos a esses distintivos. — Ele leva uma garra até o broche de roda dentada em seu peito. — Para nos lembrarmos do Grande Golpe da Bicicleta e de todo o bem que ele trouxe às pessoas. Mas isso não é decretado nem nada. Não, não. Ninguém diz a ninguém o que fazer, certo? Porque é a Nova Sociedade, não é mesmo? Somos todos livres agora. — O lobo riu um pouco para si mesmo e colocou a pata sobre o peito numa saudação severa. — Mas, se você não estiver andando por aí com um desses broches, bem, “o cidadão Donalbain é um Svikista e um contrarrevolucionário!”.

“Então mantenho minha cabeça baixa e faço o que me mandam e uso a faixa e o distintivo e canto *A tomada da prisão* e *Le vélo rouge* quando todos os outros estão cantando, mesmo quando estou de saco cheio dessas malditas músicas açucaradas. E eu fico numa boa, não fico? Mas agora: com a lei toda incerta e tudo mais, há desordeiros à solta e não é tão seguro andar pelas ruas à noite. — O lobo tossiu em sua pata; ele olhou para Iphigenia com uma expressão suplicante. — Não imagino que eu possa importuná-la pedindo outra caneca daquela maravilhosa cerveja de papoula do Bosque do Norte, ou

posso? Toda essa falação dá uma baita sede.”

A Mística Anciã balançou a cabeça e chamou um dos assistentes que andavam de um lado para o outro. O cabo recebeu uma grande caneca de líquido espumoso, que ele atacou, sedento, antes de continuar:

— Mas essa não é a pior parte. Que nada, nem de longe. Então essa prisão, vocês sabem: aquela da canção? Aquela que invadimos para libertar todas aquelas aves cidadãs aprisionadas injustamente? Bem, ela está se enchendo novamente, não está? Mas isso não é problema, porque todas as delações e traições chegaram a tal ponto que os verdadeiros detratores, os verdadeiros colaboradores e Svikistas, bem... eles estão simplesmente: *skkkkrrrk* — Ele produziu um som cortante com o fundo de sua garganta enquanto passava uma garra em seu pescoço. — Isso torna as coisas terrivelmente organizadas, não é mesmo?

“Mas o pior de tudo... oh, meus deuses, o pior de tudo... é o Synod. — Depois de dizer essas palavras, o lobo tomou um longo gole de sua caneca de cerveja, como se quisesse acalmar os nervos. — O conselho dos Califas, fanáticos religiosos deixados de lado durante o domínio da dinastia Svik em favor de uma sociedade mais laica, está agora de volta com toda força.”

Curtis espiou Iphigenia e percebeu que um olhar muito preocupado tinha surgido em seu rosto.

O lobo continuou:

— De repente, em todo lugar que você estava, via aqueles palhaços encapuzados nas esquinas, balançando suas pequenas sinetas e lendo seus panfletos sobre santuário e salvação, e, quando as pessoas não têm comida em suas despensas, bem, esses panfletos e todas as suas promessas milagrosas parecem terrivelmente atraentes. Então a congregação está crescendo na Árvore Seca e você tem os próprios Synod, todos encapuzados e mascarados como sempre em seus robes escuros, andando pelas ruas do

Bosque do Sul, batendo em seus gongos e sacudindo seus incensos, e todos saem e escutam o que eles têm a dizer. E, antes que você se dê conta, e eu juro que isso é verdade, pois vi com meus próprios olhos, alguns dos Califas estão vagando pelos salões da própria Mansão Pittock, cumprimentando os políticos e tendo reuniões a portas fechadas com os comissários e conselheiros e quem mais for.

Curtis ouviu um gemido; ele veio de Brendan, que agora estava com a cabeça entre as mãos.

— A influência deles está crescendo — disse Iphigenia solenemente. — Sabíamos que isso aconteceria há algum tempo. A Árvore do Conselho nos avisou. Esse veneno funciona na raiz da planta, meus amigos. Se ela não for cortada, nossas circunstâncias atuais só vão piorar.

— Mas e quanto a Prue? — perguntou Curtis. — Quem enviou o assassino? Os Califas?

O lobo virou a cerveja restante e colocou a caneca vazia sobre a beira da lareira, fazendo barulho. Ele lambeu os beiços para limpar a espuma.

— Poderia ser, poderia ser — disse ele. — Embora seja tão provável quanto alguma facção da Mansão... um verdadeiro Svikista do Antigo Regime. Eles ainda têm uma ponta de poder, embora sejam obrigados a tramar em segredo.

— Como você conseguiu essa informação, então? — perguntou Brendan, com o queixo repousando em suas mãos.

— Como eu disse: criei uma boa reputação para mim mesmo. Mantive minha cabeça intacta. — Uma garra negra bateu três vezes em sua têmpora. — Mantive a cabeça baixa. Arrumei um emprego no serviço de inteligência. Carimbando papéis. Um trabalho burocrático normal, não é mesmo? E qual é o problema se vejo algumas resmas de papel passando que poderiam condenar um homem à prisão ou à morte? Estou cuidando de mim mesmo.

De todo modo, eles têm esses Intuidores trabalhando na Mansão, pessoas que tem a capacidade de ouvir como o povo do Bosque do Norte... vocês sabem, que podem ouvir plantas e coisas assim... e eles ficam apenas sentados no jardim o dia inteiro, escutando o bate-papo entre as folhas e árvores para conseguir informações. E eles informam o meu escritório sobre o que ouviram. Bem, vem de um deles, um Intuidor terrivelmente bom esse, que estão falando de um assassino, uma Kitsune, ainda por cima, que está sendo enviada para matar a Donzela da Bicicleta. Parece algo muito sério, não é mesmo? Quero dizer, ela é a heroína da revolução! Mas logo que informo isso aos meus superiores, eles dão o carimbo de confidencial àquela informação e a jogam numa caixa arquivada para mofar nas profundezas mais profundas do porão da Mansão.

— Mas por quê? — perguntou Curtis.

— Não faço ideia — respondeu o lobo. — E não tenho muito tempo para pensar nisso; as coisas começaram a ficar tensas no escritório, e, de repente, vejo outro relatório dos Intuidores dizendo algo sobre limpar o escritório de inteligência, e percebo que aquilo é sobre mim; que eles vão se livrar de qualquer um que tenha visto aquela informação sobre a Donzela da Bicicleta. É o que suponho, pelo menos, então termino o meu trabalho da tarde, digo que vou sair rapidamente para comer alguma coisa e vou embora de lá, fugindo para o norte o mais rápido que minhas patas conseguem me carregar. Vocês não acreditariam na minha sensação de alívio quando consegui cruzar o Muro do Norte e chegar ao Bosque Selvagem. Um alívio profundo por estar fora daquele esgoto.

O cabo esticou o braço para pegar sua caneca novamente, se esquecendo de que a tinha esvaziado, e tentou dar um longo gole. Ele olhou avidamente para a caneca de estanho vazia e ofereceu um sorriso suplicante a Iphigenia.

— Na hora adequada, Cabo. — Foi a resposta dela.

O Corujão Rei se manifestou:

— Você foi descoberto? A Mansão sabe que você foi embora com essa informação?

O lobo deu de ombros.

— Não sei. Consegui passar pelo portão sem muito alarde. Fui atacado uma noite no Bosque Selvagem, perto do Arvoredo dos Anciãos. Alguns coiotes. Fizeram isso comigo. — Ele apontou para a orelha rasgada. — Mas fora isso, quem sabe?

— Não é seguro você voltar — argumentou Iphigenia. — Você deve permanecer aqui. Escondido. — Ela olhou para o círculo reunido e concluiu: — Assim como todos nós. Somos os rostos do Golpe da Bicicleta para o povo do Bosque do Sul. Se eles, quem quer que "eles" sejam, pretendem ir atrás de Prue, é provável que virão atrás de todos nós.

— E quanto a Prue? — perguntou Sterling.

— Precisamos levá-la a um local seguro — respondeu o Corujão. — E rápido.

— Onde é seguro? — instou a raposa.

O Corujão Rei olhou para Curtis e Brendan.

— No reduto mais afastado da província mais selvagem. No acampamento recém-fundado dos Bandidos do Bosque Selvagem, nas brechas mais profundas da Longa Fenda. Se vocês a aceitarem.

— Claro! — gritou Curtis. — Ela deveria ficar no esconderijo!

Apesar de a perspectiva de Prue ser caçada por um assassino vingativo o estar deixando nauseado, Curtis foi capaz de sentir um choque de animação correr por seu corpo: ele veria sua amiga novamente!

— Espere um pouco, moleque — interrompeu Brendan, antes de se virar para Iphigenia. — Como você sabe onde fica o acampamento?

— Não existe nenhum segredo para os Místicos do Bosque do Norte —

respondeu a velha mulher. Ela acrescentou: — Embora vocês possam estar fora do alcance dos Intuidores, a árvore sabe de tudo. É importante, no caso de vocês aceitarem a menina, que saibamos onde ela está escondida. Somos todos irmãos aqui.

Brendan pareceu assimilar essa informação com um tanto de resignação.

— Falando de irmãos — disse ele —, não faz sentido colocar tudo nas costas dos bandidos; eles não podem se manifestar sobre isso. Ela seria uma fugitiva perigosa. Estaríamos colocando todo o acampamento em risco.

— Ela não tem mais aonde ir — alegou Iphigenia, em voz baixa.

Um silêncio tomou conta do salão. O fogo crepitava ruidosamente. Brendan sentia os olhos dos demais sobre ele.

— Muito bem — disse ele finalmente, relutante. — Vamos aceitá-la. Os deuses sabem que ela salvou minha vida uma vez; é o mínimo que podemos fazer para retribuir. — Então balançou um dedo para a Mística Anciã. — Mas se aquela Katchoony farejar nosso acampamento e se aproximar de nós...

— Kitsune — corrigiu o Corujão.

— Tanto faz. Mas se ela se aproximar... vai ser a vez de um de vocês receber a “Donzela”. Combinado?

A Mística Anciã e o Corujão Rei balançaram a cabeça em sincronia. Curtis se inclinou para a frente, voltando-se para o Cabo Donalbain, que agora parecia prestes a cochilar em sua cadeira.

— Jack — disse ele —, o que é uma Kitsune, afinal?

— Hein? — perguntou o lobo, claramente tendo sido despertado de um estupor nascente. — Uma Kitsune? Bem, é uma criatura dos Arvoredos do Santuário na beira do Bosque. Um transmorfo.

— Transmorfo? O que você quer dizer?

— Algumas pessoas dizem que é uma aberração antiga na Magia do Bosque. Alguns dizem que são semideuses. Mas de toda forma: uma Kitsune

é uma raposa preta — respondeu o lobo. — Com a habilidade muito incrível de se transformar, quando quiser, numa forma humana. A coisa mais amaldiçoada. Mais amaldiçoada.

E com isso as palavras do lobo perderam a força, seu focinho repousou sobre o tecido de sua farda, e ele caiu num sono profundo.



# CAPÍTULO 5

## *Chega o Assassino*

Uma barista de cabelos trançados se desculpou enquanto esticava o braço sobre a cabeça da Srta. Thennis e puxava o cordão que desligava o letreiro luminoso de ABERTO na janela frontal do café. Ele bruxuleou algumas vezes antes de se apagar, e Prue olhou para a garota com uma expressão culpada.

— Desculpe — pediu ela. — Vamos sair do seu caminho agora.

A barista sorriu e balançou a mão.

— Que nada — falou ela. — Não se preocupe com isso. Parece que vocês estão tendo uma conversa séria. Tenho muita coisa para limpar, de qualquer forma. Não tenham pressa.

Do lado de fora, na avenida escura, um sinal de trânsito vermelho mudou para verde, e os carros passavam, o brilho dos faróis reluzindo na janela. A

última luz fraca estava rapidamente desaparecendo atrás da parede de árvores logo além do barranco do rio. Prue olhou para o relógio na parede sobre o balcão do café: eram 17h30.

— Fale logo — disse Prue. — Tenho realmente que ir para casa.

A Srta. Thennis estava sentada debaixo da cabeça empalhada de um alce. Prue não notara aquilo até aquele momento.

— Sim — falou a Srta. Thennis, atordoada. — Sim.

Ela não havia tocado em seu cappuccino; a espuma do leite tinha começado a parecer aquela neve artificial de árvores de natal.

Prue esperou sua professora dizer alguma outra coisa, mas nada veio.

— Sinto muito por, tipo assim, sobrecarregá-la com tudo isso. Sei que parece muita loucura.

— Sim — repetiu a professora. Ela balançou a cabeça um pouco e esfregou o queixo com um dedo. Uma pulseira feita de pequenas contas de madeira chacoalhava em seu pulso. — Então, mais uma vez: Curtis. Seu amigo. Aquele que desapareceu. Ele ainda está lá.

— Sim — disse Prue.

— Com um bando de bandidos.

— Sim. Quero dizer, ele também é um bandido agora.

— Aham — respondeu a Srta. Thennis. — Tudo bem. E quanto aos pais dele?

— Eles não sabem.

A Srta. Thennis pareceu empalidecer.

— Certo.

— Você jurou que manteria segredo, Srta. Thennis — lembrou Prue à sua professora.

Darla se contorceu em sua cadeira.

— Sim, bem, eu não sabia que sua história envolveria uma criança

desaparecida. — Uma pausa. — Então Curtis está simplesmente lá? No acampamento dos bandidos?

— Sim. Totalmente em segurança. Eu poderia até ir mais longe e dizer que ele provavelmente está superfeliz lá.

— E onde é esse lugar? Tipo, onde é o acampamento?

— Não importa — respondeu Prue, passando uma unha em um pouco de espuma de leite na borda da caneca. — Como eu disse: você não seria capaz de entrar lá de qualquer forma.

— Certo. Barreira mágica.

— Aham.

— Mas ele está em segurança? — A Srta. Thennis inclinou o corpo para a frente em sua cadeira. — E esse tal Bandido Rei, esse Brendan... ele também está no esconderijo?

— Sim... é lá que ele mora.

— Bem, posso lhe dizer que definitivamente vou ter que deixar tudo isso, bem, assentar por um tempo. Na minha mente. — Ela recostou na parede e passou as mãos no tecido leve da saia com padrão floral.

O silêncio do ambiente era perturbado apenas pelos sons da barista e seus malabarismos com jarras e canecas.

— Claro — concordou Prue. — Escute: eu sei que é muito para assimilar, mas nem sei como dizer como é bom ter alguém além dos meus pais com quem conversar essas coisas. Isso está me deixando louca.

Darla se permitiu um sorriso.

— É um prazer. Mas você tem que ir embora, não é mesmo? Quer que eu a acompanhe até sua casa?

— Sim, obrigada.

Elas caminharam em silêncio pelas calçadas molhadas, os ombros curvados para protegê-las do frio. A torrente de palavras e emoções que

realmente transbordara de dentro de Prue no café a tinha assustado; como uma sobremesa extremamente calórica que você devora sem pensar duas vezes, o arrependimento chegando apenas depois de a última colherada ser consumida, Prue estava agora se perguntando se confessar sua aventura selvagem na Floresta Impassável havia realmente sido a melhor ideia. Sem virar a cabeça, ela olhou para o lado na direção de Darla, que caminhava perdida em seus próprios pensamentos, e se contorceu por dentro. O que aconteceria agora? Será que Darla respeitaria o desejo de Prue de manter essa revelação para si mesma? Será que ela contaria à polícia? Ou aos pais de Curtis? Seu nariz ardeu no vento gélido, e ela levantou ainda mais o cachecol em seu rosto. Talvez isso fosse o melhor, afinal de contas. Talvez fosse Prue que estivesse errada ali, por não contar aos Mehlberg e deixá-los entrar em desespero por causa da perda do filho.

Curtis. O que Prue tinha causado a ele? Que tipo de vida selvagem entre os bandidos ele estaria levando? Será que eles seriam suficientemente como pais para um garoto? Será que Brendan era realmente a figura paterna para um garoto...

De repente, algo passou pela cabeça de Prue. Aquilo se revelou como a resposta para um quebra-cabeça que se contempla por horas sem a mais óbvia solução ser vista. E aquilo fez sua espinha gelar.

— Ei. Darla.

— Sim?

— Quando estávamos conversando antes, lá no café, você disse o nome dele.

— O nome de quem?

— De Brendan. Do Bandido Rei.

— Aham. Então? Não é esse o nome dele?

Prue enfiou as mãos mais fundo nos bolsos do sobretudo.

— Sim, mas...

— Mas o quê?

— Eu não me lembro de ter dito o nome dele. Antes.

Silêncio. Um carro passou. O som abafado de um baixo sincopado reverberava de dentro dele.

— Você deve ter contado — rebateu Darla Thennis.

— Não acho que contei.

Darla riu um pouco.

— Oh, Prue. Você passou por muita coisa. Você está simplesmente confusa. É totalmente compreensível. Aqui, essa não é a sua casa?

A varanda familiar se aproximava na calçada adiante.

— Sim — disse Prue. — Talvez você tenha razão. Talvez eu precise apenas relaxar ou algo assim. — Ela olhou nos olhos de Darla, negros e vazios no escuro sem postes de luz, e esticou a mão. — Obrigada — falou. — Obrigada por escutar.

Darla, segurando com as duas mãos, apertando firme, disse:

— Não há de quê. Até amanhã.

Soltando sua mão, Prue subiu os degraus até a porta da frente. A luz da sala de estar se derramava de dentro de casa para o jardim, e uma trama de luzes de natal remanescente piscava no corrimão da pequena escada. Prue sentia uma aflição enquanto subia; chegando à porta de casa, ela parou ao encostar na maçaneta e se virou. A Srta. Thennis ainda estava parada na calçada, o rosto escondido na forte escuridão. O vulto acenou. Prue acenou de volta e entrou na casa.

Qualquer inquietação que ela estivesse sentindo desapareceu imediatamente quando ela chegou ao hall de entrada da casa da família. Aquela sensação foi substituída por um aroma tão pungente e dominador que parecia afugentar todos os outros pensamentos de sua mente. Picles. Ela

torceu o nariz e gritou:

— O que é isso?

Seu pai apareceu, vindo da cozinha, vestindo longas luvas de borracha e segurando o que parecia ser uma massa musguenta de coisas verdes.

— Ah, oi, querida — cumprimentou ele.

Ele rapidamente voltou à cozinha. Prue pendurou seu sobretudo, tirou as galochas e seguiu o pai.

— Que cheiro é esse? — perguntou ela.

Na cozinha, a mãe e o pai encaravam fixamente uma grande panela marrom no meio do chão de cortiça.

— Picles — explicou a mãe. — Picles esquecido.

O pai sorriu de forma encabulada.

— Você se lembra daqueles pepinos que compramos no mercado do produtor no fim de setembro? Eu meio que me esqueci deles. Agora ou eles são o melhor picles conhecido pelo homem, ou são totalmente venenosos. — Ele segurava a massa verde esquisita em sua mão enluvada. — Quer provar?

— Blergh! — exclamou Prue. — Quando podemos desinfetar essa cozinha?

— Imediatamente — respondeu a mãe, segurando o pote e jogando o que tinha restado dele no triturador da pia. O pai parecia desanimado.

— Adeus, picles mágico — disse ele, melancolicamente.

— Me deixe ajudar — ofereceu Prue, esticando o braço debaixo da pia para pegar o spray de água de limão.

Ela começou a borrifar pela cozinha.

— Como foi sua caminhada? — perguntou o pai, enquanto tirava as luvas de borracha das mãos.

— Boa — respondeu ela. — Legal. Estranha.

— Por que estranha?

Essa era a mãe, limpando o balcão que ainda tinha um pouco do líquido azedo da panela de picles.

— Encontrei a Srta. Thennis. Darla.

— Sério? Isso é engraçado; ela foi embora logo depois que você saiu. Ela disse que tinha que voltar à escola.

A ribanceira não estava no caminho da escola; isso era esquisito.

— Sim, encontrei com ela, e ela me levou para tomar um café com leite — disse Prue.

Ela não mencionou que tinha desmaiado; aquilo parecia muito para revelar. E exigiria mencionar os gritos dos arbustos, o que seria simplesmente esquisito.

— Ela pareceu ser uma professora muito bacana — disse a mãe. — Ela é nova no semestre?

— Sim — respondeu Prue, olhando fixamente para o picles encaroçado que o pai tinha deixado no balcão. — De Eugene, eu acho.

— Bem, está explicado — disse a mãe.

— Então, o que aconteceu com a Sra. Estevez? — perguntou o pai.

— Sei lá. Se aposentou. Motivos de saúde. Alguém disse que nós todos a levamos à loucura.

O pai fez uma careta.

— Ah.

Prue se virou e começou a subir a escada.

— Bom, estarei no meu quarto. Me avisem quando o jantar estiver pronto.

— Não vai demorar! — gritou a mãe para ela. — É curry de lentilha! Seu prato favorito!

O pai não conseguiu deixar de intervir.

— E não ache que nos esquecemos daquele bilhete da escola. — Pausa. — Porque não nos esquecemos!

Prue fechou a porta do quarto depois de entrar, e se viu abençoadamente sozinha. O tapete estampado no chão, atulhado pelo conteúdo de um cesto de roupa suja virado, mal podia ser visto na luz amarela que vinha do terrário sobre sua escrivaninha. Seguindo o brilho, ela se inclinou sobre ele e bateu no vidro. Sua tartaruga, Edmund, se moveu no lado de dentro, a sobra de uma folha parcialmente mastigada estava equilibrada em sua pequena cabeça. Ela esticou o braço, acendeu o abajur e arrumou os poucos livros que estavam espalhados sobre a superfície da mesa. Ela pegou o livro fino que estava no topo da pilha sem muita vontade e o abriu na página marcada. Ela leu por um momento, tentando entrar no mundo de Atticus e Scout Finch, mas descobriu, depois de algum tempo, que estava simplesmente lendo o mesmo parágrafo repetidamente. Derrotada, ela abaixou o livro e se jogou debaixo das cobertas de sua cama. Deitada de barriga para cima, ela olhou para as sombras estranhas que se formavam no teto por causa das luzes da casa do vizinho que passavam através dos galhos nus das árvores no jardim. O vento tinha aumentado, e os galhos pareciam ser longas patas de aranha batendo umas nas outras. Enquanto ela observava, uma grande mancha cobriu a imagem, escurecendo as sombras completamente por uma fração de segundo.

*O que foi aquilo?*, pensou Prue consigo mesma. Ela pulou da cama e correu até a janela. Chegou bem a tempo de ver algo escuro desaparecer na cerca viva de junípero do vizinho. Pressionou a testa contra o vidro, estudando o solo abaixo; o vidro estava gelado contra a pele. Sua mãe a chamou do andar de baixo.

— Prue!

Ela se afastou da janela e colocou a cabeça para fora do quarto.

— O quê?

— Estraguei o pão indiano — gritou a mãe, parecendo derrotada. — Você pode correr até o restaurante e comprar um pouco?

Ainda com os pensamentos na forma escura no quintal, Prue desceu a escada. Na cozinha, a mãe estudava o verso de uma embalagem de fermento instantâneo.

— Você já ligou para lá para fazer o pedido? — perguntou Prue, enquanto enfiava os pés novamente em suas galochas.

— Sim — disse a mãe. — Aqui estão dez dólares. Aproveite que já vai até lá e compre um pouco de chutney.

— Não sei por que não encomendamos tudo de lá de uma vez — murmurou Prue, colocando a nota no bolso.

— Ei! — ralhou o pai, lendo uma revista na sala de estar. — Comida feita em casa. A especialidade da sua mãe.

Mac estava sentado no chão junto aos seus pés, mordendo a ponta gasta de um hachi.

— Puuuu! — balbuciou ele.

— Volto logo — disse Prue, revirando os olhos.

Como ela havia reparado do quarto, o vento do lado de fora havia aumentado consideravelmente. A temperatura parecia ter despencado vários graus, e Prue voltara a experimentar formas novas e mais eficientes de enrolar o cachecol em seu pescoço. Nenhuma das opções parecia bloquear o frio de forma satisfatória, então ela se viu simplesmente fazendo um nó naquela enorme coisa tricotada sobre o queixo e enfiando as mãos até o fundo nos bolsos do casaco. O restaurante indiano ficava a oito quadras, mas a distância parecia abissal com o vento intratável e o chuvisco gélido que começava a cair do céu. Prue imaginou que eram ainda 18h30 e, mesmo assim, já estava totalmente escuro. Ela olhava para os arbustos cautelosamente enquanto caminhava, em busca de movimento. Parando por um momento numa esquina, focou a audição numa fileira de carvalhos para avaliar seus pensamentos. O som que escutou não era muito diferente daquele

produzido por uma colônia de abelhas se você as encontrasse de bom humor e nadando numa grande e espessa poça de lama. Ele vinha em ondas preguiçosas. Por qualquer razão que fosse, aquilo lhe deu a confiança necessária para seguir com sua tarefa. Mas algo passou por sua cabeça naquele momento: será que os gritos dos arbustos da ribanceira tinham sido uma advertência? Mas uma advertência sobre o quê? Sobre a raposa?

Um *estalo* acima. Prue levantou a cabeça rapidamente. Um galho de árvore, sobrecarregado com um resquício de neve pesada, tinha se separado do tronco e caído sobre os galhos mais baixos. A árvore soltou um gemido audível. Uma eletricidade se propagou pelos membros de Prue com a surpresa, e foi necessário andar mais metade de um quarteirão para que ela voltasse a se tranquilizar.

Uma escuridão profunda a esperava. Os postes de luz que iluminavam as últimas quadras entre ela e o restaurante (ela podia ver as janelas acesas e calorosas de longe) pareciam não estar funcionando. Fazendo uma pausa momentânea, ela respirou fundo e deu um passo para dentro do véu de sombra. E foi então que as árvores começaram a gritar.

*HHHHHHHHHH!!!!!!!!*

*PHHHHHHHHHH!!!!!!*

O coração de Prue deu um salto. Instintivamente, ela começou a correr na direção do restaurante. Algo tinha atravessado os arbustos baixos de um terreno baldio e agora corria atrás dela; Prue podia ouvir uma respiração ofegante e passos frenéticos. A coisa latia com raiva — embora a menina não se permitisse olhar para trás para identificar seu perseguidor; ela mantinha os olhos na segurança das janelas iluminadas do restaurante. As árvores ainda berravam a plenos pulmões, e suas vozes se acumulavam em sua mente, como um vapor prestes a irromper. O som dominava seus pensamentos, como tinha acontecido na ribanceira, e aquilo era tudo o que Prue era capaz de fazer

para manter a consciência. As árvores, se elas estavam tentando protegê-la, não pareciam cientes do poder e da presença de suas vozes.

Ela fraquejou; ela caiu.

A coisa estava sobre a menina num piscar de olhos.

Pressionou Prue contra a calçada; era a raposa preta, seu pelo coberto pela umidade gelada do ar. Seu focinho bateu no rosto de Prue. Ele tinha cheiro de folhas em decomposição.

E patchouli.

— Peguei você — sibilou a raposa.

A voz era feminina, familiar.

— Srta... — falou Prue com dificuldade, a respiração travada pelo peso do animal em seu peito. — Srta. Thennis?

A coisa sorriu, se é que pode ser dito que uma raposa pode sorrir.

— Por favor — disse ela, a voz calma e traiçoeira —, me chame de Darla.

As árvores ainda estavam gritando.

— Sinto muito por ter que fazer isso, garota — falou a raposa. — Tentarei fazer com que seja indolor.

Prue fechou os olhos com força. O momento pareceu durar uma eternidade. Ela esperou os dentes afundarem em sua pele, as garras rasgarem a carne.

Bem naquele momento, veio uma poderosa rajada de vento. As árvores se aquietaram, como se surpresas. Do alto um grito:

— AHHHHHHH!

O peso foi instantaneamente levantado do peito de Prue, e sua respiração voltou num estouro. Olhando ao redor, viu que a raposa preta tinha sido arremessada do outro lado da calçada. Ofegante, levantou-se com dificuldade enquanto a raposa tentava desesperadamente se recuperar.

— O que foi aquilo? — gritou a raposa, com raiva.



As palavras mal tinham saído de seu focinho, no entanto, quando outra coisa desceu do céu e a derrubou, fazendo-a rolar na rua vazia. Prue, com as mãos sobre o peito, observou enquanto duas garças gigantescas pousavam na calçada diante dela.

— Prue! — gritou a voz de um garoto.

Era Curtis, montado em uma das grandes aves cinzentas. Prue não foi capaz de falar.

— Cuidado! — gritou outra voz. Prue olhou em volta e viu que era Brendan. Ele também montava uma das garças. — Ela está voltando!

A raposa tinha se levantado e estava prestes a saltar sobre Prue. Tropeçando para trás, ela ergueu os braços para proteger o rosto e sentiu o peso da raposa atingir seu ombro, derrubando-a de lado. Uma fileira de dentes brancos como marfim estalava ruidosamente, a apenas centímetros de sua orelha. Ao cair, no entanto, ela conseguiu colocar um pé debaixo do quadril da raposa e empurrou com força; a raposa ganiu e tombou sobre a caçada.

— Corra, Prue!

Isso veio de Curtis. Prue olhou para ele; Curtis estava se segurando no pescoço de sua garça enquanto a ave levantava voo e mergulhava na direção da raposa prostrada. As montarias dos dois bandidos atacaram a raposa preta enquanto ela estava brevemente incapacitada; a raposa uivava de dor conforme as garras das garças afundavam em sua pele. Com as energias renovadas, a raposa girou e atingiu a montaria voadora de Brendan com força no bico. Prue se levantou do chão e disparou pela rua escura. Ela podia ouvir o som da raposa se livrando do combate e partindo atrás dela.



Brendan praguejou; uma ave guinchou. Prue sentiu a raposa se aproximando. Ela não sabia se conseguiria sobreviver a mais um ataque. Sentiu algo pontudo perfurar o tecido do sobretudo e gritou. E então seus pés começaram a se afastar do chão.

Olhou para cima e viu que estava nas garras de uma das garças. A ave se esforçava para aguentar o peso, e as asas se moviam em batidas longas e poderosas. Prue podia ver o rosto de Curtis logo acima da asa da ave. A raposa saltou e atingiu Prue, mas conseguiu pegar apenas a bainha da sua calça. A garça soltou um grito alto e triste — uma espécie de uivo rouco —, e Prue sentiu os pés tocando novamente a calçada.

— Vamos lá, Maude! — gritou Curtis de cima da garça.

Prue acompanhou o ritmo frenético da ave, as solas de suas galochas batendo no chão como um corredor numa esteira enlouquecida. Ela só podia torcer para que a garça tivesse impulso suficiente para levantá-la no ar novamente. Olhou para trás e viu que a raposa se aproximava. Quando a fera

estava prestes a saltar, a outra ave, com Brendan montado nela, apareceu da escuridão e atingiu a raposa em suas ancas, e ela tombou lateralmente. Os pés de Prue novamente se levantaram do chão, e a rua abaixo começou a diminuir. Uma breve luta se desenrolou entre a montaria de Brendan e a raposa, mas ao ver Prue escapar, a ave desferiu mais um golpe no focinho da raposa e levantou voo. A raposa uivou, mas o som logo estava perdido enquanto as duas aves gigantescas passavam pelas copas das árvores e desapareciam dentro das nuvens baixas.

Prue finalmente conseguiu falar. Suas mãos seguravam com força as patas da garça em seu ombro.

— Aonde vocês estão me levando?

Ela descobriu que tinha que berrar para ser ouvida com o vento forte.

A resposta berrada por Curtis foi:

— Ao Bosque Selvagem!




# CAPÍTULO 6

## *O Mundo Valsa no Ritmo de Wigman; Bem-vindo ao Lar Unthank*

O homem estava sentado no sofá; um chapéu fedora atarracado, equilibrado em seus joelhos. Nas mãos havia uma garrafa verde de refrigerante Lemony Zip, da qual bebericava educadamente. Uma variedade de revistas estava espalhada sobre a mesa de centro à sua frente; ele examinou os títulos: *Semanário Industrialista*, *FORA!*, *Mineração Moderna* e *O Jornal do 1%*. Nenhuma delas atraiu a atenção do homem, a não ser o *Semanário Industrialista,* de que ele tinha uma assinatura; mas a edição era de outubro de 2006 e ele já tinha lido aquele número de uma ponta à outra. Na capa, em letras garrafais, estava escrito: “Cigarreiras: Elas São Realmente Necessárias?”. Ele tomou mais um gole do refrigerante e olhou para a parede de janelas em frente ao sofá. Ele se encontrava no último andar de uma torre

muito alta, uma com vista para uma vasta paisagem de chaminés, depósitos e tanques de componentes químicos. Uma camada espessa de névoa criava uma espécie de véu translúcido sobre o exterior tornando o mundo quase onírico. Era possível imaginar essa paisagem se estendendo infinitamente, mas ela era interrompida de forma abrupta por uma enorme e vazia parede de verde na margem da visão do homem. Ao ver aquilo, seu estômago embrulhou. Era uma paisagem que via diariamente e, ainda assim, nunca deixava de perturbá-lo.

Um *ding!* soou. O homem levantou os olhos para ver as portas do elevador no outro lado do aposento se abrirem e expelirem um homem rechonchudo com um macacão cinza. Ele caminhou até uma escrivaninha circular no centro do aposento (ela estava ali como o único obstáculo entre o sofá e as duas gigantescas portas de bronze decoradas na parede ao fundo) e assinou seu nome num pedaço de papel que lhe foi entregue pela secretária. Então se aproximou e se sentou numa das poltronas perto do sofá ocupado pelo outro homem.

— Unthank — disse o homem rechonchudo, num cumprimento.

— Higgs — disse o homem, Unthank, no sofá.

Os dois ficaram sentados em silêncio. Higgs pegou a cópia da *Mineração Moderna* e começou a folhear a revista. Ele tinha cheiro de calçada. Unthank bebeu um gole de seu Lemony Zip.

*Ding!* Mais dois homens entraram no aposento. Ambos eram muito, muito altos. Unthank imaginou que eles pudessem ser descritos como “esguios”. Um usava um jaleco branco, enquanto o outro estava coberto por um largo traje antirradioatividade amarelo. Eles também assinaram a folha de papel que lhes foi dada pela secretária e encontraram assentos perto de Higgs e Unthank.

Os quatro homens se cumprimentaram acenando com a cabeça. Eles se

saudaram numa ladainha de sobrenomes.

— Higgs.

— Tumson.

— Unthank.

— Tumson.

— Dubek.

— Higgs.

— Unthank.

— Dubek.

Dubek estava usando o traje antirradioatividade, Tumson, o jaleco.

Joffrey Unthank deu um gole em seu refrigerante e olhou novamente pela janela para a massa verde-escura de vegetação ao longe. Aquilo continuava a incomodá-lo. Ele girou o pulso levemente e olhou rapidamente para o relógio; já eram quase 9h45. Ele disse a Desdêmona que estaria de volta às 11 horas. Virou os olhos para as enormes portas douradas no outro lado do salão. O relevo em cobre de uma enorme e achatada embarcação ficava sobre a fenda entre as duas portas, e Unthank brevemente se perguntou qual teria sido o custo das portas. Pouco depois a fresta se alargou, o barco se dividiu em dois e as portas se abriram. Um homem grande e musculoso, com um terno de três peças de caimento impecável, entrou orgulhosamente na sala de espera.

— Cavalheiros! — bradou ele.

Ele estava ladeado por dois brutamontes usando idênticos gorros vermelho-escuros.

Todos os quatro homens nas várias poltronas e sofás se levantaram em sincronia. O chapéu fedora de Joffrey caiu no chão, e ele se inclinou de forma desajeitada para apanhá-lo. Ao se erguer novamente, percebeu que ainda estava segurando o refrigerante Lemony Zip; ele apoiou a garrafa na mesa de

centro. O homem de terno observou a ação com um sorriso confuso em seu rosto.

— Olá, Sr. Wigman — falou Joffrey.

— Por favor — disse o Sr. Wigman —, entrem.

Opulenta era a única palavra que poderia descrever a enorme sala no outro lado da porta dupla. Uma parede era completamente feita de janelas; as outras, cobertas com vários anúncios da Transportadora Wigman, tão altos quanto o homem mais alto na sala, entremeados com capas de revistas emolduradas com fotos do próprio Sr. Wigman, sorrindo alegremente ao lado de declarações como: “Industrialista do Ano!” e “O Mundo Valsa no Ritmo de Wigman!”. Colunas baixas feitas de metal brilhante criavam uma espécie de pista de obstáculos no escritório; no topo de cada uma estava um prêmio que fora dado ao grande industrialista, assim como algumas peças de arte de aparência muito antiga que, Joffrey imaginou, tinham sido adquiridas de forma desonesta. No centro da sala ficava uma mesa de conferência muito longa, talhada do que só poderia ter sido uma velha e enorme árvore; a superfície extremamente polida era coberta com os veios retorcidos da madeira. Os quatro homens esperaram instruções; o Sr. Wigman gesticulou para que se sentassem enquanto ele permanecia de pé junto à cabeceira da mesa. Joffrey posicionou o chapéu à sua frente e ajeitou a parte da frente de seu suéter estampado com losangos. Quando todos estavam sentados, o Sr. Wigman virou de costas e olhou para a vista além da parede de janelas. A paisagem era parecida com aquela vista da sala de espera — uma planície vasta de construções coloridas soltando nuvens coloridas de gás, fumaça e fogo —, com exceção dos limites mais afastados que davam lugar a um rio largo e, do outro lado, a cidade de Portland.



— Caramba! — gritou o Sr. Wigman.

Os dois assistentes, os gorilas de gorros vermelho-escuros, tomaram um susto e começaram a prestar atenção. Wigman parecia irritado.

— Eu falei, CARAMBA! — repetiu ele.

Os quatro homens sentados à mesa se inclinaram em suas cadeiras.

O Sr. Wigman inspirou fundo; os ombros largos se levantaram dentro do terno esticado.

— Isso não é *lindo*? — sussurrou ele.

Todos na sala soltaram um suspiro aliviado.

O Sr. Wigman se virou de forma dramática. Seu cabelo, crespo e preto, era perfeitamente repartido do lado direito da cabeça; o rosto estava muito bem barbeado. Os dentes eram longos e brilhantes, e o queixo se elevava como um promontório em um penhasco que desafiaria até mesmo o montanhista mais determinado.

— E é tudo nosso, cavalheiros.

O Sr. Dubek bateu com o punho na mesa.

— Viva, viva — disse ele.

O restante dos homens também expressou aprovação.

— Estivador — gritou o Sr. Wigman, e um dos assistentes de gorro ficou em posição de alerta.

O Sr. Wigman bateu palmas, e o estivador tirou do bolso uma bola de squash azul e a jogou para o Sr. Wigman, que a pegou facilmente com uma das mãos. Ele começou a apertá-la com vigor.

— Que comece a reunião dos Cinco Titãs! — anunciou o Sr. Wigman. — Nossa inspeção trimestral, podemos, cavalheiros?

Ao ouvirem o comando, os homens sentados à mesa pegaram pastas de couro individuais no chão e as colocaram sobre a mesa; eles abriram as travas e começaram a examinar seus conteúdos. Quer dizer, todos os homens, menos Joffrey. Ele olhava à sua volta de forma inquieta enquanto colocava a mão no bolso interno da jaqueta de veludo cotelê e tirava um único pedaço de papel dobrado. Ele o abriu agilmente e o estudou; escritas ali, em lápis borrado, estavam as palavras *Ovos. Creme de leite. Rúcula (hein?). Lâmpadas*. Os outros homens, por outro lado, haviam tirado de dentro de

suas pastas elegantes volumes de documentação grossos e bem encadernados; eles começaram a virar as páginas enquanto o Sr. Wigman falava.

— Natureza, volúvel natureza, criou as estações. Durante séculos o homem foi aprisionado pelas estações. Ele só podia comer certas coisas em certas épocas. Certas atividades tinham que esperar até a estação apropriada chegar. Mas então veio a grande e dourada era industrial e as estações passaram a não significar nada para o homem. Incidentais. Um disparate! Em vez disso, nós contamos nosso tempo pela passagem do Trimestre Fiscal... e fazemos o que queremos, quando queremos. Comemos o que quisermos comer. E comemos bem, não é mesmo, cavalheiros?

Um murmúrio de concordância foi ouvido.

— Pois aqui, nós Titãs criamos o estado ideal! Eles o chamam de Zona Industrial, não chamam? Tolice! Eu digo. Tolice! Eu o chamo de Terra Encantada Industrial! O ideal industrial tornado completo. Um século de sonhadores, Whitney, Edison, J. P. Morgan, e eles nunca alcançaram metade do que fizemos aqui. O Quinteto: quatro indústrias poderosas sob o controle atento de uma empresa dominante, a Transportadora Wigman, e mostramos ao mundo uma força com que ele pode contar! Uma cidade-estado é o que construímos aqui. A grande Corporatocracia!

Ele estava realmente se empolgando. O rosto parecia vermelho como uma beterraba, com um sorriso estampado de orelha a orelha.

— Agora, meus bons companheiros Titãs, o que vocês têm para mim? Quero as notícias. — Ele olhou para a mesa. — Mineração! — gritou.

Higgs, com seu macacão, empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Aumentamos a produção em vinte por cento, senhor!

— Fantástico. Petroquímico!

Tumson se levantou também, segurando as lapelas de seu jaleco de forma orgulhosa.

— O mercado sul-coreano está em nossas mãos, senhor.

— Espetacular. Nuclear!

O Sr. Wigman estava dando um bocado de trabalho para a bola de squash em sua mão.

— Que se danem os regulamentos, senhor, estamos livres para despejar resíduos no rio.

Esse era o Sr. Dubek. Seu traje antirradioatividade farfalhou ruidosamente quando ele se levantou.

— Isso é música para os meus ouvidos! — O Sr. Wigman se virou para Joffrey agora. — Partes de Máquinas!

O salão ficou em silêncio. Joffrey limpou a garganta enquanto recuava sua cadeira. Ele acidentalmente empurrou uma das muitas alavancas que saíam da parte de baixo do mecanismo da cadeira, e, repentinamente, com um chiado, o assento abaixou de forma dramática. Joffrey sentiu o rosto ruborizar. Seus dedos procuraram a alavanca para levantar a cadeira novamente; o que aconteceu em seguida não foi diferente de uma atração de parque de diversões, com Joffrey sendo jogado para cima e para baixo numa tentativa de fazer a cadeira voltar à posição. Finalmente, ele desistiu e simplesmente se levantou do assento.

— Bem — começou ele. Olhou para os outros homens na sala; eles estavam parados de forma orgulhosa com os olhos nele. Joffrey limpou a garganta. — Acho que estou mais próximo de entrar lá.

Ele esticou a mão para apontar o dedo na direção da sala de espera, na direção das vastas montanhas cobertas de árvores.

Silêncio.

Joffrey imaginou ter ouvido um dos homens rir baixinho.

O rechonchudo Sr. Higgs foi o primeiro a falar:

— O que, a Floresta Impassável?

Ele olhou para o Sr. Wigman, em busca de uma explicação.

— Joffrey, Joffrey — falou o Sr. Wigman, balançando a cabeça em desânimo.

Joffrey bateu com a mão na mesa.

— Escutem o que tenho a dizer: não me importo com o nome que as pessoas usam para chamá-la... Não me importo com o que as pessoas falam sobre ela. Precisa existir uma forma!

O esguio Sr. Tumson se moveu desconfortavelmente em sua cadeira.

— É a Floresta Impassável, Unthank. É impassável.

— É melhor deixá-la como está, é o que acho — falou o esguio Sr. Dubek.

— O que há com você, Unthank? — adicionou o Sr. Higgs. — É como uma obsessão esquisita.

— Mas vocês não veem? — gritou Joffrey, suplicante. — Se, de alguma forma, conseguirmos entrar lá, derrubar aquelas árvores, aplanar alguns dos pedaços inclinados, então seríamos capazes de pelo menos triplicar... quadruplicar... nossas posses! Pense em quantos tanques de componentes químicos você poderia colocar naquela montanha, Sr. Tumson! E água! Água suficiente para resfriar uma floresta de reatores! E, Sr. Higgs, caro Sr. Higgs, você não pode simplesmente imaginar que tipo de minerais aquelas montanhas devem esconder? Quero dizer, as reservas de cobre sozinhas devem ser...

Wigman interrompeu esse discurso simplesmente dizendo:

— Unthank, sente-se.

— Mas...

— Sente-se.

Envergonhado, Joffrey obedeceu e voltou a lutar contra o mecanismo hidráulico de sua cadeira por alguns momentos antes de ajustá-la à altura adequada.

— Onde está seu relatório trimestral? — perguntou o Sr. Wigman.

— Perdão?

— O relatório trimestral, Partes de Máquinas.

Dava para saber que o Sr. Wigman estava falando sério quando ele começava a se referir a cada um dos Titãs do Quinteto por sua área industrial.

— Ah, claro — disse Joffrey. — Bem aqui.

Pela última vez ele alisou o pedaço de papel à sua frente com as mãos e o empurrou na direção de Wigman. O Sr. Wigman acenou com a cabeça para um estivador, que marchou até a mesa e entregou o pedaço de papel ao chefe.

— É isso? — perguntou o Sr. Wigman, segurando o papel como se fosse um lenço usado. Ele olhou rapidamente para o que estava escrito. — Isso parece ser uma lista de compras do mercado, Partes de Máquinas.

— Bem ali no final, na parte de baixo.

Joffrey balançou um dedo, e Wigman olhou mais de perto para as poucas linhas acima da margem inferior do papel.

— Aqui diz, “Terceiro trimestre: parece estar indo muito bem”.

— Aham — falou o Sr. Unthank. — Não há muito a relatar, na verdade. As coisas estão basicamente como estavam da última vez. As vendas têm variado. Altos e baixos. É o que me agrada em partes de máquinas. Nenhuma grande surpresa. Sempre uma constante, não é mesmo?

Olhou para os companheiros industrialistas, esperando acenos de cabeça compreensivos. Eles estavam observando o Sr. Wigman, que, por sua vez, estava começando a desenvolver um tique facial. Algo estourou alto e todos ali pularam em suas cadeiras. O Sr. Wigman calmamente abriu a mão — estraçalhados, os vestígios da bola de squash caíram no chão.

— Sr. Unthank — disse o Sr. Wigman, com a voz firme —, não finjo saber exatamente o que acontece naquela sua oficina. E, na verdade, não me importo. Usar órfãos como mão de obra? Bem pensado. Mais poder para

você.

Joffrey sorriu e mostrou suas mãos aos companheiros industrialistas. *Dedos pequenos,* pronunciou sem produzir som enquanto balançava os dedos.

— Mas, se eu não começar a ver crescimento...

Nesse momento, a voz do Sr. Wigman se elevou.

— Crescimento! — repetiu, ainda mais alto.— CRESCIMENTO! — Wigman bateu com o punho na mesa. — E logo vou aparecer naquela sua área e vou levar alguns dos meus amigos aqui. — Ele gesticulou com a cabeça para os estivadores. — E vou fazer algum CRESCIMENTO ACONTECER, ENTENDEU?

Joffrey ficou imóvel na cadeira. Uma pequena linha de suor apareceu em sua testa.

— Bem, você faz o que quiser em seu tempo livre. Mas é melhor que isso não interfira na sua contribuição ao Quinteto; ou seja, não quero ouvir mais nada sobre essa Floresta Impassável. Está claro, Partes de Máquinas?

— Sim, senhor.

— Eu falei, está claro?

— Sim, Sr. Wigman. Senhor.

— Bom — disse Wigman, se sentando na cadeira. Ele bateu palmas para um dos estivadores, que lhe arremessou outra bola de squash azul. — Agora, vou passar um pouco mais de tempo com os outros membros do Quinteto que têm números reais para me mostrar. Volte quando você também os tiver.

Joffrey sentiu sua cadeira ser puxada para trás; um dos estivadores de gorro vermelho-escuro a tinha afastado violentamente da mesa. Submisso, ele se levantou e, acenando com a cabeça para os presentes, saiu do escritório. Entrando na sala de espera, colocou o chapéu fedora novamente em sua cabeça e tentou com toda a força evitar a visão das grandes janelas. Foi só quando as portas do elevador estavam se fechando lentamente diante de seu

rosto corado que ele viu de relance a muralha de verde, quase invisível por causa do nevoeiro da Zona Industrial. E aquilo o deixou desolado.



Depois que suas malas foram desfeitas e seus pertences armazenados nos pequenos armários cinzentos que ficavam ao pé de cada uma das camas, não havia muita coisa para Elsie e Rachel fazerem. Inicialmente, Elsie ficou injuriada ao ver Rachel esperar que ela escolhesse uma cama no dormitório gigantesco e então reclamar uma cama para si mesma o mais longe possível da dela. Isso fez com que Elsie se sentasse em sua cama, com os joelhos apertados contra o peito, e choramingasse baixinho até Rachel pegar sua bolsa de lona verde e marchar de volta até a cama ao lado de Elsie. Várias horas passaram; elas mal trocaram três palavras. De vez em quando, um alto-falante com aparência antiquíssima sobre a porta do dormitório grunhia alguma lenga-lenga ininteligível, e as duas meninas se assustavam com o barulho.

— O que estão dizendo? — perguntou Elsie à sua irmã mais velha.

— Não sei — respondeu Rachel.

Depois de um tempo, Rachel se deitou em sua cama e, ajeitando o travesseiro fino sob a cabeça, escutou seu iPod pelos pequenos fones de ouvido brancos. Elsie ajoelhou ao lado de sua cama e, usando o cobertor azul, criou uma ilha com um vulcão no topo para a Intrépida Tina explorar; o som distante de pratos de bateria estridentes batendo repetidamente saía dos fones de Rachel. Essa foi sua atividade conjunta por quase uma hora, até que Elsie, entediada, esticou o braço e puxou a perna da calça de Rachel.

Rachel tirou um dos fones. A música ficou mais alta.

— O que foi?

— Onde estão todas as crianças? — perguntou Elsie.

— Sei lá.

Ela colocou o fone de volta no ouvido.

Elsie puxou a barra da calça da irmã novamente. Rachel revirou os olhos e tirou o fone.

— O quê? — perguntou ela, claramente irritada.

— Quero dizer, não é estranho que a gente esteja aqui totalmente sozinhas? Achei que isso era, você sabe, um orfanato. — Elsie olhou o dormitório ao redor. — Onde estão todos os órfãos?

— Somos as únicas órfãs — falou Rachel, com sarcasmo.

Elsie fez beicinho.

— Não sou órfã.

— Que se dane. Você está se enganando se acha que mamãe e papai vão voltar. Eles foram embora.

— Não diga isso.

— Curtis foi embora, e primeiro eles ficaram todos tristinhos, mas depois começaram a pensar: ei, isso é muito legal, não ter tantos filhos. Aí eles nos abandonaram. Fácil assim.

Ela enfiou o fone branco novamente no ouvido; e batia as mãos nos joelhos acompanhando o ritmo quase inaudível.



Elsie a encarou fixamente. Sem pensar, ela deu um salto, arrancou os fones dos ouvidos de Rachel e tirou o iPod prateado do bolso de seu casaco de capuz. O aparelho bateu no chão, e Rachel gritou.

— Retire o que você disse — uivou Elsie.

— Você está louca! — gritou Rachel. — O que há de errado com você?

— Retire o que você disse sobre mamãe e papai.

Elsie esticou o braço, segurou um bocado do cabelo preto de sua irmã e puxou, extraindo dela um grito que parecia um ganido. Rachel estava prestes a retaliar com um forte soco no ombro de Elsie quando o alto-falante sobre a porta deu sinal de vida. Uma série de rosnados abstratos precedeu as únicas cinco palavras que as duas meninas foram capazes de compreender.

— NADA DE AGRESSÃO NO DOMITÓRIO!

As irmãs congelaram. Elsie soltou os dedos do cabelo de Rachel. Rachel deixou o braço cair ao lado do corpo. As duas olhavam fixamente para o alto-falante. Ele estalou algumas vezes, de forma ameaçadora, antes de silenciar. Elsie foi para a beirada da cama; ela segurou a Intrépida Tina e a puxou para perto do peito. Rachel, num claro espírito desafiador, caminhou até as portas e ficou parada debaixo do alto-falante, estudando-o. Ela passou as vistas pelo salão ao redor, observando os quatro cantos onde as paredes se juntavam ao teto.

— O que você está fazendo? — sussurrou Elsie.

— Procurando câmeras — respondeu Rachel. — De que outra forma eles podem saber o que estamos fazendo? — Ela tentou girar a maçaneta e descobriu que a porta estava destrancada. Colocou a cabeça para fora a fim de espiar o corredor antes de se virar e gesticular para Elsie. — Venha — disse. — Está vazio. Vamos explorar.

Enquanto caminhavam nas pontas dos pés sobre o piso quadriculado do corredor, Elsie sussurrou para sua irmã:

— Você viu alguma câmera?

— Não sei dizer. Se existem câmeras, elas são extremamente secretas.

O corredor estava silencioso e tinha uma iluminação fraca que vinha de uma fila sombria de lâmpadas fluorescentes no teto. À esquerda das meninas estava a escadaria que levava ao primeiro andar; à direita, o corredor terminava numa porta fechada. Elas escutaram com atenção, tentando

reconhecer passos. Quando não ouviram nenhum, Elsie seguiu a irmã mais velha enquanto esta caminhava na direção da porta à direita. Ela segurava a Intrépida Tina apertada contra o peito. A porta abriu com um rangido alto e revelou uma escada de madeira para cima. Ao subir a escadaria, as irmãs se viram num sótão amplo, decorado de forma semelhante ao seu dormitório: um padrão de talvez trinta camas ocupava o chão de madeira. O teto do salão seguia os contornos do teto do prédio, cheio de ângulos e saliências. Lâmpadas estavam penduradas dentro de pequenas gaiolas de metal numa viga central e forneciam a pouca luz presente. Um vento frio penetrava o ambiente. O portal de entrada para o sótão tinha uma placa pendurada que dizia HERREN. Elsie apontou para ela.

— O que isso significa? — sussurrou.

— Meninos — respondeu Rachel. — Eu acho. Ou meninas. Um desses. Eu confundo os dois.

— Deve significar meninos — desvendou Elsie —, porque fomos colocadas nos andar de baixo. E somos meninas. Então esse deve ser o dormitório dos meninos.

— Muito bem, Sherlock — ironizou Rachel.

— Obrigada — respondeu Elsie, sem notar o sarcasmo.

Um barulho as assustou. Era um som metálico, vindo da parte mais afastada do salão. Elas andaram na direção do som, Rachel na frente, Elsie seguindo de perto. Logo chegaram à fonte do barulho: uma grade de metal cobrindo um duto de ar no chão atrás da cama mais afastada. O clangor, intermitente e distante, estava sendo amplificado pelo duto a partir de outro lugar no prédio. Escutando com mais atenção, Elsie foi capaz de perceber que eram, na verdade, vários sons metálicos menores, retinindo de uma forma caoticamente sincopada. Aquilo a aterrorizou. Ela apertou a Intrépida Tina e desejou que as duas nunca tivessem saído do outro dormitório. Por isso ficou

aliviada ao ouvir a irmã sussurrar sobre seu ombro:

— Vamos.

Elas desceram a escada até o corredor de onde tinham vindo, e Elsie, ao ver a porta de seu dormitório, começou a andar mais rápido. Rachel a interrompeu.

— Aonde você está indo? — sussurrou ela.

— Estou voltando pra lá — falou Elsie, apontando para o dormitório das meninas.

Uma placa que dizia DAMEN estava presa ao batente da porta.

— Achei que estávamos explorando. E aquele barulho?

— Rachel! — suplicou Elsie. — Não me importo com o barulho. Eu só quero... eu só quero...

— Ficar sentada esperando mamãe e papai para voltar para casa? Você tem uma longa espera pela frente, Els.

Elsie cruzou os braços.

— Vamos lá — falou a irmã, sorrindo de trás de sua cortina de cabelo. — O que a Intrépida Tina faria?

O carpete verde que cobria a escadaria parecia extremamente desgastado no meio, e os degraus de madeira rangiam a cada passo das meninas. Rachel seguiu na frente de Elsie até o patamar em que a escada fazia uma curva de 180 graus; chegando lá, ela mandou a irmã parar com um aceno urgente de sua mão. Uma mulher estava falando no andar abaixo. Seu tom era firme e impiedoso. Elsie se juntou à irmã, encostada ao corrimão do patamar, e ouviu.

— Edward — falou a mulher. Aquela era indubitavelmente a Srta. Mudrak. Seu sotaque era tão espesso quanto uma sopa de beterraba particularmente sólida. — Você terminando só agora? Está quase na campainha final.

— Sinto muito, dona — respondeu a voz do menino. Elsie supôs que era o menino que tinha visto esfregando o chão. — Serei mais rápido na próxima vez, prometo.

— Será, ou de volta à oficina para você.

— Sim, dona.

O som de uma grande porta se abrindo e fechando interrompeu a conversa. Então: passos nas antigas pranchas de madeira do corredor do andar de baixo. Elsie e Rachel ouviram Desdêmona mandar o menino Edward embora. Ela falava agora com a pessoa que tinha acabado de chegar:

— Querido, você parece exausto.

A voz do homem estava cansada; não era preciso ter falado uma palavra para confirmar a avaliação de Desdêmona.

— Um longo dia — disse ele. — Nem me pergunte.

— E você conversou com o Sr. Vigman?

— Bem, querida — falou o homem, soando derrotado —, vamos dizer assim, o Sr. Vigman não quis exatamente conversar.

— Joffrey, Joffrey. — Elsie e Rachel fizeram contato visual; esse tinha que ser o proprietário do orfanato. Desdêmona continuou: — Por favor. Você precisa relaxar. Deixe-me tirar seu casaco. — Um farfalhar, um grande casaco sendo pendurado num gancho obsequioso. — Mas você falou com ele sobre o filme, não?

Houve uma pausa.

— Ah, o filme — falou Joffrey. — Não, não falei.

— Mas, querido, se vamos fazer essa mudança na vida, devemos ser... devemos ser... preativos?

— Proativos, Desdêmona — corrigiu Joffrey. — A palavra é proativo. E estou sendo o mais proativo que posso.

As vozes se moveram pelo corredor, forçando as irmãs Mehlberg a seguir

ao longo do corrimão na direção do lance de escada que levava ao andar de baixo. Elsie, espiando entre as barras do corrimão, foi capaz de ver os dois adultos, Desdêmona e Joffrey, seguindo lentamente para uma grande porta no fim do corredor. O braço longo de Desdêmona estava esticado sobre os ombros curvos de Joffrey; ele era facilmente 15 centímetros mais baixo do que sua companheira.

— E quanto ao visto? — perguntou Desdêmona. — Quando podemos obtê-lo?

— Visto?

— Para Bozhek.

— Ah, certo, Bozhek. O estimado *auteur*. Conte-me novamente: por que ele mesmo não pode conseguir um visto?

A voz de Desdêmona pingava como calda de cereja.

— Querido, sinceramente. Você se lembra. Ele fez filme de arte e derrubou balde de tinta na Estátua da Liberdade. É a coisa mais linda; ele é deportado. Mas é perda da América; ele é grande artista. Ele é Spielverg ucraniano.

— Ah, certo.

— Você disse que abordaria o assunto com o Sr. Vigman. Ele tem entrada no departamento de imigração.

— Falei, sim. Está na minha lista.

Eles chegaram à porta. Seguindo-os, Elsie e Rachel se viram no degrau mais baixo da escadaria. As duas observaram, parcialmente escondidas pelo corrimão, enquanto Joffrey enfiava a mão no bolso da calça e tirava um grande chaveiro. Escolhendo uma das chaves, ele destravou a tranca na porta e a abriu. Elsie mal conseguia ver o que estava atrás da porta: era uma sala que parecia ser um escritório, cheia de estantes que se elevavam até o teto. Estranhamente, havia poucos livros nessas estantes; em seu lugar, elas

estavam cheias de potes de tamanhos diferentes e recipientes com líquidos e pós multicoloridos. O casal estava de frente um para o outro no vão da porta.

— Em sua lista — repetiu Desdêmona, claramente decepcionada. — Querido, essa é a nossa chance. Deixe essa coisa de partes de máquinas para trás. Transforme-se no seu sonho de infância: produtor de filmes. Sim? Esse é o prêmio que devemos ter em mente, não?

— Sim, Desdêmona — respondeu Joffrey.

— Quem precisa de Titã de negócios? Seja Titã de filmes!

— Sim, Desdêmona.

— Então você vai falar com o Sr. Vigman?

— Sim, vou falar com o Sr. Vig... com o Sr. Wigman.

— E você vai obter visto?

— Sim, vou obtê-lo.

— Me dê beijo, meu pequeno *kapusta*.

O homem fez o que lhe foi pedido. Desdêmona afagou afetuosamente sua bochecha quando se afastou.

— Agora você tem trabalho a fazer, não?

— Sim. Estou mais perto a cada dia.

A Srta. Mudrak parou enquanto virava de costas para seu parceiro.

— A última infusão não funcionou?

— Não, ela não funcionou — respondeu Joffrey. — Não funcionou nem um pouco.

— Oh! — falou Desdêmona. — Uma pena. E o espécime?

— Sumiu.

— Outra pausa.

— Oh. Uma pena. Bem, de volta às galinhas, Joffrey, meu amor.

— Sim — disse Joffrey, virando-se e entrando na sala com as estantes. — De volta às galinhas.

A porta se fechou atrás dele.

Elsie e Rachel congelaram quando Desdêmona se virou na direção delas e começou a caminhar pelo corredor; elas haviam ficado tão absortas ouvindo a conversa entre os dois adultos que se descuidaram e não planejaram sua fuga. Se fizessem qualquer movimento brusco agora, sem dúvida seriam descobertas — e parecia que a Srta. Mudrak vinha diretamente na direção das irmãs. Elsie não fazia ideia de que tipo de punição era dada no orfanato por escutar conversas alheias, mas imaginava que seria bastante severa. Ela podia sentir Rachel tensa atrás de si.

— Rachel — sussurrou Elsie —, o que devemos...

A última palavra dessa frase se tornou ininteligível; uma campainha muito alta soou repentinamente, e o corredor se encheu com seu som metálico. Elsie e Rachel podiam vê-la; a campainha estava instalada no alto da parede no meio do corredor. Até mesmo Desdêmona se assustou com o barulho. A campainha soou durante o que pareceu um tempo interminável, e a Srta. Mudrak ficou parada olhando para ela com as mãos plantadas em seus quadris, como se ordenando que o barulho parasse. Enquanto ela estava distraída, as irmãs Mehlberg conseguiram fugir, subindo a escada com pressa e voltando ao dormitório das meninas.

Elas mal tiveram tempo de subir em suas camas e fingir que não estavam fazendo nada (Elsie com a boneca Intrépida Tina de volta ao topo da montanha de cobertor; Rachel com os fones acoplados firmemente aos ouvidos) antes que sons de passos ritmados chamassem a atenção das duas: era o barulho de uma grande quantidade de pés batendo escada acima. As portas do dormitório se abriram rapidamente e por elas entrou uma congregação de jovens meninas abatidas, os cabelos desgrenhados e os rostos desfigurados por manchas negras de graxa. Elas tinham idades variadas — algumas pareciam ser mais novas do que Elsie, enquanto as mais velhas já

estavam claramente na adolescência —, mas todas exibiam a postura de adultas envelhecidas: ombros curvados e testas franzidas em rostos pálidos. Elas usavam macacões cinza idênticos, que estavam marcados de maneira similar com manchas de graxa, e tinham as mãos pretas de fuligem. Elas não deram atenção às duas novas ocupantes do dormitório, apenas marcharam direto para as respectivas camas e ali largaram pesadamente seus corpos; todas carregavam pequenas marmitas de metal, que empurraram para baixo das camas. Várias se deitaram completamente vestidas e pareceram pegar imediatamente no sono. Algumas se sentaram com as cabeças entre as mãos. Outras falavam em sussurros com as vizinhas. Os passos no corredor continuavam intensos; Elsie podia ver uma longa fila de garotos, vestidos com o mesmo tipo de macacão, passar pelas portas na direção do dormitório do andar de cima. Rachel e Elsie compartilharam um olhar; era como se o lugar tivesse sido invadido por fantasmas.

— Psst.

O chiado tinha vindo da cama ao lado da de Elsie; uma menina asiática, da idade de Elsie, estava levantando os óculos de segurança de plástico em seus olhos para repousá-los na testa, deixando uma faixa pálida onde a graxa negra não tinha alcançado. Seu cabelo parecia levemente empapado por causa do suor e preso debaixo das tiras de elástico dos óculos.

— Qual é o seu nome? — perguntou a menina.

— Elsie.

Ela instintivamente ofereceu a mão para cumprimentá-la. A menina sorriu e balançou a cabeça, levantando as mãos: não havia um centímetro de pele limpa nelas. Elsie recolheu a mão.

— Eu sou Martha. Martha Song. — Sua voz era cansada, mas segura. — Bem-vinda à fábrica.

— Você quer dizer ao orfanato?

Martha riu.

— Ah, certo. Eu me esqueci de que a chamam disso também.

— Você é uma das órfãs? — perguntou Elsie, confusa.

— Órfã? Rá. Não há nenhuma adoção acontecendo por aqui.

— Sério? Mas achei que...

O alto-falante sobre as portas começou a rosnar novamente.

— BZZT CHVVVK XZZZT SILÊNCIO NO DORMITÓRIO.

As meninas obedeceram; uma quietude tomou conta do salão. Depois de uma rajada curta de microfonia, o barulho do alto-falante continuou, mas dessa vez uma nova voz tinha assumido. Era Desdêmona.

— Atenção ao dormitório das meninas: temos hoje novas integrantes. Sejam apresentadas a Rachel e Elsie Mehlverg. Camas vinte e três e vinte e quatro.

Um estalo barulhento soou, e o alto-falante ficou mudo.

Os olhos de todos se viraram para Rachel e Elsie. Rachel franziu a testa atrás de seu cabelo; ela mexia nos fones de ouvido com nervosismo.

O estalo veio novamente. Outro chiado de microfonia.

— Por favor, deem a elas as melhores boas-vindas do Lar Unthank.

*Clique*. Silêncio.

Elsie olhou ao seu redor. A multidão de meninas acenou para as duas de forma fraca e exausta.

O alto-falante deu sinal de vida novamente.

— Foi trazido à nossa atenção que a produção trimestral da oficina deve melhorar. A partir de amanhã, devemos reinstalar o horário estendido.

Um gemido coletivo saudou esse anúncio.

— E agora algumas palavras de seu anfitrião, o Sr. Joffrey Unthank.

As meninas esperaram; o silêncio se espalhou pelo ambiente. Elsie sentiu um puxão na manga da camisa. Era Martha.

— Ei — sussurrou ela, de forma conspiratória. — Você deve dizer à sua irmã para tirar os fones de ouvido durante os anúncios. Esse é um delito Inadotável, com certeza.

Elsie olhou para ela, confusa. Um estalo veio do alto-falante, ameaçando outra erupção de informações. Antes de começar, Elsie conseguiu tirar os fones dos ouvidos de Rachel.

— Devemos escutar — sussurrou ela.

Rachel a encarou insatisfeita, mas obedeceu à instrução da irmã.

A voz vinda do alto-falante era agora distintamente masculina.

— Olá, meninos e meninas — falou. — Residentes do Lar Unthank, compreendo que vocês estejam aguardando um momento de descanso. E compreendo como deve ser angustiante ter seu horário estendido novamente. No entanto, peço que vocês se lembrem de todos os grandes homens e mulheres, todos aqueles pais e mães em potencial, que estão contando com seu trabalho em todas as máquinas de conveniência das quais as vidas deles dependem. Sem vocês, queridas crianças, não haveria máquinas de lavar, alternadores automotivos, relógios digitais ou máquinas elétricas de preparar macarrão. As coisas que fazem nossa sociedade funcionar. Quanto mais conveniência oferecermos às vidas dos cidadãos, mais eles conseguirão pensar na ideia de cuidar de crianças.

Um estalo. A voz parou; parecia para Elsie que sua linha de raciocínio exigia uma grande e cuidadosa quantidade de pensamento.

— E quanto mais esses cidadãos pensarem na ideia de cuidar de crianças, é mais provável que vocês, meninos e meninas, encontrem um espaço num lar confortável e acolhedor, com uma família carinhosa, uma família cercada por todas as conveniências que a vida moderna pode proporcionar. E agora, antes que vocês sejam liberados para tomar banho e jantar, gostaria de pedir que vocês usassem o máximo de espírito possível na Declamação. As mães e

os pais sem filhos dos Estados Unidos estão contando com vocês.

As meninas do dormitório ajeitaram a postura e falaram quando foram instadas pela voz invisível, repetindo cada verso para o alto-falante cinza-esverdeado.

> *"PARTES DE MÁQUINAS FAZEM MÁQUINAS.*
> *MÁQUINAS TRAZEM CONVENIÊNCIA.*
> *CONVENIÊNCIA É LIBERDADE.*
> *LIBERDADE É FAMÍLIA."*

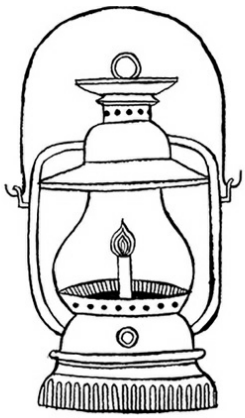
— Muito bem, crianças — elogiou a voz, delicadamente. — Falarei com vocês novamente amanhã.

O estalo alto do microfone sendo desconectado soou. Aquilo foi seguido pela voz brusca que Elsie e Rachel tinham ouvido mais cedo: robótica e grossa.

— BXXG ZZZGT DISPAM-SE E TOMEM BANHO. JANTAR ÀS DEZOITO HORAS.

Uma erupção de energia encheu o ambiente enquanto as meninas do dormitório tiravam seus macacões encardidos, revelando roupas de baixo vermelhas idênticas feitas de lã, e corriam na direção de uma porta na outra ponta do cômodo, que provavelmente levava aos banheiros e chuveiros. Elsie e Rachel ficaram sentadas em estado de choque. Dentro de poucos instantes, o grande salão tinha sido esvaziado de seus ocupantes e uma comoção barulhenta podia ser ouvida ecoando de dentro das paredes ladrilhadas do banheiro. Naquele momento, um vulto entrou no dormitório e se aproximou das duas meninas Mehlberg. Era um homem idoso, vestido com o indispensável macacão cinza, e carregava o que pareciam ser dois pacotes, embalados em plástico transparente. Chegando às camas das meninas, ele deixou as embalagens aos seus pés sem dizer uma palavra; então se virou de forma abrupta e saiu do dormitório, caminhando com as costas curvadas e

tortas. Elsie observou enquanto Rachel pegava o pacote e rasgava o plástico. Dentro dele, dobradas perfeitamente, estavam duas peças de roupa: um macacão cinza engomado e uma ceroula vermelha.



# CAPÍTULO 7

## *Volta ao Bosque Selvagem*

Prue ainda estava em choque quando a garça passou pelas copas de árvores cobertas de neve e pousou no solo da floresta. Mal tinha falado cinco palavras para Curtis cuja cintura ela havia segurado firme durante o voo. Eles tinham voado suficientemente alto para cruzar as nuvens baixas e a visão dos pontinhos de estrelas, brilhando na escuridão do céu da noite, a arrebatara. Mas seu coração estava congelado; o ataque a tinha deixado entorpecida, e a mente girava com perguntas não respondidas. Por que ela havia sido alvo daquilo? Quem era a Srta. Thennis, afinal de contas? E, mais importante, como ela seria capaz de explicar outro desaparecimento aos pais? A respiração da garça estava ofegante enquanto seus dois passageiros desciam; Curtis se virou para Prue e estendeu a mão.

— Ei, parceira — falou ele.

Era a primeira vez que Prue se sentia capaz de sorrir desde a confusão na rua. Ela e Curtis compartilharam um aperto de mãos que se transformou num abraço longo. Quando se afastaram, Prue olhou nos olhos de seu amigo.

— O que está acontecendo, Curtis?

A outra garça tinha depositado Brendan por perto; eles estavam parados numa clareira coberta de neve, cercada por pinheiros altos. Um pouco de luar passava entre as nuvens que se moviam, tornando a neve branca mais leitosa. O Bandido Rei se aproximou de Prue e colocou a mão em seu ombro. A barba ruiva estava polvilhada de geada.

— Para sua segurança — disse ele —, você deve ficar conosco.

— Quem... o que era aquela coisa? — perguntou Prue.

— Uma transmorfa — explicou Curtis. — Isso tudo vai parecer uma completa loucura. Mas ela foi enviada para matar você, Prue.

— Por quem?

Brendan se manifestou:

— Não sabemos. O importante é que você permaneça escondida. Demos uma boa surra naquela coisa, mas não imagino que ela vá ficar longe por muito tempo.

— Mas e quanto à Srta. Thennis? O que aconteceu com ela?

Curtis e Brendan trocaram um olhar.

— Não acho que a Srta. Thennis realmente exista — falou Curtis. — Ela é uma Kitsune. Uma raposa preta que pode adotar a forma de um humano.

Prue massageou a nuca, a cabeça longe dali, pensando sobre as semanas anteriores: a demissão da Sra. Estevez, a chegada repentina de sua desconhecida substituta, Srta. Thennis, à escola, a terra debaixo das unhas da professora depois que ela encontrou Prue na ribanceira. Diante desses acontecimentos estranhos, “Por quê?” foi tudo que Prue conseguiu perguntar.

— Há muita coisa para contar — falou Curtis. — Vamos até algum lugar

aquecido.

Dando adeus às garças exaustas, os três viajantes marcharam até além da vegetação rasteira da clareira. Curtis e Prue seguiram Brendan de perto enquanto ele se embrenhava na trama de árvores; durante a caminhada Prue bombardeava os companheiros com perguntas.

— Sua família deve estar em segurança — respondeu Brendan a uma das questões mais urgentes de Prue. — Fomos informados de que as Kitsunes, embora sejam criaturas perversas e mortais, raramente desviam de seus alvos. Ela estava atrás de você, não de seus pais ou seu irmão.

Prue imaginou a mãe e o pai observando o curry de lentilha fervilhar no fogão, olhando para o relógio aflitos. Eles já teriam descoberto sobre seu desaparecimento a essa altura.

— Vou precisar informar meus pais de que estou em segurança — disse Prue.

— Já foi feito — assegurou Curtis, levantando os galhos pendurados de um bordo para que Prue pudesse passar por baixo. — O Corujão disse que cuidaria disso; ele prometeu enviar um mensageiro.

— Ah, isso será simplesmente maravilhoso — ironizou Prue, visualizando a surpresa de sua mãe ao ver um estorninho parado em seu joelho, explicando que a filha desaparecida está bem, ela apenas foi sequestrada por bandidos e levada à Floresta Impassável. — Mas imagino que não seja nada com que minha família não esteja acostumada a essa altura.

— Exatamente — falou Curtis. — Esquisitice é abundante na família McKeel.

Um enorme cedro cobria a fenda de um desfiladeiro na paisagem, e o trio cuidadosamente cruzou o tronco coberto de neve da árvore para chegar ao outro lado; um riacho corria abaixo, fazendo barulho.

— Então aonde estamos indo agora? — perguntou Prue.

— Ao acampamento — respondeu Brendan. — Você ficará segura lá.

— E depois o quê?

— Nós esperamos por eles.

Curtis se intrometeu:

— Talvez você possa participar do treinamento dos bandidos!

Brendan grunhiu:

— Pode não ser seguro para ela se aventurar fora dos limites do acampamento. Na verdade, pode não ser seguro para nenhum de nós.

— Certo — falou Curtis. — Essa foi outra coisa que o lobo disse: que as Kitsunes poderiam estar indo atrás de todas as pessoas importantes do... como é que se chama?... Golpe da Bicicleta.

— O Golpe da Bicicleta? — perguntou Prue, confusa.

— Sim, você perdeu essa parte, quando deram o nome — disse Curtis. — Foi assim que chamaram a derrubada do governo do Bosque do Sul quando, depois do alaque, nós libertamos as aves e tiramos Lars Svik da Mansão. Não achei que tinha sido nada demais na época, mas parece que muita gente está realmente ligada a toda essa coisa... a bicicleta e tudo mais. Eles a chamam de Donzela da Bicicleta, parece.

— A Donzela da Bicicleta — repetiu Prue baixinho, saboreando as palavras. O rótulo parecia muito atraente, na verdade. De repente, um pensamento passou por sua cabeça. — Esperem um segundo. Se esses transmorfos estão atrás das pessoas que fizeram parte do golpe, como fica Iphigenia? E o Corujão? Eles também não serão alvos?

— Sim, talvez — respondeu Brendan. — Não conhecemos os detalhes das intenções desses assassinos... ou de seus amos. Nem mesmo sabemos se há mais do que apenas aquela. Talvez eles estejam atrás de todos. Talvez estejam apenas atrás de você! Em todo caso, fomos incumbidos de mantê-la em segurança, Prue, pois não havia nada para protegê-la no Exterior.

Eles caminharam em fila indiana pela trilha de caça que parecia a Prue indistinguível do solo natural da floresta; Curtis lhe contou tudo o que o lobo, o Cabo Donalbain, informara na reunião clandestina no Bosque do Norte: o patriotismo causado pelo golpe, a ascensão do Synod, a marginalização do governo interino, as privações trazidas pela agitação e pelo inverno rigoroso. Aquilo foi o suficiente para deixar Prue tonta.

— Não consigo acreditar em quanta coisa mudou em apenas alguns meses! — exclamou Prue, enquanto contornavam a fronteira de um prado gramado. — Quero dizer, o que aconteceu? Eles estão entendendo tudo errado! — Ela parou abruptamente e colocou as mãos no quadril. — Por que nós não simplesmente vamos até lá... quero dizer, eu sou a Donzela da Bicicleta, afinal de contas. Será que não podemos simplesmente marchar até o Bosque do Sul, entrar na Mansão e simplesmente colocar as coisas nos eixos novamente?

— Não é seguro, Prue — falou Brendan. — Nossas instruções são para mantê-la longe dos olhos atentos de quem quer que esteja tentando matá-la. Vamos lá, continue andando. Estamos quase lá.

Quinze passos depois, eles chegaram a um emaranhado denso de arbustos altos de mirtilo, criando uma espécie de muro que parecia se estender infinitamente para os dois lados. Brendan parou e estudou aquilo.

— Isso é bastante novo — explicou ele. — Ainda estou me acostumando com... onde... arrá! — Escondido no verde da cerca viva estava um pedaço de tecido que lembrava uma teia, e Brendan o afastou para revelar uma passagem. Prue entrou primeiro e se abaixou bem para evitar os galhos cobertos de folhas que roçavam em seu cabelo. Depois de passar pela enorme cerca viva, a menina repentinamente sentiu o solo desaparecer debaixo de si. Prue soltou um ganido e voltou para trás com dificuldade. A lua tinha desaparecido atrás de uma nuvem, e o adiante dela estava escondido pela

escuridão. Brendan apareceu, carregando uma tocha acesa. — Cuidado aí — advertiu ele. — Olhe para o chão.

O Bandido Rei ergueu a tocha diante deles, e Prue viu que ela estava parada na beira de um penhasco rochoso.

— Onde estamos? — perguntou ela.

— Na Longa Fenda — respondeu Brendan. — Nosso novo lar. — Entregando a tocha a Curtis, esticou o braço atrás de uma pedra próxima e tirou um longo carretel de corda que fora escondido ali. Produzindo um assovio rápido e estridente, jogou a corda para baixo, onde Prue a ouviu bater contra a parede do penhasco. Ele então passou um laço da corda por um aro de metal acoplado ao seu cinto de couro e checou a força do equipamento; a corda estava firme, presa à base de uma grande árvore. Ele gesticulou para Prue. — Suba em minhas costas.

Prue passou os braços em volta do pescoço de Brendan e sentiu o estômago afundar quando ele começou a descer, de costas, pelo paredão do penhasco. A corda aguentava o peso dos dois; ele a segurava com luvas enquanto lentamente descia pela parede. Prue afundou a cabeça em seu ombro, os olhos fechados com força; o cheiro do bandido era de suor e folhas verdes.

Depois de um tempo, enquanto a boca da fenda gigantesca engolia o céu nublado sobre eles, os dois pousaram numa plataforma de madeira fixada à parede do penhasco. Um pequeno lampião vermelho fornecia uma luz fraca. Brendan colocou Prue no chão delicadamente e deu dois puxões fortes na corda. Prue olhou à sua volta, identificando onde estava. O fundo da fissura rochosa ainda se escondia na escuridão impenetrável. Saindo da plataforma estava uma ponte de corda, que cruzava até a escuridão do outro lado. Algumas luzes bruxuleantes podiam ser vistas ao longe, como um enxame de vagalumes. Curtis se juntou a eles logo depois na plataforma; ele soltou a

corda de um mosquetão em seu cinto. Prue olhou para ele, espantada.

— Onde você aprendeu a fazer isso?

— Rapel — falou ele, sorrindo. — Terceiro período.

Um assovio soou do outro lado do abismo; Prue podia ver alguém do outro lado da ponte de corda, balançando um lampião. Brendan assoviou duas vezes, rapidamente, e os três viajantes começaram a cruzar. O vento soprava no desfiladeiro; a ponte oscilava e tremia ao alcançarem seu ponto central. Prue, com as mãos segurando firmemente a corda que servia de corrimão, concentrou todas as forças em não olhar para baixo. Quando chegaram à plataforma do outro lado, eles foram saudados por um bandido.



— Eamon — cumprimentou Brendan.

— Rei — respondeu o bandido.

Prue agora reconhecia o que tinham sido aquelas luzes esquivas e dançantes que vira do outro lado da ponte: ao longo de todo paredão íngreme e recortado, lampiões pontilhavam a parede do penhasco, iluminando

recantos profundos na rocha onde estruturas toscas foram construídas a partir de galhos nodosos de árvores: portais e antecâmaras, cobertos aqui e ali por capas de pele de cervo. Mais pontes de corda podiam ser vistas agora, ligando todas essas aberturas de cavernas — várias cruzavam a fenda mais adiante, onde outros lampiões podiam ser vistos brilhando; escadas de madeira desciam mais fundo no abismo e Prue viu que essa constelação vertiginosa de lampiões descia até além do alcance de sua visão. Tendo ouvido o assovio, rostos começaram a aparecer nas fissuras na pedra; rostos enrijecidos de bandidos olhando para os viajantes recém-chegados.

— Vocês se mudaram. Foi tudo o que Prue conseguiu dizer.

— Sim — respondeu Brendan. — Nós mudamos de esconderijo quando a assembleia determina que um acampamento não é seguro. Tínhamos sido descobertos pelos coiotes; não tivemos escolha a não ser nos mudarmos. — Ele ficou parado na plataforma e orgulhosamente vasculhou todo o acampamento, que se estendia em todas as direções ao longo da parede do penhasco. — Foi difícil nos estabelecermos aqui, mas acho que seremos capazes de permanecer por um bom tempo.

Prue olhou pela beira do abismo, tentando distinguir as luzes mais distantes e as entradas de cavernas por elas iluminadas. Além daquilo era um negrume total.

— Até onde o acampamento desce? — perguntou ela.

— Ninguém sabe — respondeu Brendan. — Encontramos alguns sinais de colonizadores antigos mais abaixo, moradores dos penhascos, só que depois disso o caminho fica mais difícil. Então não deixe cair nada a que você dê valor, porque você não terá como recuperar.

Uma escada fraca de madeira descia ainda mais pela parede do penhasco até o que parecia ser alguma espécie de área de lançamento: uma longa plataforma que se estendia para dentro do abismo, cercada por um corrimão

de madeira. Numa ponta da plataforma, um buraco havia sido aberto para permitir que uma árvore retorcida que crescera na parede do penhasco passasse pelas pranchas de madeira. A árvore robusta prendia um cabo que descia até a escuridão distante. Anexado ao cabo estava um sistema de roldanas que, por sua vez, suportava o peso de uma caixa espaçosa, grande o suficiente para comportar quatro ou cinco pessoas. Brendan acenou, mostrando o caminho adiante, e Prue agilmente entrou na caixa.

— Espere — instruiu Brendan, enquanto ele e Curtis entravam ao seu lado.

Curtis soltou uma corda que mantinha a caixa em seu lugar e o veículo partiu, descendo pelo cabo e passando por uma quantidade deslumbrante de casebres, entradas de cavernas, plataformas e passarelas, tudo iluminado por lampiões.

A caixa parou rapidamente numa plataforma mais baixa. Enquanto outro assistente bandido os saudava, Prue pôde ver o que tinha do outro lado de uma enorme abertura no paredão do penhasco, onde grupos de bandidos vestidos com roupas coloridas estavam reunidos em volta de uma grande fogueira; o cheiro de carne de cervo assada pairava no ar. Assim que Prue chegou ao chão de pedra da caverna, as atenções imediatamente se voltaram para a recém-chegada.

— Prue! — falou um.

— A menina Forasteira! — disse outro.

Brendan rapidamente aliviou a curiosidade dos seus homens:

— Companheiros bandidos: por favor, acolham novamente no acampamento nossa amiga e aliada, Prue McKeel. Foi solicitado que lhe déssemos asilo; sua vida está em grande perigo.

Seguiu-se um murmúrio de consentimento. Prue ouviu alguém balbuciar algo sobre mais uma boca para alimentar, mas este foi rapidamente calado.

Uma voz se elevou acima das outras:

— Qual é o perigo?

Brendan se dirigiu aos bandidos reunidos, lhes contando tudo o que ele tinha ouvido; explicou com detalhes seu voo desesperado do Bosque do Norte, a batalha na rua no Exterior. Depois da história, um silêncio tomou conta do grupo; mais bandidos tinham chegado, e Prue podia ver os rostos sujos de crianças espiando por trás das pernas de seus pais. Finalmente, um bandido se aproximou. Ele era um homem mais jovem, vestido com uma espécie de sobretudo surrado; Prue não o reconheceu. Ela imaginou que eles tinham precisado recrutar todo um novo grupo de bandidos desde a guerra contra a Governatriz.

— Mas Brendan — perguntou ele hesitantemente —, e se vierem atrás de nós?

Outra voz entrou na discussão, uma voz de mulher:

— Sim — disse ela. — Nós acabamos de nos estabelecer aqui. Teremos que nos mudar de novo?

— Eles não virão atrás de nós — garantiu Brendan. — Não chegarão nem perto. Esse é o acampamento mais escondido que tivemos em toda uma geração. Não espero deixá-lo até que os bebês aqui nascidos estejam velhos. Mas, se vai tranquilizar todos, vamos posicionar mais vigias... reforçar a segurança. Mesmo se uma Kitsune conseguir entrar aqui, ela não vai sobreviver à luta. Está claro?

Um coro respondeu, confirmando.

O Bandido Rei continuou:

— Para muitos de vocês, esse pode ser apenas mais um corpo para alimentar e vestir. Essa é uma preocupação razoável. Sei que os estoques estão vazios. Sei que os roubos não estão trazendo o que deveriam. Mas somos um bando forte e suportamos situações piores. Meu bisavô, Ben,

sobreviveu às Guerras dos Bandidos com seus homens comendo apenas grama e tufos de musgo, e ainda terminou vitorioso. Somos feitos do sangue deles. Podemos passar por isso.

A multidão conversou entre si; depois de um tempo, foi alcançado um consenso: Prue podia ficar. Ela sorriu calorosamente para a multidão.

— Obrigada a todos — agradeceu ela, apesar de a voz estar rouca de exaustão.

Tinha sido um longo dia. Curtis percebeu aquilo e cutucou sua amiga com o cotovelo.

— Vamos lá — disse ele. — Vou levá-la ao alojamento dos aprendizes.

Os dois amigos desejaram boa noite às pessoas à sua volta. Eles seguiram uma passarela de madeira que se contorcia ao longo da parede do penhasco, se afastando da área comum; Curtis carregava um lampião vermelho, iluminando o caminho. Prue o estudou enquanto caminhavam, uma auréola enevoada que saía do pavio aceso revelando um Curtis que ela não reconhecia. Seu rosto parecia mais comprido, mais velho. Parecia para ela que os ombros do garoto preenchiam o uniforme maltrapilho que vestia de uma forma que ela não lembrava. A lente esquerda dos óculos de armação de metal tinha uma rachadura muito fina, bem perto do nariz. Os olhos atrás daqueles óculos pareciam, de algum modo, mais experientes.

Ele percebeu que ela estava olhando.

— O que houve? — perguntou ele, sorrindo de forma envergonhada.

— Ah, sei lá — disse Prue. — Você parece mudado, só isso.

— Bem, sou um Bandido Novato, condecorado.

Ela riu da terminologia.

— Ah, Curtis. Quem poderia dizer que seria assim que você acabaria?

— Aqui é o meu lugar, Prue. Esta é a minha vida agora.

Uma ponte de corda saía da passarela, levando até o outro lado da fenda.

Eles a seguiram.

— E quanto aos seus pais? Suas irmãs?

— Eles estão bem. Convenci um grou migratório a sobrevoar minha antiga casa recentemente, apenas para ver como estavam as coisas. Ele mandou notícias de que os viu fazendo malas para o que parecia ser uma viagem ou algo assim. Então acho que estão se saindo muito bem sem mim.

Prue balançou a cabeça, satisfeita, embora sentisse que seu amigo não estava totalmente convencido da própria história.

— Você acha que um dia vai contar a eles?

— Não sei — respondeu Curtis. — Talvez um dia. É complicado. Eu não gostaria que eles tentassem entrar aqui para me procurar; eles se perderiam na Periferia.

— Mas você é um mestiço — sugeriu Prue, enquanto descia da ponte de corda e seguia Curtis descendo outra escada de madeira. — Como eu. Será que isso não significa que seus pais podem atravessar?

— Quem sabe de onde vem esse sangue? — perguntou Curtis. — Talvez um tenha, mas o outro não. — Ele pensou por um instante. — Imagino que minhas irmãs provavelmente são mestiças, não?

Eles chegaram ao fim da escada. Outro platô de madeira se esticava sobre o abismo. Um cabo, enrolado no topo de um poste alto, desaparecia no vazio à frente; uma fogueira bruxuleante podia ser vista a distância. Curtis levou os dedos até os lábios e soltou um assovio estridente. Dentro de instantes, um barulho foi ouvido, o som de algo deslizando sobre o metal. Uma cruz de madeira, fixada com cabo de cobre a um mecanismo de roldana, desceu pela tirolesa e bateu ruidosamente contra o poste. Curtis a segurou.

— Você quer ir primeiro? — perguntou ele.

— Tudo bem — respondeu Prue, com algum receio.

Ela posicionou as mãos sobre a alça de madeira.

— Apenas segure firme — instruiu Curtis.

— Você acha? — rebateu Prue, rindo. — Escute, sou uma bandida nata. Talvez eu possa lhe ensinar uma coisa ou duas.

E com isso ela tirou os pés do solo e foi carregada numa velocidade de tirar o fôlego até o outro lado da Longa Fenda. O vento frio da fenda acertou e mordiscou seu rosto e suas mãos; ela podia sentir a face corar por causa do frio. Assim que o medo inicial passara, Prue se pegou sorrindo tanto que suas bochechas doeram.



Pareceu a Elsie que ela mal tinha fechado os olhos, mal tinha começado a derivar para um semicochilo, quando uma campainha soou muito alta no dormitório, seguida de uma rodada renovada de rosnados distorcidos do alto-falante:

— ALARME DA MANHÃ! REGIME AERÓBICO, COMEÇAR!

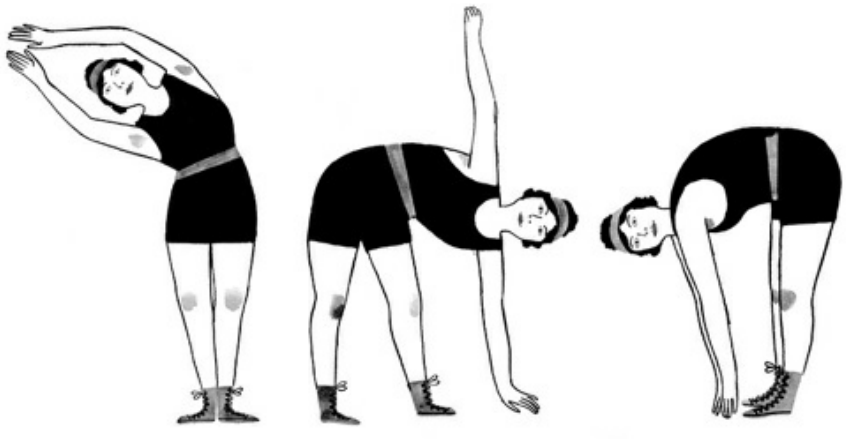
Imediatamente, o local foi tomado pelos queixumes de meninas sonolentas e pelo farfalhar acumulado de trinta cobertores de lã sendo jogados para o lado. Elsie seguiu o exemplo; ela notou que Rachel não apenas conseguira ignorar o comando do alto-falante, mas também parecia nem ter sido acordada por ele. Elsie sussurrou alto para sua irmã:

— Rachel! Acorde!

Não houve resposta.

Uma mulher baixa e idosa, usando um vestido de trabalho cinza, entrou pelas portas duplas. Usando uma cavilha de madeira, a mulher puxou uma tela branca que estava pendurada na parede leste. Então caminhou até o outro lado do aposento e tirou uma manta de cima de um pedestal baixo, revelando um projetor de Super 8 de aparência muito antiga. Ela o ligou, e um raio de

luz trêmulo atingiu a tela, mostrando imagens em preto e branco de uma mulher usando malha de ginástica. O filme parecia muito, muito antigo. Enquanto a personagem do filme começava a se mover, as meninas do dormitório seguiam seu exemplo, imitando cada gesto da mulher. Elsie fez o mesmo: a mulher tocou seus dedos dos pés, Elsie também tocou os seus. A mulher executou uma série de polichinelos, Elsie também. Esse procedimento durou cerca de dez minutos, com o chão de madeira do dormitório vibrando a cada movimento e salto de todas as meninas do quarto. Rachel conseguiu permanecer dormindo. Entre as atividades, Elsie tentava acordá-la, chutando uma das pernas da cama de sua irmã, mas não adiantou nada. Finalmente, o programa chegou ao fim e o projetor foi desligado com uma série de estalos ruidosos. O alto-falante voltou a funcionar.



— CAMA VINTE E TRÊS.

Nenhuma resposta. Elsie se aproximou devagar e discretamente chutou o pé da cama mais uma vez.

— Rachel! — sussurrou ela.

— Hmmph? — respondeu Rachel, o rosto afundado no travesseiro.

— CAMA VINTE E TRÊS! LEVANTE-SE IMEDIATAMENTE!

A mão de Rachel se contorceu debaixo do cobertor fino e começou a

tatear a lateral da cama, provavelmente procurando o despertador inexistente.

— Mãe! — murmurou ela. — Mais dez minutos.

Isso provocou um coro de risadas entre as meninas que a cercavam.

— SRTA. TALBOT? — guinchou o alto-falante.

A mulher de cabelos grisalhos que manejava o projetor caminhou com dificuldade até a cama vinte e três e, respirando fundo, levantou a armação de metal, empurrando o corpo dormente de Rachel sobre o chão de madeira dura. Rachel se levantou assustada, tentando se reorientar à sua realidade bizarra. As meninas ao redor tinham parado com as risadas e estavam olhando para seus pés.

— REFEIÇÃO MATINAL, ÀS SETE HORAS. DEPOIS TODAS AS EQUIPES DE TRABALHO SE APRESENTEM À OFICINA.

Como um exército de almas obedientes, as meninas do dormitório começaram a vestir seus macacões cinzentos manchados de graxa sobre suas ceroulas de lã. Algumas conversavam em voz baixa com suas vizinhas; outras se preparavam para seu dia em silêncio. Rachel e Elsie observavam, espantadas, sem se mover, até que Martha chutou o pé de Elsie que estava coberto pela ceroula.

— Vista sua roupa de trabalho — chiou ela.

— O que, essa aqui? — perguntou Elsie, apontando para o macacão que ela havia recebido na noite anterior; ele ainda estava coberto por sua embalagem plástica.

Martha revirou os olhos.

— Sim — falou ela, antes de complementar: — Você quer que eu lhe dê a mão enquanto você faz isso?

Uma garota mais velha, sentada na cama ao lado da de Martha, se manifestou com o canto da boca enquanto colocava o cadarço cuidadosamente em um par de coturnos.

— Sendo terrivelmente caridosa com as novatas, não é mesmo, Martha?

— Sou uma pessoa graciosa — respondeu Martha, com sarcasmo.

— Nós temos que trabalhar também? — perguntou Elsie.

A garota de coturnos suprimiu uma risada.

— Sim, vocês têm que trabalhar — disse Martha. — Nós todas temos que trabalhar.

Elsie correu o olhar pelo salão, perplexa.

— Mas eu nunca realmente trabalhei antes. Quero dizer, ajudo com as tarefas da casa e tudo mais. Mas nunca tive, tipo, um emprego.

— Bem, seja bem-vinda à semana de trabalho — disse Martha.

Rachel, ainda parcialmente dormindo, escutava tudo aquilo sem falar nada.

— Ei, quatro-olhos — falou ela, finalmente.

Martha olhou feio para ela.

— Não sei quem lhe disse o que, mas só vamos ficar aqui durante duas semanas. Não somos oficialmente "órfãs". — Então, ela produziu as aspas imaginárias com os dedos. — Por isso não acho que vamos fazer qualquer trabalho, muito obrigada. Especialmente não numa oficina.

— Isso é o que todos dizem.

Essa frase veio da garota ao lado de Martha, que tinha acabado de passar o cadarço pelo último buraco de sua bota.

— Isso é o que quem diz? — perguntou Rachel.

— Carne nova. Novatos. Aqueles que acabaram de chegar. Sempre dizem coisas como: "não vou trabalhar; meus pais vão voltar para me buscar a qualquer momento". Ou: "posso ser adotado hoje! Não vou perder tempo numa oficina." É sempre a mesma coisa. Vocês vão ceder. Acreditem em mim, vocês vão ceder.

Parecia que a voz da menina era oca havia muito tempo, como um tronco

morto.

— Ou o quê? — desafiou Rachel. — E se eu me recusar? Existem, tipo assim, leis contra essas coisas.

Martha se meteu na conversa.

— Você recebe um demérito.

Rachel riu.

— Oh, não! Um demérito? — Ela colocou a mão na testa, fingindo estar horrorizada. — O que eu farei então?

— O que é um demérito? — sussurrou Elsie.

Martha ignorou a irmã mais nova, canalizando a crescente irritação contra Rachel.

— Bem, se você juntar deméritos suficientes, você se torna Inadotável.

— Ina o quê? — perguntou Rachel, a mão caindo do rosto.

— Inadotável. Você sabe, como você. E sem adoção — respondeu a menina.

— Mas o que isso realmente significa? Não sou órfã! Nem estou disponível para adoção!

Rachel tinha abandonado o tom sarcástico e agora começava a soar genuinamente preocupada.

— Todos são órfãos aqui — falou Martha. — Não é que alguém algum dia venha nos adotar. Mas, se você for Inadotável, então você é mandada ao escritório do Sr. Unthank. E então nunca a vemos novamente.

Elsie gaguejou.

— S... Sério? Nunca?

— Nunca — disse Martha.

Rachel, ainda expulsando o sono da cabeça, ficou olhando de forma intercalada para as duas meninas mais novas.

— Isso é ridículo! — exclamou ela. — Eles não podem fazer isso.

Estamos apenas internadas aqui. Minha mãe e meu pai vão voltar daqui a duas semanas.

— Você disse que eles não iam voltar, Rach, antes — comentou Elsie.

Rachel lançou um olhar sério à irmã.

— Eu estava brincando. Não é verdade. É claro que eles vão voltar.

Martha começou a vestir o macacão cinza. Ela limpou um pouco da graxa na lente de seus óculos e os deslizou sobre o cabelo.

— Ei, então vocês estão bem — falou ela, parecendo indiferente ao dilema das irmãs. — Apenas não acumule deméritos.

O mau humor de Rachel estava ficando pior. Seu rosto parecia da cor de um tomate maduro no fim do verão. Elsie já tinha visto aquilo acontecer antes — uma coloração parecida se apossara das bochechas da irmã logo depois que a mãe entrou escondida no quarto dela para jogar fora todos os seus batons pretos; Elsie aninhou Tina mais próxima ao peito, como se a estivesse protegendo da explosão inevitável.

— Eles... não... podem... fazer... isso — disse Rachel, articulando cada palavra, cada uma mais alta do que a anterior, até que terminou a frase gritando com toda força: — Somos... americanas!

Com aquela declaração final, ela marchou na direção da frente do salão. A ceroula vermelha era um tamanho maior do que deveria ser, e ela teve que arregaçar a parte de baixo enquanto andava. Posicionada debaixo do alto-falante, Rachel se dirigiu à voz desencarnada com raiva.

— Alô? — gritou ela. — Eu sou uma, você sabe, residente temporária aqui. Minha irmã e eu. Não fazemos parte do orfanato. E não vamos trabalhar em nenhuma oficina.

Nenhuma resposta.

— E, para que fique bem claro, não acho que as crianças estão sendo tratadas de forma adequada aqui. Não acho que seja permitido mandar

crianças trabalharem numa fábrica. Tenho bastante certeza disso.

Ainda, silêncio.

— Isso não é justo. Eu gostaria de dar um telefonema ou algo assim.

Duas meninas podiam ser ouvidas sussurrando discretamente no fundo do dormitório.

— Certo, então — falou Rachel, aumentando o ar de desafio. — Que tal isso: eu me recuso a trabalhar em sua oficina idiota.

Então ela mostrou a língua e andou orgulhosamente de volta até a cama. Todas no quarto a encaravam em silêncio. Martha tinha congelado na posição em que estava, as mãos ainda nos óculos em sua testa. Sem saber o que dizer, Elsie apertou o botão nas costas da Intrépida Tina.

— UM BOM DIA SEMPRE COMEÇA COM UM CAFÉ DA MANHÃ BALANCEADO — anunciou a boneca, de forma útil.

Antes que Rachel tivesse chegado à sua cama, o alto-falante ganhou vida. Ela parou abruptamente ao ouvir o barulho.

— CAMA VINTE E TRÊS! — Veio a voz, e então: — UM DEMÉRITO.

Se uma voz robótica pudesse soar inabalável, ela havia soado naquele momento.

Todos se assustaram com a acusação no alto-falante. A expressão facial de Rachel foi de orgulho a choque, depois de volta à raiva no intervalo de alguns segundos. Elsie testemunhou todas elas. Mas, antes que Rachel pudesse se virar e gritar uma contestação que a prejudicasse, Elsie a segurou pelo braço.

— Por favor, Rach — suplicou ela —, não faça nada! Apenas... fique em silêncio!

Rachel olhou para a mão da irmã, os músculos se contraindo com a firmeza com que ela segurava seu braço. Finalmente, como uma nuvem que se dissipava, a raiva desapareceu de seu rosto e os olhos recuaram mais uma vez para trás da franja. Elsie foi capaz de sentir os músculos em seu braço

relaxarem; ela soltou o braço da irmã e olhou seriamente para ela.

— Duas semanas, lembra? — perguntou Elsie. — Vamos apenas aguentar firme.

— Certo, Els — concordou Rachel. — Certo.

Ela se largou sobre a cama, derrotada.

Demorou alguns minutos para a aura de drama se dissipar no dormitório; Elsie sentiu os olhos de todas sobre ela e sua irmã enquanto as duas obedientemente vestiam os macacões cinza. A Srta. Talbot estava a postos para receber as roupas que elas vestiam quando chegaram, as quais teriam o direito de receber de volta durante visitas de pessoas interessadas em adotar crianças — apesar de não existir nenhuma indicação de que esse tipo de visita realmente acontecia. As Mehlberg então entraram na fila com o resto das meninas e desceram em marcha lenta até o refeitório, onde uma refeição de panquecas mal cozidas e suco de laranja aguado esperava por elas. Logo o outro dormitório se juntou a elas; uma gangue carrancuda de garotos em macacões cinzentos entrou no refeitório e tomou seu café da manhã em silêncio. Elsie e Rachel se sentaram separadas das outras crianças, frente a frente sobre o tampo laminado de uma longa mesa, o que não tinha sido de forma alguma uma escolha delas: ninguém se dignou a se sentar perto delas. Rachel mal tocou sua comida; ela não havia comido nem dois pedaços antes de abaixar o garfo de forma resignada. A centelha que Elsie via no dormitório tinha sumido há muito tempo; a Rachel que ela conhecia de antes estava de volta: chorosa e calada.

Assim que elas terminaram e depositaram as bandejas de metal numa bacia suja, uma instrução rosnada de outro alto-falante no refeitório fez as crianças agrupadas se enfileirarem junto a uma parede. De lá, elas marcharam em fila indiana, saindo pela porta e descendo por uma escadaria larga. Elsie podia ouvir um chiado soando em intervalos regulares, em algum lugar ao

longe. A escadaria levava a um novo corredor, e a fila de trabalhadores o seguia, as batidas sincopadas de suas botas no chão ecoando nas paredes, antes de finalmente chegarem a um par de portas. Elas deviam ser acionadas automaticamente, porque, logo que o primeiro da fila chegou em frente a elas, estas se abriram com um chiado industrial, revelando uma vista que fez o estômago de Elsie afundar.

Era um aposento amplo. Um aposento muito amplo. Na verdade, Elsie não conseguia se lembrar de ter visto um prédio capaz de esconder um aposento tão grande quando elas chegaram ao orfanato. Mas ele existia, sem a mínima dúvida, e estava cheio até a borda com o que só podia ser descrito como geringonças. Pequenas geringonças. Grandes geringonças. Geringonças de cobre e bronze. Geringonças de madeira. Geringonças que cuspiam vapor de orifícios que pareciam cornetas. Geringonças que expeliam fumaça e fogo. Geringonças que se pareciam com chaleiras, com mostradores e medidores pontilhando suas laterais; geringonças quadradas, como caixas, com tentáculos de ferro e canos de cobre brotando dos lados. Geringonças giratórias, geringonças estáticas, geringonças que apitavam, geringonças que peidavam. E todas elas interligadas por uma malha de fios e cabos elétricos multicoloridos que dava ao aposento gigantesco a aura distinta de um aparelho de televisão dissecado, como aquele que o pai de Elsie tinha deixado Curtis desmantelar em seu quarto e que, depois de incontáveis parafusos desparafusados, revelou todo um cosmos bizantino de circuitos e fios desconhecidos. Por mais estranho que pudesse parecer, o aposento tinha cheiro de framboesa. Uma longa esteira rolante se contorcia em volta das muitas máquinas do salão, e era ao longo dessa esteira que a maioria das crianças se reunia, esfregando as mãos em preparação para o dia de trabalho.




Joffrey Unthank estava parado no meio do salão, iluminado pela luz de algumas lâmpadas em gaiolas penduradas no teto. Ele segurava uma caneca e bebia despreocupadamente enquanto as crianças ocupavam os lugares ao longo da esteira rolante. Quando Elsie e Rachel chegaram ao salão, ele as abordou.

— Então vocês são as novatas? — perguntou ele. — As Mehlberg?

Antes que Elsie pudesse responder, Rachel tomou a iniciativa de protegê-la.

— Sim — disse ela. — Você é o dono, não?

Ele deu um gole em sua caneca antes de responder:

— Joffrey Unthank. Sr. Unthank para vocês. Dono e operador-chefe.

— Bem, isso é ilegal, eu acho — falou Rachel.

— Você ficaria surpresa, minha querida — respondeu Joffrey.

— Eu gostaria de dar um telefonema — disse Rachel.

— Não com um demérito em sua ficha — falou Joffrey. — Você gostaria

de mais um?

Elsie cutucou a irmã com o cotovelo. Ao ver Rachel recuar, Joffrey falou:

— Mãos, por favor?

— O quê? — perguntou Rachel.

— Posso ver suas mãos, por favor?

Obedientemente, Rachel esticou as mãos. Joffrey as inspecionou.

— Esteira rolante, terceira estação. — Ele apontou para uma seção da esteira sobre a qual estava pendurada uma placa de madeira com o algarismo romano III. — Seus vizinhos vão lhe mostrar como as coisas funcionam.

Rachel olhou para Elsie com uma expressão murcha e foi embora com uma postura derrotada. Joffrey se virou para Elsie.

— Mãos, por favor? — pediu ele.

Elsie obedeceu à ordem; suas mãos pareciam vazias sem a Intrépida Tina, que ela havia deixado armazenada em segurança no armário no pé da cama.

Os olhos de Joffrey se arregalaram.

— Lindas! — exclamou ele. Abaixando a caneca, começou a inspecionar as mãos de Elsie. — Tão... pequenas! — falou baixinho. Ele olhou para Elsie. — Minha querida, você é a feliz proprietária de mãos que foram positivamente feitas para partes de máquinas. Não vejo mãos como essas há anos!

Elsie, automaticamente, murmurou:

— Obrigada.

Joffrey pôs o braço em volta do ombro da menina e a conduziu até uma das geringonças, um objeto de alumínio brilhante que parecia um barril, posicionado de lado, com uma série de tubos de plástico vermelhos e azuis saindo dele. Havia três medidores na parte frontal da máquina, um rotulado ACK, outro rotulado UZ e mais um com um símbolo que se parecia, para Elsie, com uma casquinha de sorvete de cabeça para baixo.

— Esse bebezinho — disse Joffrey, acariciando a lateral da máquina — é o Oscilador Lustrador Romboide 2.0. OLR para abreviar.

— O que ele faz? — perguntou Elsie.

— Bem, ele oscila. E Lustra. Ele lustra enquanto oscila. A parte do "romboide" pode ser qualquer coisa.

Elsie não sabia o que *oscilar* significava. Mas não falou nada.

— Agora — disse Joffrey —, a operação dessa máquina é bastante simples. Um grande progresso em relação à versão 1.5, se você me permite a sinceridade. Você aperta esse botão aqui, espera dez segundos e então puxa essa alavanca e você vai ouvir um estalo baixinho. — Joffrey lhe explicou os vários passos; um estalo baixinho, seguido de um suave som de rotação, saiu da máquina. — Quando ouvir isso, você simplesmente abre este painel e... voilà. — Dentro da máquina, logo depois de uma pequena porta no chassi, Elsie podia ver uma pequena porca octogonal, como uma que você veria enroscada num parafuso muito pequeno. — Pegue-a, por favor. E rápido — disse ele, continuando suas instruções para Elsie. Obedecendo ao comando, ela enfiou a mão na pequena abertura, segurou a porca e a entregou a Unthank. Segurando a peça entre o polegar e o indicador, ele continuou: — Muito bom. Essa é uma Porca de Parafuso Romboide Oscilada de Alta-Liga. Há uma em cada máquina automática de preparar daiquiris. Agora, apesar de todas as melhorias que o fabricante fez em relação à versão anterior do equipamento, da forma como vejo, não é suficiente. Então, resolvi tomar a responsabilidade de fazer alguns ajustes por conta própria. Dei um trato na máquina, como gostam de falar. Não preciso nem dizer que isso anulou a garantia.

A máquina soltou um estrondo enquanto um conjunto do que pareciam ser dentes metálicos descia sobre o espaço onde a porca tinha estado. Joffrey sorriu. Elsie olhou fixamente para ele.

Ele limpou a garganta e continuou:

— O que acontece é que, para maximizar a eficiência da máquina, tive que me livrar de algumas das... como posso dizer... medidas de segurança instaladas. Então, em vez de a máquina simplesmente cuspir uma nova porca nessa bandeja, alguém com mãos *realmente* pequenas tem que remover a peça manualmente. Como você acabou de fazer.

— Certo — falou Elsie. — Entendi, acho.

— Agora, uma coisa que você deveria saber... — Ele parou nesse instante e olhou para ela, com uma expressão vazia em seu rosto. — Sinto muito, qual é o seu nome?

— Elsie.

— Que nome adorável. Uma coisa que você deveria saber, Elsie, minha querida, é que, se seus preciosos dedinhos calharem de estar dentro da máquina quando ela recalibrar o distribuidor, a grande comunidade de partes de máquinas ficará sem a metade de um par do melhor conjunto de mãos a aparecer em toda uma geração.

— O quê? — perguntou Elsie, tentando desvendar o significado da última frase do homem.

— Ou nos últimos dois anos, de qualquer forma. Entre as dez mais, com certeza. Mãos lindas e minúsculas.

— Isso vai arrancar minha mão? — perguntou ela, perdendo o fôlego.

Novamente, Joffrey limpou a garganta.

— Sim. — Sorriso. — MAS: você tem facilmente cinco, seis segundos para entrar ali e pegar a porca antes de a máquina descer. Uma menina com os seus dotes, você deve entrar e sair de lá em dois, talvez três.

Elsie ainda estava imaginando a consequência de uma ação demorada; naquele momento, ela ficou profundamente ciente do quanto dava valor ao fato de ter duas mãos. Tentou imaginar a vida sem uma delas: ela se viu na

cozinha tentando fazer um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia com um gancho no lugar de uma das mãos. Nem mesmo na sua imaginação aquela era uma tarefa simples.

Joffrey estalou os dedos.

— Preste atenção, Elsie, querida. A outra coisa que você deveria saber é que essas porcas são muito valiosas. Mas tão, tão valiosas que, se uma for destruída... e acredite em mim, a máquina vai destruí-la se ela ficar presa e não for removida antes de a produção continuar... nós, a fábrica, o orfanato, a grande comunidade, somos deixados com um mundo em que há uma Porca de Parafuso Romboide Oscilada de Alta-Liga a menos e, assim sendo, um proprietário satisfeito de uma máquina elétrica de preparar daiquiris a menos. E isso é ruim. Muito, muito ruim. Isso está claro?

— Sim, Sr. Unthank — falou Elsie.

— Então sinto dizer que, se você por acaso deixar uma ser destruída e não a retirar com essas suas mãos topo de linha para partes de máquina, antes de a produção continuar, serei forçado, e isso não será minha culpa, a lhe dar um demérito.

Uma pontada de medo perfurou o peito de Elsie.

— Sim, Sr. Unthank.

— E você sabe o que acontece se você receber três deméritos, não sabe?

— Você é Ina... Inadotável?

— Exatamente! — exclamou Joffrey, um tanto radiante. — Você aprende rápido, Elsie. Acho que você é uma menina muito astuta. E meninas astutas muitas vezes provam ter uma carreira muito longa e feliz na área de partes de máquinas.

— Obrigada, senhor, Sr. Unthank, senhor.

— Bem, então, vou deixar esse bebezinho aos seus cuidados. Lembre-se: aperte o botão, espere um pouquinho, puxe a alavanca, estalo baixinho. Sim?

— Ele repetiu, enfatizando o padrão rítmico da rima. — Aperte o botão, espere um pouquinho, puxe a alavanca, estalo baixinho.

Ele se afastou de Elsie, repetindo o mantra numa voz cantada, seus dedos balançando no ar como se ele estivesse regendo uma orquestra. Chegando ao centro do salão, inspecionou a produção da manhã. As máquinas funcionavam a todo vapor, criando uma sinfonia de estalos metálicos, zumbidos e gemidos; as crianças estavam pegando pesado, algumas cuidando dos controles das máquinas, como Elsie, enquanto outras, como Rachel, apanhavam parafusos, porcas e minúsculos dentes de engrenagens na longa esteira rolante.

— Isso é música para os meus ouvidos, crianças — gritou o Sr. Unthank. — Música para os meus ouvidos. Lembrem-se: partes de máquinas fazem... o quê?

— MÁQUINAS — responderam as crianças em uníssono.

— E máquinas fazem...?

— CONVENIÊNCIA.

— E o que a conveniência faz?

— LIBERDADE.

— E a liberdade faz... ajudem-me aqui, crianças. Quando eu contar até três. Um, dois, três...

— FAMÍLIAS — completaram as crianças, com Joffrey se juntando a elas.

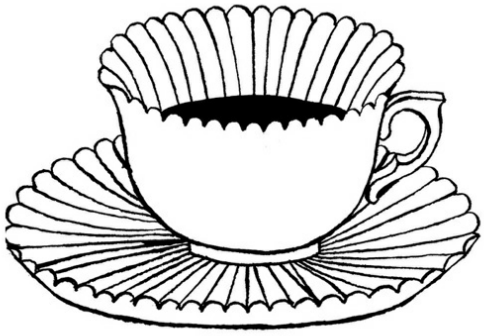
— Isso mesmo: famílias — disse ele. — Agora, se algum de vocês precisar de alguma coisa, estarei lá em cima. — Ele apontou para uma janela larga virada para a fábrica. — De olho em meus pequenos trabalhadores. Tchan-nan!

Ele então saiu do aposento, girando a caneca de café num gesto habilidoso.

— Elsie se virou para o OLR 2.0, os medidores gêmeos, ACK e UZ, pareciam ser dois olhos, encarando-a. Repetindo a rima que Unthank lhe tinha ensinado, começou a operar a máquina. Depois de alguns processos simples, um pequeno estalo foi ouvido e uma porca brilhante caiu na pequena câmara interna. O coração de Elsie deu um pulo até sua garganta, e ela enfiou a mão no buraco, removendo a porca logo antes que os dentes da máquina descessem sobre o espaço onde seus dedos tinham estado. Ela sussurrou uma bênção de agradecimento antes de posicionar a porca na esteira rolante que saía do OLR. Elsie viu que Martha manejava a máquina ao lado, os óculos cobrindo seus olhos enquanto ela abaixava o que parecia ser uma lâmpada fluorescente num braço articulado sobre a porca recém-produzida. Martha viu que Elsie a encarava, e acenou.

— Continue mandando — gritou ela por cima do burburinho da fábrica.

Ela fez um sinal de positivo para Elsie e voltou ao trabalho. Elsie fez o mesmo, apertando o botão vermelho no meio da máquina, provocando mais um estalo baixinho que vinha de dentro da barriga da coisa de metal.



# CAPÍTULO 8

## *Um Sonho Lembrado; A Grande Corrida*

Iphigenia se sentou na beira de sua cama e esfregou seus tornozelos. Eles estavam muito doloridos; pareciam ficar mais doloridos a cada dia que passava. A idade estava pesando nos ombros da Mística Anciã, e ela não gostava nem um pouco daquilo. O pavio aceso de um lampião a querosene criava uma sombra trêmula sobre seu quarto simples; a escuridão da manhã enegrecia as janelas. A mulher idosa respirou fundo e terminou de vestir uma calça de lã por baixo da camisola. O frio torturava seus ossos frágeis. Ela ouviu um barulho vindo do andar de baixo: a porta sendo aberta, os passos soando no hall de entrada.

— Olá? — gritou Iphigenia. — Não houve resposta. Ela gemeu enquanto se levantava da cama e mancava até o vão da escada. — Quem está aí? —

gritou novamente.

Um grunhido precedeu a resposta.

— Sinto muito, Mística Anciã. — Veio uma voz. — Apenas acendendo o fogo.

Iphigenia suspirou.

— Bom dia, Balthazar — cumprimentou ela, reconhecendo a voz do aprendiz. Caminhou até a beira da escada e observou enquanto o aprendiz levava os pedaços de madeira sobre seus braços até perto da lareira. Ele depositou seu carregamento num recipiente de metal com um suspiro aliviado e olhou para Iphigenia no patamar da escada.

— Devo levar água para você, Iphigenia? — perguntou ele.

— Sim, por favor, Balthazar — respondeu Iphigenia, retornando ao quarto.

Ela vestiu um par de pantufas gastas nos pés e se espreguiçou. Suas costas produziram um estalo longo e triste. Iphigenia sorriu e balançou a cabeça. *As coisas não estão tão fáceis quanto já foram*, pensou, *especialmente acordar de manhã*. Ela caminhou até a escada.

— Como você dormiu? — perguntou Balthazar, enquanto Iphigenia lentamente descia a escada. Ele segurava um palito de fósforo comprido encostado a um amontoado de gravetos na lareira; em pouco tempo, um brilho caloroso exalava da lareira.

— Nada bem — respondeu Iphigenia. — Nada bem mesmo. Mas isso já é esperado. Não sou mais tão boa em dormir quanto antes; não é minha especialidade.

— É uma pena ouvir isso, Mística Anciã — lamentou Balthazar, observando as chamas crescerem.

Uma chaleira de ferro preta estava pendurada junto à lareira, e ele a puxou para ficar diretamente sobre o fogo que se alastrava. Iphigenia se acomodou

na cadeira diante da lareira. Enquanto a água fervia e o aprendiz corria para buscar mais madeira, a Mística Anciã foi capaz de refletir sobre o sonho que ela vinha tendo, aquele que a fez acordar de seu sono. A narrativa emaranhada e inalcançável de seu sonho nas profundezas do sono a tinha depositado, um tanto desorientada, no meio de uma clareira na floresta. Ela segurava algo em suas mãos, embora não estivesse muito inclinada a ver o que era; ela mantinha aquilo escondido em suas mãos por alguma razão urgente e indefinida. Havia sombras escuras à sua volta, logo do outro lado da clareira. Estava sendo seguida. Dotada com a velocidade e a resistência de uma criança, ela começou a correr pela floresta, segurando o item estimado próximo ao peito. Ela parou, chegando a um desfiladeiro estreito na encosta da montanha. As sombras estavam se aproximando, mas a escuridão do barranco apertado parecia ameaçadora, cheia de perigos. De repente, seu eu racional tinha se inserido no sonho: ela sentiu uma vontade desesperada de olhar para o que segurava contra o peito. Abrindo as mãos, viu que estava carregando o que parecia ser alguma espécie de aro de metal brilhante, impossivelmente intricado em si mesmo. Ele tinha o tamanho de um pequeno seixo, e pequenos sulcos estavam talhados na sua borda. Os vultos atrás dela se aproximavam, e ela fechou as mãos e se jogou na escuridão do barranco, seguindo um caminho rochoso que descia, descia, até que tudo era escuridão.

Foi nesse momento que ela foi acordada. Sentada na poltrona em frente à lareira, ela pensou no sonho. As sombras que a perseguiam não exigiam muito esforço para compreender; ela sabia muito bem quais espíritos a perseguiam. O que a desafiava era o significado do desfiladeiro, o buraco na terra em que tinha entrado. Sua compreensão como Mística lhe ensinou a nunca subestimar o poder, e a sabedoria dos sonhos, a encontrar o significado dentro de cada símbolo. Em seus próprios ensinamentos sobre interpretação de sonhos, o aparecimento de um buraco na terra era claramente uma alusão à

morte. A morte da própria pessoa. Ela tremeu ao pensar naquilo.

Mas e quanto ao objeto estranho em sua mão? O que era aquilo? Como uma palavra esquecida, mas que permanece na ponta de sua língua, aquela coisa era irritantemente irreconhecível. O relógio alto junto à estante badalou de forma pesada, e a porta se abriu, rangendo; Balthazar tinha voltado com mais madeira. Enquanto ele começava a juntar o carregamento na pilha próxima ao fogo, os olhos de Iphigenia se iluminaram.

— Claro! — exclamou ela, os olhos fixos no relógio e em suas engrenagens, um conjunto de polias, correntes e badalos.

Balthazar foi pego de surpresa.

— O que foi, Mística Anciã? — perguntou ele.

— Uma engrenagem! — respondeu ela. — Uma engrenagem de uma máquina. Era isso o que eu estava segurando!

O aprendiz olhou para ela, confuso. Iphigenia gesticulou para tentar tranquilizá-lo, se desculpando.

— Num sonho — explicou ela. — Foi apenas um sonho.

— Sim, Mística Anciã.

Ele pareceu aliviado ao ouvir o líquido na chaleira ferver; afastou-a do fogo e despejou o líquido quente numa xícara de chá, que então entregou à Iphigenia. O fogo estava começando a pegar, e a sala, se enchendo de calor e luz.

— Balthazar — começou Iphigenia, depois de tomar um gole hesitante de seu chá —, vou precisar confabular com a Árvore do Conselho hoje; por favor, avise aos outros Místicos. Ao meio-dia.

— Sim, Iphigenia — disse Balthazar.

Ele saiu apressado da sala.

A Mística Anciã permaneceu ali, olhando fixamente para as chamas preguiçosas enquanto lambiam os pedaços de lenha na lareira. O sonho,

embora tivesse sido de certa forma elucidado, ainda era um mistério para ela. Imaginava que a árvore teria intuído algo. Sentiu, de certa forma, que a árvore tinha feito sua parte ao lhe enviar o sonho. Aquilo devia estar relacionado a algo muito importante, Iphigenia decidiu, muito importante mesmo.



Aquilo foi uma enorme surpresa para Prue, mas, de qualquer forma, lá estava ela: o acampamento, na verdade, tinha uma biblioteca. Prue a tinha descoberto cerca de cinco dias depois de começar sua quarentena entre os bandidos, enquanto vagava pelas passarelas e pontes de corda labirínticas que formavam esse acampamento precário na parede do penhasco. Ela ocupava uma caverna alta e estreita, e consistia de cerca de cinco estantes improvisadas. O bibliotecário, um homem troncudo com o rosto amigável e a pele escura, estava sentado junto a uma mesa de madeira e lia. Um aquecedor tinha sido instalado perto dele, e ele ocasionalmente largava seu livro para enchê-lo de lenha. Quando Prue entrou, a atenção dele foi despertada.

— Você não é a Forasteira? — perguntou.

— Acho que sim — respondeu Prue. — Embora eu prefira ser chamada de Prue.

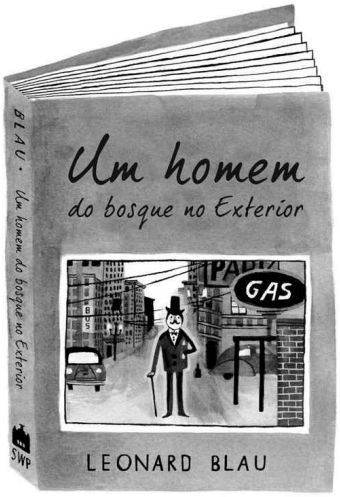
— Bem, Prue — falou o bibliotecário —, bem-vinda à Biblioteca dos Bandidos. Pesquise o que você quiser.

— De onde esses livros vieram? — perguntou Prue.

— Ah, você sabe — respondeu o bibliotecário. — Um pouco de cada canto. Não costumamos roubar as pessoas por causa de seus livros, mas ocasionalmente um volume chama a atenção de um sujeito. Você entende o que estou dizendo. Mas muitos foram adquiridos legalmente. Quando temos

algum dinheiro sobrando, um livreiro nos visita e podemos comprar material novo dessa forma. — Ele parou, franzindo a testa. — Apesar de já fazer muito tempo desde a última vez que renovamos o estoque. Tempos difíceis para todos. Até mesmo para bibliotecários. — Saindo do quase transe, ele olhou novamente para Prue. — Alguma coisa em particular que você esteja procurando?

— Oh, não, apenas dando uma olhada — respondeu Prue.




Ela seguiu até a pequena fileira de estantes e começou a estudar as lombadas. Desde pequena sempre se sentia mais confortável em bibliotecas do que em qualquer outro lugar e, embora essa não se parecesse com qualquer biblioteca que tivesse visitado anteriormente, ela ainda conseguia inspirar uma espécie de consolo na menina. Os livros estavam apoiados nas prateleiras em padrões preguiçosos, alguns empilhados, outros arrumados perfeitamente numa fila. Alguns pareciam muito novos, com letras brilhantes nas capas flexíveis e lustrosas, enquanto outros pareciam ter sobrevivido a gerações e gerações de leitores, as capas revestidas de couro desgastadas em locais que mostravam placas de madeira por baixo. Prue começou a estudar os títulos e percebeu que não reconhecia nenhum: *A regra das árvores*, *A Arcania do Sr. Slipshod*, *Dez atividades recomendadas a texugos no Bosque do Sul*, *Um homem do bosque no Exterior*. Esse último tomo, uma edição em brochura bastante folheada, chamou a atenção de Prue, e ela o tirou da estante. Seu melhor palpite era que ele tinha sido publicado algumas décadas atrás, julgando pela fotografia em preto e branco na capa: um cavalheiro mais velho com um terno de gabardine e uma cartola estava parado sorridente diante de uma rua que ficava claramente em Portland.

Alguns carros podiam ser vistos ao fundo, e eles pareciam ser modelos facilmente encontrados num filme dos anos cinquenta. Intrigada, Prue o abriu numa página aleatória e leu:

> *bem diferente do que se pode esperar nas cidades mais afluentes de nosso próprio Bosque do Sul. Pode parecer que muitos dos moradores desses distritos centrais não dependem tanto de seus vizinhos vegetais e os usam mais como decoração. Parei um jovem homem sobre uma bicicleta e lhe perguntei: por que os Forasteiros, em geral, escolhem remover uma parte tão grande da vegetação nativa saudável e próspera para substituí-la por aquelas obscenas estruturas de concreto? Bem, caro leitor, mal posso começar a descrever seu olhar confuso; ele meramente deu o nome de "estacionamento" àquela estrutura, um título que depois descobri que significava uma edificação sem janelas, de alguns andares de altura, explicitamente usado para o acondicionamento de automóveis. Agradeci ao jovem homem por essa informação e segui meu caminho apressadamente, meu pobre estômago rosnando por sua mousse de chocolate da tarde, que, como vocês gentilmente recordam, eu tinha lhe negado desde os "problemas" causados pela mousse na noite anterior.*

Prue devolveu o livro à estante e estava prestes a pegar outro volume, esse sedutoramente intitulado *As cartas perdidas: Lewis e Clark no Bosque Selvagem*, quando um barulho tirou sua atenção da pesquisa.

— Prue.

Era a voz de Curtis.

Prue se virou e viu o amigo, com o rosto corado e sorrindo, parado na abertura da caverna. Eles tinham se separado pela manhã quando Curtis saiu para seu Treinamento dos Bandidos. Ela não havia recebido permissão para acompanhá-lo, por não ter feito o juramento, mas aquilo não a perturbava. Ouvira as outras crianças no alojamento resmungarem do toque de alvorada e tinha silenciosamente agradecido aos céus pela oportunidade de dormir um pouco mais. Eles combinaram de se encontrar no alojamento para a folga da tarde; desde sua chegada, era assim que seus dias tipicamente transcorriam.

— Fomos liberados cedo — explicou Curtis, acenando para o bibliotecário — e ouvi falar que você estava aqui. Faz sentido, rata de biblioteca.

— Isso é incrível — disse Prue. — Essa biblioteca aqui... E são todos livros escritos e publicados no Bosque. Quero dizer, olhe para isso. — Ela pegou o último título que estava estudando na estante. — Lewis e Clark! Eles estiveram aqui!

Curtis pegou o livro de sua mão e o examinou rapidamente antes de colocá-lo de volta na prateleira.

— Sim, grandes coisas — falou ele. — Venha, vai ter uma corrida no barranco!

— Vai ter o quê?

— Uma corrida no barranco — explicou um Curtis impaciente. — É uma competição. Acontece toda quinta-feira. Os aprendizes participam; é como uma corrida de obstáculos. Está começando!

Curtis segurou a mão de Prue, e eles saíram correndo da biblioteca. Prue ofereceu ao bibliotecário um último aceno rápido antes de ser arrastada para a luz do dia. Novamente na luz enevoada do sol, ela teve que apertar os olhos até eles se ajustarem. Uma nevasca no começo da manhã deixara um fino carpete branco em muitas das estruturas de madeira do acampamento dos bandidos e nos entalhes e fendas rasos da pedra recortada da parede do penhasco. O vento soprava gelado, e Prue levantou a gola de seu sobretudo enquanto seguia Curtis subindo um lance de escada em zigue-zague.

Sobre uma torre circular construída na rocha na extremidade oeste do acampamento, cerca de uma dúzia de bandidos em treinamento estavam reunidos; Brendan estava de pé no meio do grupo. Quando Prue e Curtis terminaram de subir a escada que envolvia a torre, o Bandido Rei tinha quase terminado suas instruções.

— Você está atrasado, bandido — criticou Brendan, de forma seca.

Curtis, ofegante, falou pausadamente:

— Eu tive que buscar Prue; eu queria que ela visse isso.

— O que, ver você ser esculhambado?

Isso veio de uma garota alguns anos mais velha que Prue e Curtis, encostada à muralha de madeira áspera da torre. Seu longo cabelo louro estava preso com uma faixa de couro, e ela vestia uma farda de granadeiro, entrecortada no centro por dois cinturões gêmeos.

— Não, Aisling — disse Curtis, na defensiva. — Mas eu me preocuparia em ficar atento a galhos soltos, se fosse você.

Isso pareceu conter a atitude da garota; o resto dos aprendizes riu baixinho, provocando olhares nada amistosos de Aisling. Brendan os interrompeu:

— Repetirei as regras para os recém-chegados. A bandeira verde está fincada na Torre Leste. Sigam as marcações do caminho. Lutas não são permitidas. Mantenham o jogo limpo. Fora isso, é cada bandido por si. O primeiro a pegar a bandeira é o vencedor. Está claro?

— Sim, Brendan — respondeu Curtis.

— E, como anfitrião de nossa jovem hóspede, seria descabido se eu não estendesse o convite para que ela também se juntasse à corrida — disse Brendan, virando-se para Prue.

— O quê? — perguntou Prue. Os olhos do grupo reunido se voltaram para ela. — Não, eu não seria capaz.

— Uma semana sem plantão na cozinha se você vencer — falou um dos aprendizes, um jovem garoto com uma cartola puída.

Por ainda não ter participado do plantão na cozinha, era difícil para Prue julgar se essa era uma razão boa o suficiente para participar do que parecia ser uma atividade que colocaria sua vida em risco. Ela pigarreou, indecisa.

Os olhos de Curtis tinham se iluminado.

— Vamos lá, Prue.

— Escutem, eu agradeço o convite — disse Prue —, mas realmente não

acho que estou preparada para isso. Já faz um bom tempo desde que eu participei de qualquer tipo de corrida e sinto que eu apenas atrasaria as pessoas. Prefiro apenas assistir, se isso não for um problema.

— É justo — falou Brendan.

— Sim, muito justo — repetiu Curtis. — Isso faz todo o sentido. Quero dizer, eu realmente não achei que você estava falando sério quando disse que era uma bandida nata.

Prue não falou nada; Curtis entendeu aquilo como um convite a seguir em frente.

— Quero dizer, imagino que seja difícil ser uma Forasteira. É fácil ficar molenga depois de passar algum tempo longe do Bosque Selvagem.

Prue cruzou os braços, se recusando a morder a isca.

— Você até pode ser uma mestiça — disse Curtis —, mas não sei bem qual metade tem toda a coragem, se é que você me entende.

Finalmente, Prue cedeu.

— CERTO! — gritou ela. — Vou participar da sua corrida. Não tenho medo.

A congregação sobre o topo da torre caiu na gargalhada. Brendan deu um tapinha nas costas de Prue.

— Muito bom, Donzela da Bicicleta. Mas me deixe dar a você um aviso: a madeira dessas plataformas está terrivelmente escorregadia essa tarde. Se você der um passo em falso, será arremessada sem piedade para sabe-se lá onde num bater de asas de pardal. Agora preste atenção em mim: o trajeto é marcado com bandeiras vermelhas; algumas estão bem visíveis, outras não são tão fáceis de avistar, especialmente depois dessa nevasca mais recente. É preciso de um pouco de intuição nessa competição, eu diria, mas a intuição é o primeiro e único amigo de um bandido às vezes. Você entendeu o que eu quis dizer?

Prue balançou a cabeça, repentinamente preocupada. Ela testou o chão de madeira com suas botas; a borracha chiou e derrapou um pouco sobre a neve.

— Certo — anunciou Brendan, agora se dirigindo ao resto dos bandidos reunidos. — Quando o sol se elevar até sua altura de meio-dia, eu darei a largada. — Tirando um punhal de seu cinto, ele o ergueu de uma forma que a lâmina criasse uma sombra escura sobre o solo junto aos seus pés. Prue observou com interesse; ela não conseguia imaginar exatamente como ele conseguiria dizer que horas eram de uma forma tão rudimentar, mas, de qualquer forma, depois de poucos momentos ele falou. — Meio-dia. Preparem-se: a corrida começa.



A Árvore do Conselho, segundo a lenda, foi a primeira árvore do Bosque. Na verdade, muitos acreditavam que tinha sido a primeira muda a brotar quando o mundo ainda estava inundado pelo fogo; da mesma forma, ela permaneceu viva quando o mundo foi coberto de gelo. E, quando veio a grande inundação, depois que a gigantesca represa de gelo foi quebrada e a Bacia do Columbia foi coberta por água, a árvore sobreviveu e prosperou. Ela foi a única responsável pela explosão de vida que ocorreu ao seu redor: uma inundação de espécies, todas impregnadas com a magia. Magia que, acreditava-se, nasceu do próprio músculo lenhoso da árvore. Iphigenia nunca deixava de meditar sobre as origens da árvore quando se preparava para um concílio, embora a maior parte da história ainda estivesse coberta de mistério e mito. Nem mesmo a árvore podia falar sobre o começo de sua vida, pois os acontecimentos tinham se passado há tanto tempo que se enterraram muito fundo na memória da árvore para que fossem extraídos. Para complicar as coisas, a árvore não se comunicava com palavras, como a maior parte da flora

mais jovem do Bosque; em vez disso, ela se comunicava através de impressões e imagens, metáforas e símbolos, sua habilidade para se comunicar tendo sido desenvolvida antes da linguagem. Era a tarefa de Iphigenia, como Mística Anciã, interpretar essas sensações-imagens e retransmitir a mensagem que a árvore quisesse tornar conhecida.

Ao chegar à clareira, ela viu as figuras solenes dos outros dez Místicos cercando a árvore. Ela os saudou calorosamente. Eles, como ela, falavam sobre sonhos intranquilos durante a noite, embora nenhum deles fosse capaz de descrevê-los; as imagens eram muito passageiras e abstratas. A incapacidade deles de se recordar dos sonhos parecia se comparar à sua compreensão da forma de comunicação da Árvore do Conselho; isso, para Iphigenia, era mais uma prova de que os sonhos tinham sido enviados pela árvore. Ela dirigiu o olhar dos Místicos reunidos para os galhos retorcidos e gigantescos da Árvore do Conselho. Eles eram como membros de esqueletos, os galhos, todos desprovidos de folhas.

*O que você quer?*, perguntou ela. A árvore não estava dando nenhuma pista.

*Por que você nos chamou aqui?*

Surgiu um som de risada; Iphigenia olhou à sua volta e viu um grupo de jovens aprendizes — Filhotes, como são chamados — numa folga de seu treinamento, brincando na neve. Eles estavam jogando bolas de neve uns nos outros, se esquivando e tramando numa saraivada desses mísseis brancos. O sol, irrompendo pelas fendas na nuvem, tinha chegado a seu ápice. A Mística Anciã se virou para os outros dez e disse:

— Vamos começar.

Quando foi dada a largada, os bandidos em treinamento, com Prue McKeel numa perseguição incerta, dispararam pela escadaria circular em volta da Torre Oeste. Prue, na confusão, quase foi arremessada pela lateral da escada, mas foi salva por um braço amigável. Ela se virou e viu Curtis, sorrindo.

— Vamos lá — disse ele. — Você começou com o pé esquerdo.

Assim que ela havia se equilibrado, ele a soltou e desceu em disparada o resto da escada, dois degraus de cada vez. Prue respirou fundo e correu atrás dos outros participantes.

O tumulto da corrida tinha chegado a uma plataforma, com os integrantes que estavam nas bordas procurando uma marcação. Prue se acotovelou para entrar na multidão e também começou a procurar. Alguém berrou:

— Lá está! No outro lado!

Com certeza, do outro lado do vão da fenda, podia ser vista uma bandeira vermelha, tremulando na brisa, afixada a uma estaca de madeira. Um grupo se separou da multidão, correndo na direção de uma tirolesa mais adiante na plataforma. Outros, incluindo Curtis, arremeteram até uma ponte de corda na outra direção. Prue, sem querer ser vista imitando as escolhas de seu amigo, seguiu o grupo até a tirolesa. Alguns empurrões ilícitos estavam sendo utilizados, o que permitiu que Prue chegasse ao destino antes dos outros. Exatamente quando Prue esticava o braço para segurar a alça, ela sentiu um empurrão por trás.

— Saia da frente, Forasteira. — Veio a voz.

Era a garota, Aisling. Antes que Prue recuperasse o equilíbrio, Aisling estava na tirolesa, levantando as pernas para atravessar.

— Era minha vez! — gritou Prue, que, sem pensar direito, se agarrou às pernas da garota enquanto ela saía da plataforma.

O cabo vergou com o peso; Aisling gritou. Prue ficou olhando, aterrorizada, para a enorme boca de escuridão abaixo delas enquanto as duas

cruzavam o abismo numa velocidade incrível. Chegando ao outro lado, Prue soltou as pernas da garota e percebeu que era, apesar da dificuldade para ficar de pé, a primeira a alcançar a marcação. Ela deu um tapa no poste e olhou para a direita; Curtis, num conjunto de aprendizes de bandidos que se empurravam, estava só agora descendo uma escada depois de passar pela ponte de corda. Prue mal teve tempo de saborear seu sucesso inicial antes de começar a vasculhar o abismo em busca de outra marcação. Não conseguia encontrar; ela ouviu as demais crianças se aproximando, e seu desespero cresceu.

— Onde está? — sussurrou ela para si mesma.

— Tente olhar para baixo!

Esse era Curtis, que, de cima, foi capaz de ver que a bandeira vermelha estava numa pequena plataforma ao pé de uma escada de mão feita de ferro, diretamente abaixo deles. Ele saltou na frente dela agilmente e conseguiu deslizar pelas duas hastes até o pé da escada, suas pernas agindo como freios. A multidão o seguiu, um atrás do outro, e foi assim que Prue se viu na última posição da corrida.

Os corredores então dispararam por uma passarela sinuosa que se contorcia entre uma seção de pedras pontudas emergindo do penhasco, como dentes gigantes. Prue tentou manter o ritmo o melhor que podia, mas os jovens bandidos em treinamento tinham claramente mais preparo para esse tipo de atividade. Ela andava enrolando nas aulas de educação física ultimamente; a professora era tolerante, deixando-a fazer o inventário do equipamento durante a aula, e agora Prue se encontrava completamente fora de forma. Grupos de bandidos, crianças e adultos, começavam a aparecer nas pequenas frestas e aberturas na pedra ao longo do curso, incentivando os corredores.

— Lá! — gritou um participante. Do outro lado de uma fresta menor na

rocha, separada por uma ponte de corda curta, estava outra bandeira tremulante. Dois rapazes tinham se destacado do grupo na corrida e conseguido atravessar a ponte antes dos outros; eles estavam parados com sorrisos nos rostos junto à marcação. Cada um tirou uma faca de sua jaqueta e começou a cortar as cordas que sustentavam a ponte.

— Ei! — gritou uma menina que estava perto de Prue. — Isso não é permitido!

— Vale tudo! — gritou um dos cortadores.

Uma corda tinha se soltado.

— Cada bandido por si! — gritou o outro, enquanto a ponte se soltava naquele lado e batia contra a pedra fazendo barulho.

Enquanto a maioria do bando ficou calculando o tamanho da fresta, talvez 3 metros de largura, Curtis veio correndo de longe.

— À sua esquerda! — gritou ele, e, sem olhar duas vezes, saltou sobre a pequena fenda, aterrissando com um *UFA!* no outro lado. Imitando seu exemplo, vários outros corredores recuaram e também saltaram. Alguns aprendizes desistiram, ofegantes, incapazes de saltar até o outro lado. Prue não seria detida; ela havia pessoalmente testemunhado Curtis ficar de recuperação na aula de educação física no ensino fundamental, sem ser capaz de fazer uma única flexão na barra. Se ele era capaz de fazer aquilo, então ela também era. Revigorada pela lembrança, ela correu e saltou.

Seu pé escorregou enquanto ela saía do chão, e então, fazendo uma pirueta, Prue mergulhou na fenda.

Iphigenia viu um buraco. Um buraco negro; uma fissura. Depois de um tempo, ela o reconheceu como o buraco que tinha visto em seu sonho: uma

fenda na encosta da montanha, ela descia até a escuridão profunda e insondável. Em sua mente, sua visão não funcionava; mas mesmo assim sentia as coisas que viviam e respiravam e cresciam dentro do vazio. Criaturas pequenas e grandes que existiam ali havia muitos séculos. A escuridão a chamou. Ela seguiu.

No negrume de sua visão uma luz brilhou. Um grão cintilante da areia. Ela esticou suas mãos em sua direção, tocou o grão. Três aros um dentro do outro, rodando e girando em volta de um eixo central. A luz surgiu; sua visão voltou. Ela percebeu que aquela coisa, essa coisa brilhante e radiante, era a engrenagem do mecanismo de seu sonho.

Iphigenia então viu que o objeto dourado estava no centro de um padrão maior, e repentinamente sua perspectiva mudou: ela não era mais a espectadora, a observadora, desse objeto, mas estava agora comandando o centro de uma mandala luminescente. Ela estava sentada, de pernas cruzadas com o objeto alinhado a seu coração. Orbitando esse centro estavam quatro objetos. Iphigenia, na sua mente, imediatamente reconheceu três deles: eram as Três Árvores do Bosque. A Árvore do Conselho, com seu tronco lenhoso e granulado, ficava à sua esquerda; à sua direita estava a Árvore Flagelada, seus galhos tortos e ressecados. Sobre Iphigenia estava a Árvore do Ossuário, a árvore a que todos os Místicos ascendiam quando morriam. Uma luz suave pulsava em sua copa. Debaixo dela estava algo que ela não reconhecia; também era uma árvore, mas sua identidade era um mistério para a Mística Anciã. Uma extensão de filigrana dourada brilhante conectava cada um desses objetos na mandala, um ao outro, um sinal da interconectividade do Bosque. E em seu núcleo, Iphigenia percebeu, estava essa coisa que ela segurava na mão. Como em seu sonho, ela abriu as mãos. Mas a engrenagem tinha desaparecido; em seu lugar ela segurava um coração vivo, batendo.

O coração de um menino.

Nesse exato momento, a escuridão encheu seus olhos novamente. A mandala se dissipou, e, em seu lugar, ela sentiu formas sombrias avançando, formas que tentariam destruir a coisa que ela tinha nas mãos — ou pior, usá-la para fins diabólicos. As formas giravam à sua volta e a mordiam, tentando distraí-la de sua vigília. Usando todo o seu poder, ela invocou a si mesma em sua visão e começou a lutar para nadar até a superfície da própria consciência.

A escuridão a seguiu.



Prue gritou; seus braços se agitaram.

Ela conseguiu segurar um pedaço de corda puída que tinha ficado pendurado numa estrutura de sustentação da ponte. Numa fração de segundo, ela foi arremessada com força contra a parede da fenda. Uivou alto com o impacto. Parecia que seu braço tinha sido arrancado da cavidade do ombro. Apertou os olhos, se recusando a olhar para baixo, para o poço em espiral abaixo de seus pés suspensos. Ela esticou a mão livre e se apoiou numa rachadura na pedra; aquele apoio era sólido, e ela se esforçou para alcançar a beira da fenda, onde viu que alguém lhe oferecia a mão. Era um dos bandidos em treinamento mais jovens, um menino. Ela a segurou, agradecida, e juntos eles se arrastaram até a segurança da plataforma de madeira.

Assim que estavam em segurança, o menino se levantou e saiu correndo, disparando atrás do grupo cada vez menor de corredores. Prue bateu as palmas das mãos, limpando a poeira que tinha se acumulado, e partiu na perseguição.

O grupo de corredores restantes — havia talvez seis agora, com Curtis no meio — estava saltando entre uma série de plataformas que serviam como

halls de entrada na pedra para os lares de vários bandidos. Os corredores que conseguiam abrir mais distância eram aqueles que estavam mais dispostos a arriscar a vida ao evitar escadas e saltar de uma saliência até a outra. Prue sentia-se exausta a essa altura; sua quase queda tinha realmente diminuído sua determinação. Ela havia acabado de subir até a terceira de uma série de plataformas, observando o grupo desaparecer ao contornar uma curva pedregosa, quando ouviu alguém sussurrar:

— Pssst! — Veio a voz.

Ela olhou ao seu redor; parada na sombra de um longo arco estava uma menina pequena, de talvez 6 anos. Ela gesticulou para que Prue a seguisse. Imaginando que não tinha nada a perder, Prue foi atrás da menina. O arco mostrou ser uma abertura no paredão do penhasco, a entrada de um túnel curto com saída para o outro lado da rocha — era tão estreito que Prue foi obrigada a andar de lado para passar. A menininha, chegando ao fim da passagem, apontou para um caminho de madeira junto ao paredão de pedra que seguia por uma fissura fina até uma escada de pedra ao longe. No alto da escada, Prue podia ver algo tremulando no vento: a quarta marcação! Ela agradeceu à menininha e começou a sair cautelosamente para o caminho de madeira.

Prue tinha que caminhar com cuidado, passo a passo, pois o caminho era, na verdade, apenas duas tábuas planas posicionadas uma ao lado da outra, suas pontas balançando de forma precária nas pequenas curvas na parede de pedra. Elas pareciam ser mais antigas do que muitas das estruturas do acampamento dos bandidos; elas estavam cobertas por uma camada escorregadia de musgo, e as duas se curvavam profundamente, com um gemido preocupante, a cada passo. Chegando ao outro lado, Prue subiu correndo pela escada de pedra — uma série de degraus sinuosos talhados na pedra — e ficou feliz em ver que foi a primeira a chegar à quarta marcação.

Para chegar ao mesmo local, o resto dos corredores estava subindo, um de cada vez, uma escada impossivelmente alta. Eles pareciam suficientemente afastados para Prue tomar um instante para recuperar o fôlego e apreciar a vista.

A Longa Fenda, dessa altura, se mostrava como realmente era: não apenas um abismo simples e aberto na terra, mas uma espécie de rio sem água e sem fundo, completo com troncos e afluentes e pequenas enseadas onde a fumaça enevoada de fogueiras podia ser vista pairando. Prue estava quase a uma altura em que a parede do barranco se encontrava com o solo coberto de musgo da superfície, sobre uma espécie de cume na rocha. Olhando para baixo, percebeu que o caminho de pedra por qual tinha seguido descia até o outro lado da torre rochosa em zigue-zagues curtos. Passou por sua cabeça então que a escada de pedra não podia ter sido feita pelos bandidos; a habilidade artesanal e o trabalho envolvido num esforço como esse teriam levado anos e anos. Enquanto as estruturas de madeira improvisada dos bandidos ainda exibiam folhas verdes brotando delas, a pedra da escada estava coberta com um musgo verde brilhante e desgastada em alguns trechos devido ao uso massivo. Aquilo parecia estar ali havia séculos. A absoluta escuridão na direção de que os degraus se contorciam intrigava Prue, e a menina e ela quase desistiu da corrida para seguir até onde eles levavam.

Em vez disso, ela se assegurou de que os primeiros corredores que chegassem ao topo da escada vissem que tinha uma boa vantagem, e então partiu, seguindo uma faixa estreita de terra que descia até as profundezas do abismo. A quinta bandeira podia ser vista tremulando logo depois de uma fenda estreita na pedra. Prue não conseguia acreditar, mas parecia que ela estava prestes a vencer a corrida.

— Mística Anciã!

— Iphigenia!

As vozes eram desesperadas, agitadas. A velha mulher decidiu descobrir com o que elas estavam tão preocupadas. Abriu os olhos e percebeu que estava caída com a barriga para cima, o que era incomum. Um grupo de Místicos, dez para ser exato, pairava sobre ela.

— Você estava flutuando!

— Nunca a vi fazer isso antes.

As costas de Iphigênia estavam muito frias, por estarem encostadas no solo coberto de neve. No entanto, a neve derretia rapidamente e se transformava em água, o que estava deixando suas costas molhadas *e* frias. Ela esticou as mãos, de forma suplicante; seus companheiros Místicos a ajudaram a se levantar.

— O que aconteceu? — perguntou um, uma corça chamada Mabyn.

Iphigenia colocou os dedos nas têmporas. Sentia uma dor de cabeça terrível. O grupo de Filhotes que estava brincando no campo tinha parado por causa da comoção; ela podia vê-los parados ali perto, observando os Místicos. Em seu coração, uma preocupação repentina explodiu.

— Eu vi — disse ela. — Eu vi o que deve ser feito.

Os Místicos reunidos se olharam, confusos.

Iphigenia suspirou longamente.

— Embora em meu coração eu tema que essa seja uma tarefa quase impossível. Uma para a qual não estamos bem equipados. — Ela limpou a terra e a neve de sua túnica de tecido rústico e olhou para a Árvore do Conselho. Seus olhos então se moveram para a linha de árvores na beira da clareira. Uma escuridão estava preenchendo os espaços entre elas. — E uma missão a que eu posso não sobreviver para testemunhar.

— O que podemos fazer? — perguntou um coiote grisalho e esguio.

Iphigenia se virou para os outros Místicos com um propósito renovado.

— As crianças; devemos levá-las a algum lugar seguro. Mabyn, Dawn, Anatolia, Damianos: juntem os Filhotes. Garantam que eles fiquem fora de vista. Nikanor, Hydrangea e Erastus: mantenham os civis longe da clareira. Não importa o que aconteça, eles não devem entrar aqui.

Os Místicos obedeceram às instruções; Iphigenia virou para os três que tinham sobrado:

— Bion — falou ela para a raposa cinza.

— Eutropia — falou ela para a mulher de pele cor-de-caramelo.

— Timon — falou ela para o antílope esbelto. — Juntos devemos enfrentar os assassinos.



Tinha sido uma ilusão de ótica. Embora a quinta bandeira realmente tremulasse dentro do aguçado campo de visão de Prue, o acesso não era simples. A brecha na rocha que a separava da bandeira tinha facilmente de 6 metros; com certeza larga demais para saltar.

A bandeira estava presa numa pequena saliência no outro lado da fenda; Prue a estudou, ofegante. Claramente, deveria ser possível chegar à saliência, ela raciocinou — se não fosse, como a bandeira chegara ali? Ela olhou ao seu redor; não havia nenhum sinal de ponte ou tirolesa. Era como se alguém tivesse voado e a prendido ali — mas aquilo não parecia fazer sentido. Pedir a ajuda de um aviário não parecia nem um pouco provável, levando em consideração que os bandidos em treinamento não seriam capazes de contar com voo. Enquanto decifrava esse enigma, o resto do bando a alcançou. Só haviam sobrado cinco: os dois garotos perversos que tinham cortado a ponte de corda, Curtis, Aisling e outra garota. Eles estavam completamente

ofegantes quando se juntaram a Prue na beira do penhasco.

— Lá está! — gritou um dos garotos.

Curtis olhou para Prue.

— Achei que você tinha desistido — falou ele. — Como você...

— Os talentos de uma bandida nata, na verdade — disse Prue.

Aisling cruzou os braços e fechou a cara para a bandeira.

— Não há nenhuma forma de pegarmos aquilo. Como é que eles conseguiram chegar lá? Isso é, tipo, contra as regras. Ou algo assim.

— Não há regras — retrucou Curtis.

— Até mais tarde, otários! — gritou um dos garotos, enquanto descia e se afastava do local onde estavam os outros, com seu parceiro logo atrás.

— Aonde eles estão indo? — perguntou a garota mais nova.

— Não sei — respondeu Aisling. — Mas imagino que eles saibam o que estão fazendo. Vejo vocês do outro lado!

E ela partiu apressada atrás dos dois garotos. A menina mais nova olhou na direção de Prue e Curtis antes de disparar atrás dela.

— Bem? — falou Prue.

— Bem? — disse Curtis.

— Tem alguma ideia?

Curtis coçou o queixo.

— Na verdade, não. Tenho quase certeza de que aquele não é o caminho. Já passei por essa parte da Fenda antes e acho que aquilo leva apenas para baixo na direção do refeitório. — Ele colocou as mãos na cintura e olhou para a parede do precipício. — Não, eles devem ter voltado e cruzado em outro ponto. Droga.

Ele tentou cuspir no chão, mas o fez de forma muito desajeitada. O cuspe ficou pendurado num fio preguiçoso em seus lábios.

— Que beleza — falou Prue, com sarcasmo.

Curtis ruborizou e limpou a baba do queixo.

— É algo que estou aperfeiçoando — disse ele.

— Você está ouvindo isso? — perguntou Prue, de repente.

Curtis congelou.

— O quê?

— Esse... gemido — disse Prue.

Ela olhou para Curtis; ele encolheu os ombros.

— Não estou escutando nada — falou ele.

Prue, compreendendo, abriu um largo sorriso.

— É claro que você não consegue! — afirmou, reconhecendo o som da voz.

Ela vasculhou o abismo em busca da fonte e, ao fazer isso, descobriu, atrás de uma pedra grande, uma pequena borda que seguia pelo penhasco contornando uma ponta. Depois de rastejar cuidadosamente sobre o pedregulho, seguiu a borda, com as costas encostadas à parede do penhasco, até chegar ao local onde um jovem bordo de folhas grandes, saindo da pedra, criava uma espécie de ponte sobre uma parte estreita do desfiladeiro. Ele estava gemendo tristemente.

— Alguém deve ter empurrado o coitadinho para fazer uma ponte — disse Prue, ao chegar perto da árvore.

Ela passou a mão na casca para consolá-la.

Curtis apareceu atrás dela.

— O quê? Você... ouviu a árvore?

— É algo que posso fazer. Desde o Alaque. Eu posso... bem, posso ouvir plantas falarem.

Curtis deu um tapa em sua testa.

— Sério, Prue McKeel? Você pode falar com plantas?

— Elas não dizem nada inteligível — corrigiu Prue —, mas posso ouvi-

las. É estranho. Não contei à maioria das pessoas.

— Bem, tanto faz! — exclamou Curtis. — Próxima parada, a quinta marcação! — Ele parou, pensando antes de subir na árvore. Voltou-se para Prue e acenou para que ela fosse primeiro. — Depois de você — disse ele. — Foi você que descobriu o caminho, afinal de contas.

— Muito gentil da sua parte — falou ela, e então Prue delicadamente pisou na ponte-árvore, agradecendo-a em silêncio enquanto cruzava.



O céu da tarde escureceu até um cinza ameaçador; Iphigenia se assegurou de que cada um dos Filhotes fosse acompanhado em segurança pelos outros Místicos enquanto ela observava o céu anegrar-se. Um deles, um menininho, olhou para Iphigenia de forma investigativa enquanto seguia seu comando.

— Eles estão vindo? — perguntou ele, seu rosto não deixando transparecer nenhuma emoção.

A Mística Anciã ficou surpresa com a pergunta. Olhou para o menino, sem reação.

— Estou ouvindo eles chegarem — disse o menino. Ele colocou a mão no braço de Iphigenia. — Seja forte.

Ela balançou a cabeça para o menino e então observou enquanto ele era levado embora, de mãos dadas com um dos Místicos. Eles foram levados para a segurança do bairro dos aprendizes. Iphigenia sorriu apesar da gravidade das circunstâncias. Os Filhotes estavam mostrando ser muito poderosos, avaliou, e ela não tinha dúvidas de que a próxima geração de Místicos seria realmente formidável. Seu potencial era animador. Observou enquanto as crianças desapareciam atrás da linha de árvores, então se virou e olhou novamente para o céu.

Eles estavam ali.

Seguindo os troncos altos dos pinheiros desde seus topos altíssimos até os espaços negros entre eles, ela viu três vultos emergindo do escuro. Eram humanos: dois homens e uma mulher. Estava claro que não eram do Bosque do Norte; os dois homens vestiam trajes que pareciam ser paletós, enquanto a mulher, no centro, usava um dashiki estampado.

— Boa tarde — falou Iphigenia. — Vocês parecem ter viajado de muito longe. Não temos muito a oferecer, mas há uma lareira aquecida e uma refeição modesta para todos se vocês aceitarem nossa hospitalidade.

— Calada, Mística — retrucou a mulher. — Viemos atrás de você.

Iphigenia balançou a cabeça, resignada.

— Sim, eu sei — disse ela. — Senti vocês chegando. — Ela olhou bem nos olhos da mulher. — Você deve ser Darla.

A mulher deu uma risada, revelando um par de dentes caninos visivelmente inumanos.

— Você... você e seus amigos... me atrapalharam uma vez. Dessa vez espero que não atrasem minha tarefa.

Os dois homens que estavam um de cada lado da mulher ajeitaram as gravatas vermelhas brilhantes e alongaram os pescoços. Os três se aproximaram, cruzando a clareira coberta de neve; Iphigenia acenou para seus três companheiros Místicos para permanecerem ao lado dela. Eles cercaram o tronco grosso da Árvore do Conselho e ficaram parados em frente a ela em posição de defesa. O vento fazia as lâminas amarelas de grama tremularem, levantando pequenos flocos de neve no ar.

— Você não vai encontrá-las, as crianças — disse a Mística Anciã. — Elas estão bem escondidas. Fora do seu alcance.

— Não nos subestime — aconselhou Darla.

— Eu não pensaria em fazer isso. Conheço seu tipo.

Eles chegaram mais perto; os movimentos eram silenciosos e cuidadosos. Os Místicos não se moveram.

— Quem os enviou? — perguntou Iphigenia, as mãos delicadamente motivando os outros três Místicos a manterem as posições.

— Não é da sua conta, velha.

Isso veio de um dos homens. Seus ombros estavam curvados e tre-mendo debaixo do garboso terno de três peças.

— É normal, quando se encara seu assassino, querer saber quem deu a ordem — explicou Iphigenia. — Sempre achei que esse era um tratamento final que pessoas como vocês ofereciam... um último favor concedido a uma alma condenada.

Um dos homens riu; Darla olhou para ele com uma expressão séria.

— Na verdade, acontece o oposto — disse ela. — Um verdadeiro assassino nunca entrega seu patrocinador.



— Uma profissão honrosa — falou Iphigenia, com um sorriso malicioso no rosto desprovido de emoções. — Apesar de eu me perguntar quanta honra pode ser encontrada em infanticídio.

Darla ignorou o comentário. Ela mostrou os dentes e rosnou.

— Seu tempo acabou, vovozinha. Abra caminho para o novo regime.

Com um giro em seu pulso, sinalizou para os homens, e os três repentinamente se abaixaram, como se tivessem sido acometidos por uma dor súbita. Seus corpos tremiam e balançavam, e as roupas ondulavam de forma estranha enquanto a transformação começava a ocorrer. Iphigenia observava placidamente, embora pudesse notar que aquela imagem assustava os outros Místicos. Poucos segundos depois, os três vultos tinham sumido com suas

roupas e se transformado de crisálidas humanas em três raposas pretas, com os pelos das costas eriçados como lanças pontudas.

Iphigenia, de sua parte, levantou as mãos no ar e se preparou para sua súplica ao verde vivo do Bosque.



— Pronto?

— Sim. Você está pronta?

— Aham.

A trégua temporária entre os dois tinha acabado. Quase tropeçando um no outro, Prue e Curtis dispararam sobre o bordo caído, provocando mais um gemido da árvore, e seguiram pela borda estreita da parede do penhasco. Desceram uma escadaria, se acotovelando, e correram por uma passarela para chegar a uma saliência de onde a última marcação podia ser vista, tremulando de forma selvagem sobre a Torre Oeste do acampamento. Prue supôs que os outros aprendizes de bandidos haviam se perdido em algum lugar nos recantos da fenda; agora só tinham sobrado eles dois.

Os dois se olharam rapidamente e então partiram, cruzando uma ponte de corda que balançava, para chegar à escadaria circular que subia pela lateral da torre de madeira. Qualquer civilidade que vinha guiando o comportamento de ambos antes sumira; Prue segurou firme na franja que ficava pendurada numa das dragonas de Curtis, e ele estava desesperadamente dando cotoveladas no pescoço da menina sempre que tinha a oportunidade. Eles seguiram o caminho, deselegantemente, até o topo da torre, onde os dois caíram no chão, puxando e empurrando, rastejando os últimos metros até a bandeira tremulante.

Foi Prue que desgarrou, que conseguiu tomar a frente de seu amigo e

chegar a um dedo de distância da marcação final. Mas algo ocorreu; algo que ela não era capaz, naquele momento, de entender ou explicar. Ela congelou enquanto uma sensação de absoluto terror e desespero tomava conta de todo o seu corpo.



As três raposas pretas, livres das antigas roupas, rondavam mais perto dos Místicos cujos braços esticados pareciam pegar flocos de neve preguiçosos que caíam do céu cinza feito ardósia. Esse comportamento espantou os assassinos, que estavam acostumados a vítimas choramingando e se humilhando quando diante de seu fim. Isso não importava; dessa forma, toda a experiência acabaria sendo menos bagunçada. Darla olhou rapidamente para as outras duas raposas: tinha chegado a hora.

E então o chão ganhou vida.

Repentinamente, a grama debaixo de suas patas virou um canteiro de vida trêmula e deslizante, se contorcendo entre seus dedos e em volta dos tornozelos. Assim que se arrastara ao redor de suas pernas, ela segurou firme, aprisionando-os. Os dois machos morderam e rosnaram raivosamente, tentando se livrar. Um deles tinha se aproximado de um arbusto baixo de faia-da-terra, que estava ocupado emaranhando suas folhas entre os pelos da raposa. Darla, detida com força por alguns tufos de grama contorcida, rosnou alto para os Místicos.

Iphigenia esticou as mãos na direção da faia-da-terra e fechou os olhos. Veio um som de terra se rasgando, e pequenos cachos brancos de raízes saíram do solo, se contorcendo em volta do corpo de uma das raposas. Seus rosnados se transformaram em uivos indefesos enquanto as raízes, tendo criado uma espécie de buraco na terra, começaram a puxá-la para dentro do

solo. Poucos momentos depois, tudo o que tinha restado no local onde a criatura estava parada eram algumas pilhas de terra e um tufo de pelos pretos.

Darla e a outra raposa observaram, sem poder fazer nada, seu compatriota ser enterrado vivo. Com um vigor renovado, eles rosnaram e flexionaram as ancas. De repente, a grama se partiu em suas patas e as duas raposas se libertaram, saltando, com os dentes rangendo, na direção das gargantas dos Místicos.

— Corra Anciã! — gritou Bion, a raposa cinza, enquanto ele se jogava na frente das Kitsunes agressoras. Os corpos se chocaram numa explosão de dentes, pelos e carne. Iphigenia, arrancada de sua meditação, caiu para trás, batendo com um urro agonizante no solo. Se não fosse pelo fato de as próprias lâminas de grama debaixo dela terem se elevado para amortecer sua queda, ela poderia não ter sido capaz de se levantar novamente. A Mística humana, Eutropia, a ajudou a se levantar e segurou seu braço enquanto as raposas atrás dela lutavam implacavelmente.

— Para as árvores! — urgiu Iphigenia, com alguma dificuldade. — Nossa única esperança.

Obedientemente, os dois Místicos escoltaram a Anciã na direção da linha de árvores na beira da clareira. O som da luta entre as três raposas podia ser ouvido atrás deles. Um berro veio de Bion; ele gritou para os Místicos que recuavam:

— CORRAM!

Iphigenia se virou para olhar, e viu que ele tinha sido derrubado, o focinho afundado na lama. Sangue escorria de suas narinas. As duas Kitsunes mostravam os dentes e os perseguiam. Eutropia soltou o braço da Mística Anciã e se virou para encarar os assassinos.

Darla viu aquilo.

— Cuidado com as plantas! — sussurrou ela para seu companheiro.

Eutropia esticou os braços, com as mãos espalmadas e viradas para o chão debaixo de seus pés. As lâminas escuras de grama ganharam vida ao seu comando e começaram a chicotear as patas dianteiras e traseiras das Kitsunes que se aproximavam. Mas os assassinos tinham julgado melhor seu oponente; eles davam passos rápidos sobre o matagal e evitavam os arbustos maiores; os vegetais se contorciam sem conseguir segurar sua presa. Antes que a Mística tivesse uma chance de se defender, as raposas tinham saltado com uma agilidade temível e derrubado a mulher no solo, os dentes rangendo.

Iphigenia e o antílope Timon ouviram os gritos de sua companheira Mística enquanto fugiam para a segurança da linha de árvores; eles não arriscaram olhar para trás por medo de perder a pouca vantagem que tinham conseguido sobre seus perseguidores.

— Rápido, Anciã — falou Timon. — Suba nas minhas costas.

Iphigenia obedeceu, envolvendo os braços no pescoço esguio do antílope. Com um grunhido, o Místico partiu num galope, correndo na direção da beira da clareira. Eles podiam ouvir as raposas atrás deles, livres da grama que as segurava, perseguindo-os.

Iphigenia, montada no antílope, fazia o que podia para atrapalhar os assassinos: a vida vegetal variada do prado atacava de forma selvagem as raposas que passavam em disparada. Não foi até chegar à linha de árvores, no entanto, que ela conseguiu criar um obstáculo significativo. Olhou para os galhos altos das árvores — o pinheiro, o bordo, a cicuta — e lhes pediu ajuda em sua luta.

Galhos, caindo rápidos como raios dos céus, desciam sobre as duas raposas pretas enquanto elas alcançavam a beira da clareira, uivando de dor com a madeira que abria cortes vermelhos em seus lombos. Timon saltou o tronco de uma cicuta inclinada que tinha caído de lado no solo, e Iphigenia gemeu com a colisão quando o antílope aterrissou no outro lado.

Darla, se esquivando perfeitamente de um galho de cedro arqueado, saltou sobre a cicuta enquanto a outra Kitsune se abaixou e passou rente ao chão. Iphigenia viu aquilo; ela respirou fundo e invocou. A Kitsune macho passou apenas metade do corpo debaixo do tronco antes de a árvore fazer força num movimento rápido e doloroso que prendeu a raposa, com força, ao solo barrento. Ela uivou alto, mas sua compatriota, Darla, não parou para socorrê-la. Ela não a viu ser empurrada ainda mais para dentro do solo; ela não viu os pequenos dedos de raízes de plantas criarem uma teia branca sobre sua cabeça e a sugarem até fundo de um sulco que se fechou como uma boca engolindo algo.

Apesar da vantagem tática da floresta, as árvores e os arbustos trabalhando em conjunto para atrapalhar a perseguição da assassina, Darla estava se aproximando dos dois Místicos. Timon não era capaz de galopar com toda a velocidade carregando o peso da Mística Anciã; ele cambaleou perto de um grupo de salgueiros. Iphigenia desceu das costas dele e sussurrou em seu ouvido:

— Vá. Vá até as duas crianças mestiças. Alerte-as.

Ele olhou rapidamente para ela com preocupação e então, como um raio, desapareceu dentro do emaranhado de árvores. Iphigenia se virou para encarar sua agressora. Ela acalmou a vegetação agitada. Esta tremulou até parar.

Sem confiar, Darla diminuiu o ritmo até uma caminhada calculada e silenciosa.

— É isso, velhusca — disse Darla, enquanto se aproximava da idosa.

— Sim, é isso mesmo, não é? — rebateu Iphigenia.

Com isso, ela se sentou na almofada de azaleias aos seus pés e habilmente cruzou as pernas até ficar em posição de lótus. Seus olhos se fecharam de forma pacífica.

A raposa saltou. A floresta ao redor, sem nenhum comando ou pedido, se convulsionou tristemente quando a assassina acertou o alvo.



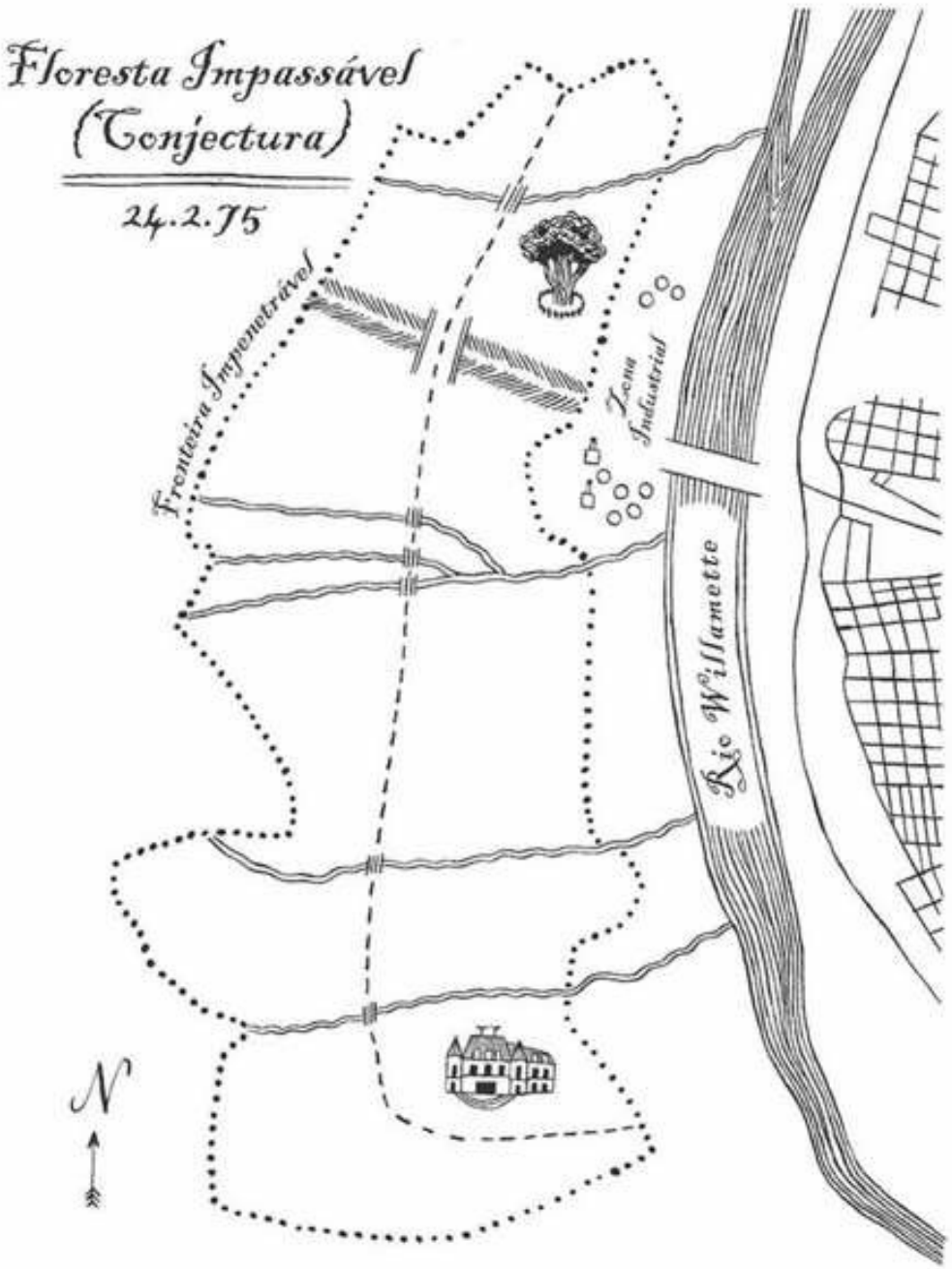
Prue caiu no chão de madeira da torre, repentinamente tomada pela pior dor que ela já sentira; parecia que todo o seu sangue tinha parado de correr e todas as suas terminações nervosas estavam pegando fogo. A boca se abriu, mas nenhuma voz saía. Tudo o que era verde ao seu redor gritava para ela, berrando pela cavidade de seu crânio, como se cada pedaço de vegetação, desde o menor tufo de musgo até a árvore mais alta, tivesse testemunhado uma degradação terrível. Ela colocou as mãos nos ouvidos, mas não adiantava.

Seus olhos dispararam ao redor, tentando descobrir como e por que isso estava acontecendo. Viu Curtis sobre ela; os lábios se moviam, mas ela não conseguia escutar sua voz. Sentiu quando ele segurou seus ombros e os sacudiu. Todo o corpo parecia congelado e impotente. Ela se viu vacilando à beira da inconsciência; e os gritos eram ainda muito mais intensos do que tinham sido naquele dia na ribanceira. E então, tão repentinamente quanto começou, aquilo tudo parou.

Ela olhou fixamente para Curtis, com olhos selvagens, e segurou seu braço, a voz repentinamente voltou a ela nesse novo vácuo de silêncio.

— É Iphigenia, Curtis. — Ela engasgou. — Ela... ela...

Mas o que, exatamente, Prue não tinha como saber.


Floresta Impassável
(Conjectura)
24.2.75
Fronteira Impenetrável
Zona Industrial
Rio Willamette
N

# PARTE DOIS




# CAPÍTULO 9

## *Inadotáveis*

Eles todos tinham sido testemunhas. Claramente, aquela fora a intenção; dessa forma, o menino serviria como exemplo para todos. Tinha acontecido rapidamente e acabado rapidamente. Depois que aconteceu, as outras crianças na oficina voltaram, aparentemente sem se comoverem, às suas tarefas e os sopros e tinidos das máquinas do salão continuaram sem parar. Eles haviam visto aquilo antes, muitas vezes.

O nome do menino era Carl. Elsie tinha falado com ele uma vez no refeitório. Ele era um ano mais velho do que ela e era uma criança corpulenta com cabelo ruivo encaracolado. Ele tinha sido simpático com ela — havia notado a boneca Intrépida Tina e falado que era um fã do programa de TV, quando ainda morava com os pais biológicos, antes de eles terem falecido num estranho acidente de jet ski. E aquela foi toda a interação que Elsie teve

com o menino.

O incidente começou com um gemido, literalmente. Um gemido que pôde ser ouvido em toda a oficina barulhenta. Ele veio do próprio Carl enquanto o menino estava parado em sua estação, manejando uma máquina que era facilmente cem vezes maior e mais pesada do que ele. Ela era chamada de Dobradora de Parafusos em U Bifurcados e fazia o que seu nome sugeria: dobrava parafusos em U bifurcados. Carl obviamente tinha perdido a atenção, pois apertou o botão roxo quando deveria ter apertado o preto. Ele soltou seu gemido ao perceber; àquela altura, a Dobradora de Parafusos em U Bifurcados tinha parado de dobrar parafusos em U bifurcados e começado a dobrar a si mesma. Dois estalos altos foram ouvidos dentro da máquina, e, então, ela chacoalhou até parar, fumaça sendo cuspida de suas juntas parafusadas.

Alguma espécie de corte emergencial de energia deve ter sido acionado, porque todas as máquinas da oficina repentinamente pararam e a luz fluorescente pálida que tipicamente banhava o depósito foi substituída por uma piscante luz vermelha demoníaca. Todos começaram a olhar ao redor, tentando entender o que tinha causado a interrupção; os olhos acabaram se fixando em Carl, parado junto à Dobradora de Parafusos em U Bifurcados enfumaçada com um olhar culpado no rosto. Martha, na esteira rolante, tinha tirado os óculos e empalidecido.

— Oh, não — sussurrou ela.

— O quê? — perguntou Elsie baixinho, se afastando de sua máquina inoperante. O sinal de casquinha de sorvete virada de cabeça para baixo piscava furiosamente. Aquela tinha sido a única vez que Elsie o vira realmente fazer algo.

— Ele já tem dois — falou Martha, misteriosamente.

— Dois o quê? — perguntou Elsie, mas no tempo que gastou para dizer

aquelas palavras, ela compreendeu. — Deméritos?

Martha balançou a cabeça.

O salão se inundou de luz, e as máquinas produziram um zumbido estranho; passos espancaram os degraus na direção da oficina. Era o Sr. Unthank, que aparentemente reiniciara a energia do salão. Uma expressão furiosa obscurecia seu rosto coberto pelo cavanhaque, e parecia que ele tinha sido interrompido durante o almoço: uma listra estreita do que parecia ser sopa de tomate criava uma espécie de segundo bigode em seu lábio superior.

— O que foi *isso*? — perguntou ele.

Ninguém respondeu. Ele caminhou na direção do culpado óbvio, Carl, e sua máquina, e olhou para o menino, muito sério.

— O que você fez, garoto? — perguntou ele.

— Eu realmente sinto muito, Sr. Unthank, senhor. Eu não quis fazer nada disso. Eu apenas... — Nesse momento ele engoliu de forma tão enfática que Elsie ouviu o *gulp!* do outro lado do salão. — Eu apenas apertei o botão roxo quando deveria ter apertado o preto.

— Roxo — repetiu Unthank, como se precisasse fixar as palavras para compreender. — Preto.

— Aham.

Unthank coçou sua pequena barba, pensativo. A mão recuou quando os dedos tocaram as sobras da sopa de tomate, e ele os estudou antes de lambê-los e limpá-los em seu suéter de estampa escocesa.

— Qual é o seu nome, garotinho?

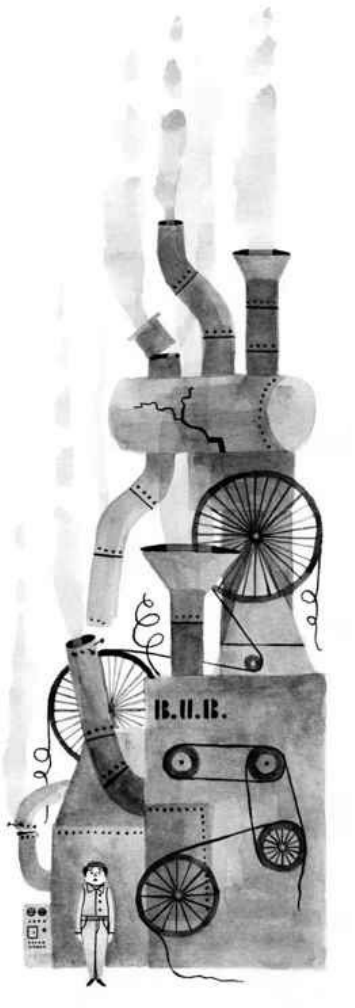
— Carl, senhor.

— Carl, você sabe quanto uma dessas máquinas custa? Hein?

— N... não, senhor.

— UM MONTE DE DINHEIRO! — berrou abruptamente Unthank. Ele respirou fundo e se recompôs. — Não apenas isso, Carl, mas vai levar tempo

para consertá-la. Tempo que essa máquina poderia usar dobrando parafusos bifurcados. — As palavras pareciam tropeçar de seus lábios sem que nenhum esforço fosse necessário.




— Certo, senhor — disse o menino.

— Receio que não tenho escolha a não ser lhe dar um demérito por esse erro, Carl.

O menino começou a chorar. Pequenas lágrimas caíam de seus olhos e escorriam pela bochecha. Unthank tinha um palpite sobre o motivo da consternação.

— Srta. Mudrak? — gritou ele.

O alto-falante estalou com estática:

— Sim, Joffrey. — Veio a voz de Desdêmona.

— Você pode ver quantos deméritos existem no registro de Carl... — Ele fez uma pausa e acenou para o menino. — Carl...?

— Carl Renquist, senhor.

Unthank balançou a cabeça, tentando mostrar empatia. Então, para o alto-falante:

— Carl Renquist.

Houve um momento de absoluto silêncio, interrompido apenas pelo som das máquinas sendo reiniciadas lentamente.

— Dois deméritos, esse menino tem — falou a voz do alto-falante.

Carl começou a soluçar intensamente. Unthank franziu a testa.

— O que parece, Carl, é que você conseguiu juntar seu terceiro demérito. Você sabe o que isso significa?

O menino tentou responder entre crises de choro.

— Aham — disse, finalmente.

— O que isso significa? Ajude-me aqui, Carl.

— Inadotável — falou Carl, baixinho.

— Por que você não fala de uma forma que o resto do salão possa ouvir?

— Inadotável — falou Carl, um pouco mais alto.

— Certo — disse Unthank, enquanto examinava o salão. — Escutem, moleques. Vocês quebram minhas máquinas e pagam com sua liberdade. Isso está claro?

O recinto murmurou em assentimento.

— Agora, se você não se importar, Carl — continuou Unthank, colocando a mão no ombro do menino e o levando embora da oficina —, eu apreciaria se você subisse e se lavasse. A Srta. Mudrak vai então escoltá-lo até meu escritório. Sim?

— Sim, senhor.

Unthank se virou para o resto das crianças no salão.

— Voltem ao trabalho, crianças — ordenou ele. — E que isso seja uma lição para vocês todos.

E foi assim que Carl Renquist, maquinista, órfão, fã da Intrépida Tina, foi tirado da oficina e das vidas de seus companheiros de internato no Lar Unthank para Jovens Rebeldes.

Naquela noite, Rachel ficou matutando sobre o incidente. Ela estava sentada em sua cama, com os joelhos dobrados contra o peito, e olhava com raiva para a penumbra. As outras meninas estavam conversando entre si, aproveitando o pouco tempo livre que tinham depois de um longo dia de trabalho.

— Não posso acreditar — falou ela. — Ele simplesmente desapareceu? Assim, do nada? Quero dizer, o que fizeram com ele?

Elsie deu de ombros. Estava escovando o cabelo da Intrépida Tina; aquela

tinha se tornado uma espécie de rotina para ela antes de dormir. Achava que aquilo a acalmava nos momentos de maior ansiedade, e aparentemente ela sentia-se muito ansiosa todos os dias. Seus nervos se encontravam particularmente abalados essa noite, e era por isso que ela estava penteando Tina de uma forma distraída e quase frenética. As irmãs Mehlberg viviam há quase uma semana no seu internato na fábrica e Elsie não estava afim de fazer muitas perguntas.

— Quero dizer, você não se pergunta o que aconteceu? — questionou Rachel.

— Sim, acho que sim. — Ela parou de pentear a boneca e olhou para a irmã. — Você não acha que eles apenas o deixam ir a outro lugar? Tipo, ele apenas se mudou para outro orfanato, internato ou qualquer coisa assim? Isso parece um excelente negócio para mim.

— Talvez, mas não sei — falou Martha, se intrometendo do outro lado da cama de Elsie. Ela estava deitada sobre seu colchão com os braços posicionados atrás da cabeça. — Eles todos são levados à sala do Sr. Unthank. E então... quem sabe? Mas nunca vi nenhum Inadotável ser, tipo, escoltado para fora do prédio ou algo assim.

— É disso que estou falando, Quatro-Olhos — disse Rachel, girando de lado em sua cama e deixando que os pés encostassem no chão. Ela olhou para Elsie e Martha com uma expressão conspiratória. — Eles não voltam para o lado de fora. E vocês sabem por quê, eu acho? — Ela então passou o dedo em sua garganta. — Eles o picam em pequenos pedaços. E os oferecem como comida aos gatos vira-latas das redondezas.

Marta fez uma careta. Elsie empalideceu. *Sério?*, ela pronunciou para a irmã.

— Sua irmã é esquisita — comentou Martha.

— Vocês estão se enganando se não acham que é isso o que acontece —

disse Rachel. — Você acha que existe, tipo assim, uma passagem secreta no escritório do Sr. Unthank e ele simplesmente os empurra para dentro dela e... puuf!... eles estão de volta ao mundo exterior?

— Bem — começou Elsie —, independentemente do que aconteça, só temos mais uma semana aqui, não é mesmo, Rachel? Então deveríamos apenas tentar não ganhar nenhum demérito.

Rachel girou de volta para se deitar na cama.

— Já tenho um. É como se estivesse marcada. Eu posso acabar como aquele garoto Carl a qualquer momento.

Ela tremeu visivelmente, a voz tinha ficado grave e séria.

— Qual é, Rachel — disse Elsie —, anime-se. Não vamos ficar muito mais tempo aqui.

— Sim — concordou Martha. — Considerem-se pessoas de sorte.

As três meninas ficaram em silêncio. Finalmente, Rachel falou:

— Vou entrar lá.

— O quê? — falaram Elsie e Martha em uníssono.

— No escritório do Sr. Unthank — disse Rachel. — Vou encontrar aquele garoto Carl, ou o que sobrou dele, e vou desmascarar todo esse lugar insano, mostrando o que ele realmente é.

— Rachel! — Essa era Elsie, sua voz um sussurro trêmulo. — Você vai... você vai ganhar um demérito!

— Ou dois. Ou cinco. — falou Martha. Então, quase para si mesma: — Fico imaginando o que acontece quando você recebe mais deméritos do que precisa para se tornar Inadotável.

Rachel as ignorou. Saltou de sua cama e ajoelhou ao lado da cama de Elsie. Acenou para que Martha se aproximasse.

— Vou entrar escondida lá. Enquanto vocês dormem profundamente, eu tenho observado; há duas noites tive que fazer xixi e, quando voltei, percebi

que não havia ninguém na porta. O que acontece é que a Srta. Talbot faz a troca de turno à meia-noite e demora uns quinze minutos para a substituta chegar. Fiz todo o caminho até a porta do escritório do Sr. Unthank antes de ficar muito assustada e voltar.

— Mas ele não a mantém trancada? — perguntou Elsie.

Rachel sorriu maliciosamente e esticou o braço atrás dela, tirando de baixo de seu travesseiro uma pequena chave de bronze numa fita amarela. Ela a sacudiu animadamente em frente às duas meninas.

Num fôlego só, Martha falou:

— Onde você arrumou isso?

— No armário do zelador — respondeu Rachel. — Uma parada rápida na volta ao dormitório. Não pude evitar: a Srta. Talbot a deixou aberta. Ela tinha chaves sobressalentes de todos os quartos. Essa estava com a etiqueta "Escritório J. U.".

— Uau! — exclamou Martha.

Elsie não estava impressionada.

— Você roubou isso, Rachel — disse ela, se sentindo perturbada. — Você não devia roubar coisas.

— Estou apenas pegando emprestado.

— Mesmo assim.

— Quando você vai? — perguntou Martha.

— Hoje à noite — respondeu Rachel, girando a chave na palma da mão e fechando o punho com força em volta dela. Ela olhou rapidamente para o alto-falante sobre as portas. — Depois que as luzes forem apagadas — sussurrou. — Quando a Srta. Talbot fizer a mudança de turno.

Martha, a essa altura, tinha saído de sua cama e estava ajoelhada na de Elsie, o corpo inclinado para ouvir melhor os planos de Rachel.

— Quero ir — falou ela.

Elsie olhou fixamente para ela.

— Gente! Isso é loucura. Vocês vão receber deméritos! Rachel, você vai receber um segundo demérito!

Rachel levantou uma sobrancelha para Martha.

— Minha ficha está limpa — respondeu Martha. — Nenhum demérito. Estou aqui há, o que, cinco anos? E sempre fui uma boa menina. Estou cansada disso, na verdade. Estou pronta para fazer algumas travessuras.

Rachel estendeu a mão; Martha a apertou firme.

— Então é hoje à noite — disse Rachel.

— Oh, não — falou Elsie.



A primeira vez que Martha Song entrou marchando no dormitório do Lar Unthank para Jovens Rebeldes, cerca de cinco anos antes, voltou à menina num lampejo repentino e lúcido enquanto ela e Rachel Mehlberg se deslocavam furtivamente pelo corredor escuro e seguiam na direção do escritório trancado do proprietário. Foi estranho; ela havia caminhado por aquele corredor muitas vezes desde então e nunca tinha sido atingida por uma recordação como aquela. Mas agora ela podia sentir a mão calejada do pai na sua, o toque cítrico no perfume da mãe. Os dois estavam sendo mandados de volta à Coreia, eles tinham explicado. Eles voltariam para buscá-la assim que pudessem.

Talvez essa lembrança repentina tenha sido a razão por que ela não viu Rachel parar abruptamente, trombando nela com força. Ou talvez tenha sido o fato de ela estar usando seus óculos.

— Ei — sussurrou Rachel, irritada. — Preste atenção.

— Desculpa — falou Martha.

— Por que você está usando seus óculos?

— Para dar sorte.

— Eles ainda dão sorte se você os colocar sobre a testa, em vez dos olhos?

— Talvez.

— Faça uma tentativa.

— Certo.

Elas continuaram e desceram a escada vazia. Pouco tempo depois, chegaram à porta do escritório. Martha ficou de olho no longo corredor enquanto Rachel tirava a chave do bolso de seu macacão e a introduzia na fechadura. A porta se destrancou com um clique baixinho. Martha ouviu o som e observou enquanto Rachel abria lentamente a porta; ela rangeu levemente. Um brilho fraco veio de dentro e iluminou o piso quadriculado do corredor com uma longa coluna de luz. Rachel olhou para dentro da sala e prendeu a respiração.

— O quê? — perguntou Martha, entortando o pescoço sobre o ombro de Rachel para tentar espiar pela fresta da porta.

— O que são aquelas coisas? — perguntou Rachel, involuntariamente esganiçada.

— O quê? Não consigo ver! — sussurrou Martha.

Rachel abriu mais a porta; Martha olhou para o interior. A visão era surpreendente: uma sala grande, suficientemente grande para acomodar com tranquilidade uma enorme mesa de madeira e, de frente para ela, um conjunto de poltronas de couro. A mesa estava coberta de maços de papel e o que pareciam ser frascos de vidro. O que era notável a respeito da sala, no entanto, era o fato de as paredes estarem revestidas com estantes altas, estantes que guardavam uma estonteante variedade de potes, garrafas e vasos. A arrumação fazia Martha se lembrar do laboratório de um mago ou de uma velha farmácia chinesa. Havia, no entanto, uma parte das prateleiras que não

exibia essas garrafas e frascos, mas que, em vez disso, guardava cerca de três dúzias de caixas brancas de metal. Uma pequena luz vermelha em cada uma das caixas piscava de forma intermitente, sem sincronia com as luzes das caixas vizinhas, parecendo luzes de Natal que ficaram malucas.

No centro da sala, bem em frente à estante com as caixas de metal, ficava o que parecia ser uma cadeira de dentista de um século esquecido. A cadeira imponente era construída com uma série de almofadas brancas aparentemente rígidas, todas presas a uma estrutura de metal preta. Em cada um dos encostos de braço, uma algema de ferro estava aberta de forma ameaçadora; da mesma forma, dois fechos semelhantes se estendiam do apoio para pés na cadeira. Parecia que, quem quer que fosse o dentista a usar essa cadeira no passado, tinha que prender seus pacientes à força. Martha, provavelmente por causa do medo, puxou os óculos novamente para os olhos.




— Oh... meu... Deus! — disse ela.

Rachel ficou em silêncio. Havia uma compreensão tácita entre as duas meninas — por mais superlotado de *coisas* assustadoras que o escritório de

Joffrey Unthank fosse, tinha uma coisa perceptivelmente faltando: Carl Renquist.

Rachel sinalizou que o caminho estava livre. As duas meninas entraram furtivamente no escritório e fecharam a porta sem fazer barulho. A única luz no recinto vinha de uma luminária fraca sobre a mesa. Martha caminhou até as três janelas na parede atrás da mesa: elas se abriam para a fábrica adormecida. Rachel olhou para seu relógio.

— Temos dez minutos — disse ela.

A mesa a fez se lembrar da escrivaninha de um diretor de escola: era pintada de verde industrial e feita de metal polido. Martha distraidamente examinava os frascos de vidro sobre a mesa, espiando por suas aberturas; estavam todos vazios. Sua atenção então se voltou para uma pilha de papel no centro da escrivaninha, que parecia ser uma coleção de mapas. Ela folheou a pilha. Os mapas aparentavam ser de diversas épocas: alguns eram antiquíssimos, seu papel havia muito tendo ficado amarelado pelo tempo e suas beiradas cobertas de mofo. Outros lembravam mapas topográficos contemporâneos, com contornos desenhados usando linhas finas. Martha não reconheceu nenhum dos lugares que eles ilustravam; um parecia ser um grande continente — quase com uma aparência europeia —, uma cordilheira cercava um pico central no sudeste. Outro retratava uma longa península, a fronteira ao norte marcada por um desfiladeiro rochoso; uma linha ferroviária, cruzando a parede do cânion, era a única coisa conectando esse país estranho a seus vizinhos. Um mapa chamou a atenção de Martha, um pedaço dele visivelmente saliente no fundo da pilha. Ao pegá-lo em suas mãos, ela viu que aquele era um mapa mais velho (datado de 24.02.75), intitulado “Floresta Impassável (Conjectura)”. Martha reconheceu um desenho cuidadoso da grade de ruas de St. Johns no lado da página, o balanço preguiçoso do rio Willamette ao seu lado, as pequenas chaminés e tanques de

componentes químicos da Zona Industrial. Mas a maior parte da página era dedicada à Floresta Impassável, separada do mundo por uma borda pontilhada rotulada como “Fronteira Impenetrável”. Martha tinha visto a Floresta Impassável presente em mapas antes, mas ela sempre tinha existido como um retângulo verde comprido sem nome e sem atributos. Nesse mapa, alguém havia na verdade incluído pontos de interesse reais. Um desfiladeiro que parecia um cânion se abria na floresta; uma casa curiosa com torreões estava desenhada no meio da parte mais ao sul. No norte, o cartógrafo retratara uma árvore retorcida e tinha rabiscado pequenas criaturas paradas em volta dela num círculo. Uma estrada, desenhada de forma um tanto arbitrária, conectava essa parte norte à sua fronteira ao sul. O mapa parecia, na cabeça de Martha, o trabalho de alguém que sofria de um fantástico caso de demência.

Afastando-se da mesa, Martha se aproximou da cadeira de dentista, examinando seus fechos com um nó na garganta, antes de vagar até as estantes e começar a estudar os muitos potes e vasilhas. Ela murmurava os nomes, todos perfeitamente etiquetados numa letra cursiva bonita, enquanto lia.

— Adrenal Bovina, Resina de mirra, Beladona, Noz-vômica... blergh! O que *é* essa coisa? — Ela tirou um dos potes da estante e abriu a tampa de rosca. Cheirou rapidamente, e seu nariz foi tomado por um odor que não era muito diferente de uma enorme quantidade de cachorros molhados numa fábrica de desodorante. Fechou a tampa depressa e com força. — Desculpa — disse ela.

Rachel estava agachada, estudando as pequenas caixas de metal e suas luzes vermelhas piscantes. Martha ajoelhou ao seu lado. Cada caixa tinha uma espécie de medidor na parte frontal, protegido atrás de um vidro. Aquilo lembrava Martha do medidor de gasolina de um carro, mas em cada uma das

caixas, o ponteiro estava firmemente afundado no que seria a posição de VAZIO. Uma pequena linha preta formava um arco no medidor e era pontilhada com números: 1, 1.5, 3, 5, 10. Ocasionalmente, uma agulha em um dos medidores tremulava um pouco, e a luz vermelha debaixo dele piscava sem força. Sobre a janela do medidor em cada uma das caixas ficava um pequeno quadrado de fita branca com duas letras escritas. H.K., dizia uma delas. G.W., dizia outra.

— Eu não poderia estar mais confusa — confessou Martha.

Rachel estava em silêncio; batia com o dedo em seu lábio superior, pensativa. De repente, os olhos se iluminaram e ela apontou para uma das caixas.

— Olhe para isso! — disse ela.

A caixa estava etiquetada com as letras C. R.. A escrita parecia significativamente menos desbotada do que a das outras caixas; rabiscada recentemente.

— O quê? — perguntou Martha, tentando desvendar o mistério.

— O que você acha que isso significa? C. R.?

Martha ainda estava pensando:

— Carrancudo Robótico?

Rachel estava com uma expressão impaciente.

— São as iniciais. — Ela bateu com o dedo contra a fita. — Isso deve significar Carl Renquist!

Um temor paralisante atingiu Martha. Ela passou a olhar para as outras caixas, seus ponteiros tremendo e luzes vermelhas piscando tranquilamente; ela começou a decifrar os nomes.

— Harold Klein — entoou ela —, Leslie Brumm. J... Josh? Josh Tennyson. Greg Wheeler. Cynthia... Smith? Não: Schmidt. Cynthia Schmidt. — Lembrava-se de todos eles, todos os seus nomes. — Oh, meu Deus,

Rachel. Esses são todos os inadotáveis. Desde quando cheguei aqui, pelo menos. Provavelmente um bocado de antes de eu chegar.

Bem naquele momento, um barulho veio do corredor. Martha e Rachel fizeram um contato visual rápido enquanto escutavam a maçaneta girar. Elas mergulharam atrás da mesa no outro lado da sala; o barulho da porta abrindo deve ter encoberto o movimento delas, porque chegaram debaixo da mesa sem que fossem detectadas. Encolhidas ali, ficaram escutando enquanto passos soavam no centro da sala e paravam.

— Olá? — falou a voz. Era o velho Sr. Grimble, o vigia noturno. — Sr. Unthank?

Martha e Rachel se recusaram a respirar.

O Sr. Grimble grunhiu (aquela era uma marca registrada sua: o Grunhido de Grimble, como as crianças chamavam), e o grunhido soou como o ronco de um urso em hibernação com apneia do sono enquanto ele vasculhava a sala. Satisfeito, ele se virou e foi embora, fechando a porta ruidosamente ao sair. As duas meninas esperaram até o som de seus passos desaparecerem antes de voltar a respirar.

— Vamos dar o fora daqui — falou Martha.

Rachel balançou a cabeça.

— Encontro com você no corredor.

Martha seguiu com precaução até a porta e lentamente a abriu, mantendo os olhos fixos no espaço do lado de fora. Quando viu que não havia ninguém ali, que o corredor se estendia numa escuridão silenciosa, ela empurrou a porta e começou a caminhar nas pontas dos pés no piso de parquete quadriculado do corredor. Só depois de alguns momentos percebeu que Rachel não a seguia.

— Rachel! — sussurrou. — Você está vindo?

A menina saiu de dentro do escritório; ela fechou a porta silenciosamente

e a trancou com a chave. Então se virou para Martha e balançou a cabeça.

— Vamos embora — disse ela.

Juntas caminharam devagar de volta ao dormitório, e Martha sussurrou um suspiro de gratidão aos céus quando se enfiou debaixo do cobertor. Na pressa, ela não tinha notado que Rachel saíra do escritório com algo pequeno e quadrado debaixo do braço.



Elsie tinha acabado de remover uma porca da boca do OLR — uma ação que era quase involuntária agora, depois de mais de uma semana trabalhando na oficina — quando Unthank desceu apressado pela escadaria com uma estranha caixa branca em sua mão. Desdêmona Mudrak, com sapatos de salto alto, caminhava agilmente atrás dele. Elsie não prestara muita atenção àquilo inicialmente, mas sua mente rapidamente juntou dois e dois. Tanto Martha quanto Rachel estavam muito quietas mais cedo no café da manhã apressado do refeitório; elas não tinham divulgado nada sobre sua missão de reconhecimento na madrugada. Prometeram que contariam tudo a Elsie à noite, quando houvesse "menos olhos intrometidos por perto", como Martha havia descrito.

— Meninas e meninos! — gritou Desdêmona. — Por favor, escutar com atenção.

Unthank marchou até o meio do pátio da fábrica e levantou a caixa para que todos pudessem vê-la. Seu cabo de energia preto balançava como se fosse um rabo. Desdêmona, parada ao seu lado, segurava uma prancheta de madeira.

Elsie olhou para Martha, que tinha removido seus óculos e olhava fixamente para Rachel, que, por sua vez, encarava o chão.

— Isso parece *familiar* a algum de vocês? — perguntou Unthank.

Ele teve que erguer a voz para ser ouvido com o barulho das máquinas, e ela ecoou no espaço cavernoso.

Ninguém falou. Unthank balançou a coisa de metal em sua mão. Ela emitiu um som de chocalho.

— Estou disposto a fazer uma oferta a quem quer que tenha roubado isso — falou ele. — Se você se aproximar e confessar, ficarei feliz em não punir todos no pátio dessa fábrica com três horas adicionais de trabalho por dia. E, apesar de essa infração ser suficientemente grave para conceder o status de Inadotável, serei misericordioso e darei apenas dois deméritos por sua honestidade. Agora: quem roubou isso?

Ele examinou as crianças atentas, que tinham emitido um gemido coletivo ao ouvir a sugestão de uma jornada de trabalho ainda mais longa.

Elsie olhou para Rachel e Martha; Martha encarava a irmã da menina com olhos arregalados e acusatórios.

Mas ninguém falou nada. Tirando o gemido, o recinto permaneceu silencioso.

Nesse vácuo de som, Martha Song se manifestou.

— Fui eu — admitiu ela. — Entrei no seu escritório. Peguei aquela coisa na estante. Eu realmente sinto muito, Sr. Unthank, senhor.

O queixo de Elsie caiu. Ela percebeu que Rachel lançava um olhar chocado para Martha.

Unthank sorriu. As partes da barba e do bigode do cavanhaque se separaram perto de seus lábios, como um par de suricatos se espreguiçando.

— Muito nobre de sua parte, Song — disse ele. — E vou ficar feliz em lhe dar dois deméritos por oferecer essa informação. Seus dois primeiros, se não me falha a memória.

Martha balançou a cabeça, mostrando uma expressão desanimada.

Unthank tinha parado de falar enquanto investigava o salão. Então falou mais alto:



— No entanto, acontece que sei que você não é, na verdade, a culpada. — Essa informação provocou alguns engasgos na multidão; Rachel ainda olhava para seus sapatos. Elsie sentiu o coração disparar. — Tenho que dizer que fico muito desapontado ao saber que ele, o verdadeiro criminoso, o invasor, não vai se revelar — continuou Unthank. — Ou ela, eu poderia dizer. Esse equipamento caro... — Nesse momento ele balançou a caixa de metal novamente — ...foi encontrado no armário da cama vinte e três. E a cama vinte e três pertence a...

— Rachel Mehlverg — terminou Desdêmona, friamente.

Elsie soltou um gemido agudo e curto. Ela olhou para Rachel cujos ombros podiam ser vistos tremendo de leve. Sua cabeça estava abaixada.

— Srta. Mehlberg, por razões desconhecidas por mim, decidiu enganar a equipe do Lar para Jovens Rebeldes e, por extensão, toda a força de trabalho, ao entrar escondida no meu escritório e *roubar* esse equipamento valioso. Eu lhes pergunto, crianças, que família desejaria adotar uma menina que faria algo assim?

— Não estou disponível para adoção — respondeu Rachel, repentinamente.

Ela havia levantado a cabeça.

— Bem, você certamente não está mais — falou Unthank. — Na verdade, eu poderia até dizer que você está bastante... Inadotável.

Ele riu um pouco da própria piada; Desdêmona abriu um pequeno sorriso.

O cabelo de Rachel caiu novamente sobre o rosto; seus ombros

murcharam.

— NÃO! — gritou Elsie, com lágrimas brotando dos olhos.

Joffrey ignorou o alvoroço e se aproximou de Martha, ainda imóvel.

— Quanto a você, Srta. Song, sua desonestidade é extremamente angustiante. Precisarei lhe conferir um demérito adicional por mentir. E assim ficam três deméritos no mesmo número de minutos.

Ele então a proclamou "Inadotável" com frieza enquanto a Srta. Mudrak fazia alguns rabiscos no bloco de anotações.

Elsie olhou fixamente para Martha cujo rosto tinha ficado branco como uma folha de papel, criando um contraste forte com as manchas pretas de graxa na bochecha. Um garoto que estava ao lado de Martha sussurrou, com raiva:

— Ele te enganou!

Desdêmona olhou para o menino com uma expressão severa.

Unthank gesticulou para que Rachel e Martha se dirigissem até o centro do salão. Elas marcharam de forma pesada até junto dele e de Desdêmona. Ele colocou os braços sobre os ombros das duas meninas e olhou para o resto das crianças.

— Na Fábrica Unthank de Partes de Máquinas — falou ele, em voz alta —, acreditamos em solidariedade entre os trabalhadores, solidariedade para produzir as melhores partes de máquinas que pudermos. Quando esse valor fundamental é minado por malfeitores, mentirosos e ladrões, é imprescindível que a justiça seja feita pelo bem da empresa.

As duas meninas, que estavam uma de cada lado, se portavam de formas muito diferentes: a cabeça de Martha estava erguida e uma expressão de terror marcava sua testa; o cabelo de Rachel parecia uma cortina, escondendo os olhos.

— Tenho absoluta fé — continuou Unthank — no fato de que esse

acontecimento infeliz só vai aumentar nossa produtividade. Quanto mais deméritos forem distribuídos, mais Inadotáveis criarmos, mais nossa disciplina crescerá. Bom dia.

E então ele começou a levar Martha e Rachel embora do pátio da fábrica.

Elsie se virou para sua máquina e puxou a alavanca da lateral; uma porca de metal foi cuspida em sua boca. Imediatamente, ela puxou a alavanca novamente e os dentes da máquina desceram, mastigando a porca recém-fabricada com um estalo barulhento.

Unthank parou na escada e virou.

— O que foi isso? — perguntou ele, vasculhando o salão. Seus olhos pararam sobre Elsie. — O que você fez?

— Opa... — falou Elsie.

Ela puxou a alavanca novamente. Uma nova porca foi cuspida. Novamente ela a destruiu ao descer os dentes da máquina.

O rosto de Unthank ficou vermelho como uma beterraba. Ele se afastou de Martha e Rachel e caminhou na direção de Elsie.

— São dois deméritos, mocinha — falou ele.

A mão de Elsie voltou à alavanca. Rachel espiou através de seu cabelo.

— Elsie! — disse ela. — Não faça isso!

— Sinto muito, maninha — falou Elsie. — Não posso deixá-la ir sozinha.

Ela puxou a alavanca, duas vezes. Uma Porca de Parafuso Romboide Oscilada de Alta-Liga foi criada e destruída no intervalo de alguns segundos.

— TRÊS DEMÉRITOS! — gritou Unthank, saliva voando de sua boca. — INADOTÁVEL! — Caminhou rapidamente até onde Elsie estava e a segurou, com força, pelo braço. Então a levou até a escada e a empurrou para que entrasse na fila com Martha e Rachel. Ele olhou novamente para a oficina. — Alguém mais? Alguém quer testar minha paciência?

O salão ficou em silêncio.

Unthank arrumou a parte da frente do suéter de losangos, que, por causa daquela atividade, tinha ficado muito amarrotado. Ele afastou alguns fios de cabelo da testa.

— Certo — disse ele, sem recuperar a compostura de antes. — Voltem ao trabalho.

O homem com o cavanhaque tinha sido levado até o limite de sua paciência; ele não instruiu Martha, Rachel e Elsie a irem ao dormitório, se limpar e juntar suas coisas. Em vez disso, ele as empurrou rudemente escada acima, afastando-as da oficina, e marchou com elas diretamente pelo corredor quadriculado até a porta de seu escritório.



# CAPÍTULO 10

## *O Antílope Claudicante;*
## *Uma Longa Jornada*

No máximo, a mulher provocava a compaixão dos viajantes que passavam pela Estrada. Ela podia ser confundida facilmente com uma sem-teto rebelde, sua florida bata dashiki salpicada de lama e rasgada no ombro. O condutor de uma caravana de ciganos inclusive parou e lhe deu um xale de tricô, que ela aceitou com um agradecimento murmurado. Certamente, os poucos transeuntes que a viram decidiram que ela deveria ter sofrido algum tipo de grande infortúnio para estar viajando na Longa Estrada nesse tempo frio do inverno com roupas tão miseráveis. Um peregrino quis lhe dar algumas moedas enquanto passava por ela, mas recuou quando viu o rosto cortado e ensanguentado da mulher. Ele deixou a prata cair no chão e continuou seu caminho. Ela não parou para apanhá-las.

A neve caía de forma selvagem no alto da montanha, e a mulher amarrou apertado o xale que tinha recebido em volta de sua garganta. Aqui o terreno era íngreme e inóspito, e a neve se juntava no solo em montes. A visibilidade diminuía, e a mulher rangia os dentes, determinada. Finalmente, ela chegou a uma placa de madeira desbotada que marcava a fronteira entre o Bosque do Norte e o Bosque Selvagem, onde ela pegou uma pequena trilha que a afastava da estrada e a levava para dentro das árvores. Pouco depois, ela alcançou uma caverna na encosta da montanha. Um fogo quente crepitava no interior, e ela entrou, saudando os habitantes rapidamente.

— Está feito, Darla? — perguntou uma das pessoas sentadas junto à fogueira.

Tratava-se de um homem de cabelos escuros, vestido com um terno preto de três peças.

Ela assentiu enquanto se sentava perto do fogo. Esticou as mãos para aquecê-las. Seus dedos estavam manchados de vermelho-escuro.

— Bom — falou uma mulher no outro lado da fogueira. Seu cabelo era cortado curto, e ela vestia uma espécie de agasalho felpudo.

Darla soltou um suspiro aliviado enquanto o calor da caverna se estabelecia ao seu redor. Ela se livrou de alguns flocos de neve que tinham grudado no cabelo preto comprido antes de olhar para o quarto ocupante da caverna: um lobo usando um tapa-olho.

— Agora, Cabo — disse Darla —, se você puder nos contar, por favor, exatamente onde é o enclave dos bandidos, poderemos lhe oferecer sua recompensa.

O lobo bufou, concordando, e deu uma longa golada num garrafão de cerveja.

— Não sei se essa é uma ideia muito boa, Prue — disse Curtis, observando a amiga freneticamente encher uma mochila com suprimentos suficientes para alguns dias. Eles estavam na cozinha dos bandidos; Prue escolhia itens de uma despensa improvisada enquanto os funcionários da cozinha observavam. — Quero dizer, deveríamos manter você em segurança. Escondida.

— Segure isso — falou Prue, colocando a bolsa parcialmente cheia nos braços do garoto.

Ela enfiou uma maçã na boca, segurando-a entre os dentes, enquanto vasculhava um cesto de utensílios de prata manchados. Ao encontrar um canivete com cabo de carvalho, ela o abriu e testou a lâmina. Satisfeita, ela se virou e o jogou dentro da mochila nas mãos de Curtis.

Ela tirou a maçã da boca para falar.

— Tenho que fazer isso. Tenho que vê-la.

— Mas ela já se foi, Prue — disse Curtis, franzindo a testa. — Você mesma disse isso.

— Ainda assim tenho que vê-la. Tenho que ver o que aconteceu. Tenho que ver a árvore.

— Que árvore?

— A Árvore do Conselho — respondeu Prue, enquanto começava a inspecionar a mochila, organizando tudo. — Depois que voltei a mim, depois que a gritaria parou, senti um impulso estranho. Era um pouco como saudades de casa. Mas não era, porque eu não estava com saudades da *minha* casa. O que me parece é que, se eu não fizer isso, não conseguirei ver o que está adiante. Além disso, ela ainda pode estar viva. Talvez eu possa ajudar.

Ela pegou a mochila das mãos de Curtis e a colocou sobre as costas.

— Mas e quanto a Brendan? — perguntou Curtis, mantendo a voz baixa para não atrair muita atenção. Os bandidos da equipe da cozinha voltaram ao trabalho, descascando batatas e jogando bacias cheias de cenoura numa

panela fumegante sobre um fogo crepitante. — E quanto às nossas instruções? De manter você em segurança? Você sabe, foi a própria Iphigenia que nos disse para fazer isso.

— Tchau — despediu-se Prue.

Curtis a seguiu enquanto Prue saía da caverna e subia numa ponte de corda oscilando.

— Espere um pouco — disse ele.

— Não consigo explicar isso, Curtis — falou Prue, se movendo agilmente.

— Então você simplesmente ouviu toda essa gritaria...

— Sim.

— E quase desmaiou.

— Sim.

— E agora tem que sair do esconderijo, apesar de sua vida estar ameaçada por uma assassina transmorfa, para caminhar sei lá quantos quilômetros numa tempestade de neve a fim de conversar com uma árvore.

— Isso mesmo.

— Vou com você — decidiu Curtis.

Juntos, eles atravessaram várias passarelas e pontes do acampamento dos bandidos. Logo chegaram à base da parede do penhasco que tinham descido para entrar. Dois cabos estavam pendurados do alto do precipício, suas pontas juntas num carretel. Curtis e Prue ajudaram um ao outro a prender seus arreios; chegando ao topo, foram saudados por uma voz familiar.

— Como vão, garotos? — perguntou Septimus, o rato, parado na altura dos olhos dos dois num galho baixo. Ele palitava os dentes com um graveto.

— Você só chegou do norte agora? — perguntou Curtis, um pouco ofegante por causa da escalada.

O rato balançou a cabeça.

— Voar não é natural para um sujeito da minha espécie. Além disso, foi

uma caminhada agradável. Peguei um pequeno desvio no caminho, ajudei algumas pessoas, fiz algumas boas ações; vou aonde sou mais necessário. — Ele estufou o peito um pouco. Então olhou para a mochila de Prue. — Aonde vocês dois estão indo?

— Vamos voltar ao Bosque do Norte — disse Curtis.

— Voltar? — grunhiu o rato. — Você não deveria estar escondida?

Ele estava apontando seu graveto para Prue.

— Vou arriscar — falou ela.

— Brendan sabe disso? — perguntou o rato.

— Não — respondeu Curtis. — E gostaríamos que isso permanecesse assim.

Septimus enfiou o graveto na boca e o mastigou, pensativo.

— Bem — disse ele —, não sou bom em guardar segredos. Acho que vou ter que ir com vocês. Além disso, não quero estar presente quando ele descobrir; o homem tem um temperamento forte. — Ele saltou agilmente do galho da árvore e pousou tranquilamente no ombro de Curtis. — Avante! — bradou, apontando o graveto para o norte, como uma espada.

O trio atravessou o túnel nos arbustos de mirtilo. Seus pés esmagaram silenciosamente a camada fina de neve sobre a vegetação rasteira. Estava frio o suficiente para eles poderem ver a respiração virar névoa, mas, assim que começaram a se mover, seus corpos passaram a se acostumar com a temperatura. Caminhavam em silêncio; Prue estava ocupada tentando desemaranhar as ressonâncias estranhas que tinha recebido no momento em que as árvores começaram a gritar e o mundo pareceu ceder debaixo dela. O impulso de voltar ao Bosque do Norte foi tão intenso; independentemente da possibilidade de ela estar colocando em perigo sua vida — e as vidas de seus amigos. Ela só podia confiar na própria intuição. Ocasionalmente, enquanto caminhava, Prue escutava os barulhos do Bosque — a conversa da vegetação

— e ficava desanimada ao ouvir apenas, ainda, o som sem voz de sua linguagem aparentemente ininteligível.

Finalmente, uma voz que ela compreendia surgiu:

— Então por que, exatamente, estamos indo ao Bosque do Norte?

Era Septimus. Francamente, era incrível que ele tivesse sido capaz de se manter calado por tanto tempo.

— Um chamado — falou Prue, misteriosamente.

Na verdade, aquela era a melhor explicação em que conseguiu pensar.

— Oh! — exclamou Septimus. — Como um telefonema?

Prue pensou naquilo antes de responder:

— Mais ou menos. Mas, tipo, para a minha alma.

— Legal — falou o rato. — Um telefone da alma.

O céu tinha escurecido; enquanto começavam a subir uma encosta íngreme, a neve começou a cair. Aquilo, na visão de Prue, tinha a aparência de faíscas de branco puro flutuando desde as copas das árvores. Podia sentir os pequenos flocos pousarem sobre as bochechas e desaparecerem. Estava usando um gorro de lã verde-escuro, dado a ela por um bandido na sua chegada, e ela o puxou sobre a testa. Chegando a um espaço de terra plana, parou.

— Pelo que consigo entender — disse ela —, deveríamos permanecer dentro do bosque. É mais provável que nos encontrem na Estrada, não é mesmo? — Ela olhou para o terreno cautelosamente. — Mas aonde vamos daqui?

— Espere — falou Curtis. — Deixe um nativo cuidar disso. — Ele orgulhosamente passou por Prue e desceu derrapando uma ladeira íngreme no outro lado da área plana. Ela o seguiu. Pouco depois, Curtis tinha levantado um tapete espesso de roseira-brava para revelar uma trilha de caça que levava até o outro lado das plantas. — Tirei “excepcional” em Geografia do Bosque

Selvagem no último período — disse ele, sorrindo.

Eles seguiram a trilha em silêncio, as duas crianças se embrenhando no caminho sinuoso enquanto Septimus ficava nas copas das árvores, vigiando o caminho enquanto prosseguiam. Estavam andando havia várias horas quando Prue e Curtis ouviram um chiado vindo dos galhos sobre suas cabeças.

— Pessoal! — Era Septimus. — Escondam-se! Algo está vindo!

Sem falar nada, Prue e Curtis mergulharam na vegetação baixa na lateral da trilha sinuosa, se escondendo nos canteiros pré-históricos de samambaia que delineavam o caminho. À frente, a trilha levava a um campo aberto de relva; foi para lá que os olhos das crianças se dirigiram. Um pouquinho de neve caiu nas costas do casaco de Prue quando ela moveu os ramos da samambaia, e a menina estremeceu com o frio repentino.

Um estalo podia ser ouvido nos arbustos adiante junto às árvores que revestiam a parte mais distante do campo. Aquilo soava para Prue como algo andando sobre quatro patas. Ela abaixou a cabeça ainda mais perto do solo; imaginou uma raposa preta aparecendo, seus dentes à mostra, e o peito formigou com agulhadas de medo.

Mas não: era um antílope. E um com uma aparência muito cansada para dizer a verdade. Ele parou na beira da clareira e farejou o solo congelado. Quando virou a cabeça, Prue notou que ele vestia a túnica rústica dos Místicos do Bosque do Norte; como se tivesse sido obrigado a fazer aquilo, Prue saiu apressada de seu esconderijo, dando um grande susto no antílope.

— Olá! — gritou ela. — Sou eu, Prue!

O antílope deu um salto; as patas se articularam contra a terra, prontas para partir na velocidade de um raio. Quando ele viu Prue, uma expressão de surpresa tomou conta de seu rosto.

— A menina mestiça! — exclamou o antílope. — Como estou feliz em vê-la!

Prue acenou para Curtis, que ainda estava no canteiro de samambaias.

— O que você está fazendo no Bosque Selvagem? — perguntou ela.

— Achei que nunca a encontraria! — continuou o antílope. — Em todo o Bosque Selvagem, e estava preparado para procurar em todos os cantos.

— Você veio atrás de *nós*? — perguntou Curtis, se levantando e limpando a neve de sua calça.

— Sim — respondeu o antílope. A estupefação em seu rosto foi substituída por uma expressão de tristeza desesperada. — Meu nome é Timon. A Mística Anciã, ela me enviou para encontrá-los. Para adverti-los.

Prue congelou, uma percepção se apoderando dela. O Místico nem precisava ter falado; ela compreendia o que ele tinha vindo falar. Era o que ela já esperava, o que tinha intuído através das árvores.

— Iphigenia — falou Prue.

O antílope balançou a cabeça pesarosamente. Seus joelhos se dobraram, e ele se sentou no solo. Então começou a balançar a cabeça.

— Oh não, oh não — entoava ele.

— Ela está bem?

— Ah, Prue — falou o Místico, perdido em sua própria tristeza. — Ah, querida Prue.

Ela olhou para Curtis antes de se aproximar do antílope. Ajoelhou-se ao seu lado e começou a lhe acariciar o pelo áspero do pescoço.

— Acalme-se — disse ela, tentando consolar o antílope. Procurou imitar os pais, a forma como eles esfregavam suas costas calorosamente enquanto ela lamentava um animal de estimação perdido ou um brinquedo esquecido. — Está tudo bem — falou. — Está tudo certo.

O antílope levou o casco até o olho e limpou uma lágrima de sua face.

— Eu simplesmente não sei o que dizer; e não tinha me permitido nem pensar nisso até agora. Estava tão determinado a encontrar vocês dois, em

atender o pedido da Mística Anciã. E tudo parecia tão desesperador, mas pelo menos eu tinha algo para afastar minha mente daquela cena tão terrível.

— Que cena? — perguntou Prue. Curtis tinha chegado ao seu lado. Ele lançou um olhar demorado para Prue, investigando-a. — Iphigenia... ela está bem?

— Não sei — respondeu o Místico. — Eu a abandonei enquanto ela ainda estava sendo perseguida. Ela me pediu para encontrá-los. Essa foi a última coisa que ela me disse: “Encontre as crianças mestiças. Avise-as do perigo.” Mas eu não tinha ido muito longe antes de sentir um presságio pesado das árvores. Receio que ela possa ter partido.

Ele caiu aos prantos.

Curtis bateu com a bota no chão furiosamente.

— Foi aquela raposa, não? Aquela mulher que se transforma em raposa.



Timon, se recompondo, balançou a cabeça.

— Ela é uma adversária formidável — disse ele. — Nós derrubamos seus parceiros, mas ela mesma era muito forte e veloz.

— Quantos eram? — perguntou Prue.

— Três: dois homens, uma mulher.

— Darla — falou Prue. — Darla Thennis.

— Vocês se conheceram? — perguntou Timon.

— Sim, ela era minha professora de ciências.

Timon olhou para ela, perplexo.

— Mas ela sobreviveu? — perguntou Curtis.

— Sim — respondeu Timon. — E pode ser que existam mais. Kitsunes nunca atacam em grupos de mais de três. Seu treinamento gira em torno do conceito do triângulo estratégico. Então, embora ela possa ter perdido dois parceiros, sem dúvida ela tem mais em algum lugar.

— Bem, isso resolve a questão — falou Curtis, soando quase aliviado por ouvir essa notícia lamentável. — Acho que devemos voltar ao acampamento.

Prue não lhe deu ouvidos. Em vez disso, ela falou com o antílope:

— Como você está de energia? Consegue chegar ao Bosque do Norte em segurança?

O Místico respirou fundo, soltando um pouco de vapor pelas narinas, e se levantou sobre seus cascos.

— Sim, estou bem — disse ele. — Bastante forte.

— Você acha que consegue carregar duas crianças nas costas?

— Espere um segundo, Prue — interrompeu Curtis. — Você ouviu alguma coisa do que ele acabou de dizer? As Kitsunes estão no Bosque do Norte. Estão procurando por *nós*. Você quer simplesmente ir se apresentar a eles?

— Já lhe disse: não tenho escolha — falou Prue. — Tenho que ir, com ou sem professora de ciências. Fique, se você quiser. — Então, para o antílope: — Você me leva?

O antílope pigarreou, inseguro, e bateu com as patas no solo.

— Se esse é o seu desejo, Prue — disse ele. — Apesar de você poder estar se colocando em sério risco.

— É o meu desejo.

— Muito bem — concordou o antílope, e então se abaixou para que ela pudesse montar em suas costas.

Curtis ficou parado, inquieto, em seu lugar.

— Você vem ou não? — perguntou Prue.

Ele apontou um dedo acusatório para sua amiga.

— Você! — disse ele. — Você é *irritante*!

Tendo feito sua acusação, Curtis imediatamente cedeu e subiu nas costas do antílope. Envolvendo os braços na barriga de Prue, ele se preparou enquanto o animal partia num trote e começava a se dirigir ao norte. O rato, que acompanhava do alto das árvores sobre eles, saltava agilmente de um galho para outro, atrás do grupo em movimento.



Quanto mais Prue se aproximava da árvore, mais certa ficava da decisão de fazer a viagem. Como uma espécie de sede que se torna mais forte com um copo d’água em mãos, quando ela cruzou a fronteira entre o Bosque Selvagem e o Bosque do Norte, o desejo de estar junto da árvore era quase insuportável. O caminho fora árduo: a tempestade que se aproximava cobria os morros altos e os picos das Montanhas Catedral, e eles foram forçados a parar em diversas ocasiões a fim de esperar que uma rajada de vento particularmente forte passasse. O antílope era forte e conhecia bem o terreno; ele caminhou cuidadosamente, mas com firmeza, sobre as pequenas fendas na encosta da montanha que eles foram forçados a cruzar.

Eles receberam água potável de um texugo que vivia numa cabana na montanha; um cisne errante, branco como a neve sobre o solo, lhes deu instruções claras quando eles desceram até os vales do Bosque do Norte e não

sabiam muito bem que caminho tomar. Os dois animais haviam visto a túnica do antílope e tinham feito todos os esforços para ajudá-los. O caminho era árduo; toda vez que se viam se aproximando de qualquer estrada principal, eles instintivamente se afastavam dela, preferindo permanecer no esconderijo seguro da densa floresta. Ocasionalmente, as duas crianças optavam por caminhar lado a lado com o antílope, deixando-o descansar do peso em suas costas.

Eles tinham acabado de montar novamente nas costas do antílope quando chegaram a uma enorme clareira na floresta. A atração da árvore àquela altura era tão inquietante e poderosa que Prue mal conseguia ficar sentada direita. Curtis teve que puxá-la para junto de seu peito; ela havia quase caído de cima do Místico duas vezes. Eles passaram por uma linha de árvores, foram capazes de ver a transbordante luz do dia e perceberam que estavam na beira de um enorme prado que cercava a Árvore do Conselho.

A atração misteriosa que Prue vinha sentindo desde o dia anterior repentinamente se dissipou como um tufo de fumaça. Ela havia chegado à fonte.

Curtis, que jamais vira a enorme árvore antes, se engasgou quando seus olhos pousaram sobre ela. O sol estava se pondo e uma palidez cinzenta descia sobre a ampla clareira; a árvore retorcida e milenar se agigantava sobre a luz evanescente do prado, os galhos desprovidos de folhas. Na base do tronco, uma estrutura tinha sido construída com musgo e pedra. Ao ver aquilo, o antílope soltou um gemido triste. Prue e Curtis desceram de suas costas e observaram enquanto o Místico claudicava na direção da árvore. Eles o seguiram, entorpecidos. Prue adivinhou a razão da construção simples; ela moveu os lábios num *não* silencioso enquanto eles corriam atrás do antílope.

A estrutura se aconchegava em uma das grandes raízes expostas da árvore, como um bebê aninhado no braço de um pai protetor. A superfície era feita

de um manto espesso de musgo e estava coberta pela coloração simples da vegetação do inverno: os globos brancos suaves dos arbustos de snowberry, azevinhos com seus pequenos frutos vermelhos e o verde pálido do cardo. Todos esses adoráveis detritos serviam para fazer uma espécie de cama. Chegando lá, Prue olhou para Timon e perguntou com a voz rouca e desesperada:

— É isso mesmo?

Timon, com os olhos cheios de lágrimas, assentiu.

Bem naquele momento, um movimento vacilante na beira da clareira chamou a atenção deles. Uma procissão se aproximava: um grupo de vultos vestindo túnicas e carregando tochas saiu de dentro da linha de árvores. Enquanto chegavam ao prado, eles se juntavam numa fila e seguiam na direção da cama de musgo. No meio da procissão, vários dos vultos caminhavam sob o peso de uma maca rígida, que apoiava o que parecia ser o corpo amortalhado de uma mulher. Prue e Curtis ficaram congelados onde assistiam ao desfile solene. Quando os primeiros vultos chegaram à estrutura, eles se espalharam, criando um semicírculo em volta da cama. Eles caminhavam em silêncio, com as cabeças baixas.

A maca foi posicionada sobre a cama de musgo da estrutura; o corpo estava coberto por uma colcha simples, que um dos Místicos puxou para revelar o rosto de Iphigenia.

Os olhos da Mística Anciã estavam pacificamente fechados. Seu rosto, pálido e imóvel, tinha uma expressão de graça silenciosa. Ela parecia ter acabado de fazer uma refeição agradável e estar aproveitando o resplendor. Lágrimas imediatamente se juntaram nos olhos de Prue enquanto ela assistia à cerimônia.

Assim que o corpo havia sido posicionado sobre a estrutura e os Místicos que carregavam tochas se espalharam para cercá-la, um novo grupo de

pranteadores apareceu na beira da clareira: os aprendizes. Eles vinham dos bosques ao redor, carregando objetos em seus braços: cobertores e túnicas, papéis e plantas. Prue supôs que os objetos eram as posses da Mística Anciã, trazidos de sua casa. Cada um foi posicionado cuidadosamente em volta do corpo imóvel de Iphigenia. Muitos daqueles que os traziam tocaram a barra de sua mortalha carinhosamente antes de se afastarem para se juntar à multidão.

— Não acredito nisso — sussurrou Curtis. Eles estavam parados entre os Místicos e aprendizes reunidos. — Eu a vi há pouco. Ela estava tão... viva.

Prue limpou as lágrimas nos olhos com a manga do casaco.

— Eu gostaria de ter tido a chance de vê-la mais uma vez — disse ela. — Eu gostaria de ter tido a chance de simplesmente conversar com ela.

Curtis colocou o braço sobre os ombros de Prue. Os dois deixaram as lágrimas caírem livremente.

Um dos Místicos, um homem mais velho com longo cabelo trançado e uma barba grisalha, se manifestou. Ele caminhou até a estrutura e colocou a mão suavemente sobre o corpo de Iphigenia antes de se virar para as pessoas em volta e falar:

— Essa noite, nós devolvemos o corpo de Iphigenia ao Bosque, seu espírito já tendo sido absorvido pelo tecido do cosmos. E, com ela, devolvemos os acessórios da sua vida terrena ao solo.

A voz era calma, benevolente.

Ele então acenou com a cabeça para os Místicos ao redor, que começaram a formar um semicírculo em volta do corpo de Iphigenia. Um jovem menino, um aprendiz, ficava no centro do arco enquanto todos eles, um de cada vez, se sentavam e cruzavam as pernas na posição de lótus. Eles começaram a meditar. Prue instintivamente levantou a mão até os lábios, seus olhos cheios de lágrimas.

Então veio um som da base da estrutura, uma espécie de barulho de terra se rasgando. A grama e as samambaias em volta da cama começaram a ganhar vida. Prue sentiu uma espécie de eletricidade se avolumando no solo aos seus pés; podia agora ouvir a vegetação coletiva da clareira começar um lamento pesaroso.

*AAAAAAAAAA*.

Aquilo vinha de cada lâmina de grama, cada galho e cada espinho. A cama de musgo tremeu; o solo começou a balançar. Pequenos cachos de raiz subiram pela lateral da estrutura e formaram uma espécie de casulo entrelaçado antes de o solo se abrir num bocejo e o corpo de Iphigenia, a Mística Anciã do Bosque do Norte, ser consumido pela terra.

O mundo ficou em silêncio.

Os aprendizes e Místicos acordaram de sua meditação. Prue permaneceu como se estivesse paralisada, olhando para o solo virgem onde antes ficava a cama de musgo. Curtis segurou seu braço.

— Uau! — exclamou ele.

O menino que havia sido o centro do arco dos meditadores estava de pé, mais afastado, logo além do anel de luz que emanava das tochas carregadas pelas pessoas na margem da multidão. Prue não conseguiu evitar perceber que ele parecia a observar.

Depois de um tempo, os Místicos e aprendizes reunidos começaram a se afastar do círculo e foram se misturando à multidão. Prue notou que muitos dos habitantes e fazendeiros locais tinham chegado, permanecendo a uma distância educada da cerimônia. Eles agora se juntavam à multidão, e um ar de sociabilidade substituía o clima anteriormente sombrio. Sorrisos começaram a aparecer em seus rostos. Apertos de mão eram trocados amigavelmente, pessoas se abraçavam calorosamente. Prue se virou e viu que Timon não estava distante, conversando com alguns aprendizes mais jovens.

Ela esfregou a mão nas costas dele.

— Ah, Prue — disse ele, sorrindo ao vê-la. — Não tenho palavras; por mais partido que esteja meu coração, fico feliz de termos chegado a tempo para isso. Apesar das circunstâncias.

— Sim — falou Prue. — Obrigada por nos trazer até tão longe. — Ela fez uma pausa, sem saber o que dizer. Então continuou: — Estou tão confusa! Percorri todo esse caminho, seguindo um impulso estranho, um *chamado*. Eu tinha certeza de que ela era a coisa, a... o que quer que fosse... que estava me atraindo. Não acredito que ela se foi e estou aqui. Quero dizer, o que faço agora?

— Será revelado — disse Timon. — Será revelado. Não tenho dúvidas disso.

Curtis apareceu ao lado de Prue.

— Aonde vamos daqui? — perguntou ele.

— Teremos uma celebração no Salão Nobre — explicou Timon. — Mesmo em épocas de racionamento, um funeral exige uma reunião. Vocês acham que será seguro vocês comparecerem?

Septimus, que estava no ombro de Curtis, se manifestou:

— Meu palpite é que esse é o último lugar onde eles pensariam em procurar por você. Ninguém com a cabeça no lugar teria feito o que você fez. Quero dizer, você teria que ter um parafuso muito solto para vir à cena do crime do seu próprio assassino.

— Obrigada — disse Prue.

— Estou apenas dizendo a verdade.

— Ou é uma armadilha — observou Curtis. — Eles podem ter adivinhado que faríamos a viagem. Mas é verdade: isso não faz total sentido. Eles não poderiam saber *por que* viemos.

— Exatamente — disse Prue. — E isso é algo em que eu ainda estou

pensando.

Ela olhou além das pessoas que vagavam pelo prado na direção da árvore. O brilho das tochas criava pequenas centelhas de luz amarela pálida ao longo de seu tronco nodoso.

*Por que você me chamou aqui?*

O prado estava se esvaziando de pranteadores. Aqueles que carregavam as tochas abriam caminho na direção da borda leste da clareira.

— Vocês vão na frente — sugeriu Prue. — Estarei com vocês daqui a pouco. Encontrarei o caminho.

Os três, Septimus, Timon e Curtis, seguiram as pessoas que saíam da área do funeral em direção à festa. Prue observou enquanto eles se afastavam. Um peso se alojara na cavidade do peito. Ela deu a volta até o lado mais afastado da árvore, do lado oposto do local do enterro, até um canto formado por uma perna particularmente grande das raízes expostas da árvore. Naquele local, ela colocou as duas mãos na madeira fria e silenciosa e fechou os olhos.

*O que é? Por que estou aqui?*

Não houve resposta; se a árvore estava se comunicando, Prue não foi capaz de registrar seus pensamentos.

*O que você quer que eu faça?*

— Você veio de muito longe.

Prue abriu os olhos. A voz não estava vindo de dentro da sua mente; na verdade, Prue estava ouvindo uma voz atrás dela. Ela se virou para ver um menino pequeno, que talvez tivesse 7 anos, parado ali, segurando uma pequena vela acesa. Ele usava a túnica marrom e rústica dos Místicos.

— E você se colocou em enorme risco — disse ele.

Prue o reconheceu como o menino que estava no centro das meditações; claramente, sua posição deveria ser alta para ele receber aquela responsabilidade. Enquanto ele se aproximava, Prue notou que ele tendia a

olhar para um lado dela, como se estivesse observando algo que estava atrás de seu ombro.

— Você é um Místico? — perguntou Prue. Quando o menino balançou a cabeça positivamente, ela falou: — Você é tão jovem!

— Sou um Filhote — disse o menino, ainda olhando para algo atrás dela. — É assim que nos chamam. Os aprendizes mais jovens.

— Qual é o seu nome?

— Sou Alister. E você é Prue.

Prue balançou a cabeça, um pouco intimidada com a postura do Filhote. Ele parecia não se preocupar com as apresentações.

— Você conhecia a Mística Anciã? — perguntou ele.

— Sim, conhecia — respondeu Prue. — Ela era, bem, acho que ela era uma amiga. Eu não a conhecia assim tão bem, ou há tanto tempo. Mas ela era realmente importante para mim.

— Para mim também, mas agora ela está morta — disse o menino. Seu rosto não deixava transparecer nenhuma emoção a respeito da declaração abrupta. Os olhos se desviaram ainda mais para encarar a árvore. Ele ficou parado por um momento, em silêncio, enquanto estudava as linhas na madeira. — Ela quer lhe dizer algo.

Prue ficou chocada.

— O quê? Quem?

— A árvore — disse Alister. — Ela a chamou aqui, você sabe.

— Como você pode... como você pode *escutá-la*?

O menino deu de ombros.

— É apenas algo que sempre fui capaz de fazer. Não sei por quê. Não contei aos meus professores, aos outros Místicos. Eles dizem que eu não deveria ser capaz disso. Acho que simplesmente não quis corrigi-los.

Prue chegou mais perto do menino.

— O que ela está dizendo?

O menino não respondeu. Prue não sabia se ele a tinha escutado. Repetiu a pergunta, mas o menino, mesmo assim, não respondeu.

Finalmente, com a atenção voltada agora para os pés de Prue, ele falou:

— Ela disse que você pode juntar as três divididas.

— Não sei o que isso significa — falou Prue, piscando rapidamente.

— As Três Árvores do Bosque — explicou Alister. — Você pode uni-las. Mas... — Ele hesitou, os olhos virados para o céu. A expressão em seu rosto sugeria que ele estava no processo de *receber*. Depois que a expressão desapareceu, ele balançou a cabeça numa compreensão silenciosa. — Mas isso ainda vai demorar. — Ele sorriu calorosamente para o espaço vazio logo ao lado da face esquerda de Prue. — Você alcançará grande proeminência. Uma soberana, talvez.

Prue estava perplexa.

A criança falou novamente:

— Mas, antes, o verdadeiro herdeiro deve ser... ser... — Agora a testa de Alister estava franzida em profunda concentração. O que quer que estivesse sendo comunicado a ele era difícil de compreender. Ele fazia Prue pensar em alguém traduzindo lentamente uma língua difícil, como os poucos alunos estrangeiros de sua escola. Eles tinham muitas ideias; apenas sentiam dificuldade em expô-las na língua cujo uso se esperava deles. Seus olhos então sugeriram que ele havia encontrado uma tradução satisfatória. — Reanimado — disse ele. — Sim, é isso. Reanimado. O verdadeiro herdeiro deve ser reanimado. — Por mais certo que estivesse da palavra, ele parecia estar tão desorientado quanto Prue. — Você sabe o que isso significa? — perguntou ele.

— Reanimado. Tipo, trazido de volta à vida? Dos mortos?

— Não, não exatamente — respondeu Alister. — Como uma máquina.

Conserto. Não sei se há uma palavra humana para isso.

— Reanimar o verdadeiro herdeiro. Como uma máquina. — Prue analisou as palavras. — Quem é o verdadeiro herdeiro?

O menino deu de ombros.

Em algum lugar, na periferia do pensamento de Prue, algo girava, batendo em sua consciência, como uma mariposa numa lâmpada. A resposta estava ali, em algum lugar.

O Filhote continuou a tradução hesitantemente.

— Essa é a coisa... a única coisa... que trará paz. E que salvará a sua vida... a sua e a de seus amigos. Mas você não... você não é a única. Eles sabem. Os outros sabem. Eles também estarão tentando. E, se eles tiverem sucesso, tudo está perdido. — E então: — Reanime o verdadeiro herdeiro. O menino que morreu duas vezes.

Prue mal tinha ouvido esse último fluxo de informação; estava muito ocupada revistando seu cérebro em busca de pistas que pudessem ajudar a desvendar aquela frase misteriosa. *Reanime o verdadeiro herdeiro. O menino que morreu duas vezes*. O que aquilo significava? E então a ficha caiu.

— Alexei! — falou ela, em voz alta. — O menino príncipe!

— A árvore não reconhece significantes culturais — disse Alister, e Prue levantou uma sobrancelha para ele.

— *De qualquer forma* — falou ela —, isso deve significar Alexei, o filho de Alexandra, a Governatriz Viúva! Quando ele morreu, ela o trouxe de volta à vida como uma... coisa mecânica! Então...

Algo esquisito e nojento envolvendo dentes, ela se lembrou. Tinha sido há tanto tempo, seu encontro com o Corujão Rei. Aquela noite, quando ela havia fugido da Mansão e chegado à sua residência no Bosque do Sul. Eles tinham se sentado em frente ao fogo ardente, bebendo chá. Ele tinha lhe contado muitas coisas incríveis, histórias da Governatriz Viúva e de seu marido, o

falecido Grigor Svik. E de seu jovem filho, Alexei, que tinha morrido num — o que tinha sido mesmo? — acidente de caça? Ela não conseguia se lembrar exatamente dos detalhes. Mas sim: Alexandra, em seu pesar, o trouxera de volta à vida como um — qual tinha sido a palavra que o Corujão tinha usado? Um autômato. Era isso. Ela havia mandado construir uma réplica mecânica do filho e o ressuscitara ao grudar toda a sua arcada dentária, salva por ela, na boca da máquina. A mãe e o filho estavam reunidos. Mas, a história continuava, algum tempo mais tarde, Alexei descobriu o mistério de sua existência e ele, em desespero, removeu algo, alguma parte vital de seu corpo de metal, e a destruiu. Ele pereceu, dessa vez para sempre; ele estava irreparável. *O menino que morreu duas vezes*. O povo do Bosque do Sul se rebelou contra Alexandra, e ela foi exilada no Bosque Selvagem. E agora a árvore queria que alguém trouxesse Alexei de volta? Todos esses pensamentos corriam pela mente de Prue enquanto o menino Filhote a observava.

— Sim. — Foi tudo o que ele disse. — Está certo.

— Espere — falou Prue. — Você acabou de ler minha mente?

— Eu não. A árvore leu.

Ela levantou os olhos para os galhos altos e retorcidos da Árvore do Conselho. *Caramujo sousafone*, pensou ela.

— Isso é uma tolice — disse o menino.

— Apenas testando.

— Oh.

— Mas como devemos... — começou ela em voz alta, antes de mudar para pensamento: *como vamos reanimá-lo?*

O menino respondeu:

— Encontre os criadores. Os criadores devem recriar. Reanimar o verdadeiro herdeiro, o que morreu duas vezes. Isso trará a paz. Mas saiba

disso: seu caminho será incomum. Às vezes é necessário ir para baixo para chegar em cima. — O rosto do menino, depois do decreto, ficou sem expressão. Ele ficou em silêncio por algum tempo, e os olhos foram atraídos para o tronco da árvore, como se procurasse algo perdido. — E é isso. É tudo o que posso dizer.

— Isso é tudo? Nada sobre como fazer isso? — As perguntas de Prue estavam ficando frenéticas. — Ou quem são esses criadores? E como encontrá-los?

O menino apenas balançou a cabeça.

— Isso é enlouquecedor — disse Prue.

E então, por desencargo de consciência, ela se virou para a árvore e pensou, *Isso é enlouquecedor*. O vento varria o prado; agora a única luz vinha de algumas tochas do outro lado da árvore. Elas envolviam o tronco numa silhueta fantasmagórica. O menino começou a se afastar devagar, os olhos fixos em algo ao longe.

— Espere! — gritou Prue, cuidadosamente o seguindo.

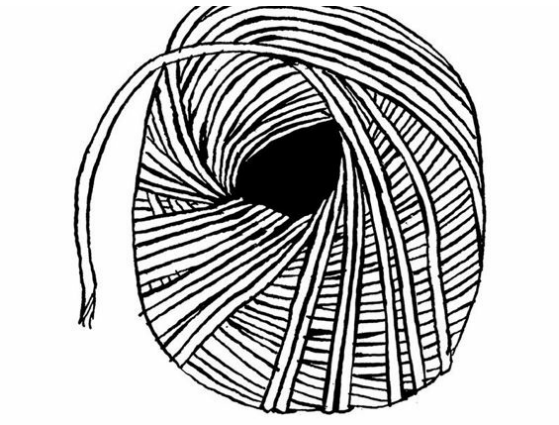
— Encontre os criadores — disse o menino, como que para si mesmo. — Reanime o verdadeiro herdeiro.

— Não sei o que isso significa! — gritou Prue.

O menino tinha saído do anel iluminado das tochas e desaparecido na escuridão ao redor.

— Encontre os criadores. — Prue ouviu o som da voz do menino. — Reanime o verdadeiro herdeiro.

E então ela ficou sozinha.



# CAPÍTULO 11

## *Através da Fronteira*

Unthank levou as três meninas até o escritório e fechou a porta depois de todos entrarem. Para Elsie, o estalo da porta travando soou como uma trovoada, e ela se encolheu ao ouvi-lo. Além do mais, ela nem tinha recebido permissão para ir ao dormitório e pegar sua boneca Intrépida Tina, e as mãos ficavam muito vazias sem ela. Ninguém havia falado desde que saíram do pátio da fábrica; o silêncio era sufocante, ameaçador. Apenas seus passos, ecoando ruidosamente no chão do corredor, quebravam a calmaria. Dentro do escritório, Elsie foi recebida por uma variedade muito estranha de imagens: uma esquisita cadeira metálica no centro do aposento, estantes abarrotadas de pequenos potes e frascos de vidro, as luzes piscantes de um monte de caixinhas brancas — do mesmo tipo da que Unthank tinha em suas mãos quando fez as acusações às crianças na oficina.

Ele ficara positivamente fora de si naquele momento; agora parecia estar quase tonto. Depois que havia conduzido as meninas até o escritório e fechado a porta, ele enfileirou Elsie, Rachel e Martha em frente à mesa e começou a esfregar as mãos num gesto agitado.

— Três de vocês — falou ele. — Três espécimes vivos. Não é sempre que uma oportunidade como essa se apresenta.

A Srta. Mudrak estava parada ao lado da fila das três meninas, olhando para baixo com um uma expressão desinteressada e nada amigável no rosto.

— O que você fez com Carl? — perguntou Rachel a Unthank, a voz carregada com uma espécie rara de coragem.

— E todos os outros? — complementou Martha.

Unthank respondeu:

— Calem a boca, meninas. Pensem nisso da seguinte forma: vocês estão fazendo uma enorme contribuição à ciência. Não apenas à ciência, na verdade, mas ao progresso da humanidade. Vocês serão lembradas e louvadas. Quando as pessoas falam sobre voos espaciais, são aqueles que se arriscaram que são mais lembrados. Não sabemos muito sobre aqueles cientistas russos, mas certamente sabemos quem foi o primeiro no espaço, não sabemos? — Ele não esperou uma resposta. — Laika!

— Ela era uma cadela — disse Martha.

— Não importa. Uma cadela muito famosa.

— E ela não morreu? — insistiu ela.

Unthank lhe lançou um olhar severo.

— Aonde você quer chegar? — perguntou Rachel. — O que você vai fazer conosco?

Unthank fez uma pausa, como se estivesse organizando os pensamentos. Ele ajoelhou em frente às três meninas como um pai orgulhoso, avaliando sua prole depois de um recital de natal bem sucedido.

— Meninas — falou ele. — Meninas.

Elsie ficou desconfiada dessa mudança de rumo; a frustração e a raiva que Unthank tinha mostrado anteriormente pareciam ter desaparecido completamente.

Ele continuou:

— Eu tenho um sonho. Tenho uma grande ambição. E, com a ajuda de vocês três, vou realizá-lo. — Ele virou os olhos para a direita, onde um conjunto de janelas altas permitia a entrada da luz cinzenta do dia de inverno. Algumas árvores podiam ser vistas ao longe através das vidraças embaçadas. Ele se levantou e caminhou até aquelas janelas, olhando para o exterior. — Lá fora — disse ele, apontando para as árvores —, lá fora está uma enorme quantidade de *recursos* intocados e irrestritos. Árvores. Minerais. *Terra*. Milhares e mais milhares de acres. Essa suposta Floresta Impassável, essa área selvagem, que até agora nenhum homem ou mulher teve a coragem e a astúcia para conquistar... é minha intenção ser aquele, quando a história for escrita, a ter finalmente superado os desafios do local para chamá-lo de meu.

A cor em seu rosto estava aumentando com sua excitação. Ele correu até a mesa, coberta por pilhas de papel. Tirando alguns mapas da superfície, ele os mostrou às três meninas.

— Olhem para isso — falou ele. — Quero dizer, não há nenhuma escritura, nenhum registro de impostos, nenhuma pesquisa do Departamento de Administração de Terras. Esse lugar parece nem existir! Mas ao mesmo tempo está bem ali, na fronteira da nossa cidade, nos provocando. Caçoando de nós. Como se todo aquele lugar estivesse apenas mostrando sua enorme língua verde para nós.

As meninas apenas olhavam para o homem.

— Bem, estou pertinho assim... pertinho assim! — Ele estava mostrando o polegar e o indicador separados por apenas alguns centímetros. — Tive

algumas ideias na última semana... alguns, como dizemos nós cientistas, “momentos eureca”. Achei que teria que esperar e analisar aquelas ideias durante semanas e semanas, até mais crianças se tornarem Inadotáveis. Mas agora tenho três. Três perfeitas crianças Inadotáveis em quem experimentar os resultados de minha pesquisa.

Elsie não conseguia mais ficar em silêncio.

— Senhor, Sr. Unthank — falou ela, suplicantemente. — Nossos pais estão vindo nos buscar em menos de uma semana. Por favor, senhor, deixe a gente ir. Eles esperam que estejamos em segurança aqui.

— Pais — disse ele, hesitando como se estivesse tentando se lembrar do significado da palavra. — Vindo buscá-las?

Ele olhou para Desdêmona.

— Isso é verdade — falou a Srta. Mudrak, friamente.

Rachel intercedeu:

— Sim, eles estavam apenas nos alojando aqui. Eles foram à Turquia procurar pelo meu irmão. Eles voltarão em muito pouco tempo. Além disso, meu pai é realmente grande e sabe lutar com uma faca.

— Ele sabe lutar com uma faca? — perguntou Elsie, incapaz de se segurar.

Rachel apenas lhe lançou um olhar repreensivo.

— Bem — disse Unthank —, isso parece assustador. E quanto a você? Devemos nos preocupar com os seus pais?

Ele tinha se aproximado de Martha.

Desdêmona respondeu por ela:

— A chinesa é órfã.

— Meu nome é Martha — corrigiu a menina, de forma irritada — e sou coreana. — Sua voz desceu uma oitava melancólica enquanto ela completava: — Meus pais não voltarão para me buscar.

— Bem, isso é conveniente, pelo menos — disse Unthank. Ele olhou novamente para as meninas Mehlberg. — Quanto a vocês duas, sinto muito em lhes contar que seus pais estavam perfeitamente cientes dos termos e condições associados a alojar suas crianças no Lar Unthank. Vou lhes mostrar.

Ele caminhou de volta até a mesa e, remexendo numa pasta de arquivos lotada, voltou com um pedaço de papel. Era uma inscrição de algum tipo. Os nomes de Elsie e Rachel tinham sido escritos — com a letra de sua mãe — no topo da página. Tanto a mãe quanto o pai haviam assinado o documento. Unthank passou o dedo sobre um longo parágrafo de texto abaixo da linha de assinatura, um texto impresso tão pequeno que era quase ilegível.

— Vocês verão aqui, no pé da página, onde está escrito (e eu cito): “Os Proprietários se reservam o direito de aplicar punições de acordo com o próprio discernimento se a criança for considerada um risco para si mesma ou para a população em geral. Três infrações como essa tornarão a criança Inadotável e nesse momento os Proprietários se reservam o direito de remover tal criança da população adotiva do Lar”. — Ele tirou os olhos da página. — Bem claro, na verdade. Você não acha, Srta. Mudrak?

— Claro como um para-brisa — respondeu Desdêmona.

— E vocês verão que foi rubricado, bem lá no pé da página, por um certo... — Unthank contorceu o rosto para decifrar a escrita. — D. M.. Seu pai, imagino.

— David — falou Elsie, de forma seca. — Sim. Mas eu realmente não sei o que tudo isso significa. Como ele poderia saber?

— E, além do mais, eles estavam com muita pressa... eles tinham que pegar um avião — disse Rachel. — Eles não concordariam com isso de maneira nenhuma. Você verá.

— Hmm — murmurou Unthank. — Veremos, não é mesmo? Por

exemplo, veremos o quanto essa argumentação será válida no tribunal.

Ele balançou o documento na cara delas brevemente antes de guardá-lo de volta na pasta de arquivos. Novamente em frente à fila de meninas, ele bateu palmas.

— Agora — continuou ele —, vamos começar com isso. Precisarei de uma voluntária.

As meninas permaneceram em silêncio. Unthank estava parado junto à cadeira de dentista, limpando uma poeira imaginária da almofada do assento.

— Alguém? — perguntou ele. — Muito bem. — Com o dedo apontado para as meninas, ele começou a contar. — Uni, duni, tê.

A última palavra caiu em Martha. Ela retesou o corpo e falou:

— Estou pronta.

— Muito corajosa — disse Unthank. — Realmente muito corajosa. Agora, se você não se importar em se sentar nessa cadeira, podemos começar.

Desdêmona ficou vigiando Rachel e Elsie enquanto Martha seguia as instruções do homem. Assim que ela estava com sua posição ajustada no assento, com uma expressão preocupada no rosto, Unthank fechou as fivelas nas mãos e nos pés dela. Ele sorriu como se estivesse se desculpando.

— Apenas uma precaução — explicou ele. — Uma vez mordido, duas vezes precavido, como dizem. Não posso correr o risco de alguém fugir.

Com o espécime preso à cadeira, Unthank caminhou até a fileira de estantes e começou a pesquisar o conteúdo, murmurando para si mesmo. Ele segurava um caderno preto com uma página marcada e o folheava ansiosamente, seus dedos se arrastando sobre as palavras nas páginas. Olhando novamente para a estante, pegou alguns frascos e voltou à mesa, onde começou a misturar o conteúdo dos frascos num almofariz com um pilão.

— O que ele está fazendo? — sussurrou Elsie, como que para si mesma.

Ela foi imediatamente silenciada pela Srta. Mudrak.

Tendo feito uma espécie de pasta verde brilhante (ele tinha levantado o pilão e estudado a mistura resultante; ele parecia satisfeito por ter produzido, no melhor palpite de Elsie, uma pasta de dente da cor de catarro), ele caminhou de volta até Martha na cadeira.

— Agora — disse ele —, vou colocar isso no seu ouvido.

Martha se encolheu, seus olhos selvagens. Ela se sacudiu mesmo presa à cadeira.

— Que coisa é essa?

— Relaxe — falou Unthank. — É apenas uma mistura de amora silvestre, raiz de tannis e bile de esquilo. Com um pouco de manteiga de amendoim para manter a liga.

Elsie ouviu Rachel se engasgar um pouco.

— Inofensivo — disse Unthank. — Perfeitamente inofensivo. Tenho uma suspeita, no entanto, de que essa fronteira impenetrável que continua a engolir meus espécimes é, em sua raiz, uma função biológica. Aplicada ao canal auditivo, para ficar em contato com a membrana timpânica... que, como certamente vocês sabem, é um centro de equilíbrio e, dessa forma, dita a navegação e direção... esse bálsamo *deveria* lhe conceder a habilidade para ir além da fronteira.

Ele falava aplicando o material no ouvido de Martha cujo rosto se contorcia numa careta silenciosa.

— Que fronteira? — perguntou Rachel.

As palavras mal tinham saído de sua boca, e Desdêmona já se aproximou para silenciá-la; Unthank levantou a mão para a Srta Mudrak e respondeu:

— Uma excelente pergunta — respondeu ele, raspando mais pasta no recipiente — e uma que tem sido minha principal preocupação durante os últimos muitos anos. Acho que todos nós, desde tempos imemoriais, supomos

que a Floresta Impassável é simplesmente isto: uma extensão de mata fechada que ninguém se importou em explorar, muito menos tentar desenvolver. Somos todos cúmplices na nossa ignorância. E aqueles suficientemente curiosos para fazer a jornada eram recompensados se perdendo para sempre, ou então viajando por uma repetição aparentemente infinita da mesma paisagem durante dias e dias antes de finalmente cruzarem a fronteira e se encontrarem exatamente onde tinham começado. — Ele adicionou um bocado final ao outro ouvido de Martha antes de se afastar para examinar seu trabalho. — Eu tinha ouvido as histórias, tinha até entrevistado alguns dos sobreviventes. Sim, eles ainda estão por aí, alguns deles. É preciso de um pouco de persuasão para fazer com que abram o bico, mas tenho meus métodos. — Evidentemente satisfeito com a quantidade de bálsamo que ele tinha aplicado ao ouvido de Martha, ele voltou à mesa e Elsie o viu pegar uma pistola de metal brilhante. — Agora — disse ele a Martha —, fique bem parada.

Os olhos de Martha se arregalaram. Unthank encostou a pistola ao lóbulo de sua orelha e apertou o gatilho. Um pequeno estalo foi ouvido, e Martha soltou um uivo estridente. Unthank recolheu a mão e lá estava, recém-afixada à orelha de Martha, uma pequena etiqueta amarela anexada a uma tacha prateada.

— Próxima! — falou Unthank.

As fivelas foram abertas, e Martha se levantou com dificuldade da cadeira. De volta à fila com Elsie e Rachel, ela passou a mão no piercing que tinha acabado de receber.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Parece uma etiqueta de preço — falou Elsie.

— Cuidado — disse Desdêmona. — Pode infeccionar. Não fique tocando.

Unthank gesticulou para que Elsie se sentasse na cadeira.

— *Mademoiselle?* — chamou ele, fingindo um tom cortês.

Rachel puxou Elsie de lado.

— Eu vou.

— Boa menina — disse Unthank. Ele ajudou Rachel a subir na cadeira. Enquanto preparava um novo bálsamo, continuou seu monólogo: — Acontece que todos os sobreviventes da Floresta Impassável têm a mesma história para contar; por mais que eles andassem pelo bosque, eles tinham a impressão estranha de que não estavam, na verdade, *indo a lugar algum*. Bizarro, não?

Essa pergunta foi direcionada a Rachel, presa à cadeira. Unthank voltara da mesa com uma tigela de papa marrom e levantou o aplicador sobre o rosto de Rachel, falando:

— O sentido do olfato. Muito importante. — Ele respirou fundo e de forma dramática pelo nariz. — Algo que às vezes deixamos em segundo plano. Para ser justo, ele tende a empalidecer em comparação com os outros sentidos humanos. No entanto, acontece que fiz uma pesquisa extensa sobre a importância do olfato e fui levado a compreender que a cavidade nasal é um canal *direto* com o cérebro. Noventa e três por cento de nossa percepção total partem do cheiro que sentimos das coisas. Você sabia disso? Eu certamente não sabia. Mas, sabendo disso, imaginei brilhantemente que, se de alguma forma tratarmos esse canal com elementos naturais, colhidos na Floresta Impassável, a *percepção* de confinamento seria dramaticamente alterada e, assim espero, isso permitiria que o espécime cruzasse a fronteira, além do que chamei de Fronteira Impenetrável.

Com essa declaração, ele imediatamente juntou um bocado de gosma marrom e a enfiou, de forma grosseira, no nariz de Rachel. Ela balbuciou sem defesa.

— On quen é ensse negóncio? — perguntou ela, falando com o nariz

entupido pela gosma.

— Tudo natural. Cem por cento orgânico — respondeu Unthank. — Purê de cogumelo-ostra, resíduo de lesma e poeira de casca de árvore.

Rachel tinha uma expressão horrorizada em seu rosto.

— Resínduo de lensma?

— Agora — falou Unthank, pegando a pistola de furar orelha —, tenho relatos em primeira mão, baseados em conjecturas um tanto nebulosas, se você quer saber, de que há um mundo além dessa fronteira. Todo um mundo vibrante e vivo. Um que você poderia ver se fôssemos capazes de abrir nossos olhos para isso. Não sei o que está acontecendo, ou quem está mandando nesse país esquecido, mas tenho todas as intenções de apresentá-los ao milagre moderno que é o capitalismo de mercado livre. É improvável que existam dissidentes; se há uma coisa que aprendi como um Titã da Indústria é que as pessoas *amam* o capitalismo. — Sem avisar, ele encostou a pistola à orelha de Rachel e, *snap*, furou o lóbulo com uma tacha prateada e uma etiqueta amarela, idêntica à que tinha sido colocada em Martha. Rachel se encolheu. — Contanto que recebam os incentivos corretos — explicou ele.

Então soltou as fivelas da cadeira de dentista e Rachel foi levada de volta para junto de Martha e Elsie, as narinas transbordando com uma pasta marrom salgada e uma etiqueta amarela pendurada na orelha direita. Sua aparência era horrível.

Unthank, feito um barbeiro se preparando para atender o próximo cliente, girou a cadeira para que ela ficasse de frente para a irmã. Elsie sentiu um leve empurrão no ombro; era Desdêmona. Obedientemente, Elsie subiu no assento. Unthank estava agora de costas para a menina; ele estudava os potes na estante. Selecionou um pequeno frasco azul e o trouxe até onde Elsie se encontrava sentada. Depois de girar a tampa para abri-la, ele derramou uma pequena bola branca, do tamanho de um confeito de bolo, na palma da mão e

a segurou na altura do olho.

— Peguei uma única partícula de poeira que um dia esteve presa a uma pena trazida da Floresta Impassável, e diluí sua essência mil vezes com água esterilizada; uma única gota dessa água foi adicionada a este glóbulo de açúcar, lhe dotando com a memória do local de onde veio a partícula de poeira. Isso é ciência em sua forma mais pura; se meus outros experimentos fracassarem, tenho toda a confiança de que isso lhes dará o poder para atravessar a fronteira e chegar ao coração da Floresta. — Ele levou a pílula até perto da boca de Elsie. — Abra, querida — exigiu ele.

Elsie fez o que ele mandou; Unthank deixou a pílula cair em sua boca. Ela se dissolveu em questão de segundos, deixando o gosto passageiro de algo doce em sua língua. A menina também teve a orelha direita furada — a picada pareceu um beliscão forte — e voltou para ficar na fila com Martha e Rachel.

— Desdêmona, se você não se importa — disse Unthank, enquanto limpava as mãos num trapo que estava próximo.

A Srta. Mudrak caminhou até a estante e pegou três das caixas brancas sem etiquetas. Ela as levou até Unthank, que começou a mexer em seus pequenos botões pretos. Pegando um rolo de esparadrapo branco, ele colou um pequeno quadrado de fita em cada uma das caixas e ali rabiscou algumas letras com uma caneta preta. Posicionou todas elas, cuidadosamente, na mesa em frente às meninas.




— Sei o que são essas coisas — falou Rachel. — São as nossas iniciais o que você acabou de escrever.

Com a pasta marrom enfiada em seu nariz, ela parecia sofrer de um forte resfriado.

— Muito intuitiva — disse Unthank.

— Onde está Carl Renquist? — perguntou Martha.

— Carl Renquist? — repetiu Unthank, parando para pensar.

— Sim, você sabe: C. R..

— Certo, Carl. Isso foi na semana passada, não foi? — Ele olhou para a estante cheia de caixas brancas, como se as usasse para avivar sua memória. — Cobre — falou ele, finalmente. — Uma espécie de coroa de arame de cobre. Ele a usava na cabeça. Infelizmente, não funcionou. — Unthank pegou seu caderno preto e, folheando até as últimas páginas, começou a ler. — Cynthia Schmidt: inalador de resina de pinho. Promissor, isso. Vamos ver: William Hatfield. Ah, sim: essa era boa. Cueca feita de folhas de parreira. Exagerei um pouco nessa. Jenny Tummel, sapatos com peso adicional. Tinha toda a certeza de que funcionaria. Tive muito trabalho para produzir aqueles sapatos. Não funcionou. — Ele fechou o caderno, colocando-o sobre a mesa. — Cada passo em falso, no entanto, me levou para mais perto da resposta

verdadeira.

— Incrivelmente corajoso, querido — disse Desdêmona.

Unthank registrou o elogio com um sorriso apagado. Então inspecionou as três meninas, como um sargento avaliando seu pelotão.

— Vocês, meninas — falou ele, com orgulho —, são a linha de frente da ciência e da exploração. Eu as saúdo. — Ele abruptamente levou a mão à testa, estufando o peito. — E agora, para a brecha!



Eles marcharam em fila indiana, com Unthank liderando e Desdêmona ocupando a retaguarda. As três meninas caminhavam entre os dois adultos, sombriamente arrastando seus pés no cascalho da estrada que saía do Lar Unthank. Fileiras de tanques de componentes químicos, com estranhos encanamentos saindo deles contorcidos como patas de aranhas, delineavam o caminho. De vez em quando, algum cano de exaustor ao longe soltava uma bola de fogo gigante no ar e as meninas se assustavam com o barulho. O ar era espesso e cheirava a plástico derretido; uma bruma química pairava no ar e os cercava como um cobertor pesado. Elsie se pegou tossindo regularmente; a fumaça do nevoeiro era tão densa que parecia que seus pulmões tinham sido revestidos com plástico.

Finalmente, eles chegaram a uma grade alta, coberta com espirais de arame farpado que lembravam uma mola. Um portão impedia a saída. Unthank abriu um cadeado e empurrou o portão, deixando a procissão passar antes de trancá-lo novamente. As características distintamente artificiais da Zona Industrial terminavam abruptamente ali na grade; depois dela, era uma parede de verde absoluto. Eles estavam no limite da Floresta Impassável.

As árvores pareciam manchar o céu; Elsie não conseguia imaginar que

uma criatura viva pudesse ficar tão alta. Os espaços entre elas eram preenchidos com vegetação suficiente para encher um jardim botânico, com todos os tons possíveis de verde, tudo coberto por neve branca brilhante e crescendo em todas as direções, como se toda a floresta formasse um abraço selvagem e familiar.

Unthank caminhou até junto de um canal, logo antes da primeira fileira de árvores. Ele olhou para dentro do bosque, com as mãos na cintura. Elsie achou que talvez ele estivesse procurando seus outros espécimes, as crianças que ele tinha oferecido como sacrifício à floresta e sua suposta fronteira impenetrável. Em vez disso, olhou para baixo, na direção das samambaias aos seus pés e revelou uma estaca de madeira que tinha sido martelada no solo congelado. Tirando um novelo de barbante de seu bolso, ele começou a desenrolá-lo, usando o antebraço para medir o comprimento. Produziu três pedaços de barbante dessa forma, prendendo uma ponta de cada à estaca. Voltando ao lado de Desdêmona, ele pegou a primeira das três caixas brancas e começou a ajustar os botões.

— R. M., Rachel Mehlberg — falou ele —, por favor, aproxime-se.

Ela obedeceu, seus braços tremendo debaixo da capa de chuva militar que cada uma das meninas recebera para o evento.

— Essa experiência requer uma coisa de seus espécimes. Que vocês entrem 45 metros no bosque e tentem voltar ao mesmo lugar em que entraram. Vocês têm esse pedaço de barbante para medir a distância e também para guiá-las em sua volta. Eu as estarei acompanhando através dos receptores-transmissores. Se vocês tentarem uma fuga muito desaconselhável, eu as seguirei, usando o receptor-transmissor, e vocês se arrependerão muito de sua transgressão. Vocês não existem mais para o mundo exterior; vocês são crianças perdidas. As informações de suas matrículas foram apagadas, e seus registros, enterrados. Fuga não é uma

escolha prudente. No entanto: se voltarem até mim depois de caminhar os requisitados 45 metros usando o barbante, eu ficarei feliz em lhes conceder a liberdade.

Rachel e Elsie trocaram um olhar. Martha respirou fundo.

— Sim, vocês serão libertadas dos grilhões de seu internato no Lar Unthank, não serão mais obrigadas a limpar, polir e montar partes de máquinas minúsculas, mas, ainda assim, extremamente caras. Poderão entrar para outro orfanato! Poderão encontrar sua tia Myra que vocês não veem há muito tempo! Poderão fazer o que quiserem; ainda por cima, de todo o dinheiro que eu ganhar explorando essa enorme quantidade de recursos naturais, vou lhes dar quinze por cento. Numa poupança, no seu nome. Acessível apenas a você. Sua recompensa por ter ajudado numa descoberta científica e cultural tão importante.

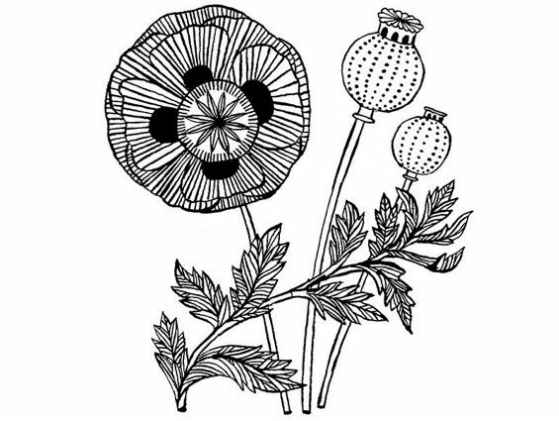
As meninas não deram nenhuma resposta. Elas encaravam fixamente a linha de árvores.

— Entenderei seu silêncio como consentimento — disse ele, levantando uma das caixas brancas. — Agora, Rachel Mehlberg, segure um dos fios de barbante e comece a andar. Boa sorte e vá com Deus.

Rachel olhou uma última vez para sua irmã antes de começar a andar. Elsie viu seus olhos através das mechas de cabelo preto; eles estavam brilhantes e assustados.

— Rachel — falou Elsie —, vou encontrá-la.

Rachel tremeu e se afastou do grupo. Pegando a ponta desgastada do barbante, ela começou a entrar no bosque.



# CAPÍTULO 12

## *O Visitante Não Convidado*

O Salão Comprido estava transbordando de convidados quando Prue chegou à festa. Uma banda tradicional havia se juntado no canto e tocava uma canção frenética: um urso pardo, com um baixo improvisado num balde de lavar roupa, marcava o ritmo animado, e uma menina com um banjo cantava algo sobre o longo e preguiçoso Riacho Balch. Prue ficou parada brevemente junto à porta até que alguém acenou para ela entrar, e lhe ofereceu um caneco fumegante de quentão. Ainda se sentia perplexa por causa de seu encontro com a árvore e o jovem Filhote esquisito; foi só quando Curtis chegou ao seu lado e lhe aplicou um tapa carinhoso nas costas que foi capaz de sair do transe.

— Ei — falou ele —, bem-vinda à festa. *Essa* é a verdadeira forma de celebrar uma vida incrível.

Ele levantou o próprio caneco num brinde.

Vários convidados estavam afastando mesas de uma ponta do salão para criar uma pista de dança; um menino espalhava serragem nas tábuas gastas do assoalho enquanto os membros mais jovens da festa se juntavam, animados. Prue sorriu e tomou um gole de sua bebida; o líquido quente parecia se espalhar por cada uma de suas veias, trazendo o calor tão necessário aos membros frios e cansados. De repente, ela ouviu seu nome ser chamado. Ela se virou para ver Sterling Raposa parado diante dela, com um olhar descontente no rosto.

— Prue Mckeel — disse ele. — O que você está *fazendo* aqui? — Ele então virou os olhos para Curtis. — E você! Bandido Curtis! Você deveria estar mantendo essa menina escondida em seu pequeno acampamento.

Curtis não sabia o que dizer; ele se virou para Prue, esperando apoio.

— Também estou muito feliz em vê-lo, Sterling — falou Prue.

A raposa olhou para ela com uma expressão séria.

— Está tudo bem — explicou ela. — Estamos em segurança. Estamos bem. Tivemos que vir para ver Iphigenia, para ver a árvore.

Sterling, ao ouvir o nome da Mística Anciã, abaixou os olhos tristemente na direção da caneca de estanho que segurava com a pata.

— Que os deuses a tenham — disse ele. — Eu sei que ela não caía nessa conversa fiada, de deuses e tudo mais, mas falo de qualquer forma. Que os deuses a tenham, ela era uma mulher encantadora.

— Sim, ela realmente era — concordou Curtis, esperando que a tristeza da raposa a distraísse.

O tom duro de Sterling parecia renovado.

— Mas isso não muda nem um pouco as coisas — disse. Ele olhou de forma preocupada por cima do ombro antes de sussurrar: — Essas foram as instruções dela. Mantenham a menina no acampamento. Simples e direto.

Prue intercedeu:

— Não é culpa do Curtis. É minha. Eu não consegui ficar lá. Não consigo explicar, mas *senti* Iphigenia, você sabe, no momento em que ela faleceu. Eu *senti* isso. E então senti o impulso intenso de vir ao Bosque do Norte, para ver a árvore.

— Bem, você fez isso? — perguntou a raposa. — Você viu a árvore?

— Sim, vi.

— Então volte àquele acampamento dos bandidos. O mais rápido que puder. Podemos encontrar cavalos para vocês montarem, se for preciso.

— Voltaremos — disse Curtis. — Prometemos. Deixe-nos apenas nos recuperar e descansar um pouco antes de começar o caminho de volta.

A raposa olhou para as duas crianças de esguelha. Finalmente, cedeu.

— Tudo bem, então — falou ele. — Só hoje à noite. Quero que vocês saiam daqui pela manhã.

— Entendido! — disse Prue.

Curtis acenou para a raposa e arrastou sua amiga na direção do calor do fogo.

— Vamos lá — disse ele. — Você parece exausta.

— Preciso apenas me sentar por um segundo — falou Prue.

O fogo ardia na lareira de pedra, e Prue se sentou num dos bancos que a cercavam. Curtis deixou o corpo cair ao seu lado. A folia alegre da festa era interrompida aqui e ali por grupos de pessoas se consolando com vozes sussurradas e calorosas e sorrindo enquanto as lágrimas escorriam. Um desenho da Mística Anciã, feito carinhosamente a lápis, tinha sido posicionado na mesa de banquete do outro lado do salão. Guirlandas de bulbos verdes e brancos, os primeiros da estação, foram colocadas à sua volta. Do outro lado do fogo, Septimus estava no processo de contar a uma ratinha sua versão da Batalha pelo Alaque. Ela sorria timidamente. Prue e

Curtis miravam fixamente as chamas amarelas.

— O que houve? — perguntou Curtis.

Prue esfregou os olhos:

— Não sei. Eu simplesmente tive uma espécie de interação esquisita. Estou tentando entender tudo.

— O que aconteceu?



— Eu falei com a árvore. Ou melhor, ela falou comigo. Mais ou menos. Ela falou comigo através de uma criança.

— Sério? O que ela falou?

— Para erguer o verdadeiro herdeiro: reanimar o verdadeiro herdeiro.

— Certo — falou Curtis, antes de tomar um gole de seu caneco. — Estranho.

— Você sabe o que isso significa?

Ele ficou pensativo por um momento, como se estivesse repassando as palavras em sua mente.

— Não me vem nada à cabeça — disse, finalmente.

— Alexei — falou Prue. — Precisamos trazer Alexei de volta.

— Ah — disse Curtis, e então continuou: — AH! Você está falando do filho de Alexandra? Aquele que morreu?

— Sim.

— Mas por quê? O que ele vai fazer?

— Não sei. Algo relacionado a trazer a paz. Unir as Três Árvores.

— Existem três árvores? Como a Árvore do Conselho?

— Aparentemente — respondeu Prue, olhando fixamente para o líquido cor de cobre em seu caneco. — Ela também disse que isso salvaria a minha vida e a de meus amigos.

— Bem, isso é algo que eu posso apoiar — disse Curtis.

— Eu também — falou Prue, esboçando um sorriso.

A banda tinha mudado para uma valsa de ritmo mais leve, e uma rabeca havia assumido sua melodia ascendente. O som de pés se arrastando no chão coberto de serragem dava uma espécie de solenidade à música. Durante o intervalo de silêncio entre as duas crianças, Curtis teve um momento para pensar.

— Certo. Quero dizer, se é isso o que ela lhe disse, então imagino que tenha que ser feito, não é mesmo? Qual é o procedimento?

— “Traga de volta os criadores” — disse Prue. — Foi isso o que a árvore falou. Alguém tem que encontrá-los para que eles possam consertar o menino príncipe mecânico.

Curtis passou a mão no rosto com uma frustração perplexa.

— Essa é uma árvore bem mandona — falou ele. Então continuou: — Onde está Alexei agora? O corpo, quero dizer.

— Provavelmente em alguma cripta em algum lugar, imagino.

— Blergh! — exclamou Curtis, com uma expressão de nojo antes de se corrigir. — Bem, pelo menos ele é uma máquina. Não seria, tipo, um cadáver

em decomposição ou qualquer coisa do gênero. Então apenas seguimos para o Bosque do Sul e contamos às pessoas responsáveis que isso é o que precisa ser feito, e nosso trabalho aqui está feito, certo?

Prue balançou a cabeça.

— Acho que não. A árvore também disse que outras pessoas tentariam fazer a mesma coisa; que, se eles conseguissem, isso significaria o fracasso para nós, para a árvore. Pelo que você me contou sobre a situação do Bosque do Sul, estou imaginando que não seria uma boa ideia apenas ir até lá e anunciar o que estamos fazendo. Acho que provavelmente existem várias pessoas que tentariam nos atrapalhar.

— Mas é você! — disse Curtis, levando a mão de forma patriótica até o peito. — A Donzela da Bicicleta! Que veio para consertar as coisas! Certamente as pessoas estariam dispostas a fazer o possível para acatar suas ordens.

Prue deixou as mãos caírem junto ao corpo, envergonhada.

— Não tenho tanta certeza disso. Quero dizer, algumas pessoas, talvez. Mas tenho muitos inimigos lá agora.

Curtis bufou baixinho, concordando.

— Caramba — falou ele. — Adultos. Eles têm o comando de um reino mágico e ainda conseguem sempre estragar as coisas.

— Além disso, tem toda aquela coisa dos assassinos transmorfos nos perseguindo — disse Prue.

Juntos eles deram goles resignados em seus canecos de quentão. A ratinha que Septimus vinha divertindo estava gargalhando por causa de um comentário dele. A banda tradicional no canto anunciou uma quadrilha, e casais começaram a se alinhar para a ocasião. Curtis olhou para sua amiga.

— Quer? — perguntou ele.

— O quê?

— Algumas vezes, quando o mundo está desmoronando à sua volta, tudo o que ainda pode ser feito é dançar, não é mesmo?

Curtis se levantou, e, curvando-se, ofereceu a mão.

Prue sorriu timidamente. Ela se levantou do banco e respondeu a reverência, apesar de achar que jamais fizera aquilo na vida.

— Será um prazer — disse ela, e os dois seguiram, de mãos dadas, até a pista de dança.

O jovem homem com a rabeca se aproximou enquanto a pista começava a se encher com dançarinos ansiosos. Ele carregava o instrumento debaixo do braço direito, o arco pendurado na ponta de seu dedo.

— Senhoras e senhores — falou ele, com uma voz sonora —, animais, todo mundo. O próximo número será uma dança no ritmo de “Ao gosto de Colton”. Por favor, deem a mão a seus parceiros.

Ele levou o violino até o pescoço e começou a tocar uma melodia rápida e vibrante, que logo recebeu o acompanhamento do conjunto atrás dele. O urso atacava impiedosamente a única corda do baixo feito com a bacia de lavar roupa, suas garras dando aos tons graves do instrumento uma sonoridade bonita; a menina com o banjo, uma adolescente de tranças louras, estava concentrada em seus dedos velozes enquanto dedilhava um fraseado em *staccato*. O ritmo era mantido por um violão, tocado de forma selvagem por um jovem homem de bigode que vestia um macacão e estava sentado numa caixa de maçãs virada de cabeça para baixo. A música se elevava sobre a multidão e se entrelaçava entre os caibros do salão, como um murmúrio de espíritos. Desde a primeira nota, a multidão se apresentou, e Prue e Curtis foram varridos para dentro de uma dança animada, toda guiada pela banda, o rabequeiro ocasionalmente afastando seu instrumento do queixo e gritando instruções.

— Caminho da roça!

— Olha a chuva!

— E gire seu parceiro sem parar!

Os dois tinham passado tempo suficiente dançando quadrilha na aula de educação física para seguir os passos mais básicos; quando eles se confundiam, sempre havia algum folião por perto para ajudá-los. Ao fim da música, seus rostos estavam vermelhos e mechas do cabelo de Prue estavam coladas à sua testa, molhadas de suor. Eles mal tiveram tempo para recuperar o fôlego antes de o rabequeiro anunciar a próxima música.

Foi então que a comoção começou no fundo do salão.

Algum tipo de conflito eclodira perto da porta. A banda tentou manter o espírito esportivo e tocar mais alto do que o tumulto, mas, depois de um tempo, a atenção de todos estava tão desviada que eles foram obrigados a parar completamente. O vento frio do exterior tinha invadido o salão; uma chuva de pequenos flocos de neve era soprada em ciclones frenéticos no ar, como foliões indesejados entrando no recinto. Prue e Curtis olharam na direção da confusão e viram um velho lobo grisalho com um tapa-olho junto à porta aberta se engalfinhando com dois membros da força policial local. Um deles era uma lebre usando um escorredor de macarrão na cabeça.




— Tirem as mãos de mim, víboras! — gritava o lobo. — Tirem suas patas de cima de mim!

Sterling, que tinha ficado plantado ao lado da mesa de banquete durante a maior parte da noite, partiu para a ação.

— O que é isso? — perguntou ele aos policiais. — Por que esse lobo está sendo tratado dessa forma? Samuel?

A lebre se aproximou e, ajustando a posição de seu escorredor de macarrão, se apresentou:

— Chefe de Polícia, encontramos esse aí numa vala na Longa Estrada, balbuciando para si mesmo de uma forma muito alta e perturbadora em público. Está fedendo a bebida, esse aí. Está delirante. Não para de falar as coisas mais loucas. Eu diria que ele tomou alguns garrafões de cerveja de papoula a mais do que deveria; está tendo alucinações. De qualquer forma, achei que seria prudente checar com você antes de jogá-lo no tanque de bêbados para esperar o pileque passar.

O lobo se jogou no chão de joelhos, e os dois policiais lutaram para manter seus braços presos. Ele agora começou a chorar. Seu choro vinha em ondas desleixadas, e enormes lágrimas se juntavam e transbordavam de seu único olho visível.

Sterling, repentinamente reconhecendo o beberrão, lutou para conter a raiva. Segurando o lobo pela parte da frente de sua jaqueta militar gasta, ele o levantou até a altura de seus olhos.

— Cabo Donalbain — chiou ele —, o que você tem a dizer por si mesmo?

O choro do lobo repentinamente se transformou num ataque de riso quando foi confrontado pelo chefe de polícia.

— Rá! — falou ele em voz alta. — Faça o pior que você puder, amigo. Faça o seu pior. — Suas palavras saíam arrastadas e gotas de cuspe saltavam da boca enquanto ele falava. — Não tenho medo de vocês, suas rrrrrraposas transmorfas.

Ele se soltou de Sterling e cambaleou alguns passos para trás, levantando as patas como se pretendesse desafiar a raposa a uma luta com os punhos.

— De que *diabos* você está falando? — perguntou Sterling. — Você está claramente fora de si.

— Espere um segundo! — Essa era Prue, que tinha corrido da pista de dança para observar de perto a comoção. — Raposas transmorfas. As Kitsunes! O que ele sabe sobre elas?

Curtis a tinha seguido. Ele olhou para o cabo com pena.

— Esse é o lobo que nos avisou sobre a assassina. A verdadeira pergunta é: o que ele está fazendo aqui?

— Responda, lobo — exigiu Sterling. — Por que você está fora do seu esconderijo?

Mas o cabo parecia alheio às exigências da raposa. Repentinamente estava olhando para Prue e Curtis, com uma expressão horrorizada em seu rosto. Tropeçou por um momento e esticou o braço para se apoiar numa mesa próxima, derrubando um conjunto de canecas de prata ao fazer isso.

— Vocês! — gritou ele. — Vocês... crianças!

— Qual é o problema? — perguntou Curtis, se aproximando.

— NÃO! — gritou o lobo estridentemente. — NÃO! Vocês... vocês deveriam estar... estar *mortos!*

Prue e Curtis compartilharam um olhar preocupado.

— Do que você está falando? — perguntou Prue.

— Saiam! — guinchou Donalbain. — Saiam, espíritos malignos! Voltem ao submundo de onde vieram!

Ele segurou uma escumadeira na mesa e começou a brandi-la de forma selvagem, como se fosse uma espada. Os convidados que estavam ao alcance de seu braço deram um salto para trás até ficar a uma distância segura. Sterling tinha sacado uma tesoura de poda, sua arma habitual, do cinto; Samuel pegou uma pequena pá de jardinagem.

— Vá com calma — disse Sterling. — Relaxe, meu velho.

Donalbain não tirou seu único olho de cima de Prue e Curtis; ele estava arregalado e injetado de sangue e girava loucamente na cavidade do crânio. Os lábios estavam abertos num rosnado, e os dentes amarelados apareciam dentro do cinza fosco de seu focinho. E então algo mudou nele enquanto uma expressão de compreensão repentinamente tomava conta de seu rosto e ele

novamente se jogava sobre as tábuas do assoalho.

— Oh, eu sinto muito — balbuciou ele. — Sinto muito, muito mesmo.

Apesar das objeções gaguejadas de Sterling, Prue correu até o lado do lobo. Ela colocou o braço em seu ombro.

— Qual é o problema? — perguntou ela.

O lobo olhou para ela com lágrimas nos olhos.

— Que desgraça isso tudo. Eu sou uma desgraça. Eu a vendi pelo preço de uma caneca de cerveja de papoula.

— O que você quer dizer com “me vendeu”?

— Você e o garoto. E a velha. Todos eles. Vendidos de uma vez só. E sinto muito mesmo.



Suas palavras se perderam numa nova torrente de soluços.

— Recomponha-se, homem! — gritou Sterling.

Prue gesticulou para que ele se afastasse, irritada.

O lobo falou novamente:

— O líquido demoníaco. Aquela ambrosia, doce e vil. É tudo o que tenho. É tudo o que tenho. Você pode me culpar? Elas vieram até mim, aquelas raposas pretas, na minha hora de necessidade mais profunda, e parecia ser uma coisa tão pequena, naquele momento. Apenas falar, era tudo o que elas queriam. Palavras. Então eu lhes dei suas palavras, as que elas queriam, pois era uma coisa muito pequena que estava entre mim e a mais sublime felicidade. Eu lhes disse: o garoto e a menina foram ao acampamento, o acampamento que está escondido na Fenda, e eles estão escondidos lá, e o Rei também.

Prue escutava em silêncio chocado.

— O que você fez? — sussurrou Curtis.

— E foi isso! — gemeu o lobo; sua voz tinha se transformado numa

espécie de cantoria alucinada. — Era tudo o que eu precisava fazer e parecia uma coisa tão pequena, naquele momento. Mas a bebida desapareceu e aqui estou eu, um ser desprezível, muito desprezível. Sem cerveja de papoula para aguçar minha sede, mas cheio de sangue em minhas patas. — Ele esticou as patas, dando um olhar triste para elas. — Olhe! — gritou ele. — Sangue! O sangue mais vermelho! O sangue de crianças!

Mas tudo o que havia ali eram seus pelos cinzentos, manchados de terra.



Eles não perderam tempo em se aprontar para a viagem. Sterling conseguiu arranjar dois cavalos selados no estábulo de uma fazenda próxima, apesar de soltar uma lista infinita de objeções para as duas crianças no processo.

— Isso é loucura! — Veio uma. — Vocês estão indo diretamente para as mandíbulas do inimigo! — Veio outra. — Vocês estão num trem desgovernado pegando o túnel direto para a estação onde todos os seus piores pesadelos preparam uma festa de recepção! — Veio uma mais longa.

— Concordo com o que você disse aí, essa última parte — falou Septimus, obedientemente colado ao ombro de Curtis.

Foi Curtis que quase sempre rejeitou essas objeções. Ele estava determinado a voltar ao acampamento dos bandidos o mais rápido possível. Como ele disse, Brendan e os bandidos tinham que ser avisados. Ele tinha desafiado as ordens de seu Rei e, ao fazer aquilo, tinha não apenas colocado em risco a localização do acampamento conquistado a duras penas, mas também deixado toda a família de bandidos em perigo. O rato, por sua vez, concordava, apesar de não ser um bandido jurado. Na verdade, não havia como dizer o que essas raposas transmorfas fariam para chegar à sua pedreira. E nenhum bandido que valesse alguma coisa entregaria o segredo

da localização de Prue; eles morreriam antes disso. Essa também era uma preocupação importante.

Ele falou muito pouco com Prue enquanto se aprontavam para sua viagem. Ela podia ver o ressentimento permeado nos olhos do amigo, mas sabia que ele lutava contra o impulso de descontar nela. Era, afinal de contas, sua culpa eles terem saído do esconderijo. Mas aquilo não mudava o fato de que Donalbain teria revelado a localização deles de qualquer forma; e o que aconteceria então? Não, ela percebeu, Curtis estava furioso por não estar lá, no acampamento, na hora de maior necessidade. Não era um comportamento digno de um bandido abandonar sua família. E os bandidos eram sua família agora.

Sobre os picos distantes das Montanhas Catedral, uma tempestade podia ser vista se formando. Nuvens escuras pairavam e escondiam o topo das montanhas enquanto eles montavam em seus cavalos e davam um breve adeus aos grupos de pessoas que perambulavam do lado de fora do Salão Comprido. Eles tinham estolas de lã pesadas sobre seus ombros, presenteadas por um dos fazendeiros. Era quase meia-noite; uma fatia fina de lua apareceu atrás de um amontoado de nuvens, como um olho branco pálido. Eles bateram com os pés na barriga de seus cavalos e partiram num galope na direção da Longa Estrada.

Eles viajavam apressadamente pela estrada principal coberta de neve, quase vazia de seu tráfego diurno. Prue assumiu a retaguarda, pois toda vez que tentava cavalgar lado a lado com o amigo, ele incitava seu cavalo e tomava a dianteira. Eles não conversavam durante a viagem, parando uma vez para dar água aos cavalos e comer os alimentos ressecados que tinham guardado na mochila de Prue. Eles ficaram parados num silêncio constrangedor, Curtis com a cabeça baixa o tempo todo.

— Curtis — arriscou Prue —, está tudo bem. Chegaremos lá a tempo.

Ele não respondeu, mas abruptamente arremessou a maçã comida pela metade no matagal ao redor e montou novamente em sua égua de pelos castanhos.

— Vamos, Septimus — disse ele.

O rato fez um rápido contato visual com Prue, encolheu os ombros, e saltou sobre o lombo da montaria de Curtis. Entristecida pelo silêncio do amigo, Prue seguiu sem se manifestar.

A tempestade que tinha se estabelecido sobre o topo das montanhas que separavam o Bosque do Norte do Bosque Selvagem atrapalhou a viagem significativamente. A visibilidade tinha sido reduzida a quase zero quando o caminho diante deles foi engolido por uma nuvem branca densa. Eles envolveram suas estolas nos rostos para protegê-los da neve que caía. Uma cabana de aquecimento fora construída na beira da estrada, onde ficava um enorme amontoado de pedras, e uma luz saía pelas janelas. Enquanto eles passavam, um homem suplicou para que eles entrassem e saíssem do frio. No entanto, quando Prue chamou o nome de Curtis e sugeriu aceitar a oferta do homem, o olhar que o garoto lançou na sua direção foi o suficiente para ela saber o que ele achava da ideia. Ela agradeceu ao homem, então apertou a lã da estola contra suas bochechas, e eles continuaram em seu caminho.

Eles viajaram a noite toda; Prue cochilava na sela quando Septimus, reconhecendo a região, gritou dos galhos sobre suas cabeças; ele havia localizado uma das trilhas de suprimentos secundárias dos bandidos. Silenciosamente, os três se afastaram da estrada e começaram a seguir a trilha entre as árvores. A escuridão estava se dissipando agora, dando lugar a uma camada sinistra de luz, que saturava o mundo coberto de neve ao redor deles. No começo da manhã havia uma urgência renovada na forma como Curtis viajava, observando a floresta que o cercava; ele incitou a montaria, batendo com os pés na sua barriga, apesar de estar claro que o animal precisava de um

descanso.

— O que foi? — perguntou Prue, através da névoa de seu cansaço.

Curtis não respondeu. Eles seguiram a trilha de caça por um tempo antes de chegarem à parede de arbustos de mirtilo e amoreiras que escondia a entrada para o acampamento dos bandidos. Septimus estava parado ali, esperando por eles.

— Olhem para isso — falou ele.

Alguém — ou algo — tinha aberto um enorme buraco no emaranhado de folhas verdes e talos marrons, e Curtis saltou de cima de seu cavalo ao ver aquilo. O cheiro nítido e cinzento de fumaça estava no ar. A compreensão foi mútua e silenciosa entre os três cavaleiros; eles tinham chegado tarde demais.

Logo depois da parede de arbustos, onde o solo verde e musguento dava lugar à repentina parede de um precipício, nuvens pretas e acres de fumaça subiam do abismo. Eles não perderam tempo para descer no rapel até a plataforma mais baixa, onde a ponte de corda levava até o outro lado da fenda. Não havia nenhuma lâmpada brilhando no outro lado.

— O que aconteceu? — perguntou Prue, com a voz rouca. — Onde estão todos?

Eles correram até o fim da ponte e descobriram que o lampião normalmente usado para anunciar visitantes estava jogado no chão, cheio de metal retorcido e vidro quebrado. Prue passou a mão num arranhão no parapeito de madeira da plataforma; farpas brancas marcavam a superfície gasta. Algum sangue tinha sido derramado. Nenhum som vinha do acampamento, mais adiante nas passarelas.

— Não, não, não, não — repetia Curtis incessantemente.

Eles caminharam pela passarela, sem saber o que poderia estar esperando por eles, mas não conseguiram chegar mais longe do que a Torre Leste antes de serem interrompidos por uma ponte de corda derrubada; não havia lugar

para cruzar o vão. A neve caída durante a noite tinha praticamente apagado um exército de pegadas no cobertor branco que cobria cada superfície ao longo da garganta. De onde eles estavam, nuvens negras de fumaça podiam ser vistas subindo das cavernas na parede de pedra. Chamas lambiam uma estrutura de madeira distante; uma escada, derrubada num monte preto, queimava no ar frio. Um estalo foi ouvido, e Prue olhou a tempo de ver uma das muitas tirolesas se partir e cair com um estrondo retumbante. Uma fogueira destruiu o último suporte de sua âncora, e esta também caiu no vazio.

— Brendan! — gritou Curtis, suas mãos posicionadas em volta da boca. Ele não teve resposta. — Aisling! Qualquer um!

Ainda assim, silêncio.

Septimus desceu por um cabo de cânhamo até uma estrutura mais baixa na parede do penhasco; sua voz ecoou pouco depois.

— Todos desapareceram! Nenhuma alma!

Aquele era a primeira vez que Prue ouvia o rato soar genuinamente preocupado com qualquer coisa.

— Talvez eles tenham fugido, antes de as raposas chegarem — sugeriu ela. Curtis continuou a ignorá-la. — Escute, Curtis. Você tem que achar que eles são mais inteligentes do que aquelas Kitsunes. Eles as devem ter visto chegando. Talvez isso seja apenas um engodo.

— Um engodo? — perguntou Curtis, se virando para ela. — Você está de brincadeira? Você sabe quanto tempo levou para construir esse acampamento? Meses e meses de trabalho ininterrupto. Isso não é um engodo. Isso são os destroços de uma batalha. Uma batalha que destruiu um lar. Meu lar.

Ele se inclinou sobre a balaustrada e cruzou os braços, afundando o queixo em sua estola como se tentasse se esconder. Prue instintivamente manteve

distância.

— Sinto muito — disse ela. — Sinto muito mesmo.

— É minha culpa — falou Curtis. — Eu devia ter ficado aqui. Eu devia ter ficado ao lado deles.

— Eu não devia tê-lo feito partir. Eu devia ter ficado aqui, onde Iphigenia queria que eu ficasse.

O rosto de Curtis ficou vermelho de raiva.

— Sim! Você devia mesmo! É realmente sua culpa. Eu falei para você ficar. Eu lhe expliquei o que devíamos fazer. Mas você tinha que ir, não tinha?

— Você podia ter me deixado ir sozinha — respondeu Prue, repentinamente rebatendo as provocações do garoto. — Eu não o forcei a vir comigo ou qualquer coisa assim.

— Mas você não me deu muita escolha, não é mesmo? — Ele tinha se afastado do parapeito e estava parado exatamente em frente a ela. — Você. Tudo é sempre sobre você, não é mesmo, Prue? A Grande Prue Mckeel: sempre sabe de tudo. Sempre no comando. Você nunca dá muita importância ao que os outros podem pensar, não é mesmo?

— Isso não é verdade, e você sabe disso.

— Rá! — Curtis riu. — Tenho vivido à sua sombra desde que cheguei a esse lugar. Você simplesmente passa como um rolo compressor, arruinando tudo em seu caminho.

Lágrimas encheram os olhos de Prue com a acusação. Curtis não cedeu.

— E você espera que todos nós façamos o que você quiser, quando você quiser. Bem, eu tinha uma família aqui, Prue. Amigos. E agora eles todos desapareceram. Eu os abandonei. — Ele estava batendo no próprio peito com força enquanto falava. — Como se você soubesse o que isso significa. Onde estão seus amigos, Prue, hein? Você ainda tem algum? Eu sou seu único

amigo, Prue? Hein? — Quando ela não respondeu, ele falou: — Não me espanta.

Magoada, Prue olhou para Curtis através de olhos molhados de lágrimas.

— Como se você pudesse falar alguma coisa. O bando de bandidos não é a primeira família que você abandona — disse ela, apesar de ter se arrependido imediatamente.

Curtis olhou fixamente para ela, em silêncio.

Ela percebeu que tinha chegado a um ponto em que não havia mais volta. Falando em voz alta:

— E quanto à sua família *de verdade*? Hein? Suas irmãs? Sua mãe e seu pai? Você alguma vez pensa neles? E depois vem falar em pensar só em si mesmo.

Prue limpou as lágrimas de seus olhos enquanto falava.

Curtis fez um biquinho.

— Retire o que você disse — falou, apontando o dedo para Prue. — Retire o que você disse!

— Calma! — O focinho de Septimus apareceu sobre o parapeito. — Não há alguma regra sobre brigar com os próprios amigos? Algo no código dos bandidos?

— Como se você pudesse saber, rato — falou Curtis, bufando e cruzando os braços.

— Lá vai você. Descontando em mim. Eu aguento.

Curtis parecia envergonhado; ele ficou em silêncio. Prue o observou, seus olhos preparados para a ameaça de mais lágrimas. O rato estava parado num parapeito e olhava tristemente para os restos em brasa do acampamento. Ele bateu em seus dentes com um dedo ocioso.

— Terrível — disse ele. — É impossível quinze Kitsunes terem feito isso, muito menos três.

Prue olhou para Curtis.

— Temos que seguir adiante.

Ele permaneceu em silêncio. Septimus o estudou. Prue voltou a falar:

— Temos que encontrar os criadores, Curtis. A árvore...

— Ah, pare de falar da árvore — rebateu Curtis. — Meu lugar é aqui. Com os bandidos.

— Os bandidos se foram, Curtis.

Ela se aproximou para colocar a mão no braço dele; o garoto se encolheu.

— Apenas me deixe em paz — disse ele.

Foi então que surgiu a voz do outro lado da fenda. Era uma voz de mulher.

— Crianças — disse ela. — Não briguem.

Prue e Curtis se viraram para ver uma raposa preta, os pelos arrepiados e manchados de sangue, aparecer na boca de uma caverna. Uma segunda raposa a seguia, mostrando os dentes amarelados.

Prue cambaleou para trás; Curtis pegou a atiradeira em seu cinto.

— Não pude evitar escutar a conversa e tenho que dizer que não faz sentido brigar por coisas triviais. — A voz saindo do focinho da raposa era familiar para Prue. Ela se lembrou do mesmo timbre feminino detalhando a anatomia do estame de uma flor. — Não desperdicem seus últimos suspiros discutindo quem fez o que e quem abandonou quem.

Uma fenda estreita separava Prue e Curtis das duas raposas, um espaço atravessado por uma ponte de corda. Os animais saltaram aquela distância com facilidade, chegando à base das escadas circulares que subiam pelo exterior da torre. Curtis carregou uma pedra em sua atiradeira e começou a girá-la.

— Afastem-se — disse ele. — Não ousem se aproximar.

Septimus estava em seu ombro, agarrado ao tecido da dragona.

Darla sorriu de forma desdenhosa.

— Oh! O que você vai fazer? Jogar uma pedrinha em mim?

Enquanto as raposas subiam a primeira curva da escada, Curtis teve uma boa posição para atirar e disparou a pedra; ela atingiu a segunda raposa no flanco com um baque sonoro. O animal deu um salto e gemeu, quase caindo da escada.

— Boa — falou Septimus.

— Não faça isso de novo, *menino* — disse Darla.

Curtis tirou outra pedra de uma algibeira no cinto e carregou a atiradeira. Ele se moveu na direção de seus agressores.

— Tem muitas mais de onde essa veio — desafiou ele. — Você terá que lidar com mais um bandido antes de acabar.

Prue segurou a manga do casaco de Curtis e o puxou na direção da passarela atrás deles. Ela levava até a lateral da parede da torre na direção da plataforma onde eles tinham encontrado o lampião despedaçado. Eles ainda tinham tempo para fugir, raciocinou ela. Prue não podia imaginar o que tinha acontecido a todo um bando de bandidos em boas condições, mas não queria ver que tipo de estrago as duas raposas assassinas causariam a um casal de pré-adolescentes humanos.

As raposas deixavam pegadas nítidas na neve que cobria os degraus da escada. Curtis mandou mais uma pedra. Darla se esquivou, com os pelos das costas arrepiados.

— Eu avisei — rosnou ela — não faça isso *de novo*!

Ao dizer aquilo, ela agachou e saltou os últimos degraus. Seguia suas duas vítimas, se aproximando delas de uma forma lenta e metódica. Prue estava recuando na passarela congelada, tentando arrastar Curtis consigo. Curtis, por sua vez, estava tentando carregar outra pedra na atiradeira. Os dedos estavam frios; ele escorregou, e a pedra caiu com um som oco no chão de madeira do topo da torre.

— Vamos lá, Curtis! — sussurrou Prue.

— Não se preocupem em correr, crianças — disse Darla, claramente apreciando a fase final da caçada. — Vocês realmente não têm para onde ir. De uma forma ou de outra, acabarão debaixo de nossas garras. Passamos por muita coisa para encontrá-los; eu agradeceria se vocês não tornassem esse último momento *muito* trabalhoso.

Curtis praguejava para si mesmo, procurando outra pedra na bolsa; Prue soltou um berro quando ela escorregou nas tábuas da passarela e deslizou alguns metros até a área plana. Ao ouvir aquilo, Curtis se virou e, se segurando nos corrimões, disparou até onde Prue tinha caído. Ele a ajudou a se levantar, e os dois continuaram a recuar das raposas que se aproximavam.

— O que aconteceu a todos os bandidos?

Curtis tinha abandonado a ideia de lutar com a atiradeira; aquilo não tinha mostrado nenhum efeito prático para evitar o avanço das raposas.

— Ah, alguns morreram — respondeu Darla casualmente. — Alguns fugiram. É um bando valente, tenho que admitir. Mas, no fim das contas, a inteligência ganha da força. Sinto muito informar, Curtis, que eles entregaram vocês dois bem rápido. E chamam isso de lealdade fraterna, hein?

— Você está mentindo — respondeu Curtis.

Eles tinham chegado à plataforma de madeira; tudo o que tinha sobrado entre os três e o outro lado da garganta onde estavam as cordas era uma ponte de corda; eles apertaram o passo quando chegaram às ripas fracas. O vento soprava na fenda, e a ponte balançava e rangia. Septimus saltou do ombro de Curtis e começou a correr sobre uma das cordas de apoio. Ele tinha quase chegado ao outro lado quando soltou um grito: uma mulher vestida com um agasalho verde havia acabado de descer a parede do penhasco onde estavam as cordas e se aproximava deles pelo outro lado da ponte.

— Ah, Callista — disse Darla, ao ver a mulher. — Estou tão feliz por

você ter sido capaz de se juntar a nós.

— Não se movam! — sussurrou Septimus, voltando ao lado das duas crianças. — Estamos cercados.

Os três assassinos passaram a se aproximar mais lentamente, dois de um lado da ponte e um do outro. Eles caminhavam em silêncio, intencionalmente. No centro da ponte, Curtis e Prue estavam encurralados, virados de costas um para o outro, olhares fixos nos agressores que chegavam.

— É isso, Prue — falou Curtis.

— Aham — concordou Prue.

— Sinto muito por ter dito aquelas coisas antes.

— Eu também. Não acho você egoísta. Acho que você é, na verdade, uma pessoa incrível.

— Sério? Você acha isso? — perguntou Curtis.

— Aham.

As Kitsunes se aproximaram.

— Bem, também acho que você é bastante incrível — disse Curtis.

— Obrigada.

As Kitsunes estavam agora a um salto de distância. Prue, num momento de desespero, fez uma inspeção rápida dos arredores. Não havia nenhuma forma de eles escaparem passando pelos assassinos que se aproximavam. A única saída era descer.

Ela olhou sobre a beira da ponte para a escuridão da garganta. A pedra implacável do desfiladeiro desaparecia num véu de preto absoluto. Em sua inspeção, acabou percebendo que o suporte de corda na sua mão se encontrava bastante corroído; alguns fios simples de fibra o mantinham intacto. Girando a mochila sobre o ombro, ela pegou o canivete que tinha guardado ali. Ela abriu a lâmina e a esfregou dramaticamente na corda.

— Se vocês se aproximarem mais — gritou ela —, vou cortar a ponte.

— O quê? — perguntou Curtis.

— O quê? — perguntou Septimus.

A Kitsune de agasalho, Callista, fez uma pausa em seu movimento furtivo. Ela olhou para Prue de forma cética.

— Você não faria isso — disse ela.

— Sim — concordou Curtis, sua voz tremendo. — Você não faria isso, não é mesmo?

— Experimente — desafiou Prue.

Ela virou a cabeça para ver Darla, que tinha parado na quarta ripa da ponte.

— Você está blefando — disse Darla.

— Não, não estou — respondeu Prue.

— Você tem certeza de que não está blefando? — perguntou Septimus.

Prue empurrou a lâmina do canivete contra a corda corroída. Darla a observou atentamente. Ela acenou com a cabeça para Callista, e a mulher começou a recuar.

— Abaixe a faca, querida — disse Darla. — Isso é tudo uma grande tolice. O que você acha disso: vocês se rendem a nós, e nós pensamos em deixá-los viver.

Prue zombou:

— Essa é a maior baboseira que já ouvi. Você matou Iphigenia. Sua mulher diabólica. Raposa diabólica. Sei lá. O que vai impedi-la de nos matar?

— Infelizmente, então estamos num impasse aqui, não é mesmo? — perguntou a raposa, suspirando.

Ela se aproximou uma única pata das crianças. Prue foi capaz de ver suas patas traseiras começarem tremer. Ficou claro que ela estava prestes a atacar.

— Segurem firme, rapazes — falou Prue, enquanto respirava fundo e



cortava a corda.

Alguém gritou. Prue, no calor do momento, não foi capaz de distinguir quem tinha sido. Parecia ser uma mulher, embora ela tivesse ouvido Curtis gritar daquela forma antes. De qualquer forma, o mundo girou debaixo de seus pés enquanto a ponte cedia numa ponta e as ripas de madeira giravam de lado num movimento rápido e violento. Ela ouviu mais alguém gritar “NÃO!”, como se estivesse lamentando a perda de um ente querido, como se estivesse testemunhando uma das experiências mais dramáticas de toda sua vida. Naquele piscar de olhos, ela percebeu que era Darla e então sentiu uma descarga de compaixão pela mulher transformada em raposa. A mão de Prue, como se estivesse sendo controlada por outra pessoa que não fosse ela mesma, se esticou e segurou uma das cordas que suportavam aquilo que em instantes deixaria de ser uma ponte, igual a uma marionete quando os fios são cortados. Seu corpo girou, à mercê do movimento alucinado da corda, e ela viu Callista ser arremessada, gritando, no vazio escuro abaixo deles.

A alça da mochila de Prue foi puxada e estava repentinamente apertando seu pescoço; ela viu Curtis, com Septimus agarrado obstinadamente a seu ombro, se segurando e balançando sobre o desfiladeiro apoiado numa única fivela. O garoto e o rato gritavam em uníssono e foi então que Prue percebeu que havia sido, na verdade, Septimus quem deu aquele grito agudo muito feminino há alguns momentos. Seus dedos mudaram progressivamente de

vermelho rubi brilhante para branco sem sangue numa fração de segundo enquanto o peso tanto dela quanto de Curtis se apoiava na corda fina em sua mão.

— Curtis! — gritou ela, com a voz rouca. — Não consigo!

Mas naquele momento ela olhou para cima e viu Darla, que tinha se transformado novamente em sua forma humana. A kitsune balançava lentamente na sua direção, alternando as mãos na corda, a bata dashiki floral rasgada nas mangas e manchada de lama e sangue. Uma expressão de absoluta ira distorcia seu rosto. Ela parecia estar num estado entre o humano e o animal, como se, na violência do instante, ela tivesse congelado no meio da transformação. Ela esticou o braço na direção de Prue, e a menina foi capaz de ver a pequena filigrana de pelos pretos em seus pulsos e as garras em suas unhas. O mundo desacelerou.

Foi então que o último apoio da ponte se rompeu, e todo o aparato se dividiu em dois, com Prue e Curtis balançando para um lado e Darla balançando para o outro. Septimus se agarrou a um único fio da franja da dragona de Curtis, seu uivo feminino tendo sido transformado numa corrente constante de sílabas:

— Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah.

Prue observou Darla bater, com força, contra a parede do outro lado do penhasco, embora mal tenha tido tempo para festejar esse acontecimento porque ela também bateu contra a pedra. Seus dedos, tendo valentemente obedecido aos comandos de sua mestra por tanto tempo, simplesmente afrouxaram e os três, Prue, Curtis e Septimus, caíram em espiral, descendo na escuridão.



# CAPÍTULO 13

## *Uma Comissão Promissora*

A porta bateu de forma pesada atrás de Unthank, e ele parou logo na entrada, olhando para a bagunça em seu escritório num desespero silencioso. Ele recostou contra a madeira maciça da porta, o que fez com que o fedora no topo de sua cabeça fosse empurrado para a frente e caísse no chão. Apanhando o chapéu num movimento rápido e agitado, ele andou até a mesa e se jogou na cadeira, que soltou um gemido estridente. Ele tentou arremessar o fedora como um frisbee no cabideiro ao lado do guarda-roupa, mas errou, vergonhosamente. Ele caiu numa lata de lixo próxima. Unthank ficou sentado, congelado por algum tempo, antes de deixar a cabeça cair nas palmas de suas mãos sobre a superfície de sua escrivaninha.

Veio uma batida na porta.

— Joffrey, querido?

Era Desdêmona.

— Um momento, meu amor! — gritou ele. Ele ajeitou a postura e secou as poucas lágrimas que estavam começando a se juntar em seus olhos. — Entre.

A porta rangeu e abriu. A Srta. Mudrak, com seu vestido cintilante, entrou, carregando uma pasta.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim, sim — respondeu Joffrey. — Apenas descansando por um momento, só isso.

— Tenho aqui o equipamento.

— Oh, certo. Vá em frente.

Desdêmona carregou a pasta até o outro lado da sala e, abrindo as travas, começou a colocar as caixas brancas na estante com as outras praticamente iguais. As pequenas tiras de fita nelas diziam R. M., E. M. e M. S.. Ela olhou para aquilo com uma expressão quase maternal antes de se virar e encarar Unthank.

— Elas vão aparecer, eu acho — disse ela.

Unthank riu para si mesmo.

— Sim, talvez elas apareçam.

— Achei que a chinesa ficou mais tempo no monitor. O sinal dela não desapareceu tão rápido.

— Você acha?

— Eu realmente acho que sim.

— Bem, amorzinho, docinho — falou Unthank —, razão da minha vida, você está errada. — Ele bateu com a mão no tampo de sua mesa. — Todas as três. Todas os seus sinais. Desapareceram. *Blip*. *Blip*. *Blip*. Simples assim. Depois que elas andaram 20 metros, no máximo. Desapareceram.

Desdêmona ficou assustada com a explosão repentina.

— Não seja tão duro consigo mesmo — disse ela. — Talvez na próxima

vez não seja assim.

— Próxima vez? — perguntou Unthank, irritado. — Que tal a última vez? Hein? Qual é o nome dele... Carl. Carl Rehnquist. O garoto gorducho. Trabalhei durante *semanas*, literalmente, naquela coisa... aquela coroa de cobre. Estudei volumes e volumes de pesquisas sobre as propriedades do cobre e seu efeito em campos magnéticos, saturação magnética e ferromagnetismo. Todo aquele trabalho... para nada!

— Acalme-se querido — pediu Desdêmona, com um tom reconfortante.

— E por quê? — perguntou ele, se levantando da cadeira e caminhando até a estante com as caixas brancas. — Por que literalmente *nenhum* deles voltou? Quero dizer, mesmo se aquele bálsamo ou pomada ou prótese não funcionasse, você poderia achar que talvez um deles pudesse encontrar o caminho de volta. E quanto a esses velhos, esses sobreviventes? Aqueles que conseguiram escapar? Aqueles que entrevistei exaustivamente? Será que eles estavam todos... mentindo para mim?

— É melhor não ficar tão aborrecido — disse Desdêmona.

Unthank levantou o dedo.

— É isso. Isso tudo é uma piada muito elaborada. Todos aqueles homens em bares imundos que visitei; aqueles que estavam em manicômios, aqueles que bradavam sobre bandos de coiotes vestidos com uniformes militares do século XIX. Eles estavam apenas tirando sarro. E adivinhe o que aconteceu? Eu caí. Eu caí como um patinho, não é mesmo? — Ele caminhou apressadamente até a mesa e começou a remexer de forma grosseira nos maços de papel na sua superfície. — Haha. Unthank é motivo de piada. O garoto que todos disseram que não conseguiria nada na vida. E adivinhe o que aconteceu? Eu consegui. Eu me tornei um Titã. Partes de Máquinas. Mostrei a eles, não mostrei? Mas os outros sujeitos sempre riem por último, não é mesmo? Como o sujeito que fez isso. — Então ele começou a procurar

algo específico na pilha de papel e, quando não encontrou, parou o que estava fazendo e enfiou as mãos nos bolsos. Seus olhos vasculharam a sala. — Onde está?

— O que, querido?

— O mapa. O *maldito* mapa, Desdêmona. Aquele que o velho me deu.

Desdêmona, sentindo a raiva crescente de Unthank, começou a se aproximar da porta.

— Não estou sabendo do que você está falando... mapa.

Unthank, que tinha voltado a revirar os papéis, estava gritando agora:

— O mapa! O mapa! Aquele com a... as *coisas* nele. Aquele que foi dado ao velho, o que me passou. Com a árvore enorme e a mansão!

— Não está aí?

— Não, não está aí. — De repente, algo passou por sua cabeça. — Aquelas crianças. Aquelas que roubaram a unidade de recepção-transmissão. Uma delas deve ter...

A voz dele se apagou.

— Deve ter...? — perguntou Desdêmona.

Unthank apontou um dedo na direção da Srta. Mudrak.

— Vá até o alojamento e vasculhe os armários daquelas meninas. Tem que estar lá. Elas devem tê-lo roubado.

— Certo, querido. Farei isso. Mas você precisa se acalmar. Está божевіл’ний demais. — Ela bufou alto e se virou para sair. Mas, antes disso, exclamou: — E não grite. Isso não é cavalheiresco!

E com isso Joffrey Unthank percebeu que estava mais uma vez sozinho em seu escritório.

Ele deixou o peso do corpo cair na cadeira e encostou a cabeça na superfície fresca da escrivaninha. O que tinha restado dos cabelos, com todo aquele aborrecimento, tinha ficado desgrenhado e arrepiado como as penas de

um pavão. Um pouco de coriza escorria na ponta de seu nariz, e ele limpou aquilo com a manga da camisa. Ficou sentado assim durante um tempo considerável, se torturando com as lembranças de seus muitos anos de experimentação. Na verdade, estava tão torturado por esses fantasmas que brevemente pensou na possibilidade de se levantar, correr até a estante e destruir cada frasco de vidro e cada poção, e dar um fim violento ao esforço de uma vida para encontrar uma forma de entrar na Floresta Impassável num único e ensurdecedor momento.

E verdade seja dita: ele teria feito isso se, naquele exato instante, não tivesse ouvido alguém bater à sua porta.

— O quê? — perguntou Unthank, irritado.

— Senhor. — Ouviu-se uma voz. Era a Srta. Talbot. — Alguém veio vê-lo, senhor.

Ele limpou o nariz novamente e ajeitou a amarrotada parte da frente de seu suéter.

— Não estou recebendo visitas no momento, muito obrigado, Srta. Talbot.

— É um homem. Ele diz que é muito importante.

Unthank olhou com raiva para a porta.

— Eu *disse*, Srta. Talbot, que *não* estou recebendo visitas.

Houve uma longa pausa, depois da qual a voz da Srta. Talbot soou novamente através da madeira da porta.

— O cavalheiro não aceita não como resposta, senhor.

— Ele é um advogado? — perguntou Unthank, gemendo.

Já tinha aturado sua cota de advogados determinados que tentavam atacar suas práticas de negócios inescrupulosas e um tanto negligentes, embora nunca fosse algo que um cheque preenchido e uma ligação para um senador não pudessem resolver.

— Não sei, senhor — disse a Srta. Talbot.

— Você não sabe?

Outra pausa.

— Ele é... bem, há algo bastante estranho a respeito dele, senhor. Algo que eu não consigo compreender perfeitamente.

Unthank olhou para suas mãos enquanto as juntava sobre a superfície da mesa. O que foi que aquelas meninas Mehlberg tinham dito? Que seus pais voltariam logo? Houve casos, em raras ocasiões, em que os pais voltaram para buscar seus filhos, e aquela era sempre uma situação difícil para contornar. Ele tinha descoberto, no entanto, que com o tom correto, até mesmo um pai cheio de culpa voltando para buscar uma criança que tinha abandonado intencionalmente podia ser fácil de amansar. Ele recostou em sua cadeira e tentou assumir uma atitude calma.

— Muito bem — disse ele. — Mande-o entrar.

Alguns minutos passaram. Então a porta rangeu e abriu, e a Srta. Talbot entrou na sala arrastando os pés. Atrás dela vinha um homem alto e magro com um terno elegante, que Joffrey percebeu estar fora de moda há facilmente um século. Seu cabelo estava perfeitamente engomado e penteado para trás a partir da testa, e ele tinha a barba muito bem aparada. Empoleirado em seu nariz estava algo que parecia um par de óculos.

— Isso é... — começou Joffrey, procurando a palavra — um pincenê?

O homem o ignorou, entrando confiantemente na sala. Ele carregava uma pasta de couro gasto debaixo do braço e parecia estar cercado por uma aura que Joffrey só podia descrever como sendo um tanto sobrenatural, como se toda vez que você olhasse em sua direção achasse que tinha acabado de acordar de um sonho muito estranho e maravilhoso. Joffrey permaneceu congelado por um instante, contemplando o homem, antes de se lembrar de seu objetivo.

— Caro senhor — começou Unthank, antes de o homem magro ter a

chance de falar —, percebo que o senhor pode estar descontente com sua decisão de... como posso dizer?... *se separar* do seu filho ou dos seus filhos, mas posso lhe assegurar que...

O homem magro o interrompeu:

— Você é Joffrey Unthank, fabricante de partes de máquinas?

— Sou. — respondeu Joffrey, depois de compartilhar um olhar curioso com a Srta. Talbot.

Ela havia evidentemente decidido que seu trabalho estava feito, pois imediatamente se virou e deixou a sala, fechando a porta ao sair. O homem magro esperou até ela ter partido, antes de continuar:

— Eu gostaria de encomendar um objeto — disse o homem.

— Um... o quê? — perguntou Unthank, confuso.

— Um objeto. Uma parte de máquina. Fui levado a compreender que essa é a sua especialidade.

— Bem, sim. Mas espere um segundo. Quem é você? Qual é o seu nome?

— Meu nome é irrelevante — respondeu o homem magro.

Unthank abriu um sorriso malicioso.

— Pode ser para você, mas eu gosto de saber com quem estou fazendo negócios.

Ele recostou na cadeira, esperando o homem responder.

— Muito bem — disse o homem magro, depois de um momento de hesitação. — Se você insiste. Meu nome é Roger. Roger Swindon. E desejo que você produza uma parte de máquina.

— Prazer em conhecê-lo, Roger — falou Unthank.

— Posso me sentar?

— Claro, Sr. Swindon. Sente-se.

Joffrey apontou para uma das poltronas de couro em frente à mesa.

Posicionando a pasta junto aos pés, Roger primeiro levantou a parte

traseira do paletó preto antes de se posicionar na beira da poltrona de couro. Ele então pegou a pasta e a colocou no colo. Unthank ainda olhava fixamente para seu terno.

— É um traje elegante que o senhor está usando — disse Joffrey. — Está a caminho de uma festa a fantasia?

Esse comentário foi ignorado.

— Algo muito importante depende da fabricação desse objeto e eu preferiria que isso fosse feito com a maior pressa possível. — Ele começou a soltar as travas da pasta de couro enquanto falava. — Adquiri o modelo, o que não foi nada fácil, e isso deve tornar todo o processo bastante simples. Fui informado, por fontes confiáveis, de que você é o melhor.

Ele parou de falar e olhou para Unthank através de seu pincenê.

Unthank sorriu com cautela.

— Gosto de suas fontes — disse ele. — Posso lhe perguntar quem são?

— Isso tem uma importância diminuta. — O homem continuou a abrir a pasta. Parecia haver um excessivo número de travas naquela coisa. — Seria conveniente que eu salientasse a essa altura, no entanto, que espero que trabalhe em absoluto sigilo. Ninguém deve saber que você está produzindo esse objeto. Deve falar somente comigo.

— Escute, amigo — falou Unthank, ficando cansado da atitude do homem. — Você entra aqui, insistindo em me ver. Interrompe meu trabalho. Você não me diz quem o indicou. E então simplesmente supõe que vou me curvar para... o quê?... fazer alguma espécie de *objeto* para você? Não funciona dessa forma. Tenho contratos com grandes fabricantes de aparelhos domésticos, relações que promovi ao longo de anos e anos de trabalho duro. Já estou sobrecarregado. Não posso parar de fazer tudo que estou fazendo para produzir algo para você. Tenho um compromisso com meus clientes de garantir que o trabalho deles venha em primeiro lugar. E, além disso: não

gosto de segredos. Não gosto de trabalhar em sigilo. Sigilo significa ilegalidade, e essa é a última coisa de que preciso no momento. — Unthank abriu a gaveta do meio da escrivaninha e começou a revirar seu conteúdo. — Posso lhe dar os nomes e números de telefone de alguns fabricantes de quantidades menores; eles não alcançam exatamente a mesma qualidade que eu consigo, mas será o suficiente para qualquer tubulação de secador ou lâmina sobressalente de liquidificador que você esteja procurando.

O homem escutou o monólogo de Unthank em silêncio. Quando Joffrey tinha terminado e oferecia a Swindon um pequeno cartão de visitas folheado a ouro, o homem voltou a falar:

— Você será recompensado por seus serviços, Sr. Unthank. Acho que é de seu interesse aceitar essa encomenda.

Unthank balançou o cartão de visitas com impaciência.

— Estou me saindo muito bem, obrigado. Aqui, fique com esse cartão. É de um sujeito muito bom.

— Posso lhe oferecer uma troca muito, mas muito, atraente, Sr. Unthank.

— Não trabalho com permuta. Talvez esse sujeito trabalhe.

Ele ainda estava sacudindo o cartão de visitas quando o homem magro disse algo que o fez parar.

— Acesso, Sr. Unthank. Posso lhe oferecer acesso.

Joffrey levantou sua sobrancelha direita.

— Que tipo de acesso? — perguntou ele.

— O tipo de acesso que você vem buscando, Sr. Unthank.

A forma como o homem falava o seu nome o tempo todo era irritante.

— Do que você está falando?

— Nós o temos observado. Somos testemunhas do seu trabalho. Podemos ajudá-lo, Sr. Unthank. Podemos levá-lo à Floresta Impassável.

Joffrey deixou o cartão de visitas cair sobre a escrivaninha.

Repentinamente se sentiu incapaz de se mover, como se seus músculos tivessem simplesmente parado de funcionar. Olhou atentamente para o homem, para os pequenos pelos negros de sua barba, para o dourado do pincenê. Finalmente, ele encontrou sua voz:

— Vocês podem? — grasnou ele.

Roger assentiu.

— Agora, podemos continuar? — perguntou o homem

— Espere um segundo — falou Joffrey. — Como?

— Isso também não tem importância nesse momento.

— Acho que é bastante importante, na verdade. Como você entra? Como você vai me fazer entrar? Preciso ter algum tipo de garantia antes de concordar com qualquer coisa.

O homem magro suspirou, resignado.

— Basta dizer que eu, assim como qualquer um que viaje comigo, não sou afetado pelo Anel Periférico. Eu tenho a Magia do Bosque.

— Você tem *o quê*?

— Sério, Sr. Unthank, não acho que essa conversa fiada sobre detalhes triviais é a melhor forma de usar nosso tempo.

— O Anel Periférico... isso é a fronteira?

O homem concordou com a cabeça.

Joffrey recostou em sua cadeira, com os olhos arregalados. Ele passou as mãos no cabelo, empurrando-o para trás compulsivamente, achatando as mechas oleosas contra o escalpo.

— Caramba! — exclamou ele. E então repetiu: — Caramba!

Roger, depois de finalmente conseguir abrir todas as travas da pasta, tirou um pedaço de papel amarelado, dobrado em quadrados, e começou a abri-lo sobre seu colo. Quando estava todo desdobrado, ele o posicionou delicadamente na mesa de Joffrey.

— Dê uma olhada no projeto — disse ele. — Conte-me em quanto tempo você pode produzir a peça.

Saindo de seu delírio pasmo, Joffrey piscou rapidamente para limpar seus olhos, e os apertou para examinar cuidadosamente o pedaço de papel. O formato de algo se tornou visível, e ele levantou as sobrancelhas, tentando entender aquilo. Quando finalmente conseguiu, o queixo quase caiu por causa do choque.

Veja bem, Joffrey Unthank conhecia projetos de partes de máquinas. Aquilo estava em seu sangue. Seu bisavô, Linus Mortimer Unthank, tinha inaugurado a Partes de Máquinas Unthank em 1914, bem no começo da Grande Guerra. O retrato do velho estava pendurado no corredor principal do prédio. Joffrey o vira apenas uma vez, embora se possa dizer que ele teve apenas a metade de um encontro com o homem. Havia sido no leito de morte do bisavô, e Unthank, do alto dos seus 5 anos, fora conduzido até a cabeceira da cama do patriarca moribundo para lhe dizer oi e tchau. Joffrey se lembrava do encontro de forma vívida. O cheiro do quarto era pesado e sufocante; a pele cinzenta e pálida de seu bisavô parecia quase indistinguível dos lençóis brancos engomados.

— Sr. Unthank? — disse o pai, que sempre tinha se referido ao avô dessa forma. — Eu gostaria de lhe apresentar seu bisneto, Joffrey.

O velho tinha girado sua cabeça levemente, com aparente dificuldade, e olhado para ele com o rabo do olho. Sua boca se contorceu para falar:

— Não — começou ele. — Não. Não deixe morrer.

E então, numa grande coincidência, ele morreu. Ninguém nunca teve certeza absoluta sobre o que ele não queria que deixassem morrer (seu estimado vaso de gardênias estava desesperadamente precisando de água naquele momento), mas Joffrey sempre sentiu, no fundo do coração, que ele falava da oficina. Não deixe a oficina, a Partes de Máquinas Unthank, morrer.

E dessa forma, assim que foi capaz, Unthank se jogou de cabeça nos negócios com o entusiasmo de um verdadeiro empreendedor. Ele cortava orçamentos, descartava contas enfraquecidas, demitia funcionários ineficientes e contratava outros eficientes. E, para coroar tudo isso, ele incorporou o orfanato ao lado e começou a usar as crianças como mão de obra barata (na verdade, gratuita). Passou cada hora de descanso estudando a história do ofício, como um arqueólogo, se debruçando sobre detalhados projetos de partes até que seus olhos ficassem embaçados de cansaço. Ele aprendeu sobre cada nova máquina que chegou à oficina e estudou meticulosamente o funcionamento interno de cada uma. Toda sua vida girava em torno da oficina; mesmo quando foi eleito para o Quinteto, a hierarquia de Titãs da Indústria, ele saiu da sua cerimônia de premiação mais cedo, porque tinha acabado de comprar uma coleção de esquemas de tubulações do início do século XX e estava ansioso para voltar ao escritório e estudá-los. Não havia uma única planta, uma página de especificações, ou um diagrama de circuitos que ele não conhecesse intimamente.

Até agora.

— O que é isso? — perguntou Unthank, ofegante.

— Uma engrenagem Möbius. Você nunca viu uma?

Unthank, sem querer, admitiu:

— Não.

Roger franziu a testa.

— O que ela faz...? — gaguejou Unthank, sua atenção completamente capturada pelo que via. — Como é que isso...?

Seus dedos vagavam sobre a página, sentindo a maciez do papel. Desenhada ali, com tinta azul-acinzentada, estava a interpretação mais precisa e cuidadosa de uma parte de máquina que Unthank já tinha visto. Cada curva havia sido exaustivamente medida e marcada; cada ângulo

rascunhado com gráficos ao pé da página. Como um homem que estudara quase todos os desenhos saídos da caneta de um projetista, era de esperar que Unthank fosse capaz de entender o projeto da engrenagem com facilidade; mas não: ele estava completamente desnorteado.

Consistindo de três aros dentados, a engrenagem era mais como uma série de mecanismos, girando em torno de um núcleo em forma de globo. Os três aros eram dentados como cremalheiras, mas todos eram retorcidos de uma forma que desafiava a lógica, como se toda superfície externa também fosse a superfície interna do mecanismo. De alguma forma, com todos os giros, os dentes dos três mecanismos faziam contato entre si no local exato para criar, como presumia o projeto, um movimento suave entre as peças separadas. Unthank passou o dedo sobre a circunferência de engrenagens entrelaçadas e balbuciou para si mesmo. Finalmente, ele olhou para a visita com uma expressão miserável de rendição.

— Isso não é possível — disse ele.

O homem magro não seria contrariado.

— Certamente isso não é verdade.

— Quero dizer, isso desafia a lógica. Nem consigo imaginar a quantidade de trabalho que foi necessária para projetar esse esquema; mas realmente construir a peça? Impossível. O projeto, por mais lindo que seja, é pura conjectura! Uma beleza, sem nenhuma dúvida, mas unicórnios também são lindos, meu amigo.

— Não é conjectura.

Unthank parecia não escutá-lo. Ele tinha voltado a admirar o projeto.

— Tenho que admitir, é terrivelmente impressionante. Eu até poderia dizer que é genial. É necessário dar valor a um sujeito que tenha a imaginação tão fértil a ponto de inventar algo assim.

Ele estalou a língua e balançou a cabeça.

— Sr. Unthank, eu lhe garanto que não é imaginário. Isso foi feito anteriormente.

— Por quem?

— Dois maquinistas muito talentosos. Acredita-se que eles trabalharam juntos, isolados do mundo, numa oficina rudimentar, com nada além de alguns martelos e talhadeiras à disposição. Eu poderia imaginar, como você tem acesso a toda uma oficina bem equipada, que a criação da engrenagem deveria ocorrer facilmente para você.

Unthank riu, uma vez, muito alto. Ele abaixou o projeto e olhou para Roger bem nos olhos.

— Essa... coisa é uma das partes de máquinas mais incrivelmente projetadas que já vi. Mesmo com toda minha oficina dedicada à sua criação... — Seus olhos viajaram sobre as palavras no projeto, cuidadosamente desembrulhando seu significado. Ele murmurava para si mesmo enquanto lia. Depois de um momento, ele olhou novamente para Roger. — Esses maquinistas... eles fizeram isso com martelo e talhadeira? Tenho que supor que sua Feitiçaria do Bosque tem algo a ver com isso.

— Magia do Bosque — corrigiu o homem magro.

— Certo. — Unthank hesitou. — O que é isso, exatamente?

— É a essência do Bosque e corre no sangue de qualquer um que tenha nascido com ela. Acredita-se que somos descendentes diretos das próprias árvores. Vocês, Forasteiros, são vergonhosamente ignorantes a respeito do que acontece além da Periferia, nesse bosque que vocês chamam, de forma tão coloquial, de Floresta Impassável. É um lugar vibrante e vital. E estou lhe oferecendo acesso exclusivo, algo que, até onde sei, nenhum habitante do Bosque ofereceu a um Forasteiro em toda a história das nossas existências paralelas.

— Sim, você mencionou isso — disse Unthank. — O que exatamente isso

implica, esse acesso?

— Acesso absoluto e irrestrito. Um acompanhante à sua disposição para entrar e sair da Periferia até o momento em que o Anel puder ser desmantelado. A oportunidade de comercializar suas mercadorias com um mundo inteiramente novo de compradores. Controle completo sobre os recursos de uma região tomada por florestas milenares. Árvores, de milhares de anos. Talvez, quando nosso domínio estiver assegurado, você seja incluído na administração. Fabricante de Partes de Máquinas do Delfim. Como isso soa?

— Intrigante — respondeu Unthank. Ele olhou novamente para o projeto. — Quero dizer, acho que isso pode ser... bem, não quero ser muito apressado, mas já tentei esses tipos de projetos experimentais no passado. Deus sabe que eu tenho a oficina necessária para isso. Se foi produzido anteriormente, se existiu no mundo, tenho que supor que, se alguém tem o material para produzi-la novamente, sou eu. Mas não é uma proeza pequena, tenho que lhe dizer. — Ele hesitou por um instante. — Você falou algo sobre um golfinho?

O homem olhou para Unthank com uma expressão perplexa.

— Não — disse ele. — O Delfim. O jovem rei.

— E eu seria, digamos, seu homem de confiança?

— Se é isso o que você deseja.

— Quem é ele, esse Delfim? E por que ele simplesmente não ordena que alguém faça essa coisa?

— Porque ele está atualmente indisposto. Mas essa é uma informação sem nenhuma importância. Eu lhe pergunto: você vai produzir essa engrenagem, Sr. Unthank?

Joffrey, com os cotovelos repousando nos braços da poltrona, entrelaçou os dedos na frente de seus lábios. Ele olhou para o projeto da Engrenagem Möbius e novamente para Roger. Finalmente, falou:

— Quanto tempo tenho?

— Cinco dias.

— *Cinco?* — As mãos de Unthank caíram sobre o tampo da mesa. — Você só pode estar de brincadeira comigo. Quero dizer, vou levar todo esse tempo simplesmente para deixar o metal curar. Preciso de uma semana, pelo menos.

— Uma semana não é uma opção. Há outros, Sr. Unthank, que também desejariam fazer essa peça; se eles conseguirem, tudo estará perdido. Vi seu trabalho; fui informado sobre suas habilidades. Não acho que cinco dias estejam além da sua capacidade.

— Quero dizer, se eu trabalhasse durante a noite... e se interromper todas as outras operações...

— Se isso é o que precisa ser feito, então deve ser assim.

— Mas acumularei despesas... custará uma fortuna interromper tudo para isso. E quanto aos meus clientes? Tenho 1500 válvulas de entrada de lava-louças para produzir até terça-feira.

Roger limpou a garganta educadamente.

— Você será mais do que compensado, Sr. Unthank, por quaisquer prejuízos. Tenho toda a certeza do mundo de que isso será vantajoso para você. Estou lhe prometendo um mundo à sua disposição, Sr. Unthank. Por favor, leve isso em consideração.

Unthank levantou as mãos até o rosto e bateu de leve nos lábios com as pontas dos dedos.

— E quanto a esses outros... seus competidores? Aqueles que também querem produzir a peça. O que acontece se eles conseguirem criá-la antes de mim? O que acontece então?

— Isso não é uma opção. Além disso, tomei precauções para... como devo dizer?... atravancar seu progresso, ou até mesmo detê-los definitivamente.

Mas não deve se preocupar com isso, Sr. Unthank. Apenas com a fabricação da peça. Isso é tudo.

O olhar de Joffrey viajou do homem estranho na poltrona de couro até a fila de janelas sobre a estante com os receptores-transmissores que piscavam. A parede de árvores, a visão que o saudava todos os dias quando entrava em seu escritório, ainda estava lá, parada e cautelosa sob a luz cinzenta. Um pássaro girou em volta de um dos pinheiros mais altos. Em algum lugar, deduziu Unthank, naquele emaranhado da floresta, estavam as meninas que tinha cruelmente enviado para um mundo estranho, junto das dúzias de outros que tiveram um destino semelhante. Ele os imaginou congelados como estátuas, vítimas dos terríveis encantos daquele lugar estranho. Ou pior: sendo lentamente digeridos pelas próprias árvores. E para que objetivo? Havia sido uma longa e árdua jornada para Joffrey Unthank, mas ele sentia que finalmente chegara à sua recompensa justa, embora, de certa forma, nunca tivesse, nem em seus sonhos mais malucos, previsto aquilo.

Ele olhou novamente para Roger.

— Temos um acordo — declarou ele.

— Rachel!

A floresta não ofereceu resposta.

— RACHEL!

Ainda, nenhum som. Um tremendo pânico preenchia a cavidade do estômago de Elsie. Jamais ficara tão apavorada em sua vida. As árvores altas pareciam se curvar ao seu redor, como um espelho côncavo, e ela foi ficando corada e tonta enquanto corria. Não sabia em que direção estava correndo. Não sabia aonde chegaria. Sabia apenas o que tinha prometido: que

encontraria a irmã. Ela disparou através da densa vegetação rasteira o mais rápido que suas pequenas pernas podiam carregá-la, tendo que brigar com a lã espessa da capa de chuva que ela havia recebido, grande demais para o seu tamanho. Elsie tivera sonhos assim antes; cansada, confusa e correndo por uma mata interminável enquanto as pernas se moviam como melaço. Aquilo passou por sua cabeça, brevemente: talvez isso realmente fosse um sonho. Um arranhão de espinho particularmente doloroso na mão esquerda, tão real quanto a dor pode ser, foi o necessário para lembrá-la de que ela estava, na realidade, bastante acordada.

Ela tentou novamente, dessa vez procurando recuperar o fôlego antes de juntar as mãos em volta da boca.

— Rachel!

Ela ficou escutando no silêncio que se seguiu.

O sussurro de uma brisa. Um galho balançando no vento leve e roçando uma árvore vizinha.

Elsie olhou ao redor. Estava parada no meio de um bosque denso e vasto, um que era conhecido por engolir seus exploradores de uma só vez. Uma inspeção rápida no corpo, no entanto, lhe mostrou que ela ainda estava bastante intacta. Os pés esfriaram, e seu nariz havia ressecado. Tirando isso, tudo parecia sob controle. Olhou para as mãos. Estavam vermelhas e cintilando com neve derretida. Ela as soprou, o que pareceu levar uma sensação de aquecimento de volta até a ponta dos dedos. Ela não sabia há quanto tempo tinha soltado o barbante, aquele pedaço de cordão marrom que Unthank havia instruído que carregasse — parecia uma espécie de borrão em sua memória. Agora se perguntava se tinha intencionalmente soltado o barbante ou se ele simplesmente caíra de sua mão. No entanto, a intenção permanecia clara: precisava encontrar a irmã.

— RACHEL! — berrou novamente.

Ainda nenhuma resposta. Ela apertou os olhos para ver algo a distância; uma fenda entre as árvores permitia uma visão clara. Caminhou na direção da fenda e viu, do outro lado, um prado vasto no meio do bosque. No meio da clareira estava um pequeno coelho branco.

O coelho interrompeu o que estava fazendo — parecia mastigar alguma espécie de raiz comestível — e olhou diretamente para Elsie. Ela havia visto coelhos em lojas de animais antes, e sua amiga Karma tinha um pequeno viveiro no quintal, mas havia algo a respeito desse coelho em particular que Elsie achou estranho. Havia uma espécie de inteligência brilhando em seus olhos que ela não observara anteriormente em outros animais. Ele contraiu o nariz algumas vezes, sacudiu as orelhas e se afastou da menina, saltitando na direção da beira do prado. Antes de sair do campo de visão de Elsie, no entanto, ele parou e olhou para ela novamente, como se desejasse que ela o seguisse. Elsie obedeceu.

Ela vagou atrás do coelho num transe. Aquela parecia sua melhor opção no momento. Já tinha virado para todas as direções possíveis nesse labirinto de árvores — logo, raciocinou ela, não fazia muita diferença que direção tomava. Além disso, achava perturbador o fato de o coelho parecer esperar por ela: toda vez que ficava muito para trás e achava que perdera sua trilha, via o coelho parado junto a um canteiro de samambaias, contraindo o nariz e olhando para ela. Assim que se aproximava, o coelho continuava a se mover.



Eles não haviam ido muito longe quando um barulho veio do bosque ao redor; Elsie prendeu a respiração, tentando silenciar o som do sangue sendo bombeado em seus ouvidos. O coelho branco tinha parado também; as orelhas levantadas para escutar. O som veio novamente. Era, nitidamente, alguém gritando o nome de Elsie. O coelho se assustou e mergulhou na vegetação rasteira, desaparecendo diante da menina.

— Não vá! — gritou Elsie.

Ela havia se sentido estranhamente forçada a seguir o coelho. Tinha intuído que ele queria lhe mostrar algo.

A voz surgiu novamente, dessa vez mais clara. Era sua irmã. Elsie ficou parada ali por um momento, com plantas até os joelhos no meio da mata, dividida entre duas buscas: a âncora da voz de sua irmã, ou o estranho chamado da trilha do coelho.

— Elsie! —O grito soou mais uma vez.

— Rachel! — gritou Elsie.

Ela se virou e correu na direção da voz da irmã.

Atravessando uma barreira de jovens pinheiros, as duas irmãs estavam reunidas num encontro de braços e capas de chuva verdes. Elas se abraçaram por um longo tempo antes de finalmente se afastar.

— Você está bem? — perguntou Rachel.

— Sim — respondeu Elsie. — Acho que estou.

Rachel inspecionou o rosto da irmã. Ela viu os arranhões em suas bochechas, as pequenas gotas de sangue em suas mãos.

— Você está toda arranhada — disse ela.

— Eu estava correndo. Eu estava com tanto medo. Procurava por você.

Elsie percebeu que tremia muito.

— Está tudo bem, maninha — consolou Rachel, arrumando o cabelo de Elsie. Ele tinha ficado selvagem e desgrenhado depois de toda aquela confusão. Pequenos galhos estavam espetados aqui e ali, como antenas, e Rachel afetuosamente os tirou. — Escute: você tem que me ajudar a encontrar a Quatro Olhos.

— Onde ela está?

— Não sei. Ela estava logo atrás de mim. Nós conseguimos nos encontrar logo depois que ela entrou. Tínhamos um plano: estávamos nos preparando para procurar por você. Achei que tinha ouvido o seu grito antes, então fui caminhando naquela direção, e, quando me dei conta, Martha tinha sumido. Simplesmente desaparecido.

Elsie olhou para a irmã.

— Você tem algo em seu...

Rachel adivinhou o que sua irmã tinha visto.

— Blergh! — exclamou ela. — Aquela gosma no meu nariz. Achei que tinha tirado tudo. Ela se virou e, apertando uma narina com um dos dedos, executou o que o pai de Elsie chamava de “sopro do fazendeiro”. Pequenos

pedaços de pasta marrom salpicaram as folhas de uma samambaia próxima.

— Vamos lá — disse Rachel. — Vamos encontrá-la.

Elas ficaram próximas uma da outra enquanto procuravam a amiga, suas vozes combinadas ecoando entre si enquanto gritavam o nome da menina para as árvores que as cercavam. As duas se moviam lentamente, metodicamente, sem querer perder um único som. E se ela tivesse caído e se machucado? Elsie imaginou Martha caída no solo, a perna presa debaixo de uma árvore tombada. Ela teve calafrios.

— Ei! — Veio uma voz de um canteiro de cornisos vizinho.

— Martha? — gritou Rachel.

Para o grande alívio de Elsie e Rachel, os galhos vermelhos nus do corniso se separaram e Martha apareceu, com os óculos presos à testa e uma gosma verde escorrendo pela bochecha.

— O que aconteceu com vocês? — perguntou ela.

Enquanto falava, ela distraidamente enfiava o dedo em seu canal auditivo, tentando tirar toda a mistura de Unthank.

— Você estava logo atrás de mim! — exclamou Rachel. — O que aconteceu com você?

— Achei que você tivesse me abandonado — disse Martha. — Eu ficava gritando seu nome, mas você tinha simplesmente desaparecido dentro da mata. Fiquei totalmente perdida.

— Você está bem? — perguntou Elsie, ainda estava fresca em sua mente a imagem de Martha presa debaixo de uma árvore caída.

— Sim, estou bem. — Ela limpou a mão na capa de chuva. — Agora que estamos todas aqui, só precisaremos seguir a corda de uma de vocês para voltar até onde está o Sr. Unthank. A liberdade está ao nosso alcance, meninas.

Como se quisesse enfatizar o que tinha acabado de dizer, ela colocou os

óculos sobre os olhos e abriu um sorriso. Rachel olhou para Elsie.

— Onde está seu barbante? — perguntou Rachel.

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa — respondeu Elsie.

Martha olhou para as duas sob os óculos.

— Vocês não estão com seus barbantes?

— Bem, não estou vendo você com o seu também — retrucou Rachel.

— Eu o deixei cair em algum lugar — falou Martha, na defensiva. — Ou algo assim.

— Então não venha me cobrar por causa disso — disse Rachel.

— Eu não estava cobrando — assegurou Martha. — Apenas achei que pelo menos uma de vocês duas teria o bom senso de segurar seu barbante.

— Pessoal — falou Elsie, delicadamente.

Rachel mordeu a isca.

— Que tal esse bom senso: eu gostaria de lhe dar um murro no nariz bem agora.

— Quero ver tentar — respondeu Martha, esfregando as mãos.

— Pessoal! — chamou Elsie, mais alto. — Vocês estão loucas? Não façam isso. — Ela se meteu entre as duas meninas, com os braços erguidos. Quando elas se afastaram, Elsie falou novamente: — Sabem, esse é *exatamente* o tipo de coisa que a Intrépida Tina não gosta. Sabem o que ela ia dizer? Ia dizer algo como... — E então ela tentou se lembrar dos ditados da boneca em busca de um comentário apropriado. Mas deu branco. — Ela ia dizer “Amigas devem ficar juntas e ser amigas”.

Aquela não era uma verdadeira citação da Intrépida Tina, mas ela imaginava que Tina provavelmente aprovaria essa opinião.

— Ela nunca diz isso — argumentou Rachel.

— Mas é verdade — garantiu Martha. — Não deveríamos ficar tão surtadas aqui. Precisamos ficar de cabeça fria.

— Certo — disse Elsie. — Cabeça fria.

— Então o que fazemos? — perguntou Rachel.

— Bem, acho que simplesmente tentamos encontrar um caminho para sair daqui — respondeu Martha. — Para voltar até Unthank. Exigir nossa recompensa. Apenas precisamos decidir para que lado vamos.

As três meninas pararam na posição em que estavam, os olhos examinando o emaranhado verde, todo pontilhado por neve branca, em busca de uma sugestão de que direção poderia levá-las para fora dali. Foi então que Elsie se lembrou do coelho.

— Ei — falou ela. — Isso vai parecer loucura, mas, quando ainda estava sozinha, pouco distante daqui, eu vi um coelho. Um coelho branco. Mas ele não correu quando me viu. Ao invés disso, ele meio que esperou por mim, como se estivesse me mostrando o caminho.

Rachel olhou para sua irmã de soslaio.

— Você *realmente* ficou muito impressionada com aquele livro que estávamos lendo no verão.

— Não é piada. Estou falando sério. Achei que ele estava querendo que eu o seguisse. Talvez ele fosse me mostrar o caminho para ir embora.

Martha deu de ombros.

— Essa é uma opção tão boa quanto qualquer outra. Vá na frente.

Foi bem fácil para Elsie refazer o caminho até o prado onde ela havia visto o coelho pela primeira vez; ela podia encontrar, aqui e ali, as pequenas marcas que suas botas deixaram na neve fina e leve. Assim que localizou o ponto onde tinha ouvido Rachel gritar seu nome, começou a seguir as pequenas marcas das patas do coelho pelos arbustos. Ela nunca tinha feito algo tão cuidadoso quanto seguir a trilha de animais selvagens, e aquilo exigia toda a sua concentração. Depois de caminhar assim por algum tempo, ouviu a irmã falar atrás dela.

— Espere — falou Rachel. — Onde está Martha?

Elsie se virou para olhar para sua irmã. Parecia haver uma espécie de ausência perceptível no espaço perto de onde Rachel estava parada. As duas Mehlberg piscaram, olhando para aquele ponto.

— Ela estava bem aqui — disse Rachel. — Há apenas um segundo.

Sem falar mais nenhuma palavra, as duas se viraram e começaram a voltar pelo mesmo caminho de onde tinham vindo, enquanto gritavam o nome de Martha. Elas seguiram as próprias pegadas na neve; visivelmente, havia apenas dois pares de pegadas. As de Martha pareciam ter ficado para trás muito antes de elas chegarem ao prado. Depois de um tempo, alcançaram novamente ao ponto de partida, onde o grande número das pegadas combinadas criava uma grande cratera na neve.

— Quatro Olhos! — gritou Rachel.

Ali, sentada num tronco caído de um choupo-do-Canadá, estava Martha. Ela limpava a lama das botas.

— Pessoal — disse ela, quando as irmãs se aproximaram. — Vocês não podem me abandonar assim.

— Nós não a abandonamos — respondeu Elsie. — Achamos que você estava logo atrás de nós.

— Eu estava até vocês simplesmente desaparecerem. Eu gritei seus nomes. Vocês não me escutaram?

Rachel e Elsie trocaram um olhar rápido.

— Não — disseram as duas, em uníssono.

— Você viu o prado? — perguntou Rachel. — Você chegou até lá?

— Nã-não — respondeu Martha. — Vocês simplesmente desapareceram depois desse monte de árvores.

— Vamos tentar novamente — disse Rachel.

Havia um tom inquieto em sua voz.

— Só não saiam correndo — avisou Martha, levantando-se do assento.

Elas não tinham ido longe, no entanto, até Martha ter desaparecido novamente. Determinada a mantê-la à vista, Rachel vinha olhando para trás num intervalo de dois segundos. Depois de elas a terem perdido de vista, Rachel explicou que fora como se Martha tivesse passado rapidamente atrás de uma árvore e então não tivesse aparecido do outro lado. As irmãs voltaram para encontrar a menina desaparecida parada, desorientada, no meio da pequena clareira ao lado do choupo-do-Canadá caído.

— Vocês fizeram de novo — acusou ela.

— O que está *acontecendo*? — perguntou Rachel, claramente se esforçando o máximo para entender.

Ela estava massageando as têmporas com os dedos.

Naquele instante, um cachorro passou por elas.

As meninas congelaram.

O cachorro, talvez seguindo o espectro de uma criatura da floresta, cruzou a clareira em que elas estavam com a velocidade e a tranquilidade que apenas um canino poderia ter. Ele saltou sobre o choupo-do-Canadá caído sem dar a mínima atenção às três meninas e desapareceu entre os arbustos.

— Vocês viram aquilo? — perguntou Martha.

— Sim — respondeu Rachel. — Era um cachorro. Acho que era um golden retriever. — Ela fez uma pausa antes de complementar. — Eu não gosto muito de cachorros.

— Ah — falou Martha. — De qualquer forma, aquilo foi estranho.

As meninas mal tiveram chance de se perguntar de onde o cachorro viera e para onde estava indo com tanta pressa quando outro cão, esse um grande malamute com pelo cinza-claro, passou por elas cruzando a clareira. Ele também saltou por cima do choupo-do-Canadá e desapareceu na mesma trilha do primeiro cachorro. Poucos segundos depois, um terceiro e um quarto

cachorro, cada um diferente dos anteriores, apareceram de um lado da clareira e correram atrás dos outros dois. Quando um quinto apareceu, Elsie tentou bloquear seu caminho.

— Ei, rapaz — gritou ela. — Ei, rapaz.

O cão, um collie, simplesmente desviou de Elsie e sumiu num piscar de olhos.

Então veio o dilúvio.

Foi como um estouro de boiada. Essa foi a primeira coisa que passou pela cabeça de Elsie ao ver o que só poderia ser descrito como um clamoroso rebanho de cães atravessando a beira da clareira e correndo na direção delas. Havia facilmente trinta cães, de todas as raças imagináveis, e eles estavam disparando atrás de seus precursores com uma determinação entusiasmada que espalhava baba por todos os lados.

Martha soltou um grito e quase caiu do poleiro na árvore; Rachel, exibindo uma mostra de destreza atlética que Elsie jamais vira, saltou o tronco do choupo-do-Canadá com um único movimento e começou a correr para longe da maré de cães que vinha em sua direção. Elsie, por sua vez, ficou parada, em choque. A onda peluda se elevou e se espalhou à sua volta; estava claro que as três meninas já não eram tão importantes para os cães. Eles estavam muito ocupados perseguindo a coisa desencarnada quetanto atiçara os primeiros cinco cachorros. Um deles, um pug preto, ocupando a última posição por causa das pernas rechonchudas, inclusive parou e babou um pouco na bota de Elsie; ela fez carinho nele, e ele latiu de forma agradecida antes de prosseguir.

— Rachel! — berrou ela, tendo se recuperado do choque. — Martha!

Elsie pulou sobre a árvore e encontrou Martha caída no solo da floresta, tentando limpar a lama dos óculos.

— O que foi *aquilo*? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu Elsie. — Mas precisamos ir atrás da minha irmã. Ela tem um pouco de medo de cachorros.

As duas meninas partiram na busca. Era bastante fácil ficar na trilha dos cachorros, as pegadas na neve lembravam o caminho de um bando de torcedores de futebol americano em frenesi à procura de uma lanchonete de fast-food. As patas de diferentes cães amassaram cada planta em seu caminho. Não demorou muito para elas ouvirem um choramingo baixinho; elas encontraram Rachel, petrificada de medo, agarrada aos galhos mais baixos de um bordo.

— Você está bem, Rach? — perguntou Elsie.

— Acho que eles foram embora agora — sugeriu Martha.

— Ai, meu Deus! — exclamou Rachel, se soltando do galho. — Explique o que acabou de acontecer.

— Fomos atropeladas por cães — respondeu Elsie.

— Seriamente.

Rachel, agora no solo, tirou um pouco de musgo do casaco. Seu rosto estava manchado de terra, e a barra da jaqueta salpicada de lama. Ela levantou o nariz.

— Isso é fumaça? — perguntou ela.

Com certeza, Elsie sentiu o cheiro também. Aquele era o cheiro do fim de uma fogueira, como o cheiro do fim do outono num bairro do interior. Aquilo parecia vir da direção em que os cães tinham seguido. Sem falar nada, as três meninas começaram a seguir o cheiro; ele as guiou pelo longo caminho aberto na vegetação pela matilha de cães. Enquanto se aproximavam da origem da fumaça, elas puderam ver sinais de habitação. Árvores tinham sido derrubadas e serradas; uma pilha de lenha recém-cortada estava organizada ao lado de um toco de árvore. Elas também começaram a ouvir vozes: vozes de crianças. As três meninas, silenciosas em sua aproximação, chegaram ao

topo de um pequeno outeiro e se viram olhando para baixo através de um vale estreito, onde se encontrava aninhado um antiquado chalé de madeira. Uma corrente fina de fumaça branca saía da chaminé.

Um grupo de talvez 15 crianças, de todas as idades, perambulava por vários canteiros de jardim em frente ao chalé. Elas pareciam ter de 8 a 18 anos e estavam participando de uma variedade de atividades diferentes: algumas brincavam, enquanto outras pareciam executar tarefas domésticas, como pendurar roupas num varal e cortar lenha. Várias cuidavam dos canteiros de jardim, arrancando ervas daninhas e podando as hortaliças. Havia apenas uma coisa, no entanto, que Elsie, Martha e Rachel perceberam que era igual em todas as crianças: cada uma tinha uma pequena etiqueta amarela pendurada no lóbulo da orelha.




# CAPÍTULO 14

## *Água Gelada, Água Por Todo Lado*

Parecia que a sorte sorrira para Prue McKeel e Curtis Mehlberg naquele dia, o dia em que os dois mergulharam da ponte de corda partida nas insondáveis profundezas da Longa Fenda. Não apenas sorrira, mas também se aproximara para dar um beijo molhado e preguiçoso em suas respectivas testas.

A parede do penhasco na lateral do abismo sobre a qual eles caíram depois de a ponte se partir ao meio não era completamente vertical; na verdade, ela se inclinava a partir da beira do penhasco numa diagonal suave, que ficava mais acentuada à medida que descia. Isso significou que as duas crianças não tinham necessariamente mergulhado ou caído, mas, em vez disso, escorregado em alta velocidade por essa laje de rocha inclinada.

Callista, a Kitsune que havia caído do mesmo lado da Fenda que eles, não teve tanta sorte. Ao cair mais perto do centro da garganta, no momento em que ela fez contato com a inclinação da parede do penhasco, já era tarde demais. A prova de seu fim estava evidente para Curtis, que, ao acordar depois de alguns instantes inconsciente, viu seu corpo imóvel tombado sem vida a cerca de 3 metros de onde ele tinha parado. Na agonia da morte, ela havia se transformado de volta para sua forma original. Foi uma raposa preta morta o que ele viu quando acordou.

Quanto a Septimus, o rato, ainda era muito cedo para dizer qualquer coisa. Até onde Curtis sabia, ele próprio era o único a ter sobrevivido à queda. Ele bateu rapidamente em suas bochechas para se assegurar daquilo; suas mãos pareciam empoeiradas e muito arranhadas, mas fizeram um contato satisfatório com seu rosto. Ele não sentia nada além de estar vivo.

— Prue? — gritou com a voz rouca.

A escuridão da garganta era intensa. A menor fatia de luz podia ser vista acima, como o rastro de fumaça deixado por um avião, mas a distância até a superfície parecia inimaginável. O caminho até ali, apesar de não ser mortal, não tinha sido nem um pouco suave. A inclinação da rocha agira como um escorregador muito rápido, um que descia perfeitamente na vertical em certos pontos, criando vários momentos em que Curtis teve certeza durante a queda de que morreria de forma muito dolorosa, tendo seus ossos todos esmagados. A última dessas quedas o tinha depositado, com os ossos intactos (até onde ele sabia), nessa pequena plataforma de terra e rocha, depois de descer bastante pelo poço do desfiladeiro.

— Prue! Septimus! — chamou mais alto. Ele ouviu um grunhido dolorido vindo de algum lugar afastado. Sem se dar o trabalho de se levantar (ainda não sabia muito bem se não tinha de alguma forma quebrado todos os ossos do corpo), ele rastejou pelo solo estreito da plataforma, se afastando do corpo

dobrado da raposa, na direção do barulho. Chegou até a beira e falou novamente: — Prue! É você?



— Sim — respondeu a amiga. — Sou eu.

Estava muito escuro para enxergar onde ela estava.

— Você está bem?

— Acho que machuquei meu tornozelo. De novo. O mesmo da última vez.

Com última vez ela queria dizer a queda que tinha sofrido, alguns meses atrás, quando os soldados coiotes haviam abatido a águia que ela montava. Curtis franziu a testa.

— É muito sério? — perguntou ele.

Houve uma pausa enquanto Curtis imaginava Prue testando o local dolorido.

— Acho que está tudo bem — disse ela. — Septimus está com você?

Ele olhou à sua volta; a escuridão era penetrante.

— Não — respondeu ele, antes de gritar. — SEPTIMUS!

Nenhuma palavra. Curtis praguejou baixinho. O rato era pequeno e leve, ele disse a si mesmo. Talvez ele ainda estivesse agarrado à corda acima deles. Talvez ele tivesse chegado a algum lugar seguro.

— Você está bem? — gritou Prue.

— Acho que sim. A outra raposa está morta. Ela não sobreviveu à queda.

— E quanto a Darla?

— Não sei. Não consegui realmente ver o que aconteceu. — Ele hesitou. — Nada do Septimus, no entanto.

— Mas você está bem?

Curtis, se preparando, começou a testar os músculos e as articulações individualmente, investigando o dano causado pela queda. Milagrosamente, exceto alguns hematomas, ele parecia ter evitado qualquer contusão mais

séria.

— Acho que estou bem — constatou ele.

Um barulho de algo sendo arrastado soou, inescrutável na escuridão profunda. Tecido contra tecido. Outro grunhido. Uma fivela sendo aberta. Então o som nítido da cabeça de um palito de fósforo sendo riscado na superfície áspera da caixa; uma pequena luz amarela se acendeu. Curtis olhou por cima da beira da plataforma de pedra e viu Prue, ajoelhada, aproximando o palito de fósforo de um lampião de acampamento — ela devia ter guardado um pequeno em sua mochila. Ela esperou até o pavio acender. Depois apagou a chama do palito de fósforo e o jogou no chão. Um globo de luz se estendeu desde sua fonte, iluminando o que estava à volta deles.

— Onde estamos? — perguntou Curtis. A luz do lampião mal arranhava a escuridão que os cercava, mas era suficiente para ver que um par de pedregulhos, do tamanho de pequenas casas, tinha criado as plataformas de pedra que salvaram suas vidas. Ele viu que estava separado de Prue apenas por uma descida de cerca de 3 metros de altura. O abismo se estreitava substancialmente ali, e as paredes gêmeas do desfiladeiro estavam a menos de 2 metros de distância. Curtis percebeu que tinham deslizado até uma fissura remota da fenda; não havia como dizer o quanto desceram. Uma coisa estava clara: não havia como subir. Ele juntou as mãos em volta da boca e gritou mais uma vez: — SEPTIMUS!

Prue ficou em silêncio ao se levantar e, apoiando com cuidado o peso no tornozelo ruim, começou a mancar em seu pequeno poleiro e observar o entorno. Não demorou muito; o espaço que tinha para explorar era basicamente o de um provador de loja de departamentos.

— Curtis — falou ela, inclinando o pescoço para o alto na direção do longínquo brilho do sol, uma linha fina de branco naquele céu escuro —, não sei o que pensar disso.

— Espere um pouco — disse Curtis. Ele abaixou o corpo na beira da plataforma e saltou o resto da altura que o separava de onde Prue estava. Ele limpou um pouco de poeira branca do ombro do casaco da menina. — Me deixe ver seu tornozelo.

Juntos, eles tiraram a bota do pé dela. Estava vermelho e inchado, apesar de Prue dizer que não doía o suficiente para estar quebrado.

— Você consegue andar sem problemas com ele? — perguntou Curtis.

Prue balançou a cabeça de forma positiva. Existia uma expressão de silêncio resignado em seu rosto. Uma tristeza incrustada.

— Nós vamos sair daqui — disse ele. — Vamos sim.

— Como? — perguntou Prue.

Curtis olhou para a parede de pedra.

— Acho que podemos escalar.

Até mesmo ele sabia que isso era impossível. Foi como se tivesse dito aquilo para jogar aquela ideia no ar. Como se, ao dizê-lo, ele tivesse sussurrado um encanto necessário, um que se dissipava em fumaça assim que houvesse saído dos pulmões.

Prue apenas balançou a cabeça.

Os dois se agacharam sobre o piso rochoso da plataforma.

— Nada por lá? — perguntou ela, apontando com a cabeça na direção do local onde Curtis tinha caído; onde estava a raposa morta.

— Não — respondeu ele. — Apenas uma queda para o outro lado.

— Isso é ridículo — rebateu Prue. — Quero dizer, nós sobrevivemos à queda apenas para morrer lentamente no fundo desse poço?

— Alguém tem um senso de humor muito cruel, pode ter certeza disso — disse Curtis. — Você sabe, Deus ou quem quer que seja.

Um silêncio se instalou entre os dois; Prue começou a chorar.

— Ai, eu estraguei tudo — disse ela.

— De que você está falando? — perguntou Curtis, tentando consolá-la.

Ele colocou a mão nas costas da menina.

— Disso — respondeu Prue. — Do plano todo. E quanto ao que a árvore disse? Que precisamos reanimar o verdadeiro herdeiro, antes que outras pessoas façam isso. Quem quer que sejam os outros. Mas como vamos conseguir se estamos presos nesse... nesse... buraco? Aposto que "os outros" já estão adiantados reconstruindo o príncipe a essa altura.

— E daí? Talvez seja melhor assim. Talvez isso fosse o que a árvore queria. Apenas *alguém* para construí-lo. Talvez Alexei seja uma grande pessoa no fundo, mesmo que ele seja uma espécie de robô. Talvez ele ainda assim restaure a paz, independentemente de quem o reanimar.

— Não tenho tanta certeza disso — disse Prue. — Por que outro motivo a árvore teria dito aquilo? Não, éramos nós que tínhamos que fazer isso. E nós estragamos tudo.

Ela ficou em silêncio, com a mão sobre a boca, e ficou concentrada em seus pensamentos.

— Não seja tão dura consigo mesma. Talvez alguns bandidos voltem; talvez, se gritarmos suficientemente alto, eles nos escutem.

Curtis olhou fixamente para a pequena quantidade de luz do dia que eram capazes de ver; aquilo parecia improvável.

— Não me parece que podemos contar com isso — disse Prue.

— Pois é, acho que não.

Curtis encheu as bochechas de ar e o soltou pelo bico formado por seus lábios.

— Bem, eu disse "é isso" lá em cima. — Ele apontou para a fresta de luz no alto. — Mas acho que eu estava errado. Acho que é isso *aqui*. Um pouco engraçado, de certa forma. Nem sempre um sujeito pode pensar "é isso" duas vezes num intervalo de poucos minutos. Ou talvez isso sempre aconteça.

Talvez a morte seja uma série de pensamentos “é isso” até você finalmente...

— SOCORRO! — surgiu uma voz, interrompendo Curtis em sua contemplação macabra. Ela vinha de um espaço escuro debaixo da plataforma, logo além da beira da pedra. — Estou cego! Completamente cego!

Era inegavelmente a voz de Septimus, o rato, esganiçada por causa do medo. Curtis deitou de barriga para baixo e se arrastou até a beira da plataforma. Ele gesticulou para Prue, que lhe entregou o lampião. Balançando a fonte de luz na escuridão, ele viu movimento cerca de 10 metros abaixo deles, em mais um pedregulho posicionado nesse estreitamento das paredes do precipício.

— Ah — falou Septimus, piscando para o lampião que balançava na mão de Curtis. — Deixa para lá. Consigo ver. Foi um exagero. Falha minha.

Curtis sorriu.

— Você está bem?

— Sou levado a acreditar que sim. E vocês?

— Estamos bem. Prue machucou o tornozelo. Tirando isso, tudo certo. É bastante milagroso.

— E quanto àquela mulher? A mulher-raposa?

Prue franziu a testa e respondeu:

— Não sabemos. A outra raposa está morta, no entanto. Aquela que chamavam de Callista. A terceira ainda pode estar lá em cima.

— Devemos tentar descer até aí? — gritou Curtis.

— Acho que não. Não há nada aqui, na verdade. Espere um instante. Você pode abaixar essa luz mais um pouco? — perguntou o rato.

Um rolo de corda foi tirado da bolsa de Prue; ao amarrar a corda à alça do lampião, eles foram capazes de descer a luz até onde o rato estava. No brilho, o rato se sacudiu e o pequeno abismo se encheu de uma nuvem de poeira. A

plataforma era um pouco mais longa do que aquela em que Prue e Curtis estavam abrigados; a escuridão preenchia suas margens.

— Há uma descida. Uma de cada lado. Pode ser que exista outra pedra abaixo dessa. — As duas crianças observavam enquanto o rato disparava até a beirada de sua plataforma e jogava uma pedrinha nas profundezas. Um *pep* nítido informava uma pequena queda até o próximo pedregulho. — Sim — disse o rato. — O único caminho é para baixo.

Curtis praguejou e olhou tristemente na direção da fatia estreita de luz sobre eles.

— Estamos presos. Acabados. Ossos. Futuros esqueletos.

— A não ser que — interrompeu Prue. Estava olhando para o vazio abaixo.

— A não ser que o quê?

— Bem, teve *mais uma coisa* que a árvore disse, que a árvore disse através daquele garotinho.

— O quê?

Ela gritou para Septimus lá embaixo.

— Você acha que poderíamos descer até aquela outra pedra, a que está abaixo de você?

— Sim — respondeu o rato. — Embora nesse caso eu ache que deveríamos nos concentrar em *subir*.

Prue sorriu.

— Essa é a coisa. Foi isso o que o menino me disse.

— O quê? — perguntou Curtis.

— Às vezes, você tem que ir para baixo para chegar em cima.

Curtis levou a mão até a boca, como se não acreditasse.

— Você quer que a gente... desça ainda mais?

— Acho que está bem claro, você não acha?

Com uma sobrancelha levantada, Curtis disse:

— Foi um garotinho que disse isso a você. Falando por uma árvore. — Ele repetiu: — Uma árvore.

— Como se tivéssemos escolha — retrucou Prue, apontando para o precipício do penhasco que os cercava.

— Deveríamos esperar. Talvez existam sobreviventes. Alguém nos escutaria aqui embaixo.

— Curtis, estamos muito no fundo. É um milagre termos ao menos sobrevivido. Não havia ninguém *no acampamento*. O lugar inteiro estava vazio. Mesmo se houvesse retardatários, como eles nos escutariam? Como eles nos tirariam daqui? Além disso tudo, Darla pode estar lá em cima, apenas esperando a nossa chegada. Ela pode estar com mais daquelas... daquelas *coisas* com ela.

— Não sei, Prue. Quero dizer, não fazemos ideia do que há lá embaixo. Certo?

Ele logo percebeu que suas objeções estavam ainda persistentemente ancoradas na crença de que os bandidos estavam vivos; que eles não tinham sido completamente dizimados pelos assassinos.

Sem responder, Prue puxou o lampião na direção deles e desamarrou a corda presa à alça. Ela jogou uma ponta da corda na direção de Curtis e amarrou a outra ponta na cintura.

— Segure firme — instruiu ela, antes de lentamente descer o corpo na beirada da rocha. Curtis fez força para suportar o peso, rangendo os dentes e prendendo os pés dentro das frestas entre o pedregulho e a parede do penhasco. Finalmente, o peso desapareceu e Prue deu alguns puxões na corda. Ele descobriu que não tinha mais energia para lutar. Soltando um palavrão silencioso, prendeu um laço da corda numa saliência da pedra no lado mais afastado da plataforma. Então ele a usou para descer, com Prue o

ajudando de baixo.

— Bem-vindos — anunciou Septimus, quando os dois chegaram.

Eles continuaram com a manobra, lentamente se movendo cada vez mais para o fundo, de pedra em pedra. Toda vez eles testavam a profundidade da escuridão abaixo jogando pedras e julgando o tempo que tinha passado até ouvirem o barulho que ela fazia ao bater em alguma coisa, como um navio usando o sonar. A cada descida transposta, eles se maravilhavam com sua sorte. Eles se perguntavam, por dentro, quando esta acabaria.

Finalmente, depois de talvez dez daquelas descidas, eles se viram sobre um nicho de pedra onde os dois lados da parede da garganta se juntavam num V. À frente deles estava um monte de pedras que tinham caído e se alojado ali. Prue inspecionou a pilha e, encontrando uma pedra solta, começou a afastá-la. Curtis ajudou. Quando a pedra havia se soltado das remanescentes, os dois foram capazes de tirá-la de cima da pilha para revelar um pequeno buraco inclinado. Ele não sabia se isso era apenas sua imaginação, mas Curtis achou que tinha sentido uma lufada de brisa sair do buraco quando eles removeram a pedra.

— Eles olharam para o vazio da abertura.

— O que você imagina que exista lá embaixo? — perguntou Curtis.

— Não sei — respondeu Prue. Então: — O que Brendan disse sobre esse lugar? Algo sobre pessoas vivendo aqui embaixo? Há muito tempo?

— O povo do penhasco, sim — falou Curtis. — Sinais disso. Acho que eles encontraram coisas como pinturas e objetos. Mas isso foi muito mais para cima. Até onde sei, ninguém chegou tão fundo.

Os olhos de Prue se moveram do rosto do menino para o rato que estava sentado em seu ombro.

— Septimus — disse ela —, é aqui que você poderia realmente ser útil.

— Deixe-me adivinhar. Você quer que eu. Entre ali dentro.

Ele passou a mão nos bigodes de forma nervosa.

— Por favor — disse ela.

— Vamos lá, Septimus — falou Curtis. — Nós precisamos de você.

Prue levantou o lampião; sua iluminação lançou uma luz no buraco.

Septimus grunhiu. Então saltou do ombro de Curtis para seu cotovelo e dali para o chão duro do fundo do abismo. Parou por um instante junto à abertura, farejando o solo de forma suspeita.

— Isso é o que um bandido de verdade faria — incentivou Curtis.

— Não sou um bandido jurado — disse o rato. — Sou freelancer. E escolho entrar ali segundo meus próprios termos.

Com aquilo, ele desapareceu no buraco.

Prue e Curtis esperaram pacientemente. Os minutos passaram. O frio do ar da caverna picava a pele de Curtis por baixo da farda rasgada e suja de terra. Finalmente, veio o barulho inconfundível das garras de Septimus contra a pedra. O rato reapareceu na boca do buraco, agora coberto por uma camada fresca de poeira cinzenta. Ele esticou a pata à sua frente, o rosto retorcido e tremendo.

— O que você viu? — perguntou Curtis, preocupado.

O rato continuou com a mão esticada. Ele a balançava de forma frenética; os olhos estavam fechados com força, e ele balançava o focinho para um lado e para o outro como se estivesse tentando expulsar algo da mente.

— Septimus! — gritou Prue.

E então ele parou. Abrindo bem a boca, Septimus bateu em seu nariz com os dedos finos.

— Desculpa — disse ele. — Achei que fosse espirrar.

Prue e Curtis, juntos, soltaram um suspiro aliviado.

Assim que o rato se recuperou, ele continuou:

— Há um túnel ali dentro. E acho que é grande o suficiente para todos

nós.



Eles seguiram descendo.

Só tinham precisado tirar algumas pedras até a abertura ficar suficientemente grande para os integrantes maiores do grupo. A passagem a seguir não era exatamente um túnel, era mais como um veio esvaziado na rocha, feito de lajes de pedra caídas e colocadas uma ao lado da outra. Várias vezes o espaço ficava tão estreito que Prue e Curtis eram obrigados a arrastar a barriga para chegar ao outro lado de uma fissura particularmente pequena. Ocasionalmente, Curtis percebia que o túnel começava a subir e sentia um embrulho excitado no estômago. Mas, invariavelmente, a subida era mínima e então o túnel desceria e eles perderiam, segundo as melhores estimativas de Curtis, qualquer altitude que tinham ganhado. Quanto mais tempo passavam ali embaixo, mais se afastavam do verdadeiro objetivo dessa jornada: chegar ao topo, descobrir o que havia acontecido aos bandidos. Ele estava preocupado por achar que Prue não compartilhava de sua forma de pensar.

O túnel continuava a descer.

Curtis se lembrou de uma viagem que ele fizera havia muitos anos, com a turma da escola, até algumas cavernas próximas. As cavernas, segundo o que lhe contaram, foram descobertas por espeleólogos que viram uma pequena fresta na parede de um penhasco e decidiram explorá-la; um deles morreu depois de seguir uma artéria da caverna e, por um erro em sua leitura geográfica, ficar entalado. Só encontraram o corpo semanas depois. Apesar dos maiores esforços de Curtis para afastar esse pensamento da mente, aquilo continuava a assombrá-lo. A certa altura, ele agarrou a bota de Prue e a sacudiu.

— Ei! — chamou ele.

Ela parou.

— O que foi?

— Então, quando vamos finalmente decidir que isso é loucura?

Uma pausa.

— Eu meio que já decidi isso.

— Sério?

— Mas enquanto houver uma abertura aqui, acho que deveríamos continuar.

— Eu estava apenas pensando...

Prue o interrompeu:

— Sobre aquele espeleólogo que ficou preso naquela caverna, aquela que visitamos na viagem da escola há alguns anos?

— Como você descobriu?

— Estou pensando na mesma coisa.

— Não vamos fazer isso, certo?

— Certo.

A voz de Septimus veio ecoando pelo túnel; ele se movia mais agilmente que os compatriotas humanoides, usando o tempo extra para checar o terreno adiante.

— Fica maior — gritou ele. — Bem à frente.

Para o alívio das crianças, o rato tinha falado a verdade: o túnel gradualmente começava a se alargar até ficar grande o suficiente para eles se sentarem. Eles pararam e abriram a mochila de Prue, revirando seu interior à procura dos alimentos que tinham sobrado. O inventário consistia de três pedaços de carne-seca embrulhados em papel, duas maçãs e algumas pontas de pão. Eles dividiram um pedaço da carne-seca e cortaram algumas lascas de uma das maçãs com a faca de caça de Prue, que tinha milagrosamente

sobrevivido à queda da ponte de corda, caindo a centímetros de sua cabeça. Curtis, que estava começando a sentir uma pontada de sede, sugou a fatia de maçã, tirando cada gota de suco antes de mastigar aquela coisa desidratada. Prue tirou a bota e inspecionou seu tornozelo; o inchaço parecia leve.

— Pelo menos não tenho que caminhar com o pé assim — disse Prue, com um sorriso amarelo.

Eles prosseguiram. Curtis tomou a dianteira com o lampião, e Prue o acompanhou de perto. O túnel ainda não era suficientemente alto para que ficassem de pé; eles permaneceram de quatro, apesar dos joelhos e das palmas de suas mãos começarem a doer. Curtis podia ver Septimus no fim da luz do lampião, saltitando pelo túnel como se aquele fosse um segundo lar para ele.

Depois de seguirem dessa forma por um tempo, Curtis viu o rato aparecer abruptamente numa curva fechada da passagem. Ele inclinou a cabeça e olhou para as duas crianças.

— Escutem — pediu ele. — Vocês estão ouvindo?

Prue se concentrou.

— Não — disse ela. — O que é?

— É como um... sei lá... um som molhado — explicou Septimus, misteriosamente.

Dando de ombros, o rato seguiu pela escuridão.

Curtis rastejou mais alguns metros, e o solo sob seus joelhos imediatamente cedeu.

Ele caiu.

Seria exagero dizer que Prue viu aquilo acontecer; tinha sido algo como: ela o viu ali, na frente dela, e então ele simplesmente não estava mais lá. Foi como se ele tivesse desaparecido.

— CURTIS! — gritou Prue.

Ela ficou petrificada, assustada demais para se mover.

O som alto de algo batendo na água.

— Foi isso o que eu ouvi — disse Septimus, espiando pelo buraco no túnel. — Água.

Prue ignorou o rato. Ela gritou o nome de Curtis novamente, com toda a força que conseguiu juntar. O túnel reverberou o som.

Um ganido surpreso veio ao encontro de seu berro.

— ÁGUA! — gritou Curtis em resposta, sua voz esganiçada vindo de baixo. — ÁGUA *GELADA*!

Por sorte, o lampião não tinha caído com ele, permanecendo virado de lado no túnel estreito. Prue o segurou e o balançou à sua frente, tentando se equilibrar. Havia um enorme buraco na pedra diretamente em frente a ela; era praticamente do tamanho de Curtis. Estranhamente, as beiras do buraco pareciam ser inclinadas, apesar de as razões por trás disso não terem passado imediatamente pela cabeça de Prue. Ela estava muito focada no bem-estar de seu amigo.

— Você está bem? — gritou ela para Curtis.

— S-sim! — gaguejou ele.

A voz dele reverberava de forma esquisita; Prue percebeu que aquela era a voz de alguém ocupando um espaço muito grande.

— O que aconteceu?

— Eu caí nesse... nesse reservatório! — gritou ele. Ela ouviu mais barulho de coisas batendo na água. — Está muito frio!

— Aguente firme — falou Prue. — Vou tentar uma coisa.

Ela levantou uma sobrancelha para Septimus. Com a língua presa entre os lábios, rapidamente desenrolou a corda que estava em sua bolsa. Com a corda na mão, acenou para o rato se aproximar dela.

— Segure isso — disse ela, entregando-lhe o lampião.

Ele fez conforme ela mandou, embora tenha olhado com desconfiança para a menina quando ela amarrou a ponta da corda em sua barriga e o empurrou na direção do buraco no chão.

— Já entendi — garantiu ele. — Já entendi.

Um princípio de luz inundou a câmara abaixo dela assim que o rato começou a passar pelo orifício. Septimus se contorcia desconfortavelmente por causa da corda presa à sua cintura, mas continuou a segurar o lampião com firmeza.

— Aqui, Septimus! Continue descendo! — Curtis tremia. — Já está dando para enxergar... Ali!

Mais barulho de água; Prue espiou pelo buraco e viu o amigo nadando, freneticamente, no meio de um enorme reservatório de água preta feito breu. A luz, voltando na direção do buraco de onde ele tinha caído, iluminava uma silhueta do padrão nítido de tijolos, como uma parede derrubada numa velha casa abandonada.

Curtis soltou uma arfada alta de alívio.

— Meu Deus, como está frio! — gritou ele.

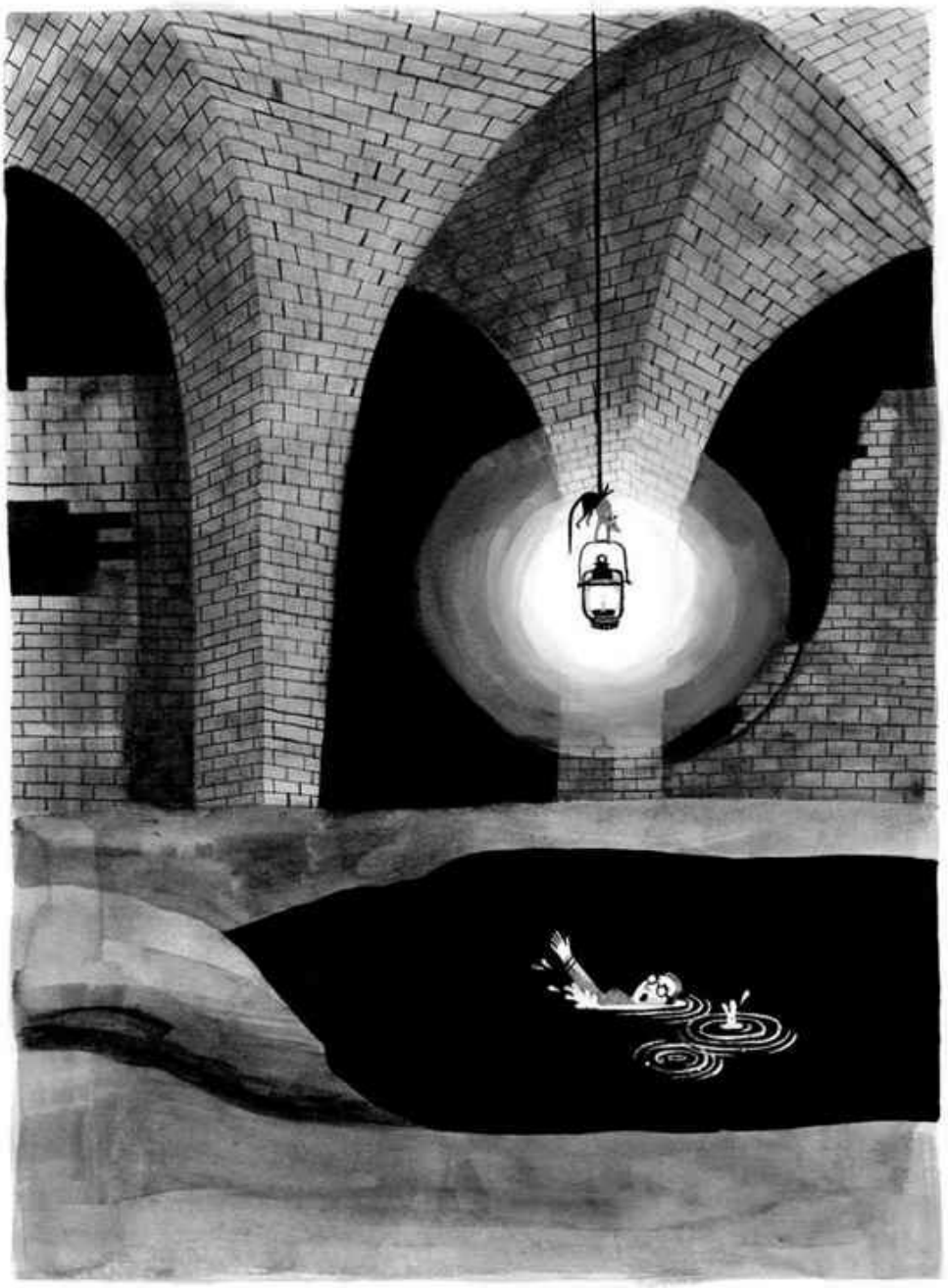
Ele chegou à terra firme.

— Ei, vocês dois — gritou Septimus. — Olhem para isso.

Prue espiou pelo buraco e viu o vulto do rato oscilando. A luz do lampião era fraca. Mas ela podia notar que iluminava o espaço enquanto o rato o balançava junto à sua cabeça.

— É alguma espécie de câmara. Construída!

Ela passou a mão no buraco do chão do túnel; sentiu a aspereza fria e úmida dos tijolos. Ela devia ter sido mais cuidadosa em sua inspeção, pois a argamassa rachou novamente e Prue caiu, com rato, corda, mochila, lampião e tudo mais, no enorme reservatório.



A água com certeza estava congelante; os berros de Curtis não davam a proporção verdadeira. Ela sentiu um choque parecido com um raio atravessar seu corpo, dos pés à cabeça, enquanto mergulhava no reservatório da caverna. O lampião imediatamente se apagou; foi como se alguém tivesse jogado um manto negro sobre o mundo. Durante um segundo, ela flutuou no

líquido preto, sentindo a água gélida entrar por cada abertura de suas roupas. Ela se sentiu estacionada no tempo ali, como um inseto milenar preso no âmbar. E então ela emergiu na superfície, respirando com dificuldade.

— PRUE!

Ela ouviu o grito de Curtis.

A menina estava com dificuldades para encher os pulmões de ar. Todo o seu corpo queimava com uma dor aguda e fria. Soluçou; depois se engasgou.

— Aqui! — gritou Curtis.

Ela nadou desesperadamente na direção da origem do som.

— Não consigo ver nada!

— Aqui! Siga minha voz!

Remando desesperadamente, uma de suas braçadas fez contato com uma pedra dura. Ela sentiu a mão de Curtis agarrar a dela, e Prue foi puxada para a margem do reservatório. Água escorria de seu cabelo; sua pele levava milhões de ferroadas de frio glacial. Ela foi assaltada por tremores.

— Septimus! — berrou Curtis, assim que deixou a menina em segurança.

Uma série de barulhos de algo batendo na água podia ser ouvida no meio da câmara.

— Socorro! — gritou o rato. — O lampião!

Curtis mergulhou novamente no reservatório. Ele reapareceu, gaguejando, alguns minutos depois. Septimus estava agarrado às suas costas, cuspindo água sem parar. A corda ainda estava amarrada à sua barriga e o lampião continuava preso às suas patas, embora estivesse agora totalmente apagado.

Os três, vítimas do ar subterrâneo gelado, sucumbiram a um tremor violento e começaram a juntar seus corpos para aproveitar todo o calor que pudessem criar. Com dedos trêmulos, Curtis abriu a portinhola do lampião e passou a mão no pavio encharcado. Prue pegou a bolsa de algodão encerado que tinha mantido a caixa de fósforos seca. Ela entregou a caixa a Curtis, e

ele, com alguma dificuldade, conseguiu acender um dos palitos. O pavio do lampião, no entanto, estava desesperançosamente encharcado.

— Aqui — disse Prue —, deixe-me tentar.

Ela segurou o lampião e, tirando uma pequena lata de querosene da mochila, tirou toda a água que tinha se juntado no lampião ao cair no tanque. Preenchendo-o com querosene, ela encharcou o pavio e levou um palito de fósforo aceso até o pano. Para seu alívio, ele pegou fogo; uma onda calorosa de luz veio de dentro do vidro.

Nessa cadência breve e cintilante da luz, a caverna onde eles estavam lhes foi revelada: as paredes, tijolos e pedras cobertos com camadas de anos de líquen, se erguiam do reservatório escuro até um topo arqueado, onde um buraco considerável — aquele de onde eles caíram — tinha sido aberto. Uma coisa ficou imediatamente clara: a câmara fora construída por mãos humanas... ou patas de animais. Os três seguiram o brilho do lampião enquanto revelava mais pedaços do ambiente; ele iluminava, num mosaico lento, as paredes de tijolos de um século esquecido, construídas pelas mãos de pedreiros esquecidos, antes de chegar a uma porta em forma de arco a poucos metros de onde eles estavam.




# CAPÍTULO 15

## *Um Lugar de Salvação e Consolo*

A vitrola foi desenterrada da tumba no armário do corredor; as caixas de som, resgatadas de seu período no purgatório como mesas de apoio, foram viradas para a sala. Um LP favorito, *All-time favorite two-steps*, de Betty Wells, foi encontrado no armário e colocado, girando, sobre a bandeja. Os tons solitários de uma única guitarra havaiana gemiam, e Joffrey Unthank segurava Desdêmona Mudrak pela mão e a girava, de forma amorosa, até o centro do escritório.

— O que é isso? — perguntou uma Desdêmona surpresa, que tinha acabado de voltar do dormitório das meninas a fim de relatar que o mapa que Unthank procurava não estava, na verdade, no armário da cama número 23. Ela havia esperado uma ira absoluta e recebeu música country.

— Docinho — arrulhou Unthank —, apenas siga meus movimentos.

Passo. Passo. E passo para trás. Passo. Passo...

— Sim, conheço essa dança — disse Desdêmona. Ela havia interpretado Annie Oakley numa biografia ucraniana filmada em Odessa; o elenco aprendera os passos com um expatriado americano. — Mas minha pergunta é por quê.

Seu namorado por 13 anos a olhou diretamente nos olhos e falou:

— Eu consegui.

Os olhos de Desdêmona se arregalaram. Ela quase pisou no dedão dele enquanto se arrastavam pela sala.

— As meninas voltaram? — perguntou ela.

— Não, não, não — disse ele. — Tudo aquilo... aquilo ficou para trás agora. Acabou. Aquilo é passado.

— E então qual é o futuro? — perguntou ela, observando-o cautelosamente.

— Isso.

Sem nunca perder o ritmo, ele conduziu a marcha da dança até a mesa, onde o projeto da Engrenagem Möbius estava aberto. Desdêmona mal teve a chance de olhar para aquela coisa, com rabiscos que lembravam hieróglifos e diagramas enigmáticos, antes de Unthank a levar num giro digno de um pretzel, que a deixou no outro lado da sala.

— O que é aquela coisa? — perguntou ela, recuperando o fôlego.

— Não sei — respondeu Unthank animadamente. — Mas vou produzi-la.

— Querido — começou Desdêmona, em tom de repreensão —, estou muito confusa.

— Não se preocupe, docinho — disse Unthank. — Na verdade, quando estivermos vivendo dos frutos da terra, não haverá nenhuma preocupação em seu nome. Eu deveria especificar: vivendo dos frutos da Floresta Impassável, na verdade.

— O que é isso? O que aconteceu?

Ele a girou para os dois ficarem virados na mesma direção; eles dançaram em volta da cadeira de dentista no meio da sala.

— Vamos apenas dizer que recebi uma visita do fantasma do Natal futuro. E teremos nossas meias cheias no próximo ano.

— Ainda não estou entendendo.

— Docinho, daqui a dois meses, estaremos vivendo na alta roda. O velho Wigman estará implorando por favores meus quando todas as cartas forem dadas.

— Pare com as metáforas! — gritou Desdêmona.

Unthank sorriu.

— Esse sujeito, esse sujeito que quer que eu produza aquela engrenagem ali vai me levar à Floresta Impassável. Não apenas me levar, mas ele vai me oferecer o controle do lugar. Até onde sei. E então: chega dessa oficina triste, chega dessas crianças chorosas, chega de pais queixosos. Será tudo vinho e rosas, champanhe na torneira. Uma bela vida, metaforicamente falando.

Desdêmona tentou mostrar um sorriso.

— E estúdio de cinema? E quanto a estúdio de cinema?

— Ah! Dessie, docinho, você será a rainha desse lugar. Você não vai mais precisar fazer aqueles filmes bobos. Diretores condescendentes, produtores cheios de privilégios. Quem precisa deles? E aquela velha e suja Los Angeles? Isso não é bom o suficiente para você, docinho. Na Floresta Impassável você estará muito ocupada comendo caviar numa folha de palmeira. Ou algo assim.

A música ainda estava tocando; Desdêmona fincou os pés no chão e parou a dança.

— Filmes bobos? Diretores condescendentes? Los Angeles suja? Joffrey, isso é a minha alma.

— Escute, eu...

— Não, você escuta o que vou dizer. Eu não ligo nem um pouco para Floresta Impassável. Isso não é nada. É só terra. E árvores. Eu venho, durante esses anos, escutando seus gritos sobre entrar nesse lugar, porque acho que é o seu hobby e todo homem deve ter hobby. Boris Nudnink, grande ator ucraniano, ele tinha hobby: construir réplica de monumentos da época da União Soviética com Lego. É bobo, não? Mas quem somos nós para julgar? Isso lhe faz bem. É assim que vejo sua Floresta Impassável. Estátua do Sputnik em Lego. Mas eu entro no jogo e carrego unidades de recepção-transmissão e me asseguro de que as meninas e meninos não fujam. Isso é o que eu faço por seu hobby.

Unthank emudecera; ele escutava a bronca com a obediência de um cachorrinho de madame. A música prosseguia ao fundo.

Desdêmona continuou:

— Tudo na esperança de que um dia você vá cumprir promessa, promessa que você fez 13 anos atrás quando eu o conheci. Desdêmona, você diz, um dia vou deixar esse negócio de construir peças para trás e nós viveremos em Los Angeles. Vou fazer estúdio de cinema lá e juntos produziremos grandes filmes, grandes filmes americanos. Como Scorsese e Tarantino e Bay. Eu vou produzir, e você vai estrelar, você diz. Em Los Angeles. Não Portland. Não essa Zona Industrial. E *não* Floresta Impassável. Essa é a promessa que você faz.

— Eu sei, querida, mas apenas pensei...

— Não, esse é seu problema. Você não pensa. Apenas por você mesmo.

E, com isso, ela deu meia-volta e saiu da sala, deixando um perfume de lavanda pairando no ar.

Betty Wells estava cantando saudosamente sobre um caubói do Texas quando Joffrey Unthank, tirando a agulha de cima do disco, a interrompeu no

meio da frase. As caixas de som produziram um pequeno chiado. Enfiando as mãos nos bolsos da calça, ele caminhou até sua mesa e, parado diante dela, começou a olhar para o projeto da Engrenagem. Como um compositor escutando a música de sua partitura sem tocar em nenhum instrumento, Joffrey permitiu que o projeto ganhasse vida em sua mente: os pequenos mecanismos giravam em volta do eixo num movimento fluido e silencioso, transformando a escrita azul-acinzentada numa corrente em torno da engrenagem giratória. Ele já tinha esquecido as palavras de Desdêmona; a mente estava mergulhada fundo no mundo da mecânica das peças, onde nenhuma distração trivial teria a oportunidade de desviá-lo de sua tarefa.



Quando Elsie, Rachel e Martha desceram de junto das árvores e se aproximaram da multidão de crianças perambulando pelo jardim da casa, uma espécie de silêncio tomou conta delas. Era um silêncio de resignação, de rendição. Elas viram as etiquetas amarelas nas orelhas das três meninas; não havia necessidade de explicar o motivo de estarem ali. Para Martha, os rostos das crianças eram como uma enxurrada de velhas memórias: lá estava o rechonchudo Carl Rehnquist, batendo a poeira de um tapete. E Cynthia Schmidt, ruiva e espinhenta; ela carregava lenha de uma pilha e a armazenava de forma organizada perto da casa. Dale Turner, sempre calado como um camundongo, estava lendo um livro na varanda, enquanto duas meninas, Louise Embersol e Sattie Keenan, olhavam por cima do ombro. As crianças todas murmuraram olás para as recém-chegadas enquanto elas entravam, como num transe, no jardim antes de voltar às suas tarefas.

A casa em si parecia ser tão velha quanto as próprias montanhas; era em grande parte feita de troncos cortados de forma tosca que, posicionados um

em cima do outro, se apoiavam numa fundação de pedras tiradas do rio. A madeira estava profundamente manchada pelo tempo e pelo clima. O telhado inclinado, telhas de cedro sob uma camada de neve brilhante, se elevava até uma cumeeira alta que ostentava um galo de cobre como cata-vento, com sua antiga pátina esverdeada. Uma varanda larga dava abrigo a alguns bancos e a um balde de lavar roupa.

Como se fossem mudas, as três meninas não disseram nada ao se aproximar da casa. Finalmente, Martha quebrou o silêncio: ela viu um garoto sair pela porta da frente do chalé, carregando um balde cheio do que parecia ser sobras da cozinha.

— Michael! — gritou ela.

O garoto, de pele escura e usando uma bandana vermelha em volta do pescoço, mostrou um largo sorriso ao vê-la.

— Martha! — respondeu ele.

Ele botou o balde no chão. Martha correu para cumprimentá-lo; eles se abraçaram demoradamente antes de se separar.

— Como você... — gaguejou Martha. — O que você...

O garoto estava pronto para responder quando de repente o vale ganhou vida com latidos de cães; a matilha ensandecida, que tinha passado pelas três meninas, veio descendo a ladeira a galope e entrou no jardim. Assim que entraram em contato com as crianças trabalhando, o bando se separou e as crianças foram forçadas a largar os instrumentos de suas tarefas para satisfazer os caprichos dos caninos, que latiam e babavam alegremente. O pug que Elsie tinha acariciado brevemente veio correndo até a sua perna; ela ajoelhou e começou a coçar a parte inferior de seu pescoço, e ele deixou sua língua ficar pendurada no canto da boca com prazer. Rachel se encolheu e juntou as mãos defensivamente sobre o peito.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Martha ao garoto, Michael.



Um golden retriever se pôs a deitar de lado perto deles, e Michael obedientemente aceitou o convite para acariciar seus pelos amarelo-escuros.

— É aqui que vivemos agora, Martha — disse o garoto.

— O quê? Esse tempo todo?

— Esse tempo todo — confirmou Michael.

— Mas você foi tornado Inadotável há, sei lá, três anos!

— Passou esse tempo todo? — perguntou o garoto, de forma contemplativa, enquanto acariciava a barriga do golden retriever.

— Você vive aqui, nesse chalé?

— Nós todos, Martha. Nós todos vivemos aqui. Esse é o nosso lar.

Martha permaneceu confusa.

— Vocês, tipo, o construíram?

— Não, nós o encontramos — esclareceu Michael. Ele olhou para Elsie e Rachel calorosamente. — Exatamente como você. E vejo que você trouxe algumas amigas.

— Ah, sim — respondeu Martha. — Essas são Elsie e Rachel Mehlberg. Elas ficaram lá apenas por uma semana antes de se tornarem Inadotáveis.

As crianças todas murmuraram olás umas para as outras. Michael voltou seu olhar caloroso para Martha.

— Martha Song — disse ele —, eu estava me perguntando quando você apareceria aqui. Quero dizer, sem querer ser cruel... sei que é um pouco difícil a princípio... mas eu desejava que você fosse considerada Inadotável logo. Eu meio que senti a sua falta.

Martha sorriu.

— Sim, senti sua falta também, Michael. — Ela se virou para Elsie e Rachel. — Michael e eu fomos parar no Lar Unthank mais ou menos na

mesma época; somos muito próximos desde que éramos pequenos. — Olhando novamente para o garoto: — Fiquei de coração partido quando você foi embora. Chorei por, sei lá, três dias seguidos.

— Eu sei, Martha — disse ele. — É tão bom ver você novamente.

Martha estudou o garoto por um instante antes de dizer:

— Você não parece nem um pouco diferente. Quero dizer, nem um pouquinho mesmo.

Michael apenas sorriu. Virando para Elsie e Rachel, ele disse:

— Vocês precisam conhecer Carol.

— Quem é Carol? — perguntou Martha.

— Ele é meio que nosso pai por aqui. O patriarca da nossa grande ninhada. — Michael se levantou e, abrindo a porta de tela do chalé, gritou o nome do homem. — Temos mais alguns membros da família para acolher aqui no vale!

Enquanto esperavam o homem, Martha encheu Michael de perguntas. Ela, como Elsie e Rachel, estava se sentindo profundamente desconcertada depois dos acontecimentos da tarde.

— Quando cheguei aqui — contava o garoto —, fiquei tão assustado quanto vocês estão. Acreditem em mim. Todos nós, é sempre a mesma coisa. Unthank me fez beber um tônico rosa esquisito. Aquilo me deixou tão enjoado! Assim que entrei no bosque comecei a, tipo, vomitar sem parar. Mas, quando me recuperei, comecei a vagar por aí. Eu estava determinado a conseguir minha liberdade... eu conhecia alguns garotos na cidade que estariam dispostos a me receber, e nem preciso dizer que estava realmente animado com a possibilidade de ser libertado daquela terrível oficina. Mas descobri, como todos os outros, que em algum lugar do caminho eu tinha perdido o barbante que Unthank me dera. E, por mais que andasse sem rumo, eu sempre parecia voltar ao mesmo lugar. Comecei a ficar realmente

assustado; estava claro que eu tinha ficado preso em algum tipo de labirinto. Então, ao invés de tentar *sair*, eu apenas concentrei minha mente e comecei a *entrar*. Essa é a única forma que tenho para descrever aquilo. E acabei chegando aqui, a essa casa. Havia talvez algumas outras crianças aqui... Unthank tinha acabado de começar com aquela coisa toda de Inadotáveis alguns meses antes... e um monte de cachorros.

— Sim... qual é a desses cachorros? — perguntou Rachel, os braços ainda defensivamente cruzados.

Um labrador preto estava tentando lamber seu cotovelo.

— São cachorros perdidos, que fugiram. Esse lugar é uma espécie de refúgio para cães e gatos que saíram de seus lares e entraram na Floresta Impassável. Quase todo mês aparece um novo.

— Uau — murmurou Elsie. Ela olhou para a irmã. — Será que Fortinbras está aqui?

Aquele era o nome do gato de estimação delas; ele tinha desaparecido no último verão.

— Você pode procurar. Não prometo nada. De qualquer forma — continuou Michael —, Carol esteve aqui o tempo todo. Ele tinha chegado anos antes, encontrou essa casa e cuidou dela. Ele nos acolheu, todos os órfãos perdidos, e criou um verdadeiro lar para nós aqui. Um lar melhor do que já tive no Exterior, isso com certeza.

Uma voz, calorosa e rouca, veio de dentro da casa:

— Quem está contando histórias sobre mim, hein?

Michael, ao ouvir a voz, ficou radiante.

— Aqui está ele.

A porta de tela se abriu; um homem velho e grisalho apareceu no lado de dentro. Uma menina estava parada ao seu lado e o ajudou a caminhar até a varanda.

— Quem está aqui, Michael? — perguntou o velho. — Quem veio se juntar à nossa família?

O rosto do homem era pálido e pintado com manchas da idade; rugas profundas marcavam a testa e as bochechas e criavam bolsas que pareciam calhas debaixo dos olhos. Foram seus olhos, na verdade, que chamaram a atenção de Elsie. Eles pareciam estar fixos logo atrás da cabeça das meninas, apesar de seu corpo estar virado na direção delas. Numa inspeção mais cuidadosa, seus olhos pareciam leitosos e sem vida, como os olhos revirados de uma boneca. Ela viu a menina ao seu lado guiá-lo até o meio da varanda até que os pés estivessem plantados firmemente nas tábuas de madeira. Sua mão tateou o ar, hesitante, até encontrar o ombro de Michael, onde ela parou.

— Ele é cego! — exclamou Elsie, sem perceber.

Em outras circunstâncias, Rachel teria mandado sua irmã se calar por ser mal-educada, mas ela também estava cativada com a aparência do velho.

O homem riu da observação.

— Sim, mas quem precisa de olhos quando se tem 35 pares à sua disposição, não é mesmo? Esses... — Então balançou o braço para apontar para as crianças no jardim. — Esses são os meus olhos.

Os dois olhos descansando em suas órbitas se moveram um pouco enquanto ele falava, parecendo se cruzar sobre a cabeça das três meninas. Elsie percebeu que eles eram feitos de madeira; duas íris azuis tinham sido pintadas, de forma um tanto grosseira, em suas superfícies polidas.

— Mas eu não me apresentei — disse o homem. — Meu nome é Carol. Carol Grod. E eu lhes dou as boas-vindas, abandonados e náufragos, à nossa pequena família. — Ele se virou para ficar de frente para Michael. — Quantos temos aqui?

— Três, Carol — respondeu Michael. — Três meninas. Uma delas eu conheço muito bem. Éramos amigos quando estávamos no Exterior. Seu

nome é Martha. E essas são Elsie e Rachel.

— Opa! — exclamou o homem. — Três! Essa foi uma excelente colheita. O velho Unthank deve ter ficado ocupado com vocês. — Dois cachorros, um collie e um pastor alemão, vieram correndo até perto do velho e latiam para ele alegremente. Tirando a mão do ombro de Michael, ele fez um afago carinhoso em cada um deles. Um gato com listras laranja no parapeito da varanda saltou para longe dos cachorros reunidos. — Cheguem mais perto, vocês três — disse ele. — Deixem-me vê-las.

Obedecendo ao comando, Elsie, Rachel e Martha se aproximaram; o velho levantou a mão que estava acariciando o cachorro e tocou os rostos de cada uma delas em sequência. Quando chegou ao de Elsie, ele parou. Sua testa se franziu levemente.

— Quem é essa aqui? — perguntou ele.

— Sou Elsie — respondeu ela.

Suas sobrancelhas se levantaram, a palma da mão ainda repousando na bochecha da menina.

— Elsie, não? Que lindo nome. E qual é a sua irmã?

— Ela está bem aqui ao meu lado — respondeu Elsie.

Ele tirou a mão do rosto de Elsie e a deixou encostar delicadamente na bochecha de Rachel. Sua testa pareceu se franzir um pouco com uma avaliação mais profunda.

— Elsie e Rachel — falou ele, a voz um ronronar baixinho.

— Há alguma coisa errada, Carol? — perguntou Michael.

O comportamento do velho mudou abruptamente.

— Não, não — respondeu ele, a mão se levantando do rosto de Rachel. — Absolutamente nada. — Ele bateu carinhosamente no ombro de Rachel. — É um prazer conhecer as três. E bem-vindas à família. Quaisquer infortúnios que tenham ocorrido a nós em nosso passado são esquecidos aqui; esse é um

lugar de salvação e consolo. Vocês podem ser felizes aqui. Venham — disse, apontando para a porta aberta do chalé. — Entrem e lhes mostraremos o lugar. Sandra fez um ensopado de lentilha; vocês devem estar famintas.

E, para falar a verdade, elas estavam. Muito mesmo.



Assim que terminaram de comer o substancial ensopado de vegetais (Elsie não tinha parado até a última gota ser removida da tigela com a ajuda de um pedaço esponjoso de pão italiano), as três meninas recostaram em suas cadeiras, se deliciando com a sensação de fome saciada. Carol tinha se sentado com elas, meramente rindo dos sons que elas faziam ao comer.

— É bom ouvir pessoas comendo com gosto — disse ele.

Depois que a mesa foi limpa, Carol pediu seu cachimbo, que foi obedientemente trazido por um menino que recolhia restos de vegetais para adubar a terra. Enquanto o enchia com fumo, ele se virou na direção das três recém-chegadas.

— Então, acho que precisaremos encontrar um trabalho para vocês entre nós — falou ele. — Mas não se preocupem: não as faremos trabalhar como vocês estão acostumadas. Cada um aqui desenvolve sua própria habilidade. Não somos feitores de escravos. Contanto que a casa esteja funcionando adequadamente, todos estão felizes.

Michael, que estava sentado ao lado de Martha, se intrometeu na conversa com orgulho:

— Isso realmente funciona — disse ele. — Ninguém tem incentivo para ser preguiçoso. Nós todos contribuímos com o que fazemos melhor, o que quer que seja.

— Sandra faz um ótimo ensopado — falou Carol. — É uma verdadeira

paixão dela. Ela tem um dom para isso. Da mesma forma, Cynthia é uma pintora maravilhosa, aquela ali. Ela é responsável por providenciar as obras de arte que vocês veem pela casa.

Elsie, lambendo os beiços para aproveitar as últimas gotas do delicioso ensopado, inspecionou as paredes da casa; de fato, cada uma era coberta com paisagens pintadas a óleo sobre tela, as molduras improvisadas com galhos de árvores.



— Michael, Peter e Cynthia são habilidosos com armadilhas, então eles saem à noite e no início da manhã para rastrear animais para o jantar. E o jovem Miles é um maravilhoso contador de histórias; ele consegue colocar os mais novos na cama cedo.

Carol deu uma baforada em seu cachimbo, deixando pequenas nuvens de

fumaça subirem até os caibros do chalé.

— Tudo isso se encaixa muito bem; somos uma família trabalhadora — disse Michael, arrancando um naco de pão. Duas meninas mais novas estavam lavando a louça na pia; elas cantavam enquanto trabalhavam, e suas vozes agudas e melodiosas soavam pela casa. — Estamos satisfeitos aqui.

Então ele colocou a mão no bolso e tirou um pequeno cachimbo de barro e, pegando emprestado um pouco de tabaco da algibeira de Carol, o encheu e começou a fumar. Isso foi visto com espanto pelas recém-chegadas. Michael notou suas reações com orgulho.

Martha foi a primeira a comentar:

— O que você está fazendo?

Michael apenas deu de ombros.

— Podemos fazer o que quisermos aqui. Sem pais para nos perturbar com o que deveríamos ou não deveríamos fazer. É um sonho!

Ele deu uma baforada em seu cachimbo, soltando anéis de fumaça no ar.

Rachel, que tinha ficado em silêncio depois de comer sua porção, finalmente se manifestou.

— Mas o que é esse lugar? — perguntou ela. — Por que vocês todos estão aqui? Por que nós estamos aqui?

Virando o corpo para ficar de frente para Rachel, Carol recostou na cadeira. Ela produziu um rangido doloroso.

— Essa é a Periferia, querida — disse ele. — Uma magia milenar lançada sobre as árvores pelos velhos Místicos. Ela foi criada para manter gente como você e eu *do lado de fora*. E é melhor você se acostumar a isso, porque estamos presos aqui.

Martha deixou a colher cair de seus dedos sobre a mesa. Ela se desculpou pelo barulho antes de dizer:

— Você disse o quê? Magia?

Carol tragou novamente o cachimbo algumas vezes antes de falar:

— Isso mesmo. Só posso lhe contar o que sei. E sei o seguinte: quando foi decidido, há alguns séculos, que o Bosque e o Exterior não podiam mais viver em harmonia pacífica, um feitiço de confinamento foi lançado sobre a linha de árvores que cerca o Bosque; dessa forma, todo Forasteiro, quando tentasse entrar, ficaria preso num verdadeiro labirinto de árvores. Cada curva se pareceria com a última, cada pedaço de terra se duplicaria infinitamente. Além disso, o próprio tempo fica parado e, apesar de o sol se pôr e a lua se erguer, e fazer isso em padrões próprios, os dias nunca passam para o seguinte.

Michael sorriu para Martha quando essa última parte foi dita.

— Entendeu? — perguntou ele. — Nunca envelhecemos.

As três meninas ficaram mudas tentando compreender tudo aquilo.

— Isso é loucura — disse Rachel.

— É mesmo — respondeu Carol. — É como se estivéssemos todos simplesmente suspensos no tempo aqui. Nunca sentindo a devastação das mudanças de estação.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou Martha.

— Ah, anos, imagino. Apesar de que, quando os efeitos do tempo não têm nenhuma influência, as pessoas param de dar tanta atenção à sua passagem.

— Mas como você sabe tanto sobre a... como você chamou... Periferia? E a Floresta Impassável? — arriscou Rachel.

— Tive meu momento — respondeu Carol. — Andei entre eles. O povo do Bosque do Sul. E então fui descartado.

— Bosque do Sul? — perguntou Elsie. — O que é isso?

— E por que você foi descartado?

A última pergunta veio de Rachel.

Carol soltou uma risada rouca e ofegante antes de dar algumas baforadas

em seu cachimbo e continuar:

— Meninas, tantas perguntas. Primeiro, o Bosque do Sul é o lugar populoso onde ficam a Mansão e a sede do governo. Há um mundo inteiro lá. E todo o lugar está florescendo com coisas estranhas e mágicas. Coisas que fariam seus olhos saltar para fora do crânio. De qualquer forma: eu fui chamado. Do Exterior. E quando eles deixaram de precisar de mim, me mandaram embora.

— Eles o mandaram embora? — Essa era Rachel. Ela havia tirado o cabelo do rosto e olhava para o velho com atenção.

Carol grunhiu e mastigou a ponta do cachimbo.

— Sim. Eles me mandaram embora. Não vou entrar nessa história; mas algumas pessoas no Bosque do Sul acham que esse... a Periferia, no caso... é um lugar bom como qualquer outro para jogar fora o lixo velho e usado. Por não ser do Bosque, no caso, tudo o que bastou foi me jogar aqui e então era como se eu estivesse morto para eles.

Michael, com a testa franzida, disparou um olhar para Elsie e Rachel que claramente as desencorajava a ir mais fundo.

— Então é isso — continuou Carol. — Cá estou. Em meu novo lar. No meu purgatório. Mas pelo menos tenho companhia. Deve ter sido há dois anos já, quando o primeiro apareceu. O pequeno Edmund Carter. Eu estava simplesmente sentado na varanda, falando com os cães, que eram minha única companhia e fonte de conversa naquela época, quando ele veio descendo a montanha. Estava vagando havia dias, imagino. Algumas crianças nos acham mais rapidamente do que outras. Eu o acolhi; lhe dei um pouco de comida. Temos crescido como família desde então.

— Mas... — começou Elsie. — Tem que haver uma saída. Não podemos todos ficar presos aqui, para sempre.

— Sim — disse Rachel. — E quanto às pessoas que conseguiram sair...

Unthank falou algo sobre elas. Sobreviventes da Floresta Impassável, foi como ele as chamou.

— Bem — começou Carol, se mexendo em sua cadeira —, nunca ouvi falar disso. Poderia ser um mito. Lenda. Poderia ser verdade, no entanto, imagino. Apesar de termos gasto muito tempo procurando uma saída e todos aqui sermos testemunhas de que isso não necessariamente funcionou, se você me entende.

Michael se intrometeu:

— E estamos felizes aqui. Vocês também vão acabar vendo as coisas dessa forma. Nenhuma regra. Você faz o que gosta. Dorme o dia inteiro se é isso que quer. Fica acordado até tarde. Conta piadas indecentes!

Como se quisesse exemplificar a ideia, Michael soltou um palavrão, sem motivo algum, que fez o rosto de Elsie ficar roxo de vergonha.

Carol riu.

— Sim, eu não me empolgo muito com a ideia de nos mudarmos a essa altura. Temos uma coisa boa aqui. No Exterior, eu era um recluso. No Bosque, entre aquelas pessoas estranhas, fui excluído. Aqui, sou um pai para um bando cada vez maior de boas crianças, todas elas precisando de um lugar para viver e alguns companheiros para chamar de família.

Elsie, com o canto do olho, viu Martha balançar a cabeça lentamente em concordância. Rachel também tinha visto aquilo; ela se manifestou:

— Você quer dizer que vocês todos vão ficar aqui? Simplesmente isso?

Michael deu de ombros.

— Como se tivéssemos escolha.

Seu cachimbo estava soltando fios preguiçosos de fumaça contorcida no ar.

Rachel soltou uma gargalhada.

— Vocês são loucos — disse ela. Elsie olhou para a irmã com uma

expressão séria. — E quanto a esse mundo mágico? Tudo isso aqui, na F. I.?

— É verdade — respondeu Michael.

— Eu acho que é tudo baboseira — falou Rachel.

— Por que você acha que está presa aqui? — Esse era Carol, que encarava Rachel de uma forma que poderia ser descrita como “atenta”, se fosse possível que um homem cego fizesse aquilo. Em sua cabeça, os olhos de madeira oscilaram de forma vagarosa quando ele se virou.

— Não sei — respondeu Rachel. — Estou aqui há pouco tempo. Mas tem que existir uma saída.

— Não há saída — disse Michael. — *Nós* sabemos.

— Sim — concordou Martha, se intrometendo. — Estou inclinada a acreditar neles.

Então ela colocou a mão no bolso traseiro da calça e tirou um pedaço grande de papel que tinha dobrado até se tornar um pequeno quadrado. Cuidadosamente, ela começou a abri-lo, revelando um grande mapa desenhado à mão. O primeiro canto a surgir tinha algumas palavras escritas à mão: “Floresta Impassável, conjectura”.

— Esse é o mapa do escritório de Unthank! — exclamou Rachel.

— Aham — falou Martha. — Eu o roubei.

Ela olhou para todas as pessoas presentes com orgulho.

— Michael — disse Carol —, o que é isso? O que a menina trouxe?

— É um mapa — respondeu Michael; mais da surpresa de Martha estava sendo revelada. — É... o Bosque, isso mesmo. Tem a mansão, exatamente como você disse. E lá está uma grande árvore desenhada na parte norte.

— Viu? — falou Elsie para sua irmã. — Ele sabe do que está falando. — Ela esticou a mão sobre a mesa e tocou um dos velhos dedos de Carol. Sentia uma suspeita arraigada, que estava havia muito tempo guardada, se juntando em seu estômago, como se algo que ela sempre soubera ser verdade estivesse

finalmente se revelando para ela. Além do mais, ela sabia que havia uma pista para o desaparecimento do seu irmão bem lá no fundo da história de Carol. — Fale mais sobre esse lugar.

Carol sorriu. Ele virou o restante das cinzas do cachimbo em sua mão, espalhou tudo sobre as tábuas nodosas do chão e falou. Ele contou às meninas sobre o Bosque, sobre o Bosque Selvagem e os Bosques do Norte e do Sul. Sobre os animais e humanos vivendo juntos. Sobre os Místicos. Ele lhes contou o que sabia, o que era limitado, mas, mesmo assim, foi o suficiente para perturbar a visão de mundo combinada das três meninas de tal forma que elas nunca o veriam com os mesmos olhos novamente.



# CAPÍTULO 16

## *Sob o Bosque Selvagem*

Para Curtis, aquilo era igual a uma cobra enrolada. Prue discordava; ela disse que parecia algo aborígene. Curtis perguntou o que "aborígene" significava, e Prue disse que tinha algo a ver com a Austrália. O povo nativo de lá. Curtis respondeu de forma sucinta que ele *sabia* o que aborígene *significava*, mas queria saber o que diabos alguma coisa aborígene estaria fazendo no meio do Noroeste Pacífico, ao que Prue respondeu que havia muitas coisas mais estranhas acontecendo em volta deles — *muito* mais estranhas — e que desistira de tentar compreender como e por que as coisas aconteciam nesse lugar. Curtis não tinha uma resposta para essa observação. Uma coisa era certa: a forma que estava entalhada na pedra angular do arco alto do túnel fora indubitavelmente feita por *alguém*.

— Estou captando uma verdadeira vibração "cobras adiante" daquilo —

sugeriu Septimus, tremendo.

A forma era uma espiral simples, entalhada na rocha. Debaixo do arco, um túnel, que tinha a altura de talvez dois homens muito altos, se estendia até além de seu campo de visão na escuridão.

— Não tenho certeza — respondeu Prue. — Pra mim parece o tipo de coisa que significa algo como o círculo da vida. Coisas assim.

— Fico imaginando quem fez — divagou Curtis.

— Provavelmente pode continuar imaginando. Parece estar aqui há muito tempo, independente de quem o tenha entalhado — falou Prue.

— Pelo menos sabemos que alguém veio aqui embaixo. Deve haver um caminho para a superfície.

Curtis, junto à luz do lampião, tinha tirado as meias e se ocupava em torcê-las para se livrar de toda a água gelada.

— Com certeza — disse Prue. — Mas, tendo a escolha, é lá que queremos estar nesse exato momento?

Curtis olhou para sua amiga friamente.

— Você pode estar certa.

— Mesmo se Darla não tiver sobrevivido à queda, como vamos saber se não há mais delas, essas raposas, lá fora. Não sei muito bem como vamos encontrar os criadores e reanimar Alexei, aqui embaixo.

— Esse ainda é o objetivo, então?

— Claro que ainda é o objetivo — respondeu Prue.

Curtis trocou um olhar com Septimus antes de dizer:

— E quanto aos bandidos? Precisamos descobrir o que aconteceu com eles.

Pequenos riachos de água estavam se derramando do tecido de suas meias; seus pés descalços tinham a cor e a textura de um dos fetos de porco que ocupavam as estantes do laboratório de ciências da escola deles.

— Além disso — acrescentou Septimus —, nós quase morremos. Duas vezes. Às vezes isso pode, vocês sabem, nos fazer rever nossas prioridades.

— Duas vezes? — perguntou Curtis.

— Estou contando o ataque da mulher-raposa como uma. Então a queda.

— Entendi — disse Curtis, antes de complementar: — Embora eu tenda a achar que o episódio inteiro foi um grande ato de fuga da morte.

Prue, irritada, se dirigiu aos dois:

— Bem, não fez. Rever minhas prioridades — falou ela.

— Todo o acampamento foi destruído, Prue — argumentou Curtis. — É uma espécie de milagre termos sobrevivido à queda. Quero dizer, até onde sei, Septimus e eu somos os últimos Bandidos do Bosque Selvagem que sobraram. Temos uma dívida para com o resto do bando a fim de descobrir o que aconteceu.

Prue parecia estar preparada para a objeção de Curtis.

— Tenho uma impressão bem forte de que a árvore sabia disso o tempo todo. Estou achando que, de alguma forma, reanimar Alexei vai servir para ajudar todo mundo. Inclusive os bandidos. Quero dizer, pensem nisso. Caímos na Longa Fenda, o que certamente não era parte do nosso plano, e acabamos encontrando esse túnel... o menino me disse “você tem que ir para baixo para chegar em cima”. Juro! Estou citando as palavras dele.

— Foi o que você disse.

— E a árvore... ou o menino... também disse que precisamos reanimar o verdadeiro herdeiro para salvar as nossas vidas e as vidas dos nossos amigos. Independentemente de como seja, acredito que o significado seja muito claro. Isso é o que *temos* que fazer.

— Você é o oráculo aqui. É você que escuta as vozes dentro da cabeça.

Prue ignorou essa pequena provocação. Ela passava os dedos pelos cabelos, espremendo a água das mechas molhadas e pensando.

— É só que não está totalmente claro como fazemos isso, andar no mundo subterrâneo. Quero dizer, claramente será difícil fazer o que a árvore quer que façamos em nossas, você sabe, circunstâncias atuais. O Bosque do Sul fica muito distante. E quem sabe quantos desses assassinos estão à solta? Uma coisa é certa: estamos mais seguros aqui embaixo, escondidos, no mundo subterrâneo.

— Ou na superfície — disse Curtis. Seu rosto tinha se iluminado. — Escute o que vou dizer: se as coisas estão realmente como estão no Bosque do Sul, todos tomados por um frenesi patriótico por isso e por aquilo, e sabemos que *alguém* numa posição importante no esquema nos quer mortos... você não acha que estar onde todos possam nos ver pode ser mais seguro que ficar escondido em algum buraco anônimo onde podemos ser despachados sem ninguém saber disso? Quero dizer, sei que fiz piada sobre isso, mas você é a Donzela da Bicicleta. Você é uma espécie de mascote da revolução. Então, quem sabe, não? Você aparece, e todo mundo faz das tripas coração para agradá-la e se assegurar de que você, e espero que eu também, fique em segurança.

— E é assim que chegamos a Alexei e começamos a procurar os criadores — falou Prue.

— Temos que lhes contar o que aconteceu conosco, com os bandidos — acrescentou Curtis. — Alguém tem que nos ajudar.

Septimus se intrometeu:

— Nós não temos ainda um emissário lá? Brendan enviou Angus não faz muito tempo. Ele ainda deve estar na área.

Prue balançou a cabeça.

— Talvez esse seja o melhor caminho. — Ela parou e olhou para as paredes cobertas de líquen da câmara, sua cor verde quase neon na luz do lampião. O vazio além do arco era assustador para ela. — Se imaginarmos

que, de alguma forma, vamos conseguir sair daqui. Isso é tão provável quanto esse túnel nos levar a um beco sem saída. Embora... eu me lembre... — Então ela começou a morder uma unha que a incomodava, tentando invocar uma memória do último outono. — Penny, a camareira da Mansão. Quando me ajudou a fugir, quando fui me encontrar com o Corujão Rei, ela me levou por alguns túneis malucos. Acho que ela disse algo a respeito de estarem lá antes mesmo de a Mansão ter sido construída. Talvez eles se estendam por todo o Bosque!

— Talvez seja assim.

Curtis, tendo torcido o máximo que conseguiu da água de suas meias de lã, se encolheu quando as vestiu novamente nos pés. Tendo acabado, calçou novamente as botas e se levantou agilmente. Ele fazia pequenos barulhos de esguicho enquanto pulava de um pé para o outro.

— Quase lá — disse ele. — Vocês estão prontos para partir?

Prue testou o tornozelo machucado com alguns passos.

— Acho que sim — respondeu ela.

— Vocês dois vão na frente — sugeriu o rato. — Vocês podem afogar todas as cobras.

Curtis acenou para que Prue passasse; juntos eles cruzaram o arco e entraram no túnel.

A umidade parecia envolvê-los. Mesmo se suas roupas já não estivessem molhadas em contato com a pele, eles teriam sentido o ar, espesso com vapor d’água, os engolindo. Por sorte, ia ficando mais quente à medida que seguiam pelo túnel, mas isso não queria dizer que seu progresso lento se tornava minimamente confortável. Prue tinha que andar com cuidado, o tornozelo ainda dolorido por causa da queda. As paredes do túnel se elevavam bem acima de suas cabeças para chegar ao teto arqueado da altura de uma tabela de basquete. As pedras que formavam a parede pareciam ter sido talhadas

meticulosamente a mão até um formato que poderia ser aproveitado; isso com a ajuda de alguma ferramenta arcaica. Prue ficou se perguntando que tipo de mãos teria feito esse trabalho: a quantidade de tempo para a construção de uma parte pequena do túnel parecia incompreensível para ela. A menina imaginou as criaturas, animais e humanos, trabalhando juntas ao longo de séculos para construir essa única artéria, tão profunda no mundo subterrâneo, a câmara ecoando com os sons de seu trabalho, com os sons de suas canções.

Curtis, enquanto isso, vinha mais recuado com Septimus, olhando para trás de vez em quando para se assegurar de que a inevitável serpente sobre a qual o rato não parava de falar não estava preparando um ataque surpresa. James Earl Jones se transformando horrivelmente numa cobra gigante cheia de dentes no primeiro filme do *Conan* estava marcado em seu cérebro desde que assistira àquilo com o pai quando era mais novo. Ficou imaginando se ficaria tão assustado assim, no entanto, se qualquer espectro que ele imaginasse que se aproximava fosse, na verdade, James Earl Jones, rastejando atrás deles e se transformava num réptil venenoso; Curtis achava que aquilo poderia ser bacana. Especialmente se ele falasse, porque então você poderia ouvir a voz de James Earl Jones na vida real. E, sem perceber, Curtis balbuciava algo em voz alta com sua melhor imitação de James Earl Jones.

— Você falhou comigo pela última vez, Almirante — disse ele.

— O quê? — perguntou Prue, parando imediatamente.

— Eu falei isso? Desculpe.

Ele percebeu que a mente estava vagando, apesar de a reverberação natural do túnel ter concedido uma espécie de autenticidade à sua imitação.

— Vamos lá, acho que estou vendo algo adiante — falou Prue.

O túnel chegava a uma encruzilhada em T, a cerca de 10 metros de onde eles estavam. Um pequeno fio de água pingava de um buraco na alvenaria.

Outra placa fora posicionada na infinita repetição de pedras cinzentas: o agora familiar círculo espiralado. Abaixo dela, os projetistas do túnel tinham posicionado duas placas decoradas, desbotadas com o tempo, uma ao lado da outra. Um círculo estava entalhado em uma; um triângulo na outra. Prue e Curtis estudaram as placas por algum tempo, cada um alternadamente se aproximando e limpando a lama acumulada dos entalhes das pedras.

— Meu palpite é o triângulo — disse Curtis. — Apesar de o círculo também ser terrivelmente tentador.

Prue ficou em silêncio. Ela aproximou o lampião e estudou as duas opções; cada direção da bifurcação parecia idêntica.

— Não imagino que o círculo signifique banheiro, e você? — perguntou Curtis. — Eu deveria ter ido naquele reservatório, mas estava frio demais.

— Você está num sistema de túneis abandonado — argumentou Septimus, tendo alcançado os dois. — Acho que é seguro dizer que o mundo é a sua privada.

Sem falar nada, Prue virou para a esquerda e começou a seguir a artéria do "círculo". Curtis a imitou, com Septimus montado na dragona.

— O que você está fazendo aí? — perguntou Curtis.

— Apenas seguindo um palpite — respondeu Prue.

Eles chegaram a várias outras encruzilhadas; e a direção que escolhiam ficava cada vez mais arbitrária. Algumas vezes, eles chegaram ao fim da linha em uma câmara semelhante àquela em que tinham caído; nesses casos, eles simplesmente davam meia-volta e escolhiam a outra direção. Como não tinham exatamente uma porta de entrada viável — eles tinham caído de um túnel improvisado que vinha do fundo de um poço impossível de escalar — Prue chegara à conclusão de que não importava realmente em que direção eles iam e que não era necessário rastrear seus passos. Tinha dito isso a Curtis e Septimus quando eles estavam sentados numa bifurcação, compartilhando

outro pedaço de carne-seca. O significado escondido ali, decidiu Curtis, era que eles estavam basicamente marchando até ficarem sem comida e morrerem de fome, ou encontrarem uma saída para a superfície; o que viesse primeiro. Aquilo era o suficiente para que calafrios subissem por sua espinha.

Eles continuaram; finalmente, depois de várias horas vagando no labirinto, eles viram que as paredes do túnel pareciam se abrir e uma brisa fresca e vazia repentinamente soprou sobre eles. Levantando o lampião, perceberam que haviam entrado numa enorme câmara, onde não existia teto ou chão visíveis, e o caminho de pedra sobre o qual estavam andando era, na verdade, uma ponte até o outro lado. Para a tristeza de todos, a luz do lampião revelava um vertiginoso cruzamento de pontes idênticas, atravessando o abismo diretamente abaixo deles; o cenário também se repetia para cima. Aquilo fazia Curtis se lembrar dos vídeos que vira no museu de ciências local: os enormes filamentos interligados de tecido que formavam o cérebro humano.

— Caramba! — Curtis ouviu Septimus dizer em seu ombro.

— Apenas... — começou Prue. Ela estava soando desesperada, amedrontada. — Vamos apenas continuar andando.

Como se quisesse enfatizar a seriedade da situação, o estômago de Curtis soltou um pequeno ronco de fome.

— Ignore isso — disse ele.

Eles cruzaram a ponte. Depois de algum tempo, chegaram à outra bifurcação no túnel; os dois lados levavam a lances curtos de escada. Eles pegaram o da esquerda. O túnel se dividiu mais duas vezes antes de eles se verem novamente cruzando um enorme abismo, atravessado por uma enorme quantidade de pontes acima e abaixo deles. Era impossível saber onde estavam em relação à posição anterior — ou, na verdade, se esse era o mesmo abismo que tinham acabado de atravessar há pouco tempo. Prue começava a mancar de forma mais pronunciada.

— Vamos parar — sugeriu Curtis. — Você parece estar sentindo dor.

Prue o ignorou e continuou andando, seguindo cegamente a enormidade de caminhos do sistema de túneis.

— Tem que haver um caminho. — Ele a ouviu sussurrar.

Eles subiram escadarias que pareciam ficar cada vez mais verticais, até perceberem que estavam escalando os apoios para pés em que a escadaria tinha inexplicavelmente se transformado; eles seguiram pontes que estreitavam, em pontos, até menos do que a distância de um passo. Vagaram por túneis que pareciam fazer curvas, se contorcendo de forma impossível em si mesmos; túneis feitos para gigantes de altura extraordinária passarem, mas que então acabavam abruptamente numa porta baixa levando a passagens onde teriam que seguir de quatro. Uma enorme escada em espiral descia até a parede de uma enorme câmara cilíndrica, no fundo da qual ficava uma escada quebrada descendo ainda mais na escuridão abaixo. Em certo ponto, no topo de uma ponte arqueada, eles pararam e comeram. Curtis, enquanto mastigava o último de seus pedaços de maçã, viu Prue começar a cochilar. Encostando seu corpo no dela, ele também caiu num sono profundo. Septimus cutucou os dois para acordá-los algum tempo depois, embora fosse impossível saber quanto tempo tinham dormido; nesse mundo subterrâneo escuro, a passagem do tempo parecia irrelevante.

Eles checaram o restante da comida; tinham talvez mais um dia de sustento. Curtis massageou as têmporas com os dedos. A ideia de sucumbirem nesse labirinto subterrâneo estava se tornando um destino cada vez mais provável. Como ele tinha sido arrastado para tão longe de seus comparsas, os bandidos? Tinha certeza de que havia algo no juramento, feito naquela noite no estranho altar no bosque, que insistia que você deveria permanecer com os companheiros bandidos. Não sair de seu lado — ou alguma coisa nesse sentido. Ele era um bandido havia apenas alguns meses e

já falhara com eles. Brendan, Aisling... todos eles. Sua família.

Ele parou, então. Que família? Aquela não era sua família; Prue estava certa. A família de verdade, ele já havia abandonado. O que seu pai estava fazendo agora? Sua mãe? Imaginou suas duas irmãs, seguindo com a rotina diária sem nem pensar nas circunstâncias desesperadoras em que ele atualmente se encontrava. Mal teve tempo de se lembrar do gorjeio interminável da boneca Intrépida Tina da caçula antes de ver a mão de Prue balançar diante de seu rosto. Ela estava parada na sua frente. Sua expressão vazia, sem emoções.

— Vamos lá — disse ela. — Vamos continuar andando.

Eles não tinham ido longe, talvez uma hora ou duas, até Prue parar abruptamente. Curtis quase lhe deu um encontrão por trás.

— O que foi? — perguntou ele.

— Shhh. Escute.

Curtis prendeu a respiração; o onipresente *pinga pinga* do líquen era a única coisa que escutava.

— Não estou ouvindo...

— Shhh... agora, de novo!

Prue tinha levado o dedo até os lábios e segurava o lampião no alto.

Curtis novamente juntou todas as forças para escutar; dessa vez ouviu algo, por cima dos pingos.

— O que é isso?

Parecia metal arrastando em pedra — mas algo pequeno, como uma chave riscada contra uma parede de tijolos. Na cavidade dos túneis, o som tomava um aspecto terrivelmente ameaçador.

Prue não respondeu; estava muito ocupada olhando fixamente para o espaço adiante. Eles tinham acabado de virar numa bifurcação em Y, pegando a passagem da esquerda, e estavam no meio de uma das mais longas

extensões de túnel por qual já haviam passado. O som parecia vir da escuridão diante deles.

O lampião lançava uma luz fraca sobre o solo à frente; Curtis imaginou uma criatura sobrenatural, cheia de tentáculos e olhos brilhantes, carregando um... o quê?... um machado talvez. Rastejando no chão. Ele tremeu com a imagem. Sentiu um puxão irritante na orelha; Septimus tinha cravado as garras no lóbulo de Curtis e estava agarrado a ele como uma criança apertando um urso de pelúcia.

— Cobra — sussurrou ele. — Eu reconheceria esse som em qualquer lugar.

— Olá? — gritou Prue.

O som parou.

Prue esticou ainda mais o braço com o lampião, seguindo pelo túnel.

Uma voz veio do negrume profundo.

— QUEM VEM LÁ? — falou ela.

Não soava como nenhuma voz que Curtis já tivesse escutado; ela parecia estar enterrada no mundo subterrâneo havia séculos, privada dos raios calorosos do sol; se é que uma voz podia soar como algo assim. Era sombria e grave; ameaçadora.

A voz soou novamente, ecoando nas paredes do túnel:

— INVASORES DO BOSQUE SUBTERRÂNEO, REVELEM SEUS NOMES E SUAS INTENÇÕES. SE FOREM AGENTES DE DENNIS, SEREI FORÇADO A DECAPITÁ-LOS.

Septimus soltou um ganido aterrorizado antes de pular do casaco de Curtis e fugir correndo pela passagem, na direção de onde tinham acabado de vir. Curtis segurou o ombro de Prue com força; em sua mente, isso era muito pior do que James Earl Jones transformado em cobra surgindo do escuro — pelo menos aquilo seria algo que ele conhecia. Mas essa *coisa* parecia estar vindo

do próprio núcleo da terra, seu ser tendo sido forjado no caldeirão das profundezes derretidas.

O som metálico soou novamente, dessa vez como se estivesse bem aos seus pés. Prue girou o lampião ao redor deles, tentando decifrar de onde o som estava vindo.

— Onde está? — sussurrou ela.

— Não sei! — sussurrou Curtis de volta, tremendo.



A voz produziu um suspiro de espanto audível. Parecia que estava vindo de seus pés. Prue abaixou um pouco o lampião, iluminando o chão. Ali, parada

diretamente em frente a eles, estava uma pequena toupeira peluda.

O queixo de Curtis caiu.

— Você disse aquelas coisas? — perguntou ele.

A toupeira, do alto de seus 8 centímetros, apontava o focinho na direção dos dois. Vestia, por mais estranho que fosse, uma espécie de armadura que parecia ser feita de velhas chapinhas de garrafa. Uma espada estava pendurada num cinto em volta da minúscula cintura. Só que não era exatamente uma espada, mas uma agulha de costura vendida no Walgreens.

— DIVINA CONFUSÃO! — gritou a toupeira, com sua voz esquisita e lamentosa. — HABITANTES DO ANDAR DE CIMA!

Curtis e Prue trocaram um olhar confuso.

A toupeira, sem nenhuma insolência, desembainhou sua espada e plantou a ponta na pedra do chão do túnel. Ela então se abaixou sobre um dos joelhos, como um jogador de futebol americano numa meditação antes do jogo, e falou:

— MARAVILHOSOS E SANTOS MORADORES DO ANDAR DE CIMA, SERÁ QUE NOSSA LABUTA FOI ABENÇOADA PELO PANTEÃO DO MUNDO DE CIMA? VOCÊS VIERAM PARA NOS AUXILIAR EM NOSSA LUTA PARA PREVALESCER CONTRA DENNIS, O USURPADOR, E RETOMAR A FORTALEZA DE FANGGG? SERÁ QUE NOSSAS SÚPLICAS À MÃE DO ANDAR DE CIMA FORAM RESPONDIDAS?

Curtis ficou parado por um momento, chocado com o bombardeio de informações e a intensa devoção do pequeno animal. Ele esticou o braço para segurar a mão de Prue na expectativa de que eles, então, compartilhariam um silencioso momento de consulta — achava que aquela lengalenga que a estranha toupeira estava balbuciando carregava alguma importância ameaçadora e que a resposta deles deveria ser cuidadosamente pensada antes

de resolverem se unir a ela. Mas ele não teve uma oportunidade.

Prue, sem um momento de hesitação, disse:

— Sim.

E foi isso.



Na distância enevoada, as cumeeiras do telhado do pagode foram as primeiras coisas que se tornaram visíveis. Elas estavam cobertas com almofadas pesadas de neve, que seguiam o contorno inclinado do telhado. As cabeças de dragão que decoravam as calhas estavam pontilhadas de branco, lhes dando a ilusão de ser barbadas e grisalhas, sábias com o tempo. Ao ver o prédio, a mulher suspirou aliviada. A neve cobria os jardins de areia que o cercavam, escondendo os padrões meticulosos desenhados no cascalho fino pelos monges mais jovens. Um filhote de ganso, limpando a neve do caminho de pedra até o pagode, parou para cumprimentá-la enquanto ela se aproximava. O olhar horrorizado no rosto da ave foi o suficiente para a mulher saber que provavelmente estava com uma aparência terrível; ela se sentia assim, o braço pendurado como um peso morto ao lado do corpo, imobilizado por uma tala remendada que havia feito com galhos de árvore. A perna esquerda doía — um hematoma brilhante que passara, como um camaleão, por todas as cores do espectro grafitava a pele de sua coxa. A bata dashiki estava consideravelmente rasgada, e ela sabia que seu rosto parecia desfigurado com sangue seco, todo preto e farelento.

O velho estava lá no topo da escadaria, esperando por ela. O rosto milenar não demonstrava nenhuma emoção enquanto ela se aproximava; ele olhava para ela de forma desinteressada, como alguém que via o carteiro, ou um estranho na rua, se aproximar. Quando chegou à metade da escadaria do

pagode, ela caiu de joelhos no chão.

— Está feito — disse o velho.

Darla achou difícil olhar nos olhos dele.

— A velha Mística, sim. As crianças mestiças... provavelmente estão mortas.

— O empregador sinalizou satisfação.

Darla levantou os olhos na direção do homem.

— Satisfação? — Ela parou, procurando as palavras. — Eu não posso, em boa consciência, confirmar a morte.

— O que aconteceu?

— Eles caíram. Na Longa Fenda. Não consegui segui-los.

— Entre, Darla — disse o velho. — Você deve repousar.

Do lado de dentro, um braseiro emitia um brilho de calor de seus carvões vermelhos. A câmara central do pagode estava decorada num estilo asceta: alguns bancos estavam encostados à parede; uma série de esteiras trançadas cobria o chão. O velho, com uma túnica simples cor-de-vinho caminhou até o fim das esteiras e, ajeitando a barra da roupa, se sentou.

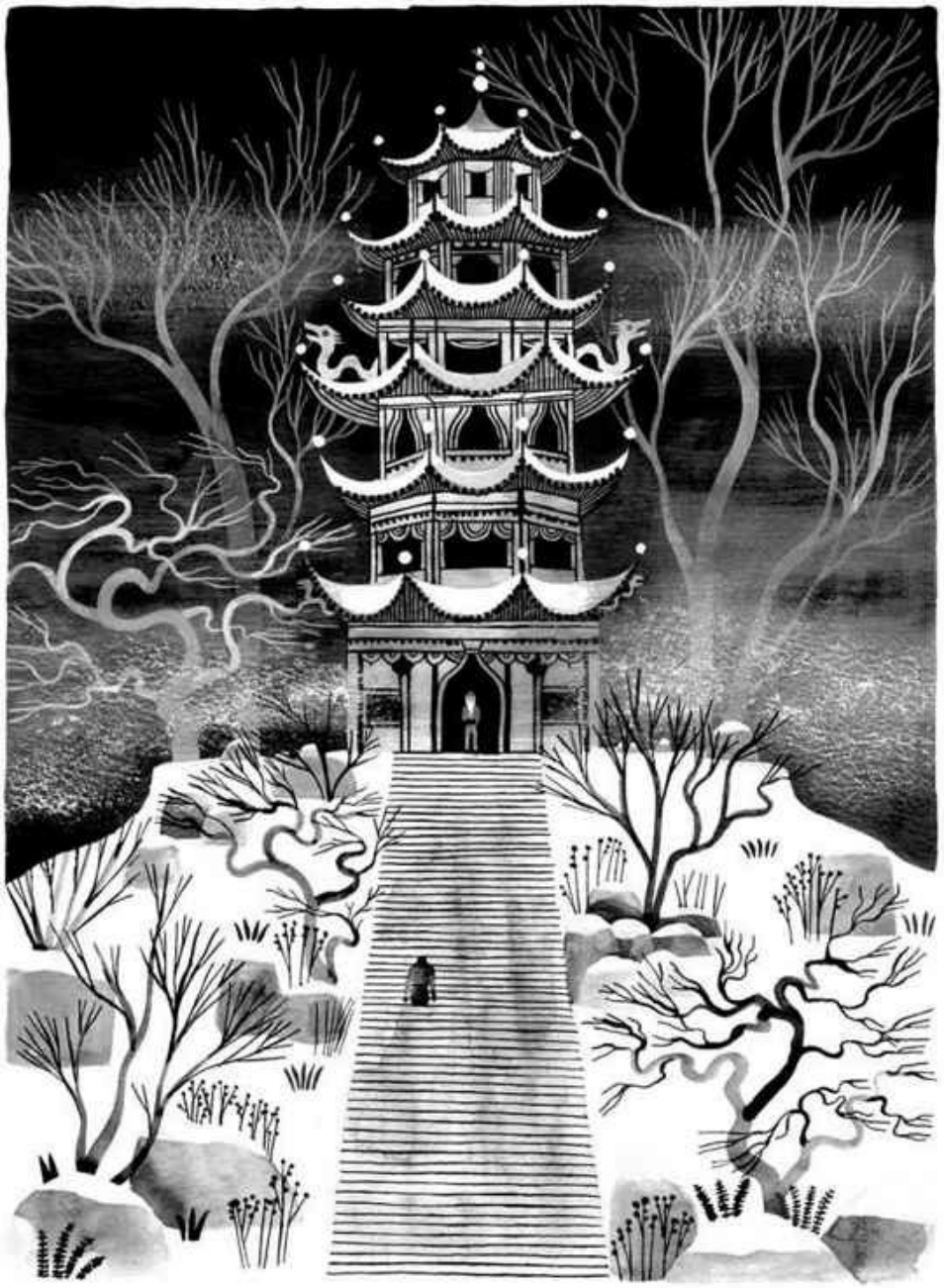
Darla seguiu seu exemplo, abaixando-se com alguma dificuldade até ficar de joelhos em frente a ele.

— Como o empregador sabe? — perguntou Darla.

— Parece que os Intuidores, aqueles que ouvem o bosque, não conseguem mais escutar a presença deles.

— Estamos dispensados, então?

O velho massageou as articulações dos dedos antes de responder.



— Sim — disse ele. — Até eu precisar novamente de você.

Darla, com alguma dificuldade, conseguiu juntar as palmas na frente de seu peito. Ela fez uma careta por causa da dor em seu braço.

— Obrigada, daimyo — agradeceu ela.

Ela se levantou para sair do pagode. Antes de chegar à porta, no entanto,

ouviu a voz dele novamente.

— Darla.

— Sim, daimyo.

— Quanta certeza você tem?

Seus olhos se encontraram. Darla permaneceu calada. O homem assentiu.

— Muito bem — disse ele. — Não vamos tomar a satisfação do empregador como um sinal do fim de nossa tarefa. Devemos permanecer cautelosos.

— Sim, daimyo.

Ela se virou e saiu do aposento.



A folha estava em branco. Todos os pedidos existentes estavam engavetados, clientes atuais tranquilizados com a explicação de que a oficina sofria uma importante revisão — sendo atualizada para receber o melhor e mais novo no mundo da manufatura de peças de máquinas. A produção foi cessada em todas as máquinas que, na melhor estimativa de Unthank, não seriam absolutamente necessárias para nada além da tarefa iminente. Moldes foram tirados de seus suportes e armazenados; todos os recantos e todas as fendas foram explorados em busca de qualquer contaminante que pudesse comprometer o processo de fabricação. Todos os órfãos foram liberados de seus postos designados e colocados em espera; ele não podia se dar o luxo de delegar nenhuma responsabilidade a esses pivetes. Perfeição absoluta, em cada passo, era necessária para criar algo tão meticuloso e exigente quanto a Engrenagem Möbius. Se ele conseguisse — e ainda estava desconfiado de que aquilo nem era possível —, aquele seria indubitavelmente o feito que coroaria sua carreira.

Desdêmona observava os procedimentos em silêncio. Ela o ajudava quando podia, embora estivesse claro que essa era uma missão que ele teria que realizar sozinho. Ela lhe trazia jarras reabastecidas com água no pátio da fábrica; ela levava embora os sanduíches comidos pela metade que ficavam em sua escrivaninha; ela o acordava às 3 horas da manhã quando ele tinha dormido em cima de sua pilha de anotações. Ela não se deu o trabalho de mencionar como ele traíra seu sonho — o sonho que ela tinha achado que eles compartilhavam — e continuou a guardar rancor, silenciosamente.

A oficina era um fantasma de seu passado, removida do burburinho das crianças trabalhadoras. Agora era apenas Unthank no pátio, cercado por alguns órfãos que serviam meramente para desempenhar tarefas servis, como carregar os maços de papel que acumulara em sua pesquisa. Trabalhando até as primeiras horas do dia, ele produziu manualmente os moldes de cera que acabariam sendo queimados para dar vida aos três mecanismos contorcidos, os aros giratórios do núcleo magnético da Engrenagem. Um barril de bronze derretido borbulhava e fumegava no canto mais afastado da oficina, aguardando o momento quando seria cuidadosamente despejado no molde de cerâmica preparado. Do lado de fora, as janelas do Lar Unthank apresentavam um brilho laranja forte; do lado de dentro, o calor e a luz podiam trazer à mente a imagem de um fanático religioso do Submundo, onde uma punição eterna é distribuída aos profanos. O próprio Hefesto não ficaria deslocado nesse caldeirão de fogo, entre o clangor do ferro e a agitação das máquinas hidráulicas. Enquanto os dias passavam e as noites escorriam como tantos minérios derretidos, Unthank começou a se ver sob uma luz quase divina. Ele era o criador, o fabricante. Estava injetando vida, vida sagrada, na frieza dessas matérias-primas. O Deus da crença Judaico-Cristã criara sozinho um universo. Unthank via multidões contidas em cada dente, cada curva e cada ângulo da mecânica da Engrenagem. Deus teve sete

dias para criar o universo. Unthank recebera cinco.

E ele estava determinado a cumprir seu prazo.


O
BOSQUE SUBTERRÂNEO
Para o Bosque Selvagem
O Reservatório da Caverna
Fortaleza de
Fangge
(mais tarde
Prurtimus)
Acampamento do
Exército das Toupeiras
O Grande
Reservatório
Para o Exterior

# PARTE TRÊS



# CAPÍTULO 17

## *O Retorno dos Habitantes do Andar de Cima*

O chão da câmara estava vivo.

Pelo menos era o que parecia. Ele ondulava com a atividade de uma grande quantidade de seres vivos, todos ocupados em diferentes atividades e preparações. Era um exército de cavaleiros-toupeira, todos equipados de forma semelhante com espadas de agulha de costura e armaduras de chapinha de garrafa, e somavam muitos milhares. Prue tinha se engasgado quando virou a esquina, seguindo o cavaleiro-toupeira cujo nome eles descobriram que era Sir Henry Toupeira. Ou, melhor, “SIR HENRY TOUPEIRA”, como ele tinha dito com sua voz inimitável quando finalmente parou as louvações e se apresentou.

— Meu nome é Prue — tinha dito ela, em resposta. — Esse é Curtis.

— E esse é Septimus — falou Curtis, ciente de que os pés familiares do rato tinham voltado ao seu ombro.

— PRUE, CURTIS E SEPTIMUS: ABENÇOADOS SEJAM SEUS NOMES. OS SINOS DA SUPERFÍCIE BADALAM COM UMA MÚSICA CELESTIAL AO SEREM PROFERIDOS. EU GENUFLITO A VÓS.

— Por favor, não faça isso — disse Curtis. — Quero dizer, você realmente não precisa fazer isso.

— Acho que você genufletiu o suficiente — acrescentou Prue.

— É uma toupeira — observou Septimus, que a essa altura tinha percebido que eles não corriam risco de ser atacados por cobras comedoras de ratos.

— MINHA ESTUPEFAÇÃO COM SUAS PRESENÇAS SUBLIMES ME INIBE DE FAZER QUALQUER OUTRA COISA, Ó GRANDES HABITANTES DO ANDAR DE CIMA. — No entanto, tomando as instruções das duas crianças como escrituras, ele parou de fazer reverências e de rastejar. — OS SENHORES ACOMPANHARIAM ESSE HUMILDE CAVALEIRO ATÉ O FRONT, PARA UMA AUDIÊNCIA COM O GRÃO MESTRE COMANDANTE TIMOTHY, ESTIMADO LÍDER DOS CAVALEIROS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO?

— Claro — respondeu Prue. Curtis havia ficado de fora daquilo; ele supôs que Prue tinha alguma espécie de plano. Enquanto seguiam a pequena toupeira pelas esquinas e curvas das passagens, no entanto, ela admitiu sua verdadeira motivação. — Parece ser uma boa ideia — disse ela. — Além do mais, ele é apenas uma toupeira. O que pode dar errado?

Mas nada os tinha preparado para a imagem de um exército inteiro, a massa de pequenos corpos pretos peludos se esticando até os limites de sua visão na câmara escura. Quando as toupeiras tinham detectado a presença dos dois humanos e do rato, toda a turba virou seus focinhos na direção dos

visitantes. Os três foram saudados com milhares de suspiros de espanto, gritos de apoio e declarações generalizadas de estupefação com a chegada das divindades — apesar de todos serem claramente cegos: os pelos em seus pequenos rostos pontudos não eram interrompidos pela presença de algo parecido com olhos.

Sir Henry tinha subido num andaime de cerca de 13 centímetros de altura e se dirigiu à multidão:

— COMPATRIOTAS, IRMÃOS DE ARMAS, NOSSAS SÚPLICAS FORAM RESPONDIDAS. A DIVINDADE NOS ENVIOU TRÊS SEMIDEUSES DO MUNDO EXTERIOR. OS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA PRUE, CURTIS E SEPTIMUS. COM SUA AJUDA, SEREMOS VITORIOSOS!

Mais gritos de apoio explodiram na multidão; Curtis notou que todos eles compartilhavam o mesmo dialeto estranho e o mesmo timbre de Sir Henry.

— Olá — cumprimentou Curtis.

— E aí? — falou Septimus.

— Oi — disse Prue.

Todos eles acenaram timidamente.

O exército de toupeiras, silencioso, ficou parado diante deles. Prue imaginou que eles poderiam estar esperando algo mais, alguma declaração sagrada.

— É um prazer conhecê-los! — Foi tudo em que ela conseguiu pensar.

— Não imagino que vocês tenham nenhuma comida, digamos, para habitantes do andar de cima — questionou Septimus.

Prue disparou um olhar na direção do rato; Curtis o cutucou nas costelas com o dedo. Aquela não parecia uma fala típica de uma divindade.

— OS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA CLAMAM POR MANÁ! RÁPIDO, BARRAS DE CEREAIS! — Veio um grito da retaguarda da

multidão.

— Viu? — falou Septimus, em desforra.

Ondas gêmeas de toupeiras se abriram para criar uma avenida livre no centro do exército, suas chapinhas de garrafa retinindo. Um grupo dos animais se afastou dos demais e correu para um lugar desconhecido; eles voltaram momentos depois, carregando uma caixa de papelão marrom mofada. Colocaram-na aos pés de Prue e Curtis, reverenciando-os enquanto se aproximavam.

— AMBROSIA DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA — explicou Sir Henry. — COMIDA DOS DEUSES. VÁRIAS CAIXAS DISSO FORAM DEPOSITADAS NUMA CÂMARA POR UM DOS SEUS, HÁ MUITAS E MUITAS SECAS DO RESERVATÓRIO.

Prue pegou a caixa. Era uma embalagem de barras de cereais Amigos da Natureza, apesar de a impressão na caixa estar quase completamente desbotada por causa do tempo. Ela a virou e consultou a data de validade: 23/10/81.

— Hã — falou ela. — Isso expirou em 1981.

Não houve resposta do exército de toupeiras.

— Me deixe ver — disse Curtis, pegando a caixa das mãos da amiga.

Ele rasgou uma das embalagens de papel laminado verde; mas mal teve tempo de examinar a barra de cereal quando ela foi arrancada da embalagem pelo rato em seu ombro.

— Mparece emstar mboa para mim — balbuciou Septimus, com a boca cheia de farelos. — Mmuito mboa!

O exército explodiu mais uma vez em gritos de louvor e adulação. Curtis ofereceu a Prue uma das barras da caixa; ela a pegou, examinando a comida de forma cética.

Outro tumulto foi ouvido na retaguarda do exército. O caminho foi mais

uma vez aberto, e um séquito de cavaleiros toupeira se dirigiu até o centro; alguns deles estavam montados no que pareciam ser salamandras, cada uma delas coberta com uma espécie de vestimenta feita de quadrados de papelão reciclado. A toupeira que vinha na frente, montada num daqueles répteis, vestia uma armadura de chapinha de garrafa que parecia, de alguma forma, mais impressionante do que as dos outro integrantes do exército. Um dedal estava empoleirado em sua cabeça, preso ali por um fino elástico rosa.

Quando chegou aos pés de Prue e Curtis, ele apeou de sua salamandra com um salto elegante, como Errol Flynn apeando de seu corcel para saudar uma donzela em perigo, e se abaixou sobre um dos joelhos sobre a pedra do chão da câmara.

— HABITANTES DO ANDAR DE CIMA! SOU SIR TIMOTHY, GRÃO-MESTRE COMANDANTE DOS CAVALEIROS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO. EU ME SUBMETO A VÓS. GRACIOSOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA, LHES OFERECEMOS OS AGRADECIMENTOS POR SUA REVELAÇÃO ABENÇOADA.

Curtis, tendo saciado sua fome de alguma forma com a barra de cereais da época de Ronald Reagan, mordeu a isca; ele tinha sido cauteloso a princípio para não mergulhar de cabeça nos esforços do exército de toupeiras, mas agora estava aceitando aquilo de bom grado.

— Estamos muito satisfeitos com sua devoção, senhor cavaleiro — disse ele. — E a Mãe do Andar de Cima o considerou digno de... o considerou digno de... intervenção.

— Espere — falou Prue, sempre prudente. As atenções no aposento se viraram em sua direção. — Não somos *realmente*, vocês sabem, deuses. Somos apenas...

O silêncio tomou o lugar enquanto ela buscava uma descrição. Curtis olhava para ela com uma expressão atônita. Ela engoliu em seco. Passou por

sua cabeça, então, o que poderia implicar, para uma raça de animal tão devotada, o fato de eles serem impostores. Imaginou os três sendo atacados, à moda de Lilliput, por esses roedores. Aquelas agulhas de costura, embora fossem praticamente inofensivas sozinhas, pareciam assustadoras se fossem usadas em massa. Curtis percebeu que ela havia mudado de ideia.

— Semideuses, na verdade — terminou ele por ela. — Vocês sabem, praticamente a mesma coisa.

O ambiente pareceu relaxar com esse anúncio.

Prue decidiu então que deixaria Curtis continuar a falar; o garoto parecia conhecer as expressões certas. Ele continuou:

— E fomos incumbidos de auxiliá-los em sua luta. No entanto, a Mãe do Andar de Cima exigiu que uma condição seja cumprida depois que sua vitória for confirmada.

— APONTEM ESSA CONDIÇÃO, Ó GRANDES — disse Sir Timothy.

— Que nós, numa, hã, demonstração de sua fé, sejamos levados numa majestosa procissão pelos túneis do Bosque Subterrâneo ao Sul, à cidade dos Habitantes do Andar de Cima na parte sul do Mundo de Cima.

Sir Timothy fez uma pausa, o joelho ainda firmemente plantado sobre a pedra. Ele estava pensando sobre o que Curtis tinha acabado de dizer.

— ACONTECE QUE, Ó GRANDE — falou ele, após um momento, a voz tremendo com o medo de uma represália. — NUNCA FOMOS À CIDADE DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA DO SUL. ESSE CAMINHO É UM MISTÉRIO PARA NÓS.

— Uma voz surgiu atrás dele.

— HÁ UM CAMINHO!

A voz, apesar de ainda carregar as ressonâncias estranhas dos discursos das toupeiras, soava velha e decrépita. Sir Timothy se virou para observar uma toupeira, vestida com uma túnica e andando com a ajuda de uma bengala

feita de um galho fino, se aproximar de seu séquito de assistentes. Por mais estranho que pudesse parecer, a velha toupeira tinha uma longa barba branca, o que Curtis não conseguia se lembrar de ser algo que toupeiras tipicamente ostentassem.

— HÁ UM CAMINHO — falou a velha toupeira novamente.

A câmara, com os milhares de cavaleiros toupeira reunidos, se aquietou para ouvir.

— HÁ UM CAMINHO — repetiu ele. — HÁ UM...

Sir Timothy finalmente o interrompeu:

— QUAL É O CAMINHO, Ó CAVALEIRO ANCIÃO?

A velha toupeira mordeu o lábio por um momento e passou a pata na barba.

— A SIBILA, A IRMÃ DO BOM GRÃO-MESTRE COMANDANTE E PROFETISA DE DENNIS, O USURPADOR, CONHECE O CAMINHO ATÉ A TERRA DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA DO SUL. ELA TEM O CONHECIMENTO DE SUAS VISÕES.

— É VERDADE! — exclamou Sir Timothy. — MINHA QUERIDA IRMÃ, GWENDOLYN, ESCRAVIZADA PELO USURPADOR. POR QUE NÃO PENSEI NISSO?

A velha toupeira se moveu dentro de sua túnica, encolhendo os ombros humildemente.

— NÃO É NADA, GRÃO-MESTRE COMANDANTE — disse ele.

— Espere — falou Prue, se aproximando.

Ela ouviu um grito se levantar do chão aos seus pés; ela tinha pisado numa das toupeiras, um escudeiro do Grão-Mestre.

— FUI ESMAGADO! — gritou o escudeiro.

Prue rapidamente deu um salto para trás, removendo o calcanhar de sua bota das costas da toupeira.

— Sinto muito — disse ela, com a mão na boca. — Ele está bem?

Algumas toupeiras correram até o lado do escudeiro; com a ajuda deles, ele parecia estar se recuperando bem.



— ESTOU BEM! — falou ele.

— Não foi minha intenção, hã, esmagá-lo — disse Prue. Ela sorriu, sem graça. — O que eu queria perguntar era: quem é esse Dennis?

— VÓS NÃO OUVISTES EM NOSSAS SÚPLICAS? NOSSAS OFERENDAS NO ALTAR DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA?

— Talvez tenhamos perdido essa parte — intercedeu Septimus.

As toupeiras, felizmente, não os desmereceram por sua falha na onisciência. A velha toupeira, com as patas aninhadas sobre a barriga, numa espécie de pose de reflexão, começou a falar com um tenor trêmulo:

— FAZ TRÊS SECAS DO GRANDE RESERVATÓRIO, TRÊS SECAS NO PASSADO, QUANDO O ARQUITETO DO ANDAR DE CIMA TERMINOU SUAS VISITAS E A CIDADE DAS TOUPEIRAS FOI COMPLETADA À SATISFAÇÃO DELE, QUE NÃO VEIO MAIS. FOI ENTÃO QUE DENNIS, ANTES CÔNSUL DO GRÃO-REI TOUPEIRA, VEIO A PÚBLICO E, LOGO APÓS O ÚLTIMO SUSPIRO DO GRÃO-REI TOUPEIRA, DISSE, AOS CIDADÃOS REUNIDOS, QUE ELE PRÓPRIO TINHA DESSA FORMA SIDO ESCOLHIDO PARA RECEBER A COROA. DEPOIS DE COROADO, DENNIS DECLAROU GUERRA A SEUS IRMÃOS TOUPEIRAS, EXPULSANDO OS INIMIGOS DE SEU PODER E DELIBERADAMENTE APRISIONANDO AQUELES QUE SE ATREVESSEM A SE MANIFESTAR CONTRA SEU DOMÍNIO

LUXURIOSO. O GRÃO-MESTRE SIR TIMOTHY, GRANDIOSO E PODEROSO, FOI O PRIMEIRO A SE REUNIR NOS DESCAMPADOS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO, ALÉM DA PONTE CRISTADA, E JUNTAR UM EXÉRCITO PARA DESAFIAR O DOMÍNIO DE DENNIS, O USURPADOR DA MONARQUIA, E RECLAMAR O TRONO DA CIDADE DAS TOUPEIRAS PARA SEUS HERDEIROS DE DIREITO, AS TOUPEIRAS UNIDAS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO.

Quando o pequeno animal idoso tinha terminado sua recitação, que soou a Curtis como alguém lendo em voz alta alguma escritura milenar, um silêncio se seguiu enquanto os Habitantes do Andar de Cima tentavam digerir a informação recém-recebida.

— Certo — falou Septimus. — Esse é Dennis.

A toupeira continuou:

— É BOM SINAL A CHEGADA DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA EM NOSSO LOCAL DE REUNIÃO. NOSSAS PRECES FORAM RESPONDIDAS PELA MÃE DO ANDAR DE CIMA. O CERCO À FORTALEZA DE FANGGG DEVE COMEÇAR. SEREMOS VITORIOSOS COM A ASSISTÊNCIA DOS GRANDES SEMIDEUSES DO ANDAR DE CIMA: CURTIS, PRUE E SEPTIMUS.

A câmara explodiu com sons. Cada toupeira levantou a voz num uivo de guerra, e o rugido coletivo ecoou infinitamente pelo túnel de pedra; o chão era um tapete espinhoso de agulhas de costura erguidas, brandidas de forma selvagem no ar.

— Um segundo — falou Curtis, acenando com as mãos para a massa animada. — Tenho algumas perguntas. Então... vamos ajudá-los a derrotar esse sujeito, esse Dennis, o Usurpador? Em sua Fortaleza de Fang?

— FANGGG — corrigiu uma das toupeiras assistentes.

— Fanggg — falou Curtis.

— ESSA FOI A NATUREZA DE NOSSAS SÚPLICAS — disse o Grão-Mestre Comandante, Sir Timothy.

— Certo — respondeu Curtis. — E, se fizermos isso, vocês, hã, vão nos oferecer uma procissão até a terra dos Habitantes do Andar de Cima do sul?

— QUANDO TIVERMOS LIBERTADO A SIBILA, ELA GUIARÁ A PROCISSÃO.

— Certo — falou Curtis. — A Sibila. Ela sabe o caminho. — Ele fez uma pausa e olhou para Prue, então de volta para as toupeiras. — Acho que essas são todas as minhas perguntas.

Prue se manifestou:

— Você disse algo sobre outro Habitante do Andar de Cima. Um arquiteto? Quem é ele?

Novamente, foi a toupeira decrépita que respondeu:

— O ARQUITETO DO ANDAR DE CIMA VEIO DO MUNDO DE CIMA NO NOSSO MOMENTO DE NECESSIDADE, QUANDO A MONARQUIA ESTAVA EM RUÍNAS COMO RESULTADO DA GUERRA DAS SETE SECAS DO RESERVATÓRIO. ISSO FOI MUITAS SECAS E REABASTECIMENTOS DO RESERVATÓRIO ANTES DA ASCENSÃO DE DENNIS, O USURPADOR. A CIDADE DAS TOUPEIRAS ESTAVA ENTREGUE À RUÍNA, SUAS PONTES PARTIDAS NO MEIO E SEUS CIDADÃOS ABANDONADOS. FOI UMA ÉPOCA DE GRANDE CONFLITO NO BOSQUE SUBTERRÂNEO. O ARQUITETO, ENVIADO PELA MÃE DO ANDAR DE CIMA EM RESPOSTA ÀS SÚPLICAS DA MULTIDÃO, SE EMPENHOU EM RECONSTRUIR A CIDADE DAS TOUPEIRAS E CONSTRUIR A FORTALEZA DE FANGGG COM OS MATERIAIS ABENÇOADOS QUE ELE JUNTOU EM SUAS ESTADAS NO MUNDO DE CIMA. QUANDO SEU TRABALHO ESTAVA ACABADO E ELE OLHOU PARA A

CIDADE DAS TOUPEIRAS E A FORTALEZA DE FANGG COM SATISFAÇÃO, ELE NOS DEU ADEUS E ENTÃO VOLTOU AO SEIO DA MÃE DO ANDAR DE CIMA. É ISSO QUE DIZEM AS HISTÓRIAS ESCRITAS PELO PROFETA BARTHOLOMEW TOUPEIRA. — O velho parou durante um segundo antes de adicionar: — ESSE SOU EU.

— Hmm — falou Prue, pensativa.

Curtis tentou chamar sua atenção para ver o que se passava na cabeça dela, mas Prue parecia muito concentrada. Além disso, o Grão-Mestre Comandante, Sir Timothy Toupeira, tinha erguido seu alfinete de costura para a multidão e falado, tão alto quanto sua pequena voz era capaz de atingir:

— MARCHAMOS PELA HONRA DO ARQUITETO DO ANDAR DE CIMA, MARCHAMOS PELA HONRA DOS CIDADÃOS DA CIDADE DAS TOUPEIRAS, MARCHAMOS PELOS DIREITOS INALIENÁVEIS DAS TOUPEIRAS, CONDUZIDOS PELA GRAÇA DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA. CAVALEIROS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO: MARCHAMOS AGORA EM DIREÇÃO À FORTALEZA DE FANGGG!

Outra explosão de gritos entusiasmados irrompeu, e todo o exército de toupeiras começou a se preparar para sua grande marcha. Prue e Curtis congelaram em seus lugares; a atividade frenética junto aos seus pés era tanta que qualquer passo mal dado podia resultar em outro esmagamento involuntário. Eles observaram boquiabertos enquanto torres de cerco, que não eram mais altas do que mesas de centro, eram cuidadosamente levantadas por equipes de toupeiras ativas; aríetes, feitos do que pareciam ser vários lápis presos por um elástico, foram colocados em suas posições; enquanto trabucos e catapultas, do tamanho de brinquedos de criança, seguiam na retaguarda. Os cavaleiros toupeira pareciam bem treinados para essa enorme ação militar; eles facilmente se dividiram em suas falanges designadas, com as toupeiras que carregavam alabardas ocupando a posição secundária (brandindo o que

pareciam ser pauzinhos de comida oriental com pedaços de lata nas pontas), diretamente atrás de um verdadeiro mar de toupeiras da infantaria armados com agulhas e alfinetes; a cavalaria montada em salamandras se movia ruidosamente atrás desses dois blocos de soldados, seus corcéis bufando e empinando exatamente como cavalos. Assim que o exército de milhares tinha se arrumado em seu padrão de marcha, toda a câmara ficou num silêncio completo.

O Grão-Mestre Comandante, Sir Timothy Toupeira, em sua salamandra de um vermelho flamejante com pintas pretas, cavalgou orgulhosamente até a lateral da falange de soldados. O único som vinha de um tambor solitário (uma embalagem vazia de tabaco para mastigar) e do percussionista, que tocava um solene e intermitente *prrap-a-tap-tap-tap* numa tampa de lata. Cada toupeira, independentemente do posto ou da unidade, ficou totalmente imóvel, os pequenos focinhos negros mantidos num ângulo elevado. Sir Timothy, apesar de cego, parecia avaliar suas tropas com uma frieza orgulhosa, as chapinhas de sua armadura (uma tinha escrito: LEMONY ZIP!) brilhando na luz do lampião dos Habitantes do Andar de Cima.

— Isso é tão legal! — sussurrou Curtis, arrebatado pelo processo.

— Aham. — Foi tudo o que Prue conseguiu responder.

Sir Timothy levou a salamandra até a frente da legião de toupeiras.

— CAVALEIROS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO — gritou ele. — MARCHEMOS!

Os percussionistas bateram em seus tambores improvisados; uma fila de gaitistas de fole começou a tocar uma melodia marcial. O estrondo de um milhão de pequenos passos criava um alarido poderoso na câmara enquanto o exército de toupeiras começava o avanço em direção à Cidade das Toupeiras.

Desdêmona estava sentada no sofá. Ela olhava distraidamente para a variedade de revistas espalhadas sobre a mesa lateral, e não se via tentada a apanhar nenhuma delas. *O Jornal do 1%*? O que aquilo ao menos significava? Não entendia a sensibilidade dos industrialistas; jamais tinha entendido. Havia se misturado ao grupo atraída pelo dinheiro — foi isso o que seu primo Dmitri tinha advertido em seu e-mail para ela de Nova York. "Se você vai tentar se dar bem aqui, Dessie", ele tinha escrito, "você tem que seguir o dinheiro." E foi o que ela fez. E o dinheiro a levou a Joffrey Unthank e ao Quinteto de industrialistas. Ela achou que o conselho do primo Dmitri tinha sido sensato, embora ela compreendesse agora que havia mais no sucesso e na satisfação do que seguir o dinheiro cegamente. O que era esse *mais* ela não sabia bem. Mas estava determinada a descobrir.

A garota na mesa da recepção vinha olhando para ela desde sua entrada na sala de espera do trigésimo andar da Torre dos Titãs. Ela parecia muito jovem, essa recepcionista; fazia Desdêmona se lembrar de si mesma quando tinha 20 anos — cheia de ambição e graça. Havia chegado a Portland com um currículo de atuações em filmes que incluía *Os andarilhos de Odessa* e *O poderoso chefão: parte dois*. O último era uma refilmagem ucraniana não-autorizada — mas, de qualquer forma, aquilo ficava ótimo no currículo. O sonho ainda estava vivo dentro dela. No entanto, havia algo no ocasional olhar da recepcionista que fazia Desdêmona achar que ela a estava desmerecendo; um sorriso malicioso que decididamente era um reconhecimento de seu infortúnio. Mas ela podia culpar a moça? Claro, Desdêmona, com a idade da recepcionista, e vendo uma pobre mulher com um vestido de segunda mão e uma camada grossa de maquiagem para cobrir as exorbitantes ameaças do tempo... será que não teria disparado o mesmo olhar seco?

Ela felizmente não teve tempo de pensar sobre isso antes de o telefone

tocar na mesa da recepção; a garota atendeu e, enquanto mascava seu chiclete, falou no receptor:

— Sim, ela está aqui, Sr. Wigman. Devo mandá-la entrar?

Aparentemente a voz no outro lado respondeu de forma afirmativa, porque a jovem recepcionista se levantou atrás da escrivaninha, ajeitou o tecido da saia e caminhou na direção de Desdêmona.

— Ele vai atendê-la agora, Srta...

— Srta. Mudrak — respondeu ela.

— Ceeeerto. O Sr. Wigman vai atendê-la agora. Por aqui, por favor.

*Apenas espere, garotinha*, esbravejava Desdêmona por dentro. *A vida um dia vai derrubá-la.*

Juntas elas caminharam até as grandes portas duplas de bronze no outro lado da sala de espera. A garota teve alguma dificuldade para conseguir abri-las, mas, assim que conseguiu, gesticulou para que Desdêmona entrasse. Ela foi saudada por uma voz estrondosa e familiar:

— Dessie! — falou o Sr. Wigman. — Querida! Por onde você andou toda a minha vida?

— Olá, Sr. Wigman — respondeu Desdêmona, afetando um ronronar.

Aquela era uma de suas ferramentas de atuação características — o ronronar encantador.

— Por favor, me chame de Brad. Vamos deixar as formalidades de lado aqui.

Ele estava parado na cabeceira de uma enorme mesa de conferência oval; seu corpo imenso era iluminado por trás por janelas que se abriam para a vastidão da Zona Industrial.

— Sim, Brad. Claro. Entre velhos amigos.

Brad Wigman, Titã da Indústria, soltou uma gargalhada retumbante, e o barulho se espalhou em ondas pelo ar da sala de conferência. A risada era,

para falar a verdade, a inveja de toda a comunidade industrialista. Ele tinha sido personagem de uma matéria por causa dela na edição de setembro da *Alíquota de Taxas*. A manchete dizia: “A Risada de Brad Wigman — Um Indicador de Prosperidade? Dicas Para Criar a Sua Própria”. Ela sempre fazia Desdêmona se contrair.

— Velhos amigos — disse Wigman, quando os ecos da risada tinham dispersado. — COM certeza. O que posso fazer por você, Dessie?

— Bem, Sr. Wigman... Brad... é Joffrey. Existe algo... algo está errado.

A expressão de Wigman se metamorfoseou numa carranca.

— Ah? — perguntou ele.

— E como você diz, toda vez que nos vemos, que, se eu alguma vez, mesmo, precisar de algo... se precisar de dinheiro ou favor ou apenas de algumas palavras agradáveis, eu devia falar com você. Não é?

— Eu me lembro de dizer isso, Dessie. E é verdade. — Ele caminhou até onde ela estava parada, e colocou um braço em seu ombro. — Você é uma boa garota. Uma bela garota. Então: o que está acontecendo com seu homem?

— É ainda... é a Floresta Impassável.

Brad olhou para ela com uma expressão de impaciência e debochou:

— Ele não vai desistir disso, vai?

Desdêmona balançou a cabeça, os olhos dramaticamente apontados para baixo.

— Bammer, Jimmy — gritou Wigman, estalando os dedos exatamente acima do ombro de Desdêmona; dois estivadores com idênticos gorros vermelho-escuros vieram se arrastando.

— Tragam um spritzer para essa adorável dama. — Para Desdêmona: — O que você acha disso? Um spritzer?

— Um spritzer seria ótimo.

— Um spritzer para a dama. E um espresso para mim. Numa daquelas,

você sabe, xícaras pequenas. — Como se quisesse ilustrar, ele esticou os braços e segurou uma xícara e um pires invisíveis.

— Sim, Sr. Wigman — disseram os dois estivadores em uníssono.

Wigman olhou novamente para Desdêmona, seu olhar frio e atento.

— Então o que está acontecendo agora?

— É só que... bem, isso é tudo em que ele pensa. E sobre o que ele fala. Nunca está fora de uma conversa com ele, essa Floresta.

— Isso é uma preocupação — disse Brad Wigman, soltando um suspiro. — Temos tentado restringir isso.

— Sim. E acho que ele estava bem durante um tempo. Ele se concentrou no trabalho, nas partes de máquinas. Mas então...

— Então?

— Então ele recebeu uma visita.

Wigman levantou a sobrancelha esquerda.

— Uma visita? — perguntou ele.

— Sim, um homem misterioso. Ele se veste como os velhos tempos. Ele tem... como se chama?... pince-nê.

— O quê? Aquela coisa sobre o nariz?

—Aham.

— No lugar dos óculos?

— Aham.

Na verdade, Wigman estava pensando em como incorporar um pincenê a seus trajes; ele desistira daquilo, decidindo que seria um pouco de exagero. Mas esse cavalheiro tinha conseguido; aquilo lhe dava uma nova esperança.

— Ele é um Titã? Um industrialista?

Desdêmona sacudiu a cabeça:

— Não estou achando que é. Ele tem alguma coisa esquisita... uma coisa que não consigo explicar. Um якість.

— Um iuquis?

Foi como aquilo soou.

— Sim — respondeu Desdêmona, supondo que ele havia entendido a palavra ucraniana. — Como névoa ou sombra especial. Não consigo explicar.

— Continue — incitou Wigman.

— E desde o encontro com esse homem, todas as operações pararam. Tudo. Todos os clientes, *puuf!*. Tudo agora é coisa que ele deve fazer.

— Espere um segundo. — O rosto de Brad ficou consideravelmente mais sóbrio. — Do que você está falando com *todas as operações pararam*?

— Exatamente o que digo! Todas as máquinas, que um dia fizeram parafusos e... parafusos e coisas, agora fazem essa coisa, essa única parte de máquina. As crianças não estão trabalhando; elas ficam sentadas na cama o dia inteiro, jogando o pôquer. — Ela fez o gesto de cartas sendo distribuídas com seus longos dedos.

Wigman balançou as mãos impacientemente no ar.

— Espere aí, espere aí — disse ele. — O que é essa coisa?

— É coisa que pediram para ele fazer, o cavalheiro. É alguma parte de máquina. Uma engrenagem.

Desdêmona estava satisfeita por ter conseguido a total atenção do Titã.

— Uma engrenagem?

— Aham.

— E ele parou toda a produção para fazer essa engrenagem?

— Sim, na verdade.

Ela estava realmente chegando a algum lugar; ela via a cor surgir nas bochechas de Wigman.

Os dois estivadores, Bammer e Jimmy, voltaram com uma pequena xícara de espresso e uma taça com um líquido claro e espumante. Wigman pegou o espresso, virou-o com um movimento rápido da cabeça e entregou a xícara

vazia ao estivador. Desdêmona educadamente pegou a taça de spritzer; ela começou a beber lentamente.

Entre os goles, ela continuou a falar:

— E isso é tudo pela Floresta Impassável, Sr. Wigman. O cavalheiro diz que vai levar Joffrey à F.I. se ele fizer essa peça de máquina para ele.

— Isso é verdade? Apenas... levá-lo lá? Assim?

— É verdade. Mas como isso é possível? Isso não é possível. Sr. Wigman... Brad... venho a você como velha amiga. Você e Betsy... — Betsy era a Sra. Wigman, uma triatleta, mãe de cinco e integrante do conselho da escola; ela sempre irritara Desdêmona. — Sempre foram tão gentis. Desde que cheguei aos Estados Unidos. Eu lhe peço, por favor. Por favor, faça Joffrey parar com essa loucura com Floresta Impassável. Isso está prejudicando os negócios. Está prejudicando o Quinteto. Está *me* prejudicando.

Ela o olhou de esguelha para ver se a história acertava seu alvo.

Wigman mordia o lábio superior, distraído. Ele pareceu tomar um susto quando percebeu que ela havia terminado de suplicar.

— Ah — falou ele. — Ah, sim. Bem, isso está claro. — Ele ajeitou a gravata, apertando o nó em sua garganta. — Você sabe, eu disse àquele sujeito: tire a cabeça desse lixo da Floresta Impassável. Eu lhe disse muitas vezes. Mas não parece que ele está escutando muito. Vou lhe dizer uma coisa, Dessie. Se eu aparecesse na oficina e tivesse uma conversinha com seu homem, será que isso melhoraria as coisas? Tentar trazer a cabeça de volta ao jogo?



Desdêmona abriu um largo sorriso, revelando o dente de ouro.

— Sim, isso ajudaria muito.

— Bom, bom — disse ele. — Vou cuidar disso de uma vez. Entre mim e você, Dessie, vamos dar um jeito nisso tudo. Seu homem voltará ao normal no mesmo tempo que leva para dizer “brecha na regulação ambiental”.

— Brecha na regulação ambiental — falou Desdêmona, com um jeito brincalhão.

Wigman sorriu.

— É isso aí. Esse é o espírito. Vamos lá, eu a acompanho até lá fora.

Juntos eles saíram da sala de conferências passando pelas altas portas duplas que levavam à área de espera. Wigman estava com a mão no ombro de Desdêmona enquanto eles caminhavam. Quando chegaram à mesa da secretária, Wigman disse:

— Ei, boneca... por que você não marca uma visita à fábrica do Titã das Partes de Máquinas, o quanto antes.

Ele piscou para Desdêmona.

— Claro, Sr. Wigman — disse a recepcionista.

Ela começou a bater com um dedo de unha rosa no mouse do computador, abrindo clique após clique o calendário de seu chefe. Enquanto isso, Wigman deu um leve tapa nas costas de Desdêmona.

— Agora, Dessie — falou ele. — Quero que você volte para aquele seu pequeno orfanato e relaxe; não deixe essa loucura chegar à sua cabeça. Vamos cuidar disso num piscar de olhos.

— Brad — falou Desdêmona, olhando de esguelha para a recepcionista a fim de ver se ela havia registrado a familiaridade entre os dois que o uso do primeiro nome demonstrava. — Bradley. Isso é tão gentil. Tão gentil da sua parte. Você é verdadeiro e velho amigo. Se alguma coisa pode trazer a mente dele de volta a coisas importantes, a partes de máquinas, é você.

— E é isso exatamente o que vamos fazer. — Ele lhe deu outro tapinha. — Agora, vá, Dessie. Nós a veremos em breve.

Desdêmona sorriu de forma encabulada, soltou outra palavra de agradecimento e seguiu na direção das portas do elevador na outra ponta da sala. Wigman a observou ir embora. Assim que ela desapareceu atrás das portas fechadas, ele colocou a mão em seu queixo esculpido e esfregou distraidamente a pele recém-barbeada. Ele se virou para as janelas altas que formavam a parede oeste da sala de espera e ficou olhando para a parede de árvores além do vidro, de uma forma que ele não se lembrava de ter olhado antes — aquilo era algo que jamais necessariamente passara por sua cabeça. Mas agora a parede verde parecia ter um novo — o que ela havia dito? — *iuquis*. Aquilo o estava distraindo; estava distraindo-o de uma forma que nunca acontecera antes.

— O senhor pode na quarta-feira, Sr. Wigman — disse a recepcionista, tirando-o de sua meditação.

— Quarta-feira — falou ele. — Ótimo. Pode marcar.

Ele se virou e passou novamente pelas resplandecentes portas de bronze.



O que Wigman não sabia: na margem do tecido folhoso da floresta, todo pontilhado de neve, havia uma fita através da qual ninguém de ascendência Exterior podia passar. Era lá que Elsie e Rachel Mehlberg se encontravam, presas, entre 36 crianças, várias dúzias de cachorros e gatos vira-latas e um velho cego com olhos de madeira. Dois dias tinham passado desde que elas entraram na terra inferior, a Periferia, e, apesar de o resto das crianças que chamavam aquele lugar de lar parecer gostar de suas vidas, Elsie e Rachel estavam estranhamente descontentes. Para começo de conversa, era questão de dias para os pais voltarem de sua viagem a Istambul, e trazendo com eles seu irmão, elas esperavam; elas não podiam imaginar seu pesar ao chegar aos Estados Unidos apenas para descobrir que, no processo de encontrar uma criança, conseguiram perder as outras duas. Era preponderante que Elsie e Rachel estivessem lá quando eles chegassem; os pais indubitavelmente morreriam de coração partido se elas não estivessem.

No entanto, elas não pareciam ter muita escolha. A magia da Periferia era claramente muito poderosa — por que outro motivo todas essas crianças e esses cachorros estariam presos aqui? Além disso, Elsie tinha uma impressão muito forte de que seu irmão não estava, na verdade, em Istambul. Era uma sensação que ela já teve antes, quando viu a amiga de escola de seu irmão no campo de abóboras no outono, embora ela agora fosse repentinamente capaz de correlacionar aquilo com esse lugar, o Bosque e sua fronteira encantada. E então as duas irmãs entraram em sintonia com as outras crianças e escolheram tarefas para si mesmas com as quais poderiam melhor contribuir para a comunidade em que foram jogadas.

Rachel, apesar da resistência inicial, descobriu que cortar e empilhar lenha atraía uma porção de seu cérebro que ansiava por estrutura. A parte do corte de alguma forma melhorava quaisquer frustrações do momento, e a parte do armazenamento e empilhamento parecia um jogo elaborado de Tetris. Elsie, jovem demais para trabalho físico pesado, passara a remendar roupas. Ela também se empenhou em substituir sua boneca Intrépida Tina com um fac-símile que havia feito com alguns gravetos e um punhado de musgo. Assim que a completou, a boneca se tornou a inveja das outras meninas mais novas (e de alguns meninos) e então ela ficou ocupada satisfazendo os pedidos de uma série constante de clientes para o brinquedo de madeira.



À noite, as crianças se reuniam no chão da sala de estar do chalé, onde o fogo ardia na lareira. Carol ocupava seu lugar na frágil cadeira de balanço,e as crianças se espalhavam à sua volta, onde quer que elas conseguissem se encaixar. Tragando o sempre presente cachimbo, Carol podia ser induzido a contar histórias de sua época dentro da Floresta Impassável — "O Bosque", como ele a chamava —, e as crianças ficavam fascinadas com os contos sobre animais falantes, Místicos em sintonia com a natureza e as idas e vindas de reis, príncipes voadores e Governadores-Regentes. Em todas as suas histórias, no entanto, ele sempre fugia da pergunta de exatamente *como* ele acabou cruzando a Periferia e que coisa fizera para enfurecer tanto o povo do Bosque, o suficiente para exilá-lo nesse estranho purgatório.

Quando os mais novos ficavam cansados, as crianças se arrastavam para suas camas improvisadas. A casa conseguia comportar todos eles com bastante conforto, embora fossem obrigados a preencher cada espaço

disponível com pequenas camas de pele. Quando os poucos quartos tinham sido ocupados, o sótão então recebeu as sobras; não demorou muito para que o grande aposento atingisse seu limite, e, desde então, eles vinham enfiando pequenas camas onde quer que conseguissem, a fim de comportar a demanda de um grupo de crianças crescendo lentamente. O grupo crescia em números apenas, no entanto. Aquela era uma das vantagens da paralisação do tempo que ocorria na Periferia — o fato de os menores de todos, cujas camas cabiam facilmente na cavidade de um armário de cozinha, nunca ficarem maiores do que os espaços ocupados para dormir.

E então os dias se desdobravam até o próximo, e dessa forma eles continuavam a passar; ou pelo menos Elsie e Rachel achavam. Isto é, até elas descobrirem algo muito estranho, algo que elas não seriam, no momento imediato, totalmente capazes de entender ou explicar.

Aquilo aconteceu certa tarde; a lenha tinha sido armazenada, e a limpeza, feita. A maioria das crianças optara por uma tarde livre de tarefas, ocupada com um jogo de amarelinha na neve do quintal. Elsie e Rachel estavam sentadas na varanda do chalé, observando os afazeres, quando viram Michael e Cynthia se prepararem para um passeio nas árvores ao redor, instalando armadilhas para animais selvagens. Rachel tinha perguntado o que os dois estavam fazendo. Michael tinha respondido com um convite para ela se juntar a eles.

— Claro — disse Rachel. Ela então olhou para sua irmã. — Quer?

— Sim, certo — falou Elsie, embora estivesse um pouco desconfiada. Ela sempre se lembrava do coelho que vira em seu primeiro dia na Periferia. Aquilo partia seu coração, a imagem dele preso numa rede de caça. — Vou junto só para fazer companhia.

Elas seguiram as duas crianças mais velhas — Cynthia era um ano mais velha do que Michael, com 18 anos — até as árvores além do vale. Cynthia

carregava alguns rolos de arame no cinto; Michael tinha construído várias armadilhas com sobras de metal e madeira que ele carregava junto de si enquanto caminhava. Eles se mantinham em trilhas conhecidas, desgastadas no chão da floresta pelos próprios passos; depois de algum tempo caminhando, eles pararam e estudaram o bosque ao redor.

— Ela acaba bem aqui — disse Michael, apontando para uma série de árvores ao longe, onde o solo começava a se inclinar para cima.

— Nunca fomos capazes de ir além. Sempre terminamos aqui.

— Isso é estranho — disse Rachel.

— É mesmo... e um pouco confuso. Eu não aconselharia a fazer isso.

Essa era Cynthia. Ela usava seu cabelo castanho-avermelhado preso numa bandana amarrada.

— Isso me deixa um pouco, tipo assim, mareado, toda vez — disse Michael, fazendo um gesto de esfregar a barriga. — É nojento. E então você volta ao lugar onde você estava antes. É fácil se perder dessa forma.

Cynthia assentiu antes de dizer:

— Como somos quatro, vamos nos dividir e ver se conseguimos encontrar alguma trilha de caça. Mais olhos. Apenas fiquem longe daquela linha de árvores. Se vocês acabarem entrando no Anel Periférico, apenas soltem um grito. Devemos ser capazes de encontrá-las.

— Entendi — falou Rachel.

Elsie disse um rápido tchau para a irmã; ela não queria parecer pegajosa demais, mas a ideia de se perder novamente na Periferia era um pouco assustadora. Além do mais, aquilo lhe trazia lembranças de sua marcha inicial no bosque; ela achou que nunca veria a irmã novamente. Era estranho recriar aquela mesma cena, dias depois. No entanto, estava determinada a ajudar; gostava da ideia de ser uma provedora para a nova família.

Ela caminhou na direção do aclive da colina, mas então contornou pela

esquerda, pensando no aviso das outras crianças. A neve tinha diminuído na noite anterior, e a temperatura, aumentado um pouco; a neve caía das árvores em pequenos montes, revelando o verde profundo de seus galhos. O chão estava molhado com a neve derretida, e pequenos rios de água podiam ser vistos, abrindo caminho pelas valas estreitas do bosque inclinado. Pequenos cogumelos brotavam das carcaças das árvores caídas; um pássaro piava nos galhos acima. Elsie descobriu que uma tremenda paz tinha caído sobre ela; a primeira vez que se sentia daquele jeito havia muito tempo, desde o anúncio dos pais sobre a decisão de sair do país. Era revigorante, se uma palavra como essa podia descrever a sensação.

De repente, um lampejo branco chamou a atenção de seus olhos. Ela olhou naquela direção e viu, parado sobre o cepo quebrado de um cedro, um coelho branco. Ele a encarava. Elsie imediatamente o reconheceu como o mesmo que a tinha saudado na sua primeira vez no bosque, tantos dias atrás. Algo na forma como contraía as orelhas quando ela se aproximava dava a impressão de ele a ter reconhecido também.

— Olá, coelhinho — saudou Elsie.

Ela podia jurar que o coelho tinha aberto sua boca para responder — embora nada tivesse saído. Era como se ele tivesse se esquecido do que estava pronto para falar. Em vez disso, o coelho meramente mexeu o nariz. Parecendo feliz por ter atraído a atenção de Elsie, o coelho desceu do cepo e começou a saltitar colina acima. Ele não tinha ido longe, no entanto, quando parou e se virou para olhar para Elsie novamente, incentivando-a a continuar.

— Certo — disse Elsie, determinada. — Aonde você está indo?

Ela marchou atrás do coelho por entre as samambaias que chegavam à altura da cintura, que felizmente estava ciente de seu progresso lento: ele sempre parava e esperava enquanto ela percorria o terreno difícil. Ela não tinha certeza de aonde eles estavam indo; perdera havia muito tempo a noção

de onde ficava a beira da Periferia, de acordo com as advertências de Michael e Cynthia. Sua curiosidade era grande demais para afastá-la da trilha do coelho.

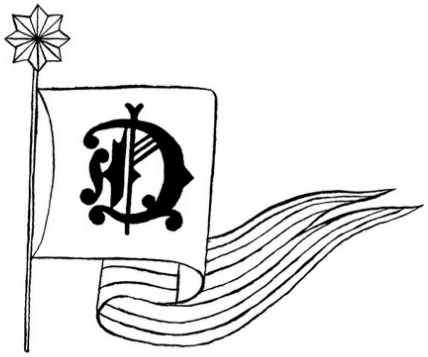
Eles cruzaram um outeiro e continuaram descendo até uma pequena falha, onde um córrego borbulhava com água lamacenta; seguiram pelo topo sinuoso de uma elevação e cruzaram um vasto campo, brilhando com brotos verdes de grama recentemente libertados de seu cobertor de neve. Durante todo aquele tempo, Elsie ficava se perguntando como poderia caçar ou prender uma criatura tão linda, tão cheia de brilho e inteligência. Ela resolveu que não mencionaria o aparecimento do coelho a Michael ou Cynthia; não podia arriscar a possibilidade de eles serem menos bondosos que ela.

E então o coelho sumiu. Ele tinha passado por baixo de uma trama de árvores jovens e desaparecido. Elsie gritou:

— Coelho! Aonde você foi?

Ela ficou surpresa consigo mesma; o que ela achava, será que o coelho deveria gritar de volta “bem aqui”? Enquanto estava distraída por sua busca pelo coelho, ela deu um passo incerto adiante, ficou com o sapato preso num emaranhado grudento de hera e caiu de cabeça numa estrada de cascalho.

Elsie levantou os olhos; aquilo era, na verdade, uma estrada. Uma estrada muito longa. Uma que abria uma trilha tranquila e tortuosa na floresta densa. Ela também viu uma espécie de símbolo, um amontoado de pedra, no outro lado da estrada; parecia que aquilo estava ali havia séculos. Ela olhou ao redor, profundamente confusa. Por que os outros nunca tinham achado isso? E o que uma estrada fazia na terra de ninguém da Periferia? E então passou por sua cabeça: isso *não* era parte da Periferia. Tinha de alguma forma conseguido sair do Anel e estava agora nos braços da Floresta Impassável. Ou, como Carol chamava a área, no Bosque Selvagem.



# CAPÍTULO 18

## *O Grande Cerco; Elsie e a Estrada*

Eles tinham sido instruídos a aguardar no corredor; o profeta, Bartholomew Toupeira, aconselhou que seria um melhor uso do elemento surpresa. O Grão-Mestre Comandante concordou, embora estivesse ansioso para começar o cerco. Novamente, o profeta aconselhou que montassem acampamento ali, no cotovelo do túnel, pois o exército de toupeiras vinha marchando havia quase dois dias.

Eles tinham seguido extensões infinitas de túnel, tinham observado as pedras das paredes mudarem de granito liso para ardósia áspera e de volta para o granito. Tinham cruzado mais pontes do que Curtis achou já ter visto em sua vida; elas se estendiam sobre profundidades que pareciam alcançar as verdadeiras entranhas da terra. Eles acamparam em afloramentos rochosos e

escutaram os pingos pacientes da água do líquen enquanto as pequenas fogueiras dos cavaleiros toupeira criavam sombras estranhas nas paredes. Quando os dois dias haviam passado — o que, foi explicado às três divindades, era cerca de uma semana no tempo dos Habitantes do Andar de Cima —, Sir Timothy parou diante do exército e fez uma declaração orgulhosa.

— A MARCHA ATÉ A FORTALEZA DE FANGGG SERÁ CELEBRADA NOS ANAIS DA HISTÓRIA. É O AVANÇO MAIS LONGO FEITO POR UMA LEGIÃO DE TOUPEIRAS — explicou Sir Timothy.

A manhã devia ter chegado; umas três horas depois, o acampamento das toupeiras, cheio de pequenas barracas de lona branca e fogueiras, estava alvoroçado com atividade. O momento tinha finalmente chegado; os generais se juntaram para rever os acontecimentos do dia. O exército marcharia até os portões da cidade, instruindo os cidadãos a se juntarem aos Cavaleiros do Bosque Subterrâneo ou a se arriscarem a cair com o peso de suas espadas. Então, Sir Timothy confrontaria Dennis, o Usurpador, de longe (eles tinham um chifre de bode, preso a um carrinho, para esse tipo de comunicação); supondo que ele se recusaria a render-se, Prue e Curtis receberiam um sinal no esconderijo, e, nesse momento, a batalha começaria e o exército de toupeiras, em sua totalidade, atacaria a Cidade das Toupeiras e a Fortaleza de Fanggg. Foi sugerido que os dois grandes Habitantes do Andar de Cima entrassem com o máximo de ferocidade e, embora as toupeiras cegas não fossem realmente ver isso acontecendo, sacudissem as mãos e mostrassem os dentes. Essa última sugestão veio do escudeiro toupeira que Prue quase esmagara mais cedo. As outras toupeiras concordaram totalmente: sim, mostrar os dentes seria muito eficiente. Prue experimentou; ela quase mordeu a língua. Curtis parecia ser muito experiente naquilo, no entanto.

— Não, assim — instruiu ele, com os olhos esbugalhados e dentes batendo ruidosamente.

— Você é esquisito — comentou Prue.

Septimus, por sua vez, tinha se interessado pelas formações militares se reunindo e, como ele era pouco maior do que o maior dos cavaleiros toupeira, ficou decidido que ele deveria liderar seu próprio esquadrão. Os representantes do alto escalão concordaram: uma unidade de frente, com soldados comandados por um Habitante do Andar de Cima, serviria muito bem para encher de medo os corações dos defensores da fortaleza. Enquanto Septimus, Curtis e Prue estavam debatendo numa alcova escura, um séquito de cavaleiros se aproximou, presenteando o rato com uma armadura feita especialmente para ele com aros de latas de refrigerante e seções interligadas de corrente de bicicleta. Septimus, depois de uma cutucada de Curtis, aceitou aquilo com toda a graça de que foi capaz, e um trio de escudeiros começou a vesti-lo com o traje incômodo. Quando eles tinham acabado, ele parecia uma pilha animada de peças descartadas que alguém poderia encontrar no fundo de sua gaveta de tranqueiras.

— Ele está realmente bonito — comentou Prue.

A voz de Septimus surgiu, ecoando, de dentro de uma lata partida ao meio:

— Bem, pelo menos, se eu *assassinar* alguém, serei poupado de ter que vê-lo. — Ele moveu os braços, aparentando alguma dificuldade. — Eu poderia apenas sentar sobre o inimigo, acho.

Foi necessária uma equipe de 15 toupeiras para amarrá-lo sobre a montaria, uma salamandra amarela que ele imediatamente chamou de Sally.

Viajando pela passagem úmida, o grande exército de Cavaleiros do Bosque Subterrâneo começou seu avanço, seguindo um declive do túnel que descia cada vez mais fundo no solo. Pelo som dos pés marchando na caverna,

estava claro que eles se aproximavam de uma vasta cavidade na pedra. A essa altura, Prue e Curtis foram aconselhados a esperar; Sir Timothy, tendo vestido sua indumentária formal, uma arruela dobrada com uma pena de beija-flor presa a ela, montou na salamandra e seguiu o alto-falante de chifre de bode sobre rodas e seus assistentes, dobrando a esquina e desaparecendo.

Pouco depois, a voz de Timothy podia ser ouvida, amplificada através do chifre e se espalhando no que parecia ser uma câmara muito grande:

— TOUPEIRAS DA CIDADE DAS TOUPEIRAS. — Veio a voz de Sir Timothy. — OS CAVALEIROS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO SE JUNTARAM DO LADO DE FORA DE SEUS PORTÕES. TEMOS A INTENÇÃO DE TRAZER EMANCIPAÇÃO A TODOS QUE HABITAM O BOSQUE SUBTERRÂNEO. NÓS OS LIBERAREMOS DA TIRANIA DE DENNIS, O USURPADOR DO TRONO. VOLTEM-SE CONTRA SEUS CAPTORES E ALIEM-SE A NÓS OU ARRISQUEM-SE A SUCUMBIR SOB CHAMAS E ESPADAS.

Uma pausa; então o som de uma infinidade de vozes gritando: algumas confusas, algumas se opondo, muitas em celebração.

A voz de Sir Timothy soou novamente:

— DENNIS TOUPEIRA, SEU DIA DO JUÍZO CHEGOU. OBRIGUE SUAS FORÇAS A SE ENTREGAREM.

Houve outra pausa, depois da qual uma voz, distante, porém clara, ecoou na caverna, aparentemente amplificada por uma tecnologia semelhante.

— VÁ SE DANAR! — gritou ela.

Curtis supôs que aquela era a voz de Dennis, o Usurpador. Ele não soava como uma toupeira particularmente delicada.

— MUITO BEM, DÉSPOTA!

Depois de um chamado em alto e bom som de Sir Timothy, os Cavaleiros do Bosque Subterrâneo aos pés de Prue e Curtis explodiram em ação e

avançaram sobre os portões da Cidade das Toupeiras. E assim começou o grande cerco.

Atrás de uma parede do túnel, Prue e Curtis escutavam os clangores de guerra. Eles tinham sido avisados que seu sinal seria em forma de três toques curtos do chifre de bode, e prepararam seus ouvidos o melhor que podiam para escutar — embora certamente fosse difícil distinguir qualquer coisa em meio ao burburinho ensurdecedor que o cerco já fora capaz de criar. Curtis estava pronto para espiar de trás da parede quando o inconfundível *blat-blat-blat* de seu sinal para atacar foi dado. Curtis estendeu o punho para Prue — ela relutantemente o cumprimentou com um soquinho —, e os Habitantes do Andar de Cima saíram de seu esconderijo, fazendo o melhor possível para agir como os ferozes e irados semideuses que esperavam deles.

Ao virarem a esquina, Prue estava se sentindo encabulada com sua performance; segurando o lampião aceso com uma das mãos, ela sacudia o outro braço dramaticamente, os dedos posicionados como garras, apesar de o ranger de dentes continuar a ser um problema. Curtis, por outro lado, aproveitava a oportunidade, desempenhando o papel com gosto: ele não apenas balançava os braços e rangia os dentes, mas estava acompanhando cada um de seus passos com gritos como “Habitante do Andar de Cima FURIOSO” e “Cuspirei fogo e enxofre sobre vocês!”.

No entanto, assim que eles saíram do esconderijo e tinham percorrido os poucos metros pelo chão inclinado do túnel, ambos ficaram embasbacados com o que viram.

A câmara em que eles haviam entrado era tão imensa que tornava o teto indistinguível de um domo do céu. Para a surpresa de Prue e Curtis, o lampião que eles estavam carregando era supérfluo ali; pequenas lâmpadas elétricas presas à parede da câmara a inundavam com luz. Foi a primeira vez que eles viam luz forte em dias; seus olhos levaram um momento para se

ajustar. Como não notaram isso antes, mesmo de seu esconderijo, era estarrecedor para eles; talvez a luz do lampião tivesse escondido a luz da câmara.

A coisa mais incrível da câmara, entretanto, era a presença da própria Cidade das Toupeiras. Eles jamais viram nada como aquilo. Tendo a oportunidade de descrevê-la, como quando, bem no futuro, Curtis e Prue foram pressionados a responder sobre o lugar, os dois ficaram sem palavras. Eles lutavam para encontrar uma explicação, mas a pobreza da linguagem ficou clara para eles.

Era como se alguém, um ser inteligente com um olho de lince para mecânica e engenharia, tivesse usado um enorme guindaste com um aspirador gigantesco conectado a ele e tivesse passado aquilo lentamente sobre uma cidade inteira, sugando cada pedaço imaginável de sucata, cada fragmento e cada partícula de lixo indesejado e indeterminado — fosse metal, plástico ou madeira; esse ser então depositou toda essa massa de detrito industrializado ali no chão da câmara e se empenhou em encontrar uma forma para que cada peça se encaixasse, uma na outra, criando uma estrutura que usasse cada partícula como se fosse projetada exatamente para aquele uso.

Uma enorme parede, feita de alumínio e pedra, cercava uma treliça de estranhas estruturas retangulares; uma série de trilhas e canaletas se entrelaçando — algumas delas claramente criadas a partir de restos de conjuntos de trens de brinquedo e pistas de autorama. Uma porta, feita do que parecia ser um escorredor de macarrão achatado, fechava a entrada do muro externo. Atrás dela, o interior imediato da cidade era uma rede de prédios quadrados, empilhados um ao lado do outro quase por acaso (Curtis reconheceu um subúrbio inteiro feito de latas de charutos). Mais adiante, perto do centro da cidade, o labirinto de estruturas ficava ainda mais denso e apertado à medida que a própria cidade subia em espiral, num padrão quase

cônico, para alcançar um ápice em forma de platô, uma elevação interrompida aqui e ali pela presença de muros menores que efetivamente transformavam a cidade numa sucessão de camadas cada vez mais altas. No ápice, talvez a 1,80 metro do chão, uma torre cilíndrica se elevava sobre a bagunça, ligada ao resto da cidade por uma série de pontes; o eixo da torre parecia ser um duto simples de alumínio, mas, enquanto subia, ele aflorava em pequenas torres e torreões auxiliares em sua lateral redonda. A torre era coberta por uma cúpula em forma de cebola; lá, uma bandeira com a inicial *D* pintada tremulava na brisa muito leve da câmara.

— Uau! — exclamou Prue, se esquecendo de seu personagem.

Curtis não tinha abandonado o papel tão facilmente; mesmo com o choque ao ver a Cidade das Toupeiras, ele conseguiu continuar a agir com ira.

— Prue — falou ele, entre dentes — mantenha a coisa do deus furioso.

— Certo — disse Prue, abaixando o lampião e manejando os dois braços ao se aproximar daquela milagrosa cidade subterrânea.

Assim que eles foram percebidos, uma série de gritos aterrorizados veio de dentro do complexo das toupeiras. Os defensores da cidade, soldados vestidos com o que pareciam ser fardas feitas de papel laminado, sentiram a aproximação dos dois Habitantes do Andar de Cima e tremeram, visivelmente, em suas armaduras.

— Sally, vai! — Veio um grito junto aos seus pés.

Era Septimus, montado na salamandra, agitando uma agulha de costura de forma selvagem sobre a cabeça coberta por uma lata. Uma onda de soldados a pé, sob seu comando, veio correndo atrás dele. Eles explodiram sobre as toupeiras defensoras, como a crista de uma onda, varrendo tudo em seu caminho. Septimus, empinando a salamandra, assomou sobre os inimigos, como um gigante em batalha, e os defensores da cidade se aproximavam dele tremendo debaixo de suas chapinhas de garrafa.

— Tomem isso, seus biltres! — gritou ele, aplicando uma dose generosa de sotaque do mundo antigo às palavras enquanto lutava.

“Abaixe sua lâmina, cretino!” também foi usada com frequência, assim como “Para o andar de cima com você, patife!”. Prue não podia ver seu rosto atrás do elmo, mas podia imaginá-lo sorrindo de uma orelha peluda rosada até a outra.

Enquanto o inimigo estava ocupado dessa forma, as torres de cerco dos Cavaleiros do Bosque Subterrâneo tinham rapidamente cruzado a primeira falange de soldados defensores e estavam agora encostadas à parede externa, enviando uma corrente constante de cavaleiros ao primeiro patamar da cidade. O aríete de vários lápis estava batendo com força contra o escorredor de macarrão achatado da porta, ao mesmo tempo um grande número de cavaleiros esperava impacientemente logo atrás para invadir a cidade pelo portão, que se mantinha firme. Um dos soldados montados numa salamandra se virou para Curtis e berrou:

— HABITANTE DO ANDAR DE CIMA!

Levou um momento para Curtis encontrar a voz na multidão de milhares de toupeiras em batalha.

— Sim? — perguntou ele, quando finalmente encontrou a origem.

— VOSSA SANTIDADE PODERIA USAR SUA FORÇA DIVINA PARA DERRUBAR O PORTÃO?

— Ah, sim — falou Curtis. — Sem problemas.

Chegando ao muro, que não passava de seu joelho, ele esticou a mão até o outro lado e, encontrando a borda superior da porta, a puxou e amassou o pedaço de metal. Os Cavaleiros do Bosque Subterrâneo soltaram um grito de vitória e entraram correndo pelo portão aberto, derrubando todos que ficavam em seu caminho. Curtis sentiu uma espetada em seu dedo ao recolher a mão do cenário; um alfinete de costura com uma bola vermelha em uma das

pontas estava alojado no tecido carnudo entre o polegar e o indicador.

— Ai — disse ele. Ele olhou para baixo; uma toupeira do lado oposto estava parada ali, sem agulha, apontando seu focinho na direção geral de Curtis. Ela parecia estar chorando de medo. Por um instante, Curtis brevemente considerou a possibilidade de apanhá-la e jogá-la contra o muro, mas a tática parecia muito brutal, muito inumana. A ideia francamente o perturbou. Em vez disso, ele arrancou o alfinete preso em sua mão e o arremessou no outro lado da câmara. — Cuidado — falou ele para a toupeira, que fugiu correndo para o meio do tumulto.

Os Cavaleiros do Bosque Subterrâneo, no entanto, não eram tão misericordiosos com seus inimigos. A advertência de Sir Timothy, de que os habitantes deveriam se voltar contra as forças de Dennis, o Usurpador, ou morrer sob as espadas dos Cavaleiros, foi levada adiante com uma consistência digna de nota. Curtis empalideceu ao ver as toupeiras atacarem seus inimigos, os destruindo com qualquer arma ou instrumento à sua disposição. Sangue corria livremente pelas calhas das ruas estreitas da cidade; gritos de dor angustiados tornavam o ar espesso. Um bebê toupeira, separado dos pais, estava abandonado numa rua secundária e uivava de medo; uma toupeira com um vestido manchado de sangue estava parada à porta de um prédio em chamas e chorava ruidosamente sobre o corpo de um soldado caído. Curtis olhou para Prue, que tinha parado completamente de fingir ira e agora observava o processo com um olhar de desgosto e piedade.

— Argh! — exclamou ela. — Isso é terrível.

Curtis caminhou de volta até onde ela estava parada na entrada da câmara e se juntou à sua amiga para testemunhar os acontecimentos. As toupeiras tinham invadido o segundo muro da cidade; nuvens finas de fumaça agora se elevavam de várias casas e igrejas. A cacofonia da batalha, as agulhas e as chapinhas de garrafa se chocando, ecoava no ar.

— Podemos impedir isso? — arriscou Prue.

Curtis olhou ao redor; as ruas da cidade estavam fervilhando com guerreiros toupeira descontrolados.

— Não sei — respondeu ele. — Acho que simplesmente temos que deixar isso seguir seu curso.

A terceira muralha tinha sido rompida. Os corpos sem vida das toupeiras caídas se dobravam, dormentes, sobre os muros.

— Temos que fazer algo — disse Prue. Determinada a cumprir aquela tarefa, ela se aproximou da Cidade das Toupeiras, cuidadosamente observando onde colocava os pés para evitar acrescentar qualquer derramamento de sangue indevido ao caos. Passou facilmente por cima da primeira muralha; as ruas nesse nível estavam quase desertas, a não ser por alguns feridos que gemiam; o impulso da batalha tinha forçado a maior parte dos defensores a subir até o ápice da cidade. Ela passou por cima da segunda muralha, então chegou até a terceira; a cidade ali era densa demais para permitir o tráfego a pé de um humano. Em vez disso, ela parou e se dirigiu às toupeiras em guerra. — PAREM! — gritou.

Ninguém estava escutando.

Respirando fundo, ela invocou o máximo de volume que conseguiu:

— PAREM!

Novamente, nenhuma resposta. As toupeiras, perdidas num estupor de violência e sede de sangue, não eram capazes de ouvi-la. Um grupo de toupeiras defensoras atirava flechas flamejantes no exército que se aproximava; um destacamento de reforços descia as ruas em espiral para se juntar aos seus irmãos em armas na luta. Prue olhou para o topo da torre no centro da cidade e viu uma única toupeira, vestindo o que parecia ser um pijama, encarando os acontecimentos com indiferença.

— Você! — gritou ela. Mesmo levando em conta a minúscula área da

cidade das toupeiras, ela ainda estava a facilmente 5 metros do topo da torre.

A toupeira pareceu tê-la ouvido. Ele se encolheu um pouco e apontou seu focinho sem olhos na direção da menina.

— Você! Faça isso parar! — exigiu ela.

Ela podia apenas supor que aquela toupeira tinha autoridade; o fato de ele não estar nem lutando, nem particularmente perturbado pelo incontável número de mortes ocorrendo aos seus pés a levou a acreditar que ele era alguém importante.

A toupeira, escutando suas palavras, apenas deu de ombros. A guerra continuava sendo travada.

— AGORA! — berrou ela.

Prue foi capaz de sentir o rosto se contorcer à medida que uma ira absoluta tomava conta dela. A toupeira na torre, evidentemente percebendo sua fúria, soltou um pequeno guincho; ele se virou e correu para o abrigo do aposento interno da torre.

— Não faça isso — falou Prue, com raiva, e ela começou a escalar a pirâmide da cidade das toupeiras.

Quando seus pés se apoiavam sobre as armações das estruturas, ela podia senti-las começando a ceder; estava claro que a cidade não tinha sido construída para suportar o peso de humanos. Ainda assim, mesmo com todos os prédios, casebres e lares destruídos sob suas botas, ela decidiu que aquilo era em nome da paz. A batalha abaixo dela ficou suspensa quando cada toupeira, independentemente do lado que estivesse, parou para testemunhar a enorme Habitante do Andar de Cima passar por sobre suas cabeças e se aproximar da Fortaleza de Fanggg. Chegando à base da torre, ela se apoiou contra o eixo de alumínio e esticou o corpo, seus olhos chegando ao nível da cúpula.

Dentro do domo ela viu o que parecia ser um quarto enfeitado. Tapeçarias

resplandecentes cobriam as paredes. No centro ficava uma cama



com dossel em miniatura. Foi lá que Prue viu a toupeira de pijama; ou melhor, ela a viu debaixo dos lençóis, criando uma espécie de protuberância do tamanho de uma toupeira sobre a cama, uma protuberância que tremia de medo.

— Saia daí, você — falou Prue. — Posso ver você perfeitamente.

— NÃO, OBRIGADO — respondeu a toupeira. — VOU APENAS FICAR AQUI.

— Não vai nada — disse Prue, e ela esticou o braço para dentro do quarto e empurrou as cobertas para o lado, revelando uma toupeira acuada.

Antes que fosse capaz de fugir, ela a pegou pela barra da calça do pijama e a tirou da proteção da cúpula enquanto a toupeira gritava. Ela a segurou daquela forma, balançando entre os dedos, e a trouxe até perto do rosto para

poder examiná-la melhor.

— Você é Dennis, o Usurpador? — perguntou ela.

— NÃO, NÃO SOU — respondeu a toupeira.

A voz estava carregada de medo.

— SIM, É ELE MESMO. — Veio uma voz de perto dos pés de Prue. Ela olhou para baixo; era um dos cavaleiros. A luta tinha parado enquanto os dois lados assistiam ao interrogatório de Prue com a toupeira. — É ELE, COM CERTEZA. EU RECONHECERIA ESSA VOZ EM QUALQUER LUGAR.

Dennis Toupeira pareceu amaldiçoar a sorte; ele se debatia impotentemente nas mãos de Prue.

— Quero que você acabe com isso — disse Prue, tentando olhar nos olhos da toupeira, apesar de ele não ter olhos. — Quero que você mande seus soldados se entregarem.

— SÉRIO? QUER DIZER, AGORA?

Prue girou o braço num movimento rápido e fluido; ela o segurou sobre a confusão das ruas da cidade. Os soldados abaixo soltaram um suspiro de espanto; Dennis guinchou. Uma pequena mancha molhada apareceu na parte frontal do pijama.

— Eu vou fazer isso — falou Prue. — Não me importo em sacrificar uma toupeira pelo bem de toda a cidade.

— CERTO, CERTO — gaguejou Dennis. Ele balançou os pequenos braços sobre a multidão reunida abaixo. — EU ME RENDO! VOCÊS PODEM FICAR COM SUA FORTALEZA DE FANGGG IDIOTA.

Os gritos que responderam a esse anúncio, mesmo saindo de criaturas tão pequenas quanto as toupeiras, era esmagador. Qualquer barulho que os exércitos em guerra tivessem criado durante o cerco foi eclipsado por esse grito unificado de pura alegria. Os Cavaleiros do Bosque Subterrâneo ergueram suas espadas e alabardas; o exército de Dennis, o Usurpador, jogou

suas armas no chão numa chuva de pequenos instrumentos de metal. Os dois lados correram juntos depois da declaração de paz; familiares havia muito separados foram reunidos; amigos que tinham ficado em lados opostos por causa da divisão estavam mais uma vez trocando abraços e apertos de mão. A cena era tão emocionante para Prue que ela quase se esqueceu de que ainda segurava Dennis entre os dedos.

— ENTÃO VOCÊ PODE ME COLOCAR NO CHÃO AGORA? — perguntou ele.

— Ah, claro. — Ela parou, olhando para o ex-déspota cautelosamente. — Embora eu ache que devo entregá-lo às autoridades. Onde está Sir Timothy?

Um grito surgiu na multidão aos seus pés:

— ABRAM CAMINHO! ABRAM CAMINHO!

O tom da celebração repentinamente ficou sombrio; Prue se virou para ver que os exércitos reunidos estavam abrindo espaço para a passagem de um grupo de cavaleiros leais carregando uma maca improvisada sobre os ombros; sobre a maca estava nada menos do que o corpo imóvel do Grão-Mestre Comandante Sir Timothy. Septimus caminhava à frente da procissão, a armadura de retalhos manchada com o sangue daqueles que tinham sido abatidos. Quando as toupeiras reconheceram a natureza da procissão, uma de cada vez se ajoelhou num silêncio pesaroso. Prue levou a mão à boca.

— Ele está bem? — perguntou ela.

Septimus removeu o elmo e o jogou no chão. A testa estava encharcada de suor. Ela balançou a cabeça tristemente em resposta à pergunta.

— ELE ESTÁ GRAVEMENTE FERIDO — respondeu o Profeta Bartholomew, ao lado do rato.

O som de choro podia ser ouvido crescendo na multidão; alguns gritavam.

— MAS POR QUE LOGO SIR TIMOTHY?

— Estávamos lado a lado no fim — narrou Septimus. — Lutou como um

verdadeiro herói.

A maca foi posicionada no meio da praça da cidade, logo depois da terceira muralha. Os cavaleiros sobreviventes se juntaram à sua volta. Prue, segurando a calça do pijama de Dennis Toupeira com força entre os dedos, ajoelhou. Sir Timothy lutava para falar.

— NÓS SOMOS — disse ele, a voz quebradiça e baixa —, NÓS SOMOS VITORIOSOS?

Um cavaleiro ao seu lado engoliu as lágrimas e respondeu:

— SIM, SIR TIMOTHY. O DIA É NOSSO.

Um sorriso fraco se abriu nos lábios da toupeira ferida.

— O GUERREIRO DO ANDAR DE CIMA AINDA ESTÁ AO MEU LADO?

Septimus se aproximou e segurou sua mão.

— Sim, Sir Timothy.

O cavaleiro sorriu calorosamente para seu companheiro de batalha.

— E QUANTO ÀS OUTRAS DIVINDADES? ELAS SOBREVIVERAM?

Prue olhou para Curtis, que rondava logo do lado de fora da muralha externa. Ela acenou com a cabeça; ele deveria escutar isso. Curtis assentiu e cautelosamente entrou na cidade das toupeiras, tentando evitar um distúrbio ainda maior nas ruas devastadas da metrópole. Ele se juntou a Prue, embora houvesse pouco espaço para os dois ajoelharem.

Outro furor acontecia; gritos saíam de dentro da Fortaleza de Fanggg. Poucos momentos depois, uma tropa de Cavaleiros do Bosque Subterrâneo apareceu em um dos portões mais baixos, trazendo uma toupeira que vestia uma túnica branca. A multidão que cercava a maca de Sir Timothy se calou; alguém falou:

— A SIBILA!

Assim que viu o cavaleiro ferido, a toupeira de túnica ultrapassou seus libertadores e correu até ele.

— GWENDOLYN! — falou Sir Timothy, depois de sentir as patas dela tocarem o metal ensanguentado da armadura.

— IRMÃO, SOU EU.

A toupeira estava lutando contra as lágrimas.

— BOA IRMÃ — disse Sir Timothy —, VOCÊ ESTÁ LIVRE. ESSA É A COISA QUE EU MAIS DESEJAVA. PARTIREI AGORA, IRMÃ, PARA O MUNDO DE CIMA, PARA O SEIO DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA.

— DOCE TIMOTHY — falou Gwendolyn — DOCE E BRAVO TIMOTHY. VOCÊ NÃO DEU SUA VIDA EM VÃO. VOCÊ LIBERTOU SEU POVO DO POLEGAR DE SEU OPRESSOR. VOCÊ ME LIBERTOU DA MINHA SERVIDÃO. VOCÊ VIVEU UMA VIDA VALENTE; VÁ AO MUNDO DE CIMA EM GLÓRIA.

Sir Timothy tentou sorrir, embora o rosto tenha se fechado quando ele teve um acesso de tosse. Pequenas manchas de sangue se espalharam pela armadura desgastada.

— HABITANTES DO ANDAR DE CIMA — disse ele, acenando para Prue e Curtis. — APROXIMEM-SE.

As duas crianças obedeceram. Septimus ajoelhou ao lado do cavaleiro moribundo.

— SUA PRESENÇA DIVINA NOS FEZ GANHAR ESSE DIA. APESAR DE, NO FUNDO DO MEU CORAÇÃO, EU NUNCA TER DUVIDADO DA JUSTIÇA DE NOSSA LUTA, SUA APARIÇÃO, SUA REVELAÇÃO, CONFIRMOU MINHAS MAIORES ESPERANÇAS. TALVEZ NÓS QUATRO SEJAMOS REUNIDOS QUANDO EU ANDAR ENTRE OS DEUSES DO MUNDO DE CIMA.

Prue percebeu que lutava contra as lágrimas.

— Claro, Sir Timothy — falou ela. — Faremos isso.

Pareceu ser uma hora inapropriada para explicar a real natureza do suposto Mundo de Cima. Não fazia sentido incomodar o consolo da bravo cavaleiro.

Segurando a pata da irmã com força, os longos dedos carnudos entrelaçados, o cavaleiro virou o rosto para o céu. Como se tivesse sido compelido a fazer aquilo, a pele aveludada do rosto se contraiu, e ele pareceu se empenhar para abrir os olhos. Dois minúsculos pontos pretos apareceram no pelo de seu rosto enquanto a testa se contraía.

— ESTOU VENDO — falou ele, com a voz rouca, delirando. — ESTOU... VENDO!

E então ele não falou mais.



Era, sem nenhuma dúvida, uma estrada. Rachel parou no meio dela com as mãos na cintura. Ela chutou a terra, como se quisesse testar o quão real era. Então se virou para sua irmã.

— Sim — disse ela. — É uma estrada, com certeza.

— O que fazemos agora?

Elsie estava sentada no que tinha sobrado de um cepo de árvore, dando uma mordida numa maçã crocante.

— Tem ideia de aonde ela leva? — perguntou Rachel, tendo ignorado a pergunta da irmã.

Elsie forneceu a própria resposta:

— Deveríamos encontrar Michael e Cynthia.

— Certo — falou Rachel, acordando de seu transe. — Deveríamos mesmo.

Havia demorado um tempo para Elsie encontrar a irmã naquele labirinto do bosque, mas, assim que encontrou, ela foi capaz de levá-la de volta à estrada com alguma facilidade: tinha marcado o caminho amarrando pequenas fitas de hera aos troncos das árvores que cercavam o caminho do coelho. Com a existência da estrada confirmada, as duas irmãs mergulharam de volta no véu do bosque e começaram a seguir os pontos de referência para retornar ao interior da Periferia. Elas gritaram os nomes de seus companheiros de caçada enquanto caminhavam. Pouco depois, encontraram os dois adolescentes posicionando uma pequena armadilha debaixo de um tufo de galhos.

— O que houve? — perguntou Michael, quando elas chegaram completamente ofegantes e coradas.

— Uma estrada! — deixou escapar Elsie.

— Elsie a encontrou — completou Rachel. — Não fica longe.

Cynthia disparou um olhar na direção de Michael.

— Isso não é possível — disse ela.

— Juro — falou Elsie. — Está realmente ali.

— Andamos por cada centímetro quadrado desse lugar filho da mãe. Nunca vimos uma estrada. — Michael, que enrolava um pouco de arame em volta da cintura enquanto falava, não tinha realmente usado a expressão *filho da mãe*, mas outra palavra que Elsie só ouvira em voz alta uma vez antes. O pai tinha deixado cair a tampa da panela de barro em seu pé, e essa palavra ressoara pela casa.

— O que, você está chamando minha irmã de mentirosa? — perguntou Rachel, repentinamente irritada por causa da atitude das crianças mais velhas.

— Não fique toda esquentadinha — falou Michael, rindo. — Só estou dizendo que, se houvesse uma estrada aqui, já a teríamos encontrado.

— Talvez seja um truque da luz ou algo assim — sugeriu Cynthia. — Às

vezes a floresta pode parecer um pouco estranha em certas horas do dia.

— Não era — respondeu Rachel. — Eu a vi. Com meus próprios olhos.

— Vamos lá — falou Elsie. — Apenas venham ver. Realmente não é muito longe.

Michael olhou para as duas irmãs calmamente, examinando-as. Finalmente, ele balançou a cabeça e continuou enrolando o arame.

— Escutem — disse ele. — Está ficando tarde. Realmente deveríamos voltar ao chalé. Carol vai estar nos esperando. Está quase na hora do jantar.

— Sério? — perguntou Rachel, sem acreditar naquilo. — Vocês simplesmente não vão vir com a gente para ver a estrada?

— Vamos amanhã, prometo. A primeira coisa a fazer. Então a gente dá uma boa olhada nessa estrada de vocês. — Ele passou o braço sobre o ombro de Elsie e bagunçou de leve o cabelo dela com os nós dos dedos. — Além do mais, você tem uma fila de crianças esperando por aquelas suas bonecas; você tem trabalho para fazer.

Elsie sorriu brevemente, então falou:

— Mas amanhã a gente vai ver a estrada?

— Prometo — disse Michael.



— Uma estrada? O que, como uma estrada pavimentada?

Carol tinha parado no meio da baforada e estava virado fixamente na direção das vozes das duas meninas, o cachimbo afastado apenas centímetros de seus lábios. Ele parecia estar congelado ali, como se também estivesse suspenso no mesmo gel da passagem do tempo na Periferia.

Elsie olhou para sua irmã hesitantemente; ela tomou um gole de seu chá de hortelã. Ela e Rachel, com os dois caçadores adolescentes, tinham

encurralado Carol depois de terem tirado os pratos sujos das cinco mesas de jantar da casa e os empilhado no balcão ao lado da pia. Dois meninos riam baixinho de uma piada compartilhada enquanto mergulhavam os pratos em água com sabão. As crianças mais novas foram mandadas para suas camas; as mais velhas estavam espalhadas pela casa, aproveitando os últimos momentos da noite.

— Não pavimentada, exatamente — falou Rachel. — Era mais como uma estrada de cascalho. Ou talvez houvesse algumas pedras ali. Parecia existir há muito tempo.

Os dois olhos de madeira se moveram na cabeça de Carol; na luz fraca das velas, eles mostravam duas íris azuis brilhantes. Elsie podia ver até as marcas das pinceladas.

— E havia uma coisa que parecia um pilar, como um marcador de quilometragem ou algo assim. No outro lado. — Essa era Elsie.

Michael tinha permanecido calado durante a maior parte da conversa; ele também estava enchendo seu cachimbo com tabaco. O garoto finalmente se manifestou:

— O que dizia? Tinha algo escrito nessa coisa?

Rachel assentiu; tinha visto de perto. Quando Elsie a levou até a estrada, ela mentalmente anotou o símbolo entalhado em suas explorações.

— Uma flecha, com um desenho de um pássaro — disse ela.

Carol perdeu o fôlego. Aquilo soou como:

— HOOO!

As crianças todas olharam para ele.

— Isso parece certo — falou ele. Ele finalmente levou a piteira do cachimbo até a boca e deu uma longa e pensativa baforada. — Uma placa de direção. Vocês estavam apontadas na direção do Principado Aviário, se a memória não me falha.

Michael mirou o velho atentamente; Cynthia deixou cair a colher que ela estava usando para misturar o creme em seu chá.

— Parece que vocês encontraram um caminho para cruzar o Anel — disse Carol. — Alguma espécie de brecha ou algo assim. Vocês se lembram de ter passado por algo fora do comum? Algo que poderia ter parecido uma passagem ou algo assim? Eu me lembro de pessoas falando sobre essas coisas; aberturas e tudo mais. Mas nunca soube que elas existiam.

— Na verdade, não — respondeu Elsie. — Quero dizer, acho que eu teria me lembrado de algo desse tipo. Não acho que segui exatamente o mesmo caminho quando voltei. Amarrei talos de hera às árvores, mas não segui, tipo, exatamente as minhas pegadas no caminho quando mostrei o lugar para Rachel.

Rachel balançou a cabeça de forma afirmativa; ela estava distraidamente batendo com o dedo na etiqueta amarela em sua orelha.

— Bem — falou Carol, depois de uma pausa significativa —, acho que teremos que dar uma olhada nessa estrada que vocês encontraram.

Michael parecia chocado.

— Parece que vai ser um longo caminho, Carol. Você tem certeza de que consegue?

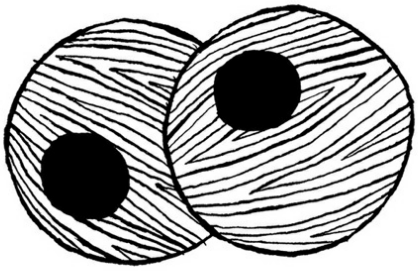
Carol levantou a mão de forma amigável na direção da voz do garoto.

— Ficarei bem. Será bom dar uma caminhada por esse lugar, de qualquer forma. Fiquei sentado sobre esses ossos durante muito tempo. — Ele levou o cachimbo até a boca novamente. O barulho dos pratos batendo na pia tinha parado; as crianças estavam todas em suas camas. A luz das velas refletia nas pupilas pintadas dos olhos de Carol. — Está escuro agora — disse. — É melhor sair na primeira luz do dia. Não vamos deixar os pequenos saberem sobre isso; não quero que eles fiquem esperançosos sem motivo. Pode ser que seja apenas um truque da luz; uma trilha de caça bastante usada que cruza a

Periferia. Sem querer ofender as meninas aqui; é fácil se confundir nesse bosque. Ele tem muitos truques. — Ele bateu com o cachimbo contra a calça de tecido rústico, a cinza caiu no chão. — Pode ser, no entanto, que essa seja nossa passagem para fora daqui.

Michael olhou para as duas irmãs enquanto fumava. Cynthia mexeu seu chá. Carol esfregou o calcanhar da bota sobre o monte de cinzas que ele tinha criado no chão.

— Pode ser — repetiu ele.



# CAPÍTULO 19

## *A Condução de Sir Timothy ao Além*

As toupeiras não pouparam nenhum custo ou extravagância para o funeral do Grão-Mestre Comandante Sir Timothy Toupeira. Ele foi levado da fortaleza vestindo a armadura cerimonial de seu avô, numa maca coberta com o líquen mais verde. Os habitantes tomaram as ruas labirínticas da cidade para ver a procissão passar. O ar se enchia dos gritos pesarosos dos cidadãos, tão grande era a sua admiração por Sir Timothy e seu valente bando de Cavaleiros do Bosque Subterrâneo os terem livrado da dominação de Dennis, o Usurpador, que agora cumpria prisão perpétua na cela mais profunda da masmorra da Fortaleza de Fanggg. Uma pequena fanfarra abria o caminho; eles tocavam uma melodia repetida, que soava para os ouvidos de Curtis ao mesmo tempo alegre e desoladora. Os dois Habitantes do Andar de Cima observavam do espaço aberto além da muralha externa da cidade.

O cortejo seguiu um caminho gasto até uma parte da câmara que Curtis não vira anteriormente. A cerca de 10 metros das muralhas da cidade ficava um enorme reservatório, municiado por uma goteira constante vinda do teto não visto. Passou pela cabeça de Curtis que aquele podia ser o reservatório a que as toupeiras se referiam quando falavam da passagem de tempo: “tantas secas e reabastecimentos do reservatório”. Toupeiras, jovens e idosas, se alinhavam no caminho do portão frontal até as margens da água. Quando o cortejo chegou ali, algumas palavras foram pronunciadas pela irmã do cavaleiro falecido, a Sibila Gwendolyn, antes de a maca ser empurrada para a água. A correnteza levou o corpo para longe dos enlutados, para a parte mais escura e afastada da câmara. A alma do cavaleiro, como disse a Sibila, tinha ido se juntar aos seus irmãos no mundo dos Habitantes do Andar de Cima.

A congregação voltava à cidade para oferecer um banquete na recentemente liberada Fortaleza de Fanggg (que o reunido Conselho das Toupeiras tinha proposto mudar de nome para Fortaleza de Prurtimus — em homenagem aos três Habitantes do Andar de Cima tão determinantes na derrota de Dennis), e a Sibila ficou para trás, aos pés de Prue e Curtis, acenando com a cabeça para eles ao se aproximar. Septimus, finalmente libertado da armadura, se curvou para vê-la.

— Foi uma linda cerimônia — elogiou Prue, quebrando o silêncio.

A toupeira balançou a cabeça solenemente.

— Sinto muito por sua perda — completou Curtis.

— Ele está no Mundo de Cima agora, em paz. — Essa era Prue; ela estava sentindo a tristeza profunda no comportamento da Sibila. Tinha passado toda a missa procurando uma palavra apropriada para dizer.

Ela ficou surpresa ao ver Gwendolyn balançar o braço de forma desdenhosa.



— QUE NADA — disse ela. — ISSO É TUDO BABOSEIRA. NÃO SEI AONDE ELE ESTÁ INDO, MAS NÃO VEJO MUITAS PROVAS DE QUE SUA ALMA ESTEJA LEVANTANDO VOO PARA A MUITO CORPÓREA SUPERFÍCIE. ISSO É APENAS SUPERSTIÇÃO, ATÉ ONDE SEI. VOCÊS NÃO PRECISAM MANTER AS APARÊNCIAS COMIGO.

Curtis ficou embasbacado.

— Você não é uma espécie de líder religiosa?

— SOU UMA PROFETISA — respondeu a Sibila. — É UM POUCO A MESMA COISA, UM POUCO DIFERENTE. ATÉ ONDE SEI, MINHA FUNÇÃO É BUSCAR A VERDADE, SEGUNDO A QUAL EU POSSO ACONSELHAR MELHOR MEUS LÍDERES. E EM MINHAS BUSCAS NÃO ENCONTREI MUITAS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE ALGO COMO O MUNDO DE CIMA. PELO MENOS NÃO DA FORMA COMO NÓS TOUPEIRAS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO O VEMOS.

— Então por que você... — começou Prue.

Curtis terminou por ela:

— Disse todas aquelas coisas lá, sobre a vida dele após a morte?

— TRADIÇÃO — respondeu a Sibila. — FÉ. É UMA IDEIA TERRÍVELMENTE LINDA, NÃO É? GOSTO DA POESIA DISSO TUDO.

CONTANTO QUE NÃO ESTEJA CAUSANDO NENHUM MAL A NINGUÉM, NÃO VEJO MOTIVO PARA TIRAR O VÉU. ALÉM DISSO, NUNCA FUI A ESSE SEU MUNDO DE CIMA. NÃO ACHEM QUE EU SERIA CAPAZ DE DIZER QUALQUER COISA DEFINITIVAMENTE ATÉ TER PROVAS. — A toupeira percebeu a confusão das duas crianças. — É COMPLICADO — disse ela. — ALGO EM QUE ESTOU TRABALHANDO. NO ENTANTO, POSSO DIZER COM CERTEZA QUE É BOM ESTAR RESPIRANDO O AR PURO DA CAVERNA NOVAMENTE. FIQUEI TRANCADA NAQUELA MASMORRA POR TANTO TEMPO, SATISFAZENDO OS DESEJOS DAQUELE IDIOTA, DENNIS TOUPEIRA.

— Certo — falou Curtis. — Pelo menos... isso.

— CAMINHEM COMIGO — sugeriu a Sibila. — NÃO SEI SE NOSSA COMIDA DE TOUPEIRA SACIARÁ SEUS APETITES DO ANDAR DE CIMA, MAS HÁ UM BANQUETE SENDO OFERECIDO. E TENHO CERTEZA DE QUE VOCÊS ESTÃO SENDO ESPERADOS; VOCÊS SÃO GRANDES HERÓIS NESSA HISTÓRIA.

Eles seguiram a sugestão, embora caminhar com a toupeira fosse mais parecido com caminhar em câmera lenta, ao permitirem que a Sibila acompanhasse seus passos gigantescos. Septimus desfilava orgulhosamente ao lado dela, a agulha de costura ainda pendurada na cintura. Aquela era a única coisa que tinha restado de seu traje de batalha.

— SUSPEITO QUE VOCÊS DESEJARÃO INFORMAÇÕES SOBRE COMO CHEGAR AO DOMÍNIO DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA DO SUL, CORRETO? — perguntou Gwendolyn, enquanto eles caminhavam. — BARTHOLOMEW ME CONTOU ISSO. FOI ESSE O ACORDO?

— Sim — respondeu Curtis. — Obrigado por se lembrar.

— Temos amigos... Habitantes do Andar de Cima... que desapareceram — falou Septimus. — É uma longa história; mas temos que encontrá-los. De alguma forma.

— E você conhece o caminho? — perguntou Prue.

— CONHEÇO. COMO EU DISSE: EM MINHAS BUSCAS, MINHAS VIAGENS, DESCOBRI MUITOS SEGREDOS ESCONDIDOS NESSE LUGAR QUE CHAMAMOS DE BOSQUE SUBTERRÂNEO. FUI EU, NA VERDADE, QUEM VIU O ARQUITETO PELA PRIMEIRA VEZ E O TROUXE À CIDADE ARRUINADA DAS TOUPEIRAS. ISSO FOI ANTES DE EU SER DECLARADA SIBILA, QUANDO EU ERA APENAS UMA ANDARILHA, CURIOSA EM RELAÇÃO AO MUNDO QUE ME CERCAVA.

— Quem era ele, esse arquiteto? — perguntou Prue.

Essa era uma pergunta que vinha se revirando em seu cérebro, desde que tinha colocado os olhos sobre a Cidade das Toupeiras, com sua incrível variedade de lixo humano reutilizada como prédios, monumentos e vias públicas.

— ELE ERA UM HABITANTE DO ANDAR DE CIMA, COMO VOCÊ. EU O ENCONTREI NUM DOS RECANTOS MAIS PROFUNDOS DO BOSQUE SUBTERRÂNEO. ENCONTRAR VIDA NAQUELE ABISMO ESCURO ERA A ÚLTIMA COISA QUE EU ESPERAVA, POSSO LHE DIZER. EU JAMAIS TINHA ME APROFUNDADO EM MINHAS EXPLORAÇÕES. VOCÊ PODE IMAGINAR MINHA SURPRESA. ELE ESTAVA NUM ESTADO DEPLORÁVEL; HAVIA SIDO EXPULSO POR SEU POVO. ALÉM DO MAIS, QUEM QUER QUE TIVESSE DECIDIDO SEU DESTINO TAMBÉM TOMARA A MEDIDA COMPLEMENTAR EXTREMAMENTE ABOMINÁVEL DE ARRANCAR SUAS MÃOS DOS BRAÇOS.

— Urgh — falou Prue, de forma reflexiva.

— CUIDEI DE SUA SAÚDE, USANDO AQUELES MESMOS TIJOLOS DE RAÇÃO DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA QUE, EU SOUBE, FORAM DADOS A VOCÊS.

O estômago de Septimus roncou à menção daquilo.

— Foi mal — disse ele.

Gwendolyn continuou:

— UMA VEZ QUE ELE ESTAVA SAUDÁVEL O SUFICIENTE PARA VIAJAR, EU O APRESENTEI DIANTE DO CONSELHO DAS TOUPEIRAS. ELE ESTAVA TREMENDAMENTE AGRADECIDO POR TUDO O QUE EU HAVIA FEITO. IMAGINO QUE EU TENHA SALVADO SUA VIDA. ELE PROMETEU RECOMPENSAR AS TOUPEIRAS DE ALGUMA FORMA, RECONSTRUINDO A CIDADE QUE TINHA SIDO REDUZIDA A PRATICAMENTE APENAS DETRITOS PELA GUERRA DAS SETE SECAS DO RESERVATÓRIO. ELE DISSE QUE TINHA FEITO TRABALHOS SEMELHANTES NO MUNDO DE CIMA, QUE ELE CONSTRUÍA COISAS COM SUAS MÃOS. COISAS INCRÍVEIS E BELAS. E, APESAR DE ESTAR PRIVADO DAS DUAS FERRAMENTAS DE QUE MAIS DEPENDIA, AS PRÓPRIAS MÃOS, ELE ACHOU QUE AINDA SERIA CAPAZ DE DAR CONTA, COM O AUXÍLIO DAS TOUPEIRAS. ERA VERDADE: ENQUANTO ELE NÃO TINHA MÃOS, NÓS NÃO TÍNHAMOS OLHOS. JUNTOS, NÓS TRABALHAMOS DE FORMA SIMBIÓTICA.

“EM MINHAS EXPLORAÇÕES, EU ENCONTRARA UMA PASSAGEM QUE, DEPOIS DE MUITAS SEMANAS NO TEMPO DAS TOUPEIRAS, LEVAVA AO QUE OS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA CHAMAM DE “LUZ DO SOL”. NA VERDADE, PARA O PRÓPRIO MUNDO DE CIMA... APESAR DE MUITO PARA O LESTE.

EU LHE FALEI SOBRE ESSA PASSAGEM, E ELE COMEÇOU A USÁ-LA PARA FAZER INCURSÕES EM BUSCA DE ITENS ABANDONADOS PELOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA. ELE TROUXE LONGAS EXTENSÕES DE CABOS ELÉTRICOS DO MUNDO DE CIMA PARA FORNECER ELETRICIDADE ÀS LUZES QUE HOJE ILUMINAM A CÂMARA, EMBORA NÃO SEJAM ÚTEIS PARA AS TOUPEIRAS. E ELE COMEÇOU A RECONSTRUIR NOSSA MARAVILHOSA CIDADE. DEMOROU MUITAS SEMANAS. NÓS TRABALHAMOS DE FORMA INCANSÁVEL COM ELE, SENDO SUAS MÃOS. E, NUMA ÚNICA SECA E REABASTECIMENTO DO RESERVATÓRIO, CONSEGUIMOS NÃO APENAS RECONSTRUIR A CIDADE, MAS APRIMORÁ-LA MAIS DO QUE QUALQUER UM PODERIA TER IMAGINADO.

"EM NOSSO AGRADECIMENTO, APESAR DE O ARQUITETO TER INSISTIDO QUE NÃO LHE DEVÍAMOS NENHUM, NOSSOS MELHORES FERREIROS-TOUPEIRA CONSTRUÍRAM DOIS GANCHOS DOURADOS QUE ELE PODERIA USAR NO LUGAR DAS MÃOS PERDIDAS. NÃO PRECISO NEM DIZER QUE PUDE OUVIR LÁGRIMAS CAINDO DE SEUS OLHOS QUANDO NOS DISSE ADEUS. E ENTÃO ELE PARTIU. SEGUIU AQUELES CABOS DE FORÇA QUE ELE TINHA TRAZIDO ATÉ ALCANÇAR A LUZ DO SOL, E NÃO SABEMOS DELE DESDE ENTÃO."

— Uau! — exclamou Curtis. — Que história.

Eles tinham chegado aos portões frontais da Cidade das Toupeiras; Curtis foi capaz de olhar para ela de uma forma completamente diferente. Começou a ver a totalidade da incrível estrutura como ela realmente era: um milhão de pequenas peças recuperadas, todas meticulosamente reunidas para criar um todo fluido e funcional.

Prue mordia o lábio inferior, o que quase sempre significava que havia um pensamento maior fermentando em sua mente. Curtis lhe lançou um olhar desconfiado. Ela então ajoelhou para ficar mais próxima da Sibila e perguntou:

— Ele alguma vez lhe contou o que tinha feito para ser exilado? Do Mundo de Cima?

— CONTOU, SIM.

— E o que foi?

— UM CASO ESTRANHO, NO MÍNIMO. NÃO HÁ EXPLICAÇÃO PARA OS CAPRICHOS DOS HABITANTES DO ANDAR DE CIMA. UMA RAINHA DO ANDAR DE CIMA, ENLOUQUECIDA, TINHA ENCOMENDADO QUE ELE CONSTRUÍSSE UMA RÉPLICA MECÂNICA DO FILHO MORTO.

Septimus soluçou alto. Prue quase caiu para trás.

— QUANDO ELE TERMINOU, A RAINHA DO ANDAR DE CIMA O EXILOU PARA ELE NUNCA REVELAR O SEGREDO DA EXISTÊNCIA DO MENINO AO MUNDO DE CIMA. E, PARA ELE NUNCA PODER CRIAR OUTRA PEÇA CAPAZ DE RIVALIZAR COM AQUELA, ELA MANDOU CORTAR AS MÃOS DO ARQUITETO.

— Oh, meu Deus! — exclamou Prue, um olhar de repentina compreensão iluminando seu rosto.

Septimus ainda estava soluçando. Curtis, absorto nas palavras da Sibila, pediu para ela continuar.

— ESSA NÃO É A PIOR PARTE — disse a Sibila, balançando a cabeça por causa da insensatez dos Habitantes do Andar de Cima. — HAVIA UM SEGUNDO FABRICANTE; ELE E O ARQUITETO TRABALHARAM JUNTOS PARA PRODUZIR O MENINO. ESSE TAMBÉM FOI EXILADO. MAS ESSE, A RAINHA PRIMEIRO ORDENOU QUE O

CEGASSEM. OS DOIS OLHOS. ARRANCADOS.

O barulho do banquete podia ser ouvido dentro dos muros da cidade. Alguém cantava uma canção aguda e solitária, e os convidados reunidos berravam junto. A Sibila balançava a cabeça.

— CEGO — disse ela — COMO UMA TOUPEIRA.



Os olhos de Carol estavam sobre a mesa da cozinha. Elsie os mirava, estranhamente perplexa. Ela cutucou um com uma faca de manteiga que estava próxima; ele bamboleou um pouco na superfície de madeira. Por alguma razão, eles continuavam a nauseá-la. Não por serem uma prótese dos olhos perdidos do velho — ela já esteve na presença de algumas pessoas com membros artificiais —, mas porque se pareciam com os olhos de um boneco. E ela sempre tinha a sensação de que eles estavam olhando para ela, desconfiados.

A manhã havia chegado; o sol novamente se erguido no mundo intermediário, embora, pela avaliação de Elsie, aquele devesse ser o mesmo que o dia anterior. A cabeça girava enquanto tentava lutar contra a ideia de que, apesar da passagem dos dias e das noites, as horas nunca realmente avançavam no tempo. Aquilo não parecia ter tido um efeito em seu corpo ainda, embora houvesse uma pequena pontada na mente, uma sacudidela silenciosa, que lhe dizia que as coisas não estavam como deveriam ser. E os olhos ainda a fitavam fixamente.

— Bom dia! — Veio uma voz de trás dela.

Era Carol.

— Oi, Carol — cumprimentou Elsie. — Você deixou isso aqui. Sobre a mesa.

Ela segurou seu braço e guiou a mão até o par de olhos.

— Ah — disse ele. — Obrigado. Estava me perguntando o que tinha feito com eles. — Ele os colocou de volta em suas órbitas gêmeas de forma decidida, cada um de um lado do nariz vermelho. Giraram ali por um momento antes de se assentar; o velho sorriu. — Pronto. Preparada para o dia?

— Você consegue, tipo assim, ver melhor?

Elsie ficou com raiva de si mesma assim que as palavras saíram. É claro que ele não conseguia ver melhor. Ele era cego.

Felizmente, o velho lidou bem com a pergunta.

— Não que eu saiba — respondeu ele, rindo. — Talvez eu apenas me sinta um pouco mais... sei lá... completo usando os olhos de madeira. Como você dormiu, querida?

Elsie passou a mão num ombro dolorido.

— Bem, acho — disse ela. A cama que lhe foi designada era uma das gavetas de um armário na sala de jantar. Ela não era a única no armário — tinha vizinhos de cima e de baixo nas outras gavetas. Como consequência, todos tinham que dormir com as gavetas fechadas, o que dava àquele arranjo uma sensação muito parecida a estar num caixão. — E você?

— Não posso reclamar — falou Carol.

Rachel apareceu no topo da escada. Estava no processo de alisar o ninho de rato que era seu cabelo; ela usava uma escova feita de agulhas de pinho, e aquilo não parecia estar funcionando bem.

— Vocês estão prontos? — perguntou ela, quando chegou à cozinha.

— Mais prontos impossível — proclamou Carol. — E eu ficaria muito grato se pudesse contar com os braços firmes de duas meninas tão adoráveis quanto vocês. — Ele ofereceu os cotovelos. Elsie e Rachel os seguraram, cada uma de um lado. — Certo, então — disse ele. — Vamos lá ver a grande

Estrada Mehlberg.

Na varanda, Michael e Cynthia estavam esperando, encostados às colunas opostas dos dois lados dos degraus. Martha estava ali também, seus óculos posicionados com determinação sobre a testa.

— O que você está fazendo? — perguntou Rachel, enquanto ela e a irmã ajudavam o velho a cruzar as tábuas de madeira da varanda.

Ainda era muito cedo; apenas as primeiras cintilações da alvorada passavam pelas árvores.

— Vou junto. Quero ver essa estrada — respondeu Martha.

Michael e Cynthia trocaram olhares; Elsie se manifestou:

— Achei que ninguém deveria saber sobre isso. E quanto aos pequenos...?

— Ah, qual é? — reclamou Martha. — Sou tão velha quanto vocês. Além do mais, todos estão falando. Todas as crianças sabem. Vocês encontraram uma estrada. Uma que provavelmente fica fora da Periferia.

Carol franziu a testa.

— Elas devem ser aconselhadas a manter suas expectativas baixas. A descoberta dessa “estrada” ainda não foi confirmada.

— Bem, vocês devem fazer isso logo — sugeriu Martha. — Todos estão acordados e esperando para ouvir as novidades.

— Cynthia, você se importaria de ficar aqui e conversar com o restante das crianças? Explicar a situação para elas. — Carol estava inquieto; Elsie lhe segurou o cotovelo enquanto ele descia os degraus até a grama do quintal. Ele sentiu a decepção de Cynthia; ela olhou para Michael e soltou um suspiro insolente. — Cynthia, faça isso. Os mais novos a respeitam.

— Certo, Carol — concordou ela, finalmente.

— Martha, você vai completar nossa equipe de reconhecimento. Rápido, vamos nos mover. Não ando tão agilmente quanto costumava, e não queremos que essa estrada desapareça antes de chegarmos até ela, não é

mesmo?

Carol piscou um de seus olhos de madeira para Elsie.

E então eles partiram.

Logo chegaram à clareira de choupos-do-Canadá, o pequeno prado onde Rachel, Elsie e Martha tinham visto pela primeira vez a matilha de cães. De lá, Elsie tomou a dianteira, se esgueirando entre as enormes coníferas e os galhos finos, nus e caídos dos bordos . Eles seguiam lentamente, contidos pelos movimentos cuidadosos de Carol, e Elsie, em seu entusiasmo, percebeu que tinha se desgarrado do resto do grupo. Finalmente, ela decidiu que seria melhor se simplesmente ficasse ao lado de Carol. Ela ocupou o lugar de Rachel junto a seu cotovelo; Martha segurava o outro. Michael, com o cachimbo firmemente preso entre os dentes, vinha atrás.

Não havia nenhum coelho para lhes mostrar o caminho agora e, apesar de Elsie ter achado a estrada duas vezes sem o auxílio do animal, ainda era complicado encontrar o local onde os troncos com heras amarradas começavam. Em certo ponto, na beira de um canal raso, Elsie teve que parar e refletir.

— Isso não está certo — disse ela. — Não me lembro dessa parte.

Uma baforada de ar resignada soou na traseira do grupo. Era Michael.

— Em que ponto — falou ele, um tanto mordaz — desistimos disso? Ou vamos ficar rondando pela Periferia o dia inteiro? Para ser honesto estou um pouco preocupado em a gente seguir essa menina e correr o risco de ficar preso em alguma parte nunca descoberta.

— Ela sabe aonde está indo — retrucou Rachel. — Eu vi. Com meus próprios olhos. — Ela então se virou para sua irmã. — Vamos lá, Els, pense. Em que direção?

— Paciência, crianças — repreendeu Carol. — Não faz sentido ficar de implicância por causa disso. Não é nenhuma vergonha ser vítima de uma

ilusão. Essa floresta prega muitas peças.

— *Não era* uma ilusão — falou Elsie, antes de segurar o cotovelo de Carol e puxá-lo para longe da beira do canal. — Por aqui. Tenho certeza disso.



Quando a primeira muda de pinheiro apareceu, o tronco claramente enfeitado com um talo de hera verde, Elsie não olhou nenhuma vez mais para trás.

— Aqui está! — gritou ela, e começou a puxar Carol.

Nem mesmo os murmúrios pedindo cuidado foram capazes de dissuadi-la de arrastá-lo pelo cotovelo através da malha de árvores. Elas agora vinham numa sucessão constante, essas árvores marcadas; sempre que ela achava que tinha perdido a trilha, mais uma surgia em seu campo de visão ao longe. Depois de um tempo, uma subida no terreno apareceu, e, chegando no topo, Carol soltou um grito de surpresa ao perceber que os pés estavam apoiados firmemente na superfície de cascalho da estrada.

Elsie, quase sem fôlego, abriu um sorriso.

— Viu? — disse ela. — Não é uma ilusão!

Carol soltou uma gargalhada alta, sem querer. Ele acariciou carinhosamente a cabeça de Elsie, o rosto radiante.

— Você não estava brincando, estava? — Ele respirou fundo, como se inalasse o ar pela primeira vez. — Até onde ela vai? Você pode descrevê-la?

Invocando todas as suas habilidades descritivas, Elsie começou a, ofegantemente, catalogar cada detalhe da estrada.

— É longa. Está toda coberta de neve. Parece que passaram por aqui em algum momento; veja, há pequenas marcas de rodas debaixo da neve que caiu ontem à noite. E... não sei o que é isso... marcas de cascos, talvez. Cavalos. — Ela absorveu o cenário às suas costas. — Meio que segue se contorcendo. É como uma fita, ou algo do gênero. Como uma estrada do interior. Ela me lembra de... Alugamos uma cabana uma vez, no verão, minha família. Na Three Sisters Wilderness. A estrada que levava até a cabana se parecia com essa. Ela se parecia muito com essa. E tem a coisa de pedra, do outro lado da estrada, com a figura. A figura de um pássaro e uma flecha. Exatamente como lhe contamos.

Carol permaneceu sorrindo durante o longo monólogo de Elsie.

— Verdade — disse ele. — Verdade. Não era nenhuma ilusão. Não era nenhum truque da luz. Você, Elsie, tem um dom.

— Bem, minha professora do segundo ano disse que eu descrevia bem as coisas.

— Não — corrigiu Carol. — Seu dom é a habilidade de passar pela Periferia. Você não está sujeita às suas leis. Você, Elsie, tem a *Magia do Bosque*.

O vento soprava ao longo da fita de estrada de Elsie. A menina não tinha palavras. Ela ouviu um barulho na beira da estrada; olhando em sua direção, ela viu a irmã passar entre as samambaias, o macacão manchado de lama.

— Sinto muito — disse ela. — Eu meio que caí ali atrás. Que bom que os encontrei. — Ela parou, observando a pose silenciosa dos dois vultos. — O que houve? Você encontrou a estrada. Isso é bom.

— Essa é Rachel? — perguntou Carol. — É a sua irmã!

— Sim. — Foi tudo que Elsie conseguiu falar.

— Ela também! — disse o entusiasmado velho. — Eu sabia! Assim que vi... ou senti... vocês duas. Eu pude simplesmente sentir algo. Não consegui descobrir exatamente o que era, mas agora está claro. Claro como cristal. Magia do Bosque, vocês duas. Isso corre em sua família... deve correr! Mas como... — Então ele parou enquanto os cantos de sua boca se curvaram numa expressão preocupada e pensativa. — Como vocês conseguiram... — Sua mão escorregou pelo tecido do casaco em seu cotovelo até o local onde a mão de Elsie tinha repousado tão recentemente. — Você... você... — gaguejou ele. — Você me transportou. Você me trouxe junto. Pelo toque. Ao encostar em mim.— O sorriso voltou aos seus lábios. — É isso! Sempre foi assim!

O velho, sem o apoio de suas ajudantes, começou a cambalear numa pequena dança comemorativa no meio da estrada.

— Como é simples! — disse ele, a voz reverberando no ar. — Tão incrivelmente simples. — Os braços se abriram, procurando um corpo com o qual ele poderia se conectar. — Elsie, Rachel — gritou ele. — Venham aqui! Venham aqui!

As duas obedeceram; ele segurou seus ombros e os apertou carinhosamente.

— Vocês nos salvaram! — falou ele. — Quem sabia? Quem poderia saber o que elas possuem nas profundezas mais profundas de seu ser?

Elsie estava parada com um sorriso estampado no rosto. Havia tantas coisas passando por sua cabeça. Era quase impossível entender tudo aquilo. O que aquilo significava, essa Magia do Bosque? E como ela poderia correr em sua família? Imediatamente, sua mente piscou, e o irmão, Curtis, apareceu. Necessariamente, ele deveria ter a Magia do Bosque também. A ideia libertou uma infinidade de possibilidades. Brevemente, ela examinou o cenário.

— Onde está Martha? E Michael? — perguntou Elsie.

Ela queria que eles também participassem da celebração.

— Achei que Martha estava com vocês; ela estava segurando o outro braço de Carol — falou Rachel.

Carol colocou o dedo no nariz num gesto de compreensão.

— Eles ainda estão na Periferia. Vocês não percebem? É simples. Perfeitamente simples.

— Não estou entendendo — disse Rachel.

— Naqueles últimos momentos, Elsie era a única me guiando; Martha tinha ficado para trás. Isso deve ter ocorrido há algum tempo; antes de cruzarmos o Anel da Periferia. Se meu palpite está correto, e tenho uma boa sensação de que sim, eles estarão bem atrás de nós, presos naquela extensão infinita e refratária de mesmice que todos passamos a chamar de lar. Vamos lá! Vamos buscá-los! — E então começou a se arrastar na direção do fim da estrada, sem ninguém para ajudá-lo, como se tivesse momentaneamente se esquecido de sua deficiência. Ele parou e estalou os dedos. — Sinto muito. Estou me precipitando. Não consigo realmente ver o caminho.

Rachel e Elsie, silenciadas com o choque dessa nova informação, seguraram seus cotovelos. Juntos, os três voltaram para dentro da mata.




# CAPÍTULO 20

## *Siga o Cabo Verde*

— Isso é tudo, Sr. Unthank?

Para Joffrey, a voz chegou como se tivesse saído de um enorme vácuo de espaço; como o som tênue de um rádio ligado em seu volume mais baixo, murmurando no sótão de uma casa em que você está sentado à mesa da sala de jantar. Ela estava inegavelmente ali, mas tão afastada que era quase imperceptível. Mas espere: ela veio novamente:

— Acho que já vou embora, Sr. Unthank. Se o senhor não se importar.

Durante a eternidade de um momento, Joffrey Unthank se afastou da coisa que ele estava segurando na mão e concentrou a atenção nas circunstâncias presentes: ele estava na oficina. O burburinho mecânico das várias máquinas barulhentas coloria o ar. As janelas estavam escuras. Ele não tinha ideia de que horas eram ou de há quanto tempo ele estava parado naquela posição. Na

verdade, era como se tudo em sua mente tivesse sido apagado nessa fração de segundo. Abaixando os olhos, ele viu que estava de pé com as mãos fechadas feito uma concha à altura da barriga, como um padre no meio da pregação. E então tudo voltou.

— Senhor? — Soou a voz novamente.

Era inconfundivelmente o Sr. Grimble.

— Sim, Grimble — respondeu Joffrey.

— Eu o vejo pela manhã, então, senhor.

— Sim, Grimble.

— Bem cedo.

— Bem cedo, Grimble.

Tudo aquilo o inundou; ele olhou para suas mãos fechadas. Lentamente as abrindo, ele viu algo dentro delas. Viu que era feito de bronze. E viu que estava muito próximo da perfeição. A coisa mais rigorosa e imaculada que ele já tinha produzido em sua história como fabricante e criador de partes de máquinas. Ela, sozinha, era o suficiente para fazer o maquinista mais durão cair de joelhos, chorando, de tão perfeitos que eram seus dentes cortados com diamante e a suave curvatura parabólica. Imaginar sua função planejada, voando suavemente com os mecanismos irmãos numa dança de movimento líquido e fluido, era ver a própria divindade.

Ainda assim, era apenas quase perfeito. Não era suficientemente perfeito.

Ele se virou e jogou aquilo dentro de uma lata de lixo próxima, onde o pouso foi amortecido por uma pilha de mecanismos igualmente quase perfeitos, mas igualmente descartados. A batida produziu um pequeno e triste *clink!*

— Melhor sorte amanhã, hein, Sr. Unthank, senhor?

— Sim, Grimble — começou Joffrey, antes de completar: — Que dia é amanhã?

— Bem, é quarta-feira, senhor.

— Quarta-feira.

Ele repetiu suavemente, como se a palavra fosse algum símbolo mágico. Ela possuía uma ressonância particular: era o último dia dos trabalhos. O estranho homem com o pincenê voltaria, esperando a peça finalizada. Unthank nunca decepcionara um cliente antes; ele sempre tinha superado seus competidores em qualidade e velocidade. Era irritante para ele a quantidade de tentativa e erro envolvida na criação dessa única peça. Os pensamentos nadavam em cardumes em volta de seu crânio: por que ele havia concordado? Era ridículo, aquele prazo. Criar uma peça tão rigorosa em tão pouco tempo. Mesmo com máquinas de ponta à disposição, ele chegara tão próximo, mas não o suficiente. Ele era um homem prático e aplicado; o que o tinha levado a concordar com uma proposta tão ridícula?

Numa única palavra: monomania. Aquela era uma palavra que ele se lembrava de ter aprendido na escola, quando a professora escrevera as palavras “MOBY DICK” no quadro-negro em grandes letras maiúsculas. O capitão do barco no romance de Melville tinha sido monomaníaco no desejo de caçar a baleia branca do título. Toda decisão que tomava era relacionada a essa obsessão devoradora. No fim, aquilo fora sua ruína. A percepção veio a Unthank com uma precisão fria; era como se alguém tivesse repentinamente posicionado um holofote claro e insensível sobre seu rosto. A vaidade estava exposta. Ele era o capitão desse barco, e a baleia branca, a Floresta Impassável. Era tarde demais para voltar; o arpão já tinha sido arremessado. A linha estava esticada.

Foi isso o que aconteceu em seguida:

Septimus estava parado com as garras no punho de sua agulha de costura, balançando a cabeça. Curtis olhava para a toupeira sem acreditar enquanto Prue quase se abaixou para agarrar a Sibila e a levantar no ar para uma sacudidela comemorativa. Ela pensou duas vezes, vendo a expressão de terror no rosto da toupeira quando ela sentiu o que estava acontecendo. Em vez disso, deu um tapa carinhoso no ombro de Gwendolyn com a ponta do dedo.

— Não posso acreditar! — disse ela. — Isso é uma loucura!

A Sibila, ainda confusa com a repentina demonstração de emoção dos Habitantes do Andar de Cima, lidou com a chuva de perguntas seguinte com o máximo de boa vontade que foi capaz.

— Então ele era um maquinista, um criador? — perguntou Prue, de forma bastante retórica.

A toupeira assentiu.

— E ele fez essa... réplica de um menino.

Curtis complementou:

— Para uma Governatriz louca. Quero dizer, rainha.

Novamente, a Sibila respondeu de forma afirmativa.

— Gwendolyn, você não acreditaria na coincidência disso tudo. Nós temos que encontrá-lo, seu arquiteto.

Prue sorria de uma orelha à outra. Não apenas o conselho da árvore tinha se mostrado verdadeiro, mas parecia, de muitas formas, que os direcionava para onde precisavam ir.

— Como ele era? — perguntou Curtis.

A Sibila fez um gesto confuso apontando os olhos escondidos.

Curtis, envergonhado, ruborizou. Ela era cega.

— Ah, sim. Sinto muito.

Prue seguiu a linha, no entanto.

— Mas existia alguma característica marcante... qualquer coisa que

possamos usar para identificá-lo?

— BEM, OS DOIS GANCHOS DOURADOS NO LUGAR DAS MÃOS. ESSE DEVERIA SER UM BOM PONTO DE PARTIDA. MAS O QUE É ISSO TUDO? POR QUE VOCÊS PRECISAM ENCONTRAR O ARQUITETO?

A congregação tinha passado por eles; Bartholomew, o Profeta, mancando lentamente com a bengala nodosa, parou para ver qual era o motivo de tamanha animação.

— É uma longa história — disse Curtis.

Prue o ignorou.

— Existem... existem problemas. No Mundo de Cima. Muitos problemas. A árvore... a Árvore do Conselho... me contou... através de um menininho, um menininho estranho... que precisávamos reanimar o verdadeiro herdeiro. O verdadeiro herdeiro, aparentemente, é Alexei. Que é o filho dessa rainha louca, que na verdade era conhecida como a Governatriz Viúva.

Curtis girou o dedo junto à têmpora para ilustrar a descrição. As toupeiras não viram aquilo, por serem cegas, e ele novamente ruborizou por causa de seu esquecimento.

— ERA? — perguntou a Sibila.

— Ela foi engolida pela hera — explicou Curtis, antes de se virar para Prue. — Continue.

— A árvore falou para encontrar os criadores. Os criadores do menino, da réplica. E parece que sabemos quem é pelo menos um deles.

O interrogatório continuou por algum tempo; tanto Gwendolyn quanto Bartholomew ofereceram o máximo de auxílio que puderam. O arquiteto, eles disseram, era um indivíduo calado. Ele era reservado, escolhendo dormir num dos recantos mais isolados do sistema de túneis. Tinha trabalhado incansavelmente, no entanto, para reconstruir a cidade. Seus olhos eram

muito poderosos, apesar de ter perdido o uso das mãos. E então, certa manhã, tinha ido embora, explicaram as toupeiras, partindo sem nem mesmo deixar um endereço para contato. Tinha simplesmente seguido o cabo de eletricidade verde trazido por ele para iluminar o local de trabalho; era essa a direção em que ia todos os dias em busca de mais material de construção. Ele deixou para as toupeiras uma cidade em funcionamento perfeito, e elas ficaram eternamente gratas.

— SEU NOME ERA ESBEN CLAMPETT — disse Gwendolyn. — ELE ERA UMA ALMA MUITO BONDOSA.

Prue e Curtis concordaram em ficar para a coroação da Sibila como a nova rainha da Cidade das Toupeiras, que residiria, então, na Fortaleza de Prurtimus; aquilo aconteceria naquela noite. O consentimento tinha sido unânime. Ela era a irmã do vencedor falecido, Sir Timothy; não havia nenhum outro postulante ao trono. Além do mais, ela era imensamente popular por ter passado seu tempo, enquanto estava aprisionada, oferecendo a Dennis, o Usurpador, profecias improváveis que detiveram o machado do carrasco contra várias toupeiras injustamente condenadas. Assim que foi libertada, ela era a namoradinha da cidade. Quando a ideia de nomeá-la rainha foi levantada, não houve nenhuma objeção do Conselho das Toupeiras nem de nenhum dos cidadãos.

Foi uma linda cerimônia; mas os três Moradores do Andar de Cima estavam se coçando para partir, apesar de discordarem sobre a direção. Para Prue, era simples: eles tinham uma rota clara até a superfície — precisavam simplesmente seguir o cabo de eletricidade verde e grosso — e uma pista inquestionável sobre um dos dois criadores de Alexei. A árvore havia falado a verdade e não os enganara. Um dos criadores estava por aí, e eles sabiam como encontrá-lo.

— Viu? — falou Prue, a compreensão do mundo tendo sofrido outro

estranho abalo. Eles estavam se preparando para partir, e ela não conseguia parar de falar sobre a presciência das palavras do Filhote. — É como se a árvore estivesse nos guiando o tempo todo. Como se ela conhecesse nossos destinos. “Vocês têm que ir para baixo para chegar em cima”. Está tudo se encaixando da forma mais esquisita.

Septimus estava mastigando outra das barras de cereais; o estoque era considerável. As toupeiras os tinham levado até elas. Havia outros itens de alimentação na gruta remota que abrigava as rações dos Habitantes do Andar de Cima: latas de carne de porco e feijão, sopa de tomate, chili enlatado da Hormel. Eles também tinham encontrado um panfleto amarelo, muito afetado pelos agentes de mofo dos túneis subterrâneos, que ostentava o título: *Então você sobreviveu ao Holocausto Nuclear. O que fazer agora?* Quem quer que tivesse feito desse lugar seu abrigo se esforçara muito para fugir da superfície.

— Hmmm — falou Septimus, a boca cheia com uma barra de aveia e mel.

— E quanto aos bandidos? — perguntou Curtis a Prue enquanto ela começava a encher a mochila de suprimentos para a viagem.

Prue mordeu o lábio e respondeu como se não tivesse escutado a pergunta do garoto:

— Bem, ainda acho que você está certo... Ainda acho que estaremos mais seguros na superfície, no Bosque do Sul. Quando tivermos encontrado o criador, seguiremos para o Bosque do Sul. Tenho a sensação de que há muitas pessoas lá que ficariam felizes em nos ajudar. Quem sabe, talvez alguém na Mansão até saiba onde está o segundo criador. Talvez existam registros que nos digam onde ele foi exilado.

Curtis franziu a testa.

— Ou onde os bandidos estão — completou Prue.

— No Bosque Selvagem — falou Curtis, depois de um momento de

contemplação. — Lá é o nosso lugar. Ou pelo menos o meu lugar.

— De volta ao acampamento?

Curtis concordou com a cabeça.

— E depois o quê? — desafiou Prue.

— E depois... eu não sei. Organizo uma equipe de busca. Encontro os sobreviventes.

— Você não vai estar em segurança lá, Curtis. As Kitsunes ainda podem estar à espreita. Darla ainda pode estar viva.




— É um risco que vou ter que correr. Fiz um juramento.

— Sei que você fez — argumentou Prue. — E acho que você está cumprindo seu juramento ao me ajudar. Você não vai fazer nenhum bem sendo morto. Até mesmo Brendan lhe diria isso.

Curtis olhou para ela sem demonstrar reação.

— É para o bem do Bosque, eu sei disso — continuou ela, a voz ficando mais urgente. — Você tem que confiar em mim nisso.

Curtis olhou para Septimus; o rato tinha acabado com uma barra de cereais e estava pronto para afundar seus dentes numa segunda. Quando viu Curtis olhando, ele congelou. Seus olhos dispararam alternadamente entre as duas crianças antes de dar de ombros e continuar a comer.

— De qualquer mforma — falou ele, com a boca cheia — paremce amrriscado.

— Certo — disse Curtis. — Uma coisa que prometi: eu disse que a manteria em segurança. Pretendo fazer isso. Mas apenas até encontrarmos o criador. E então você está por conta própria. Eu vou voltar para o acampamento.

— Ótimo — falou Prue, aliviada.

Eles escolheram no arsenal os itens de alimentação que pareciam menos suspeitos e aqueles que não exigiriam um abridor de latas; eles colocaram o que conseguiram na mochila de Prue. Não havia como saber por quanto tempo viajariam. As sombras de seus estômagos vazios e queixosos dos dias anteriores à descoberta das toupeiras ainda vagavam por suas mentes.




Um grande bota-fora foi organizado; Prue, Curtis e Septimus receberam, cada um, a mais alta condecoração que as toupeiras podiam oferecer: a estrela do Bosque Subterrâneo. A medalha em si era um emaranhado de arame enferrujado em volta de um broche que claramente tinha chegado às mãos das toupeiras vindo do Exterior: o de Prue dizia SOU UMA LEITORA DE ARCO-ÍRIS! sobre um desenho tosco de um livro aberto do qual saía um identificável arco-íris. O broche de Septimus ostentava a logomarca de um mercado esquecido. O de Curtis tinha apenas uma foto de um homem de meia-idade mostrando o polegar para a câmera. Debaixo do rosto estava escrito apenas ZEKE em negrito. Eles aceitaram as medalhas com uma dignidade silenciosa.

Deixando a cidade para trás, os três viajantes seguiram o espesso cabo verde que tinha sido esticado no chão do túnel. Ele os levou por pontes longas e estreitas que cruzavam poços largos. Ele os levou até o alto de escadas e os guiou pelo declive. Ele os levou até o pé de escadas de ferro e até o topo de outras de madeira. Tantos eram os giros e curvas no caminho do cabo que eles ficaram impressionados com a quantidade de atenção e aplicação que a demarcação do caminho deve ter exigido da toupeira e de seu amigo do Andar de Cima. Prue só conseguia imaginar os potenciais caminhos errados que eles poderiam pegar naquele labirinto de túneis. Era melhor se

concentrar no cabo verde, segui-lo cegamente.

O caminho era longo. Eles foram forçados a parar muitas vezes durante a viagem.

As pedras que revestiam as paredes, depois de um tempo, deram lugar a tijolos rústicos enquanto a construção do sistema de túneis parecia se transformar no produto de uma época perceptivelmente mais moderna. Aquilo começou a lembrar Prue das passagens que tinha atravessado no Bosque do Sul, quando de sua visita ao Corujão Rei. Aquilo lhe dava a esperança de eles estarem progredindo. No entanto, julgando pelo tipo de lixo abandonado trazido pelo arquiteto para construir a cidade das toupeiras, estava claro que este buscava essas coisas no Exterior — além do Bosque. Se era esse o caso, então os dois pareciam caminhar por um conduto entre o Exterior e a Floresta Impassável — algo cuja existência, acreditava Prue, mesmo muitos dos mais velhos cidadãos do Bosque, que ela havia conhecido, nem tinham noção. Francamente, as implicações pareciam espantosas. Ela tinha acabado de começar a se perguntar se o Anel Periférico se estendia até debaixo da terra quando um retinir alto a distraiu.

— O que foi aquilo? — perguntou ela.

Curtis, à frente, estava abaixado, examinando algo no chão do túnel. Ele tinha acidentalmente chutado aquilo enquanto caminhava.

— Uma garrafa — disse ele.

— O quê? Que tipo de garrafa?

— Uma garrafa de cerveja — respondeu Curtis.

Ele a entregou a Prue. Ela a estudou sob a luz do lampião.

— Pabst Blue Ribbon. — Prue leu no rótulo rasgado.

Aquilo, segundo suas melhores recordações, *não* era uma cerveja do Bosque.

Septimus, no ombro de Curtis, começou a discorrer de uma forma bastante

patética sobre como ele imaginava que uma bebida gelada seria perfeita agora, quando eles repentinamente ouviram assovios na escuridão adiante. Prue ergueu o lampião; os arcos mais externos de iluminação revelavam uma tosca porta aberta. Os assovios eram persistentes e se aproximavam. Um estalo; a luz inundou o túnel.

Os olhos de Prue tinham ficado tão acostumados ao brilho fraco do lampião que essa nova luz, dura e fluorescente, dava a impressão de que eles olhavam diretamente para o sol. Eles se encolheram e apertaram os olhos. Um vulto apareceu; ele estava carregando uma caixa.

Eles se aproximaram com cautela. O vulto devia tê-los ouvido, porque os assovios pararam abruptamente. Enquanto se aproximavam, eles conseguiram distinguir melhor as feições do homem. Era um jovem, talvez na casa dos 20 anos, que usava um chapéu-coco e um colete garboso. Ele tinha a barba bem-feita, a não ser por um bigode grosso, cujas pontas ficavam levantadas nas laterais da boca. Parecia ter surgido de outro século; o que o tornava um belo sósia de um cidadão do Bosque do Sul.

— Olá? — gritou Prue.

O homem tinha parado e olhava para os dois do outro lado da passagem; ele parecia estar com dificuldade para entender a presença deles ali.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ele.

— Nós poderíamos lhe perguntar a mesma coisa — rebateu Curtis.

— Estou apenas trabalhando — explicou o homem.

— Esse é o Bosque do Sul? A que distância estamos da Mansão? — Prue se sentia cansada de tanto andar; sua paciência estava se esgotando.

Essa pergunta pareceu desorientar o jovem completamente.

— Hein? — Foi tudo o que ele conseguiu falar.

— O Bosque do Sul. Estamos abaixo do Bosque do Sul? — repetiu Curtis, irritado por causa do espanto do homem.

— Não sei de que você está falando. Esta é a Velha Cidade. Isto é, o centro de Portland. Estou apenas repondo o estoque.

Agora era a vez de Prue e Curtis ficarem confusos.

— O quê? — perguntaram eles, simultaneamente.

— Estou pegando cerveja. Para o bar. — Quando isso não pareceu satisfazer seus inquisidores, ele tentou outra abordagem. — Escutem, sou novo aqui. Comecei há, sei lá, uma semana. Então, se vocês estão, tipo, tirando uma comigo... — Algo pareceu passar por sua cabeça; uma percepção brilhante surgiu em seu rosto. — Ah, já entendi — disse ele. — Vocês estavam numa daquelas, sei lá, visitas guiadas aos Túneis Shanghai? Vocês se separaram do resto?

Curtis ainda estava perplexo; Prue entendeu rapidamente a situação.

— Sim — respondeu ela. — Sinto muito. Estamos apenas um pouco confusos. Você viu aonde o resto do grupo foi?

Havia um sistema de túneis que corria debaixo da parte mais antiga de Portland; todos os chamavam de Túneis Shanghai. Prue tinha feito uma visita a esses túneis com os pais no ano anterior; eles haviam escolhido a visita com tema de fantasmas, e seu guia, um sujeito de cabelo encaracolado e bigode, tinha falado muitas coisas sobre os espíritos que assombravam essas passagens subterrâneas. Supostamente, os túneis foram usados para sequestrar marinheiros bêbados, que acordavam da inconsciência embriagada no meio do mar num veleiro em direção às Índias Ocidentais. Essa era a lenda, pelo menos. Pensando nisso agora, aquele guia turístico, com todas as histórias de alçapões e poltergeists que buscavam vingança, não sabia nem metade da verdade.

— Cara, não sei. Acabei de chegar aqui. Vocês podem vir comigo até a superfície se quiserem. Mas vocês são muito jovens para ficar no bar. — Ao ver Septimus, ele acrescentou: — E temos uma regra bastante rígida de não

permitir animais de estimação.

— Não sou um animal de estimação — respondeu Septimus.

O homem empalideceu.




— O quê? — perguntou ele, muito confuso.

Curtis balançou o ombro com força numa tentativa de advertir o rato. Ele então respondeu a pergunta do homem dizendo:

— Eu falei, você tem toda a razão. Quero dizer: você tem toda razão que não vão nos deixar entrar.

O homem pareceu insatisfeito com a explicação, mas evidentemente preferiu aquilo a testemunhar um rato falante.

— Acho que podemos encontrar outra forma de vocês saírem, se quiserem — sugeriu ele.

Prue olhou para os cabos elétricos verdes do arquiteto no chão; eles se esticavam até longe, por outra abertura de túnel logo depois de onde o jovem homem estava parado.

— Que nada — disse ela. — Vamos encontrá-los aqui embaixo em algum lugar.

— Beleza — falou o homem. Ele olhou para Curtis. — Bela jaqueta, por sinal. Onde você a comprou?

Curtis olhou para baixo; por baixo de uma camada sólida de poeira e terra se encontrava seu uniforme militar, com punhos bordados e dragonas douradas. Ele realmente não conseguiu pensar em outra resposta:

— De alguns bandidos — respondeu ele.

O jovem homem não pareceu se impressionar.

— Oh! — falou ele. — Bacana.

E então ele foi embora, os assovios recomeçando enquanto ele subia vagarosamente a escada bamba até a superfície.

— Septimus — falou Curtis, quando eles estavam sozinhos novamente. — Você não pode fazer aquilo.

— O quê? — perguntou o rato.

— Falar. Enquanto estivermos no Exterior. É simplesmente muito... complicado.

O rato pigarreou.

— O que eu devo dizer?

Curtis pensou sobre aquilo por um segundo.

— Sei lá. Guinchar ou algo assim.

— *Guinchar?* — repetiu o rato. — Não sou de ficar guinchando.

Prue se meteu na conversa:

— Então fique de boca calada. Tanto faz. Não podemos levantar suspeitas por aqui.

— Entendi — falou o rato. — Guinchar.

Curtis encostou a mão em uma das paredes de tijolos do túnel, sentindo o frio da superfície áspera.

— Então acho que estamos na Cidade Velha, não? Estranho.

— Eu sei — respondeu Prue. — Choque cultural.

— E esses túneis que estávamos seguindo... eles se conectam aos Túneis Shanghai?

— É o que parece.

— Achei que aqueles túneis eram uma lenda. Tipo uma coisa para turistas.

Prue deu de ombros.

— Também achei. Talvez ainda sejam. Obviamente as pessoas não sabem aonde eles *realmente* levam. Imagino que as pessoas simplesmente nunca pensaram em explorar os túneis mais a fundo.

— Será que o Anel Peri...

— Eu estava me perguntando a mesma coisa. Se ele também protege os túneis.

— Seria uma pena se as pessoas descobrissem.

— Sim — disse Prue. — Vamos manter isso em segredo, que tal?

— Fechado.

Os dois trocaram um aperto de mãos.

Eles seguiram andando; o túnel acabava abruptamente numa parede de tijolos. O cabo verde, no entanto, logo apontou o caminho. Ele levava a um pequeno poço na lateral da parede, onde uma escada de ferro dava acesso à escuridão abaixo. Eles desceram com cuidado; a escada os deixou num túnel cilíndrico, com facilmente 6 metros até o teto, que parecia hospedar uma congregação da fiação elétrica da cidade. O cabo verde descia inocentemente pelo poço e se entrelaçava nos milhares de outros cabos multicoloridos que se esticavam ao longo do chão do túnel. Uma passarela de manutenção de metal havia sido parafusada à parede do cilindro e foi por ela que Prue e Curtis continuaram, sempre de olho no pequeno cabo verde.

O cilindro era tão reto quanto uma flecha. Em certo ponto, Curtis disse que podia ouvir a água correndo sobre eles — embora fosse difícil ter certeza. Uma coisa estava clara: eles estavam passando debaixo do rio Willamette, seguindo mais para leste. Tanto Prue quanto Curtis eram crias do norte de Portland. A parte sudeste era um país inexplorado para ambos, embora os dois tivessem passado várias tardes quando eram mais novos vendo filmes desatentamente no IMAX do Museu de Ciências e Indústria. Depois daquilo, era terra de ninguém, até onde eles podiam saber.

Eles quase o perderam; felizmente Septimus estava explorando adiante, de olho vivo no cabo que se enrolava. Numa curva do túnel, ele repentinamente se separou da massa de fios e serpenteou por uma escada na parede do

cilindro. Subindo por ela, eles chegaram a outro túnel baixo que se arrastava pelo que pareciam ser vários quilômetros. Finalmente, um brilho de luz podia ser visto ao longe; era a pouca luz do sol que conseguia passar por entre as frestas de uma velha porta de madeira gasta. Quando a abriram, eles se viram banhados pela luz do dia, respirando o ar puro e fresco do Exterior.

Só que não foi assim tão idílica a reunião deles com a superfície: estavam no meio de uma pilha de lixo que se estendia até onde suas vistas alcançavam. Altas torres de escombros descartados empilhavam-se em todas as direções: chassis de carros enferrujados e ocos, geladeiras com as portas escancaradas, calotas de carros e chapinhas de garrafas. Havia maços de revistas *National Geographic* abandonadas forrando o chão; havia bichos de pelúcia com apenas um dos olhos, separados dos donos. Sacolas de plástico branco flutuavam como águas-vivas no ar, e o chão estava salpicado de buracos, cheios até a borda com água, brilhando de óleo. Quase não tinha sobrado neve; a pouca que tinha restado estava preta por causa da fuligem.

— Que lugar adorável, o Exterior — ironizou Septimus. — É bom estar em casa? — Prue olhou feio para ele, que então respondeu: — Guinchar.

Curtis deu aos dois um olhar nada entusiasmado.

— Vamos encontrar esse sujeito — disse ele. — E dar o fora daqui.




Eles todos aproveitaram a oportunidade para examinar os arredores; aquele não parecia o tipo de lugar em que qualquer um gostaria de ficar por muito tempo. O horizonte estava quase todo maculado por torres de escombros. Estava claro: essa tinha sido a fonte dos materiais de construção da Cidade das Toupeiras. O cabo verde, a coisa que tinha sido sua corda de

segurança durante toda a jornada até a superfície, acabava ali. Um toco de um poste saía do chão; pregado a ele estava uma pequena caixa de força cinza. Era a ela que o cabo tinha sido conectado.

— Acho que ele pode estar em qualquer lugar agora, não é mesmo? — comentou Prue.

— Sim. Alguma ideia de onde devemos começar a procurar? — perguntou Curtis.

— Acho que a vizinhança imediata seria um bom ponto de partida — respondeu Prue.

Curtis assentiu.

— Ótima ideia.

E então eles começaram a procurar por esse arquiteto desconhecido, aquele com dois ganchos dourados em vez de mãos, para poderem convencê-lo a reconstruir alguma peça fundamental da mecânica do menino príncipe — tudo sob o comando de uma árvore clarividente e consciente. Prue, desde que tinha sido apresentada ao Bosque Selvagem, aprendera a não levar em conta os pormenores das coisas, mas a encarar cada episódio como ele se apresentava. Se não fosse assim, ela imaginava, o ridículo daquilo tudo poderia fritar um lóbulo essencial de seu cérebro... a parte sensata. Vendo como um todo, sua busca parecia bastante ridícula, mas não havia realmente nada de estranho em procurar alguém no meio de um depósito de lixo. Pelo menos, ela não achava que havia.

— Sr. Arquiteto! — gritou Curtis, enquanto começava a escalar uma das montanhas de lixo.

Septimus entrava e saía por torres de quinquilharias metálicas, guinchando com toda a energia que era capaz de juntar.

— Esben! — berrou Prue, entrando na busca também. Ela espiava pelas janelas de um Ford Focus desmanchado. — Esben Clampett!

Ele não estava na pilha de carros; nem na torre de máquinas de lavar roupa que pareciam se equilibrar impossivelmente uma sobre a outra. Ele não estava na banheira antiquada cheia de água espessa e lamacenta. Ou debaixo do cavalete de metal enrugado que servia, segundo Curtis, como um forte bem bacana — realmente parecia que dera abrigo a alguém durante algum tempo; os restos escuros de uma fogueira marcavam o chão debaixo dele.

Uma hora passou. Então duas. Prue estava empurrando para o lado uma porta de tela quebrada a fim de chegar a uma pequena cavidade no monte de bicicletas quebradas amontoadas, quando ouviu Septimus choramingando alto de longe.

Ela olhou na direção dele. O rato estava parado na parte mais afastada do depósito, na calha entre duas pilhas de lixo altas como prédios. Ele apontava para o horizonte distante e guinchava com a determinação de uma cadeira de balanço necessitada de uma boa lubrificação.

Esfregando a calça jeans, ela correu até onde uma pilha de velhos televisores de tubo criava uma espécie de escadaria, e ali ela começou a descer até onde Septimus estava.

— O que foi?

Curtis, escutando a comoção, os alcançou. Septimus continuava a guinchar, correndo em círculos e balançando os pequenos braços na direção da cidade.

As duas crianças estavam desorientadas.

— Não sei muito bem o que você está tentando dizer, Septimus — falou Curtis, friamente. — Acho que está levando toda essa coisa de guinchar longe demais.

Finalmente, o rato parou seu jogo de mímica e olhou para Prue e Curtis com as mãos na cintura.

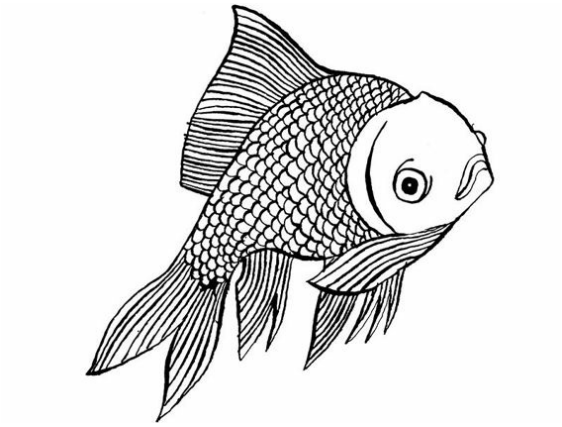
— Então eu posso falar agora? — perguntou ele.

Prue revirou os olhos.

— Sim, Septimus. Você pode falar.

— Acho que temos nosso homem — disse ele, apontando.

Da altura em que estavam, eles podiam ver que a pilha de lixo terminava a apenas algumas dezenas de metros; lá, uma linha de trem criava uma fronteira entre o depósito de lixo e o que parecia ser um parque de diversões. Prue ficou admirada por eles não terem ouvido o barulho antes. Agora era claro: a cadência monótona de um harmônio coloria o ar do fim da tarde. As luzes da roda gigante estavam apenas piscando, e o som de zumbidos e batidas das máquinas podia ser ouvido entre os ocasionais gritos dos poucos frequentadores perambulando como formigas pelas alamedas. No centro do parque de diversões estava uma gigantesca lona de circo, pintada de forma berrante de azul e amarelo; um letreiro em frente à entrada anunciava de forma contundente a atração principal da noite em letras tão grandes que eram perfeitamente legíveis mesmo de onde os três estavam. Ele dizia: O MARAVILHOSO, O INACREDITÁVEL, O ÚNICO: ESBEN, O MAGNÍFICO!



# CAPÍTULO 21

## *Retorno à Infância;*
## *Uma Engrenagem na Mão*

A reunião foi rapidamente convocada no chalé. Carol estava parado próximo ao mantel da lareira enquanto as crianças mais novas desciam aos montes a escada de madeira vinda do sótão; as crianças mais velhas, aquelas que estavam diligentemente se dedicando às tarefas da tarde, vieram do lado de fora e pararam, curiosas, na grande sala de convivência.

— Crianças — começou Carol —, temos notícias fascinantes para compartilhar. Ontem, enquanto se juntava a Michael e Cynthia em sua caçada, a mais nova integrante de nossa família, Elsie Mehlberg, encontrou algo. É algo que existe além da Periferia.

Um suspiro de espanto coletivo recebeu essa revelação. Elsie, sentada num banco junto à lareira, percebeu todos os olhos do aposento se virarem

para ela.

— É uma estrada. — Outro suspiro de espanto; o som frenético de crianças excitadas sussurrando umas para as outras. Carol ergueu a mão. — Agora, esperem um instante. Vocês deveriam saber que essa estrada corre pelo interior desse país. Não estou sugerindo que a sigamos. No entanto, isso deixa uma coisa perfeitamente clara: Elsie não é afetada pelas restrições do Anel Periférico. Parece que ela, assim como sua irmã, é capaz de caminhar, com bastante liberdade, através dele.

Agora a sala mal podia conter a excitação. A menina sentada ao lado de Elsie a fitava fixamente, como se ela involuntariamente tivesse se sentado ao lado de alguma estrela de Hollywood e só agora percebesse aquilo. Vieram algumas manifestações das crianças mais velhas no fundo; também alguns gritos de “Muito bem, Elsie e Rachel!”. Então pareceu que a ficha caiu na multidão que celebrava. Uma criança perguntou:

— Isso é ótimo para elas. E quanto a nós?

— Essa é exatamente a questão, não é? — respondeu Carol. — Eu me fiz a mesma pergunta por muito tempo... como é que aqueles que não são afetados pelo Anel são capazes de ir e vir tão livremente? Quando fui trazido para cá, fui depositado por um grupo de guardas da Mansão. Só que, quando eles foram embora, era como se eles tivessem trancado a porta da minha cela. E ainda assim não existia nenhuma porta.

Outra voz assumiu a explicação. Era Michael.

— O que ele está dizendo é que elas podem nos tirar daqui. Apenas precisamos estar em contato físico com elas.

As cabeças de todos tinham se virado para encarar o novo orador. Ele continuou:

— Elas descobriram, porque estavam ajudando Carol a andar pela mata... poderiam não ter descoberto esse pequeno truque de outra forma. Quando

elas nos encontraram, Cynthia e eu, nós as perdemos assim que elas se afastaram muito. Mas, se todos dermos as mãos, somos todos capazes de chegar a essa estrada. Simples assim.

Carol concordou com a cabeça.

— Sim — falou ele. — Simples assim. Tão simples, na verdade, que não me espanta eu não ter sido capaz de descobrir. Então tudo o que foi necessário foi alguém com a Magia do Bosque entrar aqui para estarmos livres. Acontece que eu não acho que a Mansão um dia imaginou que existiriam duas crianças nascidas com a Magia simplesmente vagando pela Periferia.

Agora a menina sentada ao lado de Elsie a fitava como se ela fosse um fantasma; uma expressão de surpresa, intriga e nem um pouco de medo surgiu em seu rosto.

— Elas são, tipo assim, de *lá*? — perguntou um menino, sentado de pernas cruzadas em frente a Carol.

— Não, não — respondeu o velho. — Mas elas de alguma forma nasceram com isso, essa coisa que o povo do Bosque chama de Magia do Bosque. Outras pessoas chamam de Sangue Selvagem. Não importa. Meu palpite é que isso corre na família. Em algum ponto da árvore genealógica dos Mehlberg há um nativo do Bosque, vivendo, sem chamar atenção, no mundo Exterior.

Elsie e Rachel fizeram um rápido contato visual cada uma de um lado da sala. Rachel estava sentada à mesa de jantar, distraidamente passando o dedo na textura da madeira. Ela parecia desconfortável com essa nova informação. A sala estava inundada de vozes excitadas; todos pareciam ter opiniões diferentes sobre o que fazer em seguida.

— Quero ir para casa! — gritou uma menina jovem, da idade de Elsie, chorosamente.

— Que casa? — retrucou outra garota.

— Talvez devêssemos explorar essa estrada. Ver até onde ela leva.

Esse era Carl Rehnquist; ele estava tricotando.

— De jeito nenhum — respondeu Cynthia Schmidt. — Pelo que Carol nos conta, esse lugar é bizarro.

— E perigoso — completou Lizzie Collins.

— E quanto a Unthank? E quanto à promessa de todo aquele dinheiro?

— E nossa liberdade!

— Rá! — debochou Michael, dando uma baforada no cachimbo. — Isso é uma piada. Ele simplesmente vai nos colocar para trabalhar novamente.

— E vai fazer Elsie e Rachel o levarem ao bosque.

Elsie tremeu ao ouvir essa ideia. Era verdade: elas indubitavelmente seriam a chave de Joffrey para cruzar o Anel Periférico. A ideia de ser uma pastora para Unthank e o que provavelmente seria uma corrente constante de outros industrialistas parecia um destino pior do que a morte.

— Este é o nosso lar. Este é o nosso lugar. — Michael tinha falado as palavras; depois delas, todo o aposento ficou em silêncio. — Não há nada lá fora para nós. No mundo exterior éramos órfãos. Aqui, somos uma família. Não é, Carol?

O velho estava com a testa franzida, pensativo. Passava a mão na barba grisalha espetada pela bochecha, a boca aberta. Finalmente falou:

— Bem, por mais que eu tenha passado a amar esse lugar, não posso dizer que não gostaria de ver o mundo exterior novamente. Acho que meu filho deve estar completando 40 anos por agora. Nós nunca conversamos muito depois que sua mãe morreu, mas acho que não faria mal simplesmente fazer uma visita.

Uma das crianças balançou a cabeça, concordando.

— Eu gostaria de comer as balas Starburst novamente — disse uma delas,

e algumas outras crianças deram risadas com a sugestão.

— Ou chocolate! — contribuiu outra.

Isso causou uma nova onda de entusiasmo.

— Sundaes de caramelo! Creme de chantilly!

— Fliperama no Wonderland!

— A pista de skate de Burnside.

— Café! Muito café!

As crianças todas viraram para olhar para o menino que tinha falado isso; era Carl Rehnquist. Aparentemente, agora que ele tinha provado os frutos do mundo adulto, estava disposto a explorar mais dele.

— Essa é a questão, não é? — contestou Michael. A paixão estava se elevando em sua voz. — Vocês voltam para lá, vocês são crianças novamente. Nada de beber café. Nada de falar palavrão. Nada de fumar. Nada de ficar acordado até tarde. E vocês têm que ir à escola, todo dia. Essas são as regras.

O ânimo coletivo das crianças ficou consideravelmente abatido com essa observação muito verdadeira. Elas começaram a resmungar umas para as outras, catalogando as expectativas diárias empurradas sobre elas pelo mundo adulto. Aqui, na Periferia, elas criavam as próprias regras.

— Além disso, aonde vamos? — Isso, mais uma vez, era Michael forçando seu ponto de vista. Ele fez uma pausa para deixar a implicação completa das palavras ser absorvida. — Não vamos voltar ao orfanato de Unthank, isso com certeza. Mas não temos pais. Não temos família. Não há nada esperando por nós além daquelas árvores.

A mais nova das crianças, uma menina chamada Annalisa, começou a chorar.

Michael continuou:

— Não, eu digo que ficamos. Deixem as mágicas Mehlberg partirem se

quiserem, mas eu, pelo menos, não vou com elas. — Ele olhou na direção de sua amiga e parceira de caça, Cynthia. — Você está comigo?

Ela hesitou.

— Não sei, Michael — falou ela, depois de um tempo, seus olhos apontados para o chão. — Eu simplesmente não sei.

Antes que Michael pudesse repreender a amiga por não apoiá-lo, Martha Song se manifestou. Ela estava assistindo à discussão silenciosamente do fundo da sala. Ela limpou a garganta e falou:

— Por que não criamos *isso* lá do lado de fora?

O aposento se silenciou ao ouvir a proposta de Martha.

— Quem pode dizer que não podemos ter esse lugar, essa família no mundo exterior? As coisas não são tão diferentes assim, não é mesmo? Quero dizer, vocês estão surtando porque vão ser forçados a ir à escola, mas não ligam para cumprir as tarefas que lhes são designadas todos os dias. Tenho uma teoria a respeito disso; foi porque elas não foram dadas a vocês por um adulto. Aqui somos todos considerados iguais uns aos outros e vocês compreendem que o bem-estar da casa depende do que cada criança faz, sabem bem... Isso simplesmente faz sentido. Qual é o problema se vocês não podem fumar, ou beber, ou falar palavrão no mundo exterior? Grande coisa. Acho que todos teremos tempo suficiente para fazer tudo isso quando formos adultos. E isso é outra coisa: apesar de toda essa loucura de tempo parado ser muito legal e mágica e tudo mais, eu na verdade gostaria de passar dos meus 9 anos. Eu estava meio que ansiosa pelo dia em que seria uma adolescente, na verdade.



Um murmúrio de concordância veio das crianças reunidas.

— Eu digo que saímos. Todos nós. Todos juntos. E encontraremos uma bela casa abandonada nas cercanias da cidade e construiremos *isso*... — nesse momento ela fez um gesto com o braço mostrando o que estava ao seu redor — ...novamente. Mas, dessa vez, teremos Starbursts e chocolate e skates e tudo mais. O que vocês dizem?

Carl Rehnquist se levantou num salto e começou a aplaudir loucamente, as agulhas de tricô caindo no chão. Quando ele percebeu que ninguém mais tinha ficado tão entusiasmadamente comovido pelo discurso da menina, ele ruborizou e se sentou novamente.

— Acho que deveríamos fazer isso — disse ele, tímido.

Mas o discurso tinha sido persuasivo. Os Inadotáveis reunidos no chalé agora se olhavam sob uma nova luz, com uma nova esperança. Essa coisa proposta por Martha — isso realmente parecia possível. E perfeito.

Carol, seus olhos de madeira fixados em um ponto sobre as cabeças das crianças reunidas, quase podia ler seus pensamentos, de tão palpável que era

o desejo no aposento de deixar seu purgatório intermediário e desbravar um novo lar. Ele pigarreou e falou:

— Muito bem. Levantem as mãos. Quantos gostariam de deixar esse lugar, começar de novo no exterior?

Apesar de não enxergar, a visão tendo sido dolorosamente roubada por causa dos caprichos insensíveis de uma mulher diabólica, Carol foi capaz de ouvir o som de dúzias de macacões farfalhando enquanto quase todas as crianças na casa levantavam suas mãos num consentimento virtualmente unânime. Ele podia ouvir as repentinas respirações de cada criança enquanto avaliavam o futuro, surpresas com a própria habilidade de criar um consenso poderoso. Ele foi capaz então de ouvir risos — risadas de celebração, risadas de descrença — partindo das crianças mais novas, até aquilo infectar todos no aposento. O que Carol não teria escutado, embora ele pudesse adivinhar, era a tristeza recém-descoberta que ficou gravada no rosto do menino Michael.

Ele fora o único a se posicionar contra a proposta. Quando a votação foi iniciada, seu braço tinha permanecido fixo ao lado do corpo. Estava observando as crianças radiantes enquanto elas davam tapinhas nas costas umas das outras e se cumprimentavam. Ele permaneceu em silêncio durante a celebração. Por dentro, lamentava.

Unthank estava segurando a engrenagem. Ela brilhava misteriosamente em sua mão enquanto os três mecanismos se moviam suavemente em volta de seu núcleo brilhante. Ela emitia um zumbido tímido ao se mover; uma aura de turbulência a cercava também, pois os dedos sentiam a atração constante dos ímãs em funcionamento. Era verdadeiramente uma beleza. Seus olhos ficaram molhados de lágrimas de alívio e alegria. Ele fungou um pouco,

sorrindo para o resultado milagroso do trabalho árduo.

— Joffrey! — gritou a mãe.

Uma expressão de confusão obscureceu seu rosto. O que a mãe estava fazendo ali?

— Joffrey! — gritou ela novamente. Era o tom inconfundível de Priscilla Unthank em seu estado mais petulante. — Desça para o jantar!

Joffrey olhou ao redor; ele estava em seu quarto de infância. Pôsteres de super-vilões de histórias em quadrinhos revestiam as paredes. Um calmo peixe azul nadava no aquário na escrivaninha. Tinha ganhado o peixe aos 11 anos. Ele queria desesperadamente ter um bicho de estimação naquela época, mas sua terrível alergia a caspa de gato o impediu de realizar aquele simples desejo de infância. Tinha chamado o peixe de Harold, por razões que mal conseguia lembrar.

— Você não vai descer? — perguntou Harold, o peixe. — Ela fez seu prato preferido: Bolo de Carne Möbius.

— Ah, não — falou Joffrey, uma percepção dura se abatendo sobre ele. A linda engrenagem ainda girava em suas mãos. — Por favor, não.

— Joffrey! — berrou a mãe. — Você não vai descer?

A voz de Priscilla tinha repentinamente desenvolvido um sotaque do leste europeu, o que Joffrey achou estranho, levando em conta que ela era originalmente de Salem, Oregon.

— Só um momento — disse o embasbacado Joffrey Unthank, tentando compreender o que estava à sua volta.

Ele queria que a ilusão da engrenagem terminada permanecesse apenas um pouco mais. A sensação de ter realizado a tarefa impossível era uma bênção tão verdadeira quanto qualquer outra que já sentira antes.

— Por que você não quer? Você diz que nós fazemos filmes. Filmes de Hollywood. Mas você não vai comer o bolo de carne!

A voz da mãe tinha agora se transformado completamente na de Desdêmona. O peixe piscou para ele de trás do vidro. Estava claro o que estava acontecendo.

— Não! — gemeu Joffrey para Harold.

Ele olhou para suas mãos. A engrenagem tinha sumido; no lugar dela estava um enorme coração carnudo. Ele batia calmamente, cuspindo pequenos jorros de sangue em seus lençóis de Guerra Nas Estrelas. Gotas de líquido quente e grudento se espalharam por seu rosto e suas mãos.

— Joffrey! — gritou Desdêmona.

— Por favor, não! — disse ele novamente, cada vez mais desesperado.

O peixe começou a rir.

A voz de Desdêmona estava próxima agora; ela batia na porta do quarto e gritava:

— Joffrey, o que você está fazendo?

E então ele acordou.

As batidas persistiram. Ele estava no escritório. A mancha molhada em seu rosto era, na verdade, a quantidade surpreendente de baba que tinha se derramado da boca. Ela se espalhava sobre a pilha de papéis, servindo como travesseiro improvisado; no topo da pilha estava o projeto da Engrenagem Möbius. Num pânico repentino, ele pegou a ponta da gravata e limpou o líquido, aliviado ao ver que não tinha borrado uma expressão ou equação importante.

A batida veio novamente.

— Joffrey! Porta está trancada. Sei que você está aí.

Era Desdêmona, do lado de fora da porta do escritório.

— Eu estava apenas cochilando — falou Joffrey, com a voz rouca. — O que foi?

— Esse homem veio vê-lo — disse Desdêmona. — Roger. Você se

lembra.

Os olhos de Unthank se arregalaram. Ele olhou para o calendário na escrivaninha (Uma Piada por Dia sobre *A última noite*) e viu que ele informava a data como sendo quarta-feira. O quinto dia de sua encomenda; o prazo para a produção da Engrenagem.

— Hã — murmurou ele, enquanto apoiava as mãos sobre a mesa, inspecionando os arredores. — Sim. Pode mandá-lo entrar.

Ele ajeitou a gravata, ainda molhada de ter servido como esponja e arrumou os cabelos desgrenhados. Então se levantou atrás da mesa e caminhou até a porta do escritório. Moveu a trava, destrancando-a.

Pouco depois, a porta se abriu. Desdêmona o investigou com o olhar, rapidamente, antes de conduzir o visitante até o interior da sala.

— Roger — falou Joffrey, fazendo o possível para fingir consideração.

A mortalha do sonho ainda pairava sobre ele; estava tendo dificuldades para fazer a transição completa de volta àquela realidade estranha.

O homem usava o mesmo terno antiquado; o pincenê ainda permanecia fixo no topo de seu nariz.

— Bem? — disse o homem, depois de passado muito pouco tempo. — Você terminou a Engrenagem?

Unthank mostrou um sorriso breve e cheio de dentes para Desdêmona antes de mandá-la embora pela porta e fechá-la.

— Essa é exatamente a questão, Roger — falou ele. — Estou terrivelmente perto.

— Perto? — O homem estava prestes a se sentar numa das poltronas do escritório. A confissão de Unthank o interrompeu. — O que você quer dizer com perto?

— Essa é uma peça linda, posso lhe dizer isso. Um trabalho realmente único. Acho que o sujeito que a fez deveria ganhar um Prêmio Nobel ou algo

assim. Quero dizer, ela é maravilhosa mesmo.

Até mesmo Unthank estava ciente de que estava enrolando.

— Escute, Sr. Unthank: ou você tem a Engrenagem ou não tem. Qual é a resposta.

— Não tenho.

A confissão repentina teve uma sensação estranhamente boa.

— E por que você não tem?

— Preciso de mais tempo.

— Mais tempo? — O rosto de Roger tinha ficado consideravelmente mais vermelho. Sua barba bem aparada se contraía no queixo. — Não temos *mais tempo*.

— Uma peça dessa complexidade, senhor... não consigo imaginar que seus competidores venham tendo mais sorte.

— Meus competidores estão mortos — disse Roger.

Unthank engoliu em seco, uma vez, produzindo um som muito alto.

— Certo. — Ele conseguiu dizer.

— Mas não posso esperar que não existam outros para tomar seu lugar. Isso precisa acontecer agora, Sr. Unthank. Ou devo encontrar outro maquinista.

As implicações de ser demitido por esse homem esquisito e vingativo pareciam ser realmente muito sérias.

— Não acho que o senhor precisará fazer isso. Eu...

Sua réplica gaguejante foi interrompida por uma batida alta na porta. Unthank sorriu timidamente para Roger antes de gritar:

— O que foi?

— Joffrey, querido. — Era Desdêmona. — O Sr. Wigman está aqui para vê-lo.

Roger levantou uma sobrancelha. Joffrey sentiu correntes de suor surgindo

na testa.

— Diga a ele... — começou Unthank. Uma visita surpresa do Titã Chefe? Aquilo imediatamente foi visto como um problema para o acuado Joffrey. — Diga a ele que estou ocupado.

Outra batida veio. Essa era bem mais alta, como se viesse do punho de uma pessoa bem maior do que a esguia Desdêmona Mudrak.

— Partes de Máquinas! — Surgiu uma voz trovejante de homem.

As três palavras enviaram tremedeiras de pavor pelo corpo de Unthank. Era o próprio Brad Wigman.

— Rápido! — sussurrou Unthank. — Entre no armário.

Roger o olhou com uma expressão de afronta.

— Por que diabos... — começou Roger, enquanto Unthank começava a empurrá-lo na direção de uma porta em frente à escrivaninha.

— Unthank, posso ouvi-lo aí dentro! — Veio a voz de Wigman. — O que está acontecendo? — Ele tentou girar a maçaneta; Joffrey tinha trancado a porta depois de Roger entrar. — Maldição, homem. Me deixe entrar.

Unthank estava ocupado tentando silenciar os murmúrios de objeções de Roger enquanto o guiava até a porta do armário.

— Apenas confie em mim — falou Joffrey. — É melhor que ele não saiba sobre o senhor.

O homem com o pincenê finalmente cedeu e permitiu que Joffrey o fechasse dentro do armário, cercado por cartuchos de impressora e engradados de Lemony Zip.

Nesse exato momento a porta do escritório se escancarou; Desdêmona tinha, a pedido de Wigman, trazido a chave e destrancado a fechadura. Unthank se virou do armário e viu o vão preenchido — quase todo — pelo corpo de ombros largos de Brad Wigman, o Titã Chefe.

— Oi, Sr. Wigman — guinchou Unthank.

Os olhos de Brad vasculharam a sala de forma desconfiada.

— O que está havendo aqui? Por que você demorou tanto para abrir a porta?

— Sinto muito. Essa porta costuma ficar emperrada. Venho pensando em consertá-la. — Então Joffrey caminhou até a porta e fingiu que estava fazendo uma inspeção cuidadosa na maçaneta. — Caramba — disse ele, parecendo perplexo. — Certamente não as fazem mais como...

Mas essa explicação fajuta foi interrompida. Wigman caminhou diretamente até ele, como sempre costumava fazer, e ficou parado tão próximo do rosto de Unthank que ele foi capaz de sentir o cheiro do desinfetante bucal favorito do Titã Chefe. Broto de Canela.

— Pare de palhaçada, Partes de Máquinas — falou Wigman. — O que você está tramando?

Os dois permaneceram daquela forma, cara a cara — embora fosse algo mais como cara a clavícula, pois Unthank só chegava até pouco acima do peito de seu chefe — por algum tempo. As pequenas gotas de suor que tinham aparecido na testa de Joffrey apenas momentos antes se transformaram em verdadeiros bulbos de transpiração e começaram a escorrer pela lateral do rosto. Os olhos de Wigman seguiram uma de tais gotas em seu caminho desde o limite do cabelo até o queixo. Unthank podia apenas sorrir.

— Apenas, você sabe, trabalhando. — Foi tudo que Joffrey conseguiu responder.

— Em que você está trabalhando, Partes de Máquinas?

— Apenas, você sabe, umas coisas. Fazendo, você sabe, partes de máquinas.

— Que *tipo* de partes de máquinas?

— Parafusos — respondeu Unthank. — Porcas. Espichos. Tampas de

alternadores. Coberturas de veios de manivelas...

— Na verdade, fiquei sabendo que você não tem feito *nenhuma* parte de máquina, Joffrey. E tenho essa informação de uma fonte fidedigna.

— Ah, é mesmo?

Unthank estava desesperadamente tentando desfazer o nó em suas cordas vocais; parecia que uma jiboia tinha se enroscado na garganta dele e a estava apertando. Ele engoliu em seco, embora aquilo não tenha parecido surtir nenhum efeito.

— Sim, é mesmo — disse Wigman. — Pedi para minha secretária me trazer alguns registros recentes. Parece que essa produção está setenta e cinco por cento menor essa semana. Perguntei por aí: descobri que alguns de seus clientes não sabem de você desde a última quinta-feira; eles dizem que todos os carregamentos estão atrasados.

Unthank se contorceu sob o olhar sério de Wigman. Como ele soube que deveria olhar? Alguém deve ter lhe dado uma dica. A mente procurava respostas.

— Então — falou Wigman —, achei melhor vir fazer um pequeno reconhecimento pessoalmente. — Depois disso, ele se afastou do rosto de Unthank, o libertando da nuvem de Broto de Canela, e andou até a estante. Os olhos vagaram pelos nomes extravagantes nos vidros que cobriam as prateleiras. Ele ajoelhou e deu um peteleco numa das caixas brancas dos receptores-transmissores. — Você tem algumas coisas esquisitas aqui, Joffrey — disse ele. — Mas nunca fui de condenar um homem por suas obsessões.

A essa altura, ele tinha chegado até a escrivaninha de Unthank. Se lembrando do projeto, Joffrey deu um salto para ficar entre a mesa e o Titã Chefe.

— Escute — falou Joffrey, a voz se soltando um pouco —, por que não

damos uma volta? Eu lhe mostrarei a oficina... faz tanto tempo que o senhor não a visita. Talvez possamos sair para almoçar no Porca Enferrujada? Não sei quanto ao senhor, mas estou faminto.

— O que é isso? — perguntou Wigman, de forma seca.

— O que é o quê?

— Não se faça de bobo comigo, Partes de Máquinas — disse Wigman. Ele apontou um dedo na direção da pilha de papéis sobre a escrivaninha. — O que é aquela coisa azul que parece uma planta?

Unthank entortou o pescoço para olhar na direção do dedo de Wigman.

— Ah, aquilo? Aquilo não é nada, na verdade. Apenas uma coisinha em que estou trabalhando no meu tempo livr...

Wigman girou e contornou Joffrey. Ele pegou o projeto na mesa e o balançou. Com a sobrancelha esquerda levantada até uma altura totalmente impressionante, Wigman estudou o projeto. Quando terminou de examinar a página, ele se virou para Joffrey.

— Se você não me contar o que é esta coisa e o que ela está fazendo sobre sua mesa, juro que vou...

— Isso, senhor, é uma Engrenagem Möbius.

Essas palavras não tinham vindo da boca trêmula de Joffrey Unthank. Em vez disso, pareciam estar saindo do armário no outro lado da sala. Tanto Joffrey quanto Wigman se viraram para ver a fonte de origem das palavras.

Roger Swindon estava parado diante da porta aberta do armário, ajeitando a lapela do paletó. Um silêncio chocado de Unthank e Wigman tinha seguido essa entrada abrupta; Roger preferiu preenchê-lo com uma explicação.

— Eu contratei o seu homem aí para fazê-la para mim. O destino do Bosque... Seu termo para o local, acredito, é a Floresta Impassável... está por um fio. A Engrenagem Möbius deve ser produzida, Sr. Wigman. É simples assim.



O projeto caiu dos dedos de Wigman para o chão acarpetado enquanto ele olhava para o homem dentro do armário, tentando entender a aura muito estranha que exalava dele. Era, ele decidiu, o pincenê. O homem realmente sabia como usar um pincenê.




# CAPÍTULO 22

## *Procissão; Última Apresentação Esta Noite!*

Eles ficaram de mãos dadas numa longa fila, todos os 38 deles. A fila se estendia desde a varanda frontal do chalé até a outra borda do vale. Aqueles que foram capazes também seguraram as coleiras de tantos cachorros quanto podiam para carregá-los junto. Ficou combinado que Rachel deveria ser a primeira da fila. Não havia como saber o efeito que a Periferia poderia ter sobre alguém caso a Magia do Bosque não passasse primeiro. Elsie ficou no fim da fila, para distribuir melhor a corrente. Essas foram as precauções tomadas por todos, cuidadosamente, depois da excitante reunião na sala de jantar do chalé.



Do início da fila, Rachel gritou:

— Todos conectados?

Cada Inadotável, Carol entre eles, gritou ao longo da fila:

— Sim!

— Aham!

— Estou!

— Certo! — berrou Rachel. — Vamos nessa.

E então a fila começou a serpentear para longe de seu lar solitário no meio da Periferia, aquele que eles tinham compartilhado por tantos dias e noites — dias e noites que teriam somado anos e anos no mundo exterior; mas aqui, nesse purgatório, foi como o mesmo dia se repetindo, infinitamente. Cada um deles teve a chance de olhar uma última vez para a pequena clareira triste e para o chalé dilapidado que estava aninhado nela. Uma residual nuvem de fumaça saía da chaminé, como se fosse a mão que lhes dava adeus.

Enquanto caminhavam, Elsie pensava sobre todos os acontecimentos dos últimos dias. A revelação de sua conexão com a Floresta Impassável, apesar de ser estranha, de alguma forma não tinha sido uma surpresa tão grande para ela quanto a menina poderia esperar. Era como se Elsie soubesse o tempo todo que carregava algo bizarro e especial. Além do mais, a sensação de que esse dom tinha alguma relevância no desaparecimento do irmão crescia a cada passar de hora. Bem no fundo, havia intuído uma ressonância peculiar nas circunstâncias envolvendo a partida do menino, e ela não podia mais desconsiderar isso como uma alucinação.

Rachel, por outro lado, tinha se eriçado ao saber de seu incrível pedigree.

Ela parecia usá-lo como um rótulo vergonhoso. Na noite anterior à partida, quando as preparações estavam sendo feitas, Rachel tinha mandado sua irmã se calar a qualquer menção ao assunto.

— Não é nada — dizia ela. — Deveríamos nos concentrar em simplesmente sair daqui.

Havia uma coisa, no entanto, no planejamento de todas as crianças, que elas deixaram de levar em consideração. Elas haviam se esquecido dos brincos idênticos, as etiquetas amarelas que estavam penduradas nos lóbulos de cada orelha. Tornaram-se tão acostumadas àquilo que ninguém pensou em se perguntar sobre sua serventia. Quando elas se afastaram do caminho que levava à estrada e começaram a seguir na direção do que imaginavam ser a borda leste do Anel, já era tarde demais.



— Quem é você? — perguntou Wigman, depois de se recuperar do choque.

Era raro Brad Wigman se encontrar numa sala em que ele não conhecesse absolutamente todas as pessoas importantes — particularmente levando em consideração que o homem saído do armário tinha uma espécie de vestuário garboso, o qual Wigman podia apenas sonhar em usar com propriedade.

— Meu nome é Roger Swindon. Não sou do Exterior.

— O que você está fazendo aqui? — Ao se lembrar de onde ele estava, Wigman se virou para Unthank. — O que ele está fazendo aqui?

— Bem, essa é uma história um pouco comprida... — começou Joffrey.

Ele foi interrompido por Roger:

— Como expliquei, eu o contratei para construir uma engrenagem. Uma que vai, quando estiver terminada, terá uma grande influência nos assuntos da minha pátria. Eu lhe ofereci uma participação nos ganhos. Ele fracassou em

sua tentativa.

— Fracassou?

— Eu lhe dei cinco dias para construir essa engrenagem, aquela que o senhor viu no projeto. Ele acabou de me dizer que é incapaz de produzi-la. — O estranho homem passou confiantemente entre Unthank e Wigman e pegou a planta no chão. Ele a sacudiu e começou a dobrá-la em seus vincos gastos. — Infelizmente, agora sou forçado a levar minha proposta a outro fabricante. Fui informado de que ele era o melhor; percebo agora o meu triste engano.

Wigman olhou com desprezo para Unthank, que se curvou levemente.

— Isso é verdade?

Joffrey assentiu.

— Por que você não me contou sobre isso, Partes de Máquinas? — perguntou Wigman.

— Bem, o senhor estava tão, não sei, insatisfeito com meu... meu interesse pela Floresta Impassável. Achei que era melhor simplesmente fazer isso em segredo. Eu ia acabar lhe contando, juro.

Unthank estava mentindo para o Titã Chefe. De certa forma, aquela era uma sensação boa.

— Joffrey, Joffrey — ralhou Wigman. — Você tem que me contar sobre essas coisas. Eu poderia ajudá-lo, meu velho.

Joffrey começou a protestar, gaguejando algo em relação a como ele *tinha* contado ao Titã Chefe sobre isso e como Wigman tinha lhe oferecido apenas zombarias e repreensões.

Wigman não estava escutando.

— Quais eram os termos? — perguntou ele, falando por cima do discurso de Unthank, quando se virou para Roger.

— Produzir a Engrenagem, ter acesso livre e irrestrito à Floresta Impassável e a todos os recursos que você puder explorar. Simples assim.

Unthank fez uma objeção.

— Bem, não é tão simples assim. Essa peça, essa Engrenagem Möbius, é uma das coisas mais complexas e intricadas que eu já...

Wigman chamou o homem de lado com um gesto.

— Suponhamos que eu me envolvesse. Redobrasse nossa tentativa. Você nos daria mais tempo?

Roger pareceu pensar sobre a ideia por um instante. Finalmente, ele disse:

— Receio que minha confiança em seu homem esteja terrivelmente abalada. Redobrar esforços é o mínimo a ser feito, mas ainda pode se mostrar insuficiente. Não, devo encontrar outro fabricante, alguém que possa cumprir minhas exigências.

Joffrey, sem querer, soltou uma gargalhada.

— Sr. Swindon, senhor, com todo o respeito, não há ninguém... — Ele fez uma pausa, uma ideia surgindo em sua cabeça. — A não ser que. A não ser que.

— A não ser o quê? — perguntou Wigman.

— Espere um segundo — falou Unthank. — Escute o que tenho a dizer por um segundo. Eu cheguei muito, mas muito perto de fazer essa coisa, de conseguir. Tão perto que pude sentir o gosto. Se eu apenas tivesse uma pequena ajuda, tenho certeza de que conseguiria construí-la. — Ele esticou a mão na direção de Roger, pedindo a planta. Ela lhe foi dada com alguma relutância. Ele então acenou para os dois homens se aproximarem da escrivaninha, onde ele abriu o projeto sobre a superfície. Ele apontou para dois nomes rabiscados no pé da página. Unthank os leu em voz alta; ele tinha passado muitas horas impressionado com os dois nomes, imaginando qual era a aparência desses homens. A habilidade que tinha sido necessária para não apenas construir a coisa, mas para projetá-la, era simplesmente assombrosa. — Esben Clampett. Carol Grod — entoou ele. — Preciso deles.

— Bem, onde eles estão? — perguntou um Wigman indignado.

— Exilados — respondeu Roger.

— Por que diabos eles foram exilados?

— Para evitar que exatamente isso acontecesse. Para que ninguém pudesse replicar o trabalho deles. Para que ninguém, nem mesmo os próprios criadores, pudessem se superar ou criar uma versão melhor da própria coisa. — Roger balançou a mão de forma desdenhosa no ar. — A mulher que os contratou... ela era uma louca. De pedra.

Ele disse aquilo como se fosse uma explicação adequada.

Wigman riu baixinho. Ele teve experiências como essa antes — não necessariamente encontrar pessoas no exílio, mas certamente conseguir acesso a pessoas protegidas por competidores em potencial. Aquela era, na verdade, uma das qualidades mais valorizadas de Wigman, sua habilidade em convencer engenheiros e químicos a deixar as empresas rivais. Aquilo era conhecido como caçada ilegal; não era uma forma muito honesta de lidar, mas honestidade raramente levava alguém a algum lugar nesse campo de trabalho.

— Nada que alguns trocados não possam resolver — disse Wigman. — E digamos que consigamos encontrar apenas um. Isso não seria suficiente?

Unthank lançou um olhar suplicante a Roger.

— Vocês não entendem — disse Roger. — Esse não é um exílio comum. Esses criadores foram colocados em lugares em que não podem ser alcançados sem um considerável esforço. E vocês teriam que localizar os dois. Sua empregadora tomou medidas severas para se assegurar de que os dois seriam necessários para recriar aquela coisa.

— Medidas severas?

— Um foi cegado, e o outro teve as mãos decepadas.

Unthank empalideceu. A Floresta Impassável estava repentinamente

parecendo um lugar muito vulgar e perigoso. Foi a primeira vez que a monomania, sua obsessão pela F. I., foi questionada.

Wigman, por outro lado, não ficou assustado. Na verdade, muito pelo contrário.

— Impressionante — falou ele. — Terei que conhecer essa mulher. Gosto da forma como ela trabalha.

— Sua essência foi engolida por heras vivas — explicou Roger. — Então isso não vai acontecer.

— Uma pena — respondeu Wigman. Então: — Espere... o quê?

Roger, mais uma vez, sacudiu o braço com desdém.

— Mas isso não está levando a lugar algum, cavalheiros. — Ele olhou para Unthank. — Se os encontrarmos, você acha que conseguirá?

— Acha? — falou Joffrey, sorrindo. — Eu sei que conseguirei. Com os dois projetistas aqui, mesmo sem seus, hã, membros salientes, não tenho dúvida de que podemos...

Mas ele não teve a chance de terminar sua frase. Naquele momento, cada um a das unidades de recepção-transmissão nas estantes do escritório de Unthank soltou um *staccato* estridente e ensurdecedor de BIPS. Elas eram uma cidade piscante de luzes vermelhas intermitentes, aquelas caixas de metal, suas agulhas voando de forma selvagem até o topo de seus marcadores. Os três homens olharam fixamente, imobilizados, para o que estava acontecendo.

Os Inadotáveis tinham regressado.

Prue e Curtis estavam sem fôlego quando chegaram ao pé da montanha inclinada de lixo e cruzaram os trilhos enferrujados da linha ferroviária. O

parque de diversões funcionava com a corda toda, apesar da corda não parecer ser muito comprida. Havia talvez três famílias perambulando pelas alamedas; elas observavam os camelôs ladrando, e contavam as moedas para a máquina de algodão doce. A tenda alta pintada de azul e amarelo marcava o centro do terreno sinuoso do parque de diversões, como um enorme olho, e os dois amigos fizeram apenas uma breve pausa para recuperar o fôlego antes de correr os últimos metros até onde eles imaginavam que a entrada dos bastidores ficava. Um homem de aparência rabugenta montava guarda.

— Nós temos... — gaguejou Prue, sua respiração vindo em arfadas. — Nós temos que entrar nos bastidores... temos que ver Esben.

O homem, mastigando um palito de dente, olhou para eles de esguelha.

— Quem disse?

— Nós dissemos — insistiu Curtis. Ele pensou rapidamente. — Somos parentes.

Prue entrou rapidamente no jogo.

— Sim — falou ela. — Ele é nosso pai. Precisamos vê-lo.

O homem olhou para os dois, com muito cuidado, antes de soltar uma gargalhada alta e debochada.

— Achei que já tinha escutado de tudo — disse ele. Ele se ajeitou e tirou o palito de dente da boca antes de complementar: — O show já vai começar, de qualquer forma. Não vão deixar ninguém entrar nos bastidores.

O coração de Prue murchou um pouco. Septimus soltou um guincho. Curtis não perdeu a compostura.

— Onde podemos comprar ingressos? — perguntou ele.

Não muito longe, um cartaz sobre a bilheteria dizia ÚLTIMA APRESENTAÇÃO HOJE! CRIANÇAS DE 10 ANOS E MENORES GRÁTIS! Chegando lá, Prue bateu no vidro, dando um susto no homem sentado no lado de dentro. Ele estava lendo um livro esfarrapado e olhou para as duas crianças na janela como se tivesse

sido teletransportado do plano astral.

— Dois ingressos, por favor — disse Prue.

Ela ergueu dois dedos.

O homem olhou para eles através de suas lentes bifocais.

— Quantos anos vocês têm?

— Dez — disse Curtis.

— Doze — corrigiu Prue, dando uma cotovelada nas costelas de Curtis.

Ele olhou fixamente para as duas crianças.

— Dezoito mangos.

O queixo de Prue caiu dramaticamente ao olhar para o homem na cabine. O preço parecia terrivelmente alto para um evento num parque de diversões praticamente abandonado ao lado de uma montanha de lixo. Ela olhou em desespero para Curtis. Ele deu de ombros para ela. Prue pegou a mochila e revirou seu interior à procura de dinheiro; não tinha nada ali. Então se lembrou de algo; uma memória longínqua, lhe chamando do que parecia ser outro século. No bolso da calça jeans estavam os dólares amassados que a mãe lhe dera para comprar pão indiano, tantos dias antes. Ela soltou um suspiro aliviado enquanto tirava o dinheiro do bolso. Começou a alisar as notas, uma a uma, sobre o balcão da bilheteria. Eram dez, no total. Ela sorriu para o bilheteiro.

— É tudo o que temos — disse ela.

Sua mente voou para os pais então; eles a tinham mandado a um restaurante do bairro numa tarefa simples. O que eles deveriam estar pensando agora? Será que poderiam ter imaginado — será que ela poderia ter imaginado —, no fim das contas, o uso dessas notas amarrotadas?

— Nós realmente queremos ver esse espetáculo — disse Curtis.

O homem arqueou uma sobrancelha.

— É mesmo? — Ele estudou os dois. — Bem, você e mais ninguém.

Graças a Deus eles vão embora hoje à noite. O espetáculo é uma porcaria. Quero dizer, tirando Esben.

Ele resmungou um pouco e começou a puxar o rolo de bilhetes azuis ao lado. Ele passou dois deles pelo buraco na janela; depois de depositá-los ali, ele começou a separar ressentidamente a massa de notas de dólar amassadas entregues por Prue.

— Aproveitem o espetáculo — disse ele, antes de voltar ao livro.

Eles encontraram seus assentos na plateia da tenda alta; uma mulher de cabelos grisalhos lhes entregou um programa. O local estava quase completamente vazio. Dois adolescentes riam na última fila da arquibancada; um homem de meia-idade, sozinho, estava sentado mais para o lado, comendo amendoins torrados de um saco de papel manchado de gordura. Curtis, se sentando, olhou para o programa que a mulher tinha lhe dado; era um panfleto barato, xerocado, impresso num papel amarelo chamativo. Na capa estava a foto de um urso, as mandíbulas abertas para revelar uma assombrosa fileira de dentes. Sobre a foto estava uma chamada, que trazia as palavras: "ANIMAIS SELVAGENS! FERAS BRUTAIS!". No pé da página, uma chamada parecida dizia: "ESBEN, O MAGNÍFICO!". Curtis abriu o panfleto, apenas para deixar as páginas internas caírem aos seus pés. Ele estava começando a se abaixar para apanhá-las quando as luzes piscaram na tenda.

O homem de quem eles tinham acabado de comprar os ingressos entrou vagarosamente e examinou a plateia minguada.

— Senhoras e senhores — disse ele com uma voz sem expressão e sem entusiasmo, que parecia se arrastar com preguiça de uma palavra até a próxima. — Preparem-se para a experiência de uma vida. Deixem o Circo dos Irmãos Gamblin transportá-los para um lugar de magia e encanto. — Ele parou e limpou o nariz, brevemente estudando seu dedo antes de limpá-lo na calça e continuar: — Eles viajaram o mundo, do Sião à Sibéria, chamando a

atenção de czares e também de sultões. Mulheres e crianças pequenas devem ser advertidas: o que estão prestes a ver os deixará confusos e admirados. O show sobre o qual todos estão falando... — Ele fez uma pausa dramática desinteressada antes de anunciar: — Esben, o Magnífico.

Os assentos se erguiam como num anfiteatro a partir de um chão de terra que era o picadeiro. Uma tenda vermelha ficava numa ponta; suas abas foram abertas repentinamente, e de dentro delas saiu um homem com cartola de feltro, calça justa listrada feito um pirulito e fraque preto. Ele pareceu parar um momento para olhar, com uma expressão séria, o bilheteiro — a apresentação aparentemente não tinha sido entusiasmada o suficiente — antes de abrir um largo sorriso para a plateia. Curtis passou a vista pelos arredores. Havia apenas seis espectadores.

Curtis ouviu Prue sussurrar:

— Será que ele poderia ser...?

Mas os dois chegaram à mesma conclusão ao mesmo tempo: o homem se curvou numa saudação antes de dramaticamente levantar as mãos. Elas eram, sem qualquer dúvida, mãos muito reais, que não lembravam nem um pouco ganchos. O homem, ao terminar a reverência, esperou pacientemente uma velha, atrasada, se arrastar até seu assento.

— SENHORRAS E SENHORRES — disse o homem, muito alto, com uma voz tingida por um sotaque de origem indeterminada. — O macaco dançarino.

Suas palavras se embolavam como se estivessem grudadas com cimento; passou pela cabeça de Prue que ele poderia estar bêbado.

Um rapaz, talvez da idade de Curtis, cuidava de uma estação ao lado do picadeiro, cercada por uma variedade de instrumentos: um trompete amassado, um tarol, uma flauta de metal. Ao ouvir o anúncio, ele levou o trompete até os lábios e tocou uma fanfarra desoladora.

As abas do toldo atrás dele se abriram novamente, e um vulto escurecido empurrou dois macacos rhesus para as luzes da tenda. Os dois animais usavam os mesmos chapéus turcos. Eles pareciam confusos. No tempo que tinham levado para correr até o centro do picadeiro, o mestre de cerimônias pegou dois bambolês e agora os sacudia de forma selvagem.

— Os macacos pularão. Pelos bambolés! — O homem caminhou com determinação até onde estavam os macacos e sacudiu os bambolês em frente a eles. — Pulem! — gritou. — Pulem!

Eles ficaram olhando para o homem, embasbacados.

O homem soltou uma série de palavrões numa língua irreconhecível antes de caminhar severamente até os dois macacos e repreendê-los em voz baixa. Então voltou à sua posição original e levantou os bambolês.

— Pulem, macacos, pulem! — gritou ele.

Um dos macacos caminhou lentamente até um bambolê e preguiçosamente passou por dentro dele, uma pata depois da outra. O outro estava olhando fixamente para algo no chão; o que quer que fosse, não sofreu uma inspeção muito rigorosa antes de o animal pegar aquilo do chão com seus dedos magros e enfiar na boca. O garoto na lateral do palco deu outro sopro em seu trompete; os macacos foram levados embora do picadeiro.

— Isso é deprimente — sussurrou Septimus no ouvido de Curtis.

Curtis só foi capaz de assentir.

— Será que encontramos o Esben errado? — perguntou ele.

— Talvez Esben só apareça mais tarde — sussurrou Prue.

O que se viu foi a demonstração mais constrangedora a que qualquer um deles assistira visto num circo. Os macacos tinham sido relutantes, mas eram mais comprometidos do que o solitário elefante enrugado, que se arrastou até o picadeiro com o entusiasmo de uma criança indo ao dentista. Os leões estavam positivamente narcolépticos e os “esquilos dançarinos” eram tão

hiperativos que imediatamente correram da entrada do picadeiro para a saída do circo numa fração de segundos, provavelmente se libertando para voltar aos seus irmãos no exterior. Seu treinador, um homem gordo com um terno muito apertado, correu atrás deles, sorrindo o tempo todo para a plateia — porém não antes de Prue perceber que suas mãos eram, na verdade, muito reais. O mestre de cerimônias estava ficando cada vez mais frustrado e, portanto, cada vez mais sóbrio a cada desastre; ele batia com os pés no chão com força a cada nova decepção até que, debatendo com um encarregado dos bastidores (mãos reais, nada de ganchos), ele decidiu partir diretamente para o evento principal.

Caminhando até o centro do palco, ele se dirigiu à plateia (agora diminuída para cinco; os dois adolescentes tinham fugido num ataque de risadas histéricas depois do desaparecimento dos esquilos) com uma voz ostentosa:

— Senhorras. E os Senhorres. Eu lhes apresento: Esben, o Magnífico.

Curtis segurou a mão de Prue com expectativa.

As abas vermelhas da tenda se abriram, e um urso preto muito grande entrou lentamente. Ele caminhava sobre quatro patas, como os ursos fazem, mas não sem alguma dificuldade. Foi só quando chegou ao centro do palco e se levantou sobre as patas traseiras, dramaticamente, mostrando toda a sua altura, que Prue e Curtis perceberam por que: no lugar de suas patas dianteiras estavam dois ganchos dourados.

Curtis se engasgou; Prue soltou um pequeno grito. O homem com o saco de amendoins se virou e pediu silêncio.

— Esben irrá agorra lhes mostrrar, seu poder de maravilhar! — anunciou o mestre de cerimônias enquanto rolava uma bola na direção do urso.

Esben subiu obediente na bola e começou a rodopiar pelo picadeiro, equilibrado de maneira precária em suas patas traseiras. O mestre de

cerimônias fez pouca coisa para comandar essa atividade; Esben parecia ter controle total de sua apresentação. Ele saltou de cima da bola ao ouvir o grito do mestre de cerimônia, e a plateia, Prue, Curtis e os dois adultos, aplaudiram com vontade. Prue ainda estava chocada por essa inversão repentina de suas expectativas. Estavam procurando um homem; mas, *claro,* ele era um animal. As toupeiras eram cegas e, Prue raciocinou, aparentemente incapazes de diferenciar as espécies de Habitantes do Andar de Cima. Elas claramente não tinham visto importância em analisar que *tipo* de Habitante do Andar de Cima ele era.



Algumas pessoas que passavam do lado de fora ouviram os aplausos; várias outras tinham entrado na tenda para assistir à apresentação. O urso, com alguma ajuda do mestre de cerimônias, conseguira equilibrar um prato largo de lata em seu gancho esquerdo. Com sua outra pata protética ele girava o prato enquanto este oscilava na curva do gancho dourado. O mestre de cerimônias, com um floreio, entregou a Esben um bastão de metal, que ele colocou sobre o prato giratório; outro prato foi colocado sobre o bastão e esse, também, foi colocado para girar. O público crescente gritou, demonstrando aprovação.

— Muito bom — comentou Septimus, baixinho.

A apresentação seguiu assim, com Esben realizando uma série de façanhas de uma forma muito consciente, como se fosse dotado de uma inteligência incomum em sua espécie. A plateia ficava mais cheia e se maravilhava com o que via; Prue e Curtis, no entanto, observavam o desempenho do urso, reconhecendo-o. Ele era um nativo do Bosque, com certeza. Não havia nenhuma dúvida em relação àquilo.

O espetáculo terminou com o urso realizando uma incrível série de façanhas de vida ou morte, contando com uma pilha de cadeiras viradas, equilibradas uma sobre a outra; um aro em chamas; e um fio que se estendia do teto da tenda até o solo. Escalando as cadeiras, Esben prendeu seus ganchos no fio e deslizou numa velocidade de tirar o fôlego, descendo do teto para terminar do outro lado do aro em chamas, passando por dentro dele sem se queimar, e arrancando gritos ensandecidos da tenda agora ocupada pela metade. O sucesso dessa apresentação permitiu que a plateia perdoasse os fracassos anteriores do mestre de cerimônias; Esben tinha salvado o espetáculo. O elenco se curvou em reverência diante de aplausos estrondosos — inclusive Esben, para o deleite do público — antes que se virassem e saíssem correndo pelas abas da tenda no fundo do picadeiro. As luzes se acenderam; o bilheteiro apareceu e começou a tirar as pessoas da tenda.

Eles sabiam o que precisavam fazer em seguida.

O mesmo homem estava parado junto ao portão que levava à área dos bastidores. Ele viu as duas crianças com o rato de estimação se aproximarem e sorriu. Os dentes da frente eram pequenos tocos nodosos.

— Bem, se não são os dois filhotes de urso que vieram ver seu velho pai.

Curtis olhou feio para o homem.

— Somos apenas grandes fãs.

— Você vai nos deixar entrar para vê-lo? — perguntou Prue, experimentando seu charme persuasivo.

— Eles estão fazendo as malas — falou o homem. — Estão partindo para Pendleton. Ou algum lugar desses. Eles não têm tempo para conversar com fãs agora.

Prue, sem perceber, elevou a voz:

— Ele não pode ir embora!

— É realmente importante vermos Esben — disse Curtis, ficando muito

impaciente. — É uma situação de vida ou morte.

— Me deixe entender isso direito — falou o homem, olhando para as unhas distraidamente. — Vocês precisam ver um urso. Um urso de circo. Porque é uma situação de vida ou morte.

— É uma longa história — acrescentou Prue. — Mas... sim.

— Por favor? — suplicou Curtis.

O homem olhou para os dois, seus olhos se movendo de um para o outro. A expressão cansada e negligente no rosto tinha sido substituída por uma de piedade desconcertada.

— Não — falou ele, por fim.

Eles se afastaram, desanimados. Os sons do parque de diversões estavam murchando no ar frígido da noite enquanto os camelôs e vendedores fechavam suas barracas. Alguns pingos de chuva tinham começado a cair. Eles pousavam ruidosamente sobre os montes enlameados de neve derretendo em meio à terra e às marcas de pneu no terreno do circo. Alguns homens podiam ser ouvidos gritando instruções concisas de dentro da grande tenda. Em instantes, o topo da tenda tombou para o lado, e a grande estrutura começou a murchar como um balão perdendo o ar. Um grupo de trabalhadores braçais, ensebados de suor, cuidava de sua desmontagem, falando palavrões e cuspindo em igual profusão. Prue colocou o capuz sobre a cabeça e franziu a testa.

— Essa coisa toda... está arruinada — lamentou ela. — Vamos perder um dos criadores.

Ela estava seguindo Curtis, com o rosto virado para o chão, enquanto eles caminhavam ao longo da cerca. Ela quase trombou em suas costas quando ele parou repentinamente.

— Espere — disse ele. — Onde está Septimus?

O rato tinha ficado em seu ombro a noite toda; só agora ele notou que as

garras sempre presentes de Septimus não estavam mais se agarrando ao seu casaco.

Um grito os alertou de sua presença. Olhando na direção do barulho, eles viram o guardião da área dos bastidores, com quem eles tinham acabado de falar, soltar um berro que parecia um grasnido e começar a dançar pelo solo arenoso como uma marionete controlada por uma pessoa num surto de cafeína. Curtis reconheceu a dança instantaneamente: Henry, com sua cartola, tinha apresentado passos idênticos, na semana anterior, em sua fuga da carruagem capturada.

— Lá está ele — falou Curtis.

Quando eles voltaram à entrada dos Bastidores, o homem tinha sumido, tendo saído num trote, gritando, na direção do banheiro masculino para tentar remover aquele furão demoníaco que tinha se enfiado em sua capa de chuva. O caminho estava totalmente aberto. Curtis examinou rapidamente o entorno antes de conduzir Prue pelo portão desprotegido.

— Obrigada, Septimus — sussurrou ela.

Uma cidade de jaulas e engradados criava uma espécie de labirinto na área dos bastidores, tudo inundado pelo movimento frenético de integrantes da equipe com macacões pretos e botas de trabalho, desmontando e guardando os equipamentos do espetáculo. Tão frenéticos, na verdade, que as atividades de duas crianças de 12 anos entre eles não chamou nenhuma atenção.

Eles caminhavam com uma confiança proposital, supondo que duas crianças rastejando e andando nas pontas dos pés teriam mais chance de ser percebidas. As jaulas duplas dos macacos teimosos indicaram que eles estavam se aproximando do curral dos animais. Virando uma esquina ao lado de um caixote feito de ripas de madeira que guardava uma revoada de pavões tagarelas, eles viram, separada, uma jaula de metal preta com a palavra ESBEN escrita num letreiro sobre as barras.

Chegando lá, eles espiaram dentro da jaula. Estava completamente escuro.

— Esben? — sussurrou Prue.

Ela estava preocupada em não ser flagrada tentando conversar com um urso de circo. Não apenas aquilo provavelmente faria com que eles fossem expulsos, mas também corriam o risco de ser mandados a algum manicômio.

Curtis cutucou suas costelas com o cotovelo e apontou para o fundo da jaula. Lá, na escuridão, dois pequenos olhos capturavam a luz dos holofotes dos bastidores. Com um brilho amarelado, eles olhavam fixamente para as duas crianças. Um pequeno movimento dos braços do urso criou um lampejo de reflexão em suas duas próteses em forma de gancho.

Prue trocou um rápido olhar com Curtis antes de se virar novamente para o vulto no escuro.

— Sabemos quem você é. Sabemos que você é um dos criadores que a Governatriz contratou para fazer Alexei. Sabemos que você foi exilado no mundo subterrâneo; é extremamente importante que você venha conosco.

O urso, por sua vez, não falou nada. A negritude dos pelos o camuflava no escuro. Era como se o brilho dos olhos e a cintilação dos ganchos pairassem nas sombras do fundo da jaula.

Curtis interveio:

— Para encurtar uma longa história, Esben: precisamos que você venha conosco. Podemos levá-lo de volta ao Bosque do Sul. A Governatriz se foi há muito tempo; nós estávamos lá quando ela...

Ele hesitou antes de dizer que ela havia morrido. Não tinha sido esse o caso, exatamente. “Desapareceu” foi a palavra que ele escolheu.

O urso permaneceu em silêncio.

— Por que você não fala conosco? — perguntou Prue, se sentindo cada vez mais desesperada. Alguns dos engradados atrás deles estavam sendo levados para vagões de transporte a espera; um trem podia ser ouvido ao

longe, pronto para partir. — Sabemos que você fala. Sabemos que você é do Bosque.

Curtis tentou um pouco de bajulação.

— Bom trabalho lá dentro, por falar nisso. Você faz coisas muito impressionantes. Acho que você consegue extrair o máximo de sua... — Novamente ele hesitou, procurando pela palavra certa. — Deficiência.

Os olhos brilhantes se moveram para encarar Curtis; ele achou que podia perceber uma raiva crescente neles. A respiração do urso se tornou mais apressada. Curtis encarou Prue para ver que ela estava disparando um olhar de desaprovação em sua direção.

Ela limpou a garganta.

— Precisamos que você venha conosco. Precisamos que você volte ao Bosque do Sul.

O urso soltou um rosnado grave. Ele parecia sair de uma parte profunda de suas entranhas. A recusa a falar era perturbadora para Curtis; por um momento passou por sua cabeça a possibilidade de terem encontrado o sujeito errado, que os ganchos fossem apenas uma coincidência. Talvez eles estivessem realmente apenas conversando com um urso normal.

Prue continuou:

— Escute. Nós sabemos que você foi tratado com crueldade. Acredite em nós, nós sabemos como a Governatriz era uma mulher terrível. Mas ela era louca. Ela achou que estava fazendo o melhor pelo país. E talvez estivesse certa. Sou do Exterior, mas sou mestiça. A Árvore do Conselho do Bosque do Norte falou comigo; ela me disse que, para salvar o Bosque, preciso encontrar você e o outro criador. Precisamos de sua ajuda. Desesperadamente.

— Vocês precisam reanimar Alexei, o menino príncipe mecânico — adicionou Curtis. Ele falava com uma urgência incitada pelos integrantes da

equipe que perambulavam por ali e, sem dúvida, os descobririam a qualquer momento.

Com uma ferocidade explosiva, o urso irrompeu em ação, se jogando contra as barras da jaula. Ele soltou um enorme rugido que despenteou o cabelo de Curtis e fez Prue soltar um grito. Os dois caíram para trás na lama, seus rostos molhados com a saliva do urso. Uma comoção veio dos trabalhadores atrás de ambos; eles foram alertados da irritação do urso e começaram a correr na direção da jaula.



Curtis, sem conseguir encontrar palavras, fez algo impulsivo. Enquanto observava o urso recuar para as sombras, o ar ecoando com os gritos dos

funcionários do circo, ele levou a mão até a medalha no peito. Era a medalha que ele tinha recebido das toupeiras, aquela com o homem fazendo sinal de positivo com o polegar. A que tinha ZEKE escrito na parte inferior. Tirando a medalha de seu peito, ele se levantou e a posicionou entre as barras da jaula e a empurrou na direção do Urso. Exatamente quando ele tinha acabado de fazer aquilo, os homens do circo os alcançaram.

— O que vocês estão fazendo aqui atrás? — gritou um.

— Quem os deixou entrar? — berrou outro.

A voz do vigia, aquele que tinha sido vítima da traquinagem de Septimus, se elevou sobre o resto:

— Essas são as crianças! Elas devem ter entrado escondidas!

Em questão de segundos, as mãos ásperas dos trabalhadores estavam sobre os ombros de ambos, e os dois, Prue e Curtis, estavam sendo carregados na direção do portão. Prue olhou rapidamente por cima do ombro e observou a jaula de Esben ficar para trás. Antes de ela e Curtis serem jogados rudemente para fora do portão da cerca e de seu campo de visão ser cortado completamente, ela viu uma equipe de homens começar a empurrar a jaula na direção de um vagão.

O som de pés apressados os alertou para a chegada de Septimus. Ele saltou sobre o ombro de Curtis e, assim que se assegurou de que não havia nenhum Forasteiro perto o suficiente para ouvi-lo, sussurrou para as duas crianças:

— O que aconteceu? Onde está Esben?

— Ele não vem — falou Curtis.

— O quê?

— É isso — disse Prue. — Ele nem quis falar conosco.

— Depois de tudo aquilo? — sussurrou o rato, irritado. — Tive que desbravar as costas peludas daquele sujeito para nada? Urso ingrato.

O trem soltou um apito sombrio; os três — o garoto, a menina e o rato — seguiram desanimadamente de volta na direção do monte de lixo.



# CAPÍTULO 23

## *Fora da Periferia; Os Visitantes Indesejados de Unthank*

Se você estivesse lá para ver, poderia não ter acreditado em seus olhos. A plácida linha de árvores, a neve que persistia, a meia-luz da noite que se anunciava. E então você poderia ter visto uma criança, que não tinha mais do que 14 anos, com cabelos pretos longos e lisos, usando um macacão de uniforme e com um olhar concentrado, passar entre as árvores. Sua mão estava esticada para trás, como se estivesse segurando algo dentro da linha de árvores. Em pouco tempo, você veria que a mão estava na verdade segurando outra mão, essa de um jovem menino olhando embasbacado, como um animal saindo de sua toca, para a luz fraca do sol além do véu das árvores.

Logo, mais vieram; uma sucessão de crianças surgiu do bosque. No meio da cadeia estava um velho manco que dependia da orientação das crianças

para saber para onde ia. Depois do que poderia parecer uma eternidade, a última criança saiu, essa segurando a coleira de um pequeno pug preto. O nome da menina era Elsie e voltava para o Exterior depois do que tinha parecido uma eternidade.

Eles pararam em silêncio, piscando para o panorama diante deles: os conjuntos entrelaçados de canos e dutos, as chaminés gigantescas, o estrondo monótono da Zona Industrial. As torres gêmeas da ponte ferroviária podiam ser vistas a alguma distância na garganta do rio. No outro lado, eles avaliaram, estava a liberdade. Mas, antes, teriam que cruzar a Zona. Com energia renovada, começaram a se mover naquela direção.

Eles cruzaram a margem entre a planície coberta de tanques de componentes químicos e o verde selvagem e montanhoso do bosque. A margem, uma pequena extensão de grama suja, era suficientemente grande para acomodá-los numa fila. Eles não falavam nada enquanto caminhavam; Carol ostentava um largo sorriso radiante durante todo o caminho. A ponte se erguia mais próxima no campo de visão das crianças.

Mal tinham atravessado até a Zona, com a Ponte Ferroviária ao seu alcance e alguns deles ainda de mãos dadas com os vizinhos, quando um vulto solitário apareceu de trás de uma chaminé baixa e quebrada. Vestia um suéter com losangos estampados e tinha um cavanhaque. Ele se posicionou entre as crianças e os trilhos da ponte.

— Olá! — falou Unthank. — Bem-vindos de volta.

O grupo de crianças congelou e soltou um suspiro de espanto coletivo.

Unthank descobriu qual era a razão para o choque. Ele bateu com o dedo no lóbulo de sua orelha; as crianças passaram a mão nas etiquetas amarelas presas como brincos.

— Assim que vocês saíram de lá, encontrei vocês. Vocês estão todos marcados. Localizadores por GPS. Coisas simples, na verdade.

Rachel o encarou de forma desafiadora.

— Saia do nosso caminho, seu nojento — exigiu ela.

As crianças atrás dela murmuraram em aprovação. Eles eram trinta e oito. Aqui, fora da estrutura e do confinamento da oficina, sua resistência era invencível. O homem não tinha nenhum controle sobre eles ali.

— Imaginei que vocês seriam um pouco mais gratos — respondeu Joffrey. — Pelo menos uma de minhas misturas parece ter funcionado. Não sei como vocês fizeram isso, mas espero descobrir em pouco tempo. E, vocês devem saber, sou um homem de palavra. Riqueza, liberdade. É tudo de vocês. Apenas me contem qual de vocês conseguiu sair primeiro.

— De jeito nenhum — disse a menina atrás de Rachel. Era Martha Song. Unthank a reconheceu por causa dos óculos sempre presentes. — Não seremos mais seus escravos.

Unthank moveu os lábios num sorriso. Seu corpo estava emoldurado pela fachada do Lar Unthank ao fundo; rostos podiam ser vistos nas janelas, rostos de crianças, que assistiam ao embate em andamento.

— Sério — falou ele. — Aonde vocês pensam que vão?

As crianças não responderam, o vento sacudiu as árvores altas atrás delas.

— É isso mesmo — disse Joffrey. — A lugar algum. Agora vamos todos esquecer nossas pequenas brigas e voltar ao Lar. Quando estivermos lá, posso levá-los individualmente para ver que tipo de efeito...

— Já dissemos que não vamos — repetiu Martha Song. — E você pode permanecer aí e ser pisoteado por um monte de órfãos furiosos, ou pode sair do caminho.

Antes que Unthank tivesse a chance de responder, mais dois homens apareceram vindos da direção do edifício. Eles pareciam ter viajado de duas épocas completamente diferentes. Um, atlético e com os ombros largos dentro de um terno de caimento justo, tinha o comportamento dos dias atuais;

o outro, magro como um palito, parecia que tinha caído de algum canto distante do século XIX. O último ajeitou os pequenos óculos sobre seu nariz enquanto se aproximava.

— O que está acontecendo aqui, Joffrey? — perguntou o maior.

— Meus Inadotáveis, Sr. Wigman — disse ele, sem tirar os olhos das crianças. — Eles conseguiram sair. De alguma forma. — Ele repetiu a última parte novamente, dessa vez mais baixo. — De alguma forma.

Wigman pareceu estudar as crianças cuidadosamente, calculando as implicações. Aquilo deu a Elsie um momento para pensar em como eles deveriam parecer ridículos, todos reunidos em volta de um velho com olhos de madeira, todos usando macacões iguais e brincos de etiquetas amarelas. Ela imaginou ter visto um brilho de caridade aparecer no rosto do homem, um reconhecimento de que os esforços de Unthank tinham ido longe demais.

— Isso é inútil, Joffrey — falou ele, finalmente. O vento soprou sua gravata; o cabelo perfeitamente moldado pareceu se desgrenhar levemente. — Deixe as crianças irem.

Ele procurou o apoio do homem ao seu lado, que vinha esticando o pescoço para a frente e ajeitando os óculos o tempo todo. Ele parecia ter sido atraído por um dos integrantes do grupo.

— Carol Grod! — gritou o homem.

O velho cego levantou as orelhas. Uma carranca se formou em seu rosto.

Tanto Unthank quanto Wigman se viraram e encararam Roger.

— Esse é... ele? — gaguejou Unthank.

Elsie olhou para Carol, analisando o olhar sombrio em seu rosto.

— Quem é aquele? — perguntou ela, se referindo ao homem vestido de forma estranha.

— Roger Swindon, por incrível que pareça — falou Carol, de forma desafiadora. — Crianças, conheçam o homem que cumpriu as ordens de

arrancar meus olhos.

Roger não pareceu perturbado pela acusação.

— Isso é passado, Carol. Não faz sentido reviver velhas adversidades.

— Não as estou *re*vivendo, Roger — respondeu Carol. — Vivo com elas todos os dias.

Roger sorriu constrangido para Unthank e Wigman, que estavam parados em silêncio ao seu lado. Ele se virou novamente para o grupo de crianças.

— Passem-no para cá, crianças — falou ele, com o charme de um impaciente homem da carrocinha.

Unthank conseguiu sair de seu devaneio.

— Esse é Carol Grod, o maquinista. O sujeito que criou a Engrenagem? — perguntou ele, embora soasse mais como uma declaração que ele desejava ser de alguma forma falsa.

Ele não conseguia acreditar no que o acaso tinha lhe trazido.

— Sim, Sr. Unthank — disse Roger, — Um deles, pelo menos. Aquele, bem ali, é metade do nosso passaporte para o sucesso.

Wigman, tendo ouvido a conversa, começou a olhar para o amontoado de crianças de uma forma totalmente diferente.

— Escutem o que ele está dizendo, crianças — aconselhou ele, compreendendo a situação. — Entreguem o velho. — Ele fez uma pausa, pensando nas próximas palavras antes de decidir que ameaçar crianças era um comportamento bastante aceitável na Zona Industrial. — E ninguém se machuca.

— São vocês que vão se machucar — respondeu Martha.

A multidão de crianças murmurou sua concordância determinada.

Rachel caminhou até o lado de Martha e encarou os homens de forma desafiadora.

— Trinta e oito contra três — disse ela. — É como eu vejo as coisas.

Vamos cruzar a ponte, simples assim. Não acho que vocês vão querer ficar no nosso caminho.

Unthank engoliu em seco, nervoso. Roger se contorceu dentro de seus pontudos sapatos pretos, seus olhos se afastando do vulto do homem cego. Wigman parecia não ter se perturbado. Ele colocou a mão no bolso e tirou algo parecido com um telefone celular. Abrindo o aparelho com o polegar, ele pressionou um botão e, repentinamente, os silos e as chaminés da Zona Industrial estavam produzindo o som persistente e clamoroso de uma campainha. As crianças todas levaram as mãos aos ouvidos; o barulho era quase ensurdecedor.

Portas, antes imperceptíveis, se revelaram na abertura entre o emaranhado de cabos e canos enferrujados; de cada uma delas se derramou um exército de brutamontes com gorros vermelho-escuros, os ombros musculosos quase rasgando as camisas de trabalho cinza e os sobretudos. Eles carregavam chaves de fenda e martelos, pés de cabra e canos. A protuberância de seus queixos, salpicada de barba por fazer, era tão parecida em todos eles que pareciam ter sido criados no mesmo tubo de ensaio. Os homens gigantescos se espalharam, e logo o bando de crianças estava cercado.

Dirigindo-se às crianças, Wigman gritou mais alto do que o som clamoroso da campainha ensurdecedora, que continuava a soar inabalada, apesar de o alarme ter claramente sido atendido:

— Vocês estão na terra dos Titãs, molecada — falou ele. — Ninguém ameaça um Titã da Indústria em seu próprio solo.

A chuva estava caindo com mais força agora; a última luz do dia se dissipava no oeste. Prue e Curtis subiam a montanha de lixo com desânimo, se

afastando do circo e dos barulhos da mudança. Os cabelos estavam encharcados por causa da chuva congelante; as roupas grudavam, com a água fria, à pele arrepiada. Septimus estava de pé sobre o ombro de Curtis, a pele tão encharcada de chuva que ele parecia mais uma toalha de banho usada, jogada no chão de um banheiro molhado. Prue não achava que algum dia já tinha se sentido mais derrotada do que naquele instante. O coração parecia ter se afundado em sua caixa torácica o máximo que conseguira, como um gato fugindo de um dono vingativo. Aquilo parecia dificultar cada um de seus passos enquanto ela passava pelos televisores e camas de mola descartados da montanha de lixo.

— Acho que vamos simplesmente voltar para as toupeiras — disse ela. — Sem Esben. Elas serão capazes de nos levar ao Bosque do Sul, onde podemos tentar encontrar o outro criador. Certo?

Era como puxar um balde cheio das profundezas de um poço, tão grande era o esforço de encontrar disposição para falar sobre o que vinha pela frente.

Talvez, ela imaginou, independentemente desses passos em falso, ela ainda estivesse no caminho certo. Talvez a árvore tivesse previsto esse contratempo — a relutância de Esben, sua implacabilidade — e os dominós continuariam a cair a seu favor. *Sina*, era como sua mãe chamava esse tipo de coisa. Uma espécie de simetria mágica com o mundo. Ela não sabia, no entanto, quanto tempo eles seriam capazes de encadear tais eventos antes de algo acabar dando errado. Não, era melhor simplesmente persistirem. Voltar ao Bosque do Sul. Mobilizar as pessoas. Algo estava fadado a se oferecer.

Curtis permaneceu em silêncio; Prue interpretou que ele não a tinha escutado.

— Quero dizer — continuou Prue —, teremos que ver se podemos dar conta com apenas um criador. Talvez um seja o suficiente, no fim das contas; talvez possamos ser seus olhos. O que você acha?

— Eu não vou.

— O quê?

Prue parou abruptamente.

— Eu disse que não vou. — Curtis passou por ela, abrindo caminho pelo chão coberto de lixo. — Sinto muito. Fiz um juramento. Tenho que voltar ao acampamento.

— Do que você está falando, Curtis? E quanto à árvore?

Curtis parou e deu meia-volta, olhando para ela com uma expressão séria.

— A árvore! A árvore! Todo esse papo a respeito da árvore! — A voz dele tremia de emoção. — Eu não escuto plantas que falam, Prue. Até onde sei, isso é uma alucinação esquisita que você está tendo. E eu dei trela para você até agora. Encontrar os criadores? Reanimar o herdeiro? O que tudo isso deveria significar? Como isso deveria ajudar alguém?

Prue era capaz de sentir lágrimas subindo aos olhos.

— Mas vai — respondeu ela. — Isso vai ajudar as coisas. Eu sei que vai.

Septimus tinha permanecido em silêncio; ele observava os dois de seu poleiro no colarinho de Curtis. O garoto falou novamente:

— Eu lhe falei que fiz um juramento. Quanto mais tempo eu ficar afastado do acampamento, mais o estou descumprindo.

— Então é assim. Você vai me abandonar.

— Bem, não fale dessa forma. Já estou com você há muito tempo. E durante todo esse tempo, tudo o que eu queria fazer era resolver isso para poder descobrir o que aconteceu com Brendan e todo mundo. É lá que está a minha, você sabe, lealdade. — Ele fez uma pausa, como se estivesse medindo o impacto de suas próximas palavras. — Prue, talvez você devesse simplesmente ir para casa. Voltar para seus pais. Talvez essa coisa toda a respeito do Alexei seja demais para nós.

—Eu? — perguntou Prue, surpresa. — *Eu* deveria voltar para os meus

pais? Quem é você para falar, Curtis. E quanto aos *seus* pais?

— Eu sei, mas...

— Mas nada — retrucou Prue. —Sei o que tenho que fazer. O menino... a árvore... me disse. Todas as outras coisas são irrelevantes agora. Quer saber? Eu não pensei em meus pais durante todo esse tempo. Por alguma razão, é como se meu coração não estivesse mais no Exterior. Está lá. Lá no Bosque. — Ela apontou de forma irritada para o horizonte na direção oeste. — Sou um ser do Bosque, Curtis. Do Norte, do Sul, Selvagem. O que eu fizer agora, farei pela árvore. Eu fui chamada. Nada pode mudar isso. Você tem seu juramento, e eu tenho o meu chamado. Minha vida no Exterior está *acabada*.

Curtis olhou fixamente para ela, sem saber como responder.

— Ótimo — disse ele, depois de um instante.

— Ótimo — ecoou Prue, lutando contra a emoção que se avolumava em seu peito. — Vá fazer as suas coisas. Encontrar seus bandidos. Sinto muito por quaisquer danos que eu tenha causado a você, a seus irmãos e suas irmãs. Tenho que fazer isso.

Ela se virou e continuou a descer a pilha de lixo; o barraco que abrigava a escada que levava até o túnel subterrâneo não estava longe.

Curtis permaneceu onde estava.

— Escute — gritou ele na direção da menina, o tom desafiador de sua voz ficando mais suave —, nós nos reencontraremos no Bosque do Sul. O que você acha disso? Me deixe descobrir o que aconteceu com o acampamento dos bandidos; ficarei por lá para reconstruí-lo, se for necessário. Avisarei quando puder me juntar a você. As toupeiras vão ajudá-la, tenho certeza.

— Eu ficarei bem — gritou Prue por cima do ombro. — Eu não precisei de você por perto quando estava procurando Mac.

Aquela última parte doeu. Curtis observou a amiga desaparecer atrás de uma montanha de rádios de pilha. Um amontoado de molas enferrujadas

estava junto aos seus pés, e ele as chutou, irritado.

— Posso falar? — perguntou Septimus.

— Claro que pode — respondeu Curtis.

— Não seja tão duro com ela — falou o rato. — Ela é muito mais frágil do que você pensa.

— Talvez seja. Mas ela definitivamente não admite isso.

— Humanos são esquisitos assim. Algo que eu sempre percebi. — Septimus passou a mão em seus bigodes, sacudindo água das pontas de suas garras. — Então qual é o plano?

— Voltar ao acampamento, encontrar os sobreviventes.

— Nesse caso, devemos partir logo. Temos um longo caminho a percorrer até chegarmos ao Bosque Selvagem.

Enfiando as mãos no fundo dos bolsos de sua calça, Curtis se virou e caminhou de volta na direção dos holofotes do parque de diversões sendo desmontado. Eles iriam pela superfície, ele decidiu. Ele caminharia pelo Exterior pela primeira vez em muito tempo. Cruzariam a Ponte Ferroviária como ele tinha feito há tantos meses; encontrariam seus irmãos e irmãs perdidos. Ele estava determinado.



No outro lado da cordilheira de lixo, Prue cambaleou no escuro para chegar ao pequeno vale na pilha de detritos onde ficava o barraco dilapidado. Ela se pegou murmurando para si mesma enquanto andava, repetindo palavras de autoafirmação:

— Vou ficar bem — disse ela. E então, como para reforçar aquilo, falou: — Você vai ficar bem. — Um pouco depois: — Curtis vai ficar bem. — Acompanhado de: — É claro que ele vai ficar bem. Ele é um garoto crescido.

Ela percebeu, ali e naquele momento, que estava encenando uma conversa entre ela e um guardião invisível; ela agia como os próprios pais postiços.

Ela realmente acreditava em tudo aquilo que tinha falado antes? Será que tinha realmente renegado seus pais? A ideia, por incrível que pareça, criou muito pouco arrependimento dentro do peito; o poder esmagador de sua tarefa e as instruções sussurradas da árvore pareciam eclipsar quaisquer preocupações. Parecia que tinha bebido algo muito forte, alterando todo o seu raciocínio e perspectiva. Ou, ela percebeu, talvez aquilo estivesse dentro dela. Talvez essa fosse a sensação de se tornar adulta.

Sua mente estava tomada por essa nova percepção, essa epifania. Enquanto ela se aproximava do barraco, no entanto, viu que havia algo muito diferente a respeito dele; diferente de como ela e Curtis o tinham deixado havia apenas algumas horas.

A porta estava aberta.

Na verdade, estava tão aberta que balançava em suas dobradiças, soprada pelo vento frio. A mente voltou imediatamente ao momento de sua chegada; estava certa de que eles a tinham fechado cuidadosamente antes de saírem para procurar Esben, por medo de alguém encontrar o buraco. Tinham inclusive colocado uma estaca na tranca para mantê-la fechada.

Foi então que ela começou a ouvir o barulho. Parecia um grito enfraquecido, incomum — uma voz num dialeto obscuro, telefonando de outro continente. Prue percebeu que aquilo parecia estar vindo de seus pés. Olhou para baixo e viu um tufo de grama cinzento se elevando de um emaranhado de arame enferrujado. O som se avolumou, seu timbre mais focado e intenso.

Prue se agachou, seus pés um de cada lado do tufo. *O que foi?*, pensou ela.

*SSS*.

Sua testa se contorceu, e ela se concentrou; o bocado de grama parecia

estar querendo expressar algo — algo de muita importância. Como um navio cruzando um manto denso de neblina, o desejo de falar da pequena planta se tornava cada vez mais claro na mente de Prue.

*SSSSSS!*

*O que foi?*, repetiu ela. *O que você está tentando dizer?*

Mais alto agora. *SSSSS.*

Ficou claro que a grama estava tentando, de todas as formas que podia, gritar.

E então ela conseguiu.

*SAIA!*

Prue quase caiu para trás, de tão surpresa que ficou. A planta tinha formado uma única palavra convincente no centro de sua mente, seu significado tão evidente quanto se tivesse sido gritado através de um megafone. Foi a primeira vez que ela ouviu os barulhos em sua cabeça se fundirem num pensamento inteligível. A grama soltou uma espécie de suspiro, como se estivesse aliviada pelo fato de a menina finalmente ter entendido sua tentativa de se comunicar. Parecia tão simples: ela agora percebia que não eram as plantas desprovidas de poder suficiente para dialogar com clareza; aquela era a sua própria curva de aprendizado.

*Tenho que dar o fora daqui*, ela soube repentinamente.

Começou a se afastar da grama, que, voltando a não emitir palavras, estava soando, como um gemido, um uivo. Examinou seus arredores em busca de uma rota de escape; um túnel feito por um par de para-choques de carro se ofereceu. Antes que ela pudesse chegar lá, no entanto, um vulto escuro entrou entre ela e seu alvo.

— Aonde vai, pequena? — perguntou o vulto.

Prue congelou.

O vulto, preto como piche, parecia ondular levemente em seu campo de

visão. A escuridão da noite estava penetrante agora. O brilho do parque de diversões que era desmontado, logo além da cordilheira de lixo, iluminava o cenário de forma fraca. Prue observou horrorizada enquanto o vulto se agitava diante de seus olhos.

— Quem está aí? — gritou ela, apesar de saber a resposta à sua pergunta.

— Apenas sua velha professora de ciências, Prue. Sua velha amiga. — O contorno escuro de Darla Thennis, nem raposa nem humana, parecia oscilar entre as formas, os movimentos criando uma espécie de tremedeira bizarra na voz da mulher. — Quanto tempo, não? Bem, não sou de guardar rancor, mas você fez uma coisa bem feia em seu precioso acampamento dos bandidos. Uma coisa bem feia.

Os olhos de Prue se ajustaram um pouco ao escuro: ela viu dois olhos cintilantes no vulto escuro oscilante olhando em sua direção.

— Apenas me deixe ir embora, Darla.

O vulto soltou uma risada.

— Deixar você ir? Depois do que fez a Callista? A pobre e doce Callista.

As contorções terminaram; o vulto, preso entre suas duas formas em guerra, começou a se aproximar. O brilho nascente de uma lua baixa, escondida atrás de nuvens, iluminou a coisa horrível: era inegavelmente a forma de uma mulher, ela andava de pé, embora curvada, mas sua cabeça tinha um formato distintamente canino. As presas saíam do lábio inferior; pelos pretos, empapados por causa da chuva, cobriam seu corpo nu. Era a visão mais asquerosa que Prue já tinha testemunhado; a repulsa a fez recuar.

— Qual é o problema? — perguntou Darla. — Eu estou *assustando você*?

Prue começou a se mover para trás; um pedaço dobrado de uma barra de ferro prendeu o salto da bota e ela caiu com as costas no chão.

— Você não pensa, não é mesmo? — falou Darla, se aproximando. — Quero dizer, foi inteligente da sua parte ficar debaixo da terra; muito

perspicaz. Mas eu sabia que em algum momento você voltaria para pegar ar. Todos sempre voltam. Veja bem, estou fazendo isso há muito tempo.



Já matei muitas coisas. Animais, humanos. Sim, até crianças. Tenho um prazer particular no caso das crianças, na verdade. — Ela ilustrou essa declaração com um sorriso largo antes de continuar: — Nesse processo, acabei aprendendo as motivações das pessoas, as coisas que as movem. Também aprendi a ser paciente. Muito, muito paciente. Imaginei que você talvez estivesse morta, com certeza. Foi uma queda muito longa a sua. Mas aquilo não tinha o *gosto* certo. — Ela a estava cercando agora, brincando com ela. Seu discurso soava como se viesse de alguém que estava no isolamento há muito tempo; era meio alucinado e estranhamente cadenciado. Prue se arrastou para trás, tentando se colocar de pé. O terreno desnivelado da pilha de lixo era implacável. A mulher raposa continuou a falar: — É a única forma de explicar. Então fui paciente. Não me apressei. Eu sabia que, se tivesse sobrevivido à queda, você brotaria novamente. — Para ilustrar a palavra

*brotaria*, ela fez um gesto de uma planta saindo da terra com as mãos, assustando Prue. Seus dedos eram cobertos de pelos pretos e terminavam em longas garras amarelas. — E veja o que aconteceu. Você brotou.

— Mas como você poderia saber? — murmurou Prue.

Os dedos se enfiaram na mochila; ela ainda estava pendurada em seus ombros. Encontrou as fivelas misericordiosamente abertas.

— Boa pergunta — respondeu Darla, usando seu tom de professora de ciências. — Muito apta. Cheia de notas para passar. Você deveria saber a resposta, Prue. Prue da Árvore do Conselho, a Mística Mestiça, Regina do Bosque Selvagem, a *Donzela da Bicicleta*. Tenho truques. Tenho informantes. — Novamente, aqueles dedos ilustravam as palavras em movimentos ágeis. — Por toda parte. Até mesmo aqui, no vulgar Exterior.

Julgando pela aparência esfarrapada e deformada da Kitsune, Prue supôs que aquela assassina estava bem no fim de suas forças. Ela parecia ter sido levada à loucura. Prue não conseguia decidir se aquilo era uma coisa boa ou ruim. Seus dedos continuavam a escavar o interior da mochila.

— Agora — falou Darla —, podemos fazer isso de uma forma rápida e tranquila ou podemos nos demorar. A velha, aquela mocreia miserável e mágica, ofereceu uma quantidade de resistência *inconveniente*. Eu preferiria que não tivéssemos que fazer aquela ceninha.

Ela virou a cabeça, come se estivesse alongando o músculo do pescoço; parecia estar praticando alguns exercícios preliminares a seu trabalho mortal. Antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, porém, ela soltou um grito estridente e agonizante.

Prue tinha fincado uma faca em seu pé.

Eles eram conhecidos como estivadores. Foi assim que Unthank os havia chamado quando se aproximou do homem com o terno justo e lhe perguntou, de forma bastante petulante, por que eles tinham que ser convocados a intervir, e também se os três não estavam cuidando muito bem do assunto, obrigado. Elsie o tinha escutado. Mas, independentemente de como eles eram chamados e de seus comportamentos e roupas idênticos, eles se moviam lentamente na direção do grupo de Inadotáveis de uma forma que só poderia ser descrita como ameaçadora. O impasse entre Unthank e o homem que parecia ser seu chefe, o Sr. Wigman, continuou. Eles se encaravam de forma tensa; o Sr. Unthank parecia contrariado pela presença dos estivadores, como se o fato de eles estarem ali de alguma forma minasse sua autoridade. Os estivadores, por outro lado, demonstravam sua ferocidade ao esboçar um leve sorriso e ao bater com canos de chumbo nas palmas de suas mãos enquanto caminhavam. Elsie olhou para a irmã; o rosto de Rachel estava se contorcendo.

— O que fazemos? — sussurrou Elsie para ela.

Houve muitos momentos durante sua aventura prolongada, desde que os pais a deixaram no Lar Unthank, em que ela gostaria de estar com a Intrépida Tina; este era decididamente um desses momentos.

— Não sei — respondeu Rachel.

As crianças observaram Roger falar com Wigman, a voz insolente e impaciente:

— Não precisamos das crianças, Sr. Wigman. Precisamos *daquele homem*.

Wigman, sendo pressionado dos dois lados, gesticulou para que tanto Unthank quanto Roger se calassem.

— Escutem, vocês todos — disse ele, se dirigindo à multidão. — Está começando a chover. Está ficando escuro. — As duas coisas eram verdade; a luz sumia no oeste, e um chuvisco frio molhava os cabelos e os gorros

vermelho-escuros de todos os presentes. — Vamos levar essa pequena conferência para o Lar Unthank. Ninguém se machuca, ninguém é obrigado a machucar os outros. Que tal?

Os estivadores tinham interrompido o avanço, embora continuassem a empunhar suas armas de uma forma visivelmente ameaçadora. Não parecia haver nenhuma brecha para fuga. Os estivadores estavam em maior número do que os Inadotáveis — Elsie calculou que havia cinquenta deles. Finalmente, Carol se manifestou no centro do grupo:

— Vamos fazer o que ele diz, crianças. Não faz sentido resistir.

As crianças, com os rostos solenemente abatidos, acenaram com a cabeça, concordando. Os cães foram libertados para seguir pelas avenidas da Zona Industrial; os estivadores começaram a encurralar o grupo de Inadotáveis na direção do sombrio prédio cinzento ao fundo. Eles seguiram pela mesma estrada de cascalho por onde os pais de Elsie e Rachel tinham passado na primeira vez que avistaram o Lar. O prédio, com suas luzes iluminando as janelas por dentro, ficou mais visível. Rostos estavam colados nos vidros, observando a procissão que vinha em sua direção.

E as janelas começaram a se quebrar.

O contingente parou imediatamente; as cabeças de todos se viraram na direção do vidro quebrado. Unthank soltou um gemido alto de “NÃO!” enquanto vários armários de metal eram arremessados do que seria o dormitório do segundo andar para cair com um estrondo explosivo no chão abaixo. O som de uma centena de vozes unidas numa comemoração podia ser ouvido, emanando das janelas agora vazias; mais armários seguiram, através de mais janelas. Então veio uma cama, arrastada até as janelas largas por um bando de crianças que a arremessou, com alguma dificuldade, no solo abaixo. O colchão, incendiado, pousou no solo numa erupção de chamas e vidro quebrado.

As crianças do Lar Unthank para Jovens Rebeldes estavam se revoltando.

O motim se espalhou como um vírus para o dormitório dos meninos no terceiro andar; vidro choveu sobre o solo abaixo enquanto mais objetos eram arremessados pelas janelas. Um grupo de garotos, com sorrisos largos em seus rostos, olhou por uma das molduras estilhaçadas e zombou de Unthank e os estivadores com vaias e gritos de escárnio.

— Bem-vindos de volta, Inadotáveis! — gritou uma menina do dormitório do segundo andar.

Outra berrou:

— Aqui está sua festa de boas-vindas!

Uma janela se quebrou; dela voou uma caixa retangular que bateu no chão com um estalo de estática. Era um alto-falante; ele continuava a transmitir chiados irritados, como uma cabeça sem corpo ainda carregando algumas centelhas de vida. Então ele se silenciou.

Unthank tinha ficado pálido, com uma coloração cinzenta, ao observar a agitação tomar conta das janelas altas da oficina. Em pouco tempo, pedaços de canos de metal, arrancados de suas máquinas, estavam sendo arremessados pelo vidro enquanto uma congregação selvagem de crianças, meninas e meninos, se reunia na oficina e a destruía completamente. As portas da frente foram escancaradas, e Desdêmona, seguida pelo Sr. Grimble e pela Srta. Talbot, bateram em retirada, fugindo da rebelião que crescia do lado de dentro.

— Bradley! — gritou ela. — Eles estão destruindo tudo! Isso não é o que eu queria!

Ela corria o mais rápido que seu vestido lhe permitia na direção da multidão de estivadores e seu grupo de crianças detidas. Estava ofegante quando alcançou Wigman e se apoiou em seu braço forte. Unthank, ainda profundamente traumatizado pela cena que se desenrolava diante dele, olhou

para ela, perplexo.

— Bradley? — perguntou ele. — Você o chama de Bradley?

Desdêmona desviou os olhos; ela chegou mais perto de Wigman, que passou o braço em volta dela de forma protetora enquanto continuava a olhar, fascinado, para a comoção que se desenrolava.

— Espere um segundo... — murmurou Joffrey. Peças de um quebra-cabeça, havia muito separadas, começaram a se juntar em sua mente ao fixar o olhar em Desdêmona e Wigman, de braços dados. — Foi você! — gritou para Desdêmona, finalmente, mais alto que a barulheira da insurgência. — Foi você que deu a dica a ele! Você o trouxe para isso!

Mas não havia tempo para recriminar ninguém; chamas alaranjadas eram cuspidas pelas janelas mais altas do enorme prédio cinza. Pelas molduras vazias das janelas eles podiam ver que as crianças tinham erguido uma grande fogueira de cadeiras e mesas no dormitório das meninas e rapidamente ateado fogo. Quando as chamas começaram a chegar às janelas, as crianças do Lar Unthank saíram pela porta da frente e estavam na estrada de cascalho. Depois de se juntarem ali, elas se viraram — eram facilmente mais de cem — e começaram a correr de forma enlouquecida na direção dos Inadotáveis e de seus raptores. As chamas saindo das janelas do prédio lhes forneciam um cenário ameaçador. Aquilo, combinado com as expressões de absoluta fúria em seus rostos, lhes emprestou a aparência de divindades ensandecidas saídas das profundezas para instalar o caos no mundo dos vivos.



# CAPÍTULO 24

## *Rebelião!*

Darla jogou a cabeça para trás e soltou um grito agonizante, um grito que parecia cruzar o abismo entre o choro de uma mulher e o uivo de um animal. Ele reverberou no vale de lixo e chacoalhou as telas dos monitores de computador e televisores descartados. Ele penetrou fundo nos tímpanos de Prue enquanto ela usava a distração momentânea da criatura para continuar a se arrastar para trás, subindo a montanha de lixo. Mal tinha se afastado alguns metros quando viu Darla se abaixar para arrancar a lâmina de seu pé. Ela fez uma careta de dor enquanto a arrancava, encarando Prue o tempo todo.

— Você não deveria ter feito isso — falou a mulher-raposa. — Isso só vai piorar as coisas.

Ela jogou a faca de lado sem prestar atenção.

Prue arriscou olhar rapidamente por cima do ombro; o topo da montanha de lixo estava a talvez 10 metros de distância. Os holofotes do parque de diversões criava uma espécie de revestimento branco no topo. Curtis não

podia ter se afastado muito.

— CURTIS! — gritou Prue.

O lamento mugido da locomotiva de um trem surgiu junto de seu grito, encobrindo-o. O trem do circo estava partindo, e a noite parecia repleta dos sons do chacoalhar e dos gemidos da locomotiva. Ela tentou novamente, embora sua voz estivesse rouca de exaustão.

— Ah, sim — falou Darla, se aproximando novamente. Ela cuidava de sua perna direita agora; sangue escuro jorrava do ferimento em seu pé. — Por favor, traga seu amigo. Ele é o próximo da minha lista. Isso tornaria meu trabalho bem mais fácil.

A chuva caía em pingos grossos, e Prue podia sentir a água escorrendo em rios pelo rosto. Ela pingava sobre os lábios e dentro de sua boca, que estava aberta, pois a respiração vinha em arfadas profundas e pesadas. O pelo de Darla estava preto como petróleo e parecia ter uma consistência oleosa, pela forma como grudava em sua pele, pela forma como a água escorria por ele e caía no chão.

— CURTIIIIS! — gritou Prue novamente.

Darla, ajudou, de forma irônica.

— CURTIS! — berrou ela, juntando suas longas garras em volta de sua boca. — Venha se juntar à festa! — Então inclinou a cabeça, dizendo: — Estranho, ele parece não estar escutando.

— Você não vai se safar dessa. Eles virão atrás de você.

— E quem são esses misteriosos “eles”?

— O Corujão Rei. Os bandidos.

— Tenho uma informação para você. O Corujão Rei saiu voando da gaiola. — Ela riu de sua própria piada antes de continuar: — Totalmente desaparecido. Quanto aos seus bandidos, tinham fugido quando chegamos a seu pequeno acampamento.

— Fugido?

— Eu adoraria ficar com as glórias, mas éramos apenas três Kitsunes e, o que, uma centena de bandidos? Não, não. Eles todos tinham desaparecido. Muita fumaça e fogo. Nenhum bandido. Alguém mais foi o responsável por aquele delicioso massacre. Fico lisonjeada que você ache que nós três derrotamos todo aquele acampamento. — Ela riu. — Não devia ter dito nada. Tanto faz, você estará morta em poucos segundos de qualquer forma.

Algo frio e afiado espetou a mão de Prue. Olhando para baixo, ela viu que aquilo era um pedaço de um vergalhão de metal, saindo da montanha de lixo. Ela rapidamente passou os dedos em volta dele e o soltou: estava enferrujado, tinha 1 metro de comprimento e se mostrou confiantemente pesado quando ela o segurou. Ela o brandiu na direção da Kitsune que se aproximava, e a criatura se contorceu.

— Jogue isso fora — falou Darla.

— Me deixe em paz.

— Não posso fazer isso. Tenho um trabalho para acabar.

Prue brandiu novamente. A barra assoviou no ar diante das garras esticadas de Darla.

— Não vou deixar você fazer isso. Não vou. Vou impedir você.

As palavras saíam da boca de Prue em ataques nervosos. As batidas de seu coração eram o som de um bumbo em seus ouvidos.

A criatura abriu um sorriso. Prue brandiu a barra mais uma vez. Darla se esquivou para a direita e atacou.

Prue pulou de lado, se equilibrando na inclinação da montanha com o cotovelo. O peso quente do corpo de Darla caiu sobre ela e a esmagou contra o solo. Ela sentiu a ponta do vergalhão furar o tecido do casaco em sua cintura; uma bolha de dor a rasgou. Ela gritou; podia sentir o hálito azedo da mulher-raposa sobre ela.

Instintivamente, ela chutou e ficou surpresa ao sentir sua bota esquerda fazer contato com a barriga da criatura. A coisa ganiu; seu peso diminuiu momentaneamente, e Prue, com a inclinação da montanha de lixo lhe dando vantagem, rolou para longe. O pedaço de vergalhão ainda estava agarrado em seu torso. Foi só depois que conseguiu se afastar pouco mais de 1 metro de Darla que percebeu que ele tinha, na verdade, rasgado sua pele. Sangue jorrava no espaço entre sua cintura descoberta e o algodão de sua camisa.

Prue começou a correr. Seu tornozelo estava dolorido; ela não tinha percebido como quase não o tinha forçado em sua caminhada pelo mundo subterrâneo. A dor agora voltava com tudo. Ela podia ouvir Darla recuperando o equilíbrio às suas costas, praguejando contra a menina enquanto a perseguia. O barraco no meio da vala estava a apenas alguns metros de distância. Poderia alcançá-lo, pensou ela. Se apenas tivesse um pouco mais de tempo...

O par de garras de Darla segurou seus ombros. A lã grossa de seu casaco se rasgou, e Prue gritou ao sentir as unhas afiadas se afundarem em sua clavícula. O peso total do corpo da Kitsune estava agora apoiado em suas costas. Prue tombou para a frente. As duas bateram no chão e rolaram os últimos metros até o fundo da vala. Elas pararam num canteiro grande de grama, posicionadas de tal forma que Darla era capaz de montar sobre o peito de Prue, deixando-a imobilizada com as costas contra a terra.

A Kitsune lutou para recuperar o fôlego, seu peito se estufando em espasmos rápidos. Os longos braços de Darla, escorregadios com o pelo molhado, pendiam de cada lado enquanto seus joelhos pressionavam dolorosamente os ombros de Prue. Ela cuspiu furiosamente no chão e abruptamente arranhou o rosto da menina com suas garras.

Três listras vermelhas instantaneamente apareceram na bochecha de Prue. Lágrimas escorreram de seus olhos.

— Por favor! — gritou ela.

— Tarde demais.

Darla levantou o braço para atacar a menina novamente.

*Por favor.*

A grama respondeu. Pequenos cachos amarelos subiram pelo braço de Darla, enredando-a. De repente, o tronco da Kitsune estava tão coberto pelas fibras da grama que ela lembrava um modelo bizarro do sistema nervoso humano. Ela soltou um grito; a grama começou a subir por seu pescoço. Prue, surpresa com a reviravolta, foi capaz de sair de baixo de Darla. Ela começou a rastejar novamente na direção do barraco, que estava agora muito próximo. As marcas das garras em seu rosto ardiam; o ferimento em seu torso estava grudento com o sangue.

O som de terra se rasgando chamou sua atenção, e ela girou para ver Darla se livrar das garras da grama. Ela estava fazendo aquilo com um esforço considerável, e seu rosto demonstrava uma frustração intensa. Prue olhou para os tufos de grama a seus pés e pensou:

*Agora.*

Ao seu comando, a grama ganhou vida, deslizou pelos tornozelos de Darla e se enroscou entre seus dedos. A Kitsune tombou para a frente, soltando uma série de palavrões petulantes.

Nesse momento a pilha de lixo estava viva com as vozes da vegetação selvagem. Cada lâmina de grama amarelada tinha levantado sua voz para Prue, soando numa cacofonia em uníssono. E todas elas a olhavam, esperando instruções. Um galho de cardo agarrou as panturrilhas da criatura; mais grama cheia de ervas daninhas se enrolou em seus tornozelos. Um bordo, perdido dentro de uma pilha de cabines vazias de caminhões, se libertou e bateu com os galhos na perseguidora de Prue. Do fundo da terra, um rugido se ergueu enquanto o solo começava a se abrir e as raízes das

plantas, há muito enterradas debaixo das pilhas de lixo, se libertaram e redirecionaram sua força para a destruição da criatura metade raposa e metade mulher.

Sob uma chuva de lama, terra e detritos metálicos, Prue se levantou e comandou as plantas como a regente de uma sinfonia.

Darla gritou aterrorizada e desesperada enquanto as raízes aos seus pés começavam a arrastá-la para debaixo da terra.

Prue então percebeu: ela ia matar essa mulher.

Esse momento de hesitação fez com que as vozes das plantas entrassem numa espiral de confusão. Prue, pega de surpresa por seu poder recém-descoberto, havia se perdido em seus pensamentos. Tinha se esquecido de que as plantas, em seu controle, estavam inclinadas a *assassinar* Darla. E, apesar de esse parecer o resultado certo, levando em consideração que a própria vida corria grande perigo, aquilo ainda a fez parar para pensar. E foi aquela pausa que a atrapalhou. De repente, ela descobriu que não conseguia mais manter aquelas vozes todas separadas e, como consequência, começou a perder o controle delas. Com um solavanco violento, Darla se livrou das plantas e seguiu na direção de seu alvo.

Antes que Prue pudesse sair de seu transe, os dedos de Darla estavam em volta de seu pescoço, apertando-o.

— Criança idiota — disse a criatura, seus longos dentes amarelos salpicados de sangue. — Chega das suas mágicas.

— Por favor! — guinchou Prue.

Ela tentou se comunicar com as plantas, mas o barulho estava selvagem demais em sua cabeça, um ninho de rato de vozes que se cruzavam, todas gritando descontroladamente. As gramas estavam voltando à terra; as árvores balançavam distraidamente com o vento. Prue começou a sentir a consciência se perder.

Uma escuridão descia sobre os olhos, um véu corroído. O mundo estava sendo apagado de sua visão. Sua dor desaparecia; seu corpo brilhando com um entorpecimento silencioso. O barulho em sua mente recuou para um zumbido de estática, e ela fechou os olhos. E foi então que ela escutou:

*THUNK*

*THUNK*

Prue nunca esqueceria aqueles dois sons; permaneceriam entalhados em sua mente até seu último suspiro; um suspiro que ela não estava destinada a soltar naquele dia, nem em qualquer dia no futuro próximo. Mas, apesar disso, ela se lembraria dos sons — e embora nunca tivesse testemunhado algo parecido, ela imaginou que os barulhos não eram muito diferentes do som de um gancho de açougueiro afundando, duas vezes, numa peça pesada e fria de carne. Ela foi abruptamente largada no chão, onde caiu em uma pilha.

Abrindo os olhos, Prue viu Darla, ainda em posição de ataque, parada sobre ela. A parte branca de seus olhos — meio de raposa, meio de mulher — brilhava intensamente. Tinha a expressão de quem estava arfando, angustiada e surpresa. E então ela foi erguida do solo.

Debaixo de Darla estava um enorme — e extremamente furioso — urso. Ele a levantava pelas pontas curvas dos ganchos dourados que tinha no lugar das patas. Sua cabeça se inclinou para trás, e ele soltou um rugido alto e expressivo. Darla, se contorcendo sobre a cabeça do urso, gritou de forma estridente. Seu corpo, curvado e retorcido, parecia se transformar violentamente entre suas versões humana e de raposa enquanto ela permanecia espetada pelos ganchos. Sangue escorria pelas patas do urso e pingava em sua face. Finalmente, exatamente quando o corpo de Darla começava a ter convulsões com uma tremedeira mortal, o urso flexionou seus enormes bíceps e arremessou o corpo, agora assumindo sua forma humana, por cima do monte de lixo para cair com um baque oco sobre uma pilha de

forninhos elétricos.



— Minha oficina! — gritou Unthank, sua voz repleta de aflição. — Está pegando fogo!

A luz laranja do fogo dançava sobre seu rosto. Ela dava a seu cavanhaque uma sombra diabólica.

Ele parecia estar mais preocupado com a destruição da oficina do que estava com o bando de crianças vorazes, libertadas de sua escravidão, correndo em sua direção. Roger estava atento a Carol, que ainda se encontrava protegido no meio dos Inadotáveis. Desdêmona estava agarrada ao Sr. Wigman, que rapidamente instruiu seus estivadores.

— Mantenham suas posições! — gritou ele, enquanto os brutamontes preparavam suas armas improvisadas.

Ele já tinha ministrado seminários sobre como subjugar rebeliões de trabalhadores; de certa forma estava em seu elemento. O fato de lidar com crianças não parecia amedrontá-lo.

— O senhor quer que nós, hã, lutemos contra eles? — perguntou um dos estivadores.

— Não, quero que vocês façam carinho neles — respondeu Wigman, de forma furiosa. — É claro que vocês devem lutar contra eles!

Elsie e Rachel se acharam no meio da aglomeração e deram os braços. Foi então que Martha soltou um berro de celebração e disparou o primeiro golpe da insurgência: ela caminhou na direção de um dos estivadores, sua atenção desviada pela gangue de crianças que se aproximava rapidamente, e o chutou, com força, na canela. Ele olhou para ela, surpreso.

— Por que você fez isso? — perguntou ele.

Então ela repetiu seu movimento, na outra canela.

A essa altura, as crianças insurgentes do Lar Unthank tinham alcançado o grupo na estrada; elas se juntaram à horda com uma satisfação incontida, seus dentes à mostra e suas mãos levantadas. Os estivadores estavam tentando se defender dos ataques das crianças sem causar ferimentos; parecia que até mesmo esses homens gigantescos, cruéis por natureza, reconheciam a ambiguidade moral da situação. Wigman, por outro lado, nem pensou duas vezes: quando um garoto jovem saltou na sua direção, ele segurou o menino pelo pescoço e o jogou no chão. Como se quisesse ilustrar seu desprezo, ele então pisou nas costas do pobre menino.

— Assim — disse ele — é que se combate uma revolta.

E então ele foi atacado por uma multidão de crianças que se amontoou sobre ele.

Martha, com seus óculos posicionados sobre a testa, estava agarrada às costas de um estivador enquanto Carl Rehnquist tinha mergulhado para agarrar seus tornozelos. O homem logo tombou, com um uivo, sobre o solo. Eles arrancaram a chave de grifo de suas mãos, e Martha começou a atingir o brutamontes que estava ao seu lado na canela. Ela parecia adotar a violência com entusiasmo.

No caos, Elsie sentiu a mão de Carol no cotovelo. Ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido:

— Me leve para longe daquele homem!

Ele evidentemente estava falando de Roger, que no momento se aproximava deles com uma expressão de intensa avidez estampada em seu rosto. A menina berrou para Rachel:

— Vamos dar o fora daqui!

Segurando os dois braços do homem cego, elas começaram a puxá-lo na direção de uma pequena avenida entre dois tanques de componentes



químicos.

— O que está acontecendo lá atrás? — perguntou Carol, enquanto eles se moviam lentamente entre a multidão beligerante.

— Os órfãos escaparam; eles atearam fogo à oficina! Todo o local está ardendo em chamas! — respondeu Elsie, perplexa com o caos ao redor deles.

— Bom para eles — falou Carol, sorrindo.

Uma voz veio de trás deles:

— Detenham-nos!

Era Roger. No meio da confusão, ele tinha subido numa torre de metal e apontava um dedo ossudo para o trio fugitivo. Alguns estivadores ouviram seu grito e começaram a se mover na direção deles.

As crianças, apesar de toda sua determinação, não eram páreo para os estivadores. Talvez tivesse sido uma empreitada inútil desde o início. Sob as ordens de Wigman, os homens gigantescos começaram a atacar seus jovens adversários com uma urgência renovada, e os órfãos coletivamente decidiram bater em retirada. Eles foram empurrados para a estrada de cascalho por qual Elsie e Rachel seguiam lentamente, com o homem cego equilibrado entre as duas. A enxurrada de crianças, órfãos e Inadotáveis, passou sobre eles; tudo o que podiam fazer era se manter de pé no fluxo repentino.

Eles ouviram Roger gritar loucamente:

— Esqueçam as crianças! Peguem o velho! Peguem o criador!

A maré de crianças tinha se avolumado; apenas algumas ainda permaneciam atrás, mancando e cuidando de seus membros contundidos, enquanto todos se afundavam ainda mais no coração da Zona Industrial. Elsie e Rachel tentaram apressar Carol, mas ele era velho e cego e seus passos eram lentos e hesitantes. Um olhar frustrado estava estampado em seu rosto;

o som dos passos dos estivadores sobre o cascalho estava ficando cada vez mais alto.



Michael, com o olho roxo e seu macacão em farrapos, parou em sua fuga para gritar para eles:

— Corram! — berrou ele.

Elsie, com lágrimas desesperadas escorrendo por seu rosto, berrou de volta:

— Não conseguimos!

— Carol, você consegue ir mais rápido? — suplicou Rachel, a voz rápida e assustada.

Carol sacudiu a cabeça tristemente. Ele tropeçou um pouco, e as meninas tiveram dificuldades para mantê-lo de pé.

Os sons das botas dos estivadores estavam cada vez mais perto.

Um vulto se separou do bando de órfãos fugindo adiante. Foi Martha, com seus óculos, que arrancou o braço de Carol das mãos de Elsie e começou a puxá-lo, com urgência, para a frente. Ela então gritou para Elsie e Rachel:

— Vão na frente! Vou ficar com Carol. Não podemos deixar que eles peguem vocês duas também.

As irmãs Mehlberg olharam para ela, embasbacadas. A ideia de abandonar o velho parecia impossível. Além do mais, Martha também não seria capturada? Martha adivinhou o pensamento delas, gritando:

— É melhor que seja eu do que vocês. Vocês têm o, sei lá, Sangue do Bosque. Vocês têm que ir.

— Não, Martha — protestou Elsie.

— Crianças — falou Carol. — Ela está certa. Não podemos deixar que eles capturem vocês. O dom que vocês têm é muito poderoso.

Rachel entendeu o raciocínio. Ela segurou Elsie.

— Vamos lá, maninha — disse ela. — É verdade. Não ficaremos em

segurança com eles. Temos que ir.

Aquela era a primeira vez que ela se referia àquela coisa extraordinária compartilhada pelas duas.



Martha sorriu apesar do medo que agora surgia em seu rosto.

— Eu ficarei bem — falou ela. —Ficarei com Carol. Vou cuidar dele.

E então as irmãs Mehlberg saíram de perto do velho e correram o mais rápido que seus pés permitiram na direção do bando de crianças que fugia ao longe. Assim que tinham se afastado o suficiente, Elsie arriscou olhar para trás e viu a gangue de estivadores alcançar o velho e sua jovem acompanhante. Martha foi erguida por braços fortes, enquanto dois dos homens abordavam Carol com agressividade, prendendo seus braços atrás das costas, enquanto o resto da multidão chegava ao local. Mas Elsie não conseguiu assistir a nada além daquilo. Era doloroso demais. Ela se virou e encarou a estrada adiante: um caminho longo e sinuoso que levava cada vez mais para dentro da Zona Industrial. Ela corria mais rápido do que jamais o fizera.

A próxima coisa de que Prue se lembra é de estar aninhada no que parecia ser um tapete de pele de carneiro. As luzes distantes da cidade refletiam na camada grossa de nuvens no céu escuro; a chuva tinha começado a cair mais pesada, embora ela parecesse estar protegida dos piores efeitos do tempo pelo corpo da coisa que a segurava em seus braços. O rosto de um urso, seus olhos cansados e afetuosos, se viraram para ela. Prue foi capaz de sentir o frio metálico de suas próteses numa lateral de seu corpo.

— Esben? — perguntou ela.

O urso não respondeu. O lado direito de Prue, logo acima de seu quadril, doía como se alguém o tivesse acertado com uma marreta; seu rosto estava tomado por uma dor intensa e lancinante. Um assovio grave soou ao longe, e o urso levantou os olhos, vapor soprando de suas narinas. Esse barulho foi seguido pelo lamento de um trem dando partida.

— O circo — falou Prue. — Eles estão indo embora.

O urso apenas assentiu com a cabeça; ele moveu seus braços debaixo do corpo da menina e a carregou os poucos metros até um pequeno barraco feito de metal corrugado. Ali, ela foi delicadamente colocada sobre um cobertor puído enquanto o urso começava a empilhar, na fogueira fraca, pedaços de madeira coletados.

— Por que você não está com eles? Por que você não está indo? — perguntou ela.

O urso parou o que estava fazendo, como se registrasse a pergunta da menina, antes de continuar (de uma forma um tanto desajeitada, por causa de seus ganchos) a alimentar o fogo.

Prue gemeu quando tentou se mover; a dor a imobilizava. Ela colocou a mão cautelosamente em seu quadril e sentiu que suas roupas estavam molhadas com sangue. Os momentos anteriores ao resgate voltaram a ela em espasmos — o repentino e tremendo poder que tinha exercido sobre a vegetação, o som de suas vozes, o rugido da criatura que tinha de alguma forma sido esticada entre os mundos animal e humano.

— Darla... — gaguejou Prue. — O que aconteceu a ela? Ela está morta?

O urso apenas assentiu com a cabeça.

— Então você me entende. Mas não fala?

O urso a encarou, bem nos olhos. Ele posicionou os pedaços restantes de madeira em seus ganchos e respirou fundo. Então falou, com uma voz grave e

sonora que soava para Prue como se estivesse sendo emitida pelo cano de descarga de um carro que não tinha sido usado em 15 anos.

— Não — falou ele, antes de limpar a garganta e continuar. — Sei falar. Embora, para ser sincero, eu não tivesse esperado precisar falar. Não até você aparecer.

— Mas por quê? — perguntou Prue.

— Porque talvez, às vezes, as pessoas apenas queiram ser as coisas que elas são. Eu queria ser um urso. Não um ser do Bosque. Não um Habitante do Andar de Cima. Um urso. Isso parece estranho para você?

— Não — respondeu Prue. — Sinto muito. — Ela fez uma pausa enquanto o urso voltava ao trabalho de alimentar o fogo; uma pilha de gravetos tinha sido erguida, e o urso começou mexer numa caixa de fósforos. — Aqui — falou Prue. — Me deixe ajudar com isso.

O urso, bufando um agradecimento rápido, jogou a caixa de fósforos para Prue, e ela levou uma chama acesa até o papel amassado debaixo dos gravetos. Logo, um fogo reluzente estava radiando calor no barraco modesto. Prue observava o urso enquanto as chamas criavam sombras brilhantes sobre o rosto largo. Ela tentou se sentar, mas a dor em seu lado se mostrou intolerável.

— Não se mova — falou Esben. — Você está muito ferida. Aquela era uma criatura perversa que você enfureceu. Não foi inteligente de sua parte. — Ao se lembrar daquilo, ele começou a revirar uma bolsa de lona que estava carregando sobre seu ombro, tirando uma camiseta velha de dentro dela. — Vou cuidar desses ferimentos. É melhor fazer isso rápido.

— Mas por quê? — perguntou Prue. — Por que você voltou?

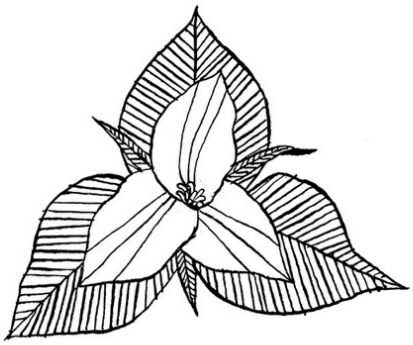
Como se estivesse respondendo sua pergunta, ele procurou dentro de sua bolsa e tirou mais uma coisa: o rosto sorridente de Zeke no broche mostrava à Prue, em sua visão embaçada, um animado polegar erguido.

— Uma cidade de toupeiras salvou minha vida uma vez; percebi que eu tinha recebido um chamado para fazer o mesmo por alguém.

Ele guardou o broche e, pegando a camiseta, caminhou até onde Prue estava deitada. Começou a tocar de leve o coração escuro do ferimento no torso da menina com o pano enrolado em seu gancho direito.

— Tenho alguns erros que preciso corrigir, mestiça — disse o urso. — E percebi que me juntar a você seria meu primeiro passo. Não fazia sentido fugir.

A dor subia em pontadas; Prue se contorceu e virou a cabeça para a abertura do casebre. A chuva caía lateralmente. As luzes bruxuleavam contra a bruma de nuvens. O último dos trens do circo soava ao longe, anunciando seu progresso sobre os trilhos de ferro largos que acompanhavam o rio até sair da cidade. O circo estava indo embora, sem que o mestre de cerimônias percebesse que uma das jaulas de animais empilhadas no vagão do meio, aquela que anteriormente abrigava sua estrela, estava vazia. Enquanto isso, sua estrela estava ali, no vale entre os montes de lixo, cuidando da saúde dessa criança ferida. Ali, naquele barraco amassado, onde uma fogueira ardia silenciosamente na escuridão profunda.



# CAPÍTULO 25

## *Final da Estação*

Escute.

A neve parou; a chuva começou.

Escute.

Pelos bairros quadriculados de seu antigo mundo, o garoto está se afastando. Ele pode ouvir o mugido do trem ao longe. O negrume da noite o esconde. Ele é um estranho no mundo. Ainda está usando o traje que vestia no começo dessa jornada. O rato permanece empoleirado em seu ombro, seu focinho apontado sempre para a frente, uma sentinela na proa de um navio que está enfrentando uma tempestade. O garoto está determinado a uma única coisa: encontrar sua família adotada, aquela a quem fez seu juramento, seus votos. Ele silenciosamente pragueja contra si mesmo por ter desrespeitado aqueles votos por tanto tempo. Vai consertar aquilo, promete ele. As árvores

se agigantam ao longe no horizonte, do outro lado do rio e além da cidade que dorme. É para lá que pretende voltar.



Escute.

Um homem com um suéter de estampa de losangos sujo e coberto de cinzas está ajoelhado em frente a um edifício em chamas, suas lágrimas grossas criando trilhas limpas na fuligem em suas bochechas. A fumaça do conflito está se espalhando no ar; há sirenes soando ao longe, mas o homem sabe que já é tarde demais, o fogo já está muito avançado e a salvação do prédio e de todas suas amadas máquinas dentro dele está fora de alcance. Ele pode apenas ficar ajoelhado ali, no cascalho molhado, e observar enquanto aquilo tudo arde. Ele foi abandonado por seus compatriotas: a mulher com o vestido, o homem com o terno justo, o homem com o pincenê. Eles o deixaram observando seu prédio ser consumido pelas chamas; estão se afastando com uma jovem menina coreana e sem pais e o homem cego de quem ela se recusa a se separar. Eles têm sua presa; não precisam mais do homem com o cavanhaque e o suéter com a estampa de losangos. Ele pragueja duramente para si mesmo; uma vingança profunda está crescendo

em seu coração.



Escute.

Mais longe naquele ninho de silos e chaminés, há uma grande extensão de prédios abandonados e solitários, suas janelas vazias, seus telhados desmoronados. É um lugar calmo; ninguém mora ali. Nem mesmo aqueles que trabalham dentro da Zona Industrial têm alguma razão para caminhar nessa terra erma; as avenidas estão salpicadas com buracos, as calçadas estilhaçadas e quebradas. Mas agora um grupo de crianças cansadas penetrava o local, procurando abrigo. Elas percorreram uma longa distância para chegar ali, seus perseguidores desistindo de segui-las há muito tempo. Elas caminham com passos lentos e pesados. Perderam dois de seu contingente, a menina coreana e o homem cego, e seus corações estão pesados por causa da perda. À frente do bando estão duas meninas, uma mais velha do que a outra, uma com cabelo liso e a outra com cabelo encaracolado. Elas estão de mãos dadas. A menina mais nova, a que tem o cabelo encaracolado, está segurando uma boneca que foi resgatada do prédio em chamas por uma das outras crianças. A reunião foi alegre — ela havia

acabado de parar de apertar o botão nas costas da boneca para fazê-la falar —, mas agora ela está tomada por um devaneio profundamente pensativo enquanto contempla o que vem pela frente. Ela olha para sua irmã; sente-se encorajada pelo olhar determinado no rosto dela. As duas descobriram um segredo estranho sobre si mesmas, um segredo que pode levá-las a encontrar seu irmão, havia muito desaparecido. Mas antes, elas decidiram, devem salvar seus amigos. Um prédio, com o telhado intacto, aparece no campo de visão do grupo de crianças. Ele fica na esquina de uma grande praça. Ao vê-lo, as crianças andam em sua direção, como se estivessem sendo atraídas pela gravidade da construção. Talvez esse passe a ser seu lar.



Escute.

Bem longe, debaixo de um telhado de uma barraca feito de chapas de metal descartadas, um urso está atiçando uma pequena fogueira e aquecendo o corpo imóvel de uma jovem menina. Ela está acordada e está olhando fixamente para as chamas. A chuva está caindo sobre o metal do teto; está caindo sobre a pilha de lixo do lado de fora de seu barraco. A menina está pensando em tudo o que deve fazer; está pensando em como aquilo tudo

parece impossível. Está pensando em seus pais, em seu irmão. Está pensando sobre as palavras que lhe foram ditas pelas plantas; sobre como ela era capaz de falar com elas tão claramente em resposta. Mas, acima de tudo, está pensando no chassi de ferro e latão de um menino mecânico que está deitado num mausoléu muito longe dali, numa terra muito diferente. Eles têm muito trabalho a fazer, a menina e o urso. Mas ela está confiante no fato de suas ações estarem corretas. A árvore decretou aquilo.



Escute.

Erguendo-se sobre a paisagem da cidade, o prédio em chamas, a pilha de lixo esquecida e a praça abandonada está uma extensão de verde profundo, de árvores tão altas quanto o céu e vastos tapetes de musgo e samambaias. Dentro dela, um mundo está vivo.

Na parte mais ao sul desse bosque fechado, uma cidade dorme. As janelas numa mansão estão fechadas, e um murmúrio baixo desce sobre todos os habitantes da região, animais e humanos. Sua luta diária, a fragilidade de suas vidas no vácuo de poder que permanece depois de uma revolução, pode esperar até amanhã.

E sobre a cordilheira espinhosa de uma cadeia de montanhas, além de uma colcha de retalhos de fazendas bem organizadas, uma enorme árvore, seus galhos se contorcendo contra o céu negro e nublado, permanece enraizada no solo argiloso. Um menino está sentado em meditação ao seu pé, se comunicando com o espírito silencioso da árvore. Tudo isso: o garoto e o rato cruzando o Exterior, o homem aos prantos em frente ao prédio em chamas, a menina prisioneira e seu amigo cego, as crianças perdidas em busca de um novo lar. O urso no barraco de metal, a menina silenciosa e pensativa refletindo sobre a estrada adiante, a cidade dormente — tudo isso, ele vê.

A neve parou de cair; a chuva chegou.

O inverno está passando.

Uma primavera logo chegará.

*O Fim*



*O estranho lobo mirava silenciosamente o brilho do fogo.*



*Uma dourada extensão de filigrana brilhante conectava cada objeto da mandala entre si; um sinal da interconectividade do Bosque.*



*As três meninas chegaram ao topo de um pequeno outeiro e olharam para baixo por um vale estreito, onde estava aninhado um antiquado chalé de madeira.*




*Ela se aproximou da Cidade das Toupeiras, observando cuidadosamente onde colocava os pés para evitar acrescentar qualquer derramamento de sangue indevido ao caos.*




*As crianças do Lar Unthank para Jovens Rebeldes estavam se revoltando.*

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# O bosque subterrâneo

*Site do autor:*
http://colinmeloy.com/

*Twitter do autor:*
https://twitter.com/colinmeloy

*Facebook do autor:*
https://pt-br.facebook.com/colinmeloy/

*Goodreads do autor:*
http://www.goodreads.com/author/show/10741.Colin_Meloy

*Skoob do autor:*
https://www.skoob.com.br/autor/17218-colin-meloy

*Skoob do livro:*
https://www.skoob.com.br/o-bosque-subterraneo-619857ed620518.html